

QUEM É QUEM NA NEGRITUDE BRASILEIRA

CONGRESSO NACIONAL AFRO-BRASILEIRO - CNAB

Escrito e organizado por:
Prof. Eduardo de Oliveira

Capa:
Emanuel Araujo

M

MACHADO DE ASSIS

Romancista, contista, poeta e crítico

Nascido Joaquim Maria Machado de Assis, o brasileiro de maior prestígio em nossas letras, em todos os tempos, e tido como o ficcionista mais considerado do idioma lusófono, era de ascendência negra. Machado de Assis, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de

Letras, veio ao mundo no dia 21 de junho de 1839. Filho legítimo de Maria Leopoldina Machado de Assis, natural da Ilha de São Miguel, Portugal, lavadeira de profissão e de Francisco Machado de Assis, mulato e pintor, o autor de *Dom Casmurro*, obra que viria a ser reconhecida como de valor inestimável para a cultura nacional, nasceu no Morro do Livramento, no Estado do Rio de Janeiro. Esses dados pessoais ditos, assim, ao léu da pena, não passariam de meros assentamentos para efeitos de estudos para alunos de primeiro grau, não fossem os aspectos especiais que revestem a vida deste notável escritor, que a crítica especializada, até há pouco, fazia questão de apresentá-lo aos olhos do mundo, omitindo a sua origem negra. Machado de Assis, que fora um dos escritores mais prolíferos da língua portuguesa, em cujo volume de sua vasta produção da maior qualidade artística, registra quase todos os gêneros literários, não destina espaços significativos ao longo das páginas de sua alentada obra para colocar, como figura central, a pessoa



Edição Abril

do negro brasileiro que, na ocasião, sofria os horrores da escravidão, e poderia ter tido no arguto homem de letras uma de suas mais qualificadas testemunhas. Para que se aquilate o valor moral e intelectual deste mulato culto e recatado que, com o seu próprio esforço, conseguiu superar males patológicos do meio em que viveu e de sua natureza pessoal, pois sendo pobre ainda carregava o estigma da epilepsia que o afetava de modo dramático, é importante que se revele alguns nomes de suas criações que são autênticas jóias do universo de nossas letras. Eis algumas dessas preciosidades: *Crisálidas* - poesias (1864), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Papéis Avulsos* (1882), *Quincas Borba* (1891), *Várias Histórias* (1896), *Dom Casmurro* (1889), *Esaú e*

Jacó (1904), *Relíquias da Casa Velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908). Com este inventário variado e opulento em termos de pensamento e sensibilidade humanos cristalizados no mármore e no bronze de nossa história cultural, Machado de Assis, apesar do pessimismo do autor, a psicologia real da sociedade, como bem pondera Alcides Maya, citado por Lúcia Miguel Pereira, este escritor de descendência afro-brasileira demoliu com poderosos petardos, representados pela excelência de sua obra, destarte, pulverizando os maliciosos conceitos, segundo os quais, "negro puro, não foi nunca... um cria-

dor de civilizações...", como nos afirmou o mulato Oliveira Viana, assim chamado por Clóvis Moura em seu livro "As Injustiças de Clio."

Machado de Assis, de Lúcia Miguel Pereira - Gráfica Editora Brasileira - 1949

MADALENA SANTOS REINBOLT

Tapeceira

Quem consulta *Mão Afro-Brasileira*, livro da mais alta qualidade, organizado pelo renomado escultor Emanuel Araújo, fica com a impressão de que está vivendo um clima de universidade, pelo caráter eclético e temas variados em termos de modalidade artística, de comportamento ideológico, de épocas e de regiões históricas, oportunidade que a inteligência e a sensibilidade brasileira têm de desfilar pelas páginas deste livro monumental, como fazemos nós, guiados por Lélia Coelho Frota, para que adentremos o das artes pictóricas, onde vamos encontrar nomes dos mais ilustres, ainda que desconhecidos, como o de Madalena Santos Reinbolt, com a qual nos deslumbramos pela sua vida e pela sua arte, de quem neste instante passamos a nos ocupar. Maria Santos Reinbolt dedicou-se à arte da tapeçaria. Lélia Coelho Frota, que nos acompanha nessa dissertação, começa nos esclarecendo que de Maria Santos podemos dizer o mesmo que da tapeçaria de Bayeux, executada na cidade do mesmo nome em 1255; constituem antes um tecido ornamentado, obra de bordado, porque feitos com agulha e não tear. E Madalena trabalha os seus "quadros de lã" com cento e cinqüenta e quatro agulhas, que leva horas, olhando o relógio, para enfiar, de diversas cores. Ela queria ter as cores à mão, como uma paleta, para usá-la à maneira de pinceladas sobre a estopa ou a tala-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

garça. A agulha tornava-se dessa forma um prolongamento da mão, como pincel na pintura. Foi assim obtida a maravilhosamente movimentada superfície dos seus tapetes, dinamizada pela orientação versátil imprimida às fiadas de pontos. A sua necessidade de acentuar os volumes, que a execução de obras desse tipo, num mesmo plano, evidencia, traduz-se na aplicação de pequenos aglomerados de malha ou linha, em diferentes relevo e textura, que se entrecruzam com uniformidade ao bordado de lã, e que são aplicados, em particular, à folhagem das árvores. Essa textura inédita e o dinamismo cromático se empobrecem quando a obra é executada sobre talagarcha - suporte muito usado a partir do século XVIII que, felizmente, quase nunca é utilizado pela artista. Ela, Madalena, preferiu, para a quase totalidade da sua obra, bordar sobre a estopa, cuja trama irregular e flexível não condiciona a direção dos pontos de agulha e se adequa perfeitamente ao seu ímpeto criador expressionista. Sua obra é povoada de longas reminiscências rurais, verdadeiras "setas áureas", que irão constituir os temas preferenciais tanto dos seus "quadros de tinta" começados em cerca de 1950, como dos seus "quadros de lã" cuja produção data de 1969. A vida agropastoril do interior baiano é a grande tônica de representação plástica de Madalena, como podemos ver pelos seus comentários sobre a obra. *Esse quadro de lã é uma fazenda grande. Nessa fazenda existe um anjo e um passarinho. ... As estrelas, como podemos ver em Admirando a Lua e a Natureza no Caminho de Teresópolis, também integram a cosmogonia de Madalena. Na verdade, Madalena Santos Reinbolt é todo um painel em que o negro, a sua sensibilidade e a sua cultura, projeta-se para o campo de uma ampla visibilidade, como e enquanto a assinatura de um pacto que não deve ser quebrado, sob pena de sermos obrigados a redefinir o Brasil, para empregarmos, aqui, o vaticínio de Joel Rufino dos Santos ao prefaciá-lo esse magnífico trabalho do escultor Emanuel Araújo, hoje, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Madalena nos leva a meditar sobre "fauna selvagem e doméstica... entre sociedade e natureza", nesse ecossistema em que o negro e o índio, embora vítimas, são os grandes heróis e, por vezes, mártires dessa realidade no Continente Americano.*

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo, Tenenge- 1988

MÃE ANINHA

Mãe-de-santo

Eugênia Ana dos Santos, nascida na Bahia, em 1869, além de ser filha carnal de africanos, procedentes da Nação Gruncis, é também a mãe-de-santo que se tornaria a famosa Mãe Aninha, aquela que foi feita na casa de Bamboché, da Nação Ketu. Antes, é importante ressaltar que o Candomblé do Engenho Velho, casa da Mãe Nassô, é, sem grande margem de erros, o primeiro Candomblé



a funcionar regularmente no Estado da Bahia. Fundado por volta de 1830, era dirigido por três africanas da Costa, que tinham muito prestígio. Com a morte das africanas, a direção da casa passou para Marcelina. Após a morte desta houve uma disputa entre duas filhas-de-santo. Maria Júlia da Conceição fundou no Rio Vermelho o Candomblé do Gantois, onde foi feita Pulquéria, tia de Mãe Menininha. Dizem que Conceição levou os Axés do Engenho Velho para o Gantois. Maria Júlia Figueiredo permaneceu na Casa da Mãe Nassô, cuja roça foi transferida mais tarde para a Barroquinha. Após a morte da Ialorixá (mãe-de-santo), nova disputa. Tia Mossi permaneceu na casa. Eugênia Ana dos Santos mudou-se, formando nova casa, o Ilê Opô Afonjá. A famosa Mãe Aninha, reconhecida pelos seus dotes, acabou sendo convidada para integrar a casa de Mãe Nassô, da qual, em razão dos já citados desentendimentos, não conseguiu fazer parte. Estas lutas internas e estas idas e vindas não perturbaram a sua luminosa missão de mãe-de-santo, pois Mãe Aninha tornou-se o vulto mais importante e popular dos Candomblés do Estado da Bahia do seu tempo. O fato de se festejarem os seus 40 anos de "feita" e as duas décadas de Ialorixá, bem demonstra o renome e a celebridade de que era cercada a figura de Mãe Aninha. Renovando ou retomando a antiga cerimônia ritualística dos tradicionais Candomblés, Mãe Aninha reintroduz na Bahia a presença dos Obás, ou seja, dos 12 ministros de Xangô. Amparada pelo poder de sua sabedoria, digamos assim, de sacerdotisa dos Cultos Africanos, e pelo respeito à sua autoridade, Mãe Aninha vê-se na contingência de estar viajando para outros estados do Brasil, difundindo a doutrina mística de que tornou-se mestra inextinguível dentro de uma época em que a liberdade religiosa era, por assim dizer, intolerada. Seu vasto prestígio estendia-se, também, por outras irmandades e congregações freqüentadas pelos negros de então. Mãe Aninha possuía na Ladeira do Pelourinho um quiosque, onde se vendiam artigos e objetos afro-brasileiros de uso freqüente em todos os terreiros de Candomblé. Compreendendo este alcance de sua projeção quase que cientí-

fica, é que Mãe Aninha participa do II Congresso Afro-Brasileiro, realizado no ano de 1936, apresentando uma Comunicação a respeito da culinária litúrgica da Bahia. A sua Casa oferecia tanta credibilidade que nem mesmo a polícia poderia imaginar que ali se ocultava o escritor negro Edson Carneiro, ora perseguido pela polícia política local. *No leito da morte, que ocorreu em 36, Aninha designou Senhora (Ialorixá Iyá Nassô) para substituí-la. Seu corpo foi sepultado na Quinta dos Lázaros da Irmandade de São Benedito, com todas as praxes da religião católica e do culto africano, uma espécie de culto ecumênico fúnebre, quase que impossível naqueles dias de ódio e intolerância religiosas.*

Folhinha de 1978, do Conselho Estadual da Condição Feminina - SP

MÃE BIU

Mãe-de-santo

Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu), nascida no dia 29 de junho de 1914, na cidade do Recife, capital de Pernambuco, é filha de Dona P. Maria do Paraíso e de José Francilino do Paraíso; seus filhos são: Maria das Dores Silva, José Martins da Silva, Adeildo Paraíso da Silva e Ailton Paraíso da Silva. Dona Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu) é mãe-de-santo e a autoridade religiosa maior do Terreiro Xambá que foi fundado no ano de 1929. A fundadora desta casa foi Dona Maria Dias, pessoa muito ativa, generosa e estimada por todos que chegaram a conviver com ela, tornando-se a grande e venerável Matriarca da Família, que chegou a viver por mais de cem anos de idade. Seus filhos-de-santo chegaram ao número espantoso de bem mais de mil, muitos dos quais, vivendo no exterior do país, como na Inglaterra, por exemplo. Filha de Ogum com Iansã, Mãe Biu, como era conhecida e chamada carinhosamente, tornou-se Ialorixá das mais importantes e respeitadas da nação Xambá. Tanto é que por ocasião de seu falecimento, ocorreu no dia 27 de fevereiro de 1993, compareceram milhares e milhares de pessoas para lhe dar o último adeus. Seus filhos carnais são muito influentes na cidade. Adeildo, por exemplo, é presidente de um dos sindicatos mais importantes do Estado de Pernambuco. Mãe Biu na sua mocidade foi costureira e parteira, nascendo por suas mãos abençoadas várias e várias gerações de seres humanos. Sua atividade foi sempre muito intensa e proveitosa em favor de seus semelhantes. É nessa condição que Mãe Biu entra para a história, por ser uma das criadoras da Fundação Joaquim Nabuco, instituição cultural do Estado de Pernambuco das mais importantes. Mãe Biu esteve em Salvador, na Bahia, para participar do Congresso dos Orixás, no ano de 1979 e esteve presente, na reunião dos Conselhos do Intercap, Instituto Nacional das Tradições dos Orixás. Pelas

Quem é Quem na Negritude Brasileira

suas atividades na área dos cultos africanos, Mãe Biu foi condecorada pela Fundação Joaquim Nabuco e a rua em que está localizado o seu Terreiro de Santa Bárbara do Xambá, no bairro do Portão do Gelo, na cidade de Olinda, no estado de Pernambuco, tem, hoje, o seu nome; esta homenagem é mais um tributo de reconhecimento. Mãe Biu visitou a Argentina, o Paraguai e o Uruguai. Seu Terreiro de Santa Bárbara do Xambá, em Olinda, é um dos mais antigos e tradicionais do Brasil, tendo, hoje, mais de 69 anos de existência. Existe um disco gravado em sua homenagem composto por Naná Vasconcelos, o maior percussionista do mundo, com música feita pelo Afoxé Oxum- Banda de Olinda, consagrando as virtudes de Ialorixá e de mãe negra de Severina Paraíso da Silva - Mãe Biu.

MÃE DUDU

Mãe-de-santo

Mãe Dudu - batizada Vitorina Tobias Santos - foi durante muitos anos a matriarca da Casa de Nagô, tradicional terreiro de candomblé do Maranhão, tendo falecido aos 101 anos de idade em 1988, ano do centenário da Abolição da escravatura. Nasceu no dia 2 de novembro em Viana-MA. Desde os 24 anos de idade participava dos cultos africanos e em 1967 substituiu Mãe Andreza, que faleceu com 116 anos. Em depoimento a Amália Pereira Barreto, registrado no livro *Os Voduns do Maranhão*, Mãe Dudu disse que a Casa de Nagô foi criada há mais de um século, embora não soubesse precisar a data. Acredita-se que tenha aproximadamente a idade da Casa das Minas, outro tradicional terreiro. Fundada por malungos com a ajuda de Dona Jesuina, a africana também fundadora da Casa de Jeje das Minas, a Casa de Nagô surgiu no final do Século XIX. Localiza-se na rua Cândido Ribeiro. Festeja São Sebastião em janeiro, o Divino Espírito Santo, os santos da época junina e as santas de fim de ano: Santa Luzia e Santa Bárbara.

Voduns do Maranhão - Amália Pereira Barreto

MÃE HILDA JITOLU

Mãe-de-santo

Hilda Dias dos Santos nasceu em 6 de janeiro de 1923. Casou-se com Valdemar Benvindo dos Santos, no dia 6 de setembro de 1950, tendo 5 filhos. O primeiro deles, Antonio Carlos dos Santos Vovô, presidente fundador do Bloco Afro Ilê Aiyê, é ogan de Obaluaê da casa: o Ilê Axé Jitolu; a segunda filha é Hildete Santos Lima, Ekédi de Oxum da casa. O terceiro filho, Vivaldo Benvindo dos Santos, Ogan da casa, confirmado, filho de Logum Edé; a quarta filha é Hildemária

Georgina dos Santos, filha de Oxóssi, e a quinta e última é Hildelice Benta dos Santos, Iaô de Oxalá. O esposo de Mãe Hilda era alfaiate, fiscal da Prefeitura, nasceu em 22 de março de 1908 e faleceu dia 13 de maio de 1988. O pai-de-santo de Ialorixá Hilda Jitolu era da nação Gegê Marin, chamava-se Cassiano Manoel Lima; sua Dígina era do Gegê Marin, cujo terreiro era localizado na Caixa D'Água. Cassiano Manoel Lima faleceu em dezembro de 1944, dois anos depois de ter feito as obrigações religiosas da sua filha Jitolu - a Ialorixá Constância da Rocha Pires. Mãe Tança, nascida em 19 de setembro de 1881, filha de Nanã, cuja Dígina era Ajauci, continuou os trabalhos das obrigações de Jitolu. O nome Jitolu lhe foi dado em 24 de dezembro de 1942. Mãe Hilda era uma pessoa de saúde muito frágil, e vivia doente. Não havia médico que encontrasse um remédio para a sua saúde. Precisava "fazer e cuidar do santo". Depois de fazer as obrigações necessárias, recobrou saúde perfeita. Segundo ela, existe muita gente em hospital de louco, em leito de hospital se acabando porque não consegue entender esses fenômenos. Muitas vezes, para o orixá se manifestar, as pessoas têm sintomas de doenças. Além do trabalho espiritual, Mãe Hilda desenvolve trabalhos sociais na cidade de Salvador, Bahia. É o caso do Ilê Aiyê, presidido pelo seu filho mais velho, e que nasceu no Ilê Axé Jitolu. Já a Sociedade Filhos de São Lázaro foi fundada para ajudar as filhas de santo que não tinham condições de arcarem com as obrigações necessárias. A Sociedade Filhos de São Lázaro também presta assistência médica e jurídica aos necessitados. No terreiro de Mãe Hilda funciona uma escola para suas filhas de santo, seus filhos e para as crianças carentes da região. A escolinha de 1º grau rendeu um projeto pedagógico para todas as escolas da comunidade. As professoras dessas escolas reúnem-se uma vez por mês para se especializarem em cultura afro. O trabalho educacional continua crescendo, e hoje já conta com um curso de teatro. Em 1980, Mãe Hilda foi convidada pelo então Deputado Abdias Nascimento para fazer as obrigações na Serra da Barriga, Alagoas, onde esteve lado a lado com Dom José Maria Pires e o pastor protestante Jairo Santana. Mãe Hilda continuou fazendo sua peregrinação religiosa à Serra da Barriga até 1986, e tornou a voltar em 1995, por ocasião dos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Mãe Hilda, carinhosamente chamada de "Mãe Preta", foi agraciada com a Medalha de Ouro Dois de Julho, conferida pela Prefeitura Municipal de Salvador, no Dia Nacional da Consciência Negra, dia 20 de novembro de 1995, por tratar-se de personalidade cujas atividades profissionais nas áreas culturais, artísticas e religiosas refletem ideais liber-

tários no resgate da cidadania, da dignidade, da igualdade e dos valores fundamentais da cultura afro-brasileira.

MÃE MENININHA DO GANTOIS

Mãe-de-santo

Mãe Menininha do Gantois foi a mais conhecida e prestigiosa mãe-de-santo do Brasil em todos os tempos. Seu nome atingiu os quatro cantos do mundo. Babalorixá das mais bem conceituadas, Maria da Conceição Escolástica Nazaré, nome este, de batismo, que recebeu ao nascer no dia 10 de fevereiro de 1894. Natural da cidade baiana de Salvador, Mãe Menininha do Gantois é descendente de família que já freqüentava o Terreiro Axé La Mas Se, fundado por sua bisavó, Maria Julia, da nação Kerere, na Nigéria, no con-



tinente africano. É interessante saber-se que babalorixá ou babalaô é o sacerdote ou a sacerdotisa que se dedica ao culto das religiões negro-africanas. Sua presença e atividades dentro dos cultos é de importância excepcional, segundo estudiosos, afirma-se que os babalorixás, no Brasil, começaram a desaparecer a partir do momento que passaram a ameaçar o poder branco dominante com o aumento de suas atuações nas esferas políticas e econômicas e a influenciar as coletividades com o poder de seus cultos religiosos. Mãe Menininha do Gantois, em razão de seu potencial místico e de suas qualidades espirituais, com 28 anos de idade já era sacerdotisa no seu terreiro desempenhando seus encargos religiosos com grande dedicação e talento. *A sua fama levou muitas pessoas, tanto no Brasil como de países estrangeiros, a freqüentar o terreiro onde trabalhava.* É esta iniciada que detém a ira dos deuses e que profecia os seus favores aos que acatarem as determinações de seus representantes na terra, encarnados nestes sacerdotes e nestas sacerdotisas como, por exemplo, Mãe Menininha do Gan-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

tois. Podemos citar de passagem algumas das personalidades políticas, do mundo dos negócios e das atividades artísticas que se orgulhavam e se orgulham de dizer publicamente que freqüentavam o terreiro de Mãe Menininha, como Antônio Carlos Magalhães, Dorival Caymmi, Jorge Amado, Caribé, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Pierre Verger, e dizem que até certos vultos de outras igrejas o faziam às escondidas. Verdade ou não, o importante é que o Brasil é um dos países em que os cultos negro-africanos estão disseminados ao longo de todo o território nacional. Mãe Menininha do Gantois faleceu no estado da Bahia, no dia 13 de agosto de 1986, tendo os seus restos mortais levados para o terreiro de Gantois, onde, obedecendo a determinados rituais do culto dos mortos, foi inumada, culto este ao qual somente participavam os ogãs, os babalorixás, e os filhos-de-santo que se serviram da oportunidade para depositarem suas oferendas e obrigações em sua derradeira homenagem.

1) 1000 Que fizeram o século 20 - Editora Três - 1996; 2) Grande Enciclopédia Delta Larousse - Editora Delta - 1970

MÃE SENHORA

Mãe-de-santo

Maria Bibiana do Espírito Santo nasceu em 31 de março de 1900, na Ladeira da Praça em Salvador, descendente de uma tradicional família da nação Axé de Ketu. Iniciada em 1907 por Mãe Aninha, fundadora do Axé Opô Afonjá, mais tarde, em 1938, escolhida para sua sucessora nos encargos desse terreiro, com o título de Iyalaxé Opô Afonjá (Mãe do Axé Opô Afonjá). Em agosto de 1952 o rei dos Iorubás, Alafin de Oyo, na Nigéria enviou-lhe o título honorífico de Iya Nassô, que é destinado em Oyo à sacerdotisa encarregada do culto de Xangô. Este fato marca o reinício das antigas relações religiosas entre a África e a Bahia, continuadas e ampliadas posteriormente, mantendo Mãe Senhora um permanente intercâmbio de presentes e mensagens com reis e personalidades da seita, na África. No dia 4 de novembro de 1958, Mãe Senhora completou 50 anos de sua iniciação religiosa, dedicada a Oxum, sua orixá. Continuando a tradição de Mãe Aninha, Mãe Senhora recebeu durante anos no Opô Afonjá personalidades de todo o país, ligando o terreiro aos cientistas, escritores e artistas, colocando-os em contato com a cultura popular de raízes africanas. Mãe Senhora morreu em 1967.

MÃE STELLA

Mãe-de-santo

Uma das mais reconhecidas ialorixás da Bahia, Mãe Stella (Maria Stella Azevedo Santos) nasceu em Salvador, no dia 2 de maio de 1925, filha de Esmeraldo Antigno dos Santos e de Dona Thomásia de Azevedo Santos. Mãe Stella - como

Quem é Quem na Negritude Brasileira



MÃE SYLVIA DE OXALÁ

Mãe-de-santo

Falar desta senhora nascida em São Paulo, no bairro da Liberdade há 60 anos, representa para toda comunidade brasileira motivo de orgulho e satisfação em tê-la próxima nos momentos em que necessitamos de sua arguta inteligência, sua humildade e de seus conhecimentos profundos dentro dos Cultos, Cultura e Tradições Afro e Afro-Brasileira. Nunca se negando a atender pessoas de todas as classes sociais, exuberante em seu porte físico, dócil na figura da grande mãe, procurada sempre por autoridades, artistas, esportistas, atende a todos sem distinção. O seu currículo é valioso e enobrecer o Brasil com tanto trabalho que realiza na benemerência e promoção social. Como presidente da instituição *Axé Ilê Obá* no bairro do Jabaquara/SP, ela dispõe de todo seu tempo para a carência, o atendimento religioso, as consultas pelos Búzios (Ifá) e Numerologia; psicóloga por excelência. É formada em Administração de Empresas e doutora em Comércio Exterior e Relações Internacionais. Desenvolve grande trabalho como membro do Movimento Ambientalista (ONG), sendo reconhecida internacionalmente em 68 países no campo social, político e religioso, proferindo palestras e conferências em universidades, no Brasil e exterior, e seminários religiosos, onde apresenta seus trabalhos editados sobre comportamento racial, economia, espiritualidade e orixalidade. Idealizadora e Fundadora do *Acervo da Memória e do Viver*



Afro-Brasileiro, localizado no bairro de Jabaquara. É, também, formada em Enfermagem e é segundo tenente (reformada) do Exército Brasileiro onde serviu por muito tempo. Por seu intermédio o Axé Ilê Obá foi tombado pelo Patrimônio Histórico - CONDEPHAAT - e declarado de Utilidade Pública. Atualmente o Axé é um composto de Orixás, dentro de uma área de 4.000 m, considerado o templo de maior recuperação histórico-religiosa afro e afro-brasileira da América

os bons vinhos que, quanto mais o tempo passa, vão ficando cada vez melhores - pelo que representa para os valores afros, tem hoje o seu nome objeto de estudos relativos ao Sincretismo Religioso e à Cultura Afro-Brasileira, no Brasil e no exterior. Entre esses, os estudos realizados pelo Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo; Resistência Religiosa: Congresso "Escravidão", promovido pela Universidade de São Paulo; estudo sobre religião afro-brasileira na Universidade de Harvard - Washington, Estados Unidos; simpósio que estudou as iabás do Axé Opô Afonjá em Nagô: A Religião Iorubá entre a África e o Brasil - UTET Turim, Itália, 1991; Semana de Cultura Brasileira, em Londres, 1993, sobre Ritual e Liturgia; Curitiba 1995, Seminário a respeito do Livro de Cultura Negra: Ilê Axé Opô Afonjá; e Simpósio de Etnobiologia levado a efeito pela Universidade Estadual de Feira de Santana, 1995. Enfermeira aposentada, Mãe Stella formou-se na Escola de Enfermagem de Saúde Pública, em 1945, em Salvador. É dessas pessoas multiplicadoras da bondade que, com boa vontade, são capazes de fazer de tudo porque de tudo entendem um pouco para colocarem a serviço das causas comuns. Conferencista exímia, Maria Stella inúmeras vezes foi convidada a falar, em diferentes lugares, sobre os assuntos relacionados com a história e a cultura afro-negra. É ainda autora das obras *E Daí Aconteceu o Encontro*: Edição independente, em co-autoria com Cléo Martins; *Meu Tempo É Agora*, em 1993; *Essa É a Nossa Crença, Esse É o Nosso Universo*, 1995; Hospital Getúlio Vargas - Salvador, e mais dezenas de artigos e entrevistas em jornais, revistas, periódicos, panfletos, todos girando em torno da cultura e da resistência e da luta dos afro-descendentes. Participou ainda dos seminários: Psiquiatria Religiosa, no Centro de Estudos Juliano Moreira; Idiomas de Nações Iorubás; Noções sobre Cultura Caribenha: Encontro da Tradição dos Orixás e Cultura, este mesmo estudo realizado em Nova Iorque - EEUU, em 1980; encontro de Ialorixás e Babalorixás: Axé Ilê Opô Afonjá - 1993; Candomblé como Resistência Negra, na Escola Técnica Federal da Bahia; Medicina Popular Afro-Brasileira, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1989.

Latina. É também Coordenadora do 1º Seminário Teológico de Candomblé do Brasil que até hoje formou aproximadamente 1.530 sacerdotes, tendo como currículos essenciais a Filosofia, Teologia e Mitologia das Tradições, Culto e Cultura dos Orixás. Também currículos da área profissionalizante como escultura (pedra e madeira), terapia naturista, grafia, química, cromoterapia, floral, pintura em resina, xilogravura, culinária, panificação, capoeira, danças e rituais afro e afro-brasileiros, além do atendimento à famílias e crianças carentes com alimentação e tratamento psicológico, fazem parte do ensino no Seminário. Como participante ativa em eventos sociais e religiosos e nos Movimentos Negros no Brasil e Exterior, recebeu várias homenagens tais como *Prêmio Niños de La Calle* em Madrid (Espanha); *Prêmio Humanista da Universidade de Ciências em Moscou* (Rússia); *Homenagem Eco-92* como ambientalista (RJ); *Homenagem como Fundadora Idealizadora do Acervo da Memória e do Viver Afro - Brasileiro* (São Paulo); *Prêmio Ambientalista-Humanista* pela CETESB (São Paulo); *Prêmio de Recuperação das Crianças Carentes em Diadema e São Bernardo do Campo* (São Paulo); *Condecoração Benemerita pela Passagem do Aniversário de 300 anos de Zumbi* (Brasília e São Paulo), e no exterior, mais propriamente na África - Nigéria, recebeu títulos importantes incluindo entre outros, *Personalidade Social e Religiosa em Ibadan-Iynifa e Oxum Oloye* (Nigéria). Por tudo isso o governo Municipal de São Paulo entregou no dia 13/05/98 a *Medalha Anchieta* pelos revelantes serviços prestados por esta mulher ativa, digna e honrada que São Paulo agradece em tê-la como filha.

MAESTRO ROBERTO CASEMIRO

O primeiro negro a dirigir o Coral do Teatro Municipal de São Paulo

Roberto Expedito Casemiro é natural de São Paulo, capital, onde nasceu no dia 21 de novembro de 1954, sendo filho de Lauro Casemiro e de Dona Maria Narciza Casemiro. Roberto Casemiro é casado com Dona Janilda Casemiro e é pai de Kamyla de M. Nogueira e de Marcos Roberto Alves Casemiro. Seu grau de instrução é universitário, com curso de comunicação intensivo, falando fluentemente, além do idioma pátrio, o espanhol e o italiano. Roberto Expedito Casemiro já foi titular da Coordenadoria Especial do Negro do Município de São Paulo, órgão oficial da Prefeitura para as questões afro-brasileiras, cargo que foi exercido em duas gestões consecutivamente. Atualmente é membro efetivo da Comissão Consultiva de Artes da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, junto a qual representa os interesses dos músicos dos corpos estáveis do Teatro Municipal. O Maestro Roberto Casemiro é *Comendador da Ordem Maurício de Thebas* e

em missão oficial esteve na África, na Bósnia-Herzegovina, nos Estados Unidos da América do Norte, em Cuba, representando o Brasil na qualidade de articulador cultural. Seus trabalhos se prendem na área da música, com arranjos musicais para regência e composições clássicas e eruditas, para cujo desempenho bacharelou-se em composição e regência. Roberto Casemiro é o primeiro maestro titular negro a dirigir o coral do Teatro Municipal de São Paulo, completando, neste ano de 1998, vinte e dois anos de atividades nessa Casa de Artes mais importante de São Paulo, quicá do Brasil. Política e partidariamente, Maestro Casemiro é filiado ao PPB, fazendo parte dos que, nessa agremiação, se integram à Frente do Movimento Afro-Descendente. Profissionalmente, Maestro Roberto Casemiro é professor de teoria musical, é cantor lírico e maestro altamente qualificado, e ainda ocupa a função de coordenador técnico de Educação e Cultura do CONE, atuando como professor de canto lírico e de história aplicada de artes musicais, e é um dos vice-presidentes do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB). O maestro Roberto Expedito Casemiro é um desses negros que se orgulham de sua descendência afro-brasileira e como músico profissional é de um comportamento sóbrio e elegante, revelando sempre o seu estado de bom humor, considerado por quantos que com ele convivem um autêntico gentil-homem. Sempre preocupado com a vida dos marginalizados e dos excluídos, já que quase a totalidade dos negros brasileiros se encontra nesta categoria, razão porque é um dos negros bem vistos por todos e altamente querido e respeitado e sempre aplaudido, que se coloca à frente de um coral ou de um grupo orfeônico regendo e cantando o Hino à Negritude.

MALEMA

Artista plástica

Malema, anagrama de Maria Aparecida Le-mas Martins, reúne em si a artista plástica, a empresária e a adida cultural. Brasileira de São Paulo, nascida no dia 14 de maio de 1943, ao contrário do que tem acontecido com a alarmante maioria dos nossos artistas negros, Malema, segundo ela mesmo nos relata, teve uma infância tranqüila no seio de seus familiares. As suas atividades em artes plásticas estendem-se por mais de 20 anos, ao longo dos quais realizou um número, quase que incontável, de exposições - individuais e coletivas, por todo o Brasil. Como sempre acontece com os artistas de "gênio", Malema vive numa constante busca de

novas formas de criação para enriquecer de experiências a sua arte reveladora de nossas raízes africanas, vinculadas às manifestações populares, nos moldes que levaram Mário de Andrade a exclamar afirmativamente que *os nossos mestiços do fim da colônia glorificaram a maior "mulataria", se mostrando artistas plásticos e musicais. Só mais tarde é que darão representações literárias notáveis. Naquele tempo não. Apareceram*, continua Mário, profetizando para o Brasil *uma constância futura genialíssima, especializada em artes plásticas...* É o que se dá com a artista plástica Malema, quando parte na procura de diversas matérias-primas para alimentar o seu insopitável desejo de produzir coisas novas assim como para ilustrar as suas aulas de artesanato. "Foram Os Espantalhos", diz "Malema, modelados em massa epoxi, que me abriram as portas às exposições. Exponho pinturas, na seda e organza, com motivos florais, todos os domingos na Praça da República, onde artistas de São Paulo reúnem-se para mostrar suas obras, principalmente aos turistas. A Cultura Afro-brasileira mostra quanto os negros cresceram e são importantes neste mundo, assim realizo-me com o tema: A Evolução Após os 100 Anos da Libertação dos Escravos no Brasil". Malema, neste sentido, teve instantes altos e memoráveis como, por exemplo, aquele em que a então prefeita Luisa Erundina e assessoria "honoraram-me com a oportunidade de entregar pessoalmente ao Sr. Nelson Mandela, em nome das Mulheres de São Paulo, uma tela a óleo, de minha autoria, com o rosto da Sra. Winnie Mandela", na ocasião, esposa do ilustre visitante que cumpriu quase 30 anos de prisão, para de lá sair obtendo o Prêmio Nobel da Paz e a própria Presidência da República da África do Sul. Malema atuou com muito brilho junto ao Consulado da República do Togo, na condição de adido feminino para assuntos culturais, quando o titular desta representação era o Dr. Ananias. O Aristocrata Clube, o Círculo Militar de São Paulo, o Instituto de Engenharia, o Villaggio Café, a Secretaria de Estado da Cultura, o Senac de Santos, a Gazeta Mercantil, a Câmara Municipal de São Paulo, a Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, a Fundação Bial de São Paulo, a Federação das Mulheres Paulistas, as Prefeituras dos Municípios de Araras, Ourinhos e Bebedouro são algumas das instituições públicas e privadas que tiveram o privilégio de ver e apreciar parte desse tão valioso acervo artístico de Malema, como *O Panteon dos Deuses Africanos*.

A Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araujo, Tenenge - 1988

Quem é Quem na Negritude Brasileira

MANOEL BEZERRA CORREIA DE OLIVEIRA

Magistrado e poeta

Entre as figuras notáveis de União dos Palmares - registra Paulo de Castro Sarmiento Filho -, "ressaltamos o poeta, comerciante, político, jornalista, agricultor e magistrado de talento e intelectual dos mais admirados. O Dr. Manoel Bezerra Correia de Oliveira, palmariño, nascido aos 26 dias do mês de dezembro de 1881, no sítio "Caípe", em União dos Palmares; filho de Esichio de Barros Bezerra, proprietário agrícola, advogado e de dona Maria da Conceição Oliveira". Tendo iniciado os estudos na sua cidade natal, completou o ensino preparatório em Maceió, ingressando depois na Faculdade de Direito de Recife, onde se formou em 1903. Ao longo de sua vida, exerceu, profissionalmente, várias funções na área de Direito, como procurador-geral, juiz substituto, comissário de polícia, e outras, em Alagoas e Mato Grosso. "No jornalismo, na política, como na poesia, Correia de Oliveira era brilhante e ilustrava as colunas dos principais órgãos de nossa imprensa", destaca Sarmiento Filho. Como político sustentou, várias vezes, fortes polêmicas com seus adversários. Na poesia, o nosso ilustre contemporâneo deixou admiráveis trabalhos. Como exemplo, transcrevemos uma das mais belas poesias de Correia de Oliveira:

HERESIAS

Donde vim? Onde vou? Não indago e nem quero
Saber depois de morto o que serei então.
Morrer tenho a certeza; apodrecer espero
Ou em cima da terra, ou debaixo do chão.

Até hoje não fui nem tão mau como Nero
Nem tampouco fui bom como o grego Platão;
Tenho sido o valor deste algarismo: - O zero
Cifra sempre precisa em qualquer solução.

Que me importa o passado! E, sem dúvida, o futuro
Só me resta o presente. É gozá-lo, Epicuro
Assim recomendou. O resto são banais.

Crenças, superstições. Homem sê forte, espera
A morte, essa não é nenhuma quimera
E não queiras saber a donde vens e onde vais!

Segundo os biógrafos Felix Lima Araújo e Romeu de Avelar, no dia 24 de março de 1920 em Campo Grande - atual capital de Mato Grosso do Sul - faleceu Manoel Bezerra Oliveira. Suas principais obras são: *Bromelia*, *Carta Aberta*, *Estranho Desejo*, *Tête-a-Tête* e *Tróia Negra* - esta considerada a maior página escrita sobre o reduto dos Palmares, pelo escritor e biógrafo palmarino Carlos Povino Cavalcante, que o substituiu na Academia Alagoana de Letras, completa o autor.

texto de Paulo de Castro Sarmiento Filho

Quem é Quem na Negritude Brasileira

MANOEL CUNHA

pintor

O regime da escravidão foi para o negro uma espécie de espremedor que acabou extraindo de seu sentimento, de sua frustração e de suas emoções reprimidas, o sumo de seu talento, de cujo sabor surgia uma poderosa arma, em forma de talento, que se manifesta nas artes, nas lutas libertárias, no trabalho rude e na vitória de sua própria sobrevivência. Revolvendo-se a história, nós vamos encontrar essas pepitas de ouro dos afro-descendentes, gênios da estirpe de um pintor como Manoel Cunha, nascido no Rio de Janeiro, em 1737. Filho de escrava e escravo ele próprio, conseguiu ser alforriado pelos seus benfeitores, que lhe deram a oportunidade de aperfeiçoar seus dotes artísticos na Europa, em Lisboa. O historiador Cunha Barbosa afirmara que numerosíssimos foram os filhos de escravos, portanto, negros, pardos ou mulatos, que se sobressaíram no período colonial conseguindo projetar o Brasil através de seus ofícios, *muitos deles chegando a galgar, através dessa prática, patamares mais elevados do edifício social*. Manoel Cunha quando retorna ao Brasil dedica-se inteiramente à pintura religiosa e figurativa como retratar personalidades importantes de sua época. Excursionou pela escultura e foi professor de arte plástica chegando a ter diversos alunos a seus cuidados numa escola de pintura que criou. Em suas Memórias, 1941 - Manoel Araújo de Porto Alegre diz que "Manoel Cunha executou a pintura do teto da Capela do Senhor dos Passos, uma "Descida da Cruz" inspirada na de Daniele da Volterra, o "Retrato do Conde Bobadela" - hoje no Convento de Santa Tereza e um "Santo André Avelino" para a igreja de São Sebastião do Morro do Castelo, existindo ainda na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro alguns retratos de benfeitores e seus painéis de uma "Paixão de Cristo" que lhe pode ser atribuída". José Roberto Teixeira Leite, que escreve sobre pintores e escultores negros, pardos e mulatos do século XVIII, nos revela que Manoel da Cunha era *senhor de um estilo rude, que antes evoca o século XVII do que aquele em que efetivamente produziu*. Mesmo assim Manoel da Cunha alçou-se, no entanto, a nível mais elevado de execução nos retratos, a alguns dos quais nem mesmo falta a nota psicológica (*Retrato do Conde Bobadela*, já citado, *Retrato de Inácio da Silva Metela da Santa Casa de Misericórdia*). José Roberto Teixeira Leite que enriquece com sua contribuição o livro *A Mão Afro-Brasileira*, organizado por Emanuel Araújo, termina esta súpula de dados biográficos dizendo que "O óbito de Manoel da Cunha achase assinalado nos arquivos da Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição da Boa Morte, do Rio de Janeiro, com as seguintes palavras: O irmão Manoel da Cunha veio sepultar-se nesta igreja, amortalhado em hábito de San-

to Antonio, conduzido em uma sege, recebido pelo coadjutor da Candelária em 27 do mês de abril de 1809". A Capela do Noviciado e a Igreja São Francisco de Paula no Rio de Janeiro se beneficiaram com a sua pintura.

1) *A Mão Afro-Brasileira*, organizada por Emanuel Araújo, Tenenge, 1988; 2) *Leituras Culturais* - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988

MANOEL DE ALMEIDA CRUZ

Sociólogo

Manoel de Almeida Cruz, nascido na cidade de Salvador, Bahia, no dia 2 de abril de 1950, é um dos sociólogos de maior renome do estado em que nasceu. As revistas e os jornais especializados estão repletos de artigos, estudos e ensaios do professor Manoel de Almeida Cruz versando com autoridade e profundo conhecimento de causa sobre temas como educação, etnia e sociologia. Seria exaustivo se fôssemos enumerar os títulos dessas revistas científicas e desses jornais; contudo, não podemos deixar de citar, por exemplo, os Cadernos de Pesquisas da Fundação Carlos Chagas, instituição científica que tem sua sede na cidade de São Paulo; o Caderno Afro-Asiático, periódico pertencente ao conjunto Universitário Cândido Mendes, situado no Rio de Janeiro, e diversas publicações atingindo os mais diferentes assuntos ligados à sua especialidade, que sempre vêm estampados em obras publicadas e divulgadas pelo Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, o que por si só revela o elevado nível intelectual do professor Manoel de Almeida Cruz. Partindo da teoria à prática, o nosso mestre muito se orgulha de fazer parte do movimento negro e de ser um dos fundadores mais apaixonados do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, com sede no Estado da Bahia. Se nós levarmos em conta que a Bahia é uma das unidades da República Federativa do Brasil que tem um contingente afro-descendente dos mais elevados e representativos, poderemos melhor aquilatar o quanto significam para este conjunto populacional, os esforços acadêmicos e a militância responsável e permanente do Prof. Manoel de Almeida Cruz. Se disséssemos, como Matinas Suzuki Jr., que Salvador e por extensão o Estado da Bahia, é o espaço geográfico onde encontram-se reunidos os diversos e diferentes brasis, por ser a região mais criativa, mais sonora, de maior musicalidade, a mais artística, a mais inspiradora, a mais mística e das mais conta-

O nosso mestre
muito se
orgulha de
ser um dos
fundadores do
Núcleo Cultural
Afro-Brasileiro

giantes e mágicas, não estaríamos cometendo qualquer pecado por heresia, mas expressando o que há de mais lírico e poético numa de nossas unidades federativas que nos empolga e seduz pelo seu samba, pela sua espiritualidade e, sobretudo, por sua negritude. O fato de ali haver aparecido estudiosos e cultores dessa riqueza humana e dessa brasilidade escaldante e coberta de fascínio do porte de um Manoel de Almeida Cruz, muito bem expressa esse potencial típico da alma do Nordeste do Brasil mais brasileiro. Neste momento em que estamos tecendo estas despreziosas considerações, o nosso sociólogo negro, Prof. Manoel de Almeida Cruz, juntamente com Nelson Mendes e Lino Almeida, estão ministrando nas Escolas das cidade de Salvador um *Curso de Combate ao Racismo de caráter itinerante, cujo objetivo é instrumentalizar professores de 1º e de 2º graus a nível teórico e metodológico para combater o racismo na sala de aula*. Numa eloqüente demonstração de que para as pessoas conscientes de sua dignidade, a diferença entre a teoria e a prática é, por assim dizer, imperceptível.

Dados colhidos por Geralda Gonçalves em Salvador, Bahia.

MANOEL DIAS DE OLIVEIRA

Notável pintor do século XIX

É impressionante o número de pintores, de escultores, de arquitetos negros ou de procedência africana que se destacaram em suas especialidades, no período colonial, deixando as suas assinaturas em obras de igrejas, em pontes e em sodalícios públicos ou privados, mas que a historiografia oficial raramente lhes reconhece que tais feitos e contribuições em muito enriqueceram o nosso acervo e nosso patrimônio cultural. Para trazer tais nomes à presença do grande público, os pesquisadores tiveram de mergulhar de cabeça no fundo da linha do esquecimento com o objetivo de resgatar-lhes o prestígio que fizeram deles grandes vultos da história das artes brasileiras. Faremos, a partir de agora, de Manoel Dias de Oliveira, que Antonio da Cunha Barbosa admite como sendo *um dos grandes artistas negros deste país*. Este artista negro natural de Santana do Macacu, no atual Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1763, de início era ourives de profissão. Como sempre acontecia naquela época, este genial artista teve como um de seus protetores um comerciante português, com quem viajou para Portugal com intuito de estudar pintura na cidade do Porto. Com a morte de seu benfeitor, muda-se para Lisboa, matriculando-se, em seguida, na Real Casa Pria, que naquele tempo funcionava no Castelo de São Jorge, destacando-se de modo tão singular, que dentro em breve seria encaminhado para a Itália a fim de cursar a Academia de

São Lucas de Roma, ao lado do célebre Domingos Antonio de Sequeira. De acordo com que nos orienta neste trabalho acerca de Manoel Dias, que é José Roberto Teixeira Leite, este nos assegura que o biografado *foi por algum tempo discípulo de Pompeu Battoni (falecido em 1787) representante máximo do "Borochetto" romano, retratista afamado da nobreza européia e grande precursor do Neoclassicismo pictórico*. Sofrendo os seus percalços provenientes da instabilidade política da época, Manoel Dias de Oliveira viu-se forçado a refugiar-se em Gênova em consequência da invasão de Napoleão aos Estados Pontifícios, em 1798, de cujo esconderijo só retornaria a Portugal depois de uma ausência de dez anos, quando, em 1800, obtém a sua própria nomeação para atuar como *professor régio de uma Aula de Desenho e Figura então criada no Rio de Janeiro*, razão pela qual regressa ao Brasil em meados daquela data. Essas andanças por Portugal e Itália valeram-lhe o apelido de *Brasiliense* o que poderia ser interpretado como um misto de gozação ou ironia pelo fato de ser naqueles pagos um estrangeiro de procedência negro-africana, o que não tirou o mérito de Manoel Dias de Oliveira ter tido o privilégio de ser o primeiro professor público negro de Desenho em todo o Brasil, e o primeiro, também, a ministrar o ensino do nu em aulas dadas na residência em que morava, na Rua do Ouvidor, com ourivesaria defronte à antiga Igreja do Hospício. Superando possíveis críticos "moralistas" de seu tempo, *Brasiliense* pôde tornar-se famoso pintor de gênero frutas, flores, natureza morta, retratos, temas religiosos e decorativos, além de miniaturas sobre marfim e gravuras sempre como grande colorista. Manoel Dias Oliveira faleceu na cidade de Campos, em 1837, cabendo-lhe a glória de ser um notável pintor que pode ser um neoclássico com resquícios do Barroco.

Mão Alro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1988

MANOEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA

Poeta da Inconfidência Mineira

Manoel Inácio da Silva Alvarenga, natural da cidade de Vila Rica, atualmente Ouro Preto, Estado de Minas Gerais, onde nasceu em 1749 é citado pelo severo Sílvio Romero *como sendo um mestiço e como poetas de seu tempo, o mais delicioso, talvez pelo mimo da forma, pela sua vivacidade da expressão, assim também, o mais ardente dos nossos líricos do século XVIII*. Silva Alvarenga era filho de um músico profissional pobre. Fez os seus estudos elementares na cidade do Rio de Janeiro por iniciativa de amigos, de seu pai, que se uniram em um grupo para auxiliarem o menino em sua infância e na adolescência. Seu pai não lhe dera bens

materiais, mas lhe legara o gosto para música, tanto é que Silva Alvarenga se divertia tocando flauta e rabeca, o que lhe deu grande estima e popularidade, tanto no Brasil como em Portugal, para onde fora completar seus estudos na Universidade de Coimbra, dela regressando diplomado em Cânones, em 1777. Chegando ao Brasil estabelece-se como advogado em Minas Gerais, transferindo-se em seguida para o Rio de Janeiro, isto já em 1786, para ocupar a cadeira de Retórica e Poética. Silva Alvarenga tornou-se membro da Sociedade Literária da Cidade Maravilhosa e nesse tempo já era um entusiasta defensor dos princípios revolucionários procedentes da França, o que acabou por comprometer a sua honorabilidade perante os reinóis, razão pela qual fora submetido ao processo de Devassa e preso em 1794 onde permaneceu até 1797 sofrendo ainda a perda de todos os seus bens pessoais. Uma vez posto em liberdade, Silva Alvarenga continuou a lecionar e advogar, colaborando com os jornais da época como *O Patriota*. A sua obra prima é o livro de poesias que se intitula, *Glaura*, todo ele escrito em rondós e madrigais, em heptassílabos, obediente aos ditames do Arcadismo e influenciado do italiano Metastásio, (Pietro Antonio Domenico Bonaventura Trapassi, dito, poeta romano que viveu de 1698 a 1782, que gozou de invulgar prestígio literário sendo em 1730 chamado pela corte de Viena, cidade onde nasceu, para atuar como o seu poeta oficial). Com este livro *Glaura*, Silva Alvarenga passa a desfrutar de grande prestígio entre os mais austeros críticos de seu tempo e suas peças teatrais, suas intensas atividades literárias e suas poesias, propriamente ditas, belo encaminhar pelas veredas da crítica, no que também fora muito feliz, conseguindo ser muito aplaudido por todos. Silva Alvarenga, segundo nos esclarece Oswaldo de Camargo, sofreu um rude golpe, na sua vida amorosa e afetiva, com o prematuro falecimento de sua doce e idolatrada *Glaura* o que lhe dá motivos para o enriquecimento de sua lira, que, em memória de sua amada, passa a lhe fornecer grande parte da inspiração de sua produção literária. Seu pseudônimo era *Alcindo Palmireno* - nome arcádico - nos momentos em que participava como o maior animador da Sociedade Literária. Sua obra foi reunida e organizada por Joaquim Norberto sob o título comum de *Obras Poéticas*, 1864. Embora a história não o inclua entre os mártires da Inconfidência Mineira, nem haja em sua obra indícios de preocupação com o sofrimento dos negros escravos, julgamos correta a sua inserção entre os nomes dos que dignificaram a negritude brasileira. Silva Alvarenga veio a falecer no Rio de Janeiro, em 1814.

- 1) *O Negro Escrito, de Oswaldo de Camargo, Secretaria de Estado da Cultura - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - 1987;*
2) *Enciclopédia de literatura Brasileira, Ministério da Educação - 1990*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

MANOELITO DE OLIVEIRA

Dirigente sindical



Manoelito de Oliveira Santiago, filho de Nelson Borges Santiago e Lucília Oliveira Santiago, nasceu no Estado da Bahia, no dia 11 de março de 1956. Sua vida de lutas sindicais começou na condição de suplente de diretoria, depois, secretário, para, em seguida, tornar-se presidente do Sindicato de Arrumadores da Cidade de Salvador. A presença e a participação de uma liderança autêntica, fiel aos membros de sua categoria e, ao mesmo tempo, combativa, são muito ásperas, penosas e repletas de imprevisões. Sem sombra de dúvida, considerando-se as suas condições extremamente desfavoráveis, a classe operária, urbana ou agrária, sempre demonstrou uma profunda vocação para organizar o trabalhador em torno de um sindicato. Manoelito de Oliveira não foge a essa regra: colocando-se no centro das lutas em defesa de sua categoria, conseguiu arrancar muitos benefícios que hoje se consolidaram, cristalizando-se na tábua de vantagens intocáveis abrigadas no que convencionou de chamar-se Direito Adquirido. Manoelito de Oliveira está investido dessa responsabilidade de conduzir negociações em tempos de crise, em que a burguesia, manipuladora do Estado, pretende aprofundar a causa e os efeitos da injustiça social, democratizando a miséria e privatizando a riqueza. Esta política é que tem feito da concentração de renda a bandeira mais palatável para manter o poder central nas mãos dos poucos que se tornaram seus aliados nessa jornada conduzida por aventureiros momentaneamente bem sucedidos. Ser sindicalista, neste teatro de guerra, em que a correlação de forças cada vez mais se desequilibra, é atuar num misto de fé e de heroísmo, sem afastar-se de fundamentos que vinculam o líder à sua categoria. Manoelito de Oliveira, negro que se coloca na trincheira da resistência, contra os aspectos mais sombrios oferecidos nesse embate contra o neoliberalismo, por acreditar que este quadro poderá ser revertido radicalmente, não abandona a luta e nem deixa os seus pupilos, ao deus-dará. Mais do que bater duro na cara do capitalismo selvagem, é necessário construir uma alternativa substantiva e duradoura à sua proposta de organização da produção da vida. Manoelito sabe disso, razão pela qual jamais se submete, passivamente, aos caprichos dos que querem desestabilizar ainda mais o destino do trabalhador brasileiro, onde os afro-descendentes estão incluídos quase que na totalidade de seus

membros. Ser fundador e representante máximo do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB no Estado da Bahia, para Manoelito de Oliveira, é ser autêntico e coerente consigo mesmo, na medida em que a luta específica da comunidade afro-descendente só fortalece a luta dos despossuídos e dos marginalizados, como um todo.

MANOEL JOSÉ DOS SANTOS ("GUARDA-SOL")

Um dos fundadores do "Filhos de Gandhi"

"O Filhos de Gandhi foi criado pelos estivadores que, na pessoa de um deles, Vavá Madeira, inspirou-se nas últimas notícias de manchetes dos jornais sobre a morte do grande líder Mahatma Gandhi. Daí a origem da fantasia, composta de um lençol, um torso e malandrinhas nos pés. Assim um dos fundadores ainda vivos do tradicional bloco e depois afoxé, Filhos de Gandhi, narrou ao jornalista Anísio Félix.

"Como instrumentos, criamos os atabaques que eram feitos de barrica de bacalhau, forradas de couro. Começamos com poucos instrumentos e uma média de 90 homens. Inicialmente, o Gandhi não tinha características religiosas, foi com a chegada de novos associados que começou a infiltração do candomblé, com alguns de seus rituais. Todos sabemos ser a Bahia a terra do candomblé, e que, sem distinção de classe, a influência em todos os meios é grande. Apesar de gostar e fazer parte do candomblé, assim como outros associados, também não fui favorável a essa infiltração, desde quando foge totalmente à característica do Bloco, inspirado num líder político da Índia. Voltando aos instrumentos, estes eram poucos; só agogô e atabaques. As músicas eram Entra em Beco, sai em Beco e Éfila-la-e-ô. Hoje o Gandhi tem compositores próprios, assim como seu hino gravado em disco. Dentre os compositores, figuram alguns fundadores. Uma das tradições eram os lanceiros, que faziam parte da história da Índia, e com eles, os fiscais designados para impedir a intromissão no Bloco de elementos estranhos, principalmente mulheres, namoradas, amantes e outras pessoas que certamente só iriam causar confusão. Daí, a explicação da existência da corda. Os fiscais eram encarregados, também, de vigiar rigorosamente qualquer elemento que, durante o desfile, fizesse uso de bebidas alcoólicas, cuja penalidade para quem desobedecesse esse item do regulamento, era uma multa de cinco mil réis e às vezes, até o afastamento do mesmo durante o resto do desfile. Havia, naquela época, muita disciplina. Com as modificações feitas através do tempo, acabaram com os lanceiros. Fala-se, entretanto, que no próximo ano eles voltarão a sair. O percurso do Gandhi era sempre saindo do Pelourinho para o Beco do Cirilo, Fazenda Grande, Ribeira, Uruguai, Gantois - onde se visitava a madrinha do Bloco

Mãe Menininha - Liberdade, etc. Enfim, se percorria toda a cidade a pé, sem que houvesse um itinerário pré-estabelecido. A primeira sede dos Filhos de Gandhi foi no Julião, na escadinha, onde era guardado o material e onde se trocava de roupa, nos quartos dos colegas. Até hoje, ninguém sai fantasiado. Todos trocam de roupa na sede." Para "Guarda-Sol", a Bahia, principalmente o Gandhi, devem uma homenagem a Vavá Madeira. Eu teria orgulho em inaugurar no salão de assembleia da entidade, um retrato de Vavá, retrato esse que só foi conseguido depois de muita insistência de minha parte e da de Dino, porque éramos muito amigos. Fiz um poster, que hoje está com o atual presidente do Gandhi. Vavá não chegou a vê-lo, pois já estava acamado e inconsciente. Continuo afirmando que devemos pôr em prática essa homenagem, desde quando o Gandhi, hoje conhecido em todo o Brasil e no exterior, deve o fato exclusivamente a ele. O número de fundadores do Gandhi, ainda vivos, esclareceu, não chegam a quinze, sendo que nove deles fazem parte do Conselho Deliberativo.

"Filhos de Gandhi" - Anísio Félix - Gráfica Central 1997

MANOEL NICANOR DAS VIRGENS ("ZOIÃO")

Um dos fundadores do "Filhos de Gandhi"

Zoião - Manoel Nicanor das Virgens, um dos 15 fundadores ainda vivos do Filhos de Gandhi, narrou ao jornalista Anísio Félix, autor de livro sobre o já tradicional bloco e depois afoxé.

"O Filhos de Gandhi foi fundado em 1949, no Julião, debaixo do pé da mangueira. Fizemos um contato, no sábado de carnaval, compramos barricas de mate, encouramos todas para fazer atabaques e saímos no domingo, com medo de sermos presos. Segundo Zoião, os fundadores foram Antonio de Emeliano, Vavá Madeira, Hamilton Hilário, Bigode de Arraia, Arivaldo Pereira Fagundes, Carequinha, Nelson Ferreira dos Santos, Soldado, Dino, Domi, Eduarmino... Vavá Madeira, primeiro homem e Antonio Emiliano, o segundo, foram os idealizadores do Gandhi. Eles começaram a querer botar um bloco na rua e, no dia seguinte, confirmaram que os Filhos de Gandhi iria sair. Saímos no Julião, depois fomos a Santa Luzia, Baixa dos Sapateiros, Beco do Cirilo, Rua Chile. No Bonfim, fomos a partir do ano de 1950, a pé. Naquela época, o carnaval era na Praça da Sé, no Terreiro de Jesus e na Praça Municipal. Quando o Gandhi foi à rua, não existia carnaval na Praça Castro Alves. Naquela época, a palavra era respeitada. Um sócio antigo apresentava um novato, e ficava responsável por ele. Qualquer mal entendido com o novo sócio, quem respondia era o responsável. Tivemos medo, porque levávamos um Bloco com o nome de Gandhi, um homem lutador e, na época, a política do Brasil era a ditadura. Mas não aconteceu nada entre o

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Filhos de Gandhi e a polícia. No primeiro ano que o Gandhi saiu, eram cerca de cem homens; no segundo, este número aumentou para duzentos homens. Eu saí no Gandhi de 1949 até 1960. Fiquei uns tempos afastado e voltei em 1976. Sobre os atuais dirigentes e as novas gerações que se integraram ao Filhos de Gandhi, Zoião mostra-se esperançoso: não vou poder sair sempre no Gandhi. Espero que eles levem o Filhos de Gandhi à frente, com organização, respeito e dignidade”.

“Filhos de Gandhi” - Anísio Félix - 1997

MANOEL PEDRO CARDOSO

Deputado da Paraíba/ séc XIX

Mulato de superior inteligência e de erudição máxima, grande na cultura jurídica, na advocacia, no jornalismo e na oratória - assim descreveu Liberato de Bitencourt, em sua obra *Homens do Brasil*, de 1914, a Manoel Pedro Cardoso, que foi deputado geral pela Paraíba. Eleito na 17ª. Legislatura, no século passado. Nasceu em Jacoca, formou-se em Direito no Recife, depois de brilhante curso. Faleceu no Rio de Janeiro entre os anos de 1879 e 1881. Era de alta estatura e de orgulho desmedido, graças talvez à ingratidão da cor. Mas tinha talento de sobra e erudição vastíssima, o que em parte lhe atenuava aquele traço moral, assim avaliou o biógrafo. Orador eloqüentíssimo, jornalista exímio, na imprensa e na tribuna deixou mostras brilhantes de sua rara superioridade intelectual e da sua extraordinária cultura literária. E nada mais se sabe desse espírito verdadeiramente agigantado, a Tobias Barreto ou a Guedes Cabral.

Homens do Brasil - Liberato Bitencourt - Vol II - Paraíba - 1914

MANOEL QUIRINO

Primeiro historiador negro do Brasil

Manoel Raimundo Quirino nasceu no dia 28 de julho de 1851, em Santo Amaro, no Estado da Bahia. A sua infância, como a de todos os negros que subiram na vida, foi muito sofrida e atribulada, aliás, esta era uma de suas marcas registradas: lutar e sofrer; sofrer e lutar. Começou pelo surto epidêmico de 1855 que atingiu a sua cidade natal, levando o seu pai para a eternidade quando Quirino ainda tinha 4 anos de idade. Em razão desta infausta ocorrência, Manoel Quirino veio a ser cuidado por um tutor, que era o Professor Manoel Correia Garcia, com quem se inicia nos conhecimentos das primeiras letras. Concluído o curso primário com dificuldades, Quirino já com 17 anos, em 1868, alista-se como recruta e passa a viajar pelos sertões do Estado de Pernambuco e Piauí, unindo-se aí a um contingente que se destinava ao Paraguai. Contudo, por questão de saúde, Manoel Quirino não é enviado para o Paraguai, o que lhe dá oportunidade para ir para o Rio de

Janeiro nesse mesmo ano, onde se emprega no escritório de um quartel. Em 1870, já era promovido a Cabo de Esquadra, dando baixa, em seguida, da vida militar. De volta à Bahia, Manoel Quirino começa a trabalhar nas fainas modestas de pintor e de decorador, o que lhe dava sobras de tempo para estudar francês e português, no Colégio 25 de Março e no Liceu de Artes e Ofícios - instituição educacional da qual acabou sendo um de seus fundadores. Com a sua forte inclinação para o desenho, matricula-se, ato contínuo, na Escola de Belas Artes, onde se distinguiu como um de seus melhores alunos, obtendo, com isso, o diploma de desenhista no ano 1882, fazendo, em seguida, o curso de arquitetura, sendo aprovado, nesta matéria com distinção, e contemplado com várias honrarias e medalhas em concursos e exposições promovidas pela própria Escola de Belas Artes e pelo Liceu de Artes e Ofícios. Manoel Quirino chegou a ser lente de desenho geométrico no Liceu de Artes e Ofícios e no Colégio dos Órfãos de São Joaquim, publicando, na ocasião, um manual de desenho em 1903 e outras obras do gênero, mais tarde. A política passou a ser uma de suas preocupações, atuando, com destaque, como republicano, como liberal e como abolicionista, atitudes que, na época, se identificavam com a esquerda em atividade. Com outros do Grupo da Sociedade Libertadora Sete de Setembro, assinou o Manifesto Republicano de 1870. Manoel fundou os periódicos “A Província” e “O Trabalho”, onde defendeu com muito ardor as suas idéias republicanas e abolicionistas, tornando-se um dos mais ativos ativistas desse grupo. Escreveu inúmeros artigos para a “Gazeta da Tarde”, já notabilizando-se como o *Primeiro Historiador Negro do Brasil*. Antes, nenhum afro-brasileiro havia até então dado a sua perspectiva da História do Brasil, fazendo justiça às contribuições africanas para a Nação Brasileira, cujo ambiente estava impregnado de indiferenças e hipocrisia colocado na pior forma de racismo anti-negro. Falando de suas fontes de pesquisas, Quirino revelava que muitas das informações vinham diretamente de respeitáveis afro-brasileiros idosos que conversavam com ele sem inibições, pois o viam como um amigo. Manoel Quirino faleceu em Salvador, em 1923. Arthur Ramos tinha-o como um modelo de coragem, lucidez e probidade.

A History of Brazil, de Bradford Burno, Universidade de Columbia - Estados Unidos

MANSUETO

Compositor

No dia 4 de novembro de 1924 nasce na cidade do Rio de Janeiro, o músico e compositor negro, Mansueto Campos Menezes, que veio ao mundo sob o signo de menino pobre que viveu e cresceu na favela do Morro do Pinto, tendo

por ambiente a convivência dos partideiros, das rodas de samba e de batucadas. Desta forma, envolvido pelo clima musical em que foi criado, ainda na adolescência começou a apresentar-se como baterista em vários conjuntos. Bastou tomarem conhecimento de sua existência como entendido em música para receber convite para integrar a Orquestra de Copinha, no Copacabana Palace. É a partir daí, que Mansueto passa a viver como músico profissional, isso na década de 50, quando começa, também, a compor. O primeiro sucesso veio com sua composição *Me Deixe em Paz*, música feita em parceria com Ailton Amorim, numa gravação na voz da cantora Linda Batista, para o carnaval de 1952. É por honra e graça ao êxito alcançado com este samba que diversas músicas de sua criação vieram a ser incluídas no show Fantasia-Fantasia apresentado no Golden Room do Copacabana Palace. Caminho aberto para o sucesso, Mansueto começa a trilhar por ele com segurança e desenvoltura, apresentando outros trabalhos como o samba *A Fonte Secou*, em co-autoria com Tufic Lauer e Marecléo, e *Mora na Filosofia*, com Arnaldo Passos. *Mora na Filosofia* tornou-se um clássico da MPB, projetando ainda mais Mansueto para frente e para o alto. Interessado em ampliar suas situações artísticas, o compositor aceitou participar dos filmes *Treze Cadeiras*, dirigido por Franz Eichhorn, e *Quem Roubou Meu Samba?*, de José Carlos Burle. Atuando como cantor em diversos números musicais de *Na Corda Bamba*, do diretor



Eurides Ramos, Mansueto consolida o seu prestígio viajando por todo o Brasil, pela América Latina, Europa e África, apresentando-se em shows com Erivelto Martins. É nesse tempo que Mansueto atinge o auge de sua carreira, tornando-se tão popular que se deu ao luxo de criar “gírias que logo foram absorvidas pelas grandes massas, como *Castiga, Vou Botar pra Jambrar, Diz, Ziriguidum, Mora*, entre várias outras. Talento multifário, Mansueto dedicou-se também à pintura de índole primitivista, recebendo por uma de suas telas o prêmio do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, numa carreira que teve início em 1965. Sem pertencer a nenhuma escola de samba, mesmo assim, Mansueto era querido por todas elas. Cada carnaval, o compositor desfilava por uma agremiação diferente, sempre com a mesma alegria que o caracterizou. A última, em 1972, foi pela Unidos de Vila Isabel. No ano seguinte, integrou o elenco do filme *O Forte*, de Olney São Paulo, na Bahia, no qual interpretava o papel de um diretor de harmonia de Escola de Samba. Mansue-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

to adoeceu no meio das filmagens e voltou para o Rio de Janeiro, às pressas, onde foi logo hospitalizado e desenganado pelos médicos, que diagnosticaram câncer no fígado, o que o levou a falecer no dia 17 de fevereiro de 1973, com apenas 49 anos de idade. "Caracterizado pelos versos sintéticos, a obra de Mansucto teve reconhecimento ainda antes de sua morte, a partir das gravações das composições *Me Deixa Morrer*, por Milton Nascimento e Alaíde Costa, no LP Clube da Esquina, e do samba *Mora na Filosofia*, por Caetano Veloso, no LP Transa. Um ano depois, Caetano relança *Eu Quero Essa Mulher*, no Disco Araçá Azul. Outras composições como *O Lamento da Lavadeira*, além das músicas *Na Casa de Corongondó*, feita com Arnaldo Passos, *Couro do Falecido*, co-autoria, com Jorge de Castro, *Levou Fermento*, com José Batista, *Tá pra Acontecer*, com José Batista e Ivan Campos".

História do Samba - Editora Globo - 1997

MANU MATUMBO

Artista plástico

O artista plástico Manu Matumbo nasceu Manoel Francisco Olímpio da Silva, em 11 de maio de 1958, na cidade de São Luís do Maranhão, filho de Albino Ursulino e Josefa Olímpia da Silva. Passou a infância e adolescência em São Luís, onde concluiu seus estudos na Escola Técnica Federal do Maranhão, em 1977. No ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde realizou estágio prático como técnico de mecânica na Refinaria Duque de Caxias, REDUC, da Petrobrás. Porém, em 1982 abandonou a carreira técnica para dedicar-se aos trabalhos de artes plásticas, tendo a madeira como matéria-prima. A temática dos trabalhos produzidos por Manu Matumbo enfatiza a herança cultural africana no Brasil, e as peças confeccionadas abrangem uma variedade que vai desde esculturas, objetos decorativos e jóias, até a produção de instrumentos musicais e mobiliários. Com essa bagagem, foi convidado a participar da 1ª. *Quinzena de Cultura Afro-Brasileira*, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, a qual foi realizada na Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, em 1983. Também participou da 1ª *Kizomba*, a qual constituiu-se num conagraamento entre artistas brasileiros e africanos, sob a coordenação do cantor e compositor Martinho da Vila, no Rio de Janeiro, no ano de 1984. No mesmo ano, realizou exposição individual no Espaço Cultural Pirandelo na cidade de São Paulo, SP. A partir de 1985, em parceria com seu irmão e também artista plástico Domingo Maranhães, deu início ao *Projeto África Zumbi Arte Negra*, o qual tinha por objetivo o incremento da produção artística e cultural, bem como a geração de renda para dar auto-sustentação às ações promovidas pelo Movimento Negro. Ainda em 1985, já no âmbito do Projeto África Zumbi Arte Negra, partici-

pou da *Exposição de Artistas Negros*, realizada no Porão das Artes, na cidade de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro. No mesmo ano esteve também em Brasília, onde realizou exposição individual no Foyer do Teatro Nacional, sob os auspícios da Fundação Cultural do Distrito Federal. Em 1986, seus trabalhos estiveram presentes na exposição coletiva organizada pelo Serviço Social do Comércio - SESC, filial de Niterói, RJ, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra. Ainda em 1986, participou da Feira das Nações, promovida pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Em 1988, participou da exposição *Reverendo a Abolição*, promovida pelo Instituto Superior de Estudos da Religião - ISER e da *III Kizomba - Festa das Raças*, ambas na cidade do Rio de Janeiro. Em decorrência da excelente receptividade que o trabalho do projeto África-Zumbi Arte Negra recebeu na Capital Federal, o artista decidiu-se por mudar-se do Rio de Janeiro para Brasília, uma vez que além da receptividade observada, a cidade concentra uma miscelânea de pessoas oriundas dos diversos Estados brasileiros, possibilitando o alcance a determinadas regiões, as quais são quase que inatingíveis através do Rio de Janeiro. Também, a tranquilidade de Brasília, em contraste com a violência observada no Rio de Janeiro, propiciava melhores condições para a criação artística. Já em Brasília, teve as portas da Casa Thomas Jefferson abertas para a realização de exposições. Envolveu-se em projetos pioneiros de desmarginalização de meninos de rua, através do desenvolvimento de suas aptidões artísticas e habilidades manuais, quando realizou oficinas de trabalho com madeiras. Participou do carnaval da cidade, confeccionando os carros alegóricos da Escola de Samba Candangos do Bandeirantes para o carnaval de 1992. Mais recentemente, a convite da Assessoria de Relações Públicas do Senado Federal, realizou exposição naquela instituição, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, em novembro de 1996.

MARCELINHO CARIOCA

Jogador de futebol

Marcelo Pereira Surcin - Marcelinho Carioca - nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 1º de fevereiro de 1971, começando a sua carreira de jogador no Madureira (1979-1985), transferindo-se para o Flamengo, de onde veio para o Corinthians. Segundo relata João Palomino numa reportagem na Revista Raça Brasil, de dezembro de 1996:

"Uma carreira feita de gols, dribles desconcertantes e passes precisos carregados de efeito; uma carreira, enfim, feita de pura magia e inspirada na melhor tradição da mais fina estirpe de craques do futebol brasileiro. Não há torcedor rival que não sonhe em ter

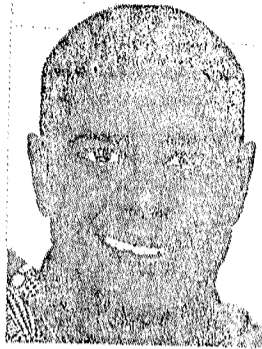
Marcelinho no seu time. Entre as façanhas de Marcelinho, está o gol de placa que mereceu homenagem de Pelé. Uma placa ofertada pelo deus Pelé em homenagem ao gol de outro mundo que marcou em Edinho goleiro dos Santos e filho do rei, no empate de 2 a 2 entre os dois times no Campeonato Paulista de 1996. Coloque a fita no videocassete e reveja o lance comigo: Marcelinho recebe a bola de Tupãzinho e, com um leve toque com a parte externa do pé direito, dá um chapéu no zagueiro santista. Antes que a bola caia, desloca o goleiro Edinho e marca o gol para o Corinthians. Sentado na Tribuna de honra da Vila Belmiro, Pelé não se contém: esse gol merece placa. Como também merece uma o pequenino Marcelo, um gigante de 1,65 metro e modestíssimos 63 quilos. Uma fera com cara de criança e corpo franzino de moleque de rua. Um biotipo fiel à sua história pessoal: aos 8 anos, com os pés já quase do mesmo tamanho que são hoje, Marcelinho só parava de jogar futebol na rua com os outros meninos pobres do bairro de Sulacap, em Jacarepaguá, no Rio, para ajudar o pai a ganhar o pão de cada dia. Trocando a bola por uma caixa de isopor recheada num dia de pastéis e no outro de picolés, ele seduzia os fregueses na praia com seu sorriso contagiante. E voltava para casa com a sensação do dever cumprido."

Raça Brasil - João Palomino - 1996

MARCELO GENTIL

Animador cultural

Em outubro de 63, quando nos bastidores políticos do Brasil se fermentava o golpe de 64, nascia na Liberdade, bairro pobre, populoso e de maior percentual de negros da cidade do Salvador, Marcelo Gentil Nascimento da Cruz, filho mais velho de Josélia Francisca do Nascimento Cruz, operária de fábrica de biscoito, e de João Fernandes da Cruz, funcionário público do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens - DNER. Na segunda metade da década de 70, quando vivia sua rebelde e alegre adolescência, Marcelo Gentil via ao subir e descer ladeiras do Curuzu - Liberdade, a efervescência da luta de valorização do negro se delineando e pulsando nas tranças das negras mais belas, nas batatas coloridas, e nos toques dos tambores do Bloco Afro Ilê Aiyê, (cujos ensaios frequentava aos sábados) que ecoavam no caminho da emancipação e promoção da população negra.



João Palomino

Foi com o Ilê Aiyê, bloco em que brincou o carnaval de 1982 a 1988, que Marcelo Gentil passou a identificar-se como negro e a ter auto-estima. Ainda na época de estudante despertou o gosto pela música, vindo mais tarde a tornar-se compositor, criando músicas para o Ilê Aiyê e para o Olodum. A música foi também responsável pela sua iniciação como militante da luta negra. No cenário dos movimentos negros, foi Diretor de Assuntos Educacionais da UNEGRO (União de Negros Pela Igualdade)-Bahia; foi coordenador do Conselho das Entidades Negras do Estado da Bahia - CENBA; é membro do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia - CDCN - órgão da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado da Bahia. De uma intervenção em um seminário universitário sobre a questão do negro, surgiu o convite para se tornar Diretor de Cultura do Grupo Cultural Olodum, onde respondia no plano internacional, pelas relações do grupo com os países da América Latina e Caribe. Licenciando-se da função para assumir a diretoria de Estudos, Pesquisas e Projetos da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, (1994/96), onde era presidente substituto. Na Fundação, assumiu a coordenação geral da Campanha do Tricentenário de Zumbi dos Palmares. Foi também, membro do Grupo de trabalho interministerial da População Negra, criado em novembro de 1995 pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Formou-se em História pela Universidade Católica do Salvador (1989), porém, os baixos salários da categoria dos professores o afastaram das salas de aula, onde esteve presente de 1988 a 1992. Participando de uma consulta sobre os 500 Anos da América, em Cochabamba - Bolívia, foi convidado a tornar-se correspondente, na Bahia, da Agência Ecumênica de Notícias - AGEN (1992/93) - Agência de Notícias do CLAI (Conselho Latino Americano de Igrejas). Escreveu no período diversos artigos sobre a vida sócio-cultural e política baiana, principalmente sobre a população negra. Tem artigos publicados em vários livros de coletânea de textos, dentre esses, destacam-se dois artigos que foram inseridos no livro *Carta nº 13*, de autoria do saudoso senador Darcy Ribeiro. Deixando a direção da Fundação Palmares, dedicou-se a dar consultoria e a elaborar projetos, tendo como clientes ONGs e algumas embaixadas, principalmente as africanas, até tornar-se coordenador de projetos do Instituto de Pesquisa e Ação Modular - IPAM, em Brasília, onde é também coordenador e Professor de Cursos de Elaboração de Projetos Marketing Social/Cultural e Mobilização de recursos financeiros para organizações não governamentais. Marcelo Gentil reconhece a importância do Olodum para lhe dar referências profissionais, pessoais, sociais e

políticas. Todavia, considera que a coisa mais importante que o Olodum lhe deu, foi a oportunidade de ser entrevistado por uma jornalista da TV E - Bahia. Durante a entrevista se apaixonou e veio depois a casar com Mara Felipe, que é a pessoa mais importante de sua vida, uma espécie de Grande Estrela a dar inspiração para que Marcelo Gentil seja uma das expressões mais representativas de nossas modernas lutas de negritude.

MÁRCIA DIAS

Bailarina

Márcia Dias, filha de Eva Maria Conceição Dias, nascida em 1969, hoje com 29 anos de idade, dos quais 22 anos dedicados à dança, com uma carreira repleta de emoções e de alegrias pelo fato de haver transposto, com sucesso, os invisíveis mas efetivos limites impostos à cor e à raça negra em nosso país. Sua carreira teve início com Ballet Clássico no CEI estudando intensamente e dedicando-se também a outras modalidades, como jazz, ginástica, alongamento, dança-teatro, cardio-funk, lambaeróbica, cabeça e danças de salão. Como a dança é constituída de uma série de movimentos articulados com graça e elegância e cadências obediente a um certo e determinado conjunto de ritmos, geralmente acompanhado por música, a ela, adequada, Márcia Dias, por ser de origem afro, não encontrou grandes dificuldades em aprender os seus mecanismos típicos e caprichosos, revelando excepcionais qualidades, em 1993, quando foi escolhida entre 400 bailarinos para atuar no Projeto Dança, onde, durante um ano, participou ativamente das várias atividades artísticas como: ballet clássico e moderno, anatomia, mímica, maquiagem, dança folclórica, música, coreografia, cenografia, teatro, dança brasileira entre outras atividades. O nome de Márcia Dias alcançou latitudes e projetou-se de tal forma que a sua participação em grupos de Dança como o de "Salsa e Merengue", junto ao qual desenvolveu a dança da Cabeça, e do "Grupo de Danças de Salão da Academia Spaceart", entrando, por meio desse, no mundo televisivo, foi considerado como absolutamente natural e merecida. Com isso, todo o Brasil passou a ter o privilégio de apreciar e de aplaudir a performance de Márcia Dias através de sua participação no Programa Ligação, da CNT. De aluna aplicada Márcia Dias passa a professora competente e das mais requisitadas para a sua condição de menina negra, de apenas 14 anos de idade, usando a dança como terapia e como prática pedagógica envolvendo populações carentes e faveladas. Ao ritmo avassalador de ininterruptas atividades ligadas à sua especialidade, Márcia Dias passou a atuar junto às academias de dança, adquirindo e transmitindo experiências, a ponto de, com 23 anos de idade,

abrir o seu próprio espaço, salão de danças que recebeu o sugestivo nome de *Academia Axé Corpus*. Este espaço, por todos os títulos altamente sofisticados, está disponível para que os alunos de diferentes faixas etárias e variada condição social, utilizem e se aprimorem com aulas e shows, extraindo desse tipo de lazer e de instrução, o melhor proveito pessoal possível. Mas, o renome de sua qualidade de professora de dança e espírito de solidariedade humana não se restringem ao território nacional. Márcia Dias esteve nos Estados Unidos e na Alemanha, onde ministrou aulas de Danças Brasileiras aprimorando os conhecimentos nesta sua especialização e divulgando o nome do Brasil. Atualmente Márcia Dias, além de lecionar em sua Academia, hoje acompanha Chico Peltier em seus cursos rápidos e workshops no Brasil e no exterior, compartilhando sua alegria e experiência com o público amante das danças de Salão e que está disposta a superar os seus próprios limites.

MARCÍLIO DIAS

Herói da Marinha

Nas entrelinhas das páginas das historiografia oficial brasileira, que, no mais das ocasiões, enaltecem os vencedores e oculta-se, quantas vezes, episódios que estão a exigir da parte de pesquisadores comprometidos com a verdade dos fatos, uma reavaliação, de modo a que os acontecimentos vistos, também, pela perspectiva dos vencidos, reflitam novos ângulos de tais feitos e novos vultos saltariam da obscuridade para serem contemplados na plenitude de sua integridade cívica e moral. É com esta consciência de quem compulsa os livros, na busca desses personagens, que muito pouco, ou quase nunca puseram os pés na passarela da fama, que nós fomos encontrar o nome do marinheiro negro, de nome Marcílio Dias. São estes nossos livros que nos revelam o quanto são vagos, ou escassos, os dados biográficos, ainda que confiáveis, delineando os traços de sua vida pública e pessoal. Sabe-se, contudo, que em 1855 vamos encontrá-lo, com 17 anos de idade, na condição de grumete, graduação inicial na ordem hierárquica da Marinha Brasileira. Nascido no Estado do Rio Grande do Sul, em 1838, Marcílio Dias, apesar de sua descendência afro-brasileira, consegue fazer carreira regular em navios da esquadra até obter a posição, por todos os títulos, honrosa, de Marinheiro de Primeira Classe. Inteiramente dedicado aos encargos de um excelente profissional, Marcílio Dias, acabou sendo considerado um dos melhores soldados da artilharia naval de seu tempo, cabendo-lhe, por isso mesmo, desenvolver uma intensa atividade nos principais episódios da Guerra do Paraguai em que o Brasil se envolveu, que foi a tomada do Paissandu, em 1865, no

Quem é Quem na Negritude Brasileira

dia 2 de Janeiro. Segundo os historiadores, foi uma batalha encarniçada que se estendeu por 3 dias, que só terminou com a rendição incondicional do General Leandro Gomez, acompanhado dos seus 700 homens; uma espécie de espólio de guerra. A presença da Esquadra Brasileira comandada pelo Almirante Tamandaré foi de fundamental importância para que a vitória pendesse para o lado do Brasil; Marcílio Dias lutou como um leão nesse combate renhido e sangrento, que impôs inúmeras baixas, de lado a lado, com nítida vantagem para as forças brasileiras. Meses depois, Marcílio Dias é convocado para tomar parte, a bordo da corveta Parafaba, na famosa batalha naval do Riachuelo ("célebre combate efetuado na primeira fase da Guerra do Paraguai, travada no dia 11 de junho de 1865"). Foi nesse instante que a corveta em que se encontrava foi assaltada por um grupo de soldados paraguaios, que Marcílio Dias que a chefiava, sem pestanejar, atirou-se de corpo e alma para enfrentá-los e acabou sendo ferido de morte depois de dar cabo de vários de seus inimigos. Não havia como sobreviver a tantos graves ferimentos, vindo a falecer em combate. Pelos seus feitos de bravura e heroísmo foi sepultado com honra sob as águas do Rio Paraná no dia 13 de junho de 1865. Tido e considerado como herói da Marinha Brasileira, Marcílio Dias tem o seu retrato ornamentando quase que em todos os navios e alojamentos da Marinha Nacional, tributo prestado pelas Forças Armadas a um descendente de afro-brasileiro, cujo nome e feitos são lamentavelmente, muito pouco, ou quase nada conhecidos pelos brasileiros das últimas gerações.

Dicionário Biográfico Universal Três
Editora Três - 1983

MARCÍLIO NASCIMENTO FERNANDES

Poeta

É absolutamente certo se dizer que negro é uma criatura sensível. Sua passagem pela vida, sua trajetória, seu itinerário de dor e sofrimento pelo fato de ser de procedência africana e de saber que seus ancestrais fazem parte de um povo que fora submetido por outros povos, mas que sempre soube lutar com destemor e galhardia, o eleva ao nível dos grandes heróis e dos maiores mártires da humanidade. Este legado é a fonte inspiradora de sua alma e um motivo a mais para a afirmação de seu valor e da sua dignidade. Portanto quando um poeta, como o faz o poeta Marcílio Nascimento Fernandes, o faz de forma pura, autêntica e generosa. Essas nuances, essas graduações de sentimentos espalham-se ao longo das páginas de seu livro de poesia *Devaneios e Sátiras*, que por sinal mereceu o prefácio do nosso antológico Jayme de Aguiar, uma dessas figuras que

Quem é Quem na Negritude Brasileira

participaram e brilharam a criação da *lenda Frente Negra Brasileira*, que diz, a respeito de Marcílio Nascimento, tratar-se de um autor que enriquece a plêiade de menestres que têm surgido ultimamente. "A poesia, nestes últimos tempos, está se tornando grande em nosso meio; poetas vários, obedecendo a escolas diversas, aparecem constantemente, dando-nos imenso prazer, pois a leitura de uma coletânea de versos simples, singelos, de uma sensibilidade invulgar como esta", do livro *Devaneios e Sátiras*. De um modo direto ou frontal, Marcílio Nascimento não se refere à questão da negritude. O fato de o autor ser um negro basta para ser objeto de registro nesta coletânea que traz por título, *Quem é Quem na Negritude Brasileira*. A pesquisadores e estudiosos de nossas letras, a nosso ver, é a quem cabe a classificação dos autores que desfilam por este nosso livro bem como lhes incumbe a nobre tarefa de fixar o alcance e o significado de suas obras. Portanto, Marcílio Nascimento Fernandes, com este livro, *Devaneios e Sátiras*, adquiriu status, de modo justo e merecido, para figurar entre os que temos de efetivo humano participando das várias modalidades artísticas, científicas, esportivas, literárias, religiosas, mostrando o amplo espectro em que atuam em nosso país os descendentes de africanos. Nós tivemos oportunidade de manifestar as impressões que tivemos ao escrever a orelha de *Devaneios e Sátiras*. "Em que pese a inclinação do poeta em epígrafe para a criação de uma poesia de inequívocas emanações sentimentais, em que o estado d'alma mais frequente do incorrigível romântico manifesta-se em quase todos os poemas desta obra, ainda assim, o espírito jocoso, mordaz e, por vezes, irreverente de Marcílio Nascimento de quando em vez se desprende de seu casulo de sonhos e se solta, com graça e desenvoltura, por entre algumas de suas criações poéticas mais expressivas". Aí está exposto o esboço do perfil de um poeta do povo que a poesia negra jamais poderá deixar de reconhecer; espera-se que a história não tarde a fixar esta imagem de ébano poético no cenário da literatura nacional dos tempos modernos.

Devaneios e Sátiras, de Marcílio Nascimento Fernandes - Edição do Autor - 1982

MÁRCIO PEREIRA DE SOUZA

Vereador e sindicalista

Márcio Pereira de Souza, nascido em 4 de março de 1959, é natural de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, filho que é de Aristeu de Souza e Wilma Garcia Pereira de Souza. É formado em Química Aplicada e Bacharel em Farmácia, ambos os cursos feitos na Universidade Federal de Santa Catarina. Como profissão adicional é professor concursado da rede estadual de Educação, estando lotado no Instituto Estadual de Educação. Márcio exerce uma longa e profícua militância junto aos

movimentos negros de seu estado credenciando-se como um dos fundadores do *Grupo cultural Antonieta de Barros*, em 1980, e atua com despreendimento e determinação em outros grupos culturais, como *União e Consciência Negra*, ao mesmo tempo em que integra, valorizando com o seu concurso, o *Núcleo de estudos Negros (NEN)* no estado. Abrangendo um amplo espectro de atividades de natureza sócio-política-cultural, Márcio Pereira de Souza marca presença junto ao movimento sindical de seu estado, quando milita na base da Associação dos Licenciados, desde 1980 - antiga instituição que tem por sigla ALISE. No Sindicato dos Trabalhadores em educação (SINTE), do Estado de Santa Catarina, Márcio já atuou por dois mandatos, na condição de secretário-geral. É de fundamental importância que ressaltemos o alcance e o significado sócio-político desenvolvidos pelos Sindicatos, na salvaguarda das garantias dos Direitos Humanos. Instrumento que representa os interesses específicos da Classe Trabalhadora,



estas instituições trabalhistas, uma vez mantidas, revigoradas e dirigidas pelos trabalhadores, são penhores de justiça e de equilíbrio entre o "capital e trabalho", de modo que o exercício da plena cidadania seja um apanágio civilizatório de qualquer sociedade humana, a nível universal. O grau de consciência que preside o empenho com que Márcio Pereira de Souza desenvolve as suas atividades, tanto na área da negritude, quanto no setor das lutas trabalhistas e sindicais, o municiaram de credenciais que o autorizam filiar-se e a destacar-se junto às fileiras dos que integram o Partido dos Trabalhadores, onde representa esta agremiação por dois mandatos consecutivos, na qualidade de Vereador eleito e reeleito para a Câmara Municipal da gloriosa e histórica cidade de Florianópolis: o primeiro mandato foi no quadriênio 1992/1996, e o segundo, no ano de 1997/2000. Hoje, por força de seu prestígio pessoal e pela autoridade com que foi consagrado nesta segunda investida Márcio Pereira de Souza, é líder da bancada do Partido dos Trabalhadores - PT na Edilidade de Florianópolis. Vereador de origem humilde e que se orgulha de ser de origem afro-brasileira, Márcio Pereira de Souza é exemplo de coragem e de perseverança, na qualidade de alguém que entende que "Quem Sabe Faz a Hora e Não Espera Acontecer", como nos ensinou Geraldo Vandré. Márcio Pereira de Souza é uma eloquente afirmação da vocação e da capacidade do negro para crescer e subir na escala social brasileira.

MARCO ANTÔNIO RIO BRANCO MARTINS

Administrador público e diretor do CNAB

Marco Antonio Rio Branco Martins, sul-riograndense nascido na cidade de Porto Alegre, é fundador do Partido Social Democrático Brasileiro-PSDB no Zonal da 158ª desta capital em 1990, tornando-se presidente de 1993 a 1997. Rio Branco foi ainda Presidente da Coordenadoria Metropolitana da capital gaúcha entre 1994 e 1995, e membro de seu Diretório Regional na condição de Tesoureiro da Executiva Estadual do PSDB 1996/1997, período em que se candidatou, tornando-se suplente de vereador da cidade de Porto Alegre. Com instrução superior pela Escola Superior de Administração Pública do Rio Grande do Sul-ESAPERGS, Marco Antonio Rio Branco atua como gestor público, contador, Auditor da Fazenda Estadual e diretor administrativo e financeiro de empresas aéreas privadas. Sendo um homem especializado na área econômico-financeira, qualificou-se para ser indicado como coordenador Regional da Fazenda, em 94 municípios, gestão desempenhada de 1986 a 1999. Gerente do Caixa Único do Estado do Rio Grande do Sul - 1991-1992, e Diretor da Secretaria da Fazenda 1993-1995, foi elevado à condição de chefe da receita estadual. Estas funções de natureza administrativa não distanciaram o Dr. Marco Antonio Rio Branco Martins das atividades civis e sociais inerentes à qualidade de cidadão prestante, de quem sempre soube colocar a sua formação acadêmica e a sua experiência como administrador a serviço de seus semelhantes, particularmente, dos menos favorecidos, como é o caso dos que integram a comunidade afro-brasileira. De espírito aberto ao diálogo que leva à construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, pluralista e igualitária, Dr. Rio Branco, como presidente e fundador da *Organização Beneficente Vida Viva*, no ano de 1995, instituição mantenedora das Farmácias Comunitárias Vida Viva, com sede na cidade de Porto Alegre, vem realizando um benemérito trabalho de amparo e assistência para as pessoas que ainda carecem da atenção do Estado e da solidariedade de pessoas capazes e despreendidas que tenham a sensibilidade humana do nosso biografado. Como se vê, para se fazer o bem sem olhar a quem, como nos ensina a Bíblia, não é necessariamente de se estar vinculado neste ou naquele partido; o importante é que saibamos ver no nosso semelhante, o nosso irmão mais próximo, independente de sua etnia, de sua raça, de sua cor, de sua religião, de sua agremiação político-partidária, enfim, de sua filosofia de vida. É este o caso do Dr. Rio Branco, que dedica boa parte de seu

tempo para estar acudindo e socorrendo os necessitados. Talvez seja por isso que Dr. Rio Branco é hoje um dos integrantes do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, que tem propostas de defesa e de promoção para os negros deste país.

MARCOS RUFINO

Professor

Se nós nos basearmos nos dados fornecidos pelo censo de 1980, que, na ocasião, levou em consideração o quesito "cor", para efeito de classificação demográfica dos habitantes do Brasil, verificou-se que o Estado de Santa Catarina é a unidade da Federação que possui o mais baixo percentual de negros e pardos, com apenas e tão somente 5,16%. Isto significa que, em termos numéricos, para um universo de 4.541.994 brasileiros de Santa Catarina existe um contingente de afro-brasileiros da ordem de 227.097 aproximadamente. Pois é neste estado meridional, povoado por constantes e volumosas correntes de procedência germânica e italiana, que surgiu um dos grupos afro-descendentes mais conscientes e determinados. Este é o ambiente que serviu de berço para o nascimento de Marcos Aurélio Rufino, o popular e simpático *Cannetta*. Este moço, nascido no dia 19 de agosto de 1966, em Florianópolis, é filho de Lenaide Rufino e Eli Terezinha Rufino. A sua origem negra, de que tanto se orgulha, apesar das restrições a que sua etnia está submetida por uma questão cultural, não se constituiu num empecilho que impedisse os seus passos rumo à integração de Marcos Rufino no principal fluxo dos que hoje compõem os cidadãos de primeira classe em Santa Catarina. Tanto é verdade, que este jovem de formação universitária é pós-graduado em Gestão de Pessoal e Recursos Humanos na Administração, da Universidade Federal de Santa Catarina e licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Sua atuação profissional estende-se neste instante em duas esferas: a de professor e a de assistente de gabinete do governador Paulo Afonso. A militância de Marcos Rufino é reconhecida e acatada por quantos que com ele convivem, com especial destaque para a luta que, há tempos, empreende como integrante do Grupo Liberdade, do qual é membro fundador e o representante mais qualificado do Congresso Nacional Afro-Bra-



sileiro (CNAB); membro do Conselho Estadual do Idoso e filiado ao PMDB desde 1992. Numa nítida demonstração de que tamanho não é documento, os afro-brasileiros de Santa Catarina, ainda que demograficamente pequenos em relação aos demais estados da Federação, projetam-se em qualidade, tornando-se dignos de registro entre *Quem é Quem na Negritude Brasileira*, valendo que sejam citados nominalmente João da Cruz e Sousa, Rita Maria, Antonieta de Barros, Márcio Pereira de Souza, Adhemar dos Santos, Vicente Francisco do Espírito Santo e este que, com prazer inusitado, tentamos tecer-lhe o singular perfil, que é Marcos Rufino, que emprega o melhor de seu vigor e idealismo na realização das Olimpíadas da Procasa - com mil atletas; na luta de Prevenção Contra a Aids; do Encontro Afro-Catarinense - 3ª edição; no Destaque da Raça Negra, 6ª edição (Premiação Anual) e Empreendimento Afro-Music - 2ª edição (evento musical). Marcos Rufino é um exímio compositor de sambas-enredos, intérprete popular e escritor de artigos sobre as questões da negritude.

MARIA APARECIDA BENTO

Psicóloga e co-diretora do CEERT

Maria Aparecida Silva Bento é paulista, nascida no dia 4 de fevereiro de 1952. Filha de Ruth Silva Bento e João Bento, é divorciada e mãe de um filho, Daniel Teixeira da Silva Bento. Maria Aparecida Bento fez doutoramento em Psicologia pela Universidade de São Paulo - USP e já trabalhou por mais de 17 anos como psicóloga organizacional na Companhia Energética de São Paulo - CESP, e ainda é co-diretora do CEERT - Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades de Gênero e Raça no Trabalho. Aparecida Bento é mestre e psicóloga social, sendo, também coordenadora de CEERT e o CPDCN dispôs do seu valioso concurso, como coordenadora do setor de Relações do Trabalho a essa prestigiosa entidade. A atuação de Maria Aparecida Bento em simpósios e seminários, tem sido intensa nestes últimos 10 anos, quer participando ou quer proferindo palestras, conferências, desde que a discussão ou o debate gire em torno da questão raça e gênero, junto a movimentos sindicais, negros, de mulheres, ou instâncias universitárias, já que para atender a tais demandas tem feito, com certa frequência e regularidade, inúmeras viagens ao exterior. Em certa ocasião, Maria Aparecida Silva Bento respondeu dizendo que a área de trabalho do CEERT não se limita somente a cuidar da questão afro-brasileira. Diz ela que o CEERT procura não lidar apenas ou exclusivamente com negros. "Ou seja, nós não nos dedicamos aos problemas dos negros, mas às relações raciais, que também envol-



vem brancos". Essa ação auxiliou o nascimento da Comissão Anti-Racismo da Central Única dos Trabalhadores. Aliás, há três anos estamos estudando o branco no Brasil. Os elementos da branquitude, seja no mercado de trabalho, seja no aparelho

do Estado, conferem um tipo de resposta à intervenção negra. E nós queremos compreender melhor esse fenômeno. Evidentemente que a abertura para esta outra perspectiva não foi coisa fácil, reconhece a professora Maria Aparecida Silva Bento. Tanto é que ela responde dizendo que uma dificuldade clara tem sido a captação de recursos, embora nós tenhamos contado com a colaboração de instituições importantes, como a Fundação Ford e a Fundação MacArthur no Brasil. Mas muitas das ações empreendidas no campo sindical foram feitas com baixa ou nenhuma remuneração. Nós, os integrantes da organização, viemos da militância. Portanto, esse papel de prestador de serviços ainda se apresenta de maneira ambígua, prejudicado pela tendência de não se valorizar o conhecimento acumulado na temática racial. Para Aparecida Bento, já é tempo de se reconhecer melhor como instituição, órgãos públicos, sindicatos, empresas que respondem aos programas de combate à discriminação. Muitas vezes são instituições "brancas" que estão encarregadas de implantar esses programas, sem terem sido preparadas para tanto. Não têm noção de um saber negro acumulado ao longo de muito tempo, um saber que certamente fará toda a diferença para o equilíbrio e a qualidade das relações sociais.

*Revista do CEERT - Volume 1, n.º 1 -
Novembro de 1997*

MARIA AUGUSTA *Cozinha afro-brasileira*

Maria Augusta da Silva Antonio é natural da cidade do Leme, interior do Estado de São Paulo, onde nasceu, no dia 6 de dezembro de 1943. Filha de Aparecido Silva Antonio e de Dona Benedita Silva Antonio, Maria Augusta, hoje desquitada, é mãe de dois filhos; Geraldo Marques Oliveira Júnior e Marcelo Marques de Oliveira. Maria Augusta da Silva Antonio, antes de tudo, é uma idealista e o seu grande sonho é o de contribuir, de alguma forma para a valorização, prestígio e soerguimento dos afro-brasileiros, raça de que tanto se orgulha

Quem é Quem na Negritude Brasileira

pertencer. Entre os seus projetos, o mais importante é o que se refere à arte culinária, em cuja raiz encontra-se a própria cultura trazida para o Brasil pelos africanos escravizados. O Projeto Feirafro, por exemplo, é a concretização do pensamento de um grupo familiar negro, que a partir de uma bem sucedida experiência de trabalho com crianças negras, e não negras, na cidade do Leme, interior de São Paulo, sentiu a possibilidade da sua ampliação quando apoiado por algumas lideranças da comunidade negra paulistana, de modo que se unifiquem os interesses de natureza social, cultural, artística, profissional, econômica e educacional. Pretender reunir e organizar, de modo sistemático e permanentemente, em praças e espaços públicos, ou



ainda, em pontos estratégicos da cidade, todos os artistas, artesões e expositores de origem negro-africana, é uma das ambições ardentemente acalentadas por Maria Augusta da Silva Antonio, que tudo tem feito e vem fazendo, com este objetivo.

MARIA AUXILIADORA DA SILVA *Pintora primitivista*

Quando se pretende falar de Mulher Negra com carinho, seriedade e reverência, por uma questão de justiça, o melhor que se tem a fazer é ouvir de seus próprios lábios a fala com que ela mesma se situa no contexto da realidade que lhe fora imposta através de sua longa, heróica e, por vezes, dolorosa travessia quase sempre ignorada pelos malfeitores da história humana. Neste sentido Helena Theodoro tem tudo a ver com a beleza, a ternura e o estóico sacrifício dessa criatura que é matriz de nossa própria vida, quando diz peremptoriamente que as mulheres negras foram cozinheiras, lavadeiras, arrumadeiras, mães, mas fica-

ram vazias como campos de outono, sem nunca ver o tempo da colheita: casaram sem amor e sem alegrias, tornaram-se prostitutas, sem resistência, tornaram-se mães sem auto-realização... No mercado, na cozinha, no barracão, na equipe de costura, na organização de festas e recepções, a mulher negra vem cumprindo os seus papéis arquetípos segundo os mitos africanos: nutre, protege, organiza, cria. É dentro dessa perspectiva que nós vamos encontrar Maria Auxiliadora da Silva, nascida, para uns, em 1935, para outros, em 1938; todos, porém concordam que esta pintora primitivista é natural da Cidade de Campo Belo, Estado de Minas Gerais. Maria Auxiliadora, depois de passar por alguns experimentos reveladores da sua vocação criativa revestida de profunda originalidade, apresenta, em 1968, o seu primeiro quadro em que fixa cenas de um Candomblé - culto negro-africano, com o qual obtém o 1º Prêmio no Embu das Artes, município que se situa nos arredores da Grande São Paulo. Diz Lélia Coelho Frota, que nos historia a vida artística de Maria Auxiliadora, que nesta havia uma segunda característica, onde muitos queriam ver um afloramento da pop-art, que seria a utilização que esta artista negra fazia da nossa plástica para obter relevo, com ele movimentando de maneira extraordinária a superfície da tela. Assim é que o relevo, pronunciado dos órgãos genitais femininos estará ligado a arquetípos de fecundidade. Lélia Coelho Frota afirma que a própria artista reconhece em sua tela Sereia a recriação de Iemanjá, a que se referia Artur Ramos, em O Negro Brasileiro. Os termos amorosos, tanto quanto, os signos religiosos estão sempre presentes nas obras de Maria Auxiliadora da Silva, refletindo, por meio de suas telas, a intensa vibração erótica ditada pelo comportamento e pela ambiência social em que a pintora está inserida. O fato de ter vindo para São Paulo, ainda na tenra idade, não fora o suficiente para lhe cortar o cordão umbilical que a ligava às primeiras impressões marcadas pelas cenas rurais, retratadas com frequência em seus quadros. Contudo, imaginamos que os temas de candomblé, de casa de caboclo, os de cenas dionisíacas de danças, amores, possessão de orixá, sejam os que mais espontaneamente afloram à superfície erótica, vulcânica de sua pintura com alta voltagem do inconsciente para usarmos aqui as palavras de Lélia Coelho Frota. Este estado de espírito criador de Maria Auxiliadora da Silva não entrava em choque com os seus sentimentos de católica que era nos instantes em que pintava a Sagrada Família. Esta pintora negra primitivista tão expressiva pela sua força criativa e pela originalidade de suas obras, faleceu em São Paulo, em 1974, deixando um grande acervo para a posteridade que imortaliza o seu nome.

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1988

MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Historiadora

O menosprezo, o desrespeito e a desumanidade com que as sociedades machistas e sexistas vêm e tratam suas mulheres, revelam o quão pouco a comunidade humana evoluiu, em termos de civilização e urbanidade. Referindo-se então, à mulher negra, este procedimento de animalesca brutalidade atinge uma escala inimaginável. Tanto é que as negras escravas grávidas e que amamentavam não eram dispensadas do uso da enxada, sendo que suas rudes tarefas não permitiam o desenvolvimento regular do feto, acabando o leite materno levando os filhos, que por ventura vingassem, a doenças e à morte, além de serem duramente penalizadas por se deixarem engravidar. Segundo prova do Sr. Visconde de Abaeté, no Senado, dos nascidos na escravidão, não escapavam mais de 5%. Portanto, se nós, hoje, falássemos de Maria Beatriz Nascimento, diríamos como Helena Theodoro, que de repente, não mais que de repente, o pranto: nossa Bia vira história de jornal, relatório policial... Não é descrita como uma oficina de idéias, como um Ori (síntese de pessoa), mas, simplesmente, como um invólucro bonito estragado, por um tiro à queima-roupa, sendo mais uma mulher negra que se envolve em desavenças de um casal. Só que aqueles tiros mudaram não apenas o curso de sua história, mas a nossa própria história. Maria Beatriz Nascimento é natural da cidade de Aracaju, Sergipe, nascida a 17 de julho de 1942. Como sempre acontece nos casos de afro-descendência, Beatriz veio ao mundo no seio de uma família humilde; seu pai era pintor e a mãe uma simples dona-de-casa, sendo que o casal teve dez filhos. Em 1950 os seus pais transferem-se para a cidade do Rio de Janeiro. Beatriz do Nascimento, depois de muito esforço e sacrifício, forma-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializando-se em Técnica de Pesquisa, tendo como seu orientador o historiador José Honório Rodrigues, no Arquivo Nacional. Beatriz fez parte da publicação do Senado Federal para o Sesquicentenário, com o título de *O Parlamento e a Evolução Nacional*. Reconhecida como uma das teóricas do Movimento Negro Unificado, Beatriz Nascimento idealizou e criou o *Grupo de Trabalhadoras da Universidade Federal Fluminense*, em 1975, que consistia em reunir alunos e ex-alunos desta instituição a fim de estudar e pesquisar a respeito nos setores culturais e educacionais. Como autora do projeto que resultou na realização do filme *Ori*, Beatriz se firma como roteirista e narradora deste extraordinário documento de êxito internacional, levando esta peça num simpósio na Alemanha acerca da Cultura Negra Brasileira. O seu falecimento por assassinato ocorrido em 1995, Rio de Janeiro, perda irreparável que abalou a opinião pública do

Brasil e do mundo, fez com que Beatriz Nascimento fosse homenageada em diversos lugares e por inúmeras entidades, como a Casa Brasil-Nigéria, o Instituto Palmares de Direitos Humanos (IPDH), o Grupo de Mulheres que Fazem, tendo-se em vista o Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 1995, o Jornal Maioria Falante e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do Rio de Janeiro. Por ocasião da passeata de celebração da imortalidade de Zumbi dos Palmares, ocorrida em Brasília, em 1995, Maria Beatriz Nascimento foi uma das bandeiras erguidas ante a violência contra a mulher negra no Brasil.

1) *Mito e Espiritualidade - Mulher Negra*, de Helena Theodoro - Pallas Editora - 1996; 2) *Nós, Mulheres Negras* - Senadora Benedita da Silva - 1997

MARIA BRANDÃO DOS REIS

Militante do PCB

Maria Brandão dos Reis nasceu na cidade de Rio das Contas, localizada na Chapada Diamantina, estado de Minas Gerais, no dia 22 de julho de 1900. Esta negra ativista das causas negras e populares queria que houvesse um traço sob as palavras, "dos Reis", do seu sobrenome, como forma de melhor marcar os traços de sua forte personalidade. Maria Brandão dos Reis não se paralisava, atônita, diante das inúmeros problemas que se lhe antepunham, com a intenção de obstar-lhe os vigorosos passos de sua firme e dedicada caminhada rumo à defesa dos mais fracos e dos mais humildes. Negra, operosa e dinâmica, era uma militante política das mais combativas; e viúva em plena mocidade, não foi difícil de ser influenciada pela passagem da Coluna Prestes e interessar-se pelo Partido Político, transferindo residência para Salvador, onde estabeleceu uma pensão, situada na Baixa do Sapateiro, que foi também o seu reduto de militância. Valente mas, ao mesmo tempo, generosa, não negava guarida a quem a procurasse na busca de refeições gratuitas ou de um abrigo para pernoitar: "a sobrevivência humana, em primeiro lugar", imaginamos ser este o seu lema de vida. Tanto é que, além de doar livros e bolsas de estudos aos que queriam, mas não podiam pagar pelas despesas daí resultantes, Maria Brandão dos Reis os socorria sem se importar se os beneficiários eram ou não pertencentes à sua ideologia política. É assim que esta mulher negra determinada entrava de cabeça, nos movimentos sociais e em campanhas que, no seu entender, mereces-



sem o apoio e a sua colaboração. É com este espírito aberto e solidário que, em março de 1949, Maria Brandão dos Reis encampa e apóia as reivindicações das moradoras do bairro do Corta Braço, ameaçadas de perder suas habitações, organizando, para tanto, vigílias noturnas e diversas passeatas de protesto. Habituada a participar de memoráveis campanhas, que retემperavam a integridade de seu caráter cívico, Maria Brandão dos Reis se integra, mais uma vez, e com destacada atuação, na "Campanha da Paz", organizada pelo Partido Comunista Brasileiro, em 1950, de cujo empenho resulta a formação de diversos Conselhos da Paz em diversas cidades do interior do estado da Bahia. Com isso, merecidamente é contemplada com o prêmio de Campeã da Paz, que lhe concedia o direito de fazer uma viagem a Moscou, para ali receber a grande "Medalha da Paz". Porém, isso não ocorreu, em virtude de Maria Brandão dos Reis haver sido preterida por um jovem intelectual, que, por sinal, acabou fazendo feio, ao se embriagar e cair nas águas do Rio Volga. É evidente que Maria Brandão dos Reis jamais perdoou esta injustiça discriminatória e preconceituosa, pelo fato de ela ser negra, mulher, pobre, tríplice estigma que ainda hoje condena milhões e milhões de suas companheiras do mundo inteiro a viverem no ostracismo e na miséria mais abjeta. Frente a esta brutal preterição, Maria Brandão responde com desembaraço e altivez: *Sou preta e ignorante, mas esse papelão eu não faria*, frisou. Revolucionária por temperamento, Maria Brandão dos Reis escapa, em 1964, de ser presa pelos detentores do poder local, refugiando-se em Brasília para 'aconselhamento espiritual', de Rosa de Luxemburgo. Em 1964 retornou à Bahia, onde foi interrogada pela polícia sobre o seu envolvimento com os comunistas. Maria Brandão veio a falecer em 1974, em Salvador, onde ainda hoje vive sua filha.

Folhinha de 1978, do Conselho Estadual da Condição Feminina SP

MARIA DAS GRAÇAS

Empresária

Maria das Graças Santos, natural da cidade de Floriano, Estado do Piauí, onde nasceu no dia 25 de fevereiro de 1953, é filha de dona Areolina Santos Ferreira e de José Geraldo Santos. Com a idade de quatro anos, Maria das Graças veio, com a sua família, para a cidade de Porto Nacional do antigo Estado de Goiás, na parte que hoje é Tocantins. Nessa cidade, permaneceu por quatro anos, transferindo-se, em seguida, para Goiânia, onde deu início aos seus estudos preliminares, chegando a ingressar no curso ginásial que só o completou com a sua transferência para a Capital Brasileira na qual permanece até os dias atuais. Maria das Graças, negra briosa, inteligente e combativa, teve força e energia para dar prosse-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



guimento aos seus estudos, matricular-se na Faculdade de Psicologia na Universidade de Brasília (UnB), onde se formou. Neste período, para se manter, Maria das Graças trabalhava na condição

de funcionária do Banco do Brasil, cargo que exerceu por mais de 25 anos. Consciente de sua negritude, dos problemas inerentes à esta histórica etnia, Maria das Graças participou na qualidade de uma de suas fundadoras, da primeira Entidade Negra de Brasília, ou seja, do Centro de Estudos Afro-Brasileiro (CEAB), em 1979. Sempre inquieta e revelando um grande tino para atividades culturais e empresariais, Maria das Graças participou, por mais de 10 anos, do Movimento Negro Unificado (MNU), seção Distrito Federal. Nesta ocasião, já coberta de novas responsabilidades pessoais, Maria das Graças foi lenta, mas firmemente conduzida para as atividades privadas e como empresária optou pelo ramo de cabeleireira, participando de uma sociedade com outros empreendedores negros. Em 1992, com Wilson Veleci da Silva, jovem negro dinâmico e ambicioso, Maria das Graças, mais uma vez tornando-se pioneira, abre o primeiro Salão Afro-Brasileiro com nome sugestivo de "Daralewa", palavra iorubá que significa, "coisas boas e bonitas". Este projeto tinha por objetivo demonstrar a capacidade e a competência para gerir os próprios negócios e oferecer um serviço de elevada qualidade aos clientes afro-brasileiros, particularmente à mulher negra. No decurso deste prazo ocorreu a mudança da razão social da empresa, cujo o nome passou a chamar-se AFRO-NZINGA - *Cabelo e Arte* - sendo que o nome NZINGA é dado em homenagem à grande rainha negra do povo banto da África, onde hoje se localiza Angola. O sucesso empresarial tem sido surpreendente dando, como resultado, o crescimento e a consolidação de um dos salões de Beleza Negra dos mais representativos do Brasil. Afro-Nzinga é frequentado por gente importante, como artistas, intelectuais e embaixadores com seus altos funcionários, constituindo um cartão de visita de Brasília.

MARIA DE LOURDES THOBIAS SERAFIM

Historiadora e conselheira do CNAB

Maria de Lourdes Thobias Serafim, natural da cidade de Itirapina, São Paulo, nasceu no dia 4 de maio de 1945, filha de Dona Maria Aparecida Thobias e Yolando Thobias, é viúva e tem dois filhos: Fabrício Acácio Thobias Serafim e Felipe Augusto Thobias Sera-

fim. Maria de Lourdes Thobias Serafim é bibliotecária de profissão, função da qual já se aposentou, na condição de funcionária da Universidade de São Carlos. Sempre preocupada com a questão da comunidade negra da região em que viveu e ainda milita, Maria de Lourdes Thobias empregou o melhor de sua inteligência, sensibilidade de mulher afro-brasileira e de sua vitalidade, em prol de instituições que lutavam e ainda defendem a sua cultura e os seus interesses específicos. Maria de Lourdes tem plena consciência do que significa para um brasileiro, ser negro em nosso país. Muito embora este segmento étnico, que aqui é tratado de negro, de pardo, de mulato, de afro-descendente, represente, segundo os últimos levantamentos estatísticos mais responsáveis, um contingente humano da ordem de 70 milhões, aproximadamente, em razão de sua cor e de sua herança estigmatizada pela escravidão, ainda permanece, como um todo, mergulhado nos extratos sociais em que os índices de sua condição de vida sejam as mais degradantes, mesmo assim, este povo negro vem apresentando nestas últimas décadas, uma significativa reação digna de nota. Hoje, a opinião pública já admite afirmar que existe no Brasil uma consistente presença de negros compondo os setores de sua classe média mais estável, pelos padrões de vida de que desfruta. Ainda que se pondere que em termos percentuais, 8 milhões de afro-brasileiros não tenham autoridade para expressar o que realmente acontece com o povo negro, que perfaz mais da metade dos cento e cinquenta milhões de nosso estoque populacional, mesmo assim, trata-se de um número apreciável, se comparado com a estagnação que flagelava todos os descendentes de africanos ainda no término da Segunda Guerra Mundial, ou seja, nos meados do presente século. Maria de Lourdes Thobias Serafim, lutando como uma guerreira anônima no interior de São Paulo, inegavelmente contribuiu, de forma discreta mas decisiva, com outras centenas de lideranças femininas e masculinas, para que a comunidade negra pudesse reagir de modo silencioso mas formidável, fazendo com que a renda desses 8 milhões de brasileiros viessem a auferir, presentemente, uma renda média de 2.600 reais por mês, mudando a cara e o comportamento de negros e brancos em nosso país. Quer como presidente do *Centro Cultural Negro Municipal de São Carlos* ou como diretora da Escola de Samba Independente desta cidade; quer realizando eventos no dia 21 de março todos os anos - ocasião em que reúne importantes pessoas ligadas à luta de resgate da dignidade afro-brasileira - Maria de Lourdes Thobias Serafim esteve sempre à frente dessas iniciativas, para alguns modestas, mas para a maioria, para as criações de bem, altamente edificantes e revolucionárias. Estes são os ingredientes que desenham o perfil de Maria de Lour-

des Thobias para a História, uma vez que se trata de uma das Conselheiras do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB).

MARIA DE LOURDES SIQUEIRA

Antropóloga e Mãe-de-santo

Maria de Lourdes Siqueira é maranhense, nascida em Codó, estudou Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade Federal do Maranhão (1961-1964). Foi Coordenadora e Supervisora do Movimento de Educação de Base - MEB. Em decorrência desse engajamento, especializou-se em Comunidades Rurais Latino-Americanas, com bolsa de estudos da UNESCO em Patzouaro, Estado de Michoacan, no México, 1967. Residindo em Salvador desde 1974, foi escolhida e confirmada "Ekeidi" de Xangô Aganju, orixá a quem pertence a cabeça do Babalorixá Balbino Daniel de Paula - Obaraiym, aquele que responde pelo Ilê Axó Opô Aganju, filho do Ilê Axê Opô Afonjá. Concluiu Mestrado em Ciências Sociais na PUC, São Paulo, apresentando na área de Antropologia o trabalho intitulado *Agô, Agô Lonan: Repensando o Ser Negro em Terreiros de Candomblé*, em 1986. Em continuidade defendeu tese de doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais na área de Antropologia Social e Etnologia - EHESS, Paris, França, em 1992, sobre o mesmo tema: *Agô, Agô Lonan: Mitos, Ritos e Organização em Terreiros de Candomblé na Bahia*. Nesse processo de busca e reencontro de suas raízes africanas, realizou pesquisa sobre a Religião dos Orixás em países africanos de cultura Yorubá - Benim e Togo, convivendo com famílias tradicionais dessa origem em Pobó, Ketu e Anesho, respectivamente, Assabá e Lawson. Representou o Brasil no *I Encontro Mundial de Embaixadores Religiosos das Tradições Espirituais Originárias dos Povos de Abia-yala*, realizado na Bolívia em 1993. Foi convidada a participar do *Encontro Continental de Teologia Afro-indígena e Cristã - Busca de Espaços para a Vida*, realizado no Equador em junho de 1994. Coordenou a mesa-redonda dos *Oloyés - Conselho de Senioridade dos Terreiros de Candomblé*, no Seminário *Meu Tempo é Agora - Ilê Axê Opô Afonjá*, 1994. No plano profissional, Maria de Lourdes Siqueira é professora e pesquisadora do Núcleo de Pós-Graduação em Administração - NPGA da Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia. Responsável pela área de Pesquisa, Dimensões Organizativas da Cultura Afro-Baiana e professora de Metodologia de Pesquisa. É Professora concursada da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 1994. Professora responsável pela disciplina Metodologia de Pesquisa Científica. É, também, diretora da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê. Maria de Lourdes Siqueira publicou artigos em coletâneas, anais de

reuniões científicas, revistas e no Jornal do Movimento Negro Unificado – MNU, dentre os quais destacam-se: *O Candomblé uma Força que Anima*; *Dimensões Organizativas da Cultura Afro-Baiana*; *Quando Falam as Ayabás*; *Agô, Agô Lonan: Mitos, Ritos e Organização em Terceiros de Candomblé da Bahia*; *Repensando Dimensões Organizativas da Cultura Afro-Baiana*; e *Os Orixás na Vida dos que Neles Acreditam*.

MARIA DE LOURDES TEODORO

Escritora, pesquisadora e professora da UnB, além de reconhecida poetisa

Maria de Lourdes Teodoro, filha de Ana Julieta Teodoro e de Antonio Teodoro Filho, é um desses raros exemplos eloqüentes e afirmativos de que a mulher negra responde com tenacidade e abnegação, ternura, coragem e heroísmo, ante a violência com que pretendem impedi-la de pensar com altivez e independência, de ter vontade própria e de contestar, com veemência, em defesa da sua nobre condição feminina e do segmento afro-brasileiro ao qual se orgulha de pertencer. Esta voluntariosa e decidida mulher veio ao mundo na cidade de Formosa, antiga Vila dos Couros, Estado de Goiás, no ano de 1946. Com 12 anos de idade, em meio aos albos da segunda infância, Maria de Lourdes Teodoro empreende uma viagem, para ela insólita, pois levada por seus pais que buscam melhores oportunidades de educação para seus filhos, parte com seus doze irmãos rumo a Brasília, sobre os assentos improvisados de um pau-de-arara, tipo de transporte inseguro e desconfortável da gente humilde desse país. Bastou, entretanto, esta mudança de atmosfera, para que, passados apenas nove anos, a nossa biografada, transformando radicalmente a sua sorte, entrasse para a Universidade de Brasília, UnB, um complexo dos mais conceituados da rede de ensino superior do Brasil, onde, com distinção, forma-se em Letras. Antes porém, ao concluir a oitava série no Colégio CASEB, primeira escola pública de Brasília, MLT é eleita oradora da primeira turma a concluir o primeiro grau no Distrito Federal, tendo seu pai como padrinho de formatura. Anos mais tarde, revelando sua

inclinação para a literatura, idealiza e coordena a edição e publicação do primeiro livro escrito por jovens do Distrito Federal, então alunos do Colégio Elefante Branco, a "Antologia". Casa-se em 1967 com o jornalista Antônio Sebastião Chaves, com quem teve dois filhos, hoje também



formados pela Universidade de Brasília. Enviando-se em 1975, parte com seus filhos para a Europa, vivendo em Londres e em Paris onde obtém doutoramento em Literatura comparada na Universidade de Sorbone. Em Paris conheceu pessoalmente o poeta Aimé Césaire (um dos pais do Movimento da Negritude), o escritor Daniel Maximim, o intelectual angolano Mário de Andrade, entre outras personalidades de ascendência africana. De volta ao Brasil, trabalhou inicialmente no Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros – IPEAFRO, como pesquisadora e coordenadora substituta do Curso de Cientificação da Cultura Afro-Brasileira, organizado por Abdias do Nascimento junto à Universidade Católica de São Paulo. Desde então percorreu vários países entre os quais Burkina Faso, Angola, Senegal, Guadalupe, Martinica e Colômbia. Em Angola ministrou seminários sobre arte e identidade cultural e no Senegal participou do Colóquio Internacional pelo Tricentenário do Código Negro, texto concebido no reino de Luís XIV para "moralizar" a imoralidade da escravidão nas colônias francesas. Em Burkina Faso, antigo Alto Volta, participa em 1991 da *Assembléia Constitutiva do IPN – Instituto dos Povos Negros*, fundado com o propósito de reunir os profissionais de ascendência africana na África e na Diáspora, mobilizados em defesa do povo negro, onde também estiveram Abdias do Nascimento e Lélia Gonzales, e com esse espírito colabora para a fundação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro em 20 de Novembro de 1995, em São Paulo. Quando da visita do líder sul-africano Nelson Mandela ao Brasil, coube a ela entregar-lhe uma placa em sua homenagem em nome de várias organizações do Movimento Negro de Brasília, de órgãos da imprensa local e da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília. Onze anos após seu ingresso como docente da Universidade de Brasília e com bolsa de pesquisa para pós-doutoramento, doada pela Fundação CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, em 1997 Mariade Lourdes vai pela primeira vez aos Estados Unidos da América do Norte, na qualidade de professora visitante, convidada pela Universidade de Harvard. Durante esse ano freqüenta o Instituto W.E.B. Du Bois de Pesquisas Afro-americanas, dirigido pelo professor Henry Louis Gates Jr., que virá a convidá-la como Visitante para o ano acadêmico 97-98. Durante sua estadia deixará em uma das maiores bibliotecas universitárias do país seus livros de poemas e o manuscrito que reviu em Cambridge, Massachusetts, *Negritude e Modernismo: Raça e Identidade Cultural*. Nesse período participou, na universidade de Nova Iorque, da *I Conferência Internacional de Mulheres Negras Escritoras*, uma iniciativa da Organização de Mulheres Escritoras de África (<http://www.owwa.org>), presidida pela norte-americana Jayne Cortez, tendo nessa ocasião conhecido Octavia Butler, Nancy Morejón, Lina Magaia, entre outros importantes nomes da literatura. Em 1992, ano das celebrações dos 500

anos da descoberta da América por Cristovão Colombo, foi publicada na Inglaterra e nos Estados Unidos, pela Random House de Nova Iorque, a valiosa antologia *Filhas de África – Uma Antologia Internacional de Literatura Escrita por Mulheres Negras do Antigo Egito até o Dia de Hoje*, 1089 páginas em papel bíblia, na qual constam duas únicas escritoras brasileiras: Carolina Maria de Jesus e Maria de Lourdes Teodoro.

1) *Água Marinha, Ou Tempo Sem Palavra* - de Lourdes Teodoro - Edição da Autora - 1978; 2) *Canções do Mais Belo Incesto e Poemas Antigos* - de Lourdes Teodoro, e entrevista com a autora, 1996.

MARIA DO CARMO GERÔNIMO

Recorde mundial em longevidade

O Brasil encontra-se em posição privilegiada, em se tratando de longevidade, pois a brasileira negra natural de Carmo de Minas - a 80 Km de Itajubá/MG -, nascida a 5 de março de 1871, de nome Maria do Carmo Gerônimo, é conhecida como o ser humano mais velho do Planeta Terra, contando em março de 99 com 128 anos de idade, merecendo o registro no Livro dos Recordes Guinness. Ela nasceu sete meses e 23 dias antes da proclamação da Lei do Ventre Livre que se dera a 28 de setembro de 1871. Como a pessoa viva mais idosa do mundo, Dona Maria do Carmo Gerônimo é filha de Dona Sabina, que fora escrava de propriedade da família Luiz Monteiro de Noronha, enquanto seu pai era escravo "reprodutor"; fazia parte do lote de negros que tinha o dever de fecundar as fêmeas negras, ou as que deixavam de amamentar, para torná-las prenhas no mais curto prazo possível: assim a prole resultante deste "animal" reprodutor era vendida no mercado de escravos dando grandes lucros a seu dono. Há casos de reprodutores que tinham sido pais de mais de duas centenas de filhos, que se espalhavam pelas fazendas de seus proprietários, assim como hoje acontecesse com o tratamento que se dispensa aos gados. Maria do Carmo Gerônimo, filha de um desses reprodutores, foi batizada com 16 dias de vida na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, ou seja, no dia 21 de março de 1871. Esta brasileira negra e mineira, cuja data de nascimento pode ser autenticada de maneira perfeitamente confiável, sobre este assunto supera a todos que se apresentam com tais pretensões ou possibilidades, uma vez que como concurso "é o mais obscurecido por vaidades, veleidades, embustes, falsidades e fraudes deliberadas com propósitos de se obter o título de longevidade para a sua grei ou a sua nação". Neste sentido, dizem os especialis-



tas que "não há nenhum método científico conhecido capaz de estabelecer a idade de parte alguma de um corpo vivo". Pessoas centenárias sobreviventes além dos 113 anos de idade são extremamente raras, na realidade, e o atual limite absoluto comprovado de longevidade humana não admite a possibilidade de alguém viver para celebrar seu 121º aniversário ou 124º aniversário. Com base nos dados devidamente documentados sobre pessoas centenárias, somente uma em 2,1 bilhões pode chegar aos 115 anos de idade; diante da população mundial estimada em cerca de 5,48 bilhões, isso, em 1992... Estimando-se que haja cerca de 40 mil pessoas centenárias no mundo, apenas 22% seriam masculinas. Os casados têm mais chances que os solteiros de atingir os 100 anos de idade, assim como parece que as solteiras têm também mais chances de atingir 100 anos do que as casadas". O livro dos Recordes Guinness, de 94, ainda registra para o Brasil, o nome de Amélia Sebastiana de Jesus, que tem 117 anos, nascida em São José do Quilombo, Minas Gerais, no ano de 1876. Aos 12 anos de idade presenciou a proclamação da Lei Áurea (1888) e a proclamação da República em 1889 com 13 anos. Atualmente Dona Amélia Sebastiana vive em Itapetininga, São Paulo". Mesmo que este registro omita descendência étnica de Amélia Sebastiana de Jesus, acreditamos tratar-se de uma mulher negra pelo fato de haver nascido na localidade de São José do Quilombo.

Guinness - O Livro dos Recordes - 94 -
Editora Três - 1994

MARIA DO CARMO VALÉRIO

Cosmetóloga

Maria do Carmo Valério é uma dessas mulheres negras inteligentes, cultas e determinadas que vieram do interior do Estado dispostas a trabalhar e a vencer na capital paulista. Nascida no dia 16 de julho de 1932, na cidade de Brodóski, de onde se transferiu, em 1960, para Ribeirão Preto para se formar em professora. Advogada pela Universidade de Brás Cubas, Mogi das Cruzes, Maria do Carmo hoje é residente em São Paulo, exercendo a profissão de cosmetóloga, empregando, porém, essa especialidade para desenvolver a sua própria indústria, uma vez que ela se inclui, agora, na categoria de pequena empresária no ramo de produtos de beleza que se destinam atender as pessoas de pele negra. É de se notar que nesta atividade de empresária negra, Maria do Carmo é pioneira, pois de quantos conhecemos atuando no mercado, sabemos que grande parte deles vieram trazidos na



esteira de sua iniciativa arriscada, mas coberta de atrativos para os tão decididos e arrojados nesse campo econômico como é o caso de Maria do Carmo Valério. Polivalente, Maria do Carmo não ficou apenas limitada ao pragmatismo dos negócios que tanto vem estiolando milhares de criaturas que "passam pela vida sem ter um filho, sem plantar uma árvore e sem publicar um livro, sequer". Livros é o que Maria do Carmo Valério tem publicado com criatividade, inspiração e sucesso: do gênero literário da poesia, passando pelo conto e pelo do ensaio. Maria do Carmo tem se dedicado a cada um deles, iluminando-os com talento e sensibilidade de quem os gerara em seu útero e os amamentara ao seio com o seu leite farto e generoso da maternidade. O seu livro de estória foi *Correnteza*, livro de poesia; através de suas páginas ficam retratados aspectos da raça negra africana e a contingência da miscigenação, do preconceito e da discriminação racial que tanto tem afetado a trajetória desse povo desde a tragédia do navio negreiro até o seu confronto com a Casa Grande, em cujo embate foram forjados grande número de mártires e heróis negros, a partir do maior de todos eles, que foi Zumbi dos Palmares. Neste livro *Correnteza* ainda há muito espaço onde Maria do Carmo mostra-se *uma mulher que coloca em seus versos toda a sua sensibilidade e sensualidade, num profundo amor acima de tudo pela raça humana*. Sua ternura e sua feminilidade ficam realçadas quando ela, Maria do Carmo, avó, convida o seu próprio neto, com apenas 9 anos de idade, a fazer parte da apresentação do livro, ao lado do político Freitas Nobre, do advogado Antônio Lúcio e do poeta Eduardo de Oliveira, em que todos acabam por reconhecer em Maria do Carmo uma das mais ilustres figuras de nossa literatura negra contemporânea de raiz simples e espontânea. Esta escritora-empresária está se especializando em literatura infanto-juvenil. Assim, *Crespinho* é a sua porta de entrada para este mundo encantado de pureza, de ternura e de simplicidade. Através de *Crespinho* a autora conta a vida de uma família negra rural; um misto de defesa do meio ambiente com preceitos ideológicos da ecologia; ambiente bucólico combinando com princípios de uma reforma agrária que faça dessa política de governo uma afirmação de que a justiça social é possível de ser implantada ainda neste final de milênio.

Crespinho, de Maria do Carmo Valério - Edição própria - 1996

MARIA FIRMINA DOS REIS

Primeira escritora maranhense

Sob os entulhos de omissão da historiografia oficial, que aos poucos vão sendo escavados pelo esforço laborioso e sistemático de pacientes pesquisadores, a presente geração tem descoberto verdadeiras preciosidades humanas. São autênticas revelações como, por exemplo, é o caso da maranhense Maria Firmina dos Reis, que ora



rompe o véu da obscuridade e cuja vida e obra começaram a ser apreciadas e reconhecidas pelo seu valor, por assim dizer, inestimável. Maria Firmina dos Reis, nascida na cidade de São Luís, no dia 11 de outubro de 1825, faleceu em 11 de novembro de 1917, em Guimarães, no seu Estado natal. Viveu uma longa existência de 92 anos. Em 1859 publicou o seu romance *Úrsula* usando o cognome de *Uma Maranhense*, tornando-se pioneira em sua obra sobre as questões candentes da escravidão, portando-se, neste caso, como uma legítima abolicionista. Maria Firmina dos Reis era negra, filha natural de Leonor Felipe dos Reis, e tornou-se a primeira professora concursada do Estado do Maranhão e a primeira romancista desta unidade da Federação. Para a escritora Luiza Lobo, autora do livro *Crítica Sem Juízo*, Maria Firmina dos Reis não só defendeu o escravo em diversas ocasiões de sua vida, como também o fez na sua obra poética, no conto *A Escrava*, bem como no seu romance *Úrsula*. O seu sentimento de piedade pelo sofrimento dos escravos e pelo orgulho de sua heróica luta em favor da própria emancipação, fez com que Maria Firmina dos Reis compusesse um *Hino à Libertação dos Escravos*, por ocasião do dia 13 de Maio de 1888, peça litero-musical cantada em todas as escolas da região. É Maria Lúcia de Barros Mott que nos conta em seu livro *Submissão e Resistência*: Maria Firmina se recusou, certa vez, a ser conduzida num palanquim, por entender que *negro não era animal para ser andado montado nele*, fato que se verificou em 1847. Para melhor aquilatar-se o quanto eram sinceros e honestos o seu caráter, o seu talento literário e a sua sensibilidade artística, é importante que se leiam os livros de Luiza Lobo e de Maria Lúcia de Barros Mott, acima mencionados.

1) *Crítica Sem Juízo*, de Luiza Lobo - Francisco Alves Editora - 1993; 2) *Submissão e Resistência*, de Lúcia de Barros Mott - Editora Contexto - 1988

MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA

Escritora e pedagoga

Maria Helena Vargas da Silveira nasceu na cidade de Pelotas, RS, e é poetisa emérita, escritora renomada e lutadora de reconhecidos méritos. Sua literatura engajada em prol dos afro-bra-



ros livros, como: *Carnaval, Negros e Negradas, Educação Elementar Negros, Literatura Sul-Riograndense, Crônicas Satíricas, Vida Social, Odara, É fogo* (ensaio), *Sol de Fevereiro, Meu nome é Pessoa* – contos – e tantos outros. Este num de per-

sonalidade negra tem por pai José Francisco da Silveira e mãe Maria Yolanda Vargas da Silveira e veio ao mundo no dia 4 de setembro de 1940. Dotada de uma sólida formação acadêmica, tendo licenciatura plena em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1971, e curso de Pós-Graduação Supervisão Educacional, pela Faculdade de Pelotas-RS, concluído em 1979, Maria Helena Vargas é pedagoga. Na condição de educadora empenha-se com afinco em trabalhos junto às instâncias comunitárias com o intuito de elevar a auto-estima e a auto-imagem do Negro-Brasileiro, principalmente das crianças, por meio adequado de educação, razão pela qual Maria Helena Vargas fora galardoada com o *Troféu Zumbi*, da Associação Satélite Prontidão, entidade representativa da Comunidade Negra na Capital do Estado do Rio Grande do Sul. Antes desta premiação, Maria Helena Vargas já havia sido homenageada com o *prêmio Zumbi*, no *Concurso Público Literário Histórias de Trabalho*, promovido pela Usina do Gasômetro, com o patrocínio da Prefeitura da Cidade de Porto Alegre. Helena Vargas participou da *Colêctanea* editada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Se consideramos a Poesia e a Literatura Negras como aquelas que afloram da sensibilidade e do idealismo, de um modo poético e vigoroso, naquele instante em que o negro, do continente africano ou da Diáspora, toma consciência de sua dignidade dilacerada e ofendida por séculos de opressão, e procura, num esforço supremo, resgatar seus legítimos valores como e enquanto pessoa humana, não há dúvida de que a negritude contida em obras que tenham a pujança das que estão sendo produzidas por poetas como Maria Helena Vargas Silveira contribuem, poderosamente, para que o universo da cultura ocidental que se encontra em estado avançado de desumanização, possa vir a receber jato de um novo sangue arterial, rico em energias revigoradoras, capazes de restaurar em nosso espírito o senso do equilíbrio emocional, o dever de solidariedade para com os semelhantes e o encanto da beleza perdida.

MARIA JOSÉ BEZERRA

Enfermeira, lutou em 1932

Maria José Bezerra nasceu em dezembro de 1885, na cidade paulista de Limeira. De origem humilde, trabalhava como empregava doméstica.

Alistou-se em 1932 como enfermeira na Legião Negra e seguiu para Itapetininga. Não se limitou à condição de enfermeira e, de fuzil na mão, combateu em Buri, Ligiana, Itararé, o que lhe valeu o apelido de “Maria Soldado”. Foi escolhida como a “Mulher Símbolo” no Jubileu de Prata da Revolução de 32, sem que se conheça com mais detalhes sua participação. No final da sua vida vendia doces e salgados na porta do Hospital das Clínicas, em São Paulo. Morreu em fevereiro de 1958. Nos anais da Câmara Municipal de SP foi encontrada uma homenagem prestada a ela por ocasião de sua morte.

MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO

Assistente do Conselho do Desenvolvimento da Comunidade Negra

Maria José Lopes do Espírito Santo, natural do Rio de Janeiro, onde nasceu aos seis dias do mês de dezembro de 1960, é filha de Demétrio Lopes do Espírito Santo e Edemis Amorim do Espírito Santo, e mãe de dois filhos: Sílvio Roberto Purificação França Filho e Maria Clara do Espírito Santo. É divorciada e professora de educação artística com licenciatura plena. Exerce a profissão de organizadora de eventos nacionais e internacionais e é assistente do Conselho do Desenvolvimento da Comunidade Negra - CDCN e do Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher. Em seu depoimento, oferecido a Geralda Gonçalves, que esteve na Bahia pesquisando e catalogando nomes ilustres para o Congresso Nacional Afro-Brasileiro, a professora Maria José do Espírito Santo disse-lhe o seguinte:

“Aprendi o sentido da palavra resistência, ancestralidade ou consciência ancestral, consciência negra, auto-estima e outras de conotação afro-descendente muito usuais pelos líderes negros de nossos dias. Foi a partir daí que senti a necessidade de compartilhar todo este aprendizado com os companheiros e as companheiras de colégio e posteriormente, com o movimento estudantil. Antes porém, é bom que eu diga que ao ingressar na religião do culto aos orixás, com apenas dez anos de idade, pude receber uma gama de informações que na adolescência me fizeram entender o mundo à minha volta. Bem diferente das minhas colegas de escola que viviam perguntando de onde viemos e para onde vamos, ao contrário de mim, elas não conseguiram se situar no tempo e no espaço. Dentro daquela comunidade religiosa liderada praticamente por mulheres, a convivência com elas foi muito útil, instrutiva e estimulante. Com este grau de consciência é que comecei a freqüentar as reuniões do Movimento Negro, mas me sentindo ainda totalmente fora do processo, pois naquela época nossos companheiros e companheiras não reconheciam o espaço dos terreiros como fruto da resistência negra, pós-quilombo, pois se profetizava a religião acima de tudo. Suas cabeças estavam voltadas para uma questão marxista, não cabendo naquela

questão, em suas frentes teóricas, a contribuição do intelectual orgânico, como defende Gramsci. Estes intelectuais orgânicos a que me refiro são as nossas Ialorixás, nossos Babalorixás, nossos Babalaôs, enfim. Hoje vemos este quadro totalmente inverso, nossos militantes estão depositando aos pés dos Orixás, nossos espaços e terreiros foram agraciados com a volta dos seus filhos que foram à escola, como diziam nossas mães, alisar o banco da ciência e de volta à sua origem faziam um bom uso do que viram e ouviram, mas sempre atentos às causas específicas da comunidade afro. Pela força que o espaço-terreiro exerce, nem os partidos de esquerda que descobriram a causa do negro como uma boa plataforma política estão colhendo mais frutos. Estamos em uma secretaria que administra estabelecimentos penais; vimos uma realidade, da qual não podemos fugir, somos a maioria, fora e dentro das grades, hoje lutamos pela melhoria de nossa comunidade brigando pela criação de novos espaços no âmbito municipal, estadual e federal; não queremos só opinar. Queremos executar, como no caso do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), que pode fazer mais e melhor pela melhoria deste quadro vigente. Este álbum contendo nomes e biografias de negros é muito importante. Queria conhecer a equipe e o Eduardo de Oliveira que desenvolve este meritório trabalho.”

MARIA MAGLIONI

Artista plástica

A artista plástica Maria Lúcia dos Santos Maglioni, natural da cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, onde nasceu no dia 25 de janeiro de 1946, é considerada pelos críticos como uma das mais importantes pintoras e desenhistas de origem negra da presente geração do Rio Grande do Sul. Hoje, está radicada em São Paulo, onde conseguiu consolidar o seu nome, dando-lhe dimensão nacional. Assim como a arquitetura pode ser vista como a “poesia das formas”; e a boa música, como “a voz maviosa de nosso Supremo Criador”, não há exageros se nós considerarmos a pintura, independente de seu gênero, como “a sinfonia das cores”. A nossa Maria Lúcia dos Santos Maglioni atua com talento, brilhantismo, e originalidade nessa esfera diáfana das cores que, uma vez dispostas em certas e determinadas posições ao longo das diferentes telas, em que a genialidade de seus criadores esteja presente, faz com que esta artista pelotense, nos proporcione quadros de imorredoura beleza, diante

É considerada pelos críticos como uma das mais importantes pintoras e desenhistas de origem negra da presente geração do Rio Grande do Sul

dos quais nós nos curvamos, surpresos e extasiados. Artista de tempo integral e cheia de espiritualidade, ela é ainda capaz de nos revelar outros predicados como nota dominante de sua forte personalidade: assídua leitora de Thomas Mann, Tchecov e Dostoiévsky; admiradora de tragédias gregas; apreciadora de Ana Magnani e de Marcelo Mastroianni no cinema; que tem as obras do poeta Mário Quintana como livros de cabeceira. A paixão - diz - lhe é um elemento necessário para continuar fazendo as coisas, para continuar tendo esperança; lamenta o fato de não saber dizer não, na hora certa; repudia a mentira e os mentirosos; em compensação, admira e pratica a solidariedade; entende que a melhor filosofia de vida é viver e deixar viver. *O importante é o sentimento que une as pessoas. O resto é secundário.* Para ela, talento é algo que pode e deve ser burilado obsessivamente para explodir em seu brilho natural; ter medo ela tem: de machucar o braço direito, por exemplo, com o qual trabalha; apavora-se diante da morte quando esta é violenta, desnecessária e atinge pessoas no começo de seus sonhos. Acredita que para defender a ecologia é preciso mais ação e menos barulho. Sobre o Brasil: *Às vezes dá vontade de sair correndo. Em outras, há consciência de que temos uma tarefa a cumprir: sermos melhores e ajudarmos os outros a serem melhores para que a nação também se torne melhor.*

MARIA MAZZARELO RODRIGUES

Livreira

Segundo nos assevera Sue Rosenberg Zalk, em "Homens na Academia: Um Perfil Psicológico do Assédio", a necessidade do homem de agredir as mulheres pode ser expressa através do comportamento gratuito da bajulação e da concessão de favores. "Embora isso pareça sugerir uma afeição pela pessoa, pode perfeitamente tornar-se um meio de fazer a mulher sentir-se submissa, dependente e em dívida para com o homem". Estas ponderações iniciais fazem sentido porque há mulheres que se sobrepõem a tudo isto e se firmam diante da sociedade sexista, machista e preconceituosa, por hostil que ela lhes seja, servindo-se das manifestações afetivas ou até mesmo de seus galanteios, para traçar uma linha de conduta independente que as permita não humilhar e nem ser humilhada por homem algum. Será que, por ventura, a mãe de Maria Mazzarelo imaginou que sua filha, depois de conviver com a genitora lavadeira na cidade de Ponte Nova, de ter um pai marceneiro que morreu quando Maria tinha ainda sete anos de idade, que para ajudar a mãe, já viúva, partiu com seus irmãos para vender ovos e verduras como única forma de aumentar a renda da família, haveria de entrar para uma faculdade, de fazer pós-graduação na França e de possuir uma livraria no centro de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, sen-

do mulher, pobre e negra? Pois este milagre aconteceu. O Jornal O Estado de Minas, que circulou no dia 18 de maio de 1997, registra este acontecimento com minúcias de detalhes, assim anunciando: *A mãe de Maria Mazzarelo era lavadeira em Ponte Nova. O seu pai, um marceneiro que morreu quando estava com sete anos. Para ajudar a mãe, ela e os irmãos (eles eram onze), vendiam ovos e verduras. A tentativa de prosseguir os estudos em um colégio tradicional da cidade mineira em que nasceu, por ser negra, não teve resultado e, quando completou treze anos, a família veio de vez para Belo Horizonte. Aqui em BH, trabalhamos duro, ela diz enquanto fala também de sua trajetória até entrar na faculdade, se formar em jornalismo, abrir uma primeira editora e, posteriormente, ir fazer mestrado na França. Na sua volta, em 1981, ela fundou a Mazza Edições, que ainda funciona no bairro da Pompéia. Há dois anos, em sociedade com o ex-prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias, velho companheiro da editora Vega, com sua esposa Vera Victor e Gondebaldo Meyron, abriram a Oficina de Livros Mestre Edgard. A livraria, instalada em uma bonita casa colonial, continua na rua Alagoas, 295 - só que já sem o ex-prefeito e sua esposa, que resolveram sair. Sobre o racismo, Maria Mazzarelo Rodrigues, hoje uma mulher de 57 anos e com muitas histórias para contar, diz que ele continua o mesmo. Não tem um dia, ela diz, em que não ouço piadas a respeito. Com relação a Maria Mazzarelo Rodrigues, não há como se duvidar de que esta mulher negra do glorioso Estado de Minas Gerais, fez de sua vida um exemplo para todos nós, como diz o título da matéria a seu respeito: *Uma Vitória Contra o Preconceito.* O certo é que a afro-mineira, Maria Mazzarelo Rodrigues, ao criar a Mazza Edições, não só romperia a linha da dependência, de modo heróico, por ser quem é e vindo de onde veio, para obter o "acesso aos resultados políticos e econômicos próprios da cultura dominante e de suas instituições", como sobretudo, provou, na prática, que é possível a uma mulher, pobre e negra, tradicionalmente vítima da tríplice opressão, triunfar sobre os cânones que permeiam o ambiente desumanizante e opressivo dos regimes em que impera o "capitalismo selvagem", apesar do pesares.*

Dicionário Politicamente Correto, de Henry Beard e Christopher Cerf - L&PM Editores - 1994

MARIA PATRÍCIA FOGAÇA

Parteira

Maria Patrícia foi uma mulher negra do povo que se destacou por seu trabalho de parteira, na vida social da Baixada Santista. Nasceu em 1838, em Santos, filha de negros forros e teve como padrinho de batismo José Bonifácio dos Andradas. Exercendo a profissão de parteira numa época em que essa atividade era realizada apenas por mulheres brancas, Maria Patrícia teve que enfrentar uma enorme campanha de descrédito movi-

da por suas concorrentes. Sua competência e a consideração que desfrutava em todas as classes sociais fizeram-na superar esses obstáculos criados em função da sua cor. Maria Patrícia não fazia da sua profissão apenas uma fonte de sobrevivência, mas encarava-a como um verdadeiro sacerdócio, atendendo mulheres das mais diversas condições econômicas, com uma dedicação e sensibilidade que a tornaram, além de parteira, uma espécie de conselheira das famílias que a solicitavam. Sua morte, em 1913, comoveu profundamente a Baixada Santista.

MARILZA DE CARVALHO

Artista plástica e diretora do CNAB

Entendendo-se o "abstracionismo" como uma manifestação do universo da arte pictórica, através da qual o artista comprometido com seus cânones, busca, deliberadamente, libertar-se dos condicionamentos impostos pela "forma" - ou pelos elementos "figurativos" - segundo seus cultores, dentre os quais Vassili Kandiski, pintor russo (1866-1944) que é tido como um de seus principais pioneiros, considera-se que esta corrente artística firmou-se, em definitivo, ocupando, pre-



sentemente, os mais consagrados museus do mundo, ao figurar concomitantemente, em incontáveis coleções públicas e particulares, ainda que a seu respeito possa existir polêmicas em torno das quais discute-se se é ou não possível a criação de uma obra de arte a partir do nada. Contudo, o importante é que a "arte abstrata", pela autenticidade conceitual de seus atributos específicos, resistiu a tudo projetando-se, inclusive no Brasil, com nomes ilustres como o de Oswaldo Goeldi, entre outros, e hoje temos a grata satisfação de ver que esta arte é seguida pela artista plástica negra Marilza de Carvalho, participante de várias exposições coletivas e individuais, em nosso país, onde tem recebido inúmeras menções honrosas, notabilizando-se com a sua produção,

honrosas, notabilizando-se com a sua produção, posto que esta talentosa pintora adquiriu renome como, e enquanto, integrante da corrente abstracionista brasileira, recebendo os mais encomiásticos elogios de críticos do porte de Fernando Lemos, por exemplo. Nascida na cidade de Ribeirão Preto, em 23 de setembro de 1941, filha da Sra. Nair Silveira de Carvalho Pereira e do general José Gabriel de Carvalho Pereira, Marilza de Carvalho, nascida, Marilza Silveira de Carvalho Pereira, dotada de sensibilidade multifária com incursões pelo campo da música lírica e popular e acurado bom gosto, fato de que muito se orgulha, Marilza é também, militante nas atividades afro-brasileiras, ocupando hoje cargo de relevância na direção da Federação das Escolas de Samba do Estado de São Paulo - FESEC e no CNAB, Congresso Nacional Afro-Brasileiro, onde se destaca como 1ª Secretária da Cultura e, anteriormente, por eleição exerceu a função como secretária-geral da Comunidade Coral Luther King.

MARINA SILVA

Senadora

Filha de Pedro Augusto da Silva e Maria Augusta da Silva, a professora e senadora Marina Silva está atuando de modo brilhante em busca de soluções para os inúmeros problemas sociais brasileiros. Nascida em 8 de fevereiro de 1958, na cidade de Rio Branco, no Estado do Acre, tendo iniciado sua vida como agricultora e extratora de seringais, atividade comum no Estado. Foi instrutora de menores da Febem e monitora de sociologia na Universidade Federal do Acre, tornando-se professora da Rede Pública Estadual de Educação, na disciplina de História. Elegeu-se vereadora (1989-1991) e deputada estadual (1991-1995). Relatora da lei organizadora do Município de Rio Branco (1990), Marina Silva também integrou as Comissões Parlamentares de Sindicância, que apuraram a fuga do assassino do sindicalista Chico Mendes, Darli Alves da Silva, do presídio Francisco de Oliveira Conde; assim como denúncias de irregularidades na Empresa Municipal de Urbanização de Rio Branco (EMURB) e na construção do Hospital Municipal de Cruzeiro do Sul. Marina Silva foi eleita senadora da República para exercer um mandato de 1995 a 2003. No Senado Federal é membro titular da Comissão de Assuntos Sociais e da Comissão de Educação, e membro suplente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional; e da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura.

Senadores - Dados Biográficos - 50ª Legislatura - 1995-1999 - Senado Federal - DF

MARINA PEREIRA DA SILVA

Arquiteta

Marina Pereira da Silva, natural de Pontal, cidade do interior do Estado de São Paulo, onde

nasceu no dia 26 de junho de 1954, é arquiteta e paisagista, por simples vocação. Filha de Miguidânio Pereira da Silva e de Dona Maria Angélica dos Anjos Silva, Marina Pereira pertence a uma família de mulheres negras corajosas e inteligentes. Em que pese o fato de dizerem que a arquitetura seja uma profissão apropriada de homens, essa alegação não intimidou a culta e valente Marina que acabou rompendo esse tipo de preconceito, ao enfrentar tal desafio, tornando-se hoje uma dessas bem sucedidas profissionais da área, em razão de sua marcante intuição para combinar, poeticamente, de modo original e criativo "espaço e forma". Como a arquitetura é a poesia das formas, distribuídas harmonicamente pelos espaços disponíveis, Dra. Marina Pereira da Silva não encontrou a menor dificuldade em dominar esta arte de se criar espaços agradáveis e funcionais de maneira a que o ambiente urbano, ao longo de suas edificações, abrigue confortavelmente os mais variados tipos de atividade humana; nela, a paisagem não é um simples adereço, mas um complemento obrigatório, tendo-se em vista, o respeito às exigências da moderna ecologia, que faz com que as criaturas deixem de ser predadoras para transformar-se no melhor e maior parceiro da natureza. Obediente a esses conhecimentos e pautando suas atividades profissionais dentro desta filosofia, é que a arquiteta negra, Dra. Marina Pereira da Silva, posiciona-se para humanizar o próprio homem que se divorciou dos verdadeiros valores, pelos quais, o encanto de viver torna-se uma



tarafa reconstrutora, ao lado do grande arquiteto, que é Deus o nosso supremo criador. Arquitetura e paisagismo andam de braços dados com o progresso que se estabeleça como fator de unidade e de preservação de nossa atmosfera ambiental; portanto, não são meras teorias da retórica acadêmica, mas, fixadas entre nós, elas crescem em nossa consciência e nos convidam para essa saudável caminhada restauradora rumo a novos tempos onde o ser humano há de deparar com a síntese de si mesmo, extasiando-se por tudo quanto a natureza lhe ofereça. Dra. Marina e as demais pessoas quando se propuseram a influir na reordenação do solo geográfico, não tinham em mente se elevarem à condição de pequeninos deuses de nosso tempo. É por esta e por outras razões que, na concepção dos geógrafos da presente geração, a profissão de arquiteta escolhida pela doutora Marina Pereira da Silva há de ser, cada vez mais, requisitada para trabalhar em harmonia com os geógrafos e com os paisagistas, estes artistas arrojados e cheios de inspiração, capazes de criar gigantes projetos de edificações urbanas ou rurais onde o homem e a

mulher hão de se integrar como o ego vivo e participante dessa nova realidade de conforto, de segurança, de bom gosto e bem-estar, direito do qual as pessoas devem desfrutar, independentemente da sua condição social, da sua origem étnica, de sua opção poética e religiosa ou das nuances advindas da cor de sua pele. Marina Pereira da Silva ainda mantém uma vida agitada e produtiva em termos comunitários, onde reside ao lado de sua brava e ativa irmã, Jurgleide.

MÁRIO AMÉRICO

Massagista da Seleção Brasileira

Mário Américo, natural da cidade de Monte Santo, Estado de Minas Gerais, nasceu no dia 28 de julho do ano de 1913, era filho de Dona Benvinda Catarina e de Sebastião Américo, e teve por esposa Dona Maria Hilda Rocha Américo com quem teve três filhos; Vera Lúcia de Souza Américo de Oliveira, Mário César de Souza Américo e Mário Américo Júnior. Formado em massagista pelo Curso Miguel Couto. Como homem simples, Mário Américo



muito lutou para atingir as culminâncias da fama, mercê de suas qualidades pessoais e profissionais. Este grande massagista da Seleção Brasileira demonstrou ser um indivíduo de coração generoso e humanitário. Foi, também, vereador na Câmara Municipal de São Paulo. No cenário esportivo, seu nome tremulou por muitos anos como o massagista de sete Copas do Mundo de que o Brasil participou; ele atravessava as gramadas dos campos de futebol e com o Expresso da Vitória do Vasco da Gama, desde a década de 40, emprestando a sua força, o seu talento e a sua energia para Barbosa, Augusto, Wilson, Eli, Danilo, Jorge, Friaça, Maneca, Ipojucan, Ademir, Jair, Clico e inúmeros outros grandes craques que ganhavam condições físicas ideais para disputar e superar todas as vicissitudes decorrentes de um campeonato de futebol. Em 1950, ano da tragédia do futebol brasileiro, em que o Brasil sediava a primeira Copa do Mundo do pós-guerra, Mário Américo chorou como uma cândida criança por havermos perdido para o Uruguai, em pleno Maracanã, a tão sonhada Taça Jules Rimet. Mário Américo era considerado o nosso Pombo Correio, porque era ele quem levava as instruções dos técnicos brasileiros para os jogadores em campo, cuja orientação quantas e quantas vezes modificaram o resultado desfavorável para as nossas cores. Dizem que alguns jogadores simulavam contusões mais graves, para propiciar a entrada em campo do massagista, que trazia no

Quem é Quem na Negritude Brasileira

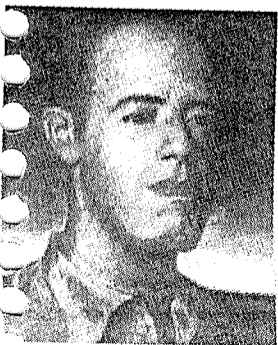
bico o ramo verde das novas táticas e técnicas modificadoras do comportamento dos nossos atletas dentro do quadrilátero. Mário Américo, antes de abraçar a profissão que o consagrou, foi pugilista e era chamado carinhosamente por todos que o admiravam de Titio. Entre as façanhas de fanático torcedor e dedicado massagista do Rei Pelé, está a proeza que lhe aumentou a fama, quando, em 1958, na Suécia, no final da partida contra este país, em que fomos Campeões do Mundo pela primeira vez, Mário Américo, com a presteza de sempre, acabou "roubando" a bola do jogo, correndo para os vestiários, para em seguida trazê-la para o Brasil como se fosse uma relíquia ou um outro troféu. Mário Américo acometido pela moléstia insidiosa, veio a falecer em 1990, com 80 anos de idade, sofrendo bastante males do diabetes que acabou por lhe deixar cego. Seu nome hoje é nome de rua em São Paulo e quiçá, em muitas cidades do Brasil, por haver sido um brasileiro que muito dignificou a sua negritude.

MÁRIO DE ANDRADE

Escritor

Mário de Andrade, cujo nome completo era Mário Raul de Moraes Andrade, era natural de São Paulo, onde nasceu a 9 de outubro de 1893. Era um homem de vasta cultura com atuação destacada em vários gêneros literários, como no romance, na poesia, na crítica, no ensaio, no folclore, no jornalismo, razão pela qual pôde colocar-se à frente de um movimento mais que inovador, revolucionário mesmo, que teve por ápice a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo em 1922, no Teatro Municipal. Os primeiros estudos de Mário de Andrade foram realizados no Grupo Escolar do Triunfo e no Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Diplomou-se pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, tornando-se, posteriormente, professor e catedrático dessa mesma escola, onde lecionou História da Música e Estética Musical; estudou ainda Comércio na Álvares Penteado. Em 1917, Mário de Andrade publica, com o pseudônimo de Mário Sobral, o seu livro de versos, Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema. Criado na Prefeitura de São Paulo o Departamento de Cultura, Mário de Andrade tornou-se o seu primeiro diretor - 1934-1937 - ocasião em que institui

a Sociedade de Etnografia e Folclore, o Coral Paulistano, o Quarteto Haydn e a Discoteca Pública Municipal. Se os seus estudiosos não confirmam ou revelam a sua ascendência afro-brasileira bastante pronunciada, estas ca-



Graciano/Personagens

racterísticas também nunca foram contestadas, o que por si só justifica a inclusão do nome de Mário de Andrade como uma das glórias dos negros do Brasil. Na atividade política, Mário de Andrade é um dos fundadores do Partido Democrático e foi membro integrante da Comissão Reformadora da Escola Nacional de Música do Ministério da Educação. Mário de Andrade, além de renomado intelectual, era um grande administrador da coisa pública, pois, foi quem idealizou a atual Biblioteca Pública Municipal de São Paulo que, em sua homenagem, hoje ostenta o seu nome, e, criou ainda os primeiros Parques Infantis de nosso município, assim como fora um dos autores que ajudaram a elaborar a Lei de criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Cultural, tornando-se, em seguida, o seu representante oficial em São Paulo. Também cuidou do tombamento dos monumentos históricos paulistanos e organizou o primeiro Congresso Nacional de Língua Cantada. Mário de Andrade era mesmo um polivalente em se tratando de criar, organizar, produzir e incentivar a cultura. Catedrático de História e Filosofia no Instituto de Artes da Universidade do Distrito do Rio de Janeiro, chefou o Instituto Nacional do Livro; elaborou planos para criação da Enciclopédia Brasileira e foi sócio fundador da Sociedade de Escritores e pertenceu à Academia Paulista de Letras. A língua brasileira, com a presença de Mário de Andrade em obras como *Macunaima*, *Paulicéia Desvairada*, *A Escrava Que Não É Isaura*, *Lira Paulistana* e outros trabalhos literários de sua autoria, dá os seus primeiros vagidos. Perlustrando, com a sua maiúscula presença cultural uma das fases mais ricas, dinâmicas e polêmicas do cenário intelectual paulista e brasileiro, Mário de Andrade, depois de fincar o seu nome na história de nosso País, veio a falecer de infarte no dia 25 de fevereiro de 1945. A respeito deste negro escritor como diria Solano Trindade, destaca-se que fora ele o homem ilustre mais retratado pelos grandes artistas plásticos do feito de Cândido Portinari, Clóvis Graciano, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Lasar Segall, Di Cavalcante, Paulo Rossi Osir, tornando o seu rosto como se fosse próprio emblema do Movimento Modernista de 1922.

1) *Dicionário Biográfico Universal - Três Livros e Fascículos - 1984*; 2) *Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988*

MÁRIO PEZÃO

DJ e cantor

Ex-menino de rua, Mário Ricardo da Costa Chaves, mais conhecido como DJ Mário Pezão, perambulava pelas ruas de Porto Alegre, ansioso por um futuro melhor para si e para os companheiros. Mário Pezão iniciou sua carreira cantando por distração, até que, em 1986, ele se apresentou pela primeira vez, junto com o *Break* e o

grupo *Hackers*, inspirando os rappers gaúchos a cantarem a partir desta data. Sobre o rap, Mário Pezão afirma que esse estilo musical deve conscientizar as pessoas sobre o racismo e sobre as condições sociais do negro na sociedade atual e manda um recado para os rappers: *Não induzam as pessoas a serem racistas. Falem a verdade. A forma como essas pessoas vão receber essa verdade é outra história.* Mário Pezão foi o único rapper gaúcho a gravar uma música do disco *Special Charm*, que faz parte de uma seleção da gravadora Paradox, de São Paulo. Sua grande realização profissional e pessoal está no retorno às gravações de seu disco, exclusivo, que em breve terá lançamento nacional. Dessa grande conquista, Mário Pezão diz: *vai dar tudo certo, porque nós acreditamos em nós, somos big boys.*

Extraído do Jornal "Como", do Rio Grande do Sul

MARTHA DE OLIVEIRA BRAGA

Ex-presidente do Aristocrata Clube

Hoje, a discussão sobre a problemática específica da mulher na sociedade humana está aberta. Dentro desta discussão, que nada tem de bizantina, a questão a respeito da supremacia do homem sobre a mulher está sendo energicamente questionada pelas presentes gerações femininas. Esta condição da mulher estar obrigada a inserir-se num universo em que os homens apropriam-se de todo o saber, de toda a força e de todo o controle da sociedade, submetendo as mulheres a uma sujeição patriarcal em termos medievais, se nos apresenta brutal e inaceitável. O mais trágico de tudo isso é quando esta mulher é uma negra, a quem a história se lhe impõe, no mínimo, três estigmas desestabilizadores: o de ser mulher, o de ser pobre e o de ser negra. Neste caso, a mulher negra é a escrava de todos escravos. É por isso que a mulher afro-descendente, de paciente tem se transformado em agente histórico, no instante em que passa a ter consciência do seu papel no contexto universal moderno, pondo-se a lutar na recuperação do tempo e do espaço perdidos, objetivando a conquista de seus direitos, de modo a que seja vista e tratada com decência, respeito e dignidade. Mulheres negras da feição de Martha de Oliveira Braga podem, devem e precisam ser consideradas como legítimas pioneiras neste tipo de luta, cuja habilidade, abnegação e bravura são atributos inerentes à sua vida, que têm feito desta combativa mulher alguém que não se curva ante as contingências do cotidiano, "sem contudo perder a ternura", como nos aconselha Che Guevara. Martha de Oliveira é filha de gente humilde: a mãe, alagoana, era lavadeira; o pai, paraense, era diarista, pertencente ao mais modesto quadro de funcionários da Prefeitura de

São Paulo. Sendo a caçula dos quatro filhos desse casal, por assim dizer, de retirantes, Martha de Oliveira viu, desde pequena, o que é imprescindível fazer para não ter de comer o pão que nem o diabo quis amassar: estudar, estudar, estudar sem vacilações ou esmorecimentos. É evidente que nesse Coliseu moderno em que se convive com hienas e chacais, a criatura humana acaba sentindo a "inevitável necessidade de também ser fera", como poetou certa vez, Augusto dos Anjos. Martha de Oliveira Braga, apesar dos pesares, não precisou ir tão longe. Bastou que a têmpera de mulher guerreira e o seu espírito de determinação para transformar sua sorte, adquirindo sucessivas qualificações profissionais a partir de secretária, de auxiliar de contabilidade, escrevente do 9º Ofício da Família e das Sucessões até atingir a função de Oficial de Justiça efetiva, sem nunca renunciar a sua postura de mulher negra inserida num patamar social mais profundo e abrangente. É com esta consciência que Martha de Oliveira Braga salta, de simples sócia do *Aristocrata Clube*, para compor e integrar a sua diretoria em duas diferentes gestões. O *Aristocrata Clube*, para os que não sabem, é uma *instituição cultural e recreativa fundada em 6 de março de 1961, e que tem por objetivo acolher, num clima de família e de cordialidade, os afro-brasileiros da cidade de São Paulo*. Como tal, esta entidade tem cumprido, galhardamente, com a sua missão. Duas mulheres negras estiveram à frente de sua direção, na qualidade de presidente deste Clube: Janete Paes de Pádua e Martha de Oliveira Braga, em diferentes períodos. Como neste artigo tratamos de ressaltar o perfil desta última senhora, temos a satisfação de garantir, segundo opinião dos sócios do *Aristocrata*, que o desempenho de Martha de Oliveira Braga, em que pesem as dificuldades que enfrentou, foi dos mais satisfatórios na defesa do patrimônio e do bom nome deste prestigiosa e, hoje, tradicional instituição da comunidade negra paulistana.

MARTINHO DA VILA

Compositor

Martinho da Vila é uma dessas majestades do samba com espaço privilegiado na história da Música Popular Brasileira. Sua intimidade com o calango, com a chula e outros ritmos chamados de rurais, do Rio de Janeiro, é o que melhor explica a sua origem de sambista. Com o nome de batismo, Martinho José Ferreira, nascido em Duas Barras, cidade fluminense, Martinho da Vila veio ao mundo no dia 12 de fevereiro de 1938. Filho de pais agricultores, que orientavam as suas vidas ao sabor dos plantios e das colheitas, Martinho viu-se na contingência de estar mudando de endereço, de fazenda e de cidade constantemente.



Bastante jovem ainda transferiu-se com a família para o subúrbio da Boca do Mato, Rio de Janeiro, num local conhecido como Serra dos Pretos Forros, em cujas imediações se encontrava a sede da Escola de Samba Aprendizes da Boca do Mato, na qual Martinho ingressa com apenas 13 anos de idade. Para quem tinha o balanço do samba nas veias foi um prato cheio para o jovem que, com 15 anos, pôde produzir o seu primeiro samba, *Piquenique*, que arrancou aplausos no Terreiro da Escola de samba. Com 18 anos é convocado para prestar serviço no Exército, iniciando, nesta ocasião, a sua brilhante carreira de compositor de samba-enredo, começando com os temas patrióticos como Carlos Gomes e passando por Machado de Assis, Tamandaré, Rui Barbosa na Conferência de Haia, A Fonte das Riquezas, Vultos da Independência e Construtores do Progresso; como se vê, motivos cívicos e grandiloquentes. Só em 1966 este compositor e cantor passa a ser chamado de Martinho da Vila em razão de sua aproximação com o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Vila Isabel, grupo carnavalesco a que se integra definitivamente, começando a partir daí a influir de modo decisivo na história do samba nacional. Em 1967, seu nome transforma-se numa bandeira renovadora do espírito do carnaval carioca e sua presença em festivais da MPB, como os promovidos pela TV Record, torna-se obrigatória, com o seu Partido Alto, Menina-Moça, enquanto com o seu show *A Fina Flor do Samba* apresentava-se só com suas composições. Nessa época é que lhe aparecem contratos de gravadoras do porte da RCA. Martinho da Vila retorna ao Festival da Record com *Casa de Bamba*, carro-chefe do seu primeiro LP lançado com o selo RCA Victor. Em 1969, *Iaiá do Cais Dourado* explodiu na avenida e em todo o Brasil, e, em 1970, a Vila Isabel apresenta em seu desfile *Glórias Gaúchas*, outro Samba-Enredo de sucesso de Martinho da Vila. Em 1971 o samba-enredo é *Onde o Brasil Aprendeu a Liberdade*, instante em que o estilo Martinho da

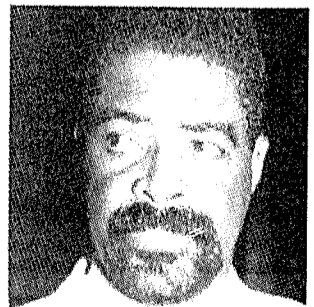
Vila se consagra em definitivo. As paradas de sucesso, fora ou dentro do carnaval, aguardam ansiosas pelo que viria depois, como foi o caso de *Segure Tudo, Carla, Canta Minha Gente e Disritmia*, nos anos subsequentes. A partir daí, o seu nome projeta-se internacionalmente alcançando Angola em 1972, deixando marcas profundas na opinião mundial. Diz Martinho a frase antológica em termos de negritude, em que afirma: *Voltei muito mais rico culturalmente, mais forte, muito mais negro*. Angola fica em Martinho da Vila e Martinho da Vila fica em Angola. Tanto é que quatro anos depois da independência angolana ele retorna ao país de nossos ancestrais com o Projeto Kalunga, a maior caravana de artistas brasileiros já levada para Luanda. As turnês pelo Brasil se sucedem culminando com momento de glória supremo de sua carreira de artista negro comprometido. Em 1988, ano do Centenário da Abolição da Escravatura, Martinho realiza o enredo *Kizomba, A Festa da Raça* que apoteoticamente leva a Escola de Samba Unidos de Vila Isabel a arrebatar o centro do triunfo conquistando o primeiro lugar entre as campeãs do Grupo Especial.

Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997

MAURÍCIO DA SILVA

Político afro de Santa Catarina

Em data 3 de julho de 1956 nasce na cidade de Lauro Muller, Estado de Santa Catarina, Maurício da Silva, tendo por mãe dona Maria Serafina Ferreira da Silva e por pai o Sr. João Manuel da Silva. Pelos dados biográficos e curriculares, percebe-se que Maurício da Silva teve uma infância razoavelmente tranqüila e uma juventude de muitas lutas e de muito trabalho. Passando por instituições educacionais do prestígio da Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina - FESSC - Tubarão, onde obteve Licenciatura em Ciências e Matemática 1º grau e Licenciatura Plena em Matemática 1º e 2º grau e Pós-Graduação a nível de especialização em Matemática em 1988, Maurício da Silva ingressa na Universidade de Campinas - UNICAMP/UNICENTRO, curso de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Área de Concentração: Metodologia do Ensino. Por Maurício da Silva, não nos é difícil de se vislumbrar os limites impostos às pessoas pertencentes ao grupo dos excluídos, em nossa sociedade. Estas pessoas são forçadas a trabalhar com o real e com o imagi-



Quem é Quem na Negritude Brasileira

nário; contra a natureza ríspida, dura, e por vezes amarga do cotidiano é necessário que se sobreponham as diafanidades da fantasia, da imaginação criadora e da poesia que brota com força saudável de nossos sonhos. Cidadãos que nos apresentam o perfil de lutador, de semblante sisudo e casmurro como o do figurino da personalidade igual à de Maurício da Silva, não se restringem a ver no racismo um inimigo a que se deva combater até sua completa destruição mas um adversário que pode e necessita ser persuadido para depois ser conquistado para a causa do entendimento e da fraternidade humana. Estas pessoas são movidas por uma fé inabalável nos destinos do ser pensante. Por isso é que elas olham com otimismo, altivez e sem arrogância para o futuro que se lhe avizinha. Maurício da Silva, neste caso, constitui-se num paradigma luminoso para as novas gerações que estão chegando, ensinando-lhes que as mágoas, as frustrações e os ressentimentos não lhes serão a melhor matéria-prima, com a qual devam construir um mundo para homens e mulheres que se tornam parceiros na edificação de uma nova sociedade. É interessante que é do Estado de Santa Catarina, onde a presença afro-brasileira é diminuta, que se erige como um grande exemplo para a aplicação de uma política de respeito aos Direitos Humanos. Contudo não se pode, a bem da verdade, escamotear ou omitir informações. Por exemplo: A Folha de São Paulo de Domingo 17 de agosto de 1997, em seu caderno 3-8 estampou dados realmente alarmantes, com o seguinte título: "Elite é maioria em Universidades Federais". A classificação sócio-econômica dos alunos está representada desta forma: Classe A 13%; B 43%; C 31%; D 10% e E 3%. Sabendo-se que em outros estados a situação é similar e que em todo país as chances de estudo diminuem drasticamente para a população de baixa renda, quando dissemos que Maurício da Silva é um vencedor é porque ele se estabeleceu, como negro, na execução que confirma a regra.

MAURÍCIO PESTANA

Cartunista

Maurício Pestana, nascido em 1963, em Santo André, município da Grande São Paulo, é um dos cartunistas negros mais requisitados pela imprensa afro-brasileira atual em razão de seu talento e do seu extraordinário poder de síntese, quando se trata de estigmatizar e levar ao ridículo certos tipos de racismo e de racistas anti-negro, em nosso país. Seu nome hoje tremula em quase todos os Estados da Federação como fosse uma bandeira colorida de humanismo, de sarcasmo e de ironia que se constituem em autênticos aríetes arremessados contra este circo montado pela farsa da "democracia racial" e que se apoiam em relatórios (...) que comprovam

as hipóteses iniciais de que o negro assume papéis que fazem dele um "negativo do branco", através de comportamentos latentes e manifestos, como já o dissera, certa vez, com muita propriedade, Iracy Carone, que é livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP. Maurício Pestana é cartunista político do Jornal Diário do Grande ABC (1983). É ainda o autor de *Transação da Transição*, publicado em 1985. A luta pela sobrevivência que se estabelece para o negro brasileiro percorrer um pátio de humilhações e de tragédias é também objeto de preocupações do olhar atento, severamente crítico de Maurício Pestana. É dentro desta concepção de valores que Pestana publica *O Negro e o Mercado de Trabalho* (1986), *Educação Diferenciada* (1989) e *Palavras de Trabalhador Negro* (1992). De vida profundamente ativa e de militância nos movimentos afro-brasileiros de seu país, Maurício Pestana vem participando com frequência e com regularidade em exposições, onde apresenta as suas obras na Universidade de São Paulo e no Centro Cultural Vergueiro da capital paulista, isto especialmente no ano de 1988, ano, por sinal, em que se registra o centenário da assinatura do diploma jurídico que pôs fim ao trabalho escravo no Brasil, mas não ofereceu melhores condições de vida ao negro brasileiro. Criativo, inovador e aguerridamente combativo, Maurício Pestana criou um tipo de "cartoon" de esporte para o Jornal Gazeta Esportiva e contribuiu para periódicos, como O Pasquim, Jornal do País e Revista Crítica de Informação, sendo que neste momento Pestana trabalha e colabora para várias publicações que buscam o seu talento cientes de que o grande público aprecia e aplaude as suas obras e suas charges pontilhadas de críticas e de bom humor, todas elas extraídas do fundo de sua sensibilidade afro-negra.

MESTRE BIMBA

Capoeirista

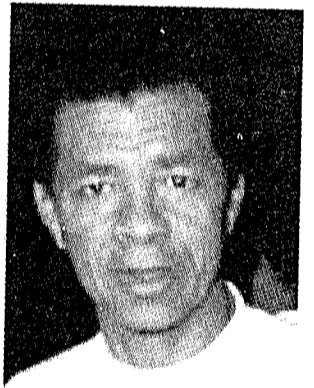
Aos 23 de novembro de 1899, início de um novo século, no bairro do Engenho Velho, Freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia, nascia Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba. Filho de Luiz Cândido Machado e Maria Martinha do Bonfim. Aos 12 anos de idade, Bimba iniciou-se na capoeiragem, como aluno do mestre africano Bentinho, capitão da Cia. de Navegação Baiana. Sentindo que a capoeira angola que praticava, e ensinou por um bom tempo, tinha se modificado, servindo de prato do dia para pseudos-capoeiristas, que a utilizavam basicamente para exibicionismo em praças públicas, Mestre Bimba criou um novo estilo, o qual batizou de Luta Regional Baiana, que, na verdade, nada mais era do que a união da capoeira angola com um outro tipo de luta denominada batuque-boi. Na década de 30, após uma demonstração para algumas autoridades governamentais, a convite do governador do Estado da Bahia, general Juracy Magalhães,

Mestre Bimba conseguiu a liberação para o ensino de sua capoeira regional, que até então era prática proibida por lei. Bimba após a liberação, abriu a primeira escola de capoeira que, estranhamente, não levava o nome de capoeira, e sim de Centro de Cultura Física, localizada na Freguesia de Brotas. Na verdade, a liberação obtida por Bimba foi uma liberação entre aspas, porque a discriminação racial e social aos negros, que eram a maioria dos praticantes de capoeira na Bahia, não deixou de existir. Mestre Bimba, apesar de sua pouca instrução, era um homem muito inteligente, pois criou um método de ensino baseado em 14 grupos de movimentos (Sequência da Regional + Cintura Desprezada). Até os dias de hoje, a escola de Bimba é mantida na Rua do Maciel-Pelourinho, mas, infelizmente, num processo de profunda descaracterização. Em 1973, descontente com o descaso das autoridades com relação ao seu trabalho, muda-se para Goiânia, vindo a falecer em novembro de 1974, na Santa Casa de Misericórdia de Goiânia.

MESTRE BRÁSILIA

Pioneiro da capoeira em São Paulo

Mestre Brasília, como é conhecido Antonio Cardoso Andrade, baiano radicado em São Paulo, completou em maio de 97 56 anos de idade, dos quais 36 dedicados à capoeira. "Há 31 anos estou em São Paulo dando aulas de capoeira e há 28 anos no mesmo local no bairro de Pinheiros". Um dos pioneiros da capoeira em São Paulo, é fundador da Associação de Capoeira São Bento Grande. Desde 1972, viaja pelo Brasil e pelo exterior realizando shows e palestras sobre a capoeira e o nosso folclore, que é um dos mais ricos em todo mundo. Entre os países que visitou, estão Japão, Bélgica, Coreia, Alemanha e Estados Unidos. "Em 1993, fundei a Casa de Arte e Cultura Ginga Original, para ensinar aos meus alunos, além da capoeira, toda a minha vivência cultural, apresentando vários quadros do nosso folclore baiano, como maculelê, puxada de rede, batuque, capoeira, sambão e outros". Atualmente, Mestre Brasília é conselheiro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB) e uma de nossas autoridades para assuntos relacionados com esta modalidade esportiva afro-negra que, pelo prestígio que alcançou nestas últimas décadas, está para ser incluída como uma das competições das futuras Olimpíadas.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

MESTRE DIDI

Artista plástico e escritor

Deoscóredes Maximiliano dos Santos - Mestre Didi - é natural do Estado da Bahia, onde nasceu na cidade de Salvador, no dia 2 de dezembro de 1917, filho de Dona Bebiãna do Espírito Santo e Arsenio dos Santos. É casado com a renomada antropóloga Juana Elbein dos Santos. Mestre Didi é mais do que uma simples criatura humana que venceu as barreiras do preconceito e da discriminação que correm o Brasil estigmatizando o negro, num processo de exclusões, persistente e insidioso, desde que este país foi achado pelos navegantes portugueses, nos idos de 1500. Mestre Didi extrapolou os limites da



ciência com a antropologia que se firmou, na mais das vezes, reduzindo o ser humano a categorias mais simples como raça, coletividade, país, sistema, e grupamento sócio-racial. Mestre Didi, pela sua intimidade de sacerdote afro-brasileiro, flutua, de modo diáfano, no ambiente que nós mortais chamamos de eternidade, em cujo pórtico estão o Alapini e o Assogba, que são anjos e porta-vozes da boa-nova trazida por todos e para todos os negros que amam e servem à natureza e à espécie humana, nesse misto de liturgia e de espiritualidade. É forçoso que se recorra a Muniz Sodré para que melhor se defina este clima, por assim dizer, de santidade eucarística, em que vive o Mestre Didi. Diz-nos o professor: "É assim que no indivíduo Deoscóredes M. dos Santos, este cujos oitenta anos de idade celebramos com emoção, ressoam com vigor aos vozes plurais de uma Arkhé, que se ritualizam nos cultos e se materializam na singularidade artística das esculturas. Didi celebra a Arkhé, que é veículo de ascese - origem, morte e ressurgência - presença extraordinária da individualidade negra brasileira na História". Didi existe, sim. Mas Muniz Sodré não está sozinho nessa ambiência de celestialidade platônica em que Didi está levitando. Como que sustentando, com firmeza e sabedoria, as suas ponderações a respeito do Mestre Didi, Helena Theodoro afirma que através do contato com Mestre Didi, "pude penetrar no mundo de mitos e de uma outra forma de espiritualidade, podendo adquirir um conhecimento mais profundo de uma cultura olhada com preconceito e até com temor, tendo oportunidade de identificar os diferentes modelos de autonomia, seja sexual, intelectual, político ou espiritual que os ancestrais desenvolveram e os mais velhos continuam desenvolvendo na sociedade brasileira, com a força da mulher negra, com a ideologia do axé, numa forma pluricultural de ser e de crescer no, e com o mundo".

logia que se firmou, na mais das vezes, reduzindo o ser humano a categorias mais simples como raça, coletividade, país, sistema, e grupamento sócio-racial. Mestre Didi, pela sua intimidade de sacerdote afro-brasileiro, flutua, de modo diáfano, no ambiente que nós mortais chamamos de eternidade, em cujo pórtico estão o Alapini e o Assogba, que são anjos e porta-vozes da boa-nova trazida por todos e para todos os negros que amam e servem à natureza e à espécie humana, nesse misto de liturgia e de espiritualidade. É forçoso que se recorra a Muniz Sodré para que melhor se defina este clima, por assim dizer, de santidade eucarística, em que vive o Mestre Didi. Diz-nos o professor: "É assim que no indivíduo Deoscóredes M. dos Santos, este cujos oitenta anos de idade celebramos com emoção, ressoam com vigor aos vozes plurais de uma Arkhé, que se ritualizam nos cultos e se materializam na singularidade artística das esculturas. Didi celebra a Arkhé, que é veículo de ascese - origem, morte e ressurgência - presença extraordinária da individualidade negra brasileira na História". Didi existe, sim. Mas Muniz Sodré não está sozinho nessa ambiência de celestialidade platônica em que Didi está levitando. Como que sustentando, com firmeza e sabedoria, as suas ponderações a respeito do Mestre Didi, Helena Theodoro afirma que através do contato com Mestre Didi, "pude penetrar no mundo de mitos e de uma outra forma de espiritualidade, podendo adquirir um conhecimento mais profundo de uma cultura olhada com preconceito e até com temor, tendo oportunidade de identificar os diferentes modelos de autonomia, seja sexual, intelectual, político ou espiritual que os ancestrais desenvolveram e os mais velhos continuam desenvolvendo na sociedade brasileira, com a força da mulher negra, com a ideologia do axé, numa forma pluricultural de ser e de crescer no, e com o mundo".

Agenor Miranda Rocha, Orlando Sena, Dalmir Francisco, Kátia de Queiroz Mattoso, Roger Bastides, entre outros, teceram amplas e definitivas considerações acerca de Mestre Didi, desenhando à água-forte o marcante perfil da personalidade de Mestre Didi. Merecem destaque as palavras do acadêmico Antonio Olinto: "Artista plástico e escritor, as duas feições se misturam em Mestre Didi, e as imagens hieráticas e majestosas que produz combinam com suas narrativas, cuja rara beleza se mescla naturalmente com as palavras luso-brasileiras que utiliza. Nele, vejo o escritor de sua gente que, juntamente com os objetos visuais de uma arte, compõe um pedaço do Brasil. Nele, vejo sempre o escritor que naquela tarde, a bordo da Normandie, se revelou a mim e a Zora Seljan como perfeito narrador da Língua Portuguesa".

Ancestralidade Aliciana no Brasil - Mestre Didi, 80 anos - organizado por Juana Elbein dos Santos - SECNEB - Salvador - 1997

MESTRE PASTINHA

O mais célebre mestre da capoeira Angola

Símbolo da cultura popular brasileira, Vicente Ferreira Pastinha foi o mais célebre mestre de capoeira Angola do país e brigou como um guerreiro incansável pela valorização da "mais bela de todos as lutas". Tinha 8 anos quando conheceu o gingado com um africano que chamava carinhosamente de Tio Benedito. Ao ver o menino franzino e pequeno apanhar de um garoto mais velho, o angolano resolveu ensinar-lhe os movimentos da capoeira. Durante três anos Pastinha passou tardes inteiras em um velho sobrado da rua do Tijolo, em Salvador, treinando golpes como meia-lua, cabeçada, rasteira, rabode-arraia e outros. Ali, ele aprendeu a jogar com a vida e a ser um vencedor. Nasceu em 5 de abril de 1889, em Salvador. Seu pai, o espanhol José Sinó Pastinha, era proprietário de um pequeno armazém, no Centro Histórico da capital baiana. Teve pouco contato com a mãe, Maria Eugênia, uma negra natural de Santo Amaro da Purificação, interior da Bahia. Viveu uma infância modesta e feliz. Aos 13 anos, era o moleque mais respeitado e temido do bairro. "Para ver se tomava jeito", seu pai o matriculou na Escola de Aprendizes Marinheiros. Conheceu os segredos dos homens do mar e ensinou aos colegas a manha da capoeira. Aos 21 anos, deixou a Marinha e voltou para o Centro Histórico para exercer o ofício de pintor. Suas horas de folga dedicava à capoeira com os amigos. Treinava às escondidas, porque no início do século a luta era crime previsto pelo Código Penal da República. Quem fosse apanhado fazendo demonstrações poderia pegar até seis meses de prisão. Em 1912, Pastinha conheceu Raimundo Aberrê, seu primeiro discípulo, que mais tarde se tornaria um dos maiores ca-

poeiras da Bahia. Somente em fevereiro de 1941, fundou o Centro Esportivo Capoeira Angola - CECA, no casarão de número 19 do Largo do Pelourinho - quatro anos depois da promulgação do decreto que descriminalizou a capoeira. Por ali passaram nomes como João Oliveira dos Santos (João Grande), João Pereira dos Santos (João Pequeno), Gildo Lemos Couto (Gildo Alfinete), Gabriel Góes (Mestre Gato), Ápio Patrocínio Conceição (Camafeu de Oxóssi), que se tornaram mestres de capoeira Angola e foram reconhecidos internacionalmente. As rodas de capoeira do CECA eram concorridas. Mestre Pastinha era amigo de Carybé e Jorge Amado, que frequentemente convidavam artistas e intelectuais para vê-lo jogar. Na década de 60, o casarão do Largo do Pelô recebeu visitantes ilustres, como o filósofo Jean-Paul Sartre e o ator Jean Paul Belmondo. Aos domingos, turistas estrangeiros lotavam a academia para ouvir a música do berimbau, dos atabaques e apreciar os movimentos precisos dos capoeiristas. Disciplina e organização eram regras básicas na escola de Pastinha. Seus alunos sempre jogavam vestindo uniforme amarelo e preto. Em 1º de abril de 1966, Pastinha chegou a Dacar, capital do Senegal, para representar o Brasil no I Festival Mundial de Arte Negra. Cerca de 20 mil pessoas lotaram o Teatro Daniel Sorano pra assistir, pela primeira vez, a uma apresentação de capoeira Angola. O público gostou tanto que os capoeiristas tiveram que improvisar um show extra. Artistas como Elizeth Cardoso e Ataulfo Alves também participaram da festa. Mestre Pastinha utilizava todos os seus talentos para valorizar a capoeira. Fazia versos e chegou a escrever um livro, *Capoeira Angola*, publicado em 1964 pela Gráfica Loreto; e criou um código de ética que condenava a violência. Debilitado fisicamente, aos 84 anos, deixou a antiga sede da academia para morar num quarto de um velho sobrado no Pelourinho, com a segunda mulher, que era "baiana de acarajé". Vinha dela a única renda que o mestre tinha na época. No dia 12 de abril de 1981, Pastinha participou do último jogo. Dessa vez, com a própria morte. Ele que tantas vezes jogou com a vida e saiu vitorioso, acabou derrotado pela doença e pela miséria. Morreu cego e paralisado aos 92 anos, no Abrigo Dom Pedro II, em Salvador. Para ele, apesar do esquecimento, o esforço tinha valido a pena. *A capoeira cresceu, correu muita terra. Graças ao seu trabalho e ao de outros mestres, a capoeira hoje é reconhecida como esporte nacional e ganhou adeptos em 48 países. Dele falou Jorge Amado: Mestre da capoeira Angola e da cordialidade baiana, ser de alta civilização, homem do povo com toda a sua picardia, é um dos seus ilustres, um de seus obás, de seus chefes. É o primeiro em sua arte; senhor da agilidade e da coragem.... Baiano de Salvador, do Pelourinho, Pastinha foi o grande mestre da capoeira Angola, aperfeiçoando a arte centenária dos escravos. Ele organizou uma escola, estabeleceu um método de ensino com base*

nas antigas tradições e ainda escreveu o primeiro livro do gênero, onde expõe a sua concepção filosófica. Foi com o Mestre Pastinha que foi instituída a constituição da bateria composta por três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um reco-reco e um agogô. *Capoeira é tudo o que a boca come*, dizia ele na sua singular filosofia.

Elaine Inocência

MESTRE TADEU DA VAI-VAI

Diretor de Bateria

Antônio Carlos Tadeu de Souza, nascido no dia 13 de fevereiro de 1952, é filho de Maria José de Souza, vindo ao mundo no seio de uma família de sambistas de longa tradição, que soube superar as naturais dificuldades impostas às pessoas de origem negra



que são caracterizadas pela péssimas condições de vida em meio à sociedade dominante de procedência européia. Conforme um resumo do pensamento do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, extraído do seu artigo publicado no jornal L'Unitá, "A brasileira é uma falsa democracia do ponto de vista racial, e as estatísticas da distribuição dos cargos, das vantagens de que gozam os setores sociais mais favorecidos ou da escolaridade falam claro. Nem mesmo o Clero, infelizmente, está livre dos preconceitos sociais". O trecho acima é elucidativo para aqueles indivíduos que imaginam que o fato de termos um direito garantido materialmente na Constituição de 1988, por si só seja suficiente para extrair concretamente um direito, infelizmente não o é. De modo que a vida do Mestre Tadeu, da Vai-Vai, sempre foi pautada por uma luta dura e permanente contra a discriminação, contra o preconceito e contra o racismo anti-negro, explícitos ou camuflados, que em seus efeitos deletérios e negativos fazem na pessoa ou de um conjunto de criaturas humanas, um razoável estrago para a afirmação de sua personalidade e para defesa de sua própria auto-estima. Mestre Tadeu é funcionário público municipal, há mais de 25 anos. Hoje desempenha as suas funções junto à CONE - Coordenadoria Especial do Negro do Município de São Paulo. Há mais de 25 anos de presença e ativa participação no mundo do samba, Mestre Tadeu tem como ponto alto de sua vida de sambista bem sucedido o fato de ser o mestre de bateria da Escola de Samba Vai-Vai:

sempre tirando neste quesito, "Nota 10".. É ainda pertencendo à diretoria desta tradicional Escola de Samba de São Paulo, e, como tal, tem poder de decisão em favor desta instituição. Discípulo do velho Mestre Rubinho, "Apito de Ouro", da Escola de Samba Lavapés, de onde saiu para defender as cores da alvi-negra do Bixiga em São Paulo, onde permanece até os dias de hoje, o Mestre Tadeu possui um invejável currículo de 9 títulos de Campeão do Carnaval do Grupo Especial da Capital Paulista. Mestre Tadeu é dotado de forte personalidade, muito embora seja sempre um cavalheiro dedicado, daí merecer o respeito e admiração de seus colegas de trabalho e das companheiras sambistas, por ser, constantemente, um ardoroso defensor da cultura negra e de suas raízes, no âmbito do universo de suas atividades. Mestre Tadeu é um caso típico de negro e de sambista negro relacionado com o mundo da arte popular mais importante que a era moderna conhece, que é o nosso carnaval, que podemos dizer tratar-se do maior espetáculo da Terra.

MESTRE VALENTIM

Escultor

Valentim da Fonseca e Silva - Mestre Valentim- é mineiro, nascido na cidade de Serro Frio, em 1750, período de enorme ebulição. Lembrando que tanto a capital do Império quanto a da província de Minas Gerais constituíam, na época, importantes centros de fermentação política, é significativa a exaltação desses dois artistas mulatos - Aleijadinho e Valentim - num contexto histórico agitado, de acordo com o que nos ensina Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Coincidência ou não, é curioso que Valentim faleceu um ano antes - 1813 - do que Aleijadinho - 1814, muito embora admita-se que ambos jamais tenham chegado a se conhecer pessoalmente, uma vez que nenhum de seus biógrafos faz referência sua ligada à provável viagem às Alterosas. Como se vê, a vida insular dos artistas daquele tempo era realidade concreta e os meios de comunicação eram simplesmente precaríssimos. Mais uma vez a história se repete. Sendo, Mestre Valentim, filho de um fidalgo português contratador de diamantes - isto nos faz lembrar a conhecida história de Chica da Silva - e de uma escrava negra brasileira, teve a sorte de ser levado, pelo pai, ainda muito cedo para Portugal com intenção de lhe oferecer uma esmerada educação. Eis que este morre e Valentim retorna ao Brasil, fixando-se a viver e a trabalhar realizando obras de talha em várias igrejas do Rio de Janeiro, merecendo especial menção as do templo de Santa Cruz dos Militares (infelizmente, acervo quase que todo ele destruído por um incêndio), da capela-mor da Igreja de São Francisco de Paula, da Conceição da Boa Morte e da própria Candelária com decoração em

pedra mármore. Dizem os estudiosos que grande parte de sua obra escultórica com visíveis traços do neoclássico, põem em relevo o auge dessa escola nas artes sacras do Rio de Janeiro do século XVIII. São consideradas de enorme valor artístico as imagens em madeira de São Mateus e de São João. Mestre Valentim executou muitos trabalhos de arquitetura entre os anos de 1785 e 1795, como os *Chafarizes das Marrecas, das Saracuras e do Lapidário ao lado do Paço*, hoje Praça 15 de Novembro, *bela conjugação das formas Manoelinas com as Barrocas*. Entretanto, dizem os especialistas que sua obra-prima foi o *Passeio Público do Rio de Janeiro (terraço de bancos de azulejos, pavilhões, a Cascata dos Jacarés, escadarias, estátuas de Apolo, Mercúrio, Diana e Júpiter, mesas e bancos de granito, portão de entrada com baixos-relevos, etc.)*, revelando, através dessas criações artísticas, uma invulgar virtuosidade de profunda delicadeza, de quem nasceu talhado para ser lembrado como o *Estatuário do Colosso*, cantado pelo nosso imortal Castro Alves, o Poeta dos Escravos. Nas escolas mineiras e cariocas, como bem afirma Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, estes dois vultos, Aleijadinho e Mestre Valentim, destacam-se entre os astros de primeira grandeza da arte pictórica em face da qualidade e da quantidade do que produziram ao longo de suas carreiras, cuja influência perdura até hoje, que vem de seus inúmeros discípulos e seguidores. No catálogo de Valentim há uma predominância de obras de natureza religiosa não se descartando as civis e urbanas, fruto da sua conhecida ligação com o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos, seu amigo e inextinguível protetor, segundo seu biógrafo Moreira Azevedo.

1) Larousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo - 1988; 2) Mão Alvo Brasileira, organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1988.

MIGUEL SANT'ANNA

Obá Aré do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá
Personalidade do candomblé

Obá Aré, Miguel Sant' Anna foi um dos doze obás escolhidos por Mãe Aninha (Iyá Obá Biyi); era Obá da direita e vice-presidente da Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá. Muito ligado a Mãe Aninha, quando estava em seu leito de morte, foi o único Obá que ela chamou à sua cabeceira para transmitir seus últimos desejos; juntamente com ele, estava Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos). Muitos benefícios ele fez por este Axé. Certa feita o terreiro estava prestes a entrar no contencioso; ele, sem medir dificuldades, prontamente pagou toda a dívida sem nunca ter cobrado um tostão da sociedade. Porque ele bem sabia que o Axé, ialorixá e demais componentes do Egbé bem mereciam. E ele fez isso também, por Xangô, orixá que ele tanto venerava. Muitas criaturas que não tinham recurso, fizeram obrigação de Orixá (Yáô) com a ajuda finan-



Velho em Casa Lima

ceira dele, não importando em que terreiro fosse, quer fosse no Opô Afonjá, Casa Branca, em Cachoeira, terreiro de Gêge de Abalia Debessein que ele também freqüentava, em Muritiba no terreiro de Nezinho, no Ganchois, etc. E ele não andava se vangloriando com isso, as pessoas

beneficiadas é que vinham lhe agradecer e pedir a sua benção. Pierre Verger o colocou em seu livro, "Retratos da Bahia", como negro ilustre naquela época. Miguel Sant'Anna foi pai, bom amigo, bom irmão, bom esposo, sempre procurou ajudar os parentes e amigos. Alguns dos muitos amigos que ele tinha, o ajudaram muito em sua velhice: Vivaldo Costa Lima, que lhe prestou grande homenagem póstuma, colocando o nome do teatro situado no Pelourinho (Rua Gregório de Matos), o Teatro Miguel Sant'Anna; Jorge Amado, que o colocou como personagem de vários livros seus, como *The-reza Batista Cansada de Guerra*, *Tenda de Mi-lagres*, *Bahia de Todos os Santos*, etc.; o escritor Wilson Lins, seu vizinho, no Rio Vermelho, Luiz Domingos de Souza, (filho de Maria de S. Pedro), Carlos Alberto de Almeida Dias, seu afilhado, que até hoje venera e homenageia a sua memória; Didi e Juanita; Antonio Olinto, que é atualmente Obá Aré no Ilê Axé Apô Afonjá, Zora Seljan; Ildásio Tavares, que é atualmente Otum Obá Aré, Kátia de Oyá; Antonio Monteiro, que o levou à Casa Branca, pela última vez, depois de muitos anos - foi à sua despedida, porque meses depois faleceu. Deixou muitos filhos, afilhados, sobrinhos, netos e bisnetos. Em vida criou e casou muita gente, parentes e aderentes. E a medida que iam casando, ele é quem dava o enxoval, móveis para casa. Todos os anos, em 29 de setembro, era celebrada uma missa para S. Miguel na Igreja da Conceição da Praia, pela passagem do aniversário dele. Neste dia eram também batizadas as crianças que os pais escolhiam para ele ser padrinho. Tornou-se uma tradição - todos os eventos que havia na família, tais como casamento, batizados, missas, todos se uniam nesta Igreja.

MILTON BARBOSA

Um dos fundadores do MNU

Nascido na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, em 12 de maio de 1948, veio morar em São Paulo no bairro da Bela Vista quando tinha apenas três anos. Estudou o primário na escola particular São José, onde recebeu aulas de Ana Rita Sant'Ana, a popular da Toca. Fez uma parte do ginásio na

escola de Contabilidade Veiga Filho, terminando o ginásio e colegial no curso de Madureza Santa Inês. Fez curso vestibular no Objetivo, cursou alguns anos a Faculdade de Economia e Administração da USP. Acompanhava a escola de samba Vai-Vai desde criança, passando a desfilar na escola quando adolescente onde foi chefe da ala "Cala Boca". Participou da direção colegiada do Centro Acadêmico Visconde de Cairu - da FEA-USP em 1974. Participou da diretoria da AEMESP (Associação dos Empregados do Metropolitan do Estado de São Paulo), que mais tarde transformou-se em sindicato. É membro fundador do Movimento Negro Unificado (MNU) e um dos fundadores do diretório do PT da Bela Vista (1981). Participou do Diretório Estadual do PT na gestão de 1984. Em 1986, coordenou a visita de Antoine K. Marandura ao Brasil, comandante-em-chefe do Partido da Libertação Congolosa, oposição ao ditador Mobutu do Zaire. Como fundador e dirigente do Movimento Negro Unificado, Milton Barbosa tem sido a própria alma deste movimento, por sua atuação lúcida, corajosa e desinteressada, de tempo integral, fazendo do MNU uma instituição afro-brasileira de combate ao racismo, às discriminações e aos preconceitos de raça e de cor, das mais atuantes, vigilantes e altamente representativas neste setor nas atividades sociais e políticas, hoje ardorosamente defendidas pela consciência que vertebrava e norteia os principais conceitos dos direitos humanos no Brasil. O Movimento Negro Unificado nasce ensejado pelo sangue de Robson Silveira da Luz, preso, em 1978, no 44º Distrito Policial de Guaianazes e torturado até a morte nas dependências dessa Delegacia; pela morte do operário negro, Newton Lourenço, ocorrida no bairro da Lapa, sangue que inflamou de indignação e revolta os negros e os movimentos daquela década. Outro ingrediente que se tornou explosivo na ocasião foi o fato que se deu com os quatro garotos do time infantil de voleibol, que foram barrados pelo porteiro do Clube de Regatas Tietê e o diretor do clube, que chamou o técnico para lhe explicar que os garotos não poderiam fazer parte do clube por serem negros, e lhe disse: "Se deixo um negro entrar na piscina, cem brancos saem imediatamente". Milton Barbosa, com Antônio Leite, Eduardo de Oliveira, Celso Prudente, Wilson Prudente, Wanderley José Maria, Rafael Pinto, Sebastian, Hamilton Bernardes Cardoso, Lélia Gonzales, Prof. e Senador Abdias do Nascimento, Neusa Maria Pereira, e outros, estabeleceu-se, por assim dizer, como o fio condutor daquela carga de energia, que acabou transformando o MNU neste tradicional movimento negro, com sede nos estados de São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande

do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Maranhão, Goiás, Ceará e Pernambuco, demonstrando o seu vigor, a sua exuberância e a sua atualidade. Nascido no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, o Movimento Negro Unificado, vem, de lá para cá, crescendo e se expandindo para ocupar o seu lugar na história do povo afro-brasileiro e consolidar a existência desta entidade entre nós, de modo que sua presença e atuação registrem uma das páginas brilhantes que se eternizam na consciência dos povos que lutam pela sua autovalorização e dignidade de sua gente.

MILTON COUTINHO

Artista plástico

A mitologia africana é o objeto de pesquisa do artista plástico Milton Coutinho, natural do município de Santa Bárbara, atualmente domiciliado em Salvador, que, desde 1979, vem dando forma em madeira às entidades que compõem as narrativas míticas, mitografia da raça negra. Artesão até 1977, trabalhando com artesanatos de couro, Coutinho, sendo aluno do Colégio Severino Vieira, ingressou no Curso de Artes desse estabelecimento de ensino, tendo incursionado pela pintura, xilogravura, litografia, gravura em metal e escultura em madeira. Em 1979, concluído o curso, Coutinho resolveu optar por uma só atividade artística e assumiu a especialidade da escultura em madeira. Nesse mesmo ano montou um atelier com seu professor de Arte. Milton Coutinho dedicou-se única e exclusivamente à pesquisa de mitologia africana e dando-lhe forma em madeira. Entre 1979 e 1980 esteve domiciliado em Eunápolis pesquisando e trabalhando intensamente e, em 1981, fez viagens ao Rio para vender os seus trabalhos com uma grande aceitação. No final de 1981, diz Coutinho, "retornei a Salvador e desenvolvi um trabalho conjunto com o artista plástico Celso Cunha fazendo painéis". Em 1984 viajou para São Paulo, onde desenvolveu um trabalho em dois planos: um teórico, buscando aperfeiçoar-se na especialidade escultura, participando intensamente dos cursos e seminários e outro, prático, procurando, sem fugir do tema mito africano, colocar na madeira, jaqueira de preferência, as inovações aprendidas nos cursos e seminários. Na busca sistemática do aprimoramento artístico, Coutinho disse ter estabelecido duas metas: programar um aprendizado superior da arte de esculpir e envidar todos os esforços para empreender pesquisas de campo da mitologia africana em seu ponto de origem: a África. No momento ambas as metas estão muito distantes, principalmente a segunda, mas acredita que, com esforço e muito trabalho, reduza as distâncias dessas metas e

acabe por realizá-las. Segundo Coutinho, a mitografia africana é extremamente rica, mas as informações que tem sobre ela são secundárias ou terciárias e, por isso, sujeitas a alterações descaracterizantes. Daí achar importante inteirar-se da mitografia em seu local de origem. Revelou ainda Coutinho que seu encontro com a arte foi conseqüência de uma evolução natural de sua habilidade na atividade artesanal. Houve inclusive uma evolução na matéria-prima de sua arte: do couro para a madeira. Com a qual até se sente mais a vontade para pesquisar e dar, em forma de escultura, a sua interpretação dos orixás e das entidades que compõem a mitologia das crenças da raça negra.

MILTON GONÇALVES

Ator e ex-candidato a governador do Rio pelo PMDB

Milton Gonçalves é o ator mais popular e um dos mais bem sucedidos em sua longa carreira de artista negro com atuação na Rede Globo, hoje transpondo o limiar de seus sessenta e quatro anos de uma vida fértil e de prolífera atividade artística. Milton Gonçalves nasceu em Monte Santo, cidade mineira, no dia 9 de dezembro de 1933, em pleno início da era "Getúlio Vargas" que começava seu governo revolucionário. Residindo no Rio de Janeiro, cidade que adotou por opção. Milton Gonçalves é quem declara que o preconceito racial contra a cor negra

bate na vítima como uma pancada na cabeça que ressoa pelo corpo inteiro. Vivendo na capital cultural do país, Milton Gonçalves afeito ao trabalho que a outros poderia até levar a exaustão, caminho aberto

para o estresse da agitada vida moderna, este consagrado ator negro soube enfrentar com denodo e galhardia as contingências provenientes de sua condição de negro e de cidadão de poucos recursos. Os números estão aí para confirmar o valor e a intensa presença de quem devotou toda a sua vida ao teatro, ao cinema e à televisão. Figurando ao lado de astros de primeira grandeza, graças ao seu talento multifário para os mistérios de sua profissão, Milton Gonçalves já atuou em mais de 100 filmes, desconhecendo, praticamente, o número das vezes em que este-

ve, ora atuando como ator, ora dirigindo como diretor de novelas ou fazendo televisão, em cuja interpretação, a sua sensibilidade aflora com força de sua dramaticidade para gáudio dos que, do outro lado da platéia, se extasiam com a sua performance. Seu rosto de tons sóbrios e melancólicos, aureolado por uma profunda expressividade, tornou-se a marca mais visível e característica de sua presença física ocupando todos os espaços da telinha. A carreira deste moço que chegou a ser candidato a governador do glorioso Estado do Rio de Janeiro começou em São Paulo, de maneira, por assim dizer, fortuita. *Em vez de ser motorista da família para a qual sua mãe trabalhava, Milton preferiu tentar a profissão de gráfico*, conforme declara em entrevista à revista Raça Brasil. Vale a pena reproduzirmos este trecho da entrevista pelo que esta traz de interessante: *Um dia, Milton depois de assistir à peça A Mão do Macaco, saiu maravilhado, fiquei, diz ele, absolutamente encantado com a possibilidade de o gênero humano produzir tamanha grandeza*, tratando, em seguida de entrar para um clube de teatro amador o que não lhe custou em tornar-se profissional. Nessas andanças pelo mundo dos espetáculos cênicos veio a conhecer Augusto Boal, o Teatro de Arena de São Paulo, Gianfrancesco Guarnieri, Flávio Migliacio, Oduvaldo Viana e mais uma plêiade de consagrados artistas. Estudioso e determinado, Milton Gonçalves começou a dar tratos à bola: empostação de voz, postura física, desenvolvimento da memória, disciplina espartana, história do teatro, filosofia, política e arte passaram ser o pão de cada dia daquele que, em resultado desse esforço, viria a receber vários prêmios e diversos diplomas de reconhecimento público pela brilhante carreira que soube desenvolver por pura vocação. Milton diz com muita sabedoria que a televisão é como o Maracanã. É para craque. É ele que nos demonstra: *cobram de nós negros uma coerência que nenhum ser humano tem. Às vezes isso cria áreas de atrito desnecessárias.*

Revista Raça Brasil - número 15 - 1997

MILTON NASCIMENTO

Cantor e compositor

O negro, tanto da África quanto da diáspora, sempre teve uma grande propensão para a música. Há os que afirmam ser a música a voz dos que não podem falar. Seja lá como for, o que se sabe é que no Brasil o negro sempre se projetou em razão de sua vocação e de sua sensibilidade musical. Milton Nascimento, por exemplo, é uma dessas revelações que confirmam a tendência a que acima nos referimos. Compositor e cantor

de raros méritos e de indiscutível popularidade, Milton Nascimento, nascido no Rio de Janeiro em 1942, começou muito cedo a conviver com a arte da música, tocando e cantando em conjuntos que se formavam na cidade de Três



Pontas, Minas Gerais, onde passou a residir. Já em 1967, com apenas quinze anos de idade, ao participar do 2º Festival Internacional da Canção, realizado pela Rede Globo, Milton Nascimento consegue um portento classificando três de suas canções, constituindo esta proeza no fio condutor que o levaria a uma longa carreira profissional de brilhantes sucessos na Música Popular Brasileira. Entre as músicas finalistas do Festival, *Travessia* seria uma espécie de carro-chefe que puxava as demais canções como *Morro Velho* e *Maria Minha Fé*. Conhecido e gozando de grande admiração popular, Milton Nascimento vai para os Estados Unidos, onde grava o LP *Courage*, com tratamento musical de Eumir Deodato, isto depois de alcançar êxito invulgar cantando pelos bares e locais onde se aglomerava a fina flor da gente de Belo Horizonte, sempre acompanhado de seu inseparável violão. As canções que compunha, grande número delas, em parceria com Fernando Brant, emolduradas pela bonita voz de timbres de uma especial sonoridade que conquistou a alma e o coração de todos os brasileiros, são que fizeram de Milton Nascimento um dos ídolos da juventude brasileira das décadas de 70 e 80. *Coração de Estudante* praticamente se estabeleceu como um autêntico hino em razão de seu apelo que enaltecia os valores identificados com esta faixa etária de passagem efêmera, mas cheia de vitalidade que nos fazem alegres e felizes. Milton Nascimento é o que melhor ocuparia o lugar de Orlando Silva que era considerado o "Cantor das Multidões". Na verdade, este moço de gestos tímidos e atitudes inconfundíveis, cria um estilo muito próprio, quase que despojado de adereços, o que fez com que se coloque em primeiro plano a sua voz característica e cheia dessa magia encantatória que tanto nos comove e nos enternece. Por serem muitos os seus LPs de sucesso, podemos citar o nome de alguns que nos venham à memória ao sabor do acaso: *Clube da Esquina*, *Milagre dos Peixes*, *Native Dancer*, *Minas Gerais*, *Clube da Esquina 2*, *Paixão e Fé*, *Sentinela*, *Anima*, *Miltons*, e tantos ou-

tros que o público reconhece e aprecia. No dia 25 de fevereiro de 1998 o cantor e compositor brasileiro ganhou o prêmio Grammy na categoria world music. O prêmio foi entregue durante a cerimônia do 40º Grammy Awards, no Radio City Music Hall, em Nova York, EUA.

1) 1000 Que fizeram o século 20 - Editora Três - 1996; 2) Larousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo

MILTON SANTOS

Geógrafo de renome internacional

“Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado mas afrontar o estado... É neste sentido que me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. Eu digo que não. Em todo o caso no Brasil não é, porque não é preocupada com direitos mas com privilégios ...”

Quem sentença a situação brasileira com estas palavras que têm a força explosiva de um anátema é o Prof. Milton Santos, o notável geógrafo que conquistou, em 1994, a mais cobiçada láurea internacional instituída para premiar a Geografia, ou o geógrafo que se destaque no período, concedendo-lhe o “Vautrin Lud”, o que equivale ao Prêmio Nobel para esta especialidade, mediante um rigoroso concurso, cuja banca é constituída por 50 universidades de diferentes países. Milton de Almeida Santos, ao ser contemplado com esta importante insígnia, oferece à nossa sociedade o eloqüente testemunho pelo qual podemos afirmar que se forem dados ao homem os meios para que possa desenvolver as suas potencialidades físicas ou intelectuais inatas, o triunfo torna-se um fato possível e natural, independente da cor ou da etnia a que pertença essa criatura. Milton Santos, um dos mais famosos intelectuais negros brasileiros, nasceu em 1926, na cidade de Macaúba, estado da Bahia. É bacharel em Direito e sua notoriedade vem dos longos anos de estudo dedicados ao conhecimento dos problemas urbanos que afetam as nações subdesenvolvidas nos dias atuais sendo por isso respeitado mundialmente. A sua copiosa produção técnica e teórica que aborda o assunto goza da credibilidade dos meios científicos especializados, fazendo com que as suas obras sejam editadas em diversos países. Milton Santos é um dos



expoentes mais bem conceituados do movimento de renovação crítica da Geografia, inclusive quanto à metodologia desta disciplina. Milton, como homem público, foi secretário de Estado do Planejamento, tornando-se em seguida o subchefe da Casa Civil do governo Jânio Quadros. Em contrapartida este célebre geógrafo teve que se exilar em Strasbourg, na França, vítima que fora de perseguições políticas; sua estadia neste país deu-lhe a oportunidade para doutorar-se em Geografia. Apesar dos enormes sacrifícios que a situação lhe impunha. Milton Santos lecionou em várias cidades do mundo como Toulouse,

Nova York, Bordeaux, Paris, Toronto, Lima, Dar-es Salam, Caracas e no Rio de Janeiro, na Universidade Federal. Tornou-se lente da Universidade de São Paulo, a partir de 1983, onde continua atuando como titular. O Prof. Milton é autor de diversos trabalhos e livros acadêmicos, como *Pobreza Urbana, Ensaios sobre a Urbanização Latino-americana, Pensando o Espaço do Homem, A Urbanização Brasileira,*

Arte e Vida Urbana, A Carta de Atenas, Le Corbusier - Por uma Economia Política da Cidade - o Caso de São Paulo, sendo que é em seu livro *O Espaço Dividido - 1975*, que o famoso geógrafo desenvolve uma teoria sobre o espaço geográfico urbano e o subdesenvolvimento, obra que já se tornou um clássico internacionalmente reconhecido. Intelectual dos mais solicitados para manifestar-se também sobre questões como o racismo antinegro à brasileira, o prof. Milton Santos sempre comparece com trabalhos que são autênticos petardos que detonam muralhas da hipocrisia agasalhada por trás da “democracia racial”, cuja força de suas idéias fulguram em toda a sua plenitude, como no artigo *As Cidades Mutiladas* inserto no livro *O Preconceito*.

1) 1000 Que fizeram o século 20 - Editora Três - 1996; 2) Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo; 3) *O Preconceito - Secretaria da Justiça da Defesa da Cidadania - 1996/1997.*

MIQUÉIAS PAZ

Deputado Distrital - D.F.

Filho de José Anunciação da Paz e Amália Pereira da Paz (falecida), Miquéias Paz nasceu no dia 10 de novembro de 1963, em União da Vitória (PR), chegando a Brasília

ainda menino, aos cinco anos de idade. Passou sua infância no Gama, mas na adolescência foi um dos principais responsáveis pelo período de efervescência cultural vivido em Taguatinga, onde morou na década de 70. Já adulto e casado com Amena Abder Rahman Yasin, com quem tem três filhos - Abder Rahman Yasin da Paz, Matheus Mazen Rahman Yasin da Paz e Yasmine Santos Rahman Yasin da Paz - Miquéias morou também no Guará. Atualmente é morador da QNL, em Taguatinga. Arte e política sempre andaram juntas na vida do mímico que buscou nas questões sociais o tema para sua atuação. Foi o que o aproximou das entidades organizadas de trabalhadores e estudantes. Arte-educador e professor de expressão corporal na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, Miquéias teve oportunidade de ampliar sua visão política a partir da carreira artística que o levou para várias partes do mundo, transformando-o num mímico reconhecido internacionalmente. Mas a atuação política é muito anterior à partidária. Aproximou-se do PCB quando o partido ainda estava na ilegalidade, nos anos 70. O ingresso formal a um partido ocorreu somente em 1993, quando filiou-se ao PCdoB, legenda pela qual foi eleito como segundo suplente da coligação Frente Brasília Popular com 4.471 votos nas eleições de 94. Atualmente filiado ao Partido dos Trabalhadores, Miquéias Paz, reassume a condução do mandato na busca de alinhá-lo com seu projeto original: o do governo democrático e popular.

MIRTES FERREIRA

Psicóloga

Mirtes Ferreira é brasileira negra, nascida no Estado de São Paulo, ou melhor, na capital paulista no dia 30 de março de 1957, filha de Rui Ferreira e Adenir Luzia Ferreira; é formada em psicologia pela Universidade de São Marcos no ano de 1984. É ainda psicoterapeuta e Educadora nas áreas de Psicologia e Filosofia. Seu talento e suas idéias se fizeram presentes em inúmeras atividades ligadas a assuntos afro-brasileiros, como no Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo, no Movimento Negro de Piracicaba e a Coordenadoria Especial do Negro do Município de São Paulo, mais conhecida pela sigla CONE. É também interessante notar que segundo suas próprias revelações, Mirtes Ferreira sempre demonstrou, desde menina, preocupação para com as diferenças entre as pessoas, a nível comportamental e social; portanto, crescer rapidamente, tornar-se adulta e consciente de sua plena maturidade intelectual era o que mais desejava para resolver, de uma vez

Quem é Quem na Negritude Brasileira

por todas, esta ansiedade. Foi o que aconteceu. Uma vez atingida a idade de discernir as coisas com clareza e precisão, Mirtes Ferreira, depois de completar brilhantemente os cursos preparatórios, ingressa na Universidade São Marcos, na sua Faculdade de Psicologia, onde estuda profunda e intensamente o que vem a ser esta ciência que trata da mente e dos fenômenos e atividades mentais do ser humano, em suas relações ao meio físico e cultural em que vive: É aí que Mirtes Ferreira descobre, entre outras coisas, que a Mitomania é uma espécie de doença, ou de



desvio de comportamento, que expõe os portadores dessa inclinação instintiva a práticas, compulsivas, para a mentira gratuita, à fabulação, como se encontrasse no simulacro, a forma mais natural e adequada de se relacionar com as pessoas ou com os fatos de seu dia-

a-dia. Contudo, o empenho e a dedicação para elaborar estas teorias científicas não ofuscam de sua consciência de cidadã e de mulher negra, o desejo de participar, como militante ou ativista, da causa afro-brasileira, objetivando pôr em prática os códigos que recomendam que a Igualdade de Oportunidade é a forma mais eloqüente e fraterna de se fazer justiça, numa sociedade que se diz cristã, humanitária e democrática. Mirtes Ferreira é uma mulher negra de ação e determinação, quando se atira em defesa de uma causa, ou de um ideal, atira-se de corpo e alma, com firmeza e dedicação. Como por exemplo, o seu *Programa de Educação Para a Igualdade de Oportunidades*, que tem por meta levar para a população menos favorecida, particularmente a afro-brasileira, meios para que se transformem em agentes ativos da construção da própria realização humana. A parceria que Mirtes Ferreira está fazendo com o Congresso Nacional Afro-Brasileiro, demonstra que seus propósitos são sérios e para valer, neste sentido. Realmente, está na Educação o caminho para a emancipação total de seres humanos que segundo preceitos pregados, também, pelas religiões negro-africanas, são feitos à imagem e semelhança de Deus.

MOACIR SANTOS

Arranjador, compositor e saxofonista

Arranjador, compositor e instrumentista, Moacir dos Santos, hoje radicado nos Estados Unidos, é uma personalidade da música brasileira. É autor de trilhas sonoras que marcaram uma época do cinema brasileiro,

como Ganga Zumba, de Cacá Diegues, Os Fuzis, de Rui Guerra, O Beijo, de Tambelini, e outras. Premiado arranjador e instrumentista, foi agraciado pelo governo brasileiro, em 1996, com a medalha da Ordem do Rio Branco - um dos poucos cidadãos afros a receber tal distinção. Nascido no sertão de Pernambuco, com 11 anos já tocava clarinete. Sua mãe morreu quando tinha 2 anos e, adotado por uma família, acabou fugindo de casa, adolescente, em busca de um futuro na música. Aprendera as manhas do saxofone. Dessas andanças, depois de passar por incontáveis percalços, foi se estabelecer em Recife em 1943, indo tocar na Rádio Tabajara, onde em pouco tempo se tornou líder da jazz band. Isso, depois de dar baixa na polícia da Paraíba, em cuja banda se alistara por um ano e meio para poder viver da música. Casou, e só muito tempo depois foi para o Rio de Janeiro, para a Rádio Nacional, a principal do país na época, onde trabalhou com músicos do porte de Radamés Gnatalli, Lyrio Panicalli, Guaraná, e muitos outros. Deu aulas a Nara Leão, Sérgio Mendes, Roberto Menescal, Carlos Lira. Apresentado por Baden Powell, conheceu Vinicius de Moraes, encontro que acabando dando em muitas composições, como *Se Você Disser que Sim*, que Elizete Cardoso gravou, e em outras parcerias. Gravou discos, atuou na televisão. As trilhas sonoras acabaram lhe abrindo o caminho para a carreira nos EUA, onde deu aulas por oito anos na respeitada escola para instrumentistas de Gary Foster, gravou três discos para o respeitado selo "Blue Notes" e foi indicado para concorrer ao "Grammy" - a principal premiação da indústria fonográfica americana - já no seu primeiro disco, o *Maestro*.

N

NAIR ARAÚJO

Atriz

Nair Theodoro Araújo nasceu no dia 21 de junho de 1931, na cidade Dolores de Indaiá, Estado de Minas Gerais, filha de José Theodoro Araújo e Ermelinda Leandro de Araújo. Nair Araújo tornou-se mãe de Martha Helena Araújo Ferreira, nome de uma jovem negra e muito culta, com atuação importante nos meios livreiros de São Paulo, herança de sua mãe, que por sua brilhante atuação nessa área está merecendo, de nossa parte, considerações e análises especiais. Voltando-se a falar de Nair Araújo, temos a ressaltar-lhe o talento e a elegância com que se apresentava como artista negra, fazendo de cada uma de suas performances um espetáculo digno da admiração dos que a aplaudem freneticamente. Como a sua especialidade era a declamação, Nair Araújo sabia fazer desse gênero uma autêntica

obra de arte como poucos conseguiram na sua época. Fagundes Varela, Olavo Bilac, Auta de Souza, Casemiro de Abreu, João de Deus, Antero de Quental, Cecília Meireles, Guerra Junqueiro, Pablo Neruda, e, sobretudo, Castro Alves e Cruz e Souza, seus poetas preferidos, eram constantemente revisitados, naquelas datas ou naqueles momentos especiais em que a Associação Cultural do Negro, que ficava nos fundos do edifício Martinelli, programava eventos de natureza cívica ou sociais para enaltecer os vultos negros de projeção nacional ou acontecimentos

marcantes de nossa história ligados às lutas abolicionistas ou a fatos atuais referentes ao negro brasileiro. Nair Araújo, como Jacira Sampaio - a tia Anastácia do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Jacira Silva - recentemente falecida no Rio de Janeiro, Dalmo Ferreira e Áurea Campos, participavam do elenco que compunha o Teatro Experimental do Negro, sessão de São Paulo, dirigida por Geraldo Campos, e funda-

do por Abdias Nascimento. Nair Araújo fez televisão e integrou o elenco da peça Vereda da Salvação, de Jorge Andrade, na ocasião, dirigida por Antunes Filho, no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo. Conforme comenta Osvaldo de Camargo em seu livro, *O Negro Escrito*, Nair Araújo tornou-se presença obrigatória, graças às suas interpretações impecáveis de alguns poemas de Solano Trindade, como *Sou*



Negro, Muleque, Tá Bem, de Cantares Meu Povo, do consagrado poeta negro pernambucano, pai de Raquel Trindade. Nair Araújo também era cantora de amplos recursos vocais: mesmo sem ter passado por uma escola de música, sabia encantar a todos com seus doces, harmoniosos, e afinadíssimos timbres de rara sonoridade. Esta artista negra inata, em virtude de sua forte inclinação para as artes, acabou sendo naturalmente guindada à posição de diretora do Departamento de Cultura da Associação Cultural do Negro, função que exerceu por algum tem-

po. Depois de adquirir suficiente experiência na livraria Cultura como sua funcionária, Nair Araújo, em 1972 abre a sua própria livraria a que dá o sugestivo nome de *Contexto*, na ocasião com sede na Alameda Tietê, posteriormente, transferindo-se em, 1977, para a rua Pires da Mota, no bairro da Aclimação, onde funciona até hoje sob direção de sua irmã e de sua filha, Martha Helena Araújo Ferreira, em que pese a sua fundadora já haver falecido, no dia 20 de maio de 1984.

O Negro Escrito, de Osvaldo de Camargo. Imprensa Oficial do Estado - Imesp - 1987

NAIR GOULART

Liderança sindical

Nair Maria de Jesus Goulart, natural da cidade de Dolores do Indaiá, Estado de Minas Gerais, filha de Floripes Alexandre de São José e José de Oliveira Sobrinho, nasceu no dia 23 de fevereiro de 1951. Nair Goulart aspira e transpira sindicalismo por todos os poros. Reconhecida, hoje, como uma das mulheres que assumem felizes e galhardamente a sua negritude, tornou-se diretora do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no período de 1981 a 1987. As instruções convencionais que em nosso país, por tradição, contemplavam ainda um número tão diminuto de pessoas, não fazem falta para as criaturas determinadas, do perfil de Nair Goulart. Supridas tais carências de cultura de natureza acadêmica por atividades que dão vitalidade ao intelecto, como cursos regulares promovidos por palestras, conferências, seminários, simpósios, fóruns de debates, congressos ou eventos realizados nacional e internacionalmente fazem, das pessoas inteligentes, autênticos líderes porque, nesse caso, tornam-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



se graduados pela universidade da vida, como legítimos conhecedores do campo em que se especializaram. Os autodidatas seguem por esse caminho, áspero mas gratificante, para atingirem o pináculo da sabedoria que os consagra como grandes vultos. Este

o caso de militantes da envergadura de Nair Goulart, que acabou transformada numa criatura inteiramente voltada para as questões sociais no interior do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, onde atua por vários anos como membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (1985-1989); como diretora da Conferência Nacional dos Metalúrgicos, em São Paulo; como secretária Nacional da Mulher, Criança e Adolescente, cargo em que se encontra em exercício; presidente do Comitê de Mulheres da Organização Regional Interamericana (Orit), em pleno exercício, e secretária de relações internacionais da Conferência Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, também em exercício. Considerando o sindicato como uma instituição das mais importantes de um país que se quer civilizado, é forçoso que se reconheça e se destaque o alto significado humano, prático e cristão de suas lideranças, quando estas investem o melhor de suas energias e de suas consciências cívicas em favor da categoria que estas instituições representam. É inelutável que Nair Goulart tem oferecido o que há de mais intrínseco e pessoal, nessa luta de tantos anos, em favor do sindicalismo nacional nos dias atuais quando combate, com vigor e discernimento, a discriminação contra a mulher, em geral, e contra a mulher negra, em particular, uma vez que tal distinção significa exclusão, tendo por base o sexo, a cor e a etnia, resultando em prejuízo ou anulação do reconhecimento, do exercício a que toda mulher tem direito, independentemente de sua ideologia, de sua condição social, de sua cor ou raça, e que traga, como resultado final, a destruição ou alteração do seu direito à igualdade de oportunidade ou de tratamento. Nair Goulart é um belo exemplo de perseverança e de comprometimento da mulher como gênero e como etnia para as presentes gerações.

NANÁ

Coordenadora do Grupo Cultural Dandara

Ana Maria Bonifácio Drumond, cujo pseudônimo é Naná, é natural de São Paulo, capital, onde nasceu no dia 20 de setembro de 1950. Naná é filha de Smenia do Carmo

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Bonifácio e José Bonifácio. Casada com Reinaldo Drumond, com quem tem 4 filhos: Flávio Alexandre, Reinaldo Jr., Renner William e Renato José. Em sua juventude, Naná lembra-se que freqüentava uma igreja católica quando foi despertada para a arte de fazer teatro e representações cênicas na condição de intérprete amadora, o que lhe deu oportunidade de participar de um elenco de atividades ligadas aos programas da referida igreja. Ainda não era de todo emancipada de suas obrigações domésticas e familiares, quando Naná, com apenas 18 anos de idade, começou a namorar. Apaixonada pelo seu futuro cônjuge e profundamente entusiasmada pela vida imposta pelas exigências de um teatro amador, Naná começou a notar que o seu namorado não compartilhava dos seus longos e inúmeros ensaios, como, ainda, estava disposto a fazer com que a sua namorada deixasse de freqüentar a igreja e as apresentações relacionadas com a vida artística. Naná, em princípio cedeu. Só depois de haver criado os seus quatro filhos é que pôde voltar a estudar e a fazer teatro. É a própria Naná quem confessa: "...foi quando eu comeci a sair de casa e ver o mundo de uma outra forma e a sentir a necessidade de ajudar as pessoas e, com isto, vi que estava ajudando a mim mesma, também, pois, antes eu vivia entre quatro paredes, lavando, passando, cozinhando, amamentando os meus filhos e obedecendo o meu marido... isto não era um contratempo, mas impedia o meu desejo de me desenvolver artisticamente e de conviver com os meus companheiros e companheiras de sonhos e de ideais de solidariedade. Quem me conhecia pensava que eu era irmã de minha própria mãe de tão acabada que estava... foi, então, que eu dei uma reviravolta na vida". Naná diz que começou a entender o quanto é importante entrar numa entidade, num trabalho, de fazer um curso, ou seja, de dar prosseguimento aos estudos; foi aí que passou a freqüentar o supletivo dirigido por Rita de Cássia, que hoje é presidente do Afro Dois. E, com isto pôde dar início, verdadeiramente, à sua carreira artística, atuando numa instituição chamada *Zumbi dos Palmares*, fundada por ela mesma. O carnaval começou a chamar a atenção de Naná, que passou a ver o quanto era importante colocar as alas de uma escola de samba para desfilarem na avenida. Estava delineada a criação do *Grupo Cultural Dandara*. Em resumo, a vida de Naná é um belo exemplo do que sempre aconteceu e, ainda agora acontece, quando uma mulher negra de coragem e de talento bota para fora os seus sentimentos de liderança e criatividade. Com isso, contribuindo, ainda mais, para que a nossa sociedade, no seu dia-a-dia, reflita o que há de mais autêntico, de bonito e de afro-negro no rosto e no comportamento de sua brasilidade.

NATIVIDADE SALDANHA

Poeta

José da Natividade Saldanha nasceu no dia 8 de setembro de 1795, em Pernambuco, na cidade de Santo Amaro de Jaboaão. Era filho de Lourença da Cruz, mulher negra, com o padre João José de Saldanha Marinho. Este negro de descendência tem uma trajetória singular e luminosa na passarela de sua existência. Diplomando-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, sem antes deixar as marcas de sua voluntariedade e talento, ao publicar *Poesias Dedicadas Aos Amigos e Amantes do Brasil*. Em aqui chegando é nomeado secretário da Junta, que dirigiu na cidade do Recife, Pernambuco, no movimento revolucionário de 1824, que proclama o surgimento da República do Equador, que tinha por presidente Paes de Andrade. Sendo sufocada a rebelião, Natividade Saldanha viu-se na contingência de precisar fugir do país, exilando-se na Inglaterra, para mais tarde alcançar a França onde, também, é expulso na condição de subversivo. O prefeito de polícia, em ofício ao Ministro do Interior, segundo documento publicado por Alberto Rangel, informava: "A fisionomia deste mulato é penetrante e inteligente, e ele tinha uma audácia e segurança pouco comuns". Por conseguinte, laboravam em erro crasso os que acompanhavam a análise de Afrânio Peixoto, no que este pensava e agia contra os negros, ao conjecturar que "é neste momento que a América pretende desembaraçar-se do seu núcleo de 15 milhões de negros no Brasil. Quantos séculos serão precisos para depurar-se todo esse mascavo humano? Teremos albumina bastante para depurar toda essa escória?". As aptidões para o desenvolvimento intelectual e a afirmação da nobreza do caráter do negro e do mulato ficam sobejamente demonstrados em cartas e documentos iguais aos publicados por Alberto Rangel, provando que os descendentes de africanos são tão capazes e humanos, como os de quaisquer outras etnias, basta que se não lhes cerceiem o direito às oportunidades de se desenvolverem plenamente. José da Natividade Saldanha, conforme afirmava Silvio Romero, era um acentuado mestiço de sangue branco e negro. Aliás, é o professor Clóvis Moura quem denuncia, do alto de sua autoridade de cientista social, que se não houver um renascimento negro nos quadros da sociedade brasileira e ele for sendo jogado, progressivamente, cada vez mais nos estratos inferiorizados e marginalizados da sociedade há a possibilidade de, através dessa política que corresponderia a um genocídio não institucionalizado, o segmento negro se extinguir (ou melhor, ser extinto) dos quadros demográficos do Brasil. Depois de atravessar uma existência cheia de atribulações, Natividade Saldanha, acaba morrendo, ainda moço, no exílio, não tendo tempo para revigorar seu talento,

em decorrência da embriaguez a que se entrega. Antes, porém, Natividade registra uma breve estada nos Estados Unidos da América do Norte, em agosto de 1826, indo, em seguida, para a Venezuela, que muitos entendem que fora enviado pelos exilados pernambucanos para estabelecer contato com Simon Bolívar, oportunidade em que se entrevista com o histórico Libertador das Américas. Este evento lhe traz notoriedade junto aos moços estudantes e escritores, levando-o a freqüentar o El Parnasilho, uma espécie de arcádia local. Porém, o seu túmulo seria na cidade de Bogotá, na Colômbia; no dia 30 de março de 1830, quando completava 35 anos de idade, possível vítima de um acidente fatal que o atiraria a uma valeta de esgoto, onde perecera afogado em razão da violenta queda que sofrera.

Editora LTC - 1978. Dicionário Brasileiro - 2ª Edição, de Raimundo de Menezes

NEGRA JHÔ

Artesã

Negra Jhô - um dos pseudônimos mais conhecidos que emprestam o seu prestígio ao nome de nascimento de Valdemira Telma de Jesus Sacramento, está provocando uma verdadeira revolução no mundo estético do que se convencionalmente chamam de cabeça feita. É assim que o Pelourinho recebe a arte dos torsos e dos turbantes criados de forma genial por Negra Jhô. A estética dos turbantes vistosos, exuberantes e festivamente coloridos, está impondo um outro visual como complemento que melhor se assenta a já rica e cativante indumentária baiana. A estética dos turbantes coloridos e cabelos trançados ganham uma mastra viva quando nascem das mãos mágicas da Negra Jhô. Esta arte, segundo os especialistas, é de tal modo semelhante com as registradas há mais de cinco décadas nas terras de nossos ancestrais africanos, que se torna quase impossível acreditar que esta cultura não tenha tido a sua origem naquelas regiões. Todavia, o que é muito interessante notar é que Negra Jhô nos garante que jamais deu-se ao trabalho de pesquisar a procedência de suas amarrações. E afirma peremptoriamente: "O que sei fazer vem de dentro de mim". Será que a nossa Negra Jhô estaria agindo inconscientemente sob a força irrecorrível das manifestações atávicas? Na verdade, Negra Jhô circula com muita desenvoltura em todos os meios onde

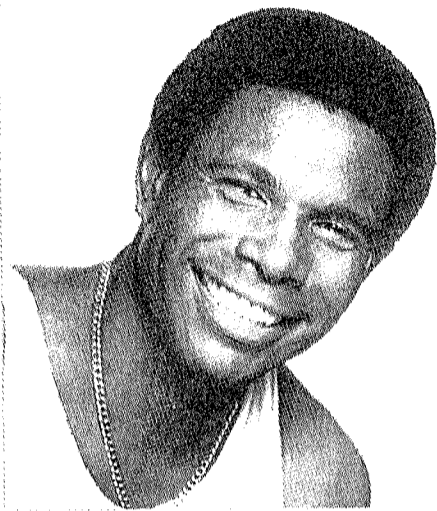


se faça presente o espetáculo da cultura afro-brasileira. Com a sua tenda armada em frente à casa do renomado escritor Jorge Amado, no Pelourinho, Valdemira Telma de Jesus Sacramento, a negra bailarina mais conhecida por Negra Jhô, transforma-se em arte e diversão vivas: esta mulher leva apenas 15 minutos para enrolar mais de dez metros de tecido, criando cobertura com sinetes de sua terra natal, representando blocos afros, pais-de-santo e, até mesmo, em turistas que passam a usar turbantes das mais diferentes origens. Os jornais de grande circulação nacional, como a Folha de São Paulo, as revistas, como Raça Brasil, IstoÉ, Claudia, Desfile e programas como TV Mulher, de São Paulo, Fantástico, da Globo, são alguns dos órgãos de nossa imprensa que têm dado cobertura às atividades promovidas por Negra Jhô, que incluem arte culinária de origem afro, bailado com coreografia para blocos carnavalescos, shows de palco, teatro e capoeira. Tanto é que Jhô já foi destacada pelo Flash, de Amauri Júnior, já foi a Deusa de Ébano do Ilê-Aiyê, e a vencedora do concurso Beleza Negra, na cidade de Feira de Santana. Hoje, Negra Jhô está encarregada de preparar as candidatas dos blocos afro Ilê-Aiyê, de Malé de Balé, de Muzenza, de Araketu, além dos Afoxés. Não podemos, jamais, nos esquecermos de pessoas famosas e importantes que vêm ao Pelourinho para fazer torços, amarrações, e tranças afros, como a comediantes Regina Casé, Carlinhos Brown e seus tímbaleros, os músicos do Olodum, com destaque muito especial para os afamados e vistosos turbantes dos Filhos de Gandhi.

NEGUINHO DA BEIJA-FLORE

Cantor

Filho de Benedito do Pistom, um dos remanescentes da antiga e popular orquestra de Severino Araújo, nascido em Vila Isabel, Luiz Antonio Feliciano Marcondes é o nome civil de Neguinho da Beija-Flor. Como se vê, Luiz Antonio Feliciano Marcondes é um ilustre desconhecido para o público. Mas, o Neguinho da Beija-Flor todo mundo sabe quem é. Pudera! Sorriso tão à mostra quanto a pulseira e o anel de ouro com seu nome gravado. Flamenguista de carteirinha, ele levanta as arquibancadas da avenida Marquês de Sapucaí, passarela do carnaval carioca, quando passa com a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. O grito de guerra que anuncia a entrada da escola de samba tornou-se tão conhecido quanto o hino que compôs para o Flamengo, e terminou adotado por torcedores de todos os times. Afinal, que carioca já não cantou da arquibancada do Maracanã: Porque meu time/ bota para ferver/ e o nome dele/ são vocês que vão dizer. Foi ele, também, que acabou com aquela história de puxador sair em cima de carro alegórico, mais parecendo destaque de escola. Neguinho gosta de desfilar no chão, sentindo a vibração do povo, no meio da galera. O filho de seu Benedito do Pis-



tom, demonstrou cedo a sua vocação. Aos 11 anos, puxava canto num terreiro; aos 12, ganhava concurso num parque de diversões com sucessos de Jamelão. Seu destino parecia estar traçado. Dos clubes para as quadras de samba de Nilópolis. Já chegou até a cantar sambas-enredo em apresentações da Beija-Flor na França, no Marrocos e em Portugal. Mas nem por isso deixou que a sua vida artística se resumisse ao carnaval. Anos atrás, bem depois de fevereiro, estourou nas rádios com as músicas *Negra Ângela*, *Ô Neguinho* e *A Senhoria*. Hoje, comemora o desempenho de *Coisa Complicada* e *O Amor da Minha Vida*, nas rádios do país. Mesmo morando há alguns anos no Leme, no Rio de Janeiro, a praia não o seduz. Suburbano de boa cepa, natural de Vila Isabel e criado em Nova Iguaçu, ele tem saudade do carnaval de rua de Nilópolis, e troca de bom grado sol e areia por algumas horas em frente da televisão, assistindo a quase tudo que a programação oferece, inclusive o programa *Feras do Carnaval* exibido pela TV Manchete, entre os meses de novembro e fevereiro, do qual é o apresentador. Mas o cotidiano de Neguinho não para por aí. Ele continua transitando pelos pagodes e rodas de samba da noite carioca, de Nilópolis à Barra da Tijuca, parando para conferir até os bailes funk. Na festa de comemoração dos seus dez anos de carreira, Neguinho comprovou a sua popularidade, reunindo 18 mil pessoas na quadra da Beija-Flor. Deste aniversário, saiu o CD *Voz da Massa*, que vendeu 200 mil cópias e lhe rendeu Disco de Ouro. Agora, com *Quem Te Ama Sou Eu*, seu 16º disco, ele pretende ganhar o disco de platina.

Texto de Elaine Inocência.

NEGUINHO DO SAMBA

Arranjador, percussionista e fundador da Didá Banda Feminina

Ao longo de mais de trinta anos aprendendo a tocar percussão, Neguinho do Samba, para a Nação brasileira, deixou de ser um referencial unicamente artístico. Sua importância ampliou-se devido ao seu trabalho com pessoas de

Quem é Quem na Negritude Brasileira

baixo poder aquisitivo e que muitas vezes não tinham perspectiva de vida. Transformou essas mesmas pessoas em cidadãos, através de seu trabalho na área social. Sempre soube como ninguém como transmitir conceitos de dignidade, respeito e cidadania através da música. Tornou-se rei que nunca perde a majestade. Houve quem dissesse que, no Pelourinho, era Jesus Cristo, mas nunca se deixou levar por tamanhos elogios. Quando criança, fugia para assistir ensaios de blocos afros, que neste período ainda tinham cara de escola de samba. Certa noite, ensaiava tocando repique, seu instrumento de batismo, enquanto os outros não conseguiam fazer a chamada, ele o fez chamando assim a atenção do mestre, que o convidou para a linha de frente e mais tarde para a regência da banda. Em outra ocasião descobriu o vime, uma espécie de bambu que dava aos instrumentos um som mais agudo, porém, menos agressivo, outra atitude de quem via aqueles instrumentos com outros olhos. Sobre afinção de tambor, tarefa difícil, também aperfeiçoou-se rapidamente. Depois de passar pelo Corujas, Internacionais, Diplomatas de Amaralina, Ritmistas



do Samba, Cacique do Garcia, Lordes, Apache e tantos outros grupos, foi para o Ilê Aiyê reger a banda. Lá deixou uma batida meio sambada que permaneceu até hoje, por vários carnavais; aliás, nessa época, o Ilê era composto de grandes sementes que felizmente germinaram, brotaram e deram frutos na cidade de Salvador. Mais tarde foi convidado para reger a banda de um bloco afro chamado Olodum, aceitou e lá, num desses momentos que só os deuses explicam, criou o samba-reggae. Ritmo que, desde o nascimento, deu que falar. Neguinho sempre acreditou que, para aprender, é preciso dedicar-se muito, amar e agarrar aquilo que faz, com toda força. Ensaïou, colocou as crianças pra tocar nas ruas. "Ao invés de roubar ou cheirar cola, venha tocar", dizia. Assim foi conseguindo o respeito e paixão de jovens que hoje já são adultos, mas que o vêem como um pai. Ensaïou tanto que, do outro lado do mundo, já ouviam o ressoar de seus tambores. Inventou cores para instrumentos - acreditem - sem saber que se tratava da cor da bandeira do pan-africanismo. Todos identificavam os tambores do Olodum, a batida do Olodum, a força e imponência do Olodum. Sua dedicação sempre foi tanta que, dentro ou fora do ensaio, em casa, na escola, no trabalho, Neguinho se fazia presente: mais um trabalho musical e um ritmo diferente de ver a vida.

Cada ensaio era um show, e Paul Simon também veio ver o show; bem, Paul veio e todo mundo veio, o Olodum estourava. Daí Paul ganhou um Grammy, descobriu que Neguinho tinha sangue bom, Olodum conseguiu respaldo na mídia e a banda reggae Olodum, conseguiu respeito no mundo todo. O samba-reggae começava a ser tocado por todas as bandas e blocos, passava a gerar emprego atraindo multidões e mudando completamente o ritmo do carnaval baiano, era uma nova fase. Neguinho gravou com Gal Costa, Jimmy Cliff, David Board, Daniela Mercury, Michael Jackson e tantos outros; foi para Montreal, Japão, Estados Unidos, França, Argentina, Espanha, Angola e outros países; onde plantou a semente do samba-reggae e até hoje, eles, os estrangeiros, vêm como loucos querendo aprender mais e curtir a batida. O tempo passou, e Neguinho realizou mais um sonho: o de criar uma escola de música, de nome Didá, também escolhido por ele. Didá em yorubá significa o Poder de Criação. No passado quis criar uma banda de mulheres, nunca conseguia, ninguém apoiava ou acreditava. Após conseguir o casarão com a ajuda de Paul Simon, fez uma nova tentativa abrigando mulheres e formando a Didá Banda Feminina, onde o samba-reggae continua seu processo evolutivo, que vai do funk ao rock, do samba ao blues, parindo como toda mulher a magia dos tambores. A Didá Banda Feminina é a alma, voz e beleza da Didá Escola de Música. As integrantes da banda ensaiam diariamente, participam de todos os cursos da Escola, fazem terapia oferecida também pela Escola, buscando aprimoramento e conscientização com diálogos frequentes, orientação sexual e de vida, além de serem postas dignamente no mercado de trabalho. Com uma percussão inovadora e afinadíssima, a Didá Banda Feminina já teve a honra de realizar gravações com Caetano Veloso, Daniela Mercury, Simone e diversas ações na mídia, nos mais conceituados veículos de comunicação. Entre os projetos da Didá está a criação de uma clínica, para o tratamento de mulheres e de seus familiares, assim como um centro de informática e um centro de pesquisas musicais. Todas as iniciativas visam dar às mulheres de Salvador e à Comunidade uma nova concepção sobre o mundo e sobre o poder da música

NEI LOPES

Compositor e escritor

Nei Lopes é o nome artístico de Nei Braz Lopes, que nasceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de maio de 1942, filho de Eurídice e de Luiz Braz Lopes, sendo o caçula entre quinze irmãos. É natural do subúrbio do Irajá. É advogado e, como tal, bacharelou-se pela Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade do Brasil. Homem de convicções políticas bem definidas e de fidelidade aos seus ideais da

negritude, Nei Lopes não titubeou em abandonar a sua bem sucedida e recém iniciada carreira de advogado para dedicar-se à música, à literatura, enfim, à arte. Diz Nei Lopes com muita eloquência para quem quiser ouvir que "Hoje em dia, por exemplo, quando eu participo do grêmio recreativo de Arte Negra Quilombo e particularmente através dos sambas enredados de minha autoria e do Wilson Moreira com os quais nós desfílamos nos carnavais de 1978 e 1979, eu concluí que ali está tendo uma tribuna enorme, imensa, na avenida e no fato de gravar os sambas, sempre de forte conotação reivindicatória". Diante destas revelações realmente sui generis, Nei Lopes não só justifica a sua crítica como aprofunda e amplia os motivos que o levaram a ver na "advocacia uma atividade sufocante pelo formalismo a que esta profissão obrigava e pelo embranquecimento para o qual lhe empurrava", impelindo-o para um tipo de comportamento nada condizente com os padrões que acreditava ser do negro brasileiro. Assim, Nei Lopes é compositor profissional desde 1972, notabilizando-se, de modo todo especial, pela parceria que estabeleceu com o notável Wilson Moreira e por ter sua obra gravada por quase todos os grandes intérpretes do samba tradicional. Nos anos 80, foi um dos impulsionadores, como prático e teórico, do chamado pagode de fundo de quintal, que levou de novo o samba, com nova roupagem, às paradas de sucesso. A atividade de Nei Lopes neste campo da cultura negra da música popular brasileira tem sido longa, intensa e fecunda. Como publicitário que foi, Nei Lopes nunca, jamais, em tempo algum, abriu mão de sua dignidade de produtor, já que como free-lancer conseguiu impor condições e escolher, com liberdade, o que devesse, ou não, ser por ele criado, de forma que não ferisse os seus fundamentos e os seus princípios de ordem racial e cultural. Intérprete, como ele afirma, ocasional de suas próprias obras, Nei tem



gravados, em dupla com Wilson Moreira, os LPs *A Arte Negra de Wilson Moreira e Nei Lopes* e *O Partido Muito Alto de WM e NL*, (EMI, 1980 e 1985), reunidos em CD em 1995; e individualmente os álbuns *Negro Mesmo* (Lira-Continental, 1983) e *Conto Banto* (Saci, 1996). E paralelamente à atividade de compositor, Nei é escritor de vasta obra toda concentrada na temática afro-brasileira e compreendendo ensaios como *O Samba, na Realidade* (1981), *Bantos, Malés e Identidade Negra* (1988) e *O Negro no Rio de Janeiro e Sua Tradição Musical* (1992), além de um *Dicionário Banto do Brasil* (1996) e um volume de poemas *Incursões Sobre a Pele*, também de 1996, entre outras publicações. Militante de tempo integral da causa afro-brasileira desde os anos 70, foi chefe de gabinete e superintendente de Promoção Social na Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras do Governo do RJ no início dos anos 90 e, mais tarde, assessor da presidência da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura, até 1996.

Fala Crioulo, de Haroldo Costa - 2ª Edição - Editora Record - 1982

NÉLSON CAVAQUINHO

Cantor e compositor

Nelson Cavaquinho, filho de Maria Paula da Silva e de Brás Antonio da Silva, nasceu a 29 de outubro de 1911, vindo ao mundo em lar de gente pobre, o que até parece proverbial a realidade, de que os grandes nomes da música popular brasileira se fazem acompanhar de tal predestinação. Nascidos sob o signo das péssimas condições financeiras, esses anônimos e pequeninos gênios desabrochavam-se do nada e se tornavam notáveis com o correr dos anos, numa afirmação, segundo a qual, a grande maioria dos "bem nascidos" tinham forças, ou interesse em atingir o estrelato com o mesmo brilho com que era iluminada a vida e a luta dos melhores filhos do povo. Assim, Nelson Cavaquinho, na adolescência, viu-se forçado a mudar-se do local onde morava com sua família, quase que constantemente, antes de se fixar na Gávea e tendo, nessas andanças, passado algum tempo no bairro da Lapa. Clima de descontração e boemia, o ambiente da Lapa parece que se impregnou na alma e no jeito de ser desse fiel intérprete dos sentimentos da gente simples e humilde. Segundo nos relatam "agi-



Revista Galeria do Samba

lidade dos dedos correndo sobre as quatro cordas, os truques de como ferí-las, as manhas das diferentes afinações, tudo, enfim, era maravilhoso em Nelson Cavaquinho". E o inacreditável aconteceu! Sem um vintém para adquirir seu próprio instrumento de aprendizado e de trabalho, não se acanhava de tomá-lo emprestado a algum amigo. Com aula ou sem aula ia evoluindo em sua carreira. O tempo de cumprir no serviço era preenchido nos encontros com Eduardinho, Romualdo Miranda, Lupercce e outros que passaram a fazer parte do seu círculo de amizades. É aí que aparece um mecenas: alguém, nada mais que um jardineiro português, percebendo o seu talento, dá de presente a Nelson um cavaquinho. E as aventuras continuam até que um belo dia Nelson Cavaquinho sobe o morro da Mangueira e se aproxima de Cartola, Carlos Cachaca, Zé da Zilda e outros que se tornaram seus amigos para sempre. Noites e noites eram varadas até o raiar do sol naquelas freguesias animadas pelas rodas de samba. Engajado como cavalarião da Polícia Militar, dando plantão no morro, certa vez o inevitável aconteceu; o cavalo do policial-militar Nelson se solta e vai direto para a guarnição sem a figura cavalariã. Preso por este incidente, Nelson, que já tinha fama de boêmio, serve-se da cela para criar as suas baladas do cárcere. O certo é que em 1938, Nelson Cavaquinho já estava fora da corporação e também, separado da esposa Alice, com que se casara com 21 anos de idade. Portanto, o cenário estava preparado para a grande escalada de sua vida, rumo ao que mais gostava: a música. É dessa ocasião o seu primeiro samba, *Não Faça Vontade a Ela*. Mas sua luta continua. Ciro Monteiro canta algumas das criações de Cavaquinho sem grande sucesso. Restava-lhe fazer música e sair vendendo pela Praça Tiradentes, já nessa altura havia trocado o cavaquinho pelo violão. Hei-lo, em 1961, no Zicartola apresentando-se regularmente. O sucesso veio com suas músicas gravadas por Nara Leão, com o *Pranto de Poeta*, e por Elizete Cardoso, com *Luz Negra* e *A Flor e o Espinho*. Só em 1971 grava o seu primeiro disco solo, transformando-se na maior atração do show *Noitada do Samba*, no Rio de Janeiro. Em 1974 o seu LP, que é o terceiro, desta vez em dueto com o seu principal parceiro, Guilherme Brito: *A Flor e o Espinho, Se Eu Sorrir, Quando Eu Me Chamar Saudade* e *Pranto de Poeta* estão nesse disco de grande êxito. Com mais de 600 músicas e outras centenas vendidas, Nelson Cavaquinho, compondo pela madrugada, ao

lado de uma cerveja, de uma cachaça e de uma cabrocha, não ocultava que era obcecado por temas sobre a morte, que não tardou a vir ao seu encontro, no dia 18 de fevereiro de 1986, fazendo com que os seus 74 anos de vida, passem a se chamar saudade!

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 1997

NÉLSON CARNEIRO

Senador

Nascido em Salvador, Bahia, em 8 de abril de 1910. Filho de Antonio Joaquim de Souza Carneiro e Laura Coelho de Souza Carneiro, o senador Nelson Carneiro, falecido na cidade de Niterói, RJ, em 7 de fevereiro de 1996, entrou para a história do Brasil em decorrência de uma brilhante carreira na vida pública. Foi orador do Centro Acadêmico Rui Barbosa, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia; membro do Partido Democrático Universitário da Bahia (1929-1930); livre-docente de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Direito da Bahia (1929-1930) e de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia. Nelson Carneiro foi redator dos jornais *O Imparcial* (Bahia, 1929-1935), *Gazeta do Rio*, *Diário de Notícias* e *A Nota* (Rio de Janeiro, 1932-1935) e *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro, 1935-1980). Foi membro do Conselho Federal da Ordem dos Advogados e do Instituto dos Advogados Brasileiros; membro titular da Academia Brasileira de Letras Jurídicas; membro efetivo da Academia Brasileira de Letras e honorário das Academias Piauiense de Letras e Baiana de Letras Jurídicas. Deputado Federal pelo Estado da Bahia (1947-1951 e 1951-1955) e pelo antigo Estado da Guanabara (1959-1971). Em plena ditadura, foi vice-líder do MDB, de oposição, na Câmara dos Deputados pelo Estado da Guanabara para um mandato de 1971 a 1979, tendo sido posteriormente reeleito. Data desta época a Emenda Constitucional de sua autoria, que instituiu o divórcio no Brasil e a Lei que o regulamentou (1977). Foi presidente do Grupo Brasileiro do Parlamento Latino-Americano (1979-1984); presidente do Parlamento Latino-Americano (1982-1985) e líder no Senado (1983-1985). Foi novamente reeleito para o Senado, em 1987. Assumiu a presidência do Senado Federal e a Presidência do Congresso Nacional de 1989 a 1991. Nelson Carneiro representou o Brasil em diversas missões ao exterior, tendo atuado como observador parlamentar da Organização das



Cassiano

Nações Unidas - ONU, além de ter viajado várias vezes ao exterior em missões parlamentares. Recebeu inúmeras condecorações durante toda sua vida parlamentar como prova do reconhecimento dos serviços prestados à Nação. Nelson Carneiro foi, sem sombra de dúvida, um dos mais combativos e atuantes parlamentares brasileiros.

NÉLSON FERREIRA DOS SANTOS

Fundador do Filhos de Gandhi

Nelson Ferreira dos Santos, conhecido por Lobisomem, foi um dos mais jovens fundadores do Cordão. Ele conta que Durval Marques da Silva, Vavá Madeira, vendo um documentário sobre Gandhi no Cinema Jandaia foi quem teve a idéia inicial da criação do Cordão. Na quarta-feira que antecedia o carnaval de 1949, Vavá levou para o Julião, hoje Rua Campos Sales, uma revista onde aparecia uma figura de um hindu. Era simples: uma toalha e um lençol branco. O que calçar, criou um pequeno problema, mas foi logo solucionado. Um tamanco malandrinha. Os instrumentos foram comprados na Feira de Água de Meninos. Tamborins e agogôs. O presidente do Sindicato dos Estivadores, temendo que o pessoal se metesse em política, aconselhou que críticas ou qualquer alusão aos governantes poderia prejudicá-los. Já no domingo de carnaval daquele ano, cerca de quarenta ou cinquenta homens se reuniram em baixo da mangueira, local costumeiro de reunião, e saíram. Foram todos render homenagem a Santa Luzia, no próprio local onde havia festa todos os anos, no dia 12 de dezembro, e que era ponto obrigatório do pessoal da estiva. Saindo da Igreja de Santa Luzia, o Cordão subiu o Caminho Novo. Ali encontrou um caminhão que distribuía vassouras de propaganda. As vassouras foram incorporadas à alegoria. Baixa dos Sapateiros. No extinto clube Barão do Desterro, gafeira frequentada pelos bambas da época, foi incorporado um surdo. Sem música própria, cantou-se Entra em Beco sai Beco e Ô-fila-la-ê-ô, além de outras que estavam na boca do povo no momento. Terça-feira, o Cordão volta às ruas, já com cerca de setenta pessoas. Tudo correu como os organizadores desejavam. Não houve qualquer desentendimento nas ruas. Ao contrário, por onde passava, o Cordão recebia aplausos. Durante o ano, na estiva, rua do Julião e adjacências, não se falava de outra coisa. Foram feitos muitos planos. Em 1950, foi criada uma diretoria sob a responsabilidade de Antonio Santana. Não havia sede. As reuniões eram ainda ao pé da velha mangueira do Julião. Decidiu-se confeccionar instrumentos e fantasia. A única mudança foi a troca do tamanco malandrinha para alpercata de verdureiro. Neste ano, o itinerário mudou. O Cordão saiu do Julião, foi à Igreja de Santa Luzia e daí seguiu para a Igreja do Bonfim

(Senhor do Bonfim é o patrono dos estivadores), voltando pelo Largo do Tanque, Liberdade Estrada da Rainha, Beco do Cirilo, onde os moradores oferecem feijoada e bacalhau à martelo, além de bebidas. Seguiu depois para a Sete Portas, Baixa dos Sapateiros, Tororó, Fazenda Garcia e, finalmente, Praça da Sé, para o desfile de outras entidades. Vale lembrar, segundo Nelson, que todo o percurso era feito a pé. No carnaval de 1951, conta Nelson, o itinerário aumentou. Além dos locais acima citados, o Cordão foi até a Federação, na casa de sua madrinha, Menininha dos Gantois. Nelson lembra ainda, que foi ele quem pintou a primeira bandeira do Gandhi. Já o atual estandarte foi feito pela professora Yá-Yá, que morava no Largo do Tanque e, por isso mesmo, o Cordão ali comparecia, numa forma de homenageá-la. Nelson Ferreira continuou saindo e deliberando no Cordão até 1956. São muitas as lembranças de taças recebidas e dos dez mil réis colocados no estandarte, forma das pessoas expressarem sua simpatia. Nelson voltou este ano ao Gandhi e integra o Conselho Deliberativo. Uma das tradições do Gandhi é a não participação da mulher. Nelson explica que desde a sua fundação, os componentes achavam que assim se evitaria sérios problemas. Sem ser uma discriminação ou manifestação de machismo, os fundadores entendiam que se houvesse mulheres no Cordão, certamente alguns homens - não participantes - iriam fazer a corte, podendo resultar em briga. Também a corda vem desde a sua criação, como forma de evitar que pessoas estranhas participassem da entidade como simples penetras. Fundador, Nelson diz não entender porque se introduziu no Cordão, práticas da religião africana, como despachar Exu, soltar pomba ou queimar pólvora. Ele afirma que é por aí que se começa a deterioração. Sabendo que do Cordão participam muitos adeptos do candomblé, o que é muito compreensível e respeitado, não admite, entretanto, que se misture as coisas e chegue-se ao ponto de querer mostrar isso como condição da própria existência do Gandhi. Ele lembra ainda que os estivadores do Cordão estavam mais para birta do que para a religião, sobretudo porque Mahatma Gandhi não professava nenhuma religião africana. Reconhecendo que os tempos mudaram, e muito, Nelson, entretanto, acredita que alguma coisa ainda pode entrar nos seus devidos lugares, para restaurar a identidade do Cordão que já é um patrimônio da Bahia.

Filhos de Gandhi - Anísio Félix - Gráfica Central - 1997

NÉLSON JARDIM

Motorista

Nelson Jardim é neto de escravo, motorista e evangélico membro da Assembléia de Deus. Um trabalhador negro que ajuda este país a crescer e se desenvolver como tantos outros milhões. Entretanto, já conheceu de perto a discrimina-

ção, como relata neste depoimento, do qual reproduzimos os principais trechos, e foi extraído da obra "Fala Crioulo", de Haroldo Costa, publicado pela Editora Record.

"Puxa vida, tanta criança comendo banana. Uns comem maçã, outros comem pêra, e a gente não pode comprar nada disso. Juro que esse pensamento vinha à minha cabeça constantemente na hora do recreio, na escola Equador, que fica em Vila Isabel, e era onde eu e outros dos meus quatro irmãos estudávamos. A sorte é que eu era um aluno razoável e estava sempre quebrando o galho dos outros. Nos dias de prova eu tirava a barriga da miséria. Quando alguém vinha me perguntar alguma coisa eu dizia logo: - Só ensino se me der a metade dessa maçã. Às vezes eu cismava que a metade era pouco e mandava ver: - Só dou a dica se me der a maçã inteira. O cara me dava a maçã inteira e no recreio eu tirava a minha onda comendo maçã. Uma vez ou outra me dava pera, aí eu comia a metade e devolvia o resto. Na sala dele, o meu irmão fazia a mesma coisa. O meu pai era português, nascido em Cabo Verde, quer dizer, era crioulo também. Crioulo com sotaque luso. Ele trabalhou na Light durante muitos anos, era soldador. Soldava as emendas dos trilhos. Tinha uma professora nossa que separava a turma da seguinte maneira: ela perguntava a profissão do pai da gente e assim ficava sentado perto quem tivesse pais com profissões parecidas. Por exemplo, ela perguntava: - O que é que o seu pai faz? - Ele é engenheiro, respondia um colega. - E o seu, qual é a profissão dele? - Advogado, respondia o outro. Então esses sentavam juntos. Como a nossa era a única escola pública de Vila Isabel, tinha de tudo. No fim da sala se sentavam os do meu grupinho, o pessoal filho de padeiro, balconista e soldador da Light. Por coincidência ou não, a maioria era de crioulo. Eu ficava pensando: - Eu não podia ter nascido branco, meu pai não podia ter me feito branco? Eu pensava, mas dispensava logo. Quando acabava a aula eu já nem lembrava mais. Sabe quando eu vim me lembrar disso outra vez? Quando fui a um baile no Vasco da Gama. Eu era sócio e sempre frequentava o baile na sede de São Cristóvão, ou melhor, de São Januário. Uma ocasião eu fui à sede náutica da Lagoa, acompanhado com umas branquinhas, uns rapazes mais para o moreno claro. Quando chegamos na porta, o caboclo que estava recolhendo os convites e verificando as carteiras dos sócios foi taxativo: - Não me leve a mal, compadre, mas gente de cor não entra. Isso foi mais ou menos em 1967. Eu era sócio patrimonial. Naquela época tinha sócio que vendia o título por cento e cinquenta cruzeiros, era dinheiro pra caramba. Eu pagava quinze cruzeiros por mês e era dinheiro pra caramba também. Pode ser que tenha mudado mas, naquela época, não tinha colher de chá, preto não entrava. Por isso eu deixei de ser vascaíno. Agora, realmente eu não sei qual é a desses ca-

ras que ficam com essa de ter bronca da gente porque a gente é preto, ou de cor, como eles dizem. O meu avô, por exemplo, foi reprodutor, tinha relação com as escravas que o senhor mandava: - 'Aquele tem canela fina, vai dar bom escravo'. Ele tinha o privilégio de dormir com as escravas e ficar de moleza o resto do dia. A situação é igual, por exemplo, de você ter um cachorro policial e levar para cruzar com uma cadela também policial e daí saírem bons filhotes. É mais ou menos isso. Logo, se meu avô servia era porque tratava-se de um negro sadio, bem construído. Você pode ver até hoje que quem dá mais sangue nos hospitais, para salvar muitas vidas, é o crioulo. É aquele crioulo bem brabo, que trabalha no meio do mato, na lavoura, que come aquela batata, aquele angu. Esse crioulo é que tem o sangue bom. Houve uma época, ainda lá em Vila Isabel, que a mãe de uns meninos não deixava eles brincarem com a gente: - Não quero que brinque com eles. 'Crioulo é a imagem do cão. Crioulo não é gente, brinque com pessoa da sua cor'. Isso é o que a moça dizia para os filhos, e bem alto que era pra gente escutar. Até hoje eu me lembro disso. Só que um dos meninos cresceu, como nós também, e, por infelicidade, teve um desastre. Precisava de sangue e na própria família ninguém podia doar. Foi então que tiveram que recorrer a uns crioulos, parece até que foi castigo, Deus que me perdoe. Ninguém se aproveitou, ninguém disse: - Como é que é, ele não foi proibido de brincar com a gente? Absolutamente. E tem mais uma coisa, ninguém cobrou nada. - Paga umas cachaças pra gente e está tudo resolvido. São coisas que marcam a vida da gente, não é? (...) Hoje em dia eu sou motorista, trabalho em caminhão, em carro de praça, posso conduzir qualquer carro, não tenho medo. Sei que sou um bom profissional no meu setor. Mas eu me lembro que antes havia uma certa desconfiança de que um crioulo pudesse exercer bem a sua profissão. Eu me lembro que se um preto fosse médico, ninguém acreditava nele, não acreditava mesmo. Não era raro a gente ouvir: - Ah, fulano é médico? É médico nada, rapaz. É médico de tomar conta de cavalo. E muitas vezes era médico de grande valor. A mesma coisa é hoje, por exemplo, quando você vai a um dentista. Se for mulher você já nem vai. Duvido que você vá a uma dentista. Agora se for homem, ele pode ser bruto, pode ser falsificado, mas você acredita e vai. O mesmo é na macumba. Eu sempre confiei mais em pai-de-santo do que em mãe-de-santo, não sei bem porque, mas sempre foi assim. Aliás, agora eu não sou mais macumbeiro. Já bati muita cabeça, fiz muito despacho mas, agora, eu sou crente. Sou da Assembléia de Deus e me sinto muito feliz. Tenho a minha vida controlada e gosto da religião. Já conheço alguma coisa sobre a Bíblia, posso até discutir um pouco sobre o assunto. Minha fé é sempre renovada, principalmente depois do assalto que eu e minha

noiva sofremos. Levaram todos os meus documentos e a minha noiva levou um tiro que furou os intestinos, fígados e pulmão. Salvou-se num milagre, graças a Deus. Ela é da mesma religião que eu e fez o curso de auxiliar de enfermagem. Ela queria ir avante, prosseguir, quem sabe até estudar para médica, mas como é que pode? Pra pobre não dá, porque às vezes o cara tem que trabalhar três meses para comprar um livro. É aí que enrola. Não é que falte vontade de fazer uma carreira bonita, que orgulhe todo mundo e melhore o padrão de vida. É que não dá mesmo, meu camarada".

Fala Crioulo - Haroldo Costa - Editora Record - 1982

NÉLSON SALOMÉ *Deputado estadual*

Nelson Salomé, deputado estadual, no exercício deste mandato por duas legislaturas em São Paulo, natural da cidade de Araras, onde nasceu no dia 15 de maio de 1932, num sítio da família de nome Mundo Novo, é filho de José Salomé e Luiza Salomé. Casado com Carmem Salomé, com quem tem três filhos: Nelson Filho, Davide e Lucas. Nelson Salomé é médico há quase quarenta anos, tendo-se formado em 1959, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Estado do Paraná, na qual especializou-se em ginecologia e obstetrícia, hoje com mais de 40 mil partos bem sucedidos. Se a vida profissional de Nelson Salomé é digna dos maiores encômios, a do político, nivelando-se a tais méritos, é uma invejável sucessão de bons serviços prestados ao povo em geral e à comunidade afro-brasileira, como parlamentar ativo, firme mas comedido. Sua experiência de vida pública é um contínuo desfilar de atividades que vão desde vice-prefeito da cidade de Araras em várias gestões, passando por vereador da terra em que nasceu, com brilhante desempenho como presidente da Câmara Municipal e por secretário Municipal de Saúde, até chegar a ser deputado estadual, quando integra a Comissão de Higiene e Saúde e é vice-presidente da Comissão de Cultura, Ciência e Tecnologia, fazendo ainda parte da Comissão de Transporte e Comunicação. Este perfil fez do deputado Nelson Salomé o parlamentar "que mais apresentou projetos de lei na Assembléia Legislativa na atual legislatura em termos proporcionais". Hoje, os projetos aprovados ou apresentados por Nelson Salomé são objeto de análise dos columnistas políticos e de veiculação em jornais dos mais conceituados órgãos da imprensa e outros formadores de opinião. A imprensa falada e tele-

visiva dispensa igual atenção aos trabalhos do médico Nelson Salomé. A questão social, por outros, tão vilipendiada, vem merecendo todo o empenho do deputado do PL, que não deixa de legislar sobre os problemas dos transportes, da saúde, da habitação, da cultura, da educação, do lazer, do esporte, da ecologia, do bem-estar social, etc. Cidades importantes como Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Limeira, Porto Ferreira, Ibaté, Brotas, Cosmópolis, Conchal, Rio Claro, Santa Cruz das Palmeiras, Leme, Pirassununga, Santa Cruz da Conceição e Araras vêm se beneficiando, enormemente, da atuação brilhante e objetiva do deputado Nelson Salomé, que afirma: "venho norteando minha atividade como deputado sempre em sintonia com o povo, sendo seu porta-voz em seus reclamos junto às autoridades constituídas para que suas reivindicações sejam atendidas".

A comunidade negra tem neste deputado o seu grande e entusiasta defensor.

"O deputado Nelson Salomé presidiu seis sessões solenes na Assembléia Legislativa de São Paulo, relacionadas à comunidade negra e desenvolveu importantes atividades nas duas gestões como parlamentar". Foi membro coordenador da recepção ao presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Foi membro patrocinador do 1º Encontro Nacional de Entidades Negras, realizado no estádio do Pacaembu, com um público de mais de quatro mil participantes. Realizou sessões solenes voltadas

às comemorações de 13 de Maio e 20 de novembro (mês da consciência negra). Prestou homenagem, em caráter oficial, a uma das mulheres mais idosas do mundo, Maria do Carmo, então com 126 anos de idade. Participou da aprovação do Projeto SOS Racismo, que visa dar equilíbrio de oportunidades de emprego e estudo para os negros de diversas classes sociais. Defendeu o Projeto de Lei, oficializando o Hino à Negritude, do professor Eduardo de Oliveira, Lei 9.156 sancionada pelo governador do Estado.

NÉLSON SARGENTO

Compositor da Velha-Guarda da Mangueira e artista plástico

Toda ela assinalada por uma rica, exuberante e variadíssima estrutura melódica e por textos poéticos de elevado valor lúdico e literário, a música popular brasileira é o resultado da capacidade criativa, por assim, dizer, das camadas sociais anônimas. Muito embora as suas origens remontem aos tempos imemoriais, a sua imensa popularidade hoje se deve ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa que fez dela o entretenimento número





Claudio Lito

outro trecho canta que "O nosso amor é tão bonito/Você finge que me ama/E eu finjo que acredito". Nelson é ainda um apreciadíssimo pintor de quadros, mas começou como pintor de paredes para sustentar a família. Sua carreira chegou aos píncaros da glória com a realização do filme *Nelson Sargento*, de Estevão Pantoja, que no Festival de Gramado de 97 recebeu o prêmio de melhor trilha sonora, que não existia no Festival e foi

criado especialmente neste ano para premiá-lo. A cultura brasileira ainda há de abrir alas para que Nelson Sargento ocupe mais ainda o merecido lugar, que já vem ocupando, de um dos maiores compositores que neste país já nasceram.

Coleção História do Samba - Editora Globo - 1997.

NENÊ DE VILA MATILDE

Fundador da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde

Alberto Alves da Silva, conhecido por Nenê de Vila Matilde, nascido no dia 24 de julho de 1924, em Santos Dumont, Estado de Minas Gerais, é filho de Albertino Alves da Silva e Maria da Glória da Silva. Com seis anos de idade Nenê mudou-se para São Paulo, vindo com o seu pai que havia sido chamado para dirigir o clube chamado Vasco da Gama; frequentando este clube, a atenção de Nenê voltou-se para um indivíduo que tocava pandeiro. Chegando em casa pôs-se a fabricar o seu primeiro pandeiro, usando para isso uma lata de goiabada colocando nela tampinhas de cerveja; seus dois irmãos o acompanhavam; um, ao cavaquinho, e outro, num tambor improvisado. Mais tarde, já com este conjunto que, por sinal, levava o seu nome,



Laercio Miranda/Prensa Três

Conjunto do Nenê, saía pela região fazendo serenatas e rodas de samba e tocando em bailes. O prestígio do nome de Nenê ia crescendo e se tornando famoso ali pelas redondezas do velho bairro da Penha. Enquanto o tempo passava nesse pedaço de chão, Nenê tornara-se funcionário da Vidraria Nadir Figueiredo e mais tarde ingressou numa metalúrgica, onde permaneceu por 27 anos. Contudo, o samba que estava em suas veias começou a borbulhar, levando à criação de uma Escola de Samba, acontecimento que se deu em 1949, cujo nome surgiu naturalmente, fixando-se como Nenê de Vila Matilde. Antes, porém, desse fato cristalizar-se e cair no domínio público, teve uma orquestra que também atendia pelo nome de Nenê. Em razão de um contratempo qualquer, Nenê retira-se da Orquestra. Mas seu forte era mesmo o samba que fazia com seus irmãos. Certa vez estavam batucando despreziosamente e, quando vieram, mais de 50 pessoas estavam à sua volta. A partir daí, a idéia já posta em prática anteriormente, toma corpo e começa a se configurar. Isso se deu precisamente no dia 1º de janeiro de 1949. Alguns nomes foram sugeridos: 1º de Janeiro; Unidos do Macapê. Numa das reuniões para cuidar do registro da Escola, alguém da turma pergunta em voz alta: Quem é aquele senhor alto que está com um pandeiro na mão? Alguém respondeu: é o Nenê de Vila Matilde. Foi então que surgiu o nome definitivo da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, na ocasião, contando somente com 38 integrantes e hoje, como uma das glórias da história das escolas de samba do Brasil. Esta instituição, simpática e popular, conta com quase 4 mil integrantes, já foi 10 vezes campeã na Passarela do Samba paulista, e duas vezes tri-campeã (58-59-60 e 68-69-70). Dr. Joviano do Amaral foi um dos grandes advogados negros que estiveram presentes no dia da formação da Escola. Um dos momentos mais altos do samba brasileiro foi quando Nenê desfilou no Sambódromo do Rio de Janeiro, representando o samba paulista, cobrindo-se de glória e respondendo que São Paulo não é o túmulo do samba. Nenê foi aplaudido de pé, freneticamente, pelo público presente e por milhares de espectadores pelo Brasil a fora.

NETHIO BENGUELA

Professor da UnB e artista plástico

Certa vez, indagado por um dos entrevistados do Roda Viva, programa levado ao ar pela TV Cultura, de São Paulo, a respeito de uma de suas declarações mais contundentes, na qual afirmou que o pobre é neste momento o único ator social no Brasil com o qual podemos aprender algo de verdadeiro, o Professor Milton Santos respondeu com a maior tranquilidade que em *Natureza do Espaço* fala um pouco sobre essa idéia. "As classes médias são confortáveis de um modo geral. O conforto cria dificuldades na visão do futuro. O

um de todas as gerações. Entre os que dão vida e calor a essa arte, com talento e inspiração, nós encontramos nomes que se constituem em verdadeiros paradigmas, como é o caso de Nelson Matos, que se tornou conhecido com o epíteto de Nelson Sargento. Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no dia 25 de julho de 1924, Nelson Sargento é considerado um dos mais significativos nomes da majestosa ala de compositores da Estação Primeira de Mangueira, coroado com a glória da admiração pública e da imortalidade com que tais ídolos passam a ser merecedores. Nelson Sargento começou cedo a se familiarizar com as ferramentas da arte que mais tarde lhe projetariam no cenário da música popular. Começou com oito anos de idade, desfilando na Azul e Branca que ficava no Morro do Salgueiro, onde seus pais moravam, para mais tarde, aos 12 anos, mudar de morro e de vida. Sua mãe, Maria Rosa da Conceição, vai com seus filhos morar na Mangueira, quando Nelson Sargento é adotado por Alfredo Português, "um lusitano danado e bom de poesia, mas que, cada vez que tentava fazer um samba, compunha um fado". Foi nessa época que Nelson Sargento aprendeu a tocar violão com Aluísio Dias, aproveitando-se de acordes musicais e dos versos de Alfredo para dotar-lhes da forma de samba, coisa que o lusitano não conseguia fazer. Estava aí nascendo a famosa parceria entre Alfredo Português e Nelson Sargento, sendo que esta convivência com sambistas como Nelson Cavaquinho, Geraldo Pereira, Carlos Cachaca, Cartola, Milton Medeiros e outros mais lhe foram fundamentais para o seu aprimoramento como compositor, dando-lhe a chance de criar autênticas relíquias para MPB como a antológica *Aos Mestres*. Com Alfredo Português compôs *Cântico à Natureza*, samba-enredo da Mangueira de 1955. Um dos seus melhores momentos aconteceu no ano de 1965 como um dos artistas convidados, ao lado de Clementina de Jesus e Paulinho da Viola, para participar do show *Rosa de Ouro*, de Hermínio Bello de Carvalho. Nelson Sargento escreveu um livro de poesia, *Prisioneiro do Mundo* e participou de alguns curtas-metragens, o que o transformou em cidadão do mundo, com direito a viagens regulares ao Japão, para onde excursionou para lançar com êxito seus CDs, todo ano. É Nelson Sargento que diz com muita sabedoria que o "Samba agoniza mas não morre", uma de suas composições que ficaram célebres. Em

Quem é Quem na Negritude Brasileira

conforto quer atender o presente que está simpático. O conforto, como memória, é inimigo da descoberta. No caso do Brasil isso é mais grave, porque esse conforto veio com a difusão do consumo. O consumo é ele próprio um emoliente. Ele amolece. Os pobres, sobretudo os pobres urbanos não têm o emprego, mas têm o trabalho, que é o resultado de uma descoberta cotidiana. Esse trabalho raramente é bem pago, enquanto o mundo dos objetos se amplia...". Com estas sábias observações do professor e geógrafo premiado, queremos iniciar as nossas considerações sobre a vida de Nelson Fernandes Inocêncio da Silva - pseudônimo Nethio Benguela, natural de Brasília (DF), onde nasceu no dia 26 de junho de 1961 e tornou-se um mestre em Comunicações de formação acadêmica. A sua tese de mestrado tratou da Consciência Negra em Cartaz pertinente à construção da auto-estima dos afro-brasileiros através do discurso visual elaborado pelo movimento negro, analisando cartazes anti-racismo produzidos pela militância democrática entre as décadas de 80 e 90, mesmo que Nethio Benguela sintasse um autídota em se tratando de sua formação artística, pelo fato de estar desenvolvendo desenhos humorísticos, quadrinhos, ilustrações, pinturas e outras atividades do gênero, em que não se excluem a dança, a música e a poesia. Participando de diversos salões, do nível do 3º Salão de Humor de Brasília, onde obteve a premiação de 3º lugar, Benguela tem sido presença obrigatória em fundações culturais, semanas de estudos afro-brasileiros, seja apresentando-se individualmente, ou em exposições coletivas, como se deu no Dia Nacional da Consciência Negra, levado a efeito nas dependências da Biblioteca Pública do Governo do Distrito Federal, em 1996. Na verdade, os artistas com centelhas do talento, como as pedras preciosas, vão lapidando-se com o exercício da arte que praticam, tornando-se autênticas jóias, algo que, por assim dizer, é quase que impossível de acontecer, com os Herdeiros do Conforto, conforme bem pondera o professor Milton Santos, porque fazem do ócio uma filosofia de vida. Nethio Benguela realizou entre a década de 80 a 90 uma série de trabalhos, como a publicação de 25 cartazes e diversas ilustrações de sua autoria como contribuição anti-racista; criou a logomarca atual do Movimento Negro Unificado, MNU, e o logotipo da Marcha a Brasília: 300 anos da imortalidade de Zumbi do Palmares. Sempre atuando e trabalhando a questão afro-brasileira, Nethio Benguela, na dança, na música e na poesia se fez presente, como solo ou enquanto grupo, para hoje ser professor-assistente do Departamento de Artes Visuais no Instituto de Arte da Universidade de Brasília, lecionando desenho e arte popular. Em 1997, esteve nos Estados Unidos, em São Francisco, no V Congresso Mundial de Tradição e Cultura dos Orixás, representando a Fundação Cultural Palmares.

NEUSA MARIA MARCONDES

Pedagoga e escritora

Neusa Maria Marcondes, natural da cidade de São Paulo, onde nasceu no dia 29 de fevereiro de 1949. Pedagoga e escritora, com larga e reconhecida atuação nos movimentos populares, particularmente, os relacionados com os inter-



resses específicos da comunidade afro-brasileira, a professora Neusa Maria Marcondes sempre militou com paixão e assiduidade junto à Apeoesp, ao Movimento Negro Unificado, à Abrevidas e ao Grupo Cultural Afro II. Feminista ativa e consciente da importância de sua negritude, Neusa ainda pertenceu ao Grupo de Mulheres Negras Sindicalizadas, o que revela a importância que esta pedagoga dispensa às instituições classistas. Neusa Maria Marcondes formou-se professora no ano de 1967, pelo então Instituto de Educação Padre Anchieta, completando os seus estudos preparatórios cursando Ciências Sociais pela Fundação Santo André, de São Paulo, Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras José Olympio, na cidade de Batatais. Hoje, Neusa Maria pertence ao corpo efetivo dos funcionários da rede municipal de professores, tornando-se, nessa condição, a primeira diretora negra de Escola Padrão da 11ª Delegacia de Ensino, na Escola Vaz de Camões, atualmente Escola Neusa Maria Marcondes. Através da Secretaria Municipal de Cultura da Oficina Cultural Raul Seixas, participou da peça *O Nome do Negro*. Como educadora, sempre na tentativa de estimular as alunas a uma aprendizagem agradável e proveitosa, escreveu várias peças psico-pedagógicas, relatando a história do Brasil, trazendo à discussão a problemática da atual realidade racial em nosso país. Nessas peças, Neusa usa algumas músicas populares, samba-enredos de carnaval, retratando nossa história e as nossas raízes culturais, entre essas peças está *A História do Brasil Através da Ótica Musical*, como forma de resgatar a cultura afro-brasileira. Atualmente, Neusa Maria trabalha junto a comunidade na conscientização do malefício que representam as drogas para os seus usuários, para sua família e para toda sociedade. Como sindicalista, Neusa é representante de escola e conselheira regional, participando de congressos e de outras manifestações de sua categoria; representou os educadores negros junto à Apeoesp, em Curitiba e Belo Horizonte. A professora Neusa Maria Marcondes, pelo trabalho desenvolvido ao longo de sua bem sucedida carreira, foi homenageada pelo Jornal do Brasil, como a mulher

que mais se destacou em 1992, como mãe, como educadora e como mulher negra que sempre se coloca à frente das grandes questões ligadas à área de sua especialização profissional e aos assuntos do momento relacionados com a nova negritude brasileira.

NICE NASCIMENTO

Artista plástica

Nice Nascimento Avanza nasceu no dia 1º de julho de 1938, na cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo. É filha de Thereza de Souza Nascimento e Paulo Nascimento. Nice é uma renomada artista plástica reconhecida como uma apaixonada pela temática dos Orixás. Nice Nascimento conta algumas originalidades, como as já citadas sobre Yemanjá, como por exemplo, sobre Obá, confundida com Oyá, mas não é. Obá é uma senhora guerreira e caçadora, aprendiz de Odé, também considerada Mãe do Amor. Reconhecida como uma das principais pintoras primitivistas do Brasil, Nice já expôs seus trabalhos sobre o cacau, sua temática original, em Massachussets, Estados Unidos, Tóquio, Taiwan, no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro e no Museu de Arte Primitiva Bauru, do Estado de São Paulo. Ganhou o primeiro prêmio de pintura e prêmio Hors Concours nas 1ª e 2ª Semana de Arte de São Mateus, Espírito Santo, melhor trabalho e menção honrosa na X Feira de Gramado (RS) e prêmio destaque nacional da III Feira de Arte de Bauru, em São Paulo. O genial Paschoal Carlos Magno, num dos seus registros críticos, afirmou que "cada um dos quadros de Nice prova que não pertence a uma escola, pois participar de uma escola seria abdicar da espontaneidade de seu traço, da sua maneira de ser criativa, longe da conspiração dos grandes centros urbanos. A ingenuidade de seu trabalho transcende em grandiosidade ao aspecto formal, criando um sopro de brasilidade. Um toque sempre presente em sua obra povoada de céu azul, árvores, passáros e água, faz de Nice uma afirmação dentro da cultura plástica brasileira". Nice possui trabalhos em museus e coleções nacionais e estrangeiras, como na Universidade de Fall River (EUA), na enbaixada da Dinamarca em Brasília, no Consulado de Massachussets (EUA), na residência do presidente de Portugal, Mario Soares. Em razão da divulgação deste seu trabalho, Nice tem recebido inúmeras consultas sobre suas pesquisas, que demonstram que Yemanjá era mãe de 10 filhos, com todas as características africanas, ou seja, uma mulher forte, obesa até, que amamentou todos os seus filhos, e de seus pródigos seios, além de leite para alimentá-los, brotou a água que resultou na criação dos mares. Estas informações e mais a beleza das cores primitivas que ilustram a rica história das crenças brasileiras estiverem recentemente presentes na exposição *Os Orixás no Brasil e Outros*, com quadros da pintora no Espaço Cultural da Câmara Federal, de 28 de abril a 8 de maio.

Baseando seus estudos nos livros de Pierre Verge e com a assessoria do babalorixá Pedro de Oxósi, Nice conseguiu retratar em seus quadros a originalidade dos Orixás acrescentando além das cores, informações que por certo enriquecerão o conteúdo de quem se interessa pelas fascinantes histórias de nossas crenças. Nesta mostra estão presentes Yemanjá, Ossã, Orisala, Odé, Naná, Ewá e outros Orixás. Após 15 anos de paciente e laborioso trabalho a pintora capixaba Nice descobre uma nova faceta em sua temática - o cacau, principal produto de exportação do município de Linhares, centro da região produtora de cacau do Espírito Santo, cidade onde reside. Nice revela que a exposição também é uma homenagem à religiosidade desse povo, que vive do cacau, o doce fruto dourado. Nice realizou, a partir de 1969, mais de 50 exposições individuais, entre suas obras, destacam-se os painéis *Serestas no Céu*, na Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Linhares, *Nossa Senhora dos Escravos*, na aldeia cultural de Arcozelo no Rio de Janeiro, *Casa de Farinha*, *Chegada de Chico Dantas no Céu* e *Nossa Senhora da Conceição*, estes no Hotel Barra-mar em Conceição da Barra no Espírito Santo. O crítico Walmir Ayala diz que "há festa e trabalho em seus flashes da vida cacauceira. Há a vontade de oferecer a flor e o gosto do fruto. Há, enfim, o



prazer da vida nessas telas (...) Nice, por muitos motivos, integra com naturalidade o painel de nossos autênticos ingenuístas". Frederico Morais afirma que "Nice sempre acompanhou a saga do cacau. É natural, portanto, que

transmita bastante fidelidade e um interesse cheio de emoção e encantamento ao transcrever em cores vivas nas suas telas várias etapas da cultura do cacau (...). É sobretudo na cor que Nice transmite seu amor pelas coisas que narra". Domivo Torcheister, então presidente da CNBB, a propósito do trabalho de Nice, considerou "a arte um flexo de Deus. E como Deus, também a arte se encarna. No trabalho de Nice, vemos a arte encarnar-se no cacau, neste nosso grão de ouro. Que ela continue a revelar a beleza e a bondade de Deus, através de seus quadros".

NILO GOMES DE MATTOS

engenheiro

Engenheiro por profissão, Nilo Gomes de Mattos é natural do Rio de Janeiro, casado com Glória de Mattos, com quem tem dois filhos, Sérgio e Luís, economista como o pai, e Paulo César, estu-

dante de administração na Fundação Getúlio Vargas. Homem culto, inteligente, lhe reservou o destino a sorte de ter nascido filho de João Batista de Mattos, único marechal negro do Exército Brasileiro até hoje. Profissional dedicado, esmerase em sua profissão, através de cursos como o que realizou de mecânica do solo e fundações, no Laboratório Nacional de Lisboa, ou o que fez na Universidade de Austin, no Texas. Esse bem nascido e bem sucedido intelectual negro, nos brinda, a seguir, com seu belo depoimento:

"Cinco horas da manhã, em ponto, soldados da Polícia Militar fizeram toque de alvorada na porta da nossa casa, no Cachambi. Meu pai havia sido promovido ao posto de major e aquela era a primeira de uma série de homenagens que ele receberia ao longo daquele dia 30 de setembro de 1939. Para comemorar houve uma recepção que transformou-se numa grande festa e, apesar da minha pouca idade na ocasião, me lembro perfeitamente que foi muita gente importante, até um general do Exército. O que me fez ficar muito impressionado. Naquela época não era fácil você encontrar um general do Exército, como encontro hoje, era uma coisa difícil e, ainda mais, na casa de um capitão que fora promovido a major. Era para a gente se orgulhar do pai que tinha. Em determinado momento, eu fui apanhar uma cerveja, para alguém que tinha me pedido, num tanque do lado de fora da casa, e um cidadão, que eu nunca soube o nome, chegou para mim e disse: - Menino, todos nós quando somos crianças, estudantes, procuramos alguém na história pra imitar. Você não deve procurar ninguém, procure imitar seu pai. No dia 21 de maio de 1969, falecia o marechal João Batista de Mattos, até o presente momento o único marechal negro do Exército Brasileiro, hoje nome de escola e de rua: Meu pai. Éramos sete filhos, mas todos estudamos sempre nos melhores colégios apesar do modesto soldo do capitão Mattos, naquela época, em 1937, não deixava de ser uma proeza para gente pobre - como é até hoje - colocar os filhos em colégio particular, especialmente na Tijuca, bairro então ultra-aristocrático, cheio de palacetes e estabelecimentos de ensino onde só os ricos podiam frequentar. Mas nós estávamos lá. No que eu fui matriculado, com mais dois irmãos, o Colégio São José, éramos os únicos negros em mil e duzentos alunos. Logo, uma referência fácil... Para começar ganhamos imediatamente um apelido, melhor dizendo, cada um de nós ganhou o seu apelido: Miquimba, Miquimbinho e Miquimbão. A gente ia levando, não demonstrava ficar ofendido, se bem que doesse um pouco, mas engolia a seco. Quando eu estava no quarto ano ginasial, numa aula de química, o professor estava falando sobre o cloro e suas características principais, e, quando ele disse que o cloro é descolorante, um colega levantou-se e perguntou: - Professor, o cloro descora a pele? Evidente que era uma piada pra mim, houve aquele sorriso na sala e eu fiz que não entendi. O tempo passou e esse rapaz hoje se diz meu amigo. Mas que marcou, marcou. Ele não im-

punha, mas a gente notava que meu pai gostaria que um dos filhos seguisse a carreira de militar e como, modéstia à parte, eu era tido como o mais estudioso, seria o mais indicado. Porém aos quinze anos, eu tinha um metro e cinquenta e nove e pesava quarenta e quatro quilos e meio, quando deveria ter um metro e sessenta e pesar entre quarenta e cinco e setenta e cinco quilos, segundo as exigências da época. E mais, ao fazer exame para o Colégio Militar descobriram que era míope. Fui então prestar exame intelectual para a Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo. Por uma questão de formação, meu pai nunca pediu nada, nunca interveio para facilitar nada. Fiz tudo por iniciativa própria. Pois bem, em São Paulo tive que fazer novo exame médico e, mais uma vez, fui ao pau. Adeus carreira militar. Mesmo que eu tivesse passado no Colégio Militar, queria ser da arma da Engenharia. E, como era bom aluno de matemática, papai disse: - Você vai estudar na melhor escola de engenharia que existe no Brasil, que é a Escola de Ouro Preto. Fiz a inscrição pelo correio, mandei toda minha documentação e cheguei em Ouro Preto num sábado, para prestar exame na segunda-feira. Domingo já estava arrependido e queria voltar. No contato com os outros candidatos senti que eles estavam preparadíssimos, não tinha um que não estivesse já há algum tempo na cidade, preparando-se. Por assim dizer eu era o único recém-chegado, além de ser também o único negro. A propósito, até aquela data a Escola de Engenharia de Ouro Preto nunca tinha formado um negro, e, durante todo o período do curso eu continuei sendo o único da escola. A minha turma é de 1950 e ao sair da escola todos nós estávamos empregados no Conselho Nacional do Petróleo, porque a Petrobrás ainda não existia. Mas eu queria trabalhar na Prefeitura do Rio de Janeiro, onde o ordenado para engenheiro era muito melhor, mas era preciso pistolão e eu sabia que papai não iria pedir pra mim. Era de sua formação como já disse. Comentei o caso com minha mãe, Olga, só por comentar, sem insinuar nada. Passaram-se alguns meses e, como eu não conseguia o que estava pretendendo, resolvi um dia com um colega do Ceará aceitar o emprego de quatro mil e trezentos cruzeiros do CNP. Nesse mesmo dia recebi um aviso do meu pai que eu tinha sido nomeado para a Prefeitura. Destacaram-me para o Departamento de Edificações, onde cheguei a ocupar o cargo de diretor por indicação do secretário de obras, Enaldo Cravo Peixoto, e nomeação do governador Carlos Lacerda, isto em 1962. O pessoal achava que era muito duro com os funcionários, os empresários, os construtores, mas na verdade eu apenas fazia cumprir a legislação. Não podia facilitar, mesmo porque a minha posição incomodava a muita gente mas, até hoje, todos os meus ex-subordinados são meus amigos. Só mais tarde é que eu vim a saber que o meu apelido no departamento era Lumumba. Desde 1951 que estou na prefeitura do Rio de Janeiro, ocupando cargos diversos em governos diversos e sempre gozando do maior prestígio profissional e consi-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

deração dos meus chefes e dos meus subordinados, mas devo dizer que um engenheiro negro ainda causa admiração. Certa vez num coquetel realizado no late Clube do Rio de Janeiro, por ocasião de um congresso de pontes e estruturas, muitos brasileiros vinham falar comigo e a Glorinha, minha mulher, em inglês, crenças que nós éramos estrangeiros. Outra coisa também é sobre a história sempre corrente dos porteiros que mandam os negros entrarem pela porta de serviço do edifício, mesmo quando em visita. Para evitar este tipo de mal-estar, quando vou visitar um amigo meu eu chego e vou direto ao porteiro e demonstro logo intimidade com o morador: - O apartamento do João é o 301, não é? Pode ser uma defesa prévia, mas pelo menos me asseguro de que não vou me aborrecer. Esta sensação eu não tive, por exemplo, em Portugal, onde estive fazendo um estágio de mecânica do solo e fundações no Laboratório Nacional de Lisboa, nem nos Estados Unidos, onde também estive fazendo um curso específico na Universidade de Austin, no Texas. No meu país é que eu preciso ter esse tipo de cuidado... Não tenho nenhum tipo de complexo. Nem eu, nem a Glorinha que é professora, nem meus filhos Sérgio Luís - formado em Economia - e Paulo César, que estuda Administração na Fundação Getúlio Vargas. Quando cismo, vou com minha mulher a restaurantes classe-A da Zona Sul, sem nenhuma preocupação ou temor. Só lamento que outros negros, que têm poder aquisitivo, não frequentem estes lugares com a naturalidade que você vê em outras partes do mundo. É preciso habituar o pessoal a conviver com negros também nestes ambientes. Um domingo eu estava no Maracanã e antes do jogo principal a Polícia Militar fez uma exibição de cães amestrados. Pelo microfone um locutor ia descrevendo as habilidades e proezas dos cães, que saltavam obstáculos, obedeciam ordem de comando, fingiam de morto, essas coisas. Em determinado momento a voz anunciou: - Agora vai entrar um ladrão! E entrou um soldado todo pintado de preto..."

Fala Criolulo - Haroldo Costa - Editora Record - 1982

NILSON PINTO DE OLIVEIRA

Ex-secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará

Nilson Pinto de Oliveira é geólogo de profissão e hoje é professor da Universidade Federal do Pará com doutorado em Geociência pela Universidade de Erlange, Nuremberg, na Alemanha. Nilson é natural da cidade de Belém, Estado do Pará, onde nasceu no dia 25 de março de 1952, filho de Raimunda de Pinto de Oliveira e Virgílio Gonçalves de Oliveira. É casado com dona Consuelo Marcias de Oliveira. Nilson Pinto foi reitor da UFPA e um dos principais estêios pela implantação do Projeto Interiorização que resultou em nove conjuntos no interior do Estado e do programa POEMA, que



vem apoiando inúmeras comunidades rurais deste mesmo Estado. Foi ainda secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente e é membro efetivo do Conselho Superior da CAPES. Coordenador do Fórum Aliança Pela Vida, que reúne organizações dedicadas a projetos de desenvolvimento sustentável na América Latina, África e Ásia, Nilson Pinto é também integrante do Conselho do Instituto Evandro Chagas e possui dezenas de artigos publicados em jornais, periódicos, revistas e livros sobre o meio ambiente, educação ciência e tecnologia, razão pela qual tem sido condecorado com inúmeros títulos honoríficos, prêmios e reconhecimento e outras importantes distinções que o colocam como um dos grandes homens de seu Estado atualmente. "Nilson Pinto é quem viabilizou a criação da Lei Ambiental do Estado, estabelecendo assim, uma política ambiental para o Estado do Pará, até então inexistente e como tal é o criador do Conselho de Ciência e Tecnologia, o que levou ao Estado do Pará, pela primeira vez em sua história, a investir em ciência e tecnologia, uma vez que, sem o qual, o futuro da própria humanidade estaria seriamente comprometido. Como homem de origem afro-brasileira, o Dr. Nilson Pinto dedicou-se, de corpo e alma, na implantação do Programa Pro-Ciência, que tem por objetivo captar e capacitar professores de primeiro e segundo grau para a melhoria do ensino de ciência e matemática, tendo possibilitado o aperfeiçoamento de quase 1.500 professores de matemática, física, química e biologia na Região Norte do seu país. Dr. Nilson Pinto é um batalhador consequente e incansável em favor de uma política bem elaborada em prol do aprimoramento da inteligência humana, de modo a que esta se coloque a serviço dos grandes e sagrados interesses de toda a humanidade o que o leva a considerar a "educação como um dos mais importantes investimentos na geração e desconcentração de renda e lutando sempre pela verticalização da economia para mudar a base produtiva do Estado.

NIVALDA SILVA COSTA

Antropóloga e escritora

Nivalda Silva Costa, natural do Estado da Bahia, onde nasceu no dia 4 de maio de 1956, é filha de Nair Silva Costa e Manoel Edvaldo Costa e tem, como sua dependente, Nair Silva Braga. Solteira, possuindo nível universitário, Nivalda Silva Costa é antropóloga, radialista, escritora, poetisa e tem grau de mestrado em Comunicação Social, ocupando, hoje, o cargo de assessora de comunicação social da Universidade

Estadual da Bahia. Nivalda Silva Costa já trabalhou na TV Bahia, no período entre 1985 e 1992. É autora do programa da Funeb (1996) e coordenadora do Centro Cultural da cidade de Salvador, além de diretora teatral. Sendo a antropologia o ramo da ciência que estuda os seres humanos, suas obras e seu comportamento desde os primórdios de seu surgimento no globo terrestre, razão pela qual, em 1863, Hunt a proclamava a Ciência da Humanidade, não é de se estranhar a numerosa variedade de funções e atividades desempenhada pela antropóloga Nivalda Silva Costa, assim como a vastidão do campo de abrangência da referida ciência por ela dominada. Nessa condição, nota-se que Nivalda é uma negra culta, laboriosa e apaixonada pelos múltiplos trabalhos que desenvolve, fazendo de sua existência um elevado patamar de realizações proveitosas a si mesma e à sociedade humana como um todo, de modo a transformar-se numa referência e numa eloqüente afirmação de como a mulher afro-brasileira tem vocação para o exercício de uma vida intelectual ativa, sem perder o que há de mais nobre e sagrado em sua natureza feminina. Se levamos em conta o peso dessa carga negativa que tem recaído sobre o elemento feminino, como fruto dessa herança de nossa civilização patriarcal, machista e belicosa e, quando se trata da mulher negra, estes estereótipos tornam-se ainda mais esmagadores em razão da tripla estigmatização



por fato de ser mulher, negra e pobre, é de se admitir o hercúleo esforço que deve ter sido feito por uma mulher guerreira da índole e da origem da antropóloga Nivalda Silva Costa. Em termos de militância em movimentos afro nacionais comunitários, Nivalda Silva é membro Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra e integrante de grupos de Afosés, na cidade de Salvador. Como se vê, de temperamento polivalente, a professora Nivalda encontra tempo e meios para participar dessas atividades tão importantes e tão caras para a cultura brasileira. Terreiros como Opo Afosé, enquanto instituição religiosa que preserva e desenvolve os cultos de procedência africana, têm merecido a presença e a colaboração da antropóloga, que também desenvolve projetos extra-teatrais para a comunidade negra da Bahia. Como escritora temos obras que levam a chancela de seu nome, como *Aprenda a Nadar, Estórias de Um Espírito, Anatomia das Ervas, A Infância do Príncipe e tantas outras*. Na poesia, *Constelações de Poemas Para Rezar em Silêncio* é uma obra admirável, que faz bem a todos que ainda não perderam a sua humanidade.

NIVALDO SANTANA

Deputado estadual

Nivaldo Santana, natural da capital do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 23 de setembro de 1953, é filho de Lindaura Santana Nascimento e José Silva Nascimento e casado com Emerenciana Maria Cintra da Silva, com quem tem dois filhos: Carolina Cintra Silva e André Cintra Silva. Nivaldo Santana é uma dessas lideranças negras e populares emergentes, que surgiram no seio da luta do povo e do negro brasileiro, tão carentes de representantes autênticos, que lhes sejam ligados pelo sentimento de respeito e lealdade. Nivaldo Santana, lutando há muitos anos fiel a estas virtudes, teve como angariar a simpatia e o apoio das camadas mais humildes e desprovidas de qualquer espécie de recurso, a não ser os seus sentimentos de patriotismo e de fé no futuro. Nivaldo Santana é hoje deputado estadual pelo Partido Comunista do Brasil e membro do Comitê Central dessa agremiação. Foi eleito em 1994, com 16.300 votos. Funcionário público estadual lotado na Sabesp, empresa de saneamento básico do Estado de São Paulo, desde o ano de 1978, Nivaldo Santana foi diretor do Departamento Intersindical de Estudos Econômicos Sociais e Estatísticos - Dicese, e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente - Sintaema, de 1988 a 1994, quando foi licenciado para candidatar-se a deputado estadual. Foi ainda coordenador nacional da Corrente Sindical Classista e membro da executiva nacional da Central Única dos Trabalhadores. Sempre se fazendo presente nas lutas dos movimentos negros, Nivaldo Santana tem atuado na Assembléia Legislativa de São Paulo, em defesa dos servidores públicos estaduais, e se colocado contra o desmantelamento das instituições públicas, quer pelo abandono em que se encontram, ou pela venda de seus setores estratégicos. Nivaldo entende que companhias como a Cesp, Eleropaulo, CPFL, Comgás e bancos estaduais não devam ser vendidos ao capital particular, nacional ou estrangeiro. Presentemente deputado negro Nivaldo Santana é presidente da Comissão de Relações do Trabalho da Assembléia Legislativa e líder do Partido formando com seu ilustre colega de legenda, Jamil Murad, a bancada estadual do PCdoB. Datas do calendário afro-brasileiro, como

a de 21 de Março, a de 13 de Maio e o 20 de Novembro, são sempre lembradas por Nivaldo, como marco da luta contra o racismo e de promoção dos negros do Brasil.

NOEDI MONTEIRO

Jornalista e historiador

Noedi Monteiro, natural da cidade de Piracicaba, São Paulo, onde nasceu no dia 10 de janeiro de 1954, filho de Benedita da Silva Monteiro e de Fernando Monteiro. Casado com Maria de Fátima Silvério Monteiro, com quem tem dois filhos: Eli Daniel e Denilson Samuel. Noedi tem uma vida de intelectual muito intensa, conhecido e prestigiado por parte de seus conterrâneos. Jornalista e radialista, Noedi Monteiro é pesquisador, historiador, teólogo e, como tal, membro titular do Instituto Histórico e Geográfico da cidade de Piracicaba e integrante da Academia Piracicabana de Letras; é conselheiro do Codepac - Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba e da Comec - Comissão Municipal de Eventos Cívicos. Palestrante e conferencista dos mais requisitados da região, Noedi Monteiro, discorre com facilidade, fluência e conhecimentos eruditos sobre os mais variados e diferentes temas, particularmente os que versam sobre história geral, ensino religioso, racismo anti-negro, documentação historiográfica, direitos humanos, comunicação cristã, entre outros. Especialista em resgate de centenários e eventos de natureza histórica de grande projeção, Noedi Monteiro é um dos quadros mais representativos de afro-descendentes do interior do Estado de São Paulo, que pertence e valoriza com o seu trabalho e talento o Congresso Nacional Afro-Brasileiro. Para que melhor se aquilate a amplitude e as dimensões intelectuais de Noedi Monteiro, o melhor que se tem a fazer é enumerar, desde já, algumas de suas obras publicadas, como, por exemplo: *Manual do Município de Rio das Pedras* - Prefeitura Municipal - 1991; *Manual do Município de Anhembi* - Prefeitura Municipal - 1991; inúmeros artigos publicados em jornais de grande circulação; *Manual do Município de Águas de São Pedro* - 1992; *Força e Trabalho - História do Sindicalismo e do Funcionalismo Público Municipal*, preparado para o Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais de Piracicaba - 1996; *Centenário do Abastecimento de Água Encanada de Piracicaba* - 1987; *Há Esperança Para a Luta Negra*, Jornal, 1988-1994; *Arquivo Noedi Monteiro* (Núcleo de Documentação Histórica Geral); *Resenha Indicativa de Livros Para Pesquisas*, que auxiliam e orientam trabalhos acadêmicos; *História das Escolas de Piracicaba*, 1988; *Mais Que Vencedor* - Rebouças e Convidados - 1997. No prelo, Noedi Monteiro: *Águas do Porto* - *Questão de Fidei-*

dade, Câmara Municipal de Piracicaba - 1998; *O negro no Front do Brasil*; *A Saga do Batalhão Negro* - 1998. As atividades de campo de Noedi Monteiro são vastas, apreciáveis e dignas de nota. Citemos apenas uma, por absoluta falta de espaço: criação e instalação do Centro de Documentação, Cultura e Política Negra de Piracicaba, 1992, com sede no centro da cidade.

NORTON NASCIMENTO

Ator e modelo

A carreira de modelo levou Norton Nascimento a trilhar outros caminhos. Certo dia, em 1984, um amigo, Marco Ricca, o convidou para fazer uma peça. "Você está louco?", foi sua resposta. Começou a ler algumas coisas sobre teatro e seu interesse foi aumentando. "Em 1985, recebi um convite da Helô Pinheiro para ir à Bandeirantes e conversar com o Atilio Riccô. Entrei na novela *Os Imigrantes, Terceira Geração* e gostei". Depois da novela, Norton saiu da Bandeirantes e continuou na labuta como professor de educação física e modelo. Já estava casado com a psicóloga Rosana Milanni e precisava pagar as contas. "Estudei e tratei de ir às emissoras em busca de oportunidade", lembra. O primeiro contato foi cômico, segundo ele. Assistindo ao programa do Jô Soares no SBT, anotou nomes dos redatores Hilton Marques e Max Nunes. "Cheguei na porta da emissora e disse que Max Nunes estava me esperando. A mulher ligou na sala dele e disse: ele não está esperando. Então, fiquei muito sem graça, conta. Por sorte apareceu um velho conhecido seu, Atilio Riccô, o mesmo diretor da Bandeirantes com o qual havia trabalhado. Ele o fez entrar e Norton conseguiu ser contratado como modelo, pois não tinha o registro de ator, no programa humorístico *Veja o Gordo*, de Jô Soares. Não bastasse a agitação do trabalho, viagens, vida doméstica, o pai de Luana, 12 anos, Lucas 9 anos, e Yasmim 4, realiza trabalhos comunitários em associações que promovem negros e crianças carentes. Participa do Olodum e da Legião da Boa Vontade (LBV). "São instituições com as quais colaboro e brigo com elas, dando sugestões e reclamando quando vejo que algo está errado". Segundo ele, a consciência jamais deve estar de paletó e gravata. "A gente tem de aprender com os judeus, os japoneses, os índios. O barato é ser diferente, galera! O povo brasileiro é muito bonito, leve, amigo e é disso que esses dirigentes se aproveitam. Por que será que todo político, quando quer se eleger, pega garotinho da favela e beija? Como tem negro em época de eleição!", diverte-se. Ele não se conforma com essa realidade e aponta o antídoto à manipulação política da miséria: a reversão do quadro, com a camada mais pobre dos bra-

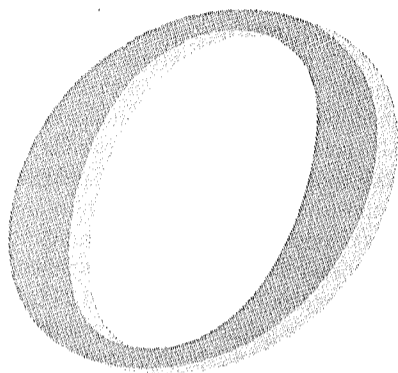
sileiros dando as caras. "Alguns dirigentes de comunidades negras precisam ter essa consciência e, um dia, armar um grande boicote nacional e mensal a um único produto. Aposto que quando isso acontecer, vai começar a ter negro fazendo propaganda de creme dental, carro, cigarro, virando gente perante a publicidade, criando um padrão estético e cultural mais próximo à nossa vida. A partir dessa conquista, será possível exigir o básico". Outro ponto ressaltado por ele é a miscigenação. "Nosso país tem essa coisa linda, que não aparece em comerciais ou novelas. Já está mais que na hora de mostrá-la". Norton é multimídia. Ele já fez teatro, TV e cinema, além de cantar. Ao ingressar no meio artístico, frequentou cursos de teatro, mas não chegou a concluir nenhum, pois "sempre era convidado para fazer uma peça". Tirou o primeiro lugar na prova de registro de ator e, no Sindicato mesmo, recebeu um convite para outra montagem. "A minha primeira peça, em 1989, foi *Os Negros*, de Jean Genet. Fui muito mal, eu era muito ruim", admite com bom humor. Daí para a frente tudo aconteceu rápido. Participou de

Veja o Gordo e Escolinha do Golias e fez sua estréia na *Vênus Platinada* como um bombeiro, num caso especial. O diretor Roberto Talma viu e aprovou. "Minha primeira cena era com a Vera Ficher. Tremia como vara verde, mas sempre funcionei muito bem sob pressão. Fui natural e o Talma gostou". Alguns meses mais tarde, outra participação em *De Corpo e Alma*, com Daniela Peres.



Norton era um ex-namorado de Maria Zilda. Exultante, o capricorniano com ascendente em Touro e Lua em Sagitário, atingiu o auge de sua carreira televisiva como o matador homossexual Chicão, na minissérie *Agosto*, em 1993. "O Chicão me deu trabalho, estudei demais". Na seqüência vieram mais novelas, entre elas *Fera Ferida*, em 93, na qual interpretou o mordomo alcoviteiro Wotan e a famosa *A Próxima Vítima*, em 95, de Silvio de Abreu, a primeira história da TV a mostrar uma família negra de classe média. O ator interpretou Sidney, filho mais velho do casal Zezé Mota e Antonio Pitanga. Também estrelou a minissérie *Zumbi dos Palmares*, de Walter Avancini, que foi transmitida pela TVE do Rio de Janeiro em novembro passado. No cinema fez *Carlota Joaquina, a Princesa do Brasil*, onde contracenou com Marieta Severo. "Adoro cinema. Tenho dois filmes para fazer este ano. Um é *Rapina*, um chefe de boca de fumo que deve começar a ser rodado no final deste semestre. O outro ainda sem título está bem encaminhado e será aqui em São Paulo com o pessoal da DPZ".

Revista Raça Brasil - abril de 1997



ODIOSVALDO VIGAS

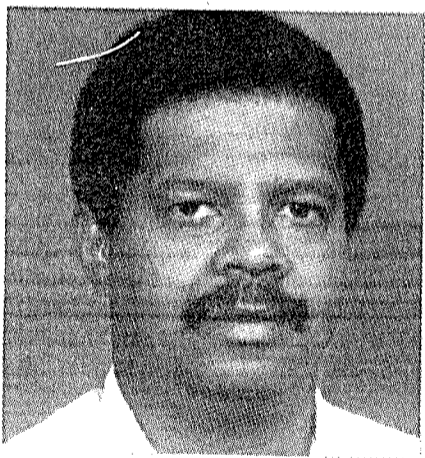
Médico e vereador

Odiosvaldo Vigas é natural da cidade de Salvador, onde nasceu no dia 8 de junho de 1951. Médico dos mais requisitados em virtude de sua sólida competência profissional como clínico cardiologista, e de sua atitude humanitária e caritativa para com as populações caren-

tes, a quem coloca à disposição a sua condição de médico de família. Como político negro, é importante que mencionemos as suas palavras, com as quais, na qualidade de vereador eleito em seu segundo mandato na Câmara Municipal de Salvador, saudou Clarindo Silveira: "Clarindo, a sua luta em defesa do Centro Histórico do Pelourinho engrandece e dá mais força ao nosso partido e a nossa

luta negra diante do trabalho escravo dos nossos ancestrais na construção deste maior conjunto barroco do mundo. Neste dia - prossegue Odiosvaldo - em que a Cantina da Lua completa cinquenta anos de vida, embalada durante duas décadas por seus braços negros e fortes, e em conquistando, dia-a-dia, a recuperação e preservação do trabalho e da força de nossa raça, o vereador Odiosvaldo Vigas, do PDT, só tem a lhe dizer: Parabéns irmão! A luta sempre será nossa!" Depois desse expressivo e perfeitamente justificável panegírico proferido em homenagem à efeméride alusiva ao transcurso do quinquentenário da Cantina da Lua, nos é dado dimensionar o porte intelectual e a estatura cí-

vica do vereador negro, Odiosvaldo Vigas. Este homem público, desde o seu primeiro mandato, vem se sobressaindo pela garra e determinação empenhada em defesa da saúde pública, exigindo que o sistema de saúde municipal tenha uma dotação orçamentária condizente com as necessidades de seu povo simples, humilde, particularmente, da população afro-brasileira que é a mais numerosa, mergulhada nes-



sa área cinzenta do pobre que se resvala para a miséria absoluta e das mais abjetas. No entender deste vereador: "a Saúde, assim como a Educação, são prioridades de qualquer governo que quer ser sério, honesto e comprometido com o bem-estar de seu povo". Contudo, desgraçadamente, não é isso que vemos se realizar ao longo do país e em cada uma das suas

27 unidades federativas. Vem daí a preocupação do vereador negro Odiosvaldo Vigas que atua na área dos interesses específicos da Saúde, da cidadania, na defesa da Capoeira, manifestação cultural tipicamente afro-brasileira, no combate indormido e sistemático às drogas, na proposta de criação de bibliotecas públicas e da implantação, em Salvador, de uma Vila Olímpica, e na instituição de um órgão que cuide do idoso por meio da criação do Conselho da Terceira Idade. Sempre envolvido em questões de natureza nitidamente social ou voltada para problemas relacionados com a negritude baiana ou brasileira, Odiosvaldo Vigas transita empolgado pela aura luminosa de

sua autoridade ética, moral, política e intelectual, transformando o seu mandato de vereador num poderoso aríete com que vem assestando os problemas que infelicizam o povo de Salvador e os inimigos visíveis ou que se camuflam atrás de teorias antipovo e antinacionais.

OLÍMPIO MARQUES DOS SANTOS

Jornalista

O compromisso com a Humanidade e com suas raízes negras é a marca incontestada da trajetória do jornalista Olímpio Marques dos Santos, como o comprova o seu depoimento, publicado no Livro Fala Crioulo, de Haroldo Costa. "Eu sou um radical em defesa dos meus princípios e não abro mão desse radicalismo, porque a palavra radical vem de raiz, quer dizer, aquele que é fiel às suas raízes. Agora, afirmo que jamais fui um sectário, não odeio ninguém. No branco racista eu vejo um doente mental que precisa ser reeducado e a minha luta é no sentido de contribuir para a confraternização do negro e do branco, na base da igualdade, reeducando também o negro para que ele não se sinta nem se julgue inferior a ninguém, para que ele readquirir toda a sua dignidade como pessoa humana, como gente, e o branco reconheça nele um ser igual, criado pelo mesmo Criador, com a mesma origem e a mesma destinação. Sou um inconformado com o atual estado de coisas, mas não sou um revoltado. O que poderia ser a minha revolta, eu sei condicionar para transformá-la no sentido revolucionário, no sentido de transformar a mente do homem branco e do homem negro para que se encontre a confraternização autêntica, na base da igualdade e não essa que aí está, onde uma minoria, constituída por pouco mais de 30 por cento, domina o país,

é a elite, comanda a Nação econômica, política, social, cultural e religiosamente. É o minoritário segmento branco quem dirige o país, quem tem o poder na mão. E o segmento negro não tem a mínima parcela de poder. Então a minha luta, o meu objetivo, é contribuir. Eu sozinho não vou resolver, evidentemente, é uma luta para cem, duzentos anos; mas a minha contribuição eu tenho dado e vai ficar no que eu vou deixar escrito nos meus artigos e no meu livro de memórias que, se Deus e Ogum me ajudarem, eu pretendo escrever. Na minha vida de jornalista, na função que desempenhei de revisor, muitas vezes fui contratado ou promovido a chefe com a visível revolta dos meus companheiros. Muita gente não se conforma, não aceita o negro como dirigente, só aceita o negro como dominado, inferior. A tradição é escravagista, de subordinação, e o branco brasileiro, formado com este pensamento, dificilmente aceita a mudança da regra do jogo. É o próprio negro, que também se despersonalizou, perdendo muitas de suas características, numa imposição sutil ou ostensiva do sistema, também se revolta quando é comandado por outro igual a ele. A tradição é ser comandado por branco. E é isto que precisa ser transformado, mas de uma maneira organizada, pacífica e sem traumas, porque eu entendo que só haverá democracia no Brasil; racial, política e econômica, no dia que a maioria negra e miscigenada ocupar posições no poder, hoje exclusivo de uma insignificante elite. E isso não será possível dentro de um Estado capitalista, na minha opinião. Só com um Estado socialista avançado, onde os meios de produção pertençam ao Estado, pertençam ao povo e a ele sejam devolvidos em forma de uma vida igualitária, sem os privilégios de uns poucos e a marginalização da imensa maioria. Este é o objetivo pelo qual eu luto há trinta e cinco anos. Luto até hoje e pretendo lutar enquanto tiver um halo de vida. O socialismo é o meu grande objetivo, mas antes dele eu considero em primeiro plano a luta pela valorização do negro, pela reconquista da sua dignidade, pela reeducação do negro e do branco, para que nos vejamos como filhos do mesmo Deus. Não obstante a minha consciência do que é ser negro no Brasil e suas diversas e múltiplas implicações, apesar de me sentir preterido em alguns momentos da minha vida profissional, como na época em que fui da Polícia Militar aqui no Rio de Janeiro, só bem mais tarde é que aderi à militância no movimento negro. Fui companheiro do falecido poeta Solano Trindade no início dos anos 50 no Centro Democrático Afro-Brasileiro, juntamente com outros amigos da época conversávamos e colocávamos as questões do negro, mas quando comecei a ter conhecimento da história e da cultura negra é que a minha posição mudou. Sendo marxista-leninista, encarava o problema racial como um apêndice da questão econômica, como as esquerdas sempre dogmatizam. Por isso a minha luta era canalizada em outro sentido. Um garoto que é meu sobrinho, o Ivo, me levou para fazer um curso no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

(IPCN), isso tem uns cinco ou seis anos, e de lá pra cá, descortinei um amplo campo para desenvolver uma batalha na qual todos - sem distinção - devem participar. Este curso contribuiu para despertar a minha consciência, a minha valorização, se bem que, como já afirmei, tenha sido sempre atento à minha condição racial. Na imprensa, por exemplo, deixei de ter melhores posições profissionais porque sempre fui considerado um indivíduo polêmico, pelo fato de ter a minha personalidade muito forte, nunca me deixando dominar, sempre tentando fazer valer as minhas idéias. Jamais tive dificuldades em falar ou escrever, fato conhecido e até elogiado por todos quantos trabalharam comigo, mas isto nunca foi suficiente para me fazer galgar outros degraus na ascensão profissional. Não sou homem de mentiras, nunca escondi a minha maneira de pensar e de sentir, gosto de ser positivo, às vezes até agressivamente positivo. Amigo intransigente da verdade, constatei que, ao que tudo indica, muita gente não considera esse um bom caminho, mas a minha formação moral não cedeu em nenhum momento a conciliações aparentes. Os marxistas-leninistas, ortodoxos e tradicionais, até hoje não compreenderam que, no Brasil, classe e raça no poder se confundem. A classe dominante é toda ela constituída de brancos ou de pessoas que assim se julgam. E a classe dominada são os brancos pobres, os negros e os miscigenados, que estão na base da pirâmide. A prova está na dificuldade, melhor seria dizer impossibilidade, do negro assumir posições de mando. E isto tanto serve na área civil, como na militar, na empresa privada, como no funcionalismo público. Ele poderá ter a sua capacidade de trabalho reconhecida, ser citado como exemplo, ser promovido por tempo de serviço, mas nunca chegará a exercer uma profissão que possa influir na filosofia, no comportamento da sua empresa ou da sua repartição. Tenho um filho que é engenheiro, mas eu duvido que ele possa chegar a ser o mais importante no seu setor, de uma empresa onde ele trabalhe. Dificilmente chegará lá, porque, sendo negro e sem pistolão, não contará com a audácia de nenhum dos seus superiores para colocá-lo numa chefia efetiva. É triste, mas é verdade. Reconheço isso com uma profunda dor mas, como já disse, sou um homem de falar às claras, sem subterfúgios nem panos quentes. Meu futuro está traçado, tenho 62 anos, estou doente, é a doença mais grave que eu já tive na minha vida, talvez possa me restabelecer, ficar curado de vez e viver, quem sabe mais vinte anos. Faço questão, porém, de deixar para os meus filhos e meus netos uma memória digna, de um homem que mereceu o respeito de seus semelhantes, porque nunca deixou de acreditar neles. Apesar de durante muito tempo as minhas idéias terem sido consideradas malsinadas e condenadas, o que é mentira, meus filhos já devem ter compreendido que eu aprendi foi a ser patriota, de amar como ninguém este país e ter a consciência de que tinha obrigação moral de educá-los e formá-los como homens dignos deles próprios e para a Nação. Em

criança eu soube que o meu nome, Olímpio, é o sobrenome de uma criança no Togo. Meu avô se chamava Olímpio e foi de nossa família que saiu o Silvanos Olímpio, fundador da república e líder da independência do Togo; quando foi decretada a Abolição da Escravatura, parte da minha família voltou para a África e conservou o nome. Meu pai, Leocádio Manuel dos Santos, era sócio de uma entidade que existe até hoje e tem nome de Sociedade Protetora dos Desvalidos. Foi fundada por um escravo alforriado chamado Serra, no dia 16 de setembro de 1842, em pleno regime escravocrata, para ajudar e dar assistência aos negros ex-escravos. Esta sociedade, lá na Bahia, tirante as confrarias religiosas, é a mais antiga do Brasil. Ela chegou até a criar um banco para os negros levantarem dinheiro para comprarem a Carta de Alforria. Criou também uma enfermaria que recolhia negros que tinham sido libertos pela Lei Sexagenária, mas que eram doentes e ficavam pelas ruas mendigando, sem amparo nem socorro. A Sociedade Protetora dos Desvalidos desempenhou um notável papel de assistência social, empírico mas eficiente, espalhando a sua solidariedade por todos os lados. Com tais antecedentes, como não se esperar que eu me inscrevesse na batalha da redenção do negro e o seu reconhecimento como um ser capaz, sempre pronto a dar o melhor de si para o entendimento internacional e o estabelecimento de uma democracia plena e sem rótulos?"

OSCAR BENEDITO CAMARGO FERREIRA (CEBOLA)

Percussionista e compositor

Oscar Benedito Camargo Ferreira (Cebola), nascido em São Paulo no dia 12 de dezembro de 54, é filho de Geraldo Mendes Ferreira e Joana Camargo Ferreira, que têm também uma filha. Começou a trabalhar aos treze anos como gráfico, profissão que aprendeu como estudante de artes gráficas no Senac de Perdizes. Depois trabalhou em publicidade em uma distribuidora de livros.

*"A música para mim é uma
diversão e um meio de vida.
É um bálsamo de paz.
Eu não vivo sem ela.
Aliás, ninguém vive sem ela"*

Desde cedo tomou intimidade com o samba frequentando a Escola de Samba Camisa Verde e Branco, onde integrava o grupo Só Pagode, tocando tantã, composto por 4 jovens amigos de infância. O grupo teve a sua primeira apresentação no salão da Camisa Verde e Branco chamado São Paulo Chic, na Barra Funda, Zona Oeste de São Paulo. Uma professora do Conservató-

Quem é quem na Negritude Brasileira



rio Souza Lima, Miriam, que frequentava o bar, gostou de seu jeito de tocar e o incentivou a aprender e a se aperfeiçoar na música. Aceitou o incentivo e iniciou suas aulas no Conservatório, onde além de aprender acabou ensinando, pois quando algum

dos professores faltava ele os substituíva. O sucesso foi crescendo e o grupo foi chamado para tocar em outras casas, como Balancê e Butecão. Com um samba de primeira, o grupo participou do disco de Zeca Pagodinho Raça Brasil. Depois vieram as participações com Almir Guineto, Jovelina Pérola Negra, Elza Soares, Marquinhos Satã, João Nogueira, Bezerra da Silva, Neguinho da Beija-Flor, Jorge Aragão, Dona Ivone Lara, entre outros. Um dos pontos marcantes de sua carreira foi a participação na última apresentação de Clementina de Jesus num show para a TV Bandeirantes, no programa Perdidos na Noite de Fausto Silva. "A música para mim é uma diversão e um meio de vida. É um bálsamo de paz. Eu não vivo sem ela. Aliás, ninguém vive em ela", afirmou Cebola. Atualmente toca timbala, entre outros instrumentos de percussão, apresentando-se no bar Canto Brasileiro, no Butantã, acompanhado por Helinho, no cavaco; Carlão, no violão; Roberto, no pandeiro e Francisco Aguiar (Chico), no vocal. Cebola ainda é autor de várias composições, disputando, inclusive, sambas-enredos de escola de samba.

OSCAR SANTOS

Músico

Oscar Santos nasceu numa sexta-feira, 29 de dezembro de 1905, na Vila de Abaeté (hoje cidade de Abaetetuba, no Estado do Pará). Iniciou os estudos musicais muito cedo. Chegou no Amapá em janeiro de 1944 a convite de Hildemar Maia, para tocar o primeiro grito de carnaval em Macapá, onde aceitou ficar depois de participar da posse de Janary Gentil Nunes, primeiro governador do Território. Fundou em Macapá a Academia de Música Oscar Santos, muito famosa entre os jovens. Antes disso, em 1943, residindo na cidade de Tucuruá, no Pará, fundou uma escola de música e formou um conjunto musical, cuja fama espalhou-se pela região. Filiou-se à Academia Brasileira de Artes do Rio de Janeiro e foi um dos primeiros professores do Conservatório de Música Americana, hoje Escola de Música Walkíria Lima. Os vários títulos, diplomas e troféus que recebeu ao longo da vida não permitiram ao Mestre Oscar Santos esquecer suas dificuldades iniciais com a quilha do instrumento musical. Seus lábios muito grossos não se adaptavam ao instrumento

Quem é quem na Negritude Brasileira

e, certo dia, ao tentar, sem sucesso, reproduzir as notas da escala musical, apanhou do professor. Seus lábios sangraram. Oscar morreu na tarde de sábado, do dia 20 de março de 1976, depois de ouvir os versos "Quando estiver morrendo/ Quero com viva fé/ Consolo achar dizendo/ Jesus, Maria e José".

OSMAR RAMOS

Prefeito de São Francisco do Conde - BA

Aos sete dias do mês de julho do ano de mil novecentos e vinte e sete, no Largo de Nazaré, nascia Osmar Ramos. Filho de Cícero Borges Machado, funcionário público e da dona de casa Maria Simpliciana Ramos, pessoas humildes que, com sacrifício e coragem, educaram o menino que mais tarde seria o grande mito da política em São Francisco do Conde e na região do Recôncavo. Sua adolescência foi sofrida. Como pescador, ajudou os seus pais no sustento da família, ao todo nove irmãos que, com dignidade e coragem, conseguiram vencer. Ainda jovem, aprendeu a tocar saxofone e, como músico, animou muitos bailes levando a alegria aos seus patrícios. Casou-se em 1952 e constituiu uma família que tem a responsabilidade de perpetuar o seu legado. Em 1º de janeiro de 1946, começou a trabalhar como porteiro da Prefeitura. Daí em diante passou por quase todos os cargos da Prefeitura até chegar a conferente de tributação. Nesta época, Osmar já se destacava como grande liderança popular e, levado pela vontade do povo, candidatou-se a vereador, elegendando-se pela primeira vez em 1958 pela UDN. Naquela época, Osmar era um voluntário a serviço do seu povo, pois não recebia um só centavo como vencimento, e assim foi durante três legislaturas consecutivas. Elegeu-se sete vezes vereador, sendo em todas o mais votado, chegando duas vezes a presidente da Câmara e várias vezes a primeiro-secretário, sempre mantendo a sua linha, leal aos seus princípios e fiel àqueles que o conduziram à Câmara. Na vida pública, teve como mestre o engenheiro Dr. Vicente de Albuquerque Porciúncula, grande exemplo de administrador, em quem Osmar se inspiraria mais tarde para conduzir os destinos de sua terra. Em 1988, numa emocionante disputa, elegeu-se prefeito. Em retribuição ao mandato que o seu povo lhe outorgou, Osmar Ramos fez um governo memorável, trazendo para a cidade o progresso que veio para ficar, e com recursos próprios do município inaugurou centenas de obras. Em 1992, elegeu-se deputado estadual com aproximadamente 19.000 votos, sendo votado em quase 200 municípios baianos. Ali, naquela Casa de Leis, recebeu o título de Velho Guerreiro, para expressar o seu perfil de legislador combativo e atuante. Em 1996, deixa a Assembléia Legislativa para concorrer à Prefeitura, vencendo de forma esmagadora. Este é apenas um resumo da história de um homem que, para ser contada, seria preciso escrever um livro. Um exemplo de pai, de amigo, de administrador. Um homem que, como dis-

semos, veio de origem humilde e que nasceu para ser um vencedor: Osmar Ramos.

Texto de José Raimundo F. de Souza.

OSÓRIO ALVES DE CASTRO

Romancista

Osório Alves de Castro é de ascendência negra, natural de Santa Maria da Vitória, Estado da Bahia, nascido a 17 de abril de 1901, filho de Pedro de Almeida Castro e de Dona Catarina Alves. Osório fez os seus primeiros estudos e os complementares na cidade em que nasceu e no município da Barra, também na Bahia. Frequentou o curso médio, mas não teve a oportunidade de completá-lo em virtude das circunstâncias que o cercavam. Alfaiate de profissão, de condições humildes, Osório Alves de Castro passou os seus primeiros anos de vida em Santa Maria da Vitória, seu torrão natal, na cidade da Barra, e de Pirapora, esta localizada no norte do Estado de Minas Gerais, nas cercanias da região média do Rio São Francisco. Pelo que se vê, a luta empreendida por parte de Osório Alves de Castro para atingir a reputação de ensaísta, de crítico e, finalmente, de romancista, foi, por assim dizer, titânica, em razão de carregar consigo dois estigmas, por todos os títulos reprováveis pela sociedade burguesa em que viveu: ser pobre e ser negro e, como tal, visto e tratado como cidadão de segunda classe. Alma forte de negro e de caboclo de boa cepa, como se costuma dizer, Osório não se deixou intimidar por estes obstáculos, aparentemente intransponíveis à primeira vista. De certo, ouviu na sua infância e na sua juventude os cânticos de guerra, como índio, de Gonçalves Dias; como negro, do vulcânico Castro Alves. "Não chora, meu filho/ Não chora, que a vida/ É luta renhida/ Viver, é lutar;/ Se o duro combate/ Aos fracos abate,/ Aos bravos e aos fortes/ Só pode exaltar", dissera-lhe Gonçalves Dias, em I-Juca Pirama! Já, Castro Alves lhe comparece denunciando que "A infâmia é demais!... Da etérea plaga/ Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!/ Andrada! Arranca esse pendão dos ares!/ Colombo! Fecha a porta dos teus mares!". Estes versos candentes, com a força dramática de um tufão enfurecido, ressoam nos ouvidos de Osório Alves de Castro, incitando-o à luta sem trégua, sem quartéis! É sob esta emoção que ele migra para São Paulo, em 1923, disposto a dar início a outras batalhas, ao lado dos que participaram heroicamente da formação das cidades de Lins e de Marília. Nessa cidade, recém fundada, Osório permanece até o ano de 1964, de onde, num desses vãos úmidos de ansiedade e de esperança, parte para fixar residência na capital paulista. Inquieto e movido por incontidas aspirações, o nosso Osório passa a frequentar as folhas de jornais como O Progresso e A Tribuna Democrática da cidade de Lins e do Diário Paulista, de Marília, com os seus ensaios e críticas literárias, mostrando-se um competente autodidata. Afeito às lides da nossa literatura da melhor qualidade, Osório publica, na revista Diálogo, no seu nº 8, 1957, ensaios sobre aspectos dos personagens de Grande Sertão: Vere-

das, de João Guimarães Rosa. Em 1961, já com o seu perfil de literato bem delineado, Osório Alves de Castro lança o seu romance, *Porto Calendário*, que é o ponto mais culminante de sua carreira, tanto que merece receber o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro e a Menção Honrosa da Prefeitura de São Paulo, chegando a empolgar os críticos literários como Wilson Martins, Casais Monteiro, Alcântara Silveira, Sérgio Milliet, Eneida, entre os mais conceituados, que foram pródigos em elogiar a obra dizendo que se tratava de "uma nova dimensão no romance brasileiro". Osório Alves de Castro faleceu em Itapeverica da Serra, em São Paulo, no dia 9 de dezembro de 1978, com 77 anos de idade.

Dicionário Literário Brasileiro, de Raimundo de Menezes, 2ª Edição - ITC Editora, 1978.

OSWALDÃO

Líder político

Oswaldo Orlando da Costa- cognominado Oswaldão- é mineiro de Passa Quatro. Foi um político negro brasileiro. Em 1957, através do Partido Comunista do Brasil (PC do B), foi para a Checoslováquia estudar engenharia. Quando retornou ao Brasil, em razão de como se encontrava o seu partido, só restou a Oswaldão cair na clandestinidade a partir de 1964 e, em 1966, é indicado pela alta direção do PC do B para ir atuar na região do Araguaia, na qualidade de um dos comandantes da guerrilha contra a ditadura. Conforme nos assevera o professor Clóvis Moura, "A Guerrilha do Araguaia, que ficou durante tanto tempo como uma das áreas proibidas de nossa história atual, não pode mais ser negada. Cabe, portanto, a todos aqueles que vêem na História um instrumento ativo de transformação social, procurar interpretá-la, situá-la social e historicamente para que a sua experiência possa servir dinamicamente àqueles que estão fazendo política no Brasil. Oswaldão, Sônia e os demais combatentes que morreram no Araguaia, por mais que se queira negar, quaisquer que sejam as divergências ideológicas que se tenha em relação a eles, já são personagens históricos". Há passagens interessantes da vida e da atuação do negro Oswaldão no Araguaia, como está citado ainda por Clóvis Moura no seu livro *Diário da Guerrilha do Araguaia*: "Mais acima, em Araguatins, vive um negro simpático, alto, de quase dois metros de altura, conhecido por Oswaldão. Oswaldão Orlando da Costa que tem curso da Escola Técnica Nacional e do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva). Está na região desde 1966. Realizou também inúmeras caçadas nas matas paraenses. Meses seguidos, com outros caçadores, embrenhou-se na selva atrás de onças, gatos-maracajás, caítilus. Ou melhor, do couro precioso desses animais. Todos gostam dele. É simples, comunicativo, sempre pronto a ajudar quem quer que seja. Certa vez - contam as pessoas do lugar - passava por um



barraco pobre, num 'centro' distante e parou para beber água. A dona do casebre lhe falou agoniada sobre a filha pequena que estava morrendo. Ela não tinha recursos. Se tivesse um dinheirinho salvaria a criança. 'A única coisa que tenho é esse

cachorro. Não quer comprar?' Oswaldão meteu a mão no bolso. Todo o dinheiro que possuía entregou à mulher. 'Bem, o cachorro é meu, mas a senhora fica tomando conta dele'. A repressão corria solta na região. É assim que uma senhora é presa e surrada brutalmente, diante dos presentes no local. "Ela topara uma provocação. Levantara sua voz para dizer que Oswaldão não era nenhum bandido, mas a pessoa mais séria, mais honesta, mais prestativa da região". Na verdade, Oswaldão Orlando da Costa é uma dessas pessoas negras que tem uma avançada consciência cívica e patriótica, que não aceita bridão e que luta, à sua maneira, contra as injustiças que infelicitam o povo negro e o povo em geral. Não é preciso dizer que Oswaldão acabou sendo emboscado e morto em pleno combate, como há trezentos anos aconteceu com o nosso herói Zumbi dos Palmares, em Alagoas, na Serra da Barriga. Épocas e locais diferentes num mesmo território brasileiro. Dizem que Oswaldão morreu em 1974, levando para o outro mundo muitos dos segredos da Guerrilha do Araguaia que o transformaram em um Negro Herói.

Diário da Guerrilha do Araguaia, de Clóvis Moura - Editora Alfa-Omega, 1979
Larousse Cultural - Brasil A-Z, Editora Universo, 1988.

OSWALDO DE CAMARGO

Escritor e poeta

No dia 24 de outubro de 1936, nasce em Bragança Paulista, no Estado de São Paulo, o escritor e poeta negro, Oswaldo de Camargo, um dos três filhos de Martinha da Conceição Camargo e de Cantiliano de Camargo, apanhadores de café - ambos falecidos. O gosto e a inclinação para a música, Oswaldo de Camargo herdou de seu genitor, um bom compositor de músicas populares, quase todas cantadas com agrado e entusiasmo na localidade onde a Fazenda Viuvazinha Félix se situava, e onde trabalhava a maioria dos que habitavam a cidade de Bragança. Oswaldo de Camargo começou a conviver com as letras e, muito cedo, aos 16 anos, já havia escrito o seu primeiro livro de poesias *Vozes da Montanha*, que ainda permanece inédito. Isto, depois de passar pelo Seminário Nossa Senhora da Paz, em São José do Rio Preto. Filho de gente honesta, laboriosa, mas humilde, Oswaldo de Camargo viu-se na contingência de precisar trabalhar

e, aos 19 anos de idade, tornou-se jornalista, após uma breve incursão como organista da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paissandú, na capital paulista. Em 1959, com vinte e três anos, Oswaldo já era revisor do jornal dos Mesquitas, O Estado de São Paulo, ocasião em que publica o livro de poesia *Um Homem que Tenta ser Anjo*, que abriria para este intelectual negro o caminho para a carreira literária. O livro mereceu a apresentação do conceituado poeta e crítico Sérgio Milliet e o prefácio de José Pedro Galvão de Souza. Oswaldo de Camargo é um dos poucos negros verdadeiramente intelectuais, que sempre exerceu uma intensa e combativa militância, junto aos interesses específicos da problemática afro-brasileira, sem nunca abandonar a arte da música, de cujos acordes a sua alma e a sua sensibilidade sempre estiveram impregnadas. A passagem de Oswaldo de Camargo pela Associação Cultural do Negro foi assinalada pela realização de inúmeros eventos de natureza lítero-musical, dos quais participávamos ao lado da senhorita Irajá, da Ana Vera, da Jacira Silva, Jacira Sampaio, Nair Theodoro Araújo, Dalma Ferreira, Solano Trindade e de

tantos outros nomes da época, da jovem guarda afro-descendente, tendo sempre à frente a figura discreta, mas ativa, desse moço que mais tarde acabou escrevendo autênticas jóias literárias da nascente negritude em nosso país, tais como, *A Descoberta do Frio*, novela; *O Carro do Êxito*, contos; *O Estranho*, poemas, *O Negro Escrito*, ensaio e apontamentos a respeito da presença do negro na Literatura Brasileira. Oswaldo de Camargo tem participado e proferido diversas palestras e conferências em escolas, bibliotecas e universidades tendo por tema a vida, as questões e a cultura ligadas à história do negro brasileiro. Em 1988, Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, Oswaldo de Camargo esteve na Alemanha e na Suíça, com mais dois poetas negros, Geni Guimarães e Luiz Silva Cuti, declamando poemas e falando da condição servil do elemento afro-brasileiro. Oswaldo tem muitos textos, poemas e contos, traduzidos para o alemão, francês e inglês; deste escritor, o livro *Mão Afro-Brasileira*, organizado por Emanuel Araújo, tem um alentado texto sobre a literatura negra feita em nosso país. A vida familiar de Oswaldo de Camargo é digna de nota; hoje avô, os seus seis filhos são instruídos; e demonstram incomum afeto pelos seus pais, com especial destaque para com Dona Florenice Nascimento de Camargo, esposa de Oswaldo, que o acompanha há quase quarenta anos, testemunhando uma sólida e feliz união.



Quem é quem na Negritude Brasileira

P

PADRE BATISTA

Clérigo pioneiro da negritude

A Igreja Católica é freqüentemente acusada pelos seus críticos, inclusive os de linha moderada, pelo fato não só de haver se omitido em relação ao estatuto da escravatura vigente no Brasil nos períodos colonial e do império, como ainda por ter vivido em manébia com tal regime cruel e espoliativo, que transformava o negro num simples animal de carga. Talvez sejam estes procedimentos que levaram Dom Pedro Casaldáglia a afirmar que o Brasil seria diferente se a Igreja tivesse estado mais perto da senala do que da casa-grande. Estas críticas e acusações, embora procedentes, não podem ser generalizadas, pois, no corpo do laicato católico-cristão havia um número sem conta dos que se condoíam do sofrimento dos negros infelizes, compondo um contingente generoso e atitudes de pessoas que se propunham, cada qual à sua maneira, a lutar em trincheiras próprias e que se solidarizavam com os negros e com os que se empenhavam pela extinção das leis que davam sustentação a tais brutalidades. É no contexto dessas ações e reações que brotavam as senzalas, das ruas, da imprensa independente, dos tribunais, dos púlpitos e dos parlamentos, que tais clamores se fizeram ouvir, inspirando poemas épicos e libertários do poder explosivo de um *Navio Negroiro* ou de *Vozes de África*, de Antônio de Castro Alves. Vencida esta etapa de nossa história, pelo ímpeto dos abolicionistas e ao transpormos o marco de 1888, é que verificamos que a luta deverá continuar, mesmo depois de proclamados os Cem Anos da Abolição. O Padre Batista estava incluído entre os que entenderam a importância e a necessidade das novas tarefas que se lhe erguiam como autênticos desafios impostos à cons-

ciência negra dos tempos modernos. O Padre Batista, que recebeu na pia batismal o nome de Benedito Jesus Batista Laurindo, nasceu no dia 5 de agosto de 1952, na cidade de Matão, interior do Estado de São Paulo. Por ser filho de gente humilde e desprovida de recursos financeiros como, via de regra, era e ainda é a condição do negro brasileiro, Padre Batista se viu obrigado a trabalhar, até como engraxate, nos dias de sua infância. Contudo, num desses esforços hercúleos movidos por extrema boa vontade, consegue vencer as contingências que o cercavam, não só para ingressar em cursos regulares de Filosofia e de Teologia - depois de fazer os estudos preliminares com inaudito sacrifício - como, sobretudo, para graduar-se e tornar-se padre da Igreja Católica, atendendo a todas as exigências a que um seminarista deve se submeter para ser legítimo sacerdote. Uma vez ordenado, Padre Batista em pouco tempo passa a atuar de forma corajosa e objetiva com as vistas voltadas para as questões cruciais que envolviam as crianças de rua, particularmente, as que se encontravam na Praça da Sé, na capital paulista, área em que se situa a Catedral da Sé, da qual fora o primeiro padre negro a tornar-se pároco por nomeação do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Passando da vida meramente contemplativa como acontece com a maioria dos sacerdotes, Padre Batista procura estruturar uma verdadeira rede benéfica e filantrópica para atender às pesadas demandas que seus sentimentos cristãos determinavam que se instituísem. É assim que é fundado o Centro Comunitário do Menor, o Quilombo Central, o Instituto Mariana dos Bispos e Padres Negros, o Instituto do Negro e a Casa da Menina Mãe. Numa vida de lutas e de abnegações sem trégua que exigia de si e de seus comandados dedicação em tempo inte-

gral, Padre Batista impõe-se ao respeito e à admiração de todos que o conheceram e que com ele partilharam de seus ideais e de sua nobre missão apostolar. Em sua memória é que o Instituto do Negro passa a chamar-se "Padre Batista", com o propósito de se dar continuidade às suas obras beneméritas, uma vez que o Padre Batista veio a falecer prematuramente no dia 10 de agosto de 1991, na capital paulista.

1) *Agenda Afro-Brasileira de 1997* 2) *Negritude e Ação* n° 1 - 97

PADRE GÍLIO FELÍCIO

Bispo Auxiliar de Salvador

A postura da Igreja Católica tem mudado, e para melhor, a partir destas últimas décadas, em relação ao seu processo de evangelização e ao seu espírito de compreensão e tolerância diante de outros cultos religiosos, especialmente os de origem africana. "Evangelizar as culturas autóctones e aquelas afro-americanas



implica entrar num diálogo respeitoso e aberto com elas”, como bem assevera Leonardo Boff. Isto vem acontecendo: os cultos ecumênicos em muito vêm contribuindo para que esta mudança de qualidade se amplie e se aprofunde em nosso país, que é a maior Nação católica do mundo. A presença cada vez mais frequente de padres negros é um sinal objetivo e auspicioso que bem confirma esta nossa observação. Podemos dizer que esta presença ainda é tímida, mas é o suficiente para demonstrar a abertura de nossa Igreja nessa direção. É aqui que entra em nossos apontamentos o nome do Padre Gílio Felício, o quinto clérigo negro a ocupar uma posição de destaque na hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Nascido no atual município gaúcho de Sêrio e ordenado sacerdote há 19 anos, foi vigário-geral da arquidiocese de Santa Cruz do Sul, no referido Estado. Hoje, ninguém, que se considere esclarecido e munido de boa fé, é capaz de considerar como blasfêmia o fato de alguém dizer que “axé é graça divina”. Portanto, numa saudável simbiose, mais do que num simples sincretismo, vai se constituindo o entrelaçamento fraterno com a afro-cultura, o que permitirá que o Padre negro, Gílio Felício, continue “o trabalho de valorização da cultura negra na Igreja Católica”, sem grandes constrangimentos. As missas afros, como as que o Padre Toninho, da Igreja de Nossa Senhora Achirópita, em São Paulo, realiza, aos poucos vão demolindo as resistências do conservadorismo ainda remanescentes no Alto Clero do Brasil e da América Latina. É bom que se diga: “Designado Bispo-Auxiliar de Salvador, Felício ganhou notoriedade na cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, por celebrar missas em que trocava o paramento por coloridos trajes africanos, dançava com os fiéis e incluía no ofertório pipoca, frutas, pão caseiro e instrumentos de trabalho que lembravam a época da escravidão”, igualzinho como presenciei, em 1988, na cidade mineira de Paracatú, levado pela escritora negra Benedita Gouveia Damasceno, natural daquela localidade. Nomeado pelo Papa João Paulo II em janeiro de 1998, Padre Felício foi ordenado Bispo no dia 3 de maio e nos esclarece que o fato de haver introduzido elementos de procedência africana em suas missas não quer dizer que esteja acontecendo “uma mistura de religiões, como a católica e o candomblé, mas uma utilização de elementos comuns da cultura negra”, lembrando-nos ainda que a presença da cultura africana é hoje contemplada e vista com respeito em Salvador, na Bahia, onde este novo bispo passará a desempenhar a sua missão pastoral. O Padre Gílio Felício considera que, apesar de estarmos caminhando bem no trabalho de abertura da Igreja Católica em nosso país, ainda há uma enorme distância a ser percorrida em direção ao ponto ideal de não mais precisarmos lamentar a presente realidade, que registra apenas e tão somente

cinco bispos da raça negra, incluindo Padre Gílio, “num total de 400, num país em que os negros representam mais de 45% do seu contingente humano, sendo que existem só 500 padres afro-descendentes para um universo de mais de 14 mil clérigos católicos, no Brasil”. O importante é que Gílio Felício, como padre e como Bispo, sente-se “convocado” para lutar pela integração dos negros e seus valores culturais no seio da Igreja Católica e na sociedade brasileira como um todo.

Jornal do Brasil - 31 de Janeiro de 1998

PADRE JOSÉ MAURÍCIO

Músico, condecorado por D. João VI

No Estado do Rio de Janeiro nasceu em 22 de setembro de 1767 o menino que receberia na pia baptismal o nome de José Maurício Nunes Garcia, filho que era de Apolinário Nunes Garcia, provindo da Ilha do Governador, com Vitória Maria da Cruz, esta nascida nas imediações da cidade de Vila Rica, Minas Gerais. Com seis anos de idade faleceu-lhe o pai, o que não se constituiu num obstáculo para que o menor desse início aos seus estudos musicais na escola de Salvador José de Almeida e Faria, que atendia pela alcunha de “o pardo”, natural de Cachoeira do Campo, também Minas Gerais. Tido e tratado como mulato, José Maurício conseguiu destacar-se nos estudos, sendo apontado como o único, entre os demais alunos, em condições de prosseguir os estudos de música, de maneira a poder tornar-se, mais tarde, um músico profissional, provando que tinha mesmo vocação para a arte sonora, tanto assim que, com apenas 16 anos de idade, foi capaz de compor a sua primeira obra, uma antífona *Tota Pulchra es Maria*, com título em latim, peça para 4 vozes, 2 violinos, viola e “basso”. Em 1790, José Maurício compõe a sua Sinfonia Fúnebre (CT-230), para violinos, viola, 2 flautas, 2 trompas, 2 fagotes e baixo “cujos traços estruturais, elegância e profundidade fazem crer certa familiaridade com a obra de Haydn e Mozart”. Depois de produzir um *Te Deum* cuja obra torna-se notícia em Portugal na Gazeta de Lisboa, José Maurício se ordena, recebendo Ordens Sacras em 1792. Em 2 de julho de 1798, Padre José Maurício é nomeado mestre-de-capela da Sé, em substituição ao Padre João Lopes Ferreira. O motivo de grandes manifestações culturais de natureza erudita foi a chegada ao Brasil da Família Real Portuguesa, o que se verificou no dia 8 de março de 1808, na cidade do Rio de Janeiro. Encontrando-se no auge de sua inspiração criadora, o Padre José Maurício trabalhava febrilmente para atender às inúmeras festividades que se promoviam para celebrar, com pompas magníficas, a presença da Família Real em nosso país. Nessa ocasião, o prestígio de que desfrutava o Padre José Maurício nos meios cultos, fez

com que Dom João VI o condecorasse com o Hábito da Ordem de Cristo, em 1809. Claver Filho, que responde pelos dados através dos quais nos orientamos neste trabalho, revela um fato interessante confirmando que o Padre José Maurício, baseando-se no texto de Dom Gastão Fausto da Câmara Coutinho, escreve a música para o drama *O Triunfo da América*, para o dia 13 de maio que era a data de nascimento de Dom João VI, sendo que para o dia de São João Batista, 24 de junho, compõe, também Ulisses, Drama Heróico (CT-229), uma espécie de cantata com árias, recitativos, coros e trechos orquestrais. Nesse período, Padre José Maurício começa a se afastar paulatinamente da pureza da escola musical mineira de fundo místico religioso, dando início à secularização de sua obra, a “perfilar-se como diz Curt Lange, mais claramente sob a influência direta da ópera italiana e do classicismo instrumental vienense...” ao ponto de um ex-aluno de Haydn em aqui chegando, dizer que o Padre José Maurício “era, o nosso músico, o maior improvisador do mundo ao cravo”. Coberto de glória e muito estimado pelos seus contemporâneos, morre o Padre José Maurício Nunes Garcia, no dia 3 de abril de 1830, deixando para a posteridade, uma vasta e variada obra que cobre todo o repertório necessário ao ciclo litúrgico, resultado dessa atuação junto ao mestrado da Sé e da Real Capela.

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araujo - Tenenge - 1988

PADRE MAURÍCIO SEBASTIÃO FERREIRA

Presidente do Conselho do Interesse do Cidadão Negro de Limeira (SP)

Padre Maurício Sebastião Ferreira, natural da cidade de Tambaú, interior do Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 27 de maio de 1958, é filho do senhor Custódio Ferreira e de dona Maria de Lourdes Ferreira. Técnico em edificações, formado pela Escola Jamil Abraão Saad, de Cordeirópolis, é bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica - PUC, em 1995, obtendo por esta mesma Universidade, a sua Licenciatura Plena em Filosofia. Padre Maurício ordenou-se Diácono no dia 13 de maio de 1988 e Sacerdote em 16 de dezembro deste mesmo ano histórico para negros e



Quem é Quem na Negritude Brasileira

brancos do Brasil; em 1988 foi designado como o primeiro pároco da Paróquia Santa Luzia no dia 30 de dezembro, também de 1988. Atualmente é vigário Articulador da Pastoral, setor Pastor VI, da Diocese da cidade de Limeira, São Paulo. A propósito da Igreja Católica, não cremos seja ocioso tecer algumas considerações sobre o seu comportamento até o começo do presente século, quando a linha teológica era bem mais inflexível que hoje. Instruído que é, é evidente que as observações de Dom José Maria Pires são do inteiro conhecimento do Padre Maurício. Inteniremo-nos, por conseguinte, do teor das palavras de Dom Zumbi proferidas em 1982. Diz o eminente bispo negro: "sempre todos tentaram convencer-se que não há racismo no Brasil. E certamente não há como nos Estados Unidos ou na África do Sul. O racismo que aqui se cultivou é talvez menos violento e mais mascarado. Os negros podem, como os brancos e em companhia deles, tomar qualquer transporte coletivo, freqüentar praças e igrejas, podem até casar-se com branco... Tudo porém é a título de concessão. O branco é superior, o negro é aceito por condescendência, não em virtude de um direito. Direito ele só adquirirá se demonstrar ser possuidor de dotes excepcionais. Então ele terá livre acesso na sociedade porque dele se poderá dizer: *é negro mas é um sábio; ou é um negro de alma branca*". Na verdade, Dom José Maria Pires afirma com muita propriedade: "outra teria sido a sorte dos negros trazidos da África se a igreja daquele tempo tivesse subvertido a ordem constituída... Portanto, a tarefa do Padre Maurício Sebastião Ferreira, presidente do Comitê - Conselho Municipal do Interesse do Cidadão Negro - da cidade de Limeira, é gigantesca e espinhosa, mas há de ser, todavia, gratificante, uma vez que sabemos tratar-se de um padre negro muito habilidoso e muito bem informado e ativo. Tanto é que o Padre Maurício é presidente também da Associação Palavra de Deus da mesma cidade. E realmente tendo nas mãos instrumentos institucionais, como o Conselho da Cidade de Limeira que o seu presidente, Padre Maurício pode, viabilizando programas de promoção humana, cuidando tanto das almas quanto do corpo dos párocos de todos os matizes, fazer do ministério um verdadeiro sacerdócio.

PADRE TONINHO

Paróco da Igreja Nossa Senhora de Achiropita e líder da pastoral negra

Antônio Aparecido da Silva nasceu em 29 de outubro de 1948 (embora tenha sido registrado, como consta em seus documentos, em 28 de novembro daquele mesmo ano). Seus pais, João Vicente e Maria Rita da Conceição, mineiros, eram trabalhadores na zona

quem é Quem na Negritude Brasileira

rural. Nascido em Lupércio, interior paulista, quando completava dois anos de idade, a família mudou-se para Parapuã na Alta Paulista, onde Antônio Aparecido viveu sua infância e adolescência com os outros seus sete irmãos. Aí mesmo iniciou seus estudos e, aos 12 anos de idade, foi para o seminário dos padres de Dom Orione, localizado em Guararapes na região Noroeste do Estado de São Paulo.



Filho de pais muito religiosos, a sua entrada para o seminário foi um fato que alegrou toda a família. Em 1966, transferiu-se para São Paulo para dar continuidade aos estudos dentro do itinerário de formação para o sacerdócio. Foi noviço no ano de 1969 em Juiz de Fora e, nos dois anos seguintes, realizou estágio como pedagogo em uma instituição filantrópica em Belo Horizonte. Em 1976, obteve o mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC - e neste mesmo ano, no dia 12 de dezembro, foi ordenado sacerdote. Nos anos seguintes residiu em Roma onde realizou estudos de pós-graduação em Teologia. De volta ao Brasil, em 1980, Padre Toninho, como é carinhosamente chamado, ingressou como professor de Filosofia e Teologia nas Faculdades Associadas do Ipiranga - FAI e na Faculdade de Teologia da Arquidiocese de São Paulo, respectivamente. Dirigiu o Instituto de Filosofia dos padres Orionitas e, em 1983, prestou serviços como assessor na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - em Brasília. Em 1981, participou da Assembléia Nacional que deu origem às atividades do Grupo de União e Consciência Negra. Em 1983, juntamente com os saudosos Padre Benedito de Jesus Batista Laurindo e Edir Soares, fundou o movimento dos Agentes de Pastoral Negros. Foi nomeado por Dom Paulo Evaristo Arns reitor da Faculdade de Teologia da Arquidiocese de São Paulo no período de 1984 a 1988. Participou da equipe redatora do texto base da campanha da fraternidade sobre o negro, realizada em 1988 no centenário da abolição. Sócio-fundador da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Soter, Padre Antônio Aparecido da Silva foi também seu diretor-presidente no período de 1986-88. Desde 1980 é professor de Teologia e membro da Equipe Teológica da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB. Coordena na América Latina e Caribe o Programa de Teologia e Negritude da Associação de Teólogos

do Terceiro Mundo - ASETT. Autor de trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, Padre Antônio Aparecido é fundador e presidente do Atabaque - Cultura Negra e Teologia. Desde 1990, é o pároco da igreja Nossa Senhora Achiropita no Bexiga, e diretor-presidente das Obras Sociais Nossa Senhora Achiropita, exercendo também o cargo de Vice-provincial na Congregação dos Orionitas.

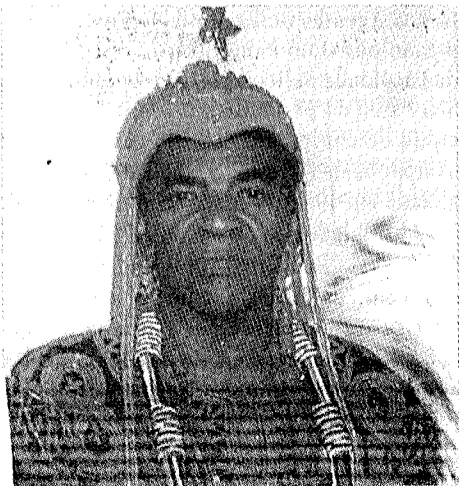
PAI MENDES

Rei do candomblé no Brasil

José Mendes Ferreira (Geleju Adebálú III) nasceu no Estado de Alagoas, na Região Nordeste do Brasil, e foi iniciado na Religião dos Ancestrais, no sétimo dia de vida por sua avó Iyá Ojé Rimola. Os dados biográficos de Iyá Ojé Rimola são particularmente relevantes para determinação da árvore genealógica de José Mendes Ferreira - o nosso Pai Mendes. Iyá Ojé Rimola nasceu em Ibó, um pequeno povoado africano. Seu pai era o Rei de Ibó e sua mãe, descendente da família real da cidade de Ijebu Odé. Alguns meses após o seu nascimento, seus pais foram mortos e sua tribo dizimada por traficantes de escravos. Assim foi que, ainda recém-nascida, ela foi levada aos porões de um navio, o qual a transportaria para as longínquas terras brasileiras. Tais fatos se consumaram no ano de 1860. Com 10 anos de idade, Iyá Ojé Rimola foi morar em Palmares, em Alagoas. Mais tarde, mudou-se para o Chã da Ladeira, lugarejo próximo à cidade de Pilar, onde passou sua juventude. Moça de estatura alta e traços fisionômicos finos e delicados, foi cognominada de "Izabel" pelo povo do lugar. Iyá Ojé Rimola ansiava por uma família e tomou como companheiro o mais famoso Oluwô da localidade, o conhecido "Manoel Gelejú" e, juntos eles fundaram, no Chã de Ladeira, um terreiro de candomblé clandestino que mais tarde serviria de abrigo e seria frequentado pelos descendentes Zumbi dos Palmares. O terreiro ficava no interior de uma gruta, escondido por um espesso lençol de água límpida e cristalina de uma cachoeira que banhava sua entrada. O lugar era de uma beleza inebriante e foi batizado com o nome de "Runtó Run Bosí". Neste terreiro se praticava o mais autêntico culto jeje do Brasil, freqüentado e dirigido, naquela ocasião, por Oluwôs de grandes conhecimentos, como Tio Salú, Manoel Gelejú, Tio Lôlo e, a famosa Ialorixá, Tia Marcelina, todos descendentes de africanos e sangue real. Em 1906, o mesmo clã fun-

dou um outro terreiro, que se tornou público, apesar das intensas perseguições policiais. O estabelecimento religioso estava numa cidadezinha chamada "Mutange", hoje conhecida como Av. Cícero de Góes Monteiro, em Bebedouro, Maceió, Alagoas. Com a idade de 20 anos, José Mendes Ferreira se submeteu a uma segunda clausura, aperfeiçoando-se dentro do culto com o Babalorixá Manoel Vitorino da Costa, conhecido como "Falefá", da roça denominada Poço Beta, em São Caetano, Bahia. Aos 25 anos de idade, ele se submeteu a uma terceira clausura, desta feita efetuando obrigação para a nação de Keto, através do Babalorixá Manoel Siqueira de Amorim, conhecido como "Pai Nezinho", filho de santo de Maria Escolástica de Nazaré, a Mãe Menininha do Gantois. Deste ritual ele recebeu o segundo Adeka, da nação Alaketo. Com 30 anos, ele tirou a "Mão de Vumbe", através da famosa e respeitada Iyalorixá Regina Pereira Sawyer, recebendo de suas mãos o terceiro Adeka, da nação bangboshê-obitiki. No início do ano de 1974, o Templo da Federação de Candomblé do Estado de São Paulo recebeu a inesperada visita de uma delegação de 34 membros, todos procedentes da Nigéria, África. Após conversar algum tempo com o líder do grupo, José Mendes Ferreira soube que se tratava de uma família real. O Obá-Koso (rei) se chamava Duro Ladipo e sua esposa, Iyá Abiodun; os demais 32 membros da comitiva real eram sacerdotes. O Obá-Koso Duro Ladipo, ao ouvir, naquela mesma madrugada, os nomes de alguns dos antepassados do então Babá Ifá, José Mendes Ferreira levantou-se bruscamente, olhou a sua comitiva e gritou em Yorubá "vibrem os atabaques, pois, encontramos o Escolhido". Em setembro do mesmo ano (1974), o Obá-Koso Duro Ladipo voltou ao Brasil, desta feita com uma comitiva de 63 sacerdotes, ficando hospedado na própria Federação de Candomblé do Estado de São Paulo, pelo espaço de tempo de noventa dias. A finalidade era a de preparar o futuro Rei e sua Casa. Ambos deveriam ficar afinados espiritualmente com a raiz, a África. Neste período foram assentados no Templo todos os Orixás, sendo alguns até desconhecidos no Brasil, enquanto que outros foram esquecidos pela descendência dos primeiros Babalaôs escravos desembarcados em terras brasileiras. Todos os assentamentos dos referidos Orixás foram regidos pelo próprio Obá-Koso Duro Ladipo que, com muita paciência e amor, executou os longos trabalhos, acompanhados de difíceis rituais sagrados. Muitas das folhas naturais utilizadas nesses rituais, praticamente não existiam na flora brasileira, o que determinou a demora das Obrigações. Em 1975, através da Chefia do Cerimonial da Secretaria e Turismo do Estado de São Paulo, aliada ao Obá-Koso Duro Ladipo e a sua comitiva real, o Babá Ifá Bemí José Mendes Ferreira foi sagrado e titulado Rei do Candomblé, no Brasil. Neste mesmo ano de 1975, a convite do Obá-Koso

Duro Ladipo e da Embaixada Nigeriana, o Babá Ifá Bemí, José Mendes Ferreira, fez a sua primeira peregrinação à Nigéria, sendo recepcionado pelo Awise Chief Yemi Elebuibon que o acompanhou do aeroporto internacional, até a House Of Culture, onde ficou hospedado. Este trajeto foi para José Mendes Ferreira marcante e histórico, porque ele foi ovacionado pelo povo e autoridades presentes, com pompas apropriadas e somente dedicadas a reis africanos. O seu aprimoramento sacerdotal e espiritual foi então iniciado com os Ikins-Ifá, ministrado pelo Awise Chief Yemi Elebuibon que, em seguida, o levou e o entregou ao Arabá de Oshogbô, Oyá Goke, na ocasião, a mais alta autoridade sacerdotal existente que o ensinou a manusear o mais difícil instrumento advinhatório de todos os tempos, o Sagrado Rosário do Opele-Ifá Grove. No ano de 1977, pela segunda vez, José Mendes Ferreira viajou para Ifé, a cidade sagrada dos Irumalés. Depois, seguiu viagem para as cidades de Abeokuta, Ibadan, Ijebu Odé, Oyó, Lagos, Ekiti, Ondó, Darome, Ogun e, finalmente, Oshogbô, onde foram executadas as mais altas Obrigações sacerdotais na Religião dos Ancestrais e, concomitantemente, recebendo os sábios conhecimentos de Oluwô e Babá Ifá Bemí. A House Of Culture, sediada em Oshogbô, pesquisou e determinou a árvore genealógica do Babá Ifá Bemí, José Mendes Ferreira, a fim de provar e deixar à posteridade, a identificação da raiz dos seus ancestrais. Com esta identificação, ficou nítida e clara a razão que levou altos sacerdotes nigerianos a viajarem ao Brasil em 1974, em missão espiritual e diplomática. Todo este reconhecimento ganhou expressão máxima durante a visita feita pelo Babá Ifá Bemí, José Mendes Ferreira, à África, em outubro de 1994, onde, dia 10 Outubro foi sagrado Saloro de Oshogbô em uma cerimônia oficial, no Palácio de Ataojá, em Oshogbô. No dia seguinte, 11 de outubro de 1994, foi sagrado Otumbá da terra de Ido-Osum, em uma cerimônia oficial que ocorreu no Palácio do Oludo, em Ido-Osum. Estas sações, conduzidas de acordo com os preceitos e rituais tradicionais da realeza e da hie-



rarquia sacerdotal africana, elevaram o Babá Ifá Bemí, José Mendes Ferreira, ao status de rei, agora na própria África. Esta foi a primeira vez que tais honrarias foram concedidas a alguém nascido em outro continente. O herdeiro e Escolhido, Babá Ifá Bemí, José Mendes Ferreira, possui vínculos sanguíneos e espirituais com inúmeros nomes de sacerdotes considerados sumidades históricas no Velho Mundo, além de pertencer a uma invejável linhagem real. Por essas razões foi escolhido e titulado rei. É e será o Pastor designado a proclamar a verdadeira Religião dos Ancestrais no Novo Mundo. Uma religião sem sincretismo que revela os seus verdadeiros santos e os seus milagrosos poderes. Uma religião que é emanada da Natureza, ou seja, de Olodumaré (deus). Por isso ela é latente em nós. Ela é parte integrante e está intrínseca em cada homem.

1) Fotos e Fotos, Abril, ano XVI, Nº 818 2) Revista Planeta, março/76 Nº 42 e dados lomecidos pelo biografado.

PAULÃO

Vereador de Hortolândia e conselheiro do CNAB

Paulo Ferreira Filho, natural da cidade de Penedo, Estado de Alagoas, onde nasceu no dia 22 de maio de 1964, revelou muito cedo a sua índole de jovem liderança, dessas capazes de provocar transformações por força de sua incontida rebeldia de estudante, cujo ímpeto ficou bem definido por ocasião da campanha de emancipação de Hortolândia e da eleição do primeiro prefeito dessa bela cidade. Paulão, como é chamado carinhosamente por seus amigos e admiradores, é o jovem que havia deixado a cidade de Penedo, Alagoas, seu torrão natal, para acompanhar a sua família que transferira residência para Sumaré, município ao qual Hortolândia pertencia, na região de Campinas, Estado de São Paulo. Nessa época, Paulão cursava História na Pontifícia Universidade Católica de Campinas onde hoje faz o seu curso de Direito. Em 1983 e 1984, Paulão organizou o Movimento Jovem da Igreja Católica e coordenou a preparação dos jovens da comunidade do Jardim Campo Verde, em Hortolândia. Fundador e presidente da União Sumareense dos Estudantes Secundaristas, em 1985, por sua experiência acumulada terminou indicado e eleito vice-presidente da União Paulista dos Estudantes Secundaristas - UPES, cumprindo mandato no período de 86 a 87. Sempre preocupado com as péssimas condições de vida do povo do Distrito de Hortolândia, Paulo Pereira Filho fundou e presidiu o Conselho das Sociedades Amigos do Bairro de Hortolândia, "conhecida força popular que hoje estabelece importante canal de comunicação com o Poder Público", da região. Foi nessa ocasião que Paulo topou o desafio de conduzir a Cam-



panha de Emancipação de Hortolândia, liderada por um homem de larga visão política que era Antônio Dias, que, por sinal, acabou se impondo como uma proposta vencedora. Por força de sua facilidade no contato com os jovens e incentivador da prática de esportes na cidade, Paulão foi in-

dicado para diretor de Esporte da Prefeitura na gestão de Antônio Dias, onde permaneceu por seis meses no ano de 1993. Assumiu depois a chefia do gabinete da Prefeitura para, em seguida, executar a tarefa que mudaria por completo e definitivamente a fisionomia de Hortolândia, no cenário regional: foi responsável pela recém-criada Secretaria de Segurança Municipal. Ativo e sempre presente nos momentos mais relevantes, Paulão ainda teve uma passagem muito significativa na Guarda Municipal de Hortolândia, quando foi criado o Serviço de Ronda Escolar Motorizada daquela nova cidade, com o primordial objetivo de oferecer mais tranquilidade às famílias e aos estudantes, particularmente aos estudantes do período noturno. Entre outras importantes iniciativas, Paulão foi presidente do Conselho Municipal de Entorpecentes (Comem), órgão que muito contribuiu com a administração local para conscientizar as crianças e adolescentes na tentativa de sepultar para sempre um dos maiores fantasmas da atualidade: o crescimento do uso, da dependência e do tráfico nefando de drogas. Por tudo isso é que Paulão acabou sendo eleito vereador em 1996, pela legenda do PMDB, sendo o segundo mais votado da história de Hortolândia. Paulão é também conselheiro do Congresso Nacional Afro-Brasileiro e um dos seus entusiasmados fundadores.

PAULINHO DA VIOLA

Compositor e cantor

Paulinho da Viola é o nome artístico de Paulo César Faria, extraordinário compositor, violonista e intérprete da Música Popular Brasileira, nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1942, filho do também violonista César Faria que na década de 30 fez parte do famoso conjunto Epoca de Ouro. Paulinho se tornou célebre depois de 1965, quando participou do grande musical Rosa de



Francisco Góes

Ouro, integrando com Elton Medeiros, Nelson Sargento, Anescarzinho e Jair do Cavquinho, o conjunto A Voz do Morro que venceu a 1ª Bienal do Samba, em 1968, apresentando o lindíssimo samba, *Coisas do Mundo, Minha Nega*; e o V Festival da Música Popular Brasileira promovido pela TV Record, no ano de 1969, com a música cheia de criatividade que se chamava *Sinal Fechado*. Como se pode observar, Paulinho da Viola, nascido e criado num clima de música e entre músicos, tinha mesmo a quem puxar. Sendo um dos históricos integrantes da Escola de Samba Portela desde 1963, Paulinho da Viola teve oportunidade de defendê-la em diversas ocasiões, sempre com grande sucesso, como se deu com a criação de seu samba-enredo, *Memórias de Um Sargento de Milícias*, extraído do livro de Manoel Antônio Almeida, um dos clássicos da literatura brasileira. Isso em 1966, e quando homenageou a Portela com a popularíssima e belíssima *Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida*, no ano de 1970. Na verdade, a Música Popular Brasileira se eterniza, perpetuada na memória do nosso inconsciente coletivo, na medida e, enquanto nós tivermos talentos inatos como o de nosso Paulinho da Viola e criações que se igualem aos méritos artísticos de suas inusitadas inspirações. Tais produções são dotadas de uma grande e quase que inesgotável riqueza melódica e poética sempre em estado de contínua e ininterrupta evolução, passando por Domingos Caldas Barbosa, Anacleto de Medeiros, Laurindo Rabelo, Xisto Bahia, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré, Pixinguinha, Zequinha de Abreu, Catulo da Paixão Cearense, Hechel Tavares, indo-se adiante com Ismael Silva, Lamartine Babo, Noel Rosa, Ari Barroso, Mário Reis, Carmem Miranda, Bando da Lua, Lupicínio Rodrigues, Aaulfo Alves, Dorival Caymmi, Linda Batista, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves, Elizeth Cardoso, Juca Chaves, João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Cartola, João do Vale, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Martinho da Vila, Elis Regina, Maria Bethânia. E, como nós estamos fixados em Paulinho da Viola, temos a dizer que este músico: "é hoje considerado um dos mais completos sambistas da MPB" com a sua arte presa às raízes das tradições de nosso cancionário popular, sem deixar de se revestir de uma sofisticação inovadora, destacando-se entre as suas mais apreciadas composições, *Jurar Com Lágrimas, Catorze Anos, Coração Vulgar, Na Linha do Mar, Cadê a Razão, Nada de Novo, Prisma Luminoso, no Carnaval da Paixão*, entre outras peças verdadeiramente

antológicas com que este formidável compositor e cantor enriquece a história do povo brasileiro transformada em música.

Larousse Cultural - Brasil - A/Z - Editora Universo - 1988

PAULA BRITO

Editor, escritor e poeta

Paula Brito - nome civil Francisco de Paula Brito - era carioca. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1809, na antiga Rua do Piolho 148, atual Rua da Carioca, no dia 2 de dezembro, em plena vigência do regime escravo em nosso país, sob o qual, também morreu a 15 de dezembro de 1861, com 52 anos de idade. Paula Brito era considerado um pioneiro da saga de editores no Brasil. Tido como o iniciador das atividades editoriais, sua tipografia, que logo depois seria transformada em livraria, tornou-se parada obrigatória de escritores, intelectuais e boêmios da época, quando fora fundada por ele em 1831, na Cidade Maravilhosa. Filho do carpinteiro Jacinto Antunes Duarte e de dona Maria Joaquina da Conceição Brito, Paula Brito passou sua adolescência trabalhando em uma botica, transferindo-se, mais tarde para a "Tipografia Nacional", na condição de aprendiz. Em 1827 é que Brito dá início à sua carreira de compositor tipográfico, no Jornal do Comércio de propriedade de Seignot-Plancher, onde passou em seguida, a dirigir a impressão do referido jornal. Em 1830, casa-se com Rufina Rodrigues da Costa e, com este status, estabelece-se como proprietário de tipografia. Muito lhe custou adquirir a loja de seu primo Silvino José de Almeida Brito, situada na Praça da Constituição, nº 21, hoje Praça Tiradentes. Esta casa seria a sua loja de encadernação e, ao agregar a ela uma tipografia, Paula Brito faz dela a primeira editora do Brasil, atraindo para o interior da mesma os mais afamados intelectuais de seu tempo, como Machado de Assis, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Casemiro de Abreu, Bruno Seabra, Quintino Bocaiuva, Gonçalves Dias e outras figuras que pontificavam na vida literária, assim como políticos de renome, da estirpe de um Visconde do Rio Branco, Marquês do Paraná, Maciel Monteiro, Visconde de Tamaracá e demais colegas de sua categoria. Na verdade, conforme citação de Oswald de Camargo, a Tipografia Fluminense de Brito e Cia fez publicar o periódico O Homem de Cor, em 1833, cujo título fora alterado a partir do 3º número para O Mulato ou o Homem de Cor, que circulou de 14 de setembro a 4 de novembro daquele mesmo ano. Com isso os estudiosos da negritude brasileira poderão admitir que o início da imprensa negra se dera um século antes de Correia Leite publicar o seu jornal, Clarim da Alvorada. Oswald apoia-se em Eunice Ribeiro Godim, biógrafa de Paula Brito, que considera o jornal de seu biografado como "o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra os preconceitos

de raça"; no Brasil. Outro biógrafo de Francisco de Paula Brito, M. Duarte Moreira Azevedo, nos revela que este descendente de africanos fora, também, escritor e poeta. A Mulher do Simplício (periódico recreativo e satírico, 1849-1861) e a poesia de Francisco de Paula Brito, por seu biógrafo, organizada posteriormente em 1863, desenha um nítido perfil deste mulato como o de um bom escritor e poeta daquela época. Paula Brito ainda fora tradutor. As fábulas do francês Rachambeandie foram por ele vertidas para o português. A morte de seu grande amigo negro, Teixeira e Souza, de quem Paula Brito editou o primeiro romance brasileiro, *O Filho do Pescador*, afetou-lhe de tal forma, que 14 dias depois desse passamento, veio a falecer, de tão desolado que ficara. Quem é que disse que saudade não mata ninguém?

110 Negro Escrito, de Oswaldo de Camargo - Secretaria de Estado da Cultura - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - 1987 21 Larousse Cultural - Brasil A/Z - Editora Universo - 1988

PAULO BURITY

Atleta e secretário de Esportes do CNAB

Paulo Salvador Burity, nascido em 11 de setembro de 1945, em São Paulo, SP, no período em que o flagelo belicista da Segunda Grande Guerra Mundial punha um ponto final dramático em sua trajetória, é filho de Américo Maria Burity e de Maria José da Costa Burity. De instrução ginásiana e dotado de uma excelente compleição física, Burity não teve dificuldades maiores para dedicar os melhores anos de sua vida, às pugnas esportivas. No esporte bretão que é o futebol, clubes como Santos Futebol Clube, Canto do Rio, Juvenil da Portuguesa de Esporte, Grêmio do Banco Mercantil, Light Esporte Futebol das agências do Cambuci e do Ipiranga e tantas outras agremiações esportivas tiveram e valeram-se do vigor e da dedicação atlética de Paulo Salvador Burity, nos anos dourados de sua juventude, que, por sinal, não vai tão longe assim, tendo atuado, igualmente, e com grande intensidade, no judô, chegando a ser vice-campeão em uma de suas categorias. Mas é no atletismo que Paulo Salvador Burity melhor se destaca. Começando na divisão inferior da Eletropaulo, em 1986, Burity concorre e bate recorde em algumas competições internas, na modalidade dos 100 metros rasos, partindo daí para participar de competições do Campeonato Sul-americano, na Argentina. Em 1987, Paulo Burity sagra-se campeão nos seguintes torneios: no Campeonato Estadual da Modalidade, no Festival de Velocidade, promovido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, e do Pré-Mundial, em Melbourne, na Austrália. Já em 1988, Paulo Burity é consagrado campeão dos 100 metros rasos ao participar do Seminário de Esportes da Universidade de São Paulo, USP; ao bater record Panamericano dos 100 metros e ao competir, desta vez, nos 200 metros no Campeo-

nato Subamericano, em Arequipa, Peru. O espetáculo continua. Em 1989, Paulo Burity é o campeão no Pré-Mundial da América do Sul, em Eugene, Oregon, nos Estados Unidos da América do Norte, desta feita, na categoria dos 400 metros, com revezamento; torna-se campeão novamente dos 100 e dos 200 metros no Torneio Internacional "Juan Lopez Testa" no Uruguai, nos Jogos Abertos do Sesi e das Olimpíadas Master da Dinamarca. Em Trinidad Tobago, Paulo Burity realiza a grande proeza no Pré-Mundial, com tempo de 11'24", resultado que ainda permanece em seu poder desde 1991. No Rio de Janeiro, Burity melhora ainda mais o seu tempo para 11'23", nesse mesmo ano de 1991. Assim, Finlândia, Rússia, Venezuela, Colômbia e outros países já tiveram a honra de aplaudir as performances atléticas de Paulo Salvador Burity, que além de esportista consumado é um grande incentivador para a juventude, servindo-se de grande exemplo, como cidadão e como negro que se orgulha de ser eleito secretário de Esportes do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, que ele também ajudou a fundar, em 1994.

PAULO CÉSAR CAJÚ

Ex-jogador da Seleção Brasileira de Futebol

Paulo César Lima, o popular Paulo César Cajú, cedeu para o livro "Fala Crioulo", de Haroldo Costa, a interessante entrevista cujo teor segue abaixo:

"A verdade é que muita gente não agüenta, não aceita, não engole que eu freqüente festas de colunáveis, que eu vá ao teatro em noite de gala, a bons restaurantes e boates da moda. Quando vêem ou sabem que eu falo francês fluentemente, me defendo bem em inglês e me expresso num espanhol acima da média, aí só faltam espumar. O que esse pessoal queria é que eu fosse analfabeto, inculto, grosso, sem nenhum refinamento, aí eu seria um negro típico, autêntico, na concepção deles. Nas viagens que eu faço sempre procuro aprender o máximo, aumentar a minha cota de conhecimentos. Não fico, nem nunca fiquei no quarto de hotel jogando buraco, pif-paf, essas baboseiras... qualquer tempinho disponível eu ia logo para um teatro, um museu, uma exposição, ia aprender e, para muitos, isto é um pecado mortal. Por isso eu incomodo, sempre incomodei, daí a pressão enorme que sempre fazem para me derrubar. Entre derrubar um ídolo negro e um branco, é mais fácil derrubar o negro, como fizeram comigo na Copa do Mundo de 1978. Eu era titular absoluto, estava numa fase esplêndida, ma-



ravilhosa, física e tecnicamente, mas como não ficava calado com as coisas que eu via e sentia na antiga CBD, foram me esvaziando até o final, quer dizer, até me cortarem inteiramente. Sempre fiz as reivindicações que achei por bem fazer, nunca fui um acomodado, sempre declarei que não sou um negro de alma branca. Aí para disfarçar, dizem que eu sou complicado. Mas o Gerson nunca foi chamado de complicado, nem o Zico, nem o Sócrates. O complicado sou eu, porque brigo pelos meus direitos, não calo, nem baixo a crista? Qual é? Mas eu estou consciente de tudo e não me desespero nem odeio a humanidade por causa disso. Vou levando, com muita confiança em mim e no meu destino. Mas veja bem uma coisa, por exemplo, excetuando o Pelé, qual é o jogador negro que já fez publicidade? Eu nunca fiz, e tinha material e popularidade pra isso. Você vê na televisão e nas revistas o Gerson, o Revelino, o Roberto Dinamite, o Tostão em determinada época, agora me aponta um, só um, crioulo. Pode ficar pensando até o fim do ano que não vai descobrir. Quando eu fui campeão do mundo, fiz um contrato com a Puma, na Alemanha. Na minha temporada europeia, assinei contratos com a Costa do Marfim para fazer propaganda de café, com a água mineral Perrier, em Marselha e até para lançar umas criações do costureiro francês Michel Axel. Mas no meu país, com toda a popularidade que eu tinha, jogando no Flamengo, campeão do mundo e tudo mais, não pintou absolutamente nada. De vez em quando uma agência ainda me faz uma consulta e tal, mas pouco tempo depois o assunto esfria sob a alegação de que não aceitaram minha proposta. Porque será que só não aceitaram a minha proposta? O futebol para mim foi uma vocação irresistível. Muita gente pensa que eu escolhi esta carreira porque através dela poderia ascender socialmente. Ledo engano, como dizem os intelectuais. Há uma idéia generalizada de que todo crioulo é bom de bola, o que não é verdade. Um fato necessariamente não determina o outro. Esta profissão não é um escape ou uma porta aberta para os escalões superiores da sociedade, ela, como qualquer outra, é resultado de vocação e de muito empenho. Eu tenho intimidade com a bola desde o tempo em que estudava numa escola de recuperação em Conservatória, no interior do Estado do Rio. Como minha mãe era muito pobre e eu fiquei órfão de pai com um mês de nascido, o jeito foi me colocarem no tal reformatório e lá fiquei interno dos cinco aos sete anos de idade. Em matéria de experiência vou te contar... Até hoje eu me lembro do gosto terrível que tinha aquela comida feita em panelões para quinhentos alunos, os padres eram ruins como o cão, só pensavam em castigar a gente. Estavam longe daquela imagem de bondade, caridade e tolerância cristã que a gente ouve falar por aí. Fora disso, havia a lei do mais forte, como acontece em todo estabelecimento do gênero. Os garotos mais velhos não aliviavam os mais moços. Ditavam as regras, cultivavam o sistema de proteção, enfim, era o poder paralelo aos padres. Felizmente saí a tem-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

po de não me contaminar e fui morar com a minha mãe na favela da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, e nesta altura o Flamengo entrou na minha vida. Conheci o Fred, filho do Marinho, que foi jogador de futebol, jogou no Flamengo, no Botafogo e depois passou a ser treinador. Como a minha mãe trabalhava fora e não podia me dar a assistência necessária, quando eu voltava da escola pública que ficava na Rua da Passagem, eu ia com o Fred lá para o Flamengo e passávamos a tarde inteira jogando futebol de salão, tênis de mesa, pelada e à noite eu ia pra casa dele. Nasceu uma amizade muito forte, tínhamos muita afinidade e curtíamos praticamente as mesmas coisas. Quando o Marinho foi convidado para trabalhar em Honduras, eles levaram o meu endereço, o telefone do trabalho da minha mãe e a gente sempre se correspondia. De vez em quando eles vinham ao Rio e, numa dessas, o Fred pediu aos pais que me levassem. Mamãe deu a autorização e, a partir daí, eles passaram a me criar. Até hoje chamo o Marinho de pai, porque compreendo que pai não é só aquele que faz, é também o que dá amor. Fui para Honduras e depois para a Colômbia com a minha nova família. Fred e eu estudávamos no mesmo colégio e de tarde treinava futebol. O Marinho via que eu tinha jeito e me ensinava os macetes e as malandragens da profissão. Quando voltamos da Colômbia eu fui treinar no Flamengo, tinha quinze anos, e o Marinho foi pedir ao técnico Flávio Costa para me dar uma chance de treinar com os profissionais, mas ele não permitiu, disse que tinha gente demais. Nessa época o Flamengo estava com um quadro muito bom, tinha o Almir, o Silva, o Fio, o César, todos em grande forma, como eu era muito garoto acho que o Flávio não fez fé, não acreditou que eu pudesse entrar na vaga de um dos cobrões e cortou a minha. O Marinho não desistiu e me levou para o Botafogo, onde ele também tinha grandes amizades. Sempre me dizia que queria que eu estourasse logo no time de cima, tanto que eu nunca joguei em infante-juvenil ou juvenil, treinei duas vezes no Botafogo e ganhei logo o lugar de titular. Na ocasião, o Botafogo era tricampeão juvenil e a diretoria queria que eu e o Afonsinho, que também estava começando, fôssemos dar uma força para o tetra, aí o Gerson, que tinha uma liderança muito grande, comprou a parada e foi falar com o presidente do clube que tinha que ficar era no time de cima. E assim foi feito. Quando eu passei a excursionar com o Botafogo comecei a sentir o racismo pelo interior do país. Uma das coisas que mais me chocaram foram as tabuletas que a gente encontrava em bares e restaurantes de Bagé, Livramento, Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, onde dizia: "proibida a entrada de negros". Nós éramos uns cinco ou seis jogadores negros, Jairzinho, Moreira, Zéonidas, Zequinha, e para nós o aviso tinha o efeito de uma punhalada no peito. A gente então imitava como deveria ser a vida do crioulo local, marginalizado e humilhado por aquelas tabuletas de merda. Aí só de bronca entrávamos no peito e a raça pra ver se acontecia alguma coisa e a gente criava logo um sebo, mas como nós éramos conhecidos, fingiam que não viam a cor da gente. Eu

estou citando o Rio Grande do Sul, mas antes de eu ser popular, fui convidado para uma festa que uma amiga minha dava na sede do Fluminense e me barraram na porta, sem nenhuma sutileza, o porteiro foi claro (sem trocadilho): O clube não permite a entrada de preto. Naqueles idos, o time do Fluminense não tinha um único crioulo, nem no futebol, e muito menos em outra modalidade esportiva. Era o próprio black out, ou seja, crioulo fora. Minhas constatações das diversas manifestações de racismo, à medida que iam me incomodando, iam também me dando uma certa consciência de que as barreiras precisavam ser detonadas, literalmente arrombadas, e foi o que tratei de fazer. Passei a desfrutar do meu prestígio e da minha popularidade, adquirindo e fazendo as coisas que qualquer pessoa na minha idade faria: carro do ano, jantares elegantes, contato com gente inteligente e até mesmo tolerância com os burros. Comecei a sair com mulheres brancas e sentindo que enquanto éramos amigos tudo bem, mas tão logo um envolvimento pintava, os amigos se afastavam e criticavam a moça. Foi exatamente o que aconteceu quando eu namorei a filha de um famoso neurocirurgião e prima de um grande amigo meu, flamenguista doente e que me convidou para uma festa onde justamente eu a conheci. Ela estava morando em Milão e passava uns tempos no Rio. Saímos juntos diversas vezes e pintou realmente um negócio muito forte entre a gente: foi o bastante para os amigos dela deixarem de procurá-la e até um irmão teve a coragem de vir falar comigo para que eu deixasse de sair com ela. Uma loucura, como eu estava realmente apaixonado, não passava pela minha cabeça que aquilo fosse possível acontecer, na escala em que estava acontecendo. Fui até proibido de entrar na casa dela, no Parque Guinle. Durante um certo tempo ela agüentou o rojão, não se submeteu ao veto da família e continuamos a nos ver e a sair..."

Fala Crioulo - Haroldo Costa Editora, Record 1982

PAULO COLINA

Poeta e diretor da União Brasileira de Escritores

Nascido no interior do Estado de São Paulo, no dia 9 de março de 1950, o poeta negro Paulo Colina é autor dos livros *Fogo Cruzado* - contos - Edições Populares, SP, 1980 e *Plano de Vôo* - poesia - Roswitha Kempf/ Editores, São Paulo, 1984; é ainda co-autor com Masuo Yamaki, da tradução de *Tankas*, de Takuboka Ishikawa, também, com Kempf/ Editores - SP - 1985 - 1ª. edição, e 2ª. edição em 1986. A sua assídua militância lítero-intelectual lhe abriu caminho para que seus trabalhos culturais, especialmente sua poesia, sempre se fizesse presente em antologias, ou coletâneas do nível de *Cadernos Negros 2* (contos) e *3* (poesias), em Edição dos Autores, São Paulo, em 1979 e 1980, respectivamente. Paulo Colina participou de *AXÉ* - Antologia Contemporânea de Poesia Negra Brasileira, Global Editora, São Paulo 1982, Prêmio

APCA - da Associação Paulista de Críticos de Artes, na categoria de melhor livro de poesia do ano; seu trabalho relacionado com o teatro, como *Entre Dentes* (drama para negros em um ato) pelo que nos consta, lamentavelmente, ainda continua inédito. Paulo Colina já foi, por diversas gestões, e o é, presentemente, diretor da União Brasileira de Escritores - UBE. Fábio Lucas, um dos críticos literários mais bem conceituados de nosso tempo, ao analisar a obra deste poeta e escritor, diz o seguinte: "A ficção de Paulo Colina, especialmente em *Fogo Cruzado*, escapa, no fundo e na forma, do modelo distanciador, pois o relato narrativo se faz nitidamente após uma observação participante. Ademais, a predominância aqui, nesta coleção de contos, da corrente do pensamento e do monólogo interior, estabelece uma visão de dentro para fora, e não inversamente, de fora para dentro." A significação social dos contos é patente, continua Fábio Lucas: visa apresentar um elenco de personagens descompromissados com qualquer projeto coletivo de vida, qualquer consciência de classe a nível de organização superadora do atraso", no que Paulo Colina revela-se um crítico arguto do comportamento de nossas elites que sempre desejaram transformar o povo e, nisso incluída com destaque a população negra, em um ser sem entranhas, abúlico e sem características humanas: um contingente de pessoas aplastadas, que apenas serve de massa de manobra, para atender aos interesses das classes dominantes. "As estórias de Paulo Colina, recorrentes, às vezes, no relato da situação existencial dos personagens, pretendem justamente dar evidências à desproteção total em que se encontra uma parcela de brasileiros", na afirmação conclusiva do professor Fábio Lucas, atual presidente da União Brasileira de Escritores. Enfim, o poeta e escritor Paulo Colina pertence à corrente literária da negritude que melhor se identifica com um posicionamento de consciência político-social. Visto por esta vertente, Paulo Colina é o criador de uma obra capaz de motivar as militâncias dos movimentos rebeldes de causas justas e determinadas, tanto quanto os que hoje estão engajados no realismo da negritude pulsante que permeia a consciência e a sensibilidade de negros e brancos desse país.

1) A Razão da Chama, organizada por Osvaldo de Camargo - Edição GRD - 1986 2) Crítica sem dogma, Fábio Lucas - Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais - 1983

PAULO LINS

Poeta e escritor

Já estava na hora da etnografia brasileira dar início à produção de seus próprios romances. Os fatos oriundos dos entrechoques da emoção com a realidade haveriam de, mais cedo ou mais tarde, perلustrar os áspetros caminhos do nosso cotidiano, que se entrecruzam com a atmosfera diáfana, quase volátil, da fantasia humana que compõe o

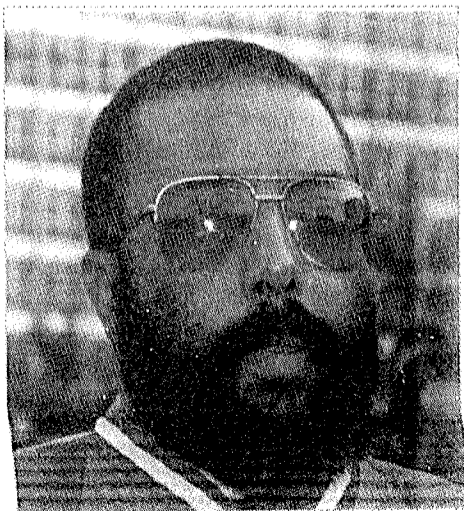
imaginário das presentes gerações; é o verossímil de mãos dadas com a poesia que se agasalha na alma e no coração de quem luta, de quem padece e de quem sonha com as possibilidades de um mundo mais justo e melhor para todos os habitantes da terra, onde a cor, a raça, a religião, a política, o sexo, a idade e as condições sociais não sejam um obstáculo intransponível capaz de infelicitar a humanidade. É dentro deste universo, que todos nós devemos nos preparar para ler, de um fôlego, o primeiro romance de Paulo Lins, que se serve com muita habilidade e talento, de boa parte do material extraído das entrevistas feitas para o projeto "Crime e criminalidade nas classes populares", da antropóloga Alba Zaluar e de outros artigos publicados em jornais como O Globo, Jornal de Brasil e O Dia, do Rio de Janeiro, onde nasceu no ano de 1958. Antes da publicação desta obra simplesmente magistral, intitulada *Cidade de Deus*, Paulo Lins fez parte do grupo Cooperativa de Poetas, ali pelos anos 80, publicando, nessa ocasião, um livro de poesias pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o nome de *Sobre o Sol*, em 1986. Presentemente, Paulo Lins se dedica ao trabalho de pesquisas antropológicas e aos afazeres do magistério. Este livro *Cidade de Deus* foi possível vir a público, graças à bolsa "Vital de Artes" obtida por Paulo Lins em 1995. Como bem se manifestou Alba Zaluar, o autor em apreço, ao reinventar pessoas que participaram dessa história cruel, Paulo Lins lhes atribuiu a cegueira terrível de algumas e a consciência trágica de outras, tal como ficava tão patente nos dolorosos depoimentos gravados durante a pesquisa. Por isso, continua Alba Zaluar, seu romance *Cidade de Deus* tem a qualidade polifônica atribuída a outro romancista da violência: Dostoiévski. Realmente, as favelas brasileiras são uma tragédia que em muito se assemelham ao inferno descrito por Dante na Divina Comédia. Em última instância, esta obra de Paulo Lins traz à tona um dos problemas mais cruciais dos dias atuais que é o da habitação, particularmente nos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte; as invasões são o carnegão desta chaga social, em seu estado bruto, em termos de desagregação de nossa Humanidade no interior de uma sociedade que se transformou de humanista em monetarista. Ainda bem que temos pessoas como Paulo Lins, negro de descendência, que não regateia esforços, fazendo de sua sensibilidade de poeta da violência e de sua visão crítica, um autêntico libelo que há de levar os políticos, as autoridades, enfim, os que hoje fazem parte das classes dominantes, a pensarem e a refletirem enquanto é tempo, pois livros da força demolidora como *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, estão aí como anátemas que advertem a todos nós.

Cidade de Deus, de Paulo Lins - Companhia das Letras, 1997

PAULO PAIM

Deputado federal e batalhador das questões afro-brasileiras

Segundo o renomado e singular historiador das lutas do povo negro, no Brasil, Décio Freitas, "o nome da mulher de Zumbi dos Palmares e mãe de seus filhos era Maria Paim". Com esta revelação histórica, assim como nós, qualquer um sentiria um grande orgulho e profunda emoção ao tentar tecer um vigoroso perfil político do deputado federal Paulo Paim. Este legítimo herdeiro de Zumbi é natural de Caxias do Sul, onde nasceu em 15 de março de 1950, filho de um metalúrgico e de uma modesta, mas respeitável dona de casa. A vida fecunda e movimentada de Paulo Paim manifestou-lhe, ainda muito cedo, que lhe estava reservado um brilhante futuro, que o haveria de levar ao desempenho de importantes atividades de cunho social e popular no cenário político da Nação brasileira. Formando-se no Senai, em sua cidade natal, este político que recebeu nota 10 do DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - sempre exerceu funções de liderança, seja como presidente da Cipa, junto aos trabalhadores do grupo Tramontina; presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas; do Centro Estadual de Trabalhadores do Rio Grande do Sul; secretário da Central Única dos Trabalhadores de seu Estado em 1982, etc. Este acúmulo de atividades, somando-se à confiança que soube granjear junto aos trabalhadores de sua cidade e de seu Estado, fez com que Paulo Paim fosse eleito para várias legislaturas, numa delas, com a espantosa votação de 138.558 votos, em 1994, tornando-se o deputado federal mais votado dos três estados do sul do País. Isso e outros motivos o levam a ser agraciado com o título de "Cidadão Canoense", seguindo-se outras inúmeras honrarias e condecorações de grande valor, provando a estima, o carinho e o reconhecimento com que os seus concidadãos demonstram ao ilustre e combativo parlamentar de Caxias do Sul. Entre as paixões cívicas que nutre o espírito de lutas patrióticas do



deputado Paulo Paim, destacam-se a paixão para com os trabalhadores e a paixão para com descendentes de africanos; aqueles, Paim os defende no Parlamento, propondo uma Previdência Pública justa e atuante, uma aposentadoria digna e decente aos idosos, um salário mínimo justo, criação de cursos noturnos nas universidades federais, participação dos trabalhadores nos lucros das empresas; e a estes, homenageando os 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares, outorgando à ex-escrava Maria do Carmo Gerônimo a Ordem Congresso Nacional como a mulher mais velha do mundo, com os seus 126 anos de idade; indo à África em apoio a Nelson Mandela em sua luta contra o "apartheid"; reconhecendo o "20 de Novembro" como o Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil, com apresentação de lei que garanta a reparação aos descendentes de escravos. Provando de forma terminante, que a sua ação de combate à pobreza, ao racismo e às injustiças sociais fazem parte do cotidiano das suas atividades políticas, Paulo Paim percorre vários países, como o Japão, a África do Sul, Nicarágua, Cuba, Estados Unidos, Espanha, França, Panamá, Uruguai, Suíça, Holanda, Argentina, Costa Rica no firme propósito de universalizar suas idéias e propostas, que se tornam cada vez mais exequíveis e consensuais, uma vez que estas se enriquecem nessa troca de experiências que buscam atacar as causas e não apenas os efeitos dos males sociais que infelicitam os povos da era moderna.

PAULO DA PORTELA

Fundador da Escola de Samba Portela

A prática do exercício musical, desde os primórdios de sua história, sempre associou à voz humana os instrumentos sonoros e rítmicos em sua estrutura básica; daí a natureza da música conter, em sua constituição, a melodia, a harmonia e o ritmo como elementos essenciais, de modo que este conjunto, aplicado em determinadas condições, produza, ao ouvido humano uma agradável sensação de êxtase supremo. Para tanto, na música há uma variação de modalidades criativas quase que infinitas, passando-se, balizadamente, pelo erudito e pelo popular. Atravessando-se as inúmeras e diferentes fases de sua natural evolução, a música, essa arte humana, chega ao nosso país, praticamente, junto com os seus descobridores, encontrando-se aqui rudimentos de sua técnica; no entender destes, em estado primitivo, aos quais somaram-se a contribuição africana mais refinada, em que a constituição rítmica era o seu tempero mais característico. Tratando-se da Música Popular Brasileira, essa enraizou-se no chão pujante de nossa nacionalidade, chegando até nossos dias refletindo a riqueza e originalidade da inspiração popular. Como nessa página falaremos de Paulo Benjamim de Oliveira - o popular Paulo da Portela, - iniciamos por informar

Quem é Quem na Negritude Brasileira



Cecilia Lerner

zava junto à nova direção na Portela. É dessa ocasião o nascimento do Zé Carioca, o papagaio sambista do desenho animado *Alô, Amigo*, numa espetacular montagem cinematográfica produzida nos estúdios de Walt Disney. É Paulo da Portela que ajudou a fundar a União das Escolas de Samba do Brasil em 1934. Depois de grandes realizações, desentendimentos e reconciliações, tudo em razão do samba que amava tanto, Paulo da Portela veio a falecer, com 47 anos de idade, em janeiro de 1949.

Coleção - História do Samba -
Editora Globo - 1997.

PAULO ROBERTO PARAGUASSU

Advogado e liderança afro

Paulo Roberto Paraguassu é natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 30 de Setembro de 1961, filho de Aleixo Paraguassu Netto e de Maria da Conceição Roberto Paraguassu. É casado, pai de dois estimados filhos, Kanê e Bianca. A trajetória político-partidária assinala que Roberto Paraguassu passou por dois partidos, PMDB e PSDB, antes de fixar-se atualmente no PSB. Pelo que se depreende dos dados biográficos de Paulo Paraguassu Netto, ele procede de uma linhagem de negros bem-sucedidos que não se "embranqueceu", nem perdeu a sua identidade de afro-descendente. Criaturas de naipe elevado e bem definido geneticamente, como o que caracteriza Roberto Paraguassu, não encontram a menor dificuldade para passar da teoria à prática, por meio de sua atitude comportamental. Lendo-se parte de seu currículo nota-se que sua qualificação profissional e seu ideário de vida se fazem presentes em movimentos específicos relacionados com a comunidade negra do Estado em que reside, Mato Grosso do Sul. Portanto, seus avós, seus pais e os parentes mais próximos de sua geração, não têm porque se envergonhar desse seu procedimento de afirmação do negro, raça a que se orgulham de pertencer, que tantas provas de heroísmo ofereceu e ainda oferece para o engrandecimento de nossa nacionalidade. Paulo Roberto Paraguassu tem formação universitária e atua na área de Direito. O nível de consciência que sempre norteou seus atos é que fez com se encontrasse, dentre os seis fundadores do Grupo do TEZ, em 1985, um que já possuía alguma experiência em militância no movimento negro: Paulo Paraguassu. Ele já havia tomado parte no IPCN, no Rio de Janeiro. Talvez, por esse motivo, Paulo acabou se tornando o primeiro presidente da recém-criada entidade. Dois anos após, ajuda a fundar o Conselho Estadual dos Direitos do Negro (Cedine) e novamente acabaria por ser o primeiro presidente da orga-

nização. Ainda na condição de estudante, Paulo foi diretor do Diretório Clóvis Beviláqua, da então FUCMAT. Em seus anos de militância contabiliza mais de 200 palestras tratando da questão racial. Hoje atua como empresário no ramo de postos de combustíveis e é um quadro influente no PSB local.

PAULO RUI DE OLIVEIRA

Primeiro negro a presidir a Câmara Municipal de SP

Paulo Rui de Oliveira, natural de Serra Azul, Estado de São Paulo, onde nasceu no dia 21 de fevereiro de 1942, é filho de Olga Costa de Oliveira e Leonídio de Oliveira e é viúvo de Martha Ruth de Melo Oliveira, com quem teve uma filha: Rosana de Melo Oliveira. Paulo Rui de Oliveira, depois de haver se formado técnico de contabilidade e ter sido secretário do Departamento Jurídico da Secretaria dos Transportes do Estado de São Paulo, ingressou na vida política, tornando-se em 1973, vereador da Câmara Municipal de São Paulo, vice-líder do MDB - Movimento Democrático Brasileiro - e presidente da Comissão de Assuntos Ligados ao Servidor Público e ainda vice-presidente da Comissão de Transportes, Trânsito e Comunicações. Nessa época, Paulo Rui de Oliveira, como militante negro, participou da grande maioria dos movimentos em favor da Comunidade Afro-Brasileira. Como político adquiriu prestígio suficiente para se fazer presente em várias reuniões, simpósios, conferências, palestras, como do II Congresso de Vereadores realizado na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, da Semana Afro-Brasileira em Joinville, Santa Catarina e de outras mais conclave de enorme importância para as suas atividades parlamentares e de integrante da luta de valorização dos afro-descendentes. Paulo Rui de Oliveira recebeu, como vereador e primeiro e único presidente negro da Câmara Municipal de São Paulo, inúmeras delegações africanas que vinham em visita oficial e diplomática ao Brasil. Suas atividades, neste sentido, eram intensas, produtivas e variadas, indo da apresentação de diversos projetos de lei, moções, requerimentos de interesse dos municípios e da comunidade negra até à promoção de eventos nitidamente culturais como a montagem do I Salão de Verão, de 1º a 15 de dezembro de 1975, no Salão Portinari, situado na Praça Roosevelt, consagrando os mais renomados valores da pintura dos afro-brasileiros do Estado de São Paulo, assim como promoveu e realizou a I Salão das Pintoras Negras, levado a efeito de 5 a 25 de maio do ano de 1976, na Eucatex. Na ocasião, João Benedito de Azevedo Marques, presidente da Febem realizou na Câmara Municipal

que este nasceu no Rio de Janeiro, no dia 18 de junho de 1901 e é reconhecido como o fundador da grande Escola de Samba Portela. José Ramos Tinhorão define Paulo da Portela como sendo um "mulato escuro, de boa aparência, amante de ternos bem cortados, colarinhos duros, gravatas vistosas e colete (...) o que lhe garantia uma distinção pessoal e uma superioridade logo conhecida pela massa marginalizada dos sambistas humildes". Aos vinte anos de idade, Benjamim, que já era Paulo da Portela, começou a revelar a sua vocação para líder no subúrbio de Oswaldo Cruz; como tantos outros, a sua profissão era a de lustrador de móveis, o que não o dificultou, folião que era, de conviver com Heitor dos Prazeres, João da Gente, Claudionor, Antônio Rufino, Benício dos Santos, Boaventura, Manoel Bam-Bam-Bam, com quem funda o Bloco Vai Como Pode, "embrião da Escola de Samba Portela", da Madureira. Há sempre histórias de desavenças e solidariedade em logradouros populares. Insatisfeitos com dona Esther que dirigia Quem Fala de Nós Come Mosca, Paulo da Portela e seus companheiros de boemia, em resposta, criam o conjunto carnavalesco Escola de Samba Oswaldo Cruz, que, realmente, transforma-se na Escola de Samba Portela. Habilidade, Paulo da Portela se entende bem com a imprensa e a autoridade local, impondo-se, naturalmente, como o sambista mais importante dessa nova organização carnavalesca. Em 1932, Paulo da Portela estréia como compositor, gravando o samba *Quem Espera Sempre Alcança*, interpretado com sucesso por Mário Reis. Cantando sempre sozinho - é nessa condição que Paulo da Portela elege-se *Cidadão Samba de 1937* ou apresentando-se em companhia de Cartola, Heitor dos Prazeres e Ministrinho da Cuca, este fenômeno da Música Popular recebe com honras de titular absoluto da Escola o extraordinário cineasta Walt Disney, em 1941, que aqui veio pra pesquisar e conhecer a verdadeira música do Brasil. Diga-se que nesta etapa de sua vida, Paulo da Portela estava afastado da direção da grande Escola que fundou, o que em nada atrapalhou a recepção que ofereceu ao ilustre americano, provando o indestrutível prestígio de que go-

Quem é Quem na Negritude Brasileira

de São Paulo, no dia 29 de abril de 1976, uma conferência subordinada ao tema: "O Novo Sistema de Atendimento ao Menor Abandonado no Estado de São Paulo". Foi na sua gestão como presidente da Câmara que Paulo Rui de Oliveira realizou a célebre campanha "O Amor não tem cor", visando a adoção de crianças negras por parte de pais brancos, que foi muito bem sucedida, tendo à frente desta nobre iniciativa, a figura emblemática de Dom Luciano de Almeida, Bispo Auxiliar de São Paulo.

PAULO SÓ

Escultor

Com trabalhos expostos na "Casa do Artesão Gaúcho" (Loja Artes - Av. Júlio de Castilhos, 144), o artista plástico Paulo Roberto Pereira Soares deu sua colaboração ao melhor desenvolvimento da III Semana de Consciência Negra, apresentando suas esculturas na Sociedade Floresta Aurora. Paulo Só, como é artisticamente conhecido, tem 48 anos; frequentou o Atelier Livre da Prefeitura do Centro Municipal de Cultura, vem dedicando-se à produção de xilogravuras, além de esculpir em barro (terracota) e argila. Com seu talento artístico tem participado de várias exposições coletivas em Porto Alegre e no interior do Estado e, também, na ilustração de livros, como foi o caso das edições de *Epopéia dos Quilombos dos Palmares* e *Violência do Branco sobre o Negro*. Inclinando-se, no momento, para esculturas em barro, Paulo Só fez um lançamento do seu mais recente trabalho em pedra sabão e argila na Floresta Aurora com uma temática voltada para a cultura afro-brasileira. Entre as diversas peças expostas, ganharam relevo pela sutileza artística que comprova o grau de sensibilidade dos seus trabalhos, *Mulher carregando cesto* e *Lamento*, duas obras primas deste artista portoalegrense.

PELÉ

Rei do futebol

Poucos atletas profissionais do futebol foram tão comentados pelos meios de comunicação de massa, no período em que se encontravam ao auge de suas carreiras, do que Edson Arantes do Nascimento, nome civil do popular Pelé. Tricordiano, pois nasceu em Três Corações, cidade mineira onde seus pais moraram e tiveram a glória de vê-lo vir ao mundo no ano de 1940, Pelé é tido como o melhor jogador de todos os tempos, cujos feitos nos campos de futebol ainda não foram superados por nenhum craque até hoje, mesmo tendo encerrado a sua brilhante trajetória há mais de 20 anos. Antes de alcançar 29 anos de idade, Pelé já havia feito um prodígio, segundo a crônica especializada, ao atingir a marca dos mil gols em jogos oficiais, o que se deu em 1969. Sua carreira

começou ainda muito cedo, pois, com 16 anos já era profissional desta modalidade esportiva e, aos 17 anos, fora convocado para integrar o plantão da Seleção Brasileira de Futebol que disputou a Copa do Mundo em 1958, na Suécia. Como se vê, era um adolescente quando teve a suficiente habilidade para marcar o primeiro gol da Copa do Mundo contra a União Soviética, em seguida marcando outro em cima do País de Gales, fechando com chave de ouro a sua estréia em nossa Seleção, ao marcar dois miraculosos gols contra a anfitriã, Suécia, que acabou sendo a segunda colocada do certame, cedendo ao Brasil a faixa de Campeão de Futebol do Mundo naquele histórico ano de 1958, por sinal o nosso primeiro campeonato, feito que se repetiria no Chile em 1962 e no México em 1970, e em 1994, em cujas três primeiras, contando com



Reinze/Agro Cariel

a magistral participação do extraordinário jogador de futebol, que foi Edson Arantes do Nascimento. É bom, por uma questão de justiça, assinalarmos que Pelé começou a jogar futebol, com o seu próprio pai, treinador que era, ao transferir-se para a cidade de Bauru, interior de São Paulo, quando Pelé tinha ainda três anos de idade. Outro título que enche de orgulho tanto a Pelé como a nós brasileiros, é que este notável futebolista é o único atleta do mundo que conseguiu disputar a taça Jules Rimet em quatro competições consecutivas, ou seja, em 1958, 1962, 1966 e 1970, consagrando-se em três delas, campeão mundial. Ao encerrar a sua carreira de forma consagrada, Pelé, em 1974, transferiu-se para os Estados Unidos para jogar na equipe do Cosmos, com o objetivo de tornar o futebol um esporte popular naquele país. Lá fez com que este seu novo clube fosse campeão norte-americano nesse mesmo ano. As suas jogadas eletrizantes e antológicas fizeram com que o clube Cosmos obtivesse recorde de público, em 1977. Foi com Pelé jogando como atacante no Santos, onde sempre jogou, que este clube viveu os seus melhores momentos de glória e obteve nove campeonatos paulistas, sucesso este atribuído com justiça, aos que todos reconhecem como a Era Pelé, o Rei Mundial do Futebol. Em jogos oficiais das diferentes categorias, Pelé conseguiu marcar nada mais e nada menos do que 1.284 gols. Pelé é ex-ministro Extraordinário dos Esportes e empresta o prestígio de seu nome para campanhas benefi-

centes, não admitindo que o mesmo seja usado para propaganda de cigarros, bebidas, e outros produtos que possam comprometer a integridade física das pessoas.

1) *Parousse Cultural - Brazil de A/Z* Editora Universo

2) *1000 Que fizeram o Século 20* Editora Itês, 1996

PIXINGUINHA

Músico, compositor e maestro

Alfredo da Rocha Viana Júnior, digo, Pixinguinha, é quem organizou o conjunto Oito Batutas, em 1919, que adquiriu tanta fama na época. Em razão desse enorme sucesso esse conjunto acabou fazendo uma turnê pela Europa, em 1922. Pixinguinha nasceu em 1898, no Rio de Janeiro e era considerado um flautista de primeira e um compositor popular dos mais apreciados. Sua estréia como músico profissional deu-se quando ainda tinha quinze anos de idade; era o desabrochar de uma vocação que iria enriquecer o já rico repertório de uma excelente música feita pelo povo e para o povo de nossa terra. É por isso que a música popular e o folclore, com o correr dos anos, acabam se confundindo, pelo fato de terem raízes comuns na alma das pessoas simples e boas, ainda que elas faltem a divulgação que a classe privilegiada oferece à música clássica, elas, assim mesmo, se popularizam e se perpetuam através da oralidade com que são transmitidas de geração em geração. Portanto, Pixinguinha, cujas criações teoricamente já fazem parte do patrimônio público brasileiro, sempre foi tido e admirado como notável músico, compositor e arranjador, assim como é festejado autor de produções memoráveis, como os choros *Ingênuo* e *Naquele Tempo*; *Carinhoso*, por exemplo, que foi criado em parceria com João de Barros - hoje se constitui num clássico que para se tornar folclore bastaria que se esquecesse o nome de seu autor, o que dificilmente acontecerá porque ambos estão imortalizados no inconsciente coletivo e monoliticamente unidos como se fossem irmãos siameses. A base de Pixinguinha na Música Popular Brasileira é chamada a da instrumentação, segundo alguns críticos. Detentor de conhecimentos musicais este compositor não é considerado um artista intuitivo, Pixinguinha é desses autores que podem ser vistos como legítimo militante - ou profissional - como preferem alguns, da Música Popular Brasileira, pois, com apenas 17 anos de idade já tocava em orquestras, em cinemas, em cabarés, em teatros, provavelmente em circos, e com 19 anos tornou-se orquestrador, passando logo em seguida a ser o maior e melhor flautista brasileiro. A sua paixão pela música era tanta, que esta arte transformou-se para ele no pão de cada dia; passou a formar orquestras com Donga, na ocasião muito famoso. Nessa época pôs-se à frente na organização de nova orquestra como a Típica Victor, participando também do grupo instrumental Diabos do Céu e criou

Quem é Quem na Negritude Brasileira



anda o grupo da Guarda Velha que tocou com prestigiosos cantores Carmem Miranda, Francisco Alves, o Chico Viola e Mário Reis, sempre se apresentando com arranjos de sua autoria. Com o correr dos anos, ao perder a agilidade dos dedos recorre ao recurso de passar da flauta para o saxofone instrumento este com que passa para as novas gerações. Benedito Lacerda, o exímio flautista naqueles dias, também fez parceria com Pixinguinha em diversos shows, composições e gravações e alcançaram grande sucesso. A Música Popular Brasileira, até hoje lamenta tê-lo perdido em 1973, com 75 anos de idade.

1) 1000 Que lizeram o século 20 - Editora Três, 1996
2) Enciclopédia Compacta - Isto É Guinness, 1995

PRETO COSME

Um dos líderes da Balaiada

Cosme Bento das Chagas era um desses milhares e milhares de pobres e de negros que se revoltavam contra a miséria e opressão a eles imposta pelos opressores. O Preto Cosme, estando do lado dos pobres do Estado do Maranhão, entendia que alguma coisa poderia e deveria ser feita para livrar os trabalhadores livres ou escravos que lutavam "como animais e viviam de migalhas enquanto os preguiçosos donos de terra e de escravos esbanjavam a fortuna". É evidente que na consciência dos revoltosos, ainda não estava claro o que deveria ser dado à política, de modo que eles pudessem se libertar deste jugo opressor e cruel. O que sabiam é que a pecuária e lavoura não ia bem e que os liberais tudo estavam fazendo para manipular os descontentes, tentando atirá-los contra o governo central. Na verdade, o exército dos necessitados nem sempre se permitia servir de massa de manobra dos espertalhões e oportu-

Um é Quem na Negritude Brasileira

tunistas e se organizavam em grupos de guerrilha. A grande maioria era composta de artesãos, "como o fabricante de cestos de nome Manoel dos Anjos Ferreira, o Balaio - daí o termo, balaiada; ou de vaqueiros, como Raimundo Gomes, filho dessa raça cruzada de índio e negro", e de outros que os documentos oficiais designavam como crioulo, caboclo ou mameluco, pois na visão da classe dominante "a cor era pecaminosa, como a rebeldia". Esses guerrilheiros eram tremendamente eficazes chegando a ponto de tomar a cidade de Caxias que era, na ocasião, um dos maiores centros da região sertaneja do Estado de Maranhão, movimento este que chegou a se alastrar por boa parte do Estado de Piauí. Estes revoltosos em ação, no início achavam que nada tinham em comum com os escravos negros, pois, mesmo sendo mestiços se achavam livres, o que nos mostra como a ideologia dominante fica incrustada nas classes tidas como "inferiores" ou dominadas. Contudo, a experiência revelou para aqueles rebeldes o quanto lhes era importante selar uma unidade entre todos os oprimidos, independente da cor de suas epidermes. É assim que os rebeldes e os escravos passaram a atuar juntos, ouvindo o que lhes dizia o valente Raimundo Gomes Vieira Jutahy: "a distinção do homem só distingue o rico do pobre, o virtuoso do libertino, o justo do pecador, mas tudo tem igual direito". A liderança de Cosme Bento das Chagas, o Preto Cosme, excelente general dos escravos rebeldes deu uma enorme força para a Balaiada. A adesão negra enchia de horrores e apavorava a malta dos latifundiários, que se juntaram aos liberais e aos conservadores para se defenderem do inimigo comum, até que chegassem na localidade as tropas imperiais. As tropas que derrotaram os balaiados (1838-1841) não poupavam vidas; aldeias inteiras foram incendiadas, populações desbaratadas, passadas a fio de espadas. O Preto Cosme foi preso, julgado sem advogado e enforcado, ali mesmo onde se deu o teatro das operações bélicas.

Nova história crítica do Brasil, Mario Schmidt - Editora Nova Geração, 1997

PUAN

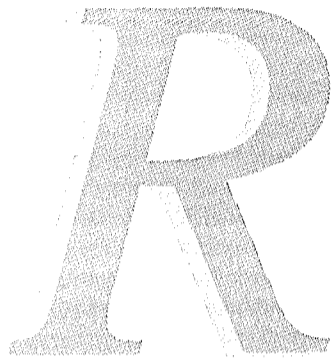
Diretor do CNAB e dirigente político

Irapuan Ramos Santos, mais conhecido e tratado carinhosamente por Puan, é natural de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 14 de março de 1953. É filho de Jacyrema Ramos dos Santos e de Hélio Oliveira Santos. Puan é o mais velho dos 6 irmãos que possui e é pai de 4 filhos. É casado com Conceição Aparecida Cassano Torres. Logo no seu primeiro ano de vida Puan foi bafejado pelas emanações saudáveis procedentes da vida política do seu pai, ferroviário de profissão e que chegou, por seus próprios méritos e por formação ideológica arraigada em sua mentalidade, a ser vereador pelo Partido Traba-

lhisto Brasileiro - o histórico PTB de Getúlio Vargas e Alberto Pasqualini, seu grande ideólogo. Este clima de efervescência contribuiu para formar no jovem Irapuan, uma sólida convicção a respeito dos valores éticos do sentimento de pátria e de brasilidade e do conceito sobre como devemos ver e tratar as questões de natureza social, em nosso país e no mundo. Isto levou-o a identificar-se, mais tarde, com a luta contra o arbítrio, conhece Rômulo Noronha de Albuquerque, da Ação Libertadora Nacional - ALN, com quem estabelece fortes vínculos de camaradagem e amizade, a ponto deste vir a ser o seu concunhado. Na década de 70, Puan já estava participando ativamente da reconstrução do movimento estudantil nos meios universitários, uma vez que ingressando em uma de suas unidades veio a formar-se em Letras pela Universidade do Rio de Janeiro UERJ. O MDB torna-se a opção político-partidária de Puan, daqueles tempos bicudos, de muitas buscas e conflitos de ordem ideológica, econômica,



social e cultural, principalmente com a UNE balançando o país com o seu Centro Popular de Cultura (CPC) e posteriormente, o PMDB, de Ulysses Guimarães, mudando o curso de nossa história, com a memorável campanha das "Diretas Já". Puan, em 1977, ingressa no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), passando a fazer parte, inclusive, do seu Comitê Central a partir de 1981. Formalizada a sua inscrição no PMDB em 1978, Puan integra a sua Executiva Regional do Estado do Rio de Janeiro. Sempre presente nas lutas de interesse popular, Puan, juntamente com o vereador Antônio Carlos Carvalho - o inolvidável Tônico - na ocasião, o vereador mais votado do país, participa dos principais movimentos pela afirmação de uma alternativa nacional, popular e democrática para o Brasil. Puan foi diretor de Operações da CTC-RJ; atualmente é diretor da Sucursal RJ da Hora do Povo; é um dos fundadores do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), tendo sido eleito terceiro secretário de Cultura da atual diretoria do CNAB, dirigindo com outros companheiros a secção sediada no Estado do Rio de Janeiro.



RAIMUNDA LUZIA DE BRITO *Liderança feminista*

Raimunda Luzia de Brito, uma das mulheres negras brasileiras mais preparadas, valentes e ativistas de quantas estão atuando hoje em nosso país, é natural da cidade de Aquidauana, Estado do Mato Grosso do Sul, onde nasceu em 27 de janeiro de 1939. Filha de Francisca Maria de Brito e Antônio Lourenço de Brito, Raimunda Luzia de Brito é advogada, assistente social e professora universitária; politicamente, atuou de início no PSD, passando depois para o PMDB, onde até hoje é filiada. Iniciou-se precocemente nas atividades políticas no antigo Estado do Mato Grosso. Por influência de seu pai ingressa no movimento ferroviário; sua capacidade foi notada pelo poderoso e influente Filinto Muller, senador da República e integrante do governo de Getúlio Vargas. Essa simpatia valeu para Raimunda um maior prestígio na juventude do antigo PSD. Filinto, que tinha o hábito de investir em jovens lideranças da região, oferecendo para alguns bolsas de estudo e até empregos no Rio de Janeiro, viu em Raimunda uma liderança promissora: ele achava que eu poderia ser uma deputada, explica Raimunda. Quando estudou na Universidade Estadual de Goiânia, tornou-se presidente do Diretório Central de Estudantes, justamente nos anos de 1963 e 1964. Ironicamente, a mesma Raimunda que tivera apoio de alguém influente no Estado, acaba, em virtude de suas atividades no Movimento Estudantil, por ser perseguida pelo aparato governamental, agora pelos militares que chegaram ao poder com o golpe de 1964, sendo indiciada num IPM (Inquérito Policial Militar). Raimunda foi forçada a se esconder num abrigo, improvisado por uma família amiga, onde permaneceu um mês num

ambiente escuro. No movimento negro sul-matogrossense, Raimunda é a referência na discussão em torno dos temas atinentes à condição da mulher negra. A entidade que encampa essa luta no estado tem o nome dela: Coletivo de Mulheres Negras "Raimunda Luzia de Brito". Nessa discussão vale ressaltar a presença da militante Raimunda no Encontro Afro-Caribenhos e Latino-Americano de Mulheres Negras realizado em 1996 na Costa Rica. Raimunda foi uma das vinte e nove delegadas a representar o Brasil nesse evento internacional que reuniu dezessete países. Ela foi presidente do CEDINE por uma gestão. Foi também conselheira suplente da OAB/MS, membro do Conselho Penitenciário e hoje exerce a função de coordenadora do Fórum Permanente de Assistência Social do Mato Grosso do Sul.

RAIMUNDO DA COSTA E SILVA

Pintor e escultor do séc. XVII

Antes de separar-se institucionalmente do aparelho do Estado, a Igreja Católica exercia uma poderosa influência em todos os setores da atividade humana em nosso país. Nas artes, por excelência, era o campo em que a sua influência mais e melhor se manifestava, especialmente nas artes sacras. As catedrais, os templos, as capelas, os conventos, os seminários, espalhando-se por todos os quadrantes do território nacional, tinham o poder de absorver a maioria de nossos artistas plásticos. Como as artes poderiam oferecer, até mesmo, a tão ambicionada alforria, negros e mulatos empunhavam os seus pincéis e os seus cinzéis mágicos, colorindo e enchendo de vida e formas o interior de nossas igrejas, ao ponto de deixarem estupefatos os estrangeiros vindos da

Europa e de outras partes do mundo. É junto a estas constelações de renomados artistas que nós vamos encontrar Raimundo da Costa e Silva, de quem, segundo, José Roberto Teixeira Leite, não se conhecem as datas de nascimento e de morte, o que não nos impede de sabermos que era natural do Rio de Janeiro, onde trabalhou e viveu durante todos os anos de sua existência. Sabe-se, também, que Raimundo aprendera com seu pai a arte da escultura e do entalhe, caminhos pelos quais chega, posteriormente, à arte da pintura, em cujo exercício se destacaria como excelente pintor religioso. Um de seus dotes é a capacidade na pintura sobre vidros, cabendo-lhe decorar a vidraça da Capela do Santíssimo Sacramento. Entre os diversos trabalhos por ele produzidos, a Raimundo da Costa e Silva se atribui ainda: a criação de uma *Nossa Senhora do Carmo*, no Convento do Carmo; a *Nossa Senhora da Conceição* da atual Igreja da Conceição e da Boa Morte; a *Ceia do Senhor*, que se encontra na Catedral Metropolitana - tido, possivelmente, como a sua obra-prima -, um *Batismo de Cristo* na Igreja do Santíssimo Sacramento e a *Sagrada Família* da Igreja de São José. Raimundo da Costa e Silva fora também primoroso retratista, deduzindo-se que várias e importantes personalidades se deixaram imortalizar por meio do pincel desse pardo de ascendência negro-africana. A característica mista da pintura e da escultura, pela qual Raimundo da Costa e Silva se encaminhou, ampara-se mui apropriadamente na Escola Barroca, movimento artístico que predominou por todo o século XVII com forte acento de religiosidade, problematizando e envolvendo quase todas as questões humanas da época. Neste sentido, o nosso Raimundo da Costa e Silva não poderia afastar-se muito desta *vertente*.

*Mão Alro-Brasileira, organizado por Emanuel
Ataíde - Ienenge - 1988.*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

RAIMUNDO DOS SANTOS SOUZA ("SACACA")

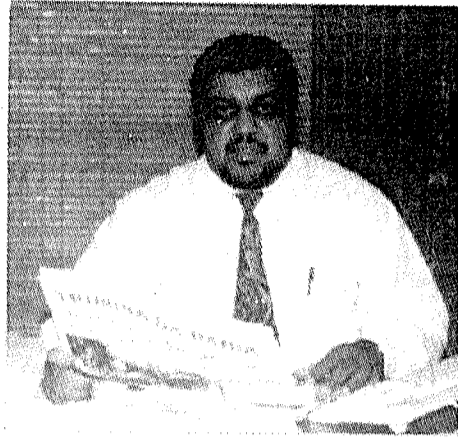
Rei Momo

O carnaval é uma das grandes paixões de Sacaca - como é conhecido Raimundo dos Santos Souza -, que ocupa há 17 anos o posto de Rei Momo no Amapá. Ajudou a fundar um dos primeiros blocos carnavalescos do Estado e a Escola de Samba Boêmios do Laguiño. Confeccionava instrumentos de percussão para o carnaval e para as festas folclóricas amapaenses. Raimundo nasceu em Macapá, no dia 21 de agosto de 1926. É especialista em medicina natural, tem dois livros publicados sobre o assunto e um terceiro que está sendo analisado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Tecnológicas do Amapá (IEPA). Sacaca, que estudou até a 4ª série do primeiro grau, recebe inúmeros convites para proferir palestras, dentro e fora do Amapá, por seu conhecimento do poder medicinal dos vegetais - herança familiar. Aprendeu com o pai, muito cedo, a distinguir as várias espécies de plantas. De Dona Joaquina Tacaca, sua mãe, Sacaca recebeu os conhecimentos necessários à preparação de inúmeros remédios principalmente os que tratam das inflamações uterinas. Conheceu, aos 14 anos, os químicos Miranda Bastos e Paul L'Quar. Essa relação foi muito importante para que aperfeiçoasse seus conhecimentos. Outro que o ajudou a se aprimorar foi o professor Waldomiro Gomes, do Laboratório Químico do Território Federal do Amapá. Aposentado, Sacaca voltou a trabalhar na Escola Gabriel de Almeida Café, "cultivando plantas e amigos, semeando cultura", conforme registrou Suanny Semblano Viana.

RAIMUNDO LIMA

Jornalista

Concedida a personalidades que tenham prestado relevantes serviços à comunidade de Feira de Santana, a comenda Maria Quitéria foi entregue pela Câmara Municipal de Feira ao diretor de redação da Tribuna da Bahia, jornalista Raimundo Lima, em novembro de 1997. Apresentado por mais de dois terços dos vereadores feirenses - numa iniciativa do vice-presidente da Mesa Diretora, Genésio Serafim -, o projeto de outorga do título foi aprovado por unanimidade. Nascido em Feira, foi editor regional do Nordeste do Jornal do Brasil, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia em duas gestões, conselheiro fiscal da Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, subsecretário municipal de Comunicação da capital e chefe das assessorias de Imprensa da Prefeitura de Salvador e da Câmara Municipal de Feira de Santana. Para os feirenses, mais do que tudo isso, importa ressaltar que, desde menino, Raimundo Lima desenvolveu ati-



vidades comunitárias. Não foi por acaso que o então prefeito José Falcão da Silva lhe entregou, na década de 70, o título de "Jovem Comunitário", concedido a partir de indicação de 1.900 pessoas em consulta feita, na época, pelo Grupo de Ação Integrada e Social. Raimundo Lima demonstrava capacidade de liderança desde muito jovem, tendo sido destacado dirigente da Casa do Estudante de Feira de Santana, do Clube de Imprensa da CEFS, de Grêmios e Centros Cívicos, do CEUFS-Centro dos Estudantes Universitários de Feira de Santana, mantenedor da Residência do Universitário Feirense (a saudosa RUF, em Salvador). Mas se destacava ainda mais entre os jovens da época sobretudo pelo seu espírito aguçado de solidariedade humana, demonstrado desde a década de 60 nos trabalhos voluntários em benefício de comunidades de bairros populares como de Coronel José Pinto, Tomba, Rua Nova e Baraúnas, quer como um dos líderes do Centro de Estudos do Menor e Integração Comunitária (CEM) ou por iniciativas pessoais junto a Clubes de Jovens ou Associações de Moradores. Só a experiência profissional do feirense Raimundo Lima - cujo currículo está acima citado apenas em parte - já seria suficiente para que o mesmo fizesse jus à Comenda Maria Quitéria, pela elevação do nome desta cidade para muito além dos seus limites. Ainda há pouco, depois de cursos de comunicação empresarial por ele ministrados a várias turmas de gerentes e da cúpula da Petrobrás na Bahia, seu trabalho foi avaliado pelos mesmos como "excelente". É só um exemplo da referência de profissional capaz e ético que ele é para toda a categoria jornalística, cujos membros, em bom número, o tratam carinhosamente de "eterno presidente", numa referência à sua brilhante atuação à frente do Sinjorba, sempre escolhido por mais de 90% dos jornalistas baianos como seu principal líder. Para relembrar, ao implantar a assessoria de comunicação do Poder Legislativo, há seis anos, conseguiu implementar uma série de atividades que transformaram na ocasião a Câmara Municipal de Feira de Santana em verdadeira "casa da cidadania", inclusive propiciando ampla participação e aprovação popular aos trabalhos do Legislativo, o que foi comprovado através de pesquisa de opinião pública. Mas, para os feirenses, mais do que tudo isso,

importa ressaltar o menino de família humilde da Rua do Fogo, filho do Sr. Bertulino, do INSS, e de Dona Diva, do Posto de Higiene, sempre admirado por crianças e adultos na Kalilândia. Sempre primeiro aluno da classe no primário do Grupo Escolar Agostinho Fróes da Mota e no ginásio feito no Colégio Municipal, Raimundo Lima demonstrava capacidade de liderança desde pequeno.

RAIMUNDO LINO RAMOS

Professor de marabaixo

Raimundo Lino Ramos é, aos 63 anos de idade, líder de um dos grupos de marabaixo - dança folclórica do Amapá, acompanhada de tambores denominados "caixas", feitos de madeira cavada. "Pavão", como é conhecido desde a juventude, nasceu no dia 9 de agosto de 1936, no Beco do Abieiro, onde atualmente funciona a agência dos Correios, em Macapá. Neto de Julião Ramos, Pavão iniciou-se no marabaixo aos oito ou nove anos, acompanhando os mais velhos nas festas. Aos dez, o menino aprendeu a bater "caixa", sob os ensinamentos do avô. Com a morte do pai teve de abandonar os estudos e pegar no batente para sobreviver. Foi, quando, em 1950, tornou-se funcionário do governo, de onde sairia aposentado 35 anos depois. Na década de 80, Pavão levava às escolas as lições do marabaixo. Recebia gratificações pelo trabalho, extinto no governo de Aníbal Barcellos, hoje prefeito de Macapá, capital do estado. O objetivo das lições de marabaixo, diz Raimundo Ramos, era preservar a cultura negra do Amapá e educar os estudantes.

RAIMUNDO SOUZA DANTAS

Primeiro embaixador negro

Primeiro negro a ocupar a posição de embaixador brasileiro em um país da África, depois de enfrentar uma verdadeira batalha política pela sua confirmação - ele, o menino pobre que só se alfabetizou aos 18 anos, e se afirmou no jornalismo - Raimundo Souza Dantas prestou memorável depoimento a Haroldo Costa em sua indispensável obra "Fala Criolo", que por sua importância reproduzimos a seguir:

"Quando fui preso por causa do roubo que houve num grande armazém lá de nossa cidade, senti na hora que era por eu ser negro. Eu tinha 13 anos de idade e lá em Estância, no interior do Estado de Sergipe, não havia muitos negros. Por essas e outras é que não gosto de minha infância, porque tinha tudo para ter sido uma infância feliz. Porque eu era um negro. Estância era chamada de cidade-jardim, cortada por três belos rios, sempre se vangloriou de ter recebido o Imperador Pedro II. Gilberto Amado, nas suas memórias de infância, relata com carinho a presença de Estância na sua meninice e se expande em invocações cheias de poesias. Tinha muitos prados

para se correr, uma paisagem linda para se admirar, os rios para banhos e brincadeira, mas nada disso marcou minha infância. No Porto de Arécia a garotada ia soltar pipa, mas aquele negrinho ficava sempre meio de lado, espiando triste, empinando a pipa dos outros quando ela caía, mas nunca governando, comandando, brigando com outra no ar, isso não lhe era permitido. Minha mãe era uma grande lavadeira, passava uma camisa a ferro como ninguém. Ainda me lembro que ficavam tão alvas, tão imaculadas que os donos nem vestiam logo, guardavam-nas de tão bem lavadas que estavam por Dona Porfíria, como era conhecida na cidade inteira, minha mãe, que hoje vive aqui no Rio num apartamentinho que comprei para ela na Penha. Meu pai foi um trabalhador de enxada e depois alfaiate. Vivíamos pobremente mas com dignidade, fui matriculado em alguns dos melhores colégios da cidade, mas eu era não um garoto feito para o estudo, para a escola formal, ela me angustiava. Tanto que só me alfabetizei aos 18 anos. Mesmo antes do episódio da prisão eu tinha vergonha de ser negro, daí não haver nenhum exagero quando digo que não gosto da infância que tive. Ela foi cruel, carente, carregada de todos os problemas não só de um menino do Nordeste, como também de um menino negro do Nordeste, para quem perspectivas melhores praticamente não existiam. É aí que nasce e se desenvolve uma segunda natureza, moldada pelas circunstâncias exteriores, pela marca dos estereótipos que vão se somando à sua personalidade porque o meio ambiente inculca, determina, estigmatiza. Eis porque fui me tornando um menino melancólico, que não sabia dançar, não sabia brigar, não sabia como integrar-se a outros da mesma idade. Tinha um medo terrível, permanente porque era voz corrente de que tudo de ruim era coisa de negro. E para mim isso era muito mais ampliado pelo fato de ter um tio, o tio José Vicente, que foi um grande do destacamento e caiu no banditismo, não por problemas sociais, mas sim por problemas políticos locais. Ele não era um bandido de chegar, arrombar, depredar, nada disso. Meu tio só lutava contra facções políticas contrárias. Mas na cidade todo mundo falava - José Vicente, tio do Raimundinho, do Mundinho - e isso me fazia, decerto, muito infeliz. Mas a infelicidade maior estava no ambiente, a infelicidade maior estava nas coisas da cidade, a infelicidade maior estava na maneira como o negro era tratado, porque em nosso país - isso é muito curioso - o preconceito racial se manifesta em escala maior no Nordeste, nas cidades mais longínquas, onde os negros exercem as profissões menos dignas, onde são os burros-de-carga, onde são o objeto para dar lucro. E por isso eu fugi. Por volta dos 18 anos, ainda na cidade onde nasci, fui trabalhar nos fundos de uma tipografia e foi por aí, com esforço próprio, no contato direto com os tipos, com a profissão de tipógrafo, que aprendi a ler num processo que eu mesmo inventei. Até então eu não tinha nenhuma consciência de raça. Era

um negrinho que uns consideravam inteligente e outros olhavam com desconfiança, mas tinha também outros que achavam que eu devia ser ajudado porque era esforçado, honesto, etc. vez por outra eu podia notar algumas resistências que vinham através da admiração de como eu estava vestido ou pela maneira como eu me relacionava com as pessoas. Gente que achava que, pelo fato de eu ser negro, devia ter um tipo de comportamento como eles julgavam ser próprio do negro. Ficava transparente que eles não admitiam que eu me comportasse como uma pessoa normal, sem os cacoetes e os clichês que nos atribuem. Fugi para Aracaju, onde começou o meu grande aprendizado. Pela primeira vez me vi sozinho, sem a presença de pai e mãe, nem da legenda de meu tio José Vicente que, de certo modo, me protegia. Fui sacristão do Cônego Freitas, que muito me ajudou, e arranjei o emprego de tipógrafo no jornal Correio de Aracaju, de propriedade do advogado Luiz Garcia, que depois foi até

"A democracia racial não se torna efetiva sem que sejam efetivas a democracia política, econômica, social, etc. Por isso o sentido da luta hoje em dia é para que se crie condições para uma verdadeira e insofismável democracia completa, global, total"

governador do Estado. Minhas primeiras experiências com problemas sociais, o meu aprendizado na luta sindical, foram vividas nessa ocasião em contatos com a União do Trabalhadores do Livro e do Jornal. Conheci pessoas conscientes do seu papel, trabalhadores gráficos, dirigentes de sindicato que tinham uma certa influência na cidade. Fiquei girando entre eles, sem ser notado, mas procurando notar tudo, conhecendo professores, escritores, uma porção de gente que se dispunha a lutar para mudar a situação. Passei vários estágios da profissão e terminei a minha vida profissional na capital do meu Estado de Sergipe sendo revisor do Diário Oficial. Foi nesta função que eu conheci os jovens estudantes do Atheneu Pedro II que fundaram um jornal chamado Símbolo.

Durante a campanha de Jânio para presidente eu o acompanhei por todo o Estado do Rio, fazendo a cobertura para o Jornal do Brasil, Diário Carioca e o Estado de São Paulo. E porque já tinha tido uma aproximação com ele na Câma-

ra, era sempre distinguido com a participação nas conversas pós-comícios, que varavam a madrugada nos hotéis onde a comitiva se hospedava. Quando ele fez o seu comício em Volta Redonda, que foi um negócio fabuloso, incrível, eu estava em outra cidade fazendo um levantamento e mandei para o Estado de São Paulo uma reportagem onde dizia: Jânio Quadros perde no Estado do Rio, mas ganha em Volta Redonda e no resto do país. Isto foi posto em manchete e como realmente aconteceu, creio que este vaticínio ficou na lembrança dele. Depois da posse, um mês depois, eu recebi um telefonema de Brasília e um dos secretários do presidente me dizia: o Jânio mandou perguntar se você não vem tomar posse? Eu tinha sido nomeado oficial de gabinete, foi publicado e eu não tinha nem tomado conhecimento. Quando cheguei a Brasília e me apresentei ao Presidente ele me falou de um projeto, que era a formação de uma assessoria para relações com países africanos. Tinha convidado o Cândido Mendes e outros, e gostaria de me aproveitar também, mas que por enquanto eu fosse ficando ali no gabinete. Nesse meio tempo mandou que eu estudasse inglês, passou a me mandar livros específicos e até que um dia me convidou para participar de uma delegação que faria o trabalho de levantamento do mercado com os países africanos. Por motivos políticos quem foi chefiando a delegação foi o deputado Coelho de Souza, mas o presidente determinou que eu ficasse no Palácio encarregado de manter o contato com a delegação que ia à África, porque tinha outra tarefa para mim. Enquanto isso, todos no Palácio tinham a minha presença apenas como uma atitude demagógica de Jânio, não me davam muita importância. Fora o Castellinho e o José Aparecido, os outros até que achavam graça de ver um negro nos corredores do gabinete presidencial. A bem da verdade devo dizer que com os militares era diferente, dentro de sua disciplina eles me atendiam e entendiam que eu era um funcionário oficial do gabinete e que era pra valer mesmo. O general Pedro Geraldo, que era chefe do Gabinete Militar, o Faria Lima, que era subchefe do setor de Aeronáutica, conversavam constantemente comigo, forneciam todas as facilidades que o Presidente tinha ordenado em relação a mim, tive acesso às pesquisas sobre a África, manuseei informações, não secretas, mas reservadas, fiquei com uma soma de informações tal, que muito me ajudou no meu trabalho e muito me auxiliou mais tarde quando fui indicado e aprovado para Embaixador do Brasil em Gana. O Itamarati me recebeu com todas as reservas, além de não ser da carreira, ainda por cima sou negro. Humildemente comeci um aprendizado para poder desincumbir-me da missão que o presidente me dava. É evidente que estava em causa o fato de eu ser negro, mas isso deixaria de ter importância na medida em que eu pudesse ter a atuação que ele esperava de um representante seu numa área à qual ele pretendia dar uma grande importância diplomática e comercial. Não foi fá-

a campanha que se moveu contra este ato de Jânio: "Por que a África e não a Suécia?", um jornal perguntou. Sobreveio o episódio da renúncia à tumultuada passagem para o período João Goulart, cujo governo confirmou a minha indicação por Jânio Quadros. E então, só então, viajei para Accra, capital de Gana. Quando fui assumir o meu posto, tive que enfrentar logo de início a vontade e o boicote do então Encarregado dos Negócios, diplomata Sérgio Correia do Lago, que tardou dois meses a me entregar a residência oficial do Embaixador, numa afronta e indisciplina que causava espécie em todo o corpo diplomático. Fiquei morando num hotel, mandando pedidos telex para o Itamarati, recebendo sempre a renovada promessa do Encarregado de sair dentro de alguns dias", e a situação perdurou quando por livre e espontânea vontade, ele resolveu se mudar. Isso sem falar na assessoria omissa e nas informações erradas que o staff me dava. No meu livro *África difícil*, resultado da minha experiência e das minhas observações, procurei traçar um panorama daquela realidade dos nossos contatos, da importância na nossa presença, da presença brasileira. Da nossa convivência e até da semelhança física que ocorre com descendentes da mesma tribo, como o meu caso, que sou originário dos Axantis e lá em Gana teve um príncipe com que me pareço muito - segundo os retratos pintados que existem - cuja lenda diz que ele foi levado para o além-mar como escravo mas que um dia voltaria. Isso fez com que o Rei Premph II, sua mulher, suas concubinas, suas filhas e seus príncipes, durante os três anos que eu passei em Accra me cumulassem de gentilezas e cuidados diários, me distinguindo com um status de realeza. É preciso viver 100 anos na África. Mas é preciso também fazer do nosso país uma democracia racial e não a balela que aí está, institucionalizada. Até certo ponto ela existe para algumas minorias, mas não existe para o negro, que não recebe os dividendos daquilo que lhe deve a sociedade brasileira. A democracia racial não se torna efetiva sem que sejam efetivas a democracia política, econômica, social, etc. Por isso o sentido da luta hoje em dia é para que se crie condições para uma verdadeira e inofismável democracia completa, global, total".

"Fala Criolo", de Haroldo Costa
Ed. Record - 1982

RAINHA TEREZA DO QUARITERÊ

Rainha do Quilombo Quariterê

A senadora afro-descendente, Benedita da Silva em seu livro intitulado *Toque de Mulher Negra*, fala e homenageia inúmeras mulheres negras importantes da história do Brasil, dentre as quais citaremos ipsis literis, a partir de agora.

"Tereza foi rainha do Quilombo Quariterê durante duas décadas, no século XVIII. Teria nascido em Benguela, Angola, embora exista a

quem é Quem na Negritude Brasileira

possibilidade de ter nascido no Brasil. Liderou um grupo de negros e índios instalados próximo a Cuiabá, não muito longe da fronteira de Mato Grosso com a atual Bolívia. Impôs tal organização à Quariterê que o quilombo sobreviveu até 1770. Contava com um parlamento, um conselheiro da rainha e um sistema de defesa organizado com armas trocadas com os brancos ou roubadas nas vilas próximas. Tereza exercia grande controle e influência sobre o Quilombo. Durante seu governo, Quariterê contou com uma agricultura desenvolvida, que produzia algodão e alimentos. Possuía teares com os quais fabricava tecidos, comercializados fora do quilombo, bem como os alimentos excedentes. Havia, ainda em Quariterê, duas tendas de ferro para transformar os ferros utilizados contra os negros em instrumentos de trabalho. Devido à importância e à organização desse quilombo sua destruição foi considerada "um ato de heroísmo" pelo governo português. E, em 1770, foi organizada uma expedição para destruição total do quilombo, que matou e aprisionou metade dos negros, inclusive a própria Tereza, que se suicidou em seguida, ingerindo ervas venenosas, num ato de rebeldia contra sua prisão. *Quanto à história dos Quilombos e seu significado na luta dos povos oprimidos esta ainda permanece mal contada. Clovis Moura diz que no processo de desenvolvimento da Nação brasileira, o papel, a função social e política do que foi a República dos Palmares ainda não foi objetivamente analisado como destaque que seu significado merece. Os cientistas sociais brasileiros, apegados a métodos tradicionais de avaliação dos acontecimentos históricos e sociais, ainda continuam vendo nesse movimento, ou qualquer outro do porte do Quilombo Quariterê, apenas um acontecimento episódico, atípico do nosso processo de desenvolvimento. Palmares é, assim, isolado do seu contexto dinâmico, de sua essência profunda e projetada como o episódio que registra mais um exemplo de negros fugidos. A visão elitista e eurocêntrica de se interpretar a história do Brasil faz com que, enquanto outros fatos são privilegiados pela nossa historiografia, Palmares seja estudado de forma superficial e muitas vezes com má vontade". "Um fato como este - continua Clovis Moura - que irá comprovar isto é a sua escassa bibliografia se comparada a de outros acontecimentos como as bandeiras, a Inconfidência Mineira, a Revolução Farroupilha, as biografias de personagens dos colonizadores e outros fatos menos relevantes de nossa dinâmica social, mas valorizados substancialmente pela nossa historiografia tradicional... Com a República dos Palmares podemos dizer que há uma indigência quase que completa de órgãos ou instituições que tenham por objetivo o estudo sistemático do seu significado e importância"...*

1) *Toque de Mulher Negra - Senadora Benedita da Silva - Brasília - 1993*; 2) *República de Palmares - Clovis Moura - Publicação do Pcdob - 1995*

RAQUEL TRINDADE

Pintora

Raquel Trindade, "a Kambinda", é natural da cidade do Recife, Estado de Pernambuco onde nasceu no dia 10 de agosto de 1936, filha famosa do também famoso folclorista, poeta, artista e homem de teatro, Solano Trindade e da terapeuta ocupacional, também folclorista, Margarida Trindade. Criada no Rio de Janeiro, cidade em que passou os seus primeiros anos de vida, Raquel Trindade reside atualmente no Estado de São Paulo, à avenida São Paulo, nº 100, no centro de Embú das Artes, cidade turística próxima a São Paulo. Formada em Terapia Ocupacional pelo Centro de Estudos "Paulo Elejalde", do Centro Psiquiátrico Pedro II, do Rio de Janeiro, curso reconhecido e aprovado pelo Ministério da Saúde, Raquel Trindade hoje é uma das pintoras primitivistas negras mais apreciadas no Brasil e fora dele, com exposições individuais e coletivas espalhadas pelo país inteiro e pelo exterior, tendo obras suas premiadas em inúmeros salões e quadros incluídos em coleções particulares e museus públicos. Raquel Trindade é uma artista negra herdeira da glória de seu pai e também o glorifica, com suas criações pictóricas e suas performances no campo das danças populares brasileiras. Na área da Educação, Raquel Trindade deu aula de Folclore, Sincretismo religioso Afro-brasileiro na Universidade de Campinas - Unicamp e em outras importantes instituições educacionais. Vem dando, ainda, palestras, workshops e depoimentos sobre danças e temas folclóricos, culturais e religiosos de origem negro-africanos em várias entidades. Raquel Trindade criou enredos, figurinos e carros alegóricos para Escolas de Samba de São Paulo e Rio de Janeiro: as Escolas de Samba Vai-Vai, Nenê de Vila Matilde, em São Paulo e a Escola Quilombo do Rio de Janeiro já se beneficiaram do talento e da colaboração de Raquel Trindade. Na área teatral, fundou teatros populares como o "Teatro Popular Solano Trindade", na cidade de Embú; em Campinas, na Unicamp, o "Teatro Urucungo, Puítas e Quijênguês" e, no Rio de Janeiro, criou o Grupo de Arte Popular "Margarida da Trindade", tendo feito várias apresentações nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O nome de Raquel Trindade tem um verbete especial no Dicionário Delta Larousse e no Dicionário de Artes Plásticas de Roberto Pontual. Como escritora está produzindo o seu primeiro livro e prepara uma coletânea de poemas inéditos feitos pelo seu pai, Solano Trindade. Em 1997, ganhou uma Bolsa Vitae para fazer um vídeo sobre danças folclóricas brasileiras com o o Teatro Popular



“Solano Trindade”, do Embú e “Urucungo, Puítas e Quijênguês, de Campinas”. Em fevereiro de 1998, apresenta o término da Bolsa Vitae com o espetáculo de duas horas de dança, no Centro Cultural São Paulo (Vergueiro), com o apoio da Prefeitura de São Paulo e da Prefeitura de Embú das Artes. Raquel Trindade, mantendo as tradições artísticas de seu pai continua pintando e trabalhando em seu atelier na cidade de Embú das Artes que recebe o nome “das Artes” em razão de Solano Trindade haver residido, nos seus últimos dias de vida, nesta encantadora e aprazível cidade da nossa Grande São Paulo.

RAUL DE SOUZA

Maior trompetista do mundo

Raul de Souza nasceu no Rio de Janeiro e é considerado pela crítica internacional (Down Beat, New York Jazz Magazine, Rolling Stones e muitas outras revistas) como o maior trompetista do mundo. Multiinstrumentista, compositor, ele toca, também, sax tenor e percussão, além do trombone. Gravou nove álbuns, ganhando numerosos prêmios nacionais e internacionais, é o inventor do Souzafone, um trombone elétrico, afinado na Clave de Lá e implementado com uma válvula cromática. Raul de Souza fez sua entrada na Enciclopédia do Jazz, através de Leonard Feather. Seu álbum Colours, é adotado pela Escola de Música Berkeley (EUA), como um método onde as variações rítmicas e melódicas ali se apresentam. É cidadão honorário da cidade de Atlanta, Estado da Georgia (EUA), membro da Federação Americana dos Músicos, da Associação dos Maiores Músicos de Nova Iorque. Raul de Souza participou ainda de muitos festivais internacionais.

RAUL JOVIANO DO AMARAL

Escritor e jornalista

Raul Joviano do Amaral é um dos nomes da velha guarda que mais se destacaram na vida pública e privada e que desfrutaram do maior respeito entre os que lutaram neste meado de século em prol da emancipação social, emocional, política, econômica e cultural de seus irmãos negros. Natural da cidade de Campinas, São Paulo, onde nasceu em 12 de setembro de 1914, Raul Joviano do Amaral, depois dos estudos preliminares no grupo escolar São Joaquim, no ginásio do Estado e no colégio Diocesano, bacharelou-se em Direito em 1937 pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Frequentou e formou-se ainda nos cursos de Sociologia e de Economia e Estatística. Em 1933, iniciando a sua carreira de jornalista atua como redator no São Paulo Jornal. Membro da União Brasileira de Escritores, conviveu com intelectuais

da envergadura de Menotti Del Picchia, aplaudido autor de “Juca Mulato”, de Rubens do Amaral, vereador na Câmara Municipal de São Paulo em várias gestões, Hermes Vieira, e com outros homens de cultura, provando o elevado valor deste negro que se orgulhava de sua raça, tudo fazendo para defendê-la e valorizá-la como podia. Raul Joviano foi um dos fundadores em 1931 do jornal afro-brasileiro A Voz da Raça, órgão de nossa imprensa negra, e do periódico Alvorada, em 1945, ano em que terminou a Segunda Grande Guerra. Através de uma grande cadeia jornalística, Raul colaborou com diversos jornais e revistas de São Paulo e do Brasil. Na vida associativa, Raul do Amaral foi presidente do conselho da União dos Servidores Públicos, Consultor Jurídico da Associação José do Patrocínio, dirigida pelo Dr. Jorge Prado Teixeira e que prestou relevantes serviços à comunidade negra de São Paulo, ali pelas décadas de 40 e 50, da Liga Eleitoral dos Servidores Públicos, do Centro Cultural Luiz Gama. Como ensaísta, sociólogo, poeta e historiador, advogado e estatístico-economista, Raul Joviano do Amaral proferiu inúmeras conferências em entidades, associações, centros acadêmicos e culturais que destinavam largos espaços ao estudo e à questão dos negros brasileiros. Em bibliografias registram-se várias obras, entre as quais citaremos: *Vozes e Sonetos - versos - 1938; Tradições Populares - folclore paulista - 1943 - História da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo - fundada em 1711; Thobias Barreto e a Escola Germânica - 1939, Crimes e Contra-venções - 1940; O Negro na população de São Paulo - 1947, Direito Penal do Futuro, 1955; Símbolos Nacionais do Brasil, 1967. Raul Joviano faleceu em 1988, deixando copiosa produção literária inédita.*

1) *Dicionário de Autores Paulistas, de Luiz Correa de Melo*; 2) *Dicionário Literário Brasileiro - segunda edição, Livros Técnicos e Científicos Editora - 1978;* 3) *Os Pretos do Rosário de São Paulo - No Centenário da Abolição - 1888-1988. João Cortecce Editora - 1991 - segunda edição.*

RENILDA NASCIMENTO

Secretária de Saúde do CNAB e membro do Departamento Negro do PDT

Renilda Nascimento, filha de descendentes africanos, é natural de Maceió, Estado de Alagoas, onde nasceu no ano de 1958, na Maternidade de Nossa Senhora de Fátima. Inicialmente, seus ascendentes se instalaram em um pequeno povoado, então chamado de Curralinho, transformado hoje na cidade que tem o sugestivo nome de Messias, onde os parentes mais próximos de Renilda fizeram história. Sua avó paterna era Dona Ana Pontes, filha de senhor de engenho, de cor branca e olhos verdes, vindo, na ocasião, em berço de ouro. Contudo,

o destino não deixou de lhe pregar uma peça: fez com que ela colocasse no mundo cinco filhos, um dos quais, Augusto, casou-se com Dona Benedita da Silva, que era filha de um escravo negro. Por uma questão de preconceito, este viu-se impedido de tratar como parentes,



os seus filhos e os seus netos, exigência que se estendeu à mãe de Renilda, Dona Nadir e os parentes: Dona Noêmia, Dona Helena, ao Sr. João e ao Sr. Sérgio, pelo simples fato de ser negra a cor de suas peles. Renilda Nascimento nasceu e cresceu ouvindo essas histórias e acabou tomando ciência do que era preconceito, do que era racismo, o que a deixou muito triste e inconformada. E, aí, aconteceu o inesperado: com a sua participação no Congresso Nacional Negro, no Rio de Janeiro, e por motivos ideológicos, acaba ingressando no movimento negro no ano de 1993. Foi eleita secretária nacional do Departamento Negro do Partido Democrático Trabalhista - PDT -, de Leonel Brizola. Em pouco tempo de gestão, Renilda percebeu a necessidade de realizar o I Encontro Nacional do Negro, em seu Estado natal, Alagoas, e por ser professora, realizou concomitantemente a 1ª Feira de Artesanato do bairro em que residia, em Maceió. No Rio de Janeiro, Renilda pesquisou, durante quarenta e cinco dias no Conselho Municipal do Negro, como fundar e organizar o Conselho Municipal do Negro de Maceió, em 1997, dando início à sua organização, o que a fez desenvolver um trabalho voluntário na Escola de Ensino Fundamental Zumbi dos Palmares, participando da comissão organizadora para a implantação, no currículo escolar, da matéria Cultura Negra. Neste período passou a ser convidada para palestras em entidades negras de Alagoas - CENAL - por exemplo, organizando em seu estado a primeira comemoração do Dia Internacional Contra a Discriminação Racial (decretado pela ONU), ato que se dá todo dia 21 de Março, evento que foi realizado na Escola de Ensino Fundamental Zumbi dos Palmares. Renilda encaminhou ao governo municipal a solicitação para a criação da primeira biblioteca afro, junto à Secretaria Municipal de Educação. Com este espírito e com esta experiência é que Renilda Nascimento participa da fundação do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, em São Paulo no ano de 1995, sendo eleita secretária da Saúde da população negra brasileira; participou ainda do V Congresso Nacional Afro-Brasileiro, em Salvador em 1997, tendo tomado parte na Oficina DST/AIDS na Comunidade Negra, na condição de secretária da Saúde do CNAB. Renilda promoveu o

Quem é Quem na Negritude Brasileira

primeiro desfile de moda e penteado afro em Alagoas, trazendo pela primeira vez produtos de beleza para a mulher negra, através da Sra. Maria do Carmo - Produtos Valença.

RILMA APARECIDA HEMETÉRIO

juíza

Nasceu em 25 de fevereiro de 1953, na cidade de Caxambu, sul de Minas Gerais, terceira e última filha do funcionário público, músico e artesão Luiz Hemetério Filho e da dona e casa Célia da Silva Hemetério. Pertencente a família de classe média baixa, frequentou a escola primária do bairro, destacando-se pelas notas. Em 1964 passou a frequentar o tradicional Colégio Santa Teresinha, onde fez o antigo curso de admissão, o secundário e o

curso normal diplomando-se professora primária em dezembro de 1971. Órfã de pai em 1966, sem condições econômicas e inexistindo na cidade natal preparatório para vestibular, prepara-se como autodidata para o vestibular de Direito

na Faculdade de Direito da USP (uma vez que o curso normal não lhe dava base). Sendo aprovada, frequentou o curso de 1972 a 1976, diplomando-se com especialização em Direito do Trabalho e Previdência Social. Ainda quando estudante de Direito da Universidade de São Paulo e, após o seu primeiro emprego como bancária, passa a atuar em 1973 como estagiária de Direito na Prefeitura do Município de São Paulo, tendo sido aprovada para o cargo mediante concurso público e, concomitantemente, atua como estagiária em escritório de advocacia. Em agosto de 1976, aprovada em 2º lugar em concurso público, passa a trabalhar como funcionária da Justiça do Trabalho na 2ª Região, na 16ª Junta de Conciliação e Julgamento de São Paulo, no cargo de atendente judiciário, onde permaneceu até 1978. Em seguida, atua no escritório de advocacia, em conjunto com o irmão, também advogado, Avimar Hemetério, em sua cidade natal. Ali permanece enquanto aguarda nomeação para o cargo de Promotora de Justiça em Minas Gerais, para o qual foi aprovada em 22º lugar em concurso público de notas e títulos. Retorna, posteriormente, para São Paulo integrando o quadro de advogados de grande empresa do ramo de supermercados. Em 1980, volta a Minas Gerais, onde passa a ocupar o cargo de Promotora de Justiça da cidade de Aiuruoca, onde também ocupou o cargo de professora de História e Estudos Sociais, na escola da co-

munidade local. Em 10 de dezembro de 1981, após submeter-se a concurso público para a Magistratura do Trabalho, onde obteve o 5º lugar, passou a fazer parte do quadro de juízes, sendo a primeira mulher negra a tomar posse como juíza de carreira na 2ª Região. Como juíza substituta atuou nas juntas de Osasco, Campinas, São José dos Campos, Limeira e Itupeva, em 1984, é promovida a juíza presidente da 23ª Junta de Conciliação e Julgamento de São Paulo onde atua até o presente. Em março de 1990, no Dia Internacional da Mulher, é agraciada com diploma de Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de São Paulo, por ter-se destacado no mundo jurídico.

RISADINHA

Cantor e compositor

Autor de sucessos como "Se Eu Errei" e "Tumba-lelé", Francisco Ferraz Neto, conta que os primeiros tempos não foram fáceis mas que, sempre arranjava um jeito de rir, o que acabou lhe valendo o apelido de "Risadinha", que virou seu nome artístico. Cantor e compositor, começou sua carreira numa época em que a discriminação racial trazia dificuldades para que conseguisse entrar numa emissora de rádio. Mas seu talento acabou se impondo. Tornou-se parceiro de sucessos com Haroldo Lobo, Humberto de Carvalho, Milton Teixeira, Emilinha Borba, Marlene e Jamelão, nos tempos áureos do rádio, quando a televisão mal engatinhava; depois, abriu caminho na tevê. Fixando-se no Rio de Janeiro, tornou-se membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores e Editores Musicais, órgão da Sociedade de Defesa dos Direitos Autorais. Sobre os problemas que o racismo representa para a afirmação dos talentos negros, Risadinha afirmou que "a discriminação, hoje em dia, já não é tão grande. Um artista negro consegue lançar-se com mais facilidade, mas nem sempre foi assim. Muito teve que se lutar para isso".

RITA MARIA

Benedeira

Da vida de Rita Maria, na verdade, pouco se sabe, segundo a fonte que nos orienta nesses apontamentos. Geralmente a história do negro no Brasil é muito mal contada e o será sempre até que o próprio negro empunhe esta bandeira na defesa e preservação de sua me-

mória, como já o dissera o escritor de A Marcha, Afonso Schmidt. A vida de Rita Maria não poderia ser muito diferente desta predição. Que Rita Maria era uma filha de escravos e que viveu na Ilha de Florianópolis, capital da então província de Santa Catarina é quase do conhecimento geral. Sabe-se ainda que *sempre residiu nas proximidades do Forte Santana, região à beira-mar, denominada Praia da Feira, onde ficava o atracadouro das embarcações vindas do continente, para descarga e comercialização de mercadorias*. É nessa localidade que a vida simples e sem qualquer veleidade de projeção da negra Rita Maria se embrenha e interpenetra na memória do povo de sua época, a ponto de marcar com o sinete de seu nome a referida localidade. E o que fazia esta negra ingênua e singela para que a sua vida fosse imortalizada? Nada mais, nada menos do que os afazeres domésticos de alguém que serve a comunidade, cozinhando, lavando roupa, costurando, remendando panos, limpando a casa ou a habitação coletiva com esmero simplesmente comovedor em jornadas que alcançavam, quantas vezes, 18 ou 20 horas diárias. Rita Maria, que viveu nos primórdios do século XX, assiste ao surgimento de uma comunidade que se abriga em casas de madeira edificadas no estilo "ilhoa-açorita": uma delas era a sua residência. Esta negra terna e despreziosa tinha por atividade cozinhar para os trabalhadores e comerciantes que ali passavam, além de lavar-lhes a roupa e nelas fazer concertos, quando necessário. Mas, Rita Maria não se limitava aos afazeres do seu cotidiano, para ela, rotineiros. É tida e respeitada como exímia benzedeira e curandeira das mais procuradas pela população, assunto em que o seu prestígio pode ser avaliado pelo fato de batizarem com o seu nome o bairro onde morava. Mesmo depois da urbanização, que mudou a fisionomia da cidade, o nome da homenageada permanece no inconsciente coletivo. *O bairro característico, denominado pelo povo de Rita Maria, deixou de existir, mas a lembrança e a estima popular fez com que fosse mantida viva a sua memória na história da Ilha, denominando-se, por decreto governamental, a Estação Rodoviária de Rita Maria. Trata-se de construção moderna edificada em local próximo ao antigo bairro do mes-*



Paulo Seibene/ABR



mo nome. Embora os preservadores da memória de Rita Maria tudo fizessem para descobrir, ao menos, uma fotografia sua, não foi possível. Numa espécie de "retrato falado" os seus traços fisionômicos e a sua personalidade fazem com que muitos se lembrem dela como uma senhora negra, para mais de 80 anos, gorda, bonachona, de estatura mediana, sempre risonha e alegre, que todos os domingos ia à Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto. Lembram-se ainda que o seu falecimento se deu na década de vinte, aduzindo que o seu desaparecimento deixou muita tristeza, muita saudade junto aos que dela tiveram o privilégio de conviver. "Foi enterrada no Cemitério do Morro; ali mesmo, perto de sua casa".

Folhinha de 1978, do Conselho Estadual da Condição Feminina - SP

RITA MESQUITA

Teatróloga e professora

Rita de Cássia Silva Mesquita, natural da cidade de São Paulo, do bairro da Lapa, onde nasceu no dia 12 de agosto de 1954, tem dois filhos, Ivi Margarete e Anderson Luiz, este percussionista. É pedagoga, escritora, presidente do Grupo Cultural Afro II e coordenadora de dança. Em 1988, no Centenário da Abolição, com um grupo de colegas, formou o Grupo Afro II que tinha, como objetivo principal, realizar apresentações sacras baseadas na escravidão. Abolição foi sua primeira peça encenada em vários lugares, entre eles no Teatro Martins Penna e na cidade de Registro, no interior de São Paulo. Escreveu as peças Quilombo dos Palmares, Claridade (vida e morte de Clara Nunes) e Ifá (os deuses que vieram da África). Suas peças teatrais procuram resgatar a cultura afro-brasileira. Em 1990 tornou-se professora, vindo mais tarde a concluir o curso de Pedagogia na Universidade Camilo Castelo Branco. Em 1991 encenou, juntamente com outros grupos afros, o teatro de rua O Nome do Negro, projeto da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e da Casa de Cultura Raul Seixas. Em 1996 representou a mulher negra no Congresso Mundial de Amas de Casa na República Dominicana. Rita tem participação expressiva nos carnavais: é chefe da ala Afro no G.R.C.E.S. Leandro de Itaquerá, onde se mantém desde 1991. Participou de alguns comerciais, fotografias e entrevistas para as revistas Cláudia, Raça Brasil, Veja e outras. Em 1998, foi escolhida como a primeira princesa do Carnaval, premiação merecida que muito orgulhou seus amigos. Atualmente, como presidente da entidade cultural Afro II, coordena o "núcleo de questão social" no atendimento psicológico à criança carente (meninos e meninas) e, na rua, adolescentes e adultos em cursos profissionalizantes de datilografia, alfabetização de adultos, reforço escolar, informática e dança negra contemporânea. Foi, também, diretora do Departamento da Mulher Negra da União de Mulheres do

estado de São Paulo. Rita de Cássia Silva Mesquita ou Rita Mesquita como é, popularmente chamada, ocupa lugar de destaque entre as lideranças negras da região leste da capital paulista.

Folhinha de 1978, Do Conselho Estadual da Condição Feminina - SP

ROBERTINHO SILVA

Baterista de renome internacional

Um dos principais bateristas do país, com renome internacional, Robertinho Silva, desde o início de sua carreira, nos anos 60 até hoje, tem gravado e feito shows com alguns dos maiores nomes da Música Popular Brasileira e com expoentes do jazz no exterior. Entre seus parceiros brasileiros de notáveis trabalhos estão Tom Jobim, Egberto Gismonti, João Donato, Milton Nascimento, Airto Moreira, Gilberto Gil, Florá Purim e Guilherme Vergueiro. No exterior, com os famosos Wayne Shorter, Paul Horn e Sarah Vaughn. Com os filhos percussionistas, Ronaldo e Wanderley, ele organizou o grupo Robertinho Silva e Família. Música Popular Brasileira, para a Philips, em 1981, foi seu primeiro CD, seguido por Bateria (1984), para a Carmo, e Speak no Evil, esse de 1989, para a CBS.



Berito/Novo

ROBERTO SILVA

Cantor

Roberto Silva existem às centenas de milhares por este idolatrado Brasil. Mas, Roberto Silva, intérprete impecável dos nossos mais representativos compositores dos anos 40 e 50, só existe um, que é senhor de uma das vozes mais afinadas e características que o cancionário nacional conhece. Roberto Silva, o cantor por excelência, nasceu em 1920, no dia 9 de abril no Estado do Rio de Janeiro. Na sua adolescência brilhavam no cenário da música popular brasileira os notáveis cantores e compositores da estatura de um Orlando Silva, de um Carlos Galhardo, de um Silvio Caldas, de um Francisco Alves, de um Ciro Monteiro em meio a tantos outros de igual luminosidade artística. O estilo de interpretação, imposto por Roberto Silva nos meios radiofônicos de seu tempo, mar-



cou de modo indelével a sua passagem pelo mundo da música popular, o que o transforma em ídolo de toda uma geração. A sua carreira de artista tem início em 1938, no programa Canta Moçada da Rádio Guanabara, passando posteriormente para a Rádio Mauá, tudo isto bem antes de ser contratado pela Rádio Nacional, em 45. Roberto Silva já tinha público cativo, repartindo com Ciro Monteiro as preferências, como herdeiro de Vassourinha e Luiz Barbosa, na maneira de cantar sincopando o samba, fazendo a divisão rítmica com muito swing. Nestes tempos de escassez de vagas escolares na rede oficial e preços escorchantes no ensino privado, cada criança tem que pôr em prática aquilo que o Noel Rosa nos ensinou em versos, dizendo que "samba não se aprende no colégio". Utilizando-nos dessa assertiva de Noel, dizemos nós que Roberto Silva nasceu intuitivamente instruído a ponto de haver se tornado, com apenas 20 anos de idade, grande e consagrado intérprete da música popular. Noberto Martins, em parceria com Raimundo Olavo, teve em Roberto Silva um de seus cantores prediletos e a composição que fizeram juntos, Mandei Fazer Um Patuá, foi a primeira música gravada por ele, em disco, a obter êxito invulgar. Este fato coloca Roberto na lista dos mais disputados intérpretes pelos grandes compositores da época porque os seus sambas, interpretados pelo notável gênio nascido no seio das gentes simples, transformavam-se em sucesso, assim como qualquer música que passasse pelo seu "gogó de ouro". É assim que Marmélia, produção da referida dupla de compositores na voz de Roberto Silva, torna-se um desses clássicos capazes de atravessar os tempos. O Baile Começa às Nove foi o seu último sucesso em 78 rotações, composto por Haroldo Lobo e Milton de Oliveira. Com o primeiro LP de sua carreira, Roberto Silva marca o início de um série que se tornou obrigatória, em qualquer discoteca básica da Música Popular Brasileira, a dos "Descendo o Morro". Há uma certa magia nessa capacidade de Roberto Silva em saber escolher o seu repertório, buscando-o nos mestres de maior renome, a começar por Raul Marques, Antonio Almeida, Wilson Batista, Ataulfo Alves, João de Barro, Bide, Marçal, Geraldo Pereira, Haroldo Lobo, Zé Ketti, Dunga, Lupicínio Rodrigues, Herivelto Martins, Nelson Cavaquinho, Bororó, Noel Rosa, J. Cascata, Leonel Azevedo, Denis Brean, Benedito Lacerda e Raimundo Olavo. Por este desfilar de nomes dos compositores da melhor qualidade, verifica-se que Roberto Silva, de ascendência afro-brasileira, é um dos luminares como intérprete da música popular brasileira.

História do Samba - Editora Globo - 1997.

ROBSON MIGUEL

Arranjador e violonista

Robson Neves Miguel, filho do maestro Alfredo Miguel e Margarida Neves Miguel nas-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



RONDON SOARES

Escritor

Hamilton Lara, que é o nosso representante mais qualificado do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB, no Estado do Rio Grande do Sul, mandou-nos algumas biografias de contemporâneos seus. Entre elas está o nome de Rondon Soares, natural da cidade de Pelotas onde, segundo nos relata Hamilton Lara, Rondon deu início à sua movimentada vida de literato. Primeiramente, fazendo-se jornalista, escrevendo com regularidade no Diário Popular, notabilizava-se pela beleza e simplicidade de suas crônicas. Posteriormente, ainda em Pelotas, lançou o seu primeiro livro de poesias, cujas obras vestiam-se de uma indumentária de cunho social e humanista, sem dar pausa para os contratempos do cotidiano e, muito menos, esmorecer diante das naturais dificuldades. Rondon Soares escreve e publica, em 1979, o seu segundo trabalho, com o título Quem é o Dono das Ruas, chegando com esta obra a causar impacto nos meios acadêmicos e intelectuais, em razão da força de seu enfoque crítico. Isso fez com que o livro se esgotasse rapidamente. Pelo que se pode depreender, o poeta Rondon Soares identifica-se com os poetas negros da década de 60 e 70 que, com suas publicações independentes, "fora do circuito das editoras tradicionais", levam adiante a tarefa de produzir, publicar, divulgar e comercializar as suas próprias obras. Sejam elas poesia ou ficção. Mas, é na poesia que a produção negra se faz mais presente, uma vez que os seus militantes aí encontram um instrumento revelador de seu protesto e de sua rebeldia. É de se



admitir que essa poesia, que brota pelo chão das favelas, pelos terreiros de umbanda e de candomblé, pelas sarjetas das grandes cidades e que é de fundo eminentemente popular revolucionário, apresente-se como escaudouro das tensões sociais e raciais enquanto fator atenuante dos confrontos e dos conflitos entre o negro e o branco. Rondon Soares lança seu livro em memoráveis noites de autógrafos, como a que lhe serviu de pano de fundo na Feira do Livro de 1980, realizada em Porto Alegre. Este literato, engajado nas lutas contra o racismo, revela-se um talentoso ensaísta. Passando da teoria à prática, do discurso à ação concreta, do sonho idealista ao pragmatismo objetivo, Rondon Soares candidata-se a vereador pela legenda do Partido Democrático Trabalhista, pelo PDT do Brizola, para garimpar votos na área do MONPEL - Movimentos Negros de Pelotas - do qual é membro do Conselho, da APAL, da Academia AASBL (academias literárias), onde por uma questão de

identidade, ocupa cadeira de número 19. Enfim, Rondon Soares não sendo apenas um contemplativo, um homem "das esferas azuis do sentimento", muito lhe compraz ser editor de jornais literários, de fundar grêmios culturais como o de Cruz e Souza, e de ter artigos seus publicados no Japão, na Alemanha. Rondon Soares fundou, com Hamilton Lara, o primeiro Movimento Negro de Pelotas.

ROMEU CRUSOÉ

Escritor

Há escritores que são prolíferos e, pelo volume de obras produzidas, chegam à imortalidade. Aliam quantidade à qualidade: Machado de Assis, Lima Barreto, Jorge Amado, por exemplo. Isto também se dá com os poetas Cruz e Souza, Olavo Bilac, Castro Alves, que criaram uma vasta obra poética e perpetuaram nela seus nomes. Mas há ainda aqueles poetas que com um único livro abrem as portas da imortalidade; é o caso de Júlio Salusse, com Cisnes, e de Alceu Wamosy, com Duas Almas. Entre os escritores negros temos, entre nós, o romancista Romeu Crusoé que editou, em 1951, o doloroso romance *Maldição de Canaan*. Esta obra publicada na cidade do Rio de Janeiro, onde o autor viveu a maior parte de sua vida, mereceu duas edições, o que revela o seu valor literário e sua repercussão na o pinião pública. Romeu Crusoé é pernambucano. Nasceu na cidade de Petrolina, que fica às margens do Rio São Francisco, no dia 14 de março de 1915. Crusoé é ainda autor de uma peça teatro *O Castigo de Oxalá* (1952), incluída no livro de Abdias do Nascimento *Drama para negros e prólogo para brancos*, que é uma autologia de textos teatrais escritos especialmente para negros: dando-lhe oportunidade de se apresentarem em público e de exibirem o seu talento, uma vez que textos convencionais não contemplavam os negros, nem como autores. Peças de Crusoé ainda permanecem inéditas como *A Falecida*, de 1957 e *A Filha Inimiga*, de 1955, segundo nos relata Oswaldo de Camargo, em seu livro *O Negro Escrito*. Este, por sua vez, é uma excelente contribuição deste poeta negro para os estudos específicos com relação à presença negra na literatura brasileira. Como a simbolização na literatura é uma característica elementar da criação artística, é evidente que esta se subordina aos princípios da reprodução da realidade, sem que se anule os adereços da fantasia que a dotam desse encanto mágico, muito próprio, de beleza revestida por vezes de lirismo, de ternura ou de dramaticidade. Vista por esse ângulo, a obra *Maldição de Canaan*, de Romeu Crusoé, adquire uma importância singular, porque esta obriga a consciência nacional, queira ou não, a se debruçar sobre si mesma para encarar o quanto a realidade que ela impôs a todo um segmento da humanidade, negra - que poderia e deveria ser tratada como irmã ou parceira - mas

ceu aos 28 de agosto de 1959 na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Violonista, compositor, arranjador e diretor de orquestra sinfônica e de jazz-fusion de música brasileira - seu mundo musical começou a formar-se na idade de sete anos. Estudou mais tarde violão clássico e chegou a delegado da Ordem dos Músicos do Brasil, cargo exercido durante seis anos. Criou um conceito contemporâneo para sua própria música, reflexo de sua qualidade como autor e arranjador de uma centena de composições. Suas obras estrearam em grandes cenários do Brasil e do Exterior, gravou discos, vídeos, filmes e suas composições foram interpretadas por várias orquestras da Europa e América do Sul. Depois de seu lançamento oficial na Europa, no dia 9 de dezembro de 1992, no Gran Teatro Monumental de Madri, atuou sozinho e logo, em seguida, com sua orquestra integrada por 72 componentes em concerto organizado pela Televisão Espanhola - RTVE. O nome de Robson Miguel ecoa aproximadamente por 100 países através de 13 vídeo-aulas produzidos em inglês, espanhol e português pela MPO Vídeos, livros, gravações de CD's distribuídas entre o Brasil, Alemanha e Espanha, concertos e seminários. Robson Miguel é possuidor de espetacular técnica, velocidade e versatilidade de repertório; sua música, como intérprete, percorre desde o clássico, o popular, o jazz a composições próprias. Já compartilhou cenários com músicos como: Al Di Meola, Larry Coryell, Eliot Fisk, Joe Pass, Pat Methny, Leo Brower e outros. As duas mãos e o violão de Robson esfilarão com triunfo por vários países em teatros, televisões, rádios, ginásios, estádios. Atualmente Robson Miguel prepara novo CD para a televisão espanhola, com a qual tem contrato, e vem atendendo convites para seminários e concertos. De espírito jovem, personalidade definida, simpático e sempre sorridente, traz um estilo de linguagem musical própria, contagiante, sem a monotonia temida pelo público em shows violonísticos, graças a seu forte carisma e comunicação bembasileira.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

acabou sendo brutalmente massacrada para lhe servir de pasto aos apetites inconfessáveis e sem limites. Quando o jornal Redação afirma que Romeu Crusoé apanhou a pena que a morte arrancou das mãos de Lima Barreto, está dizendo que o autor pernambuco cumpre um papel de crítico desta sociedade que se fez insensível e ingrata para com os seus irmãos afro-brasileiros. A *Maldição de Canaan* tem a mesma força dramática, quando realça o sofrimento dos negros da "terra dos tupis-guaranis", que teve - para os americanos - O filho Nativo, de Richard Wright, não só pelo seu pioneirismo mas, sobretudo, pelo ferrete em brasa com que estes autores estigmatizaram a hipocrisia e a indiferença da sociedade em que viveram.

1) *O Negro Escrito*, de Oswaldo de Camargo, Secretário de Estado da Cultura - Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1987; 2) *Dicionário de Simbologia* - de Manfred Lurke - Martins Fontes-1997.

RONALDO MOREIRA

Sindicalista e dirigente do CNAB

Ronaldo Moreira Araújo, natural da cidade de Curvelo, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 21 de janeiro de 1959, é filho de Dona Gertrudes Moreira e Sidinei Araújo. Profissionalmente, Ronaldo Moreira segue a carreira de ferroviário metalúrgico, trabalhando na empresa da Rede Ferroviária Federal - SIA-, que tem sua origem ligada à sucessora MRS. Logística S/A. A vida sindical fisgou, de modo inelutável, o ferroviário Ronaldo Moreira Araújo, que passa a dedicar a maior parte de seu tempo e suas energias ao Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias de Belo Horizonte, entidade que tem representantes em cinco Estados da federação. A história do sindicalismo está intimamente relacionada com o advento de instituições organizadas por trabalhadores, que tinham por objetivo primordial, lutar por melhores salários e por melhores condições de trabalho, ideário que servia de base para o estabelecimento de sua unidade, de seu caráter apartidário, "autônomo, pluralista e federativo, seja na linha dos oficiais, seja na distribuição territorial" de suas respectivas agrimações. No Brasil, pelas informações dos estudiosos desta questão, considera-se que este movimento teve início em meados do século XIX, sendo que, em 1858, já havia uma entidade profissional que foi capaz de realizar uma greve geral da categoria dos tipógrafos fluminenses que exigiam o pagamento de melhores salários. Carlos Alberto de Oliveira Caó, em palestra no Rio, nos garante que negros libertos já haviam promovido greves de enorme amplitude e duração ali pela altura de 1730, aproximadamente, no Estado da Bahia, tendo por epicentro a região cauaeira. Temos a certeza, da mesma forma como admite Ronaldo Moreira Araújo, de que o pre-

conceito racial, as discriminações e a brutalidade com que os negros eram tratados pelo sistema escravista não permitiam que os movimentos paredistas feitos pelos negros ou por ele liderados, fossem registrados pelo sindicalismo brasileiro para efeito de documentação histórica. Estas explicações se fazem necessárias, para que se considere o quanto é importante para os afro-descendentes, um líder negro como Ronaldo Moreira, que se empenha na defesa de sua categoria, chegando a ser delegado sindical e assumindo os cargos de diretor do Conselho Consultivo e hoje diretor financeiro da instituição em que milita. Como tal, liderou várias lutas da categoria nesse período: a não municipalização do metrô, ato público realizado em 1994, e a batalha contra a privatização da Rede Ferroviária Federal e a da Vale do Rio Doce. Ronaldo Moreira é diretor da

Liderou várias lutas da categoria nesse período: a não municipalização do metrô, ato público realizado em 1994, e a batalha contra a privatização da Rede Ferroviária Federal e a da Vale do Rio Doce

CGT do Brasil, através da qual se incorporou à luta contra a reforma da Previdência, colocando-se à frente das caravanas de Minas Gerais que se dirigiam a Brasília. Diretor do CNAB, pertencente à sua coordenadoria no Estado mineiro, Ronaldo Moreira esteve presente, em São Paulo no dia histórico da fundação desta nova e atuante entidade; membro ainda do MR8 e militante do PMDB mineiro. Na cidade de Betim, Ronaldo é diretor da Associação do bairro de São Caetano. Esteve em Havana, Cuba, realizando curso de capacitação sindical na Escola Nacional Lázaro Penã, daquele país.

RONALD TUTUCA

Poeta

O celebradíssimo livro *Puya* do poeta gaúcho Ronald Augusto, o Tutuca, já teve vários lançamentos. Seus versos têm o ritmo do rap e neles o poeta expressa sua aversão à discriminação racial. Puya é uma palavra de origem afro-cubana que quer dizer "canto de provocação", à maneira da poesia repentista na qual os poetas do Nordeste se destacam por excelência. Tutuca já foi considerado como "um dos vanguardistas da poesia negra brasileira". Entre seus tra-

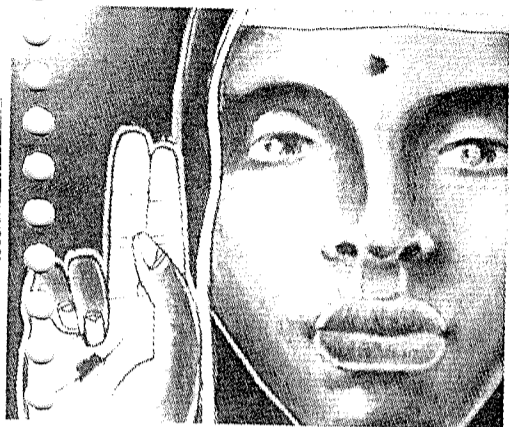
balhos está *Homem ao Rubro*, Editora Grupo Pró-texto. Tutuca já teve três de seus poemas publicados na revista alemã Zeitschrift fur Literatur.

ROSA MARIA EGIPICÍACA DE VERA CRUZ

Escritora do séc. XVIII

Há nos descaminhos da história brasileira uma profusão de fatos, acontecimentos obscurecidos pelo correr dos anos, mas que a capacidade e a obstinação dos modernos pesquisadores, num autêntico esforço de garimpagem, fazem com que tais relíquias, tais preciosidades comecem a vir à tona trazendo para os estudiosos de hoje, revelações que contribuem, de modo decisivo, para obtenção dos elementos mínimos necessários ao estabelecimento da verdade histórica. Estamos aqui, diante de um dos trabalhos da pesquisadora Maria Lúcia de Barros Mott que já, em outras circunstâncias, nos socorreu com farto material informativo a respeito das escritoras e poetisas negras que existiram entre nós, muito embora a historiografia oficial sequer registre. Este é o caso no Brasil, do mais remoto fato de que se tem notícia referente aos escritos de uma mulher negra, Rosa Maria Egipicíaca de Vera Cruz. Segundo dados de Maria Lúcia de Barros Mott, a maior parte dos manuscritos de Rosa Maria teria sido quase que totalmente destruído por seu confessor quando a ex-escrava foi acusada, em 1763, de heresia e falsa santidade. Maria Lúcia nos informa que o biógrafo de Rosa Maria Egipicíaca de Vera Cruz, seu irmão, o antropólogo Luiz Mott, assevera que o livro ou os manuscritos da escritora negra do século XVIII possuíam mais de duzentas páginas que versavam sobre suas visões e pensamentos, com o título de *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas*. Esta escritora, por ter chegado ao Novo Mundo como escrava com apenas 6 anos de idade, concluiu-se que a mesma aprendeu a ler e a escrever em nosso país. Como os poderes constituídos da época exerciam enorme influência nos meios que controlavam os livres pensadores, é fácil de se imaginar o que esta escritora negra teria sofrido de pressões sobre o que fazia, dizia e pensava a ponto de vir a ser presa e submetida aos rigores da Santa Inquisição. Rosa Maria afirmava que era natural da Costa da Mina e da nação courana; teria aportado no Rio de Janeiro, nos idos de 1725, onde permaneceu até a idade de 14 anos, ocasião em que foi deflorada pelo seu antigo proprietário sendo, posteriormente, vendida para Minas Gerais onde viveu por quase duas décadas como prostituta. Em razão de seu estado de possessão e de suas visões, esta negra veio a ser examinada por uma junta de teólogos que a consideraram embusteira e por isso açoitaram-na. Mesmo assim a escritora negra mudou-se para o Rio de Janeiro, desta vez levada pelo seu confessor, ex-exorcista e co-proprietário, onde juntos fundam o Recolhimento do Porto, em 1751.

Quem é Quem na Negritude Brasileira



Esta mulher e escritora negra, com esta sua instituição, passou a exercer grande influência pelas redondezas onde morava, tanto que se conta que fiéis, devotos de seus poderes milagrosos, acabaram pintando um quadro com o seu retrato, colocando-o sobre o altar da instituição que criara. Nele, Rosa Maria Egípcíaca de Vera Cruz aparece tendo ao colo o Menino Jesus e, numa das mãos, uma pena e uma caneta. Sua história, entretanto, ainda continua muito obscura. Dizem que esta escritora negra teria sido enviada para Lisboa, em Portugal e assim se finda a história que temos a seu respeito.

Escritoras Negras Resgatando a Nossa História, de Maria do Lúcia de Barros Mott - Papéis Avulsos - 1989.

ROSA MARIA TAVARES ANDRADE

bióloga

Rosa Maria Tavares Andrade é filha de Dona Alzira Tavares Andrade, mineira de Itanhandu, falecida em 1985, sendo natural da capital paulista, onde nasceu no dia 5 de outubro de 1959. Na verdade Rosa Maria teve o privilégio de ter, simbolicamente, duas mães: a Dona Alzira, em cujo ventre foi gerada e a sua dileta madrinha Dona Célia Ribei-

ra de Mendonça, que acabou tornando-se a responsável por sua educação elementar e por tudo que disse respeito ao seu desenvolvimento intelectual, educacional e social. A infância e a adolescência de Rosa Maria foi toda vivida no bairro nobre do Pacaembu, na capital paulistana. Rosa Maria Tavares Andrade, esposa dedicada, é casada com o notável fotógrafo negro, Luiz Paulo Lima, desde 1992. Desde a sua mais tenra idade, Rosa Maria frequentou o jardim de infância do Instituto de

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Educação Caetano de Campos, onde terminou o 2º grau, em 1977. Durante este período, Rosa Maria foi esportista e, na condição de notável nadadora, defendeu as cores do Clube Pinheiros, antigo Clube Germânico, e participou de diversos campeonatos oficiais. Rosa Maria tem formação universitária em Ciências Biológicas e licenciatura em Microbiologia pela Universidade de São Paulo, curso concluído em 1983. É nessa ocasião que Rosa Maria estagia e trabalha na área de Bacteriologia (indústria alimentícia, farmacêutica e hospitalar) dando-lhe a especial oportunidade para entrar em contato com pesquisas ligadas à "anemia falciforme", doença genética que afeta, com alarmante incidência, às populações afro-brasileiras; por via desse relacionamento técnico-científico é que Rosa Maria começa a se embrenhar pelos caminhos do Movimento Negro de São Paulo, junto ao qual participa nas áreas de educação e saúde. Rosa Maria fala outros idiomas com apreciável desenvoltura, como o inglês, por exemplo, tendo feito aperfeiçoamento durante cinco anos na Sociedade de Cultura Inglesa e 10 anos na União Cultural Brasil-Estados Unidos. Como membro integrante do "Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros" - CTAAB - de 1987 a 1988, Rosa Maria atua na Secretaria de Educação, oito anos, de 1987 a 1995, assessorando ainda na área de Saúde, Educação e Meio-Ambiente o gabinete do secretário da Educação. Nos meios de comunicação, Rosa Maria idealizou e apresentou o módulo A Arca de

Noé - A Biologia No Rádio - programa Dirk Light - FM 89. Foi apresentadora das séries didáticas: Descobertas do Homem, Profissão Saber, Panorama Histórico Brasileiro, no Programa TV-Escola-Cultura, de 1993 a 1995. Nesse período formou-se em locução para TV profissional, pelo Senai, de São Paulo. No exterior, Rosa Maria esteve, em 1988, nos Estados Unidos, para pesquisar a anemia falciforme na população negra, na

Harvard University, em Washington D.C. Em 1995, Rosa Maria retorna aos Estados Unidos, desta vez a convite do governo americano - United States Information Service - com o objetivo de trocar experiências com profissionais americanos na área biológica e educacional. Atualmente Rosa Maria é professora de Biologia Molecular, do Grupo Educacional Pré-Vestibular Universitário. Desenvolve, ainda: pesquisas sobre o tema: "A Biologia e a Questão Racial em relação ao Negro".

ROSA PUREZA

Liderança afro

Maria Rosa Pureza Costa, natural do Estado do Pará, filha de Abdon da Silva Pureza e de Osmerina da Conceição Pureza, nasceu no dia 6 de março de 1957. Casada e divorciada, com residência em Belém, capital de seu Estado natal, Rosa Pureza é mãe de dois filhos menores: Alessandro Pureza Costa e Marcelo Pureza Costa. Descendente de índio com negro, o que os etnólogos chamam de cafuzo, esta mulher, laboriosa e destemida, enquadra-se entre aquelas criaturas que, para sobreviver com altivez e dignidade, têm de "matar um leão por dia", como se diz na



linguagem popular. Rosa Pureza, por exemplo, sabe que as mulheres negras, quer no passado quanto no presente, sempre lutaram porque acreditavam que, mais cedo ou mais tarde, encontrariam os rumos de sua autodeterminação social, política e econômica, que soltariam suas vozes, há anos sufocadas na garganta, que brigariam, com denodo de guerreiros por espaços, não só de representação como, sobretudo, de participação, a que têm direito como cidadãs plenas e pessoas feitas à imagem e semelhança de Deus. Filha de pais humildes, honrados e industriais, que vieram do interior do Pará para a cidade grande de Belém, que não escolhiam serviço, com o qual supriam as necessidades da família: o senhor Abdon era músico e fabricante de seus próprios instrumentos. Rosa Pureza recebeu, em seu próprio lar, os ensinamentos necessários para se tornar uma mulher negra que sempre serviu de espelho às suas companheiras de luta, em razão de sua intensa e permanente militância, ora à frente dos movimentos populares, ora como filiada do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, neste instante em que a mulher, com a sua inserção social diferenciada, constitui-se num contingente humano que compõe mais da metade da população do país. Rosa Pureza,

com esta postura e com esta convicção ideológica, está devidamente instruída e instrumentalizada para dar combate frontal contra o racismo e contra o sexismo, como forma de exploração e exclusão de mulheres, particularmente de mulheres negras. No momento que atravessamos, aumentou significativamente o nível de consciência das mulheres negras que se dispõem a se inserir nessa luta, indo além dos limites das tarefas domésticas. Rosa Pureza e suas companheiras de jornada estão hoje bem mais seguras de que a estratégia traçada é a que melhor se adapta para que se estabeleça um clima saudável nas relações de reciprocidade entre as mulheres e os homens que integram esta vasta região que a ecologia chama de "pulmão verde" do planeta. Rosa Pureza não se sente fragilizada, mas engrandecida ao calor da solidariedade humana no seio dessa macro-região do Norte do Brasil.

ROSANA DA SILVA LARA

Dirigente do CNAB

Rosana da Silva Lara, nascida a 6 de fevereiro de 1958, é natural do Estado do Rio Grande do Sul. Dotada de instrução universitária, Rosana da Silva Lara é formada pela Universidade Católica de Pelotas. É evidente que uma pessoa com esse grau de instrução é alguém que, mais cedo ou mais tarde, acaba sempre sendo útil a si e à sociedade como um todo. Vivendo num país onde o índice de analfabetismo é muito elevado, os poucos que puderam, ou que se esforçaram mais, conseguiram um espaço melhor e mais bem remunerado para a sua própria sobrevivência. Rosana da Silva Lara, mesmo sendo mulher negra, pertencendo aos setores mais destituídos de nossa sociedade, não deixou de ter acesso à informação, com a qual pôde despertar para a defesa de sua auto-estima, a preservação de sua imagem e à conscientização de sua dignidade como cidadã e como brasileira pertencente à comunidade afro-descendente. Rosana da Silva Lara, por isso mesmo, está sempre envolvida em trabalhos relacionados com o interesse das comunidades humanas em que atua, como é o caso específico do projeto experimental com estudantes de várias áreas, como Jornalismo, Psicologia, Medicina, Odontologia, Enfermagem, Agricultura, Nutrição, Ciências Domésticas e outras. Nesse acervo de experiências, conhecimentos e informações tornou-se proveitosa e eficiente a participação de Rosana da Silva Lara. Integrou-se e dirigiu simpósios, encontros, conferências como o 1º Seminário de Discriminação e Políticas Públicas que se realizou em São Paulo, nos dias 21, 22 e 23 de maio de 1992, onde foi uma das coordenadoras. Seminários com este mesmo objetivo realizaram-se em cidades como Novo Hamburgo, Pelotas, Rio



Grande, Bagé, Alegrete, Santa Maria, São Lourenço do Sul, Uruguaiana, Dom Pedrito, Camaquã, Pinheiro Machado, Santana do Livramento e outras do estado do Rio Grande do Sul. Mesmo não sendo remunerado, esse trabalho - por tratar-se apoio à cultura afro-brasileira, o que não deixa de ser uma flagrante discriminação - ainda assim Rosana da Silva Lara não deixou de oferecer o melhor de si com vistas à obtenção do sucesso com que estes empreendimentos foram coroados. Rosana Lara sabe perfeitamente o quanto é triste e desalentadora a situação da mulher negra em seu Estado natal e no Brasil e é por isso que ela vem lutando com denodo, com o propósito de reverter esta situação a curto e a médio prazo elegendo e participando de instituições com a Sociedade Floresta Aurora, o grupo de trabalho Interministerial ou o Congresso Nacional Afro-Brasileiro. Atuar de modo mais efetivo e permanente em favor da causa de valorizar o ser humano de todos os matizes.

RUBEM CONFETE

Radialista e produtor cultural

Rubem dos Santos Confete nasceu em Madureira no Estado do Rio de Janeiro, no dia 20 de dezembro de 1936 e é filho de Jorge dos Santos e de Anttonieta Costa Santos. Rubem Confete fez os seus primeiros estudos de arte musical no Instituto Villa Lobos da cidade do Rio; frequentou cursos promovidos pelo Museu da Imagem e do Som sobre a história da Música Popular Brasileira. Formado pela Pontifícia Universidade Católica - PUC - Rubem Confete é um dos maiores conhecedores da história e dos artistas negros que enriquecem a MPB, com especial destaque para os estudos a respeito da cultura da afro-brasilidade. O gosto pela música está presente em sua personalidade, como uma dádiva que o mais sensibiliza, estudando Teoria Musical, com Nori Mendes e Técnica Vocal com a professora Maria Amélia, carinhosamente tratada de Filinha. O seu forte sempre foi a área de comunicação: palestras, encontros, conferências que profere em locais consagrados ao aprimoramento da cultura, como o Museu de Arte Mo-

derna, a Universidade Cândido Mendes, o Instituto Pinel, a Universidade do Brasil, na sua Faculdade de Comunicação, a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Museu Nacional de Belas Artes, a Universidade Federal do Brasil, a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sempre sob o tema "Perfil Internacional da Literatura Negra" e em tantos outros lugares. Homem de ação, ativista participante das causas da cultura afro-negra e dos movimentos afro-brasileiros por mais de seis décadas, Rubem Confete esteve à frente de suas atividades específicas ou ao lado de companheiros e das companheiras que militavam e ainda militam nos setores dessa negritude ativa e saudável. Quer participando ou dirigindo shows como *Botequim do Império*, no Clube Internacional de Regatas, *Pagode do Belisco*, no Olímpico Club e espetáculos de samba, no Cordão do Bola Preta e Marabu Social Club, e ainda no *Terreirão do Samba* do Rio de Janeiro, Rubem Confete com alegria, inteligência e desenvoltura dirigia e apresentava estes espetáculos da melhor qualidade e com que havia de mais original, de mais belo e de mais engenhoso na área da Música Popular Brasileira. O cinema também se beneficiou do talento e da criatividade artística de Rubem Confete, ora oferecendo roteiros para a produção de filmes, ora escrevendo argumentos para fitas como se deu no caso de Partido Alto com direção de Alberto Tourinho e Partideiro na direção também de Tourinho. No teatro a coisa não foi diferente: *Canção do Negro Amor*, com exibição no Teatro Casa Grande e Teatro Opinião, em 1968 em co-autoria com Zózimo Bulbul. Na literatura praticamente dita, ao prefaciá-lo li-



Quem é Quem na Negritude Brasileira

vros As Escolas de Samba, de Ary Araújo, Poesia Por Acaso, de Cristina Padilha e Coração do Bola Preta, de Emílio Jorge Paolino, Rubem Confete confere a estas suas introduções um cunho literário revelador de sua cultura e de sua sensibilidade. Rubem Confete é uma síntese maravilhosa do que há de melhor e mais autêntico na contribuição que a raça negra ofereceu para formação de nossa brasilidade. O fato de Rubem Confete haver sido galardoado com a medalha Pedro Ernesto diz tudo. Dele, diz Nei Lopes: "Confete é um jequitibá velho, "madeira de dar em foido". Palmas e confetes prá ele..."

RUTH DE SOUZA

Atriz

Ruth de Souza, atriz negra brasileira, nasceu no Estado do Rio de Janeiro, em 1931, sendo que a sua infância, até a idade de 9 anos foi passada em uma fazenda em Minas Gerais. Com o falecimento de seu genitor, os responsáveis por sua criação voltaram para a Guanabara, período em que Ruth de Souza arranja um emprego, contando apenas com 14 anos. Artista que desfruta de grande prestígio por sua intensa participação no teatro, cinema e na televisão, Ruth de Souza comemorou 50 anos de vida artística, em 1995. Foi através da criação do Teatro Experimental do Negro, de Abdias do Nascimento, que Ruth de Souza também ajudou a fundar, que a talentosa intérprete deu início à sua longa e fecunda carreira, tornando-se uma das profissionais mais requisitadas entre o incipiente elenco de artistas negros que começaram a ocupar os palcos brasileiros, mostrando que eram capazes os descendentes de africanos no campo de nossa dramaturgia. A inclinação desta atriz negra para as artes cênicas era tão acentuada e marcante que fez com que Ruth de Souza viesse a ganhar uma bolsa de estudo da Fundação Rockefeller, partindo para os Estados Unidos, onde permaneceu por um ano e ingressou na Karamu House para cursar dança contemporânea e música instrumental. Ruth de Souza foi assídua de direção da famosa peça Porgy and Bess; nessa ocasião foi, também, escolhida para protagonizar Barbara Ellen no espetáculo Dark Of The Moon, de autoria de H. Richardson e W. Burney. No teatro, Ruth de Souza sempre atuou com frequência e com muito destaque em peças de Eugene O'Neill como Todos Os Filhos de Deus Têm Asa, e o Moleque Sonhador, em 1945 e 46 respectivamente, em O Filho Pródigo, de Lúcio Cardoso em 1947, em Terra Sem Fim, de Jorge Amado, em 1948, em O Vestido de Noiva e Anjo Negro, de Nelson Rodrigues em 1952 e em 1994, em Vinda da Salvação, de Jorge Andrade, também em 1952, em Requiém Para Uma Negra,

de William Falkner, em 1983, em Orfeu da Conceição, de Vinicius de Moraes, em 1990, e em Zumbi, de Guarnieri, Boal e Edu Lobo, em 1994 e em tantas outras peças teatrais de grande sucesso e enorme repercussão. A história do cinema brasileiro deve muito de suas páginas à atuação de Ruth de Souza, que se orgulha muito de ser uma negra que pode oferecer a sua inestimável contribuição pelos 28 filmes de que participou sendo premiada em diversos deles. Tanto é que em 1988, ano do Centenário da Abolição, esta renomada atriz negra recebe, no dia 8 de abril daquele ano histórico, a comenda Grau Oficial da Ordem do Rio Branco da República do Brasil como



reconhecimento público e oficial de sua performance na área do teatro, cinema e televisão. Este reconhecimento sensibiliza, de modo todo especial, a comunidade afro-descendente. Isto ficou patente quando Ruth de Souza foi contemplada com o Troféu Griot e a medalha Pedro Ernesto, premiação esta, a mais importante concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro. No caso de Ruth de Souza, por iniciativa da vereadora negra Jurema Batista, cujo projeto foi aprovado por unanimidade naquela casa de leis da Cidade Maravilhosa, solenidade que se deu em 1997. O prestígio de nossa querida atriz permanece intacto, mesmo depois de ter comemorado 50 anos de vida artística em 1995.

1) Revista Black People - nº 5 - 1997; 2) Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras, de Helena Theodoro - Pallas; 3) Nós, Mulheres Negras, da Senadora Benedita da Silva - Brasília - 1997 - Editora - 1996

RUTH GUIMARÃES

Escritora

No Brasil, entre os negros e as negras que se intelectualizaram e desenvolveram suas faculdades espirituais e de pensamento, há os que seguem os rumos da literatura e os que se encaminham para o mundo do saber através de seus vários ramos. Entre os que buscam os

rumos literários, Ruth Guimarães, certamente merece estar incluída na plêiade dos que melhor se desincumbiram desta sublime e exigente missão. Ruth Guimarães Botelho, neta de uma contadeira de "causos", herdou do pai a cor negra e da mãe o gosto pela literatura, segundo Maria Lúcia de Barros Mott. Ruth Guimarães nasceu na cidade de Cachoeira Paulista no Vale do Paraíba, no dia 13 de junho de 1920 e ali fez seus primeiros estudos. Ruth Guimarães era tida pelo escritor Fernando Góes, da Academia Paulista de Letras, como uma escritora sem paralelo na literatura brasileira dos tempos atuais. Na verdade esta escritora, além do preparo cultural trabalha numa área de nossas letras muito pouco explorada pelos nossos literatos. Especializada em Filosofia Românica, em literatura latina, portuguesa e brasileira, Ruth Guimarães ainda é formada em pedagogia, em dramaturgia crítica, sendo versada em inglês e francês, folclore e medicina popular, o que lhe oferece um arco abrangente e profundo de conhecimento para lidar e criar obras de arte no campo da literatura, daí sua carreira de escritora bem sucedida. Vindo para São Paulo (capital) com 18 anos de idade, foi incentivada por Cid Franco, Amadeu de Queirós e Edgar Cavalheiro a conviver com as belas letras, passando então a colaborar nos suplementos literários do Estadão, da Folha de São Paulo e outros órgãos do gênero. Ruth Guimarães acabou por publicar o livro que lhe deu grande renome, *Água Funda*, editado pela editora Globo. Obra que, por sinal, marcou de modo todo particular o romance brasileiro da década de 40. É com esta obra e com esta escritora consciente de sua negritude que tem início, no Brasil, o estudo a respeito da Demonologia, em nossas letras; sua bibliografia é ampla e variada e hoje conta com obras como Dicionário de Mitologia Grega, Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira, Grande Enigma, Mulheres Célebres, Líderes Religiosos, As mães na Lenda e na História, Lendas e Fábulas do Brasil, Medicina Mágica, Crônicas Valeparaibanas, Poemas, Os Filhos do Medo romance folclórico sobre a história dos duendes, Contos de Cidadezinha entre outras publicações de grande significação para as letras nacionais. Ouçamos Ruth Guimarães, é ela que nos fala, referindo-se ao seu recente livro Contos de Cidadezinha: "Daí esses Contos de Cidadezinha. Daí essas acontecências sem eco no mundo, mas contos de explicar a vida e seus segredos, contos que talvez possam conter a alma imortal de cada um, seja do rústico, seja do letrado, com suas virtudes essenciais".

1) Dicionário Literário Brasileiro de Raimundo de Menezes - Segunda Edição - Livros Técnicos Científico Editora - 1978; 2) Contos de Cidadezinha, Ruth Guimarães, Publicação do Centro Cultural Tereza D'Ávila - Lorena São Paulo, SP, 1996; 3) Escritores Negros - Resgatando a Nossa História - Papéis Avulsos - 1989 - Maria Lúcia do Barros Mott.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

S

SALETE MARQUES LEITE

Poetisa e notável beletrista

Salete Marques Leite é da cidade de Campo Limpo Paulista, um dos municípios da Grande São Paulo, onde nasceu no dia 4 de julho de 1959. Muito cedo deu início ao estudo da literatura, obtendo notas máximas em prova de redação no vestibular. Ex-aluna de Filosofia e Matemática, dedicou-se, posteriormente, a mobilizar a consciência das autoridades locais no sentido de criar e ampliar espaços culturais, através da palavra escrita, particularmente, durante e depois da administração do prefeito Bruno Patelli, que pelo seu apoio e cooperação veio a receber o título de sócio-honorário da Associação dos Escritores de Campo Limpo Paulista, em 1986 e, em 1987, a medalha de honra ao mérito do Círculo Militar de São Paulo, láureos oferecidos em reconhecimento ao seu esforço ilimitado em favor da cultura. Já detentora de prêmios literários e de menções honrosas, é nessa qualidade que esta negra inteligente e poeta faz parte da antologia *A Nova Poesia Brasileira*, em 1983, organizada pelo Departamento Cultural do Centro Acadêmico Horácio Lane da Universidade Mackenzie, São Paulo, em 1984. Salete Leite participa, também, da coletânea do grupo literário Poetando, todos poetas de Campo Limpo Paulista, em 1985, demonstrando um constante crescimento em direção de seu aprimoramento estético literário, o que lhe permite comparecer perante o público com o seu primeiro livro de poemas, intitulado *Vôo Migrante*, cujo prefácio coube-nos a honra de fazer, ao longo do qual dissemos, entre outras considerações, que Salete Marques Leite escreve

como quem "olha para os fatos" com alma emocionada e "procura um sentido" para as coisas simples da vida, num autêntico "desafio às tiranias" das formas, uma vez que seu livro "ironiza as ditaduras" que desejam nos destruir com o "crime do silêncio"... Continuando o nosso passeio emocional pelos formosos jardins poéticos de *Vôo Migrante*, de Salete Marques Leite, descobrimos que a paisagem interior da doce poetisa desperta a agradável sensação de estarmos convivendo entre vidas silenciosas de lugares tranquilos que nos transmitem suas peculiaridades, cheios de acentos bucólicos, clima que nos põe meditativos como se estivéssemos diante de alegorias campestres e mitológicas. Como dizem os teóricos da literatura negra, aceitamos que existe o poeta negro e o negro poeta. Salete Marques Leite enquadra-se nesta última categoria, porque é uma negra que escreve sobre temas das mais diferentes colorações literárias, sempre com raro talento e marcante sensibilidade, sem se ater, única e exclusivamente, às questões de fundo afro-brasileiras. Seria uma temeridade e uma outra forma de preconceito ocultar do leitor e do público em geral estas pérolas negras, cujo brilho pode deslumbrar os sentimentos de todos, independentemente da etnia a que pertençam. Salete Marques Leite conviveu pessoalmente e através de missivas com Mercedes La Vale - a genial tradutora de *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, para o italiano assim como, por sua condição de intelectual, com Lígia Fagundes Telles, da Academia Brasileira de Letras; com a artista Beth Mendes, na ocasião secretária da Cultura do Estado de São Paulo; com José Mauro de Vasconcelos, o aplaudido autor de *Meu Pé de Laranja Lima* e com outros vultos que ainda atuam em nossa lite-

ratura, como bem nos relata em seu segundo livro de ensaios, *Tocar o Céu com as Pontas dos Dedos*, obra essa que está a merecer melhor divulgação e estudo, de parte de nossa crítica especializada pelo que esta obra nos traz de belo e inovador.

1) *Vôo Migrante* - Salete Marques Leite - Edicon - 1985; 2) *Tocar o Céu Com as Pontas dos Dedos*, Salete Marques Leite - Edicon, 1990.

SALGADINHO

Cantor

O nome Paulo Alexandre Nogueira Salgado Martins, 23 anos, está no registro de nascimento deste que para as milhares de fãs que disputam a vaga de musa da música *Mensagem à Minha Amada*, é simplesmente: Salgadinho. Voz suave, gingado, ar tranquilo, e um olhar iluminado definem muito bem o líder do grupo Katinguelê, que caiu no gosto popular, vendendo mais de 1 milhão de cópias. A receita está na união de seis rapazes que deram um sabor especial ao samba paulistano. É Salgadinho quem leva a platéia ao delírio, enquanto sincroniza com os parceiros as coreografias exibidas pelo país. O seu objetivo, diz esse capricorniano do dia 10 de janeiro, é mostrar um trabalho bem feito e consolidar a carreira do Katinguelê. Sem falar da paixão e orgulho em pertencer à raça negra. Seja qual for o assunto - político, social ou musical -, ele está sempre defendendo suas origens. Por ideologia, o cantor apoiou Celso Pitta durante sua candidatura à prefeitura de São Paulo. "Esta minha atitude foi um exemplo. Afinal, Pitta é o primeiro prefeito negro da maior metrópole do país e ainda de uma das maiores cidades do mundo. Sua vitória é uma ban-

deira a mais que a gente levanta". Salgadinho conta que, antes mesmo de Pitta liderar as pesquisas, já brigava pela sua candidatura. "Apoiei porque ele é negro, mas também porque confio em sua proposta administrativa. Creio que a gente deve ir conquistando espaço em todas áreas", completa. "A gente nunca trabalhou para ser mauricinho. O Katinguelê, como a maioria das bandas, é de origem negra e veio de baixo. A gente toca porque gosta e precisa", enfatiza. O passado cheio de dificuldades não está tão distante quanto parece. Ele conta que há pouco mais de um ano, não tinha condições de morar bem, de ter um carro, de usar roupas de marca. "Hoje, a gente pode comprar carro e casa. Eu já comprei duas, ajudo a família, dou tudo que posso para minha mãe. Mas nem assim o preconceito acabou, já fomos parados nas ruas por policiais. Eles não acreditaram que éramos artistas. Já pensou? Um negro dentro de um carro importado?" Na sua opinião, pior que o preconceito são as piadas que os próprios negros contam sobre sua raça. "Isso é um absurdo. Tem que haver respeito. Acho que no futuro as pessoas vão se conscientizar mais. Os jovens já estão mais atentos. Na escola que minha ex-mulher, Heleni, estuda, os alunos não aceitam piadinhas, eles até discutiram o pomérico caso do bar Bodega, em que inocentes foram presos por serem negros e pobres, o tipo de coisa em que até o presidente da República deveria intervir", considera. E o vocalista do Katinguelê não pára por aí; para ele, deveriam existir outros nomes representando a raça. "Eles apagaram nossa cultura, não só no Brasil, como no mundo. Tem aí também os índios vendo a extinção de sua espécie, tem gente morrendo de fome na África. Vamos mostrar que temos capacidade, quem sabe para eleger um presidente negro, com a cara do Brasil. É no banco da escola que a gente começa a questionar e brigar", dispara. Esquadrar faz parte da vida de Salgadinho; sua mãe diz de tudo para que ele concluísse o segundo grau. "Apesar das dificuldades, ela engoliu muito sapo, enfrentou preconceito, foi empreitada doméstica e manicure para poder me sustentar", conta o cantor com orgulho de Dona Catarina. Como parou de estudar para sustentar o filho, Paulo Victor, hoje com 4 anos, ele se voltou totalmente para a música: "minha paixão desde que nasci". A ex-mulher, Heleni, é tratada com carinho: "Somos amigos e só terminamos por causa de ciúmes de ambas as partes". Salgadinho confessa que se julga um jovem extremamente ciumento e tímido, fala que, com a fama, muitas coisas mudaram em sua vida, mas não alteraram esse perfil. Outro ponto do cantor: viver bastante e, daqui há 30 anos, ouvir alguém falar que ele fez parte de uma época em que todos se uniram para mostrar a importância da raça negra, dentro deste hostoso, salgado e temperado mundo musical.

SALIM

Administrador e animador cultural

José Vasconcelos de Araújo Silva, natural da cidade de Óleo - próxima de Avaré - SP, nasceu no dia 5 de fevereiro de 1966, filho de Dona Maria das Dores de Araújo Silva e de Jacy Francisco de Jesus Silva, é casado com Dona Eunice Aparecida de Carvalho Silva. Formado em Administração de Empresas pela Faculdade de Ciências Contábeis de Avaré, onde reside com a família, desde 1972, Salim exerce uma liderança toda especial na região, em virtude de suas múltiplas atividades ligadas à sonoplastia, animando eventos, espetáculos públicos e religiosos, recreativos e culturais, etc. Fundador, com outros valiosos companheiros e companheiras, Salim acabou se tornando presidente da Sociedade União Negra Avarense, cargo que vem exercendo desde 1994. A sua performance é objeto de respeito e admiração, não só da comunidade afro-brasileira da localidade e região, mas sobretudo das pessoas dos diferentes matizes étnicos, que vêem em Salim, um amigo, um colaborador e um conselheiro para assuntos dos mais variados, especialmente sobre questões da negritude. Salim é membro nato do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), fundado em 1995, em São Paulo, entidade que ajudou a criar e que está presente em 18 Estados da Federação. É de se destacar a atuação de Salim, cujo nome verdadeiro é José Vasconcelos de Araújo Silva, como pioneiro desta área do interior de São Paulo, ajudando a fundar várias instituições negras, como as das cidades de Paranapanema e de Águas de Santa Bárbara - que se encontra em formação, atualmente. O interesse de Salim pelos problemas e pelas lutas dos afro-descendentes, fez com que levasse o nobre vereador Rogélio Barchetti, da Câmara Municipal de Avaré, a apresentar projeto de lei oficializando nesta cidade o "Hino à Negritude", aprovado pela grande maioria dos integrantes da referida Casa de Leis, no dia 1º de junho do ano de 1998. O vereador Rogélio Barchetti conseguiu sensibilizar os seus nobres pares, que, em seus pronunciamentos, manifestaram o seu repúdio ao racismo, às discriminações e ao preconceito de cor, nisto revelando absoluta unanimidade. Além dos méritos acima citados, Salim é um militante e um artista de tempo integral no trabalho pela comunidade negra da gloriosa cidade de Avaré.

SAMUEL SANTIAGO

Artista plástico

Samuel Santiago, paulista da capital, onde nasceu no dia 23 de maio de 1951, é filho de Dalva Solá Santiago e Salvador de Souza Santiago. Artista plástico monumentalista em razão das grandes telas, dos grandes murais ou das grandes ilustrações que cria com muita inspi-



ração e talento, Samuel sabe fazer os designs das cenografias e das alegorias carnavalescas e, sobretudo, de um Santeiro-de-Orixás, uma tese de afirmação positiva da sua maiúscula e singular presença no mundo das artes pictóricas, o que lhe dá um extraordinário renome. Através de exposições individuais ou coletivas, com participações em coleções dentro e fora do país, Samuel Santiago sempre buscou resgatar aportes culturais de origens africanas, hoje pulverizadas ao longo da Diáspora Negra ou ainda diluídas no interior de nossa afro-brasilidade. "Na vida faz-se o possível, e o que dá para ser feito e o que deixam fazer; do artista cobra-se a obrigação de romper os limites, reinventar-se a si próprio e ao seu script capazes de mudar o mundo. Já a santeria de Orixá é uma outra coisa: é privilégio e destinação", pondera a respeito de sua obra. É interessante notar-se o quanto são criativas, opulentas e variegados os matizes, as nuanças e o volume com os quais Samuel Santiago ornamenta os inúmeros trabalhos e dá vida perpétua aos elementos extraídos de sua aguda sensibilidade de artista negro com o seu estilo próprio e independente. Estas são algumas de suas qualidades e características que se impuseram aos olhos de quantos o admiram, a ponto de Samuel Santiago receber convites a partir das comunidades e das lideranças negras do Brooklyn, da cidade de Nova York, para os seus trabalhos baseados nos Orixás, o que deve se dar ainda em julho de 1998, uma espécie de coroamento ou de reconhecimento público pelo valor do conjunto de suas obra, perfazendo, hoje, mais de seis anos de pesquisa. Pois nem seria para menos. Com Samuel, todos nós nos orgulhamos ao constatarmos o quanto é bem apreciada a sua arte-de-Orixá no meio das pessoas lúcidas e bem informadas, exigentes, e dotadas de cabedal para emitir um juízo de valor dentre tantos irmãos de raça, espalhados por esse mundo de Deus. Tanto o público, quanto a crítica especializada aguardam com invulgar ansiedade a presença de Samuel Santiago na histórica e lendária cidade de Nova York, quando o artista negro brasileiro fará um

painel monumental de mais de 240 metros quadrados, que será o mural com base em seus Orixás no estilo bem afro-brasileiro, a que muitos qualificam de neo-anthropofágico, devorador e transcodificador de imagens e de estilos. Formado pela Escola Panamericana de Artes, Samuel Santiago é senhor de uma linhagem artística, que tem por técnica ser colorista-brutalista, provocador de choques óticos por força de sua alta temperatura díspar, que faz com que as cores entrem em estado de incontrollável ebulição. Por sua aparência, Samuel Santiago é chamado pelas ruas de São Paulo de Don King em razão de sua semelhança com essa figura de negro-americano ligado à história do boxe. Samuel Santiago, que ilustrou vários livros como os que foram produzidos por Maria do Carmo Valério, é um dos poucos artistas plásticos negros que podem dar-se ao luxo de viver somente da arte que produzem.

SANDÉRCIO BENJAMIM

Sindicalista e líder comunitário

Sandércio Benjamim dos Santos, natural da capital paulista, onde nasceu no dia 15 de dezembro de 1943, é filho de Sérgio Benjamim dos Santos com Dona Maria Aparecida José Francisco. Casado, tem por esposa Dona Vita Alves dos Santos e três filhos: Sandra Lúcia dos Santos, Wellington Fabiano dos Santos e Erika Karine dos Santos. Sandércio Benjamim é neto de Benjamim Sérgio dos Santos, primeiro sargento negro da Milícia de São Paulo, na época pertencente ao Exército Brasileiro, lotado no atual Quartel do Parque Dom Pedro - de onde Benjamim Sérgio seguiu para a Guerra do Paraguai, com a instituição militar passando a ser chamada de Força Pública do Estado de São Paulo. Dizem que a classe média dominante não gosta de fazer levantamento de sua árvore genealógica, porque ela vai dar na senzala ou na cadeia, invariavelmente, segundo nos revelara o então jornalista e senador da República brasileira, Assis Chateaubriand. Contudo, para nós, afro-brasileiros, isto é algo que não nos preocupa. Sem tradição, muitas vezes, sem família e, invariavelmente, sem propriedade, nós, os negros, podemos nos dar ao luxo de seguir

o exemplo de Sandércio Benjamim, rebuscando o baú do pouco de história que a comunidade negra conseguiu, para se compor ou recompor o quadro que registra fatos e acontecimentos importantes vividos pelos nossos antepassados. A ancestralidade comum



da África, para os negros brasileiros, é como puxar o fio da memória, através do qual vai-se montando o quebra-cabeça acerca do que fomos, do que tivemos, do que somos e não temos, de modo a que, no presente e no futuro, amealhemos bens cívicos e materiais capazes de registrar que um dia a justiça se fez materializar também para os afro-descendentes. Sandércio Benjamim foi engraxate, metalúrgico e qualificado dirigente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, cursando inclusive Direito na Universidade São Francisco, na capital paulista. Pertence, ainda, aos quadros dirigentes da Confederação Geral dos Trabalhadores, é coordenador da INSPIR, diretor da Federação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo e 2º secretário para Assuntos Internacionais do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), na condição de um de seus fundadores históricos. Quanto à sua especialização na categoria profissional a que pertence, Sandércio fez diversos cursos de aperfeiçoamento e de extensão extracurricular que o levaram a ser um dos mais qualificados nessa área, podendo lecionar com competência e lisura, particularmente nesses tempos de desemprego gritante que afeta de modo brutal os destituídos, com ênfase para os negros, que são os últimos a entrarem no mercado formal de trabalho e os primeiros a serem atirados na sarjeta do desemprego ou saturando o espaço dos que vivem no subemprego crônico que infecta a maioria alarmante de negros deste país.

SANDRA DE SÁ

Cantora

A mais perfeita tradução da black music americana e os bailes funks do subúrbio carioca foram o berço de Sandra Cristina Frederico de Sá. Diplomada artisticamente nesses bailes, onde o funk é a senha que traduz a ideologia de um povo economicamente oprimido, a cantora atinge a maioria artística aos 41 anos com o disco que marca o seu ingresso na WEA Music, o pop *A lua sabe quem eu sou*. Saudado unanimemente como a síntese de uma carreira rica em influências, o CD chegou às lojas no começo de 1997 e solidificou uma trajetória que começou a se tornar pública em 1980. Freqüentadora dos bailes funks desde os 12 anos de idade, Sandra começou tentando a sorte em alguns festivais organizados de forma quase silenciosa, sem o apoio dos meios de comunicação. Colecionava prêmios de melhor intérprete, mas foi em 1980, ao defender *Demônio Colorido* no Festival MPB-80, transmitido para todo o Brasil pela Rede Globo de Televisão, que Sandra tornou sua voz calorosa um sucesso nacional. Nascida e criada no subúrbio de Pilares, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde ouvia Ray Charles e o sambista Moreira



da Silva com o mesmo prazer, Sandra de Sá viu sua vida mudar em 1980. *Demônio Colorido* não venceu o MPB-80, mas ficou entre as finalistas e a vitória de sua defensora - então artisticamente batizada Sandra Sá - acabaria sendo maior do que a dos vencedores. Filha de pai baterista, compositora desde a adolescência, Sandra, então contratada da gravadora RGE, lançou seu primeiro disco, Sandra Sá, em 1980, com o aval do produtor Durval Ferreira - seu descobridor -, e da fama conquistada no festival da Globo. O sucesso que se anunciava na carreira artística a obrigou a trancar a matrícula do curso de Psicologia. O Brasil perdia uma psicóloga, mas ganhava uma cantora de forte identidade negra. A música *Olhos Coloridos*, seu segundo grande sucesso, consolidou a imagem de Sandra como uma artista ligada aos sons negros, uma versão nacional de Aretha Franklin. Com o segundo sucesso e o segundo disco, lançado em março de 1982, Sandra sedimentaria o seu espaço e se afirmaria, como compositora, assinando músicas como Ousadia - um dos hits do LP (naquele tempo, era LP mesmo...) - e Se grile não. Não tardaram a surgir títulos como Lady funk e Musa black para identificar a cantora num cenário então repleto de novas vozes femininas. O terceiro disco, *Vale Tudo*, lançado em 1983, traria o grande sucesso da faixa-título, em que Sandra dividia os vocais com Tim Maia, espécie de precursor masculino do soul nacional. Músicas como *Trem da Central* confirmaria Sandra como a cantora mais antenada com o universo sonoro de uma população que fazia do funk uma religião seguida com fervor. Em 1984 veio a primeira das grandes viradas que Sandra daria na carreira. Em junho daquele ano, as lojas recebiam o single que Sandra gravara com a música *Enredo do Meu Samba*, obra-prima de Dona Ivone Lara e Jorge Aragão, dois compositores respeitados no mundo do samba. Gravada por Sandra, a música foi tema de abertura da novela Partido Alto, exibida pela Rede Globo. Resultado: Sandra emplacava outro sucesso nacional, mas, pela primeira vez, com uma música composta fora do universo

Quem é Quem na Negritude Brasileira

funk. O single marcava o ingresso da cantora na Som Livre. Em novembro de 1984, ainda embevecida pelo nascimento de seu primeiro e único filho, Luiz Jorge, Sandra lançou seu quarto disco, em que misturava rock, funk, samba e blues com sotaque pop. Sem emplacar nenhum sucesso nas paradas, o disco acabaria passando despercebido. Mas vale registrar que, analisado hoje, o disco prenuncia a amplitude musical do universo da cantora, que se manifestaria de forma mais plena no atual *lua Sabe Quem Eu Sou*. Se 1985 foi o ano dedicado à reciclagem, 1986 marcou o vigoroso retorno de Sandra às paradas nacionais com a balada *Entre nós*, assinada pela dupla de hit-makers Michael Sullivan e Paulo Masadas. Desde a swingada e engraçada *Vou Jogar Fora no Lixo*, até a mais atual *Koo Lei Lei*, a batalha para divulgar para o resto do país o som que agrada mais ao Rio de Janeiro. Segundo ela, isso tem a ver com o clima, com o bilinguagem e o estilo carioca que, historicamente, aceita mais facilmente as novas tendências musicais. Para ela, o grande movimento musical do momento é o Charm. Sandra passou recentemente por momentos muito difíceis, como a morte de sua mãe, que segundo a artista era seu porto seguro. Em seguida, seu filho teve problemas de saúde e os shows começaram a diminuir, com o boom da música sertaneja. Hoje a fase difícil já foi superada. Em seu mais recente CD, 50% do repertório é dedicado aos ritmos negros. Os 50% restantes são reservados à música romântica. Canções de amor sempre são incluídas em seu repertório por uma questão de preferência pessoal. Única em seu gênero, brilha solitária no mundo da Música Popular Brasileira.

Texto de Elaine Inocencio

SANTA ROSA

Pintor, ilustrador e cenógrafo

Tomás Santa Rosa Júnior, nascido no Estado da Paraíba no ano de 1909, foi pintor, ilustrador, gravador, cenógrafo e crítico de arte, e negro dos mais famosos entre os artistas brasileiros do gênero. Sem ter frequentado cursos regulares em escolas tradicionais para esse tipo de atividade, Santa Rosa Júnior é considerado um autodidata. Transferindo-se para o Estado do Rio de Janeiro com vinte anos de idade, aproximadamente a partir de 1930, teve a grande oportunidade de ilustrar obras de famosos escritores brasileiros, destacando-se, entre estes, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Castro Alves - Espumas Flutuantes, Augusto Frederico Schmidt, que tiveram seus trabalhos valorizados por causa e graça do talento e da genialidade de Santa Rosa Júnior. Sempre ativo e preocupa-

do com a arte da qual era mestre, Santa Rosa funda, em 1937, o grupo chamado, Os Comediantes - formado por atores jovens - que influuiu poderosamente na revolução do teatro brasileiro. Sempre, e ainda, na linha da cenografia, Santa Rosa executa com grande esmero e criatividade muitos cenários para inúmeras peças de teatro e espetáculos públicos de balés, como a Escola de Maridos, de Molière, e Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues; são ainda de sua autoria os cenários para o balé Apollon Musagete, com música do genial Igor Stravinski e para as óperas intituladas Pedro Malazarte, do nosso notável compositor, Camargo Guarnieri, assim como, Orfeu e Eurídice, de Glück. Em 1951, Tomás Santa Rosa Júnior criou e realizou a decoração carnavalesca do Teatro Municipal do Estado do Rio de Janeiro. Sua presença em salões de exposições de pintura era quase que obrigatória; é assim, bafejado por este prestígio, que Santa Rosa participava do Salão Nacional de Belas Artes, da cidade do Rio de Janeiro em 1941 e do III Salão Nacional de Arte Moderna, em 1954, recebendo, inclusive, homenagem póstuma desse certame, em 1957. Santa Rosa foi, também, professor de Desenho e de Artes Gráficas na Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro; lecionava, ainda, na antiga Escola Nacional de Belas Artes e em cursos oferecidos pelo Museu de Arte Moderna da Cidade Maravilhosa. Tendo sido indicado para Delegado da Missão Brasileira junto à Conferência Internacional de Teatro, Tomás Santa Rosa Júnior faleceu em Nova Delhi, capital da Índia, no ano de 1956; não será demais acrescentar-se que a referida Conferência era promovida pela UNESCO, órgão da Organização das Nações Unidas para os assuntos relacionados com a Educação, a Ciência e a Cultura, com sede em Paris, instituída precisamente no dia quatro de novembro de 1946. Com estes dados, podemos melhor aquilatar a estatura maiúscula em termos do artista negro que era Santa Rosa, que tinha consciência de sua negritude - quando diziam que filho de branco é menino, e filho de negro é moleque -, muito embora ligasse brancura à doença, à anemia, à morte e à branquidão dos cadáveres.

1) *A Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1998;* 2) *Grande Enciclopédia Delta Larousse - Editora Delta - 1970*

SEBASTIANA ARRUDA

Advogada

"É muito difícil de esquecer, foi em fevereiro de 1968, e eu fazia parte da equipe do Museu da Imagem e do Som, na época dirigido pelo seu fundador, Ricardo Cravo Albim. O Clube Ginástico Português tinha um baile famoso intitulado Carnaval do Passado e a diretoria mandou uns convites lá pro Museu. Eu e

minha irmã Maria Helena fomos. Quando chegamos no hall de entrada e eu entreguei o convite, o porteiro disse que só poderia entrar uma pessoa. Mas como? O convite não tinha nada especificado. A única exigência que estava escrita era o traje: a rigor ou fantasia. E nós estávamos as duas muito chiques, de longo e tudo; o porteiro dizia que só entrava uma e eu dizia que entravam as duas. Pedi para chamarem o diretor social e, um pouco depois, ele chegou e foi logo dizendo para a gente entrar. Tomamos o elevador e quando entramos no salão todo mundo nos olhava, como se estivessem vendo duas marcianas. A orquestra que estava tocando era a do maestro Cipó que, por coincidência ou não, atacou *A Mulata é a Tal*. A essas alturas, o diretor ficou procurando um lugar para nos acomodar, o pessoal em volta continuava olhando os seres estranhos, a orquestra tocando a conhecida marchinha, a gente sem saber o que fazer, enfim, um mal-estar geral. De repente, o diretor pede a uma pessoa que ia passando, para chamar o vice-diretor social, que não tardou muito a aparecer. O diretor nos passou para o vice, melhor seria dizer, passou a bomba - éramos autênticas bombas - e para ele o assunto estava resolvido. Mas, para nós continuou até que, finalmente, o vice-diretor nos colocou na área para a imprensa. A mesa da Manchete estava apenas com um lugar ocupado, os outros estavam vazios. Sentíamos que a curiosidade sobre nós duas continuava, mas a gente estava lá, firme. Momentos depois chegava o repórter da Manchete que perguntou à queima-roupa: - Quem botou vocês aqui? - O diretor social, dissemos. - Ah, não é possível, vou chamá-lo. Não tardou muito, ele veio com o diretor que confirmou: - É, realmente eu as coloquei aqui. Você deixa? Ele não respondeu nem uma nem duas, apanhou o material de fotografia que estava em cima da mesa e sentou-se no chão. Quando a minha turma da Faculdade de Direito resolveu fazer um jantar de confraternização no Iate Clube do Rio de Janeiro, eu decidi ir à última hora. Um colega me avisou que não se poderia entrar de carro porque o estacionamento é privativo dos sócios. Cheguei, deixei o carro do outro lado da rua, atravessei e me dirigi ao porteiro dizendo para onde ia. Ele fez um ar de espanto e me disse: - Você...a senhora...aqui, não estão comemorando nada, não. - Estão, sim senhor. Há pouco meus colegas me ligaram. - Deve haver algum engano. Faculdade Nacional de Direito, turma de 1965? Não senhora. Quando eu ia pedir para telefonarem para o restaurante, foi chegando um colega meu, de Mercedes Benz, e me vendo ali parada, perguntou o que estava havendo. No que eu expliquei a ele: - O porteiro diz que não está havendo jantar nenhum. Meu colega, então, que era sócio do Iate, espinafrou o porteiro, abriu a porta do carro, mandou que eu entrasse e lá fomos nós ao encontro de nossos colegas no restaurante. Nós éramos cinco

Quem é Quem na Negritude Brasileira

irmãos, o Jaonidas faleceu, agora somos quatro: a Maria Helena, que é professora de português, francês, literatura, é advogada também; a Juracy, que é enfermeira instrumentadora; o José Maria, que é diretor de convênios do Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo, e eu. Meu pai foi um homem que progrediu muito na vida através do seu trabalho, do seu esforço. Começou como simples feirante e chegou a ser dono de caminhões de feira. Então tornou-se uma criatura forte, poderosa, um homem rico. Comprou uma casa na Tijuca, tinha duas fazendas com criação de gado no interior do Estado do Rio. Eu tinha meu cavalo, montava, estudei em bons colégios. Tenho boas recordações da minha infância, só não gostava do meu nome. As crianças na escola debochavam de mim na saída, gritavam: Sebastianaaaaaa! Eu corria atrás delas, jogava a pasta, mas não adiantava nada. Na sala de aula, também. Tudo que acontecia de errado, diziam que era eu. Volta e meia, minha mãe era chamada à Secretaria para receber queixas de mim. Muitas, injustas. Quando chegava em casa, eu apanhava de vara de marmelo. É por isso que eu, até hoje, não gosto de marmelada. A casa onde morávamos era muito conhecida, muita gente na vizinhança nos chamava "os negros da rua Costa Pereira, 13". Mas nós nunca fomos vaidosos, apesar de ricos. Eu acho que a Tijuca era o bairro mais racista do Rio naquela época. Lá só morava a elite, nuns casarões bonitos, bem iluminados. Hoje ainda restam alguns, e eu notava que a Praça Saenz Peña era dividida. De um lado, onde fica o cinema Olinda, era o pessoal do morro do Salgueiro. Do outro lado do Metrô Tijuca e da Confeitaria Tijuca era o pessoal de posses, bem vestido, preto não passava quase nem na calçada. Um dia eu estava voltando do colégio com uma amiga minha e, quando passamos na porta do Metrô para ver os cartazes, um rapazola branquinho falou: - Olha essas duas negras estudando, e minha mãe lá em casa tendo que lavar louça por falta de empregada. Aí eu respondi: - A minha mãe não lava louça, é por isso que eu estudo. Eu adoro minha profissão. Lutei muito, mas acho que alcancei o que desejava. Olhando a minha carreira posso dizer: venci. Sou bem-sucedida, faço aquilo que gosto e quero, e como quero. Mas sou inconformada em termos sociais, em termos de grupo, em termos de comunidade. É a injustiça social, não há dúvida que atinge ao branco também, mas o massacre do negro é pior. Veja a delinquência, quantos estão delinquindo. Eu tive a oportunidade de assistir a uma festa no presídio um dia desses, deveria ter uns dois mil, dois mil e quinhentos internos, e a maioria, imensa maioria, era de negros. Alguém pode ver isso indiferentemente?", assegura Sebastiana neste seu depoimento. Por sua luta e pelos valores da negritude que professa e defende, a Dra. Sebastiana Arruda recebeu a medalha

Pedro Ernesto das mãos da vereadora Jurema Batista. Esta láurea é oferecida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ao longo de sua vida, a Dra. Sebastiana Arruda participou de vários movimentos em prol do povo negro, quer como uma das fundadoras do Clube Renascença em 1957, tornando-se uma das diretoras sócio-culturais, quer realizando o primeiro desfile de mulheres negras na Casa do Estudante do Brasil. Em 1964, participou do grupo que conduziu as homenagens que foram tributadas ao presidente do Senegal, Leopoldo Sedar Senghor e sua esposa, quando de sua estada no Brasil. A Dra. Sebastiana Arruda também esteve presente na coordenação da peça *Nem Todo Crioulo é Doido*, lançado por Martinho da Vila, Darcy da Mangueira e Marizinho da Tijuca. Por sua prestação de serviço, Sebastiana foi homenageada em 1979 pelo presidente da República do Senegal com a Ordem Nacional Du Dior. Em 1987 esta brilhante advogada integrou a equipe de coordenação do Centenário da Abolição da Escravatura, patrocinado pelo Ministério da Cultura. Em 1967, Sebastiana e Heleninha promovem o lançamento do nosso livro de poesia, *Gestas Líricas da Negritude*, no Museu da Imagem e do Som, presidido por Ricardo Cravo Albim, a cuja solenidade compareceram Abdias do Nascimento, Clementina de Jesus, Paulo Cesar Cajú, Maestro Cipó, Dr. Nilo de Matos, Raimundo Souza Dantas, embaixadores e demais personalidades.

1) *Fala Crioulo* - Haroldo Costa - Editora Record - 1982; 2) *Poder Popular* - jornal do gabinete da vereadora Jurema Batista - 1998 - nº 7

SEBASTIÃO RODRIGUES ALVES

Pai-de-santo e assistente social

"A sorte foi que o Abdias Nascimento e eu pertencíamos à Ação Integralista Brasileira, senão a gente tinha-se dado mal. Nós estávamos em São Paulo, servindo ao Exército, e tinha um bar chamado Majestic, no subterrâneo de um edifício na Rua Aurora, que não gostava de servir a pessoas de cor. Então um dia, véspera de carnaval, nós resolvemos ir até lá pra dar um corretivo nos proprietários. Fomos à paisana, mas com o cinto da farda. Ao chegarmos, perguntamos ao cidadão que se dirigiu para a gente, se era verdade que eles não serviam preto. Sem titubear, ele respondeu que poderia abrir uma exceção, mas que era melhor que entrássemos pelos fundos. Sabe, ele disse, não fica bem, a freguesia pode reclamar... Ele nem acabou de falar e a gente já estava distribuindo porrada a torto e a direito, com o cinto na mão, quebrando garrafas, copos, o que aparecesse. Nisso surge um cara grande, forte e vem na minha direção; quando per-

cebi já estava levando um soco-inglês pelas ventas. O sangue correu, enlouquecido dei uma cintada no camarada, os óculos dele se fizeram em pedaços e corremos. Abdias e eu conseguimos escapar. Só que o cara do soco-inglês era o Superintendente da Ordem Política e Social, chamava-se Egas Botelho. Isso foi em 1936. No dia seguinte o local onde a gente morava estava cercado pela Guarda Civil. Fomos presos, levamos uma surra inescusável, nos expulsaram do Exército e fomos entregues à Polícia Civil para sermos processados. Estivemos aprisionados numa tal Ilha de Dona Zélia e foi aí que a Ação Integralista nos socorreu através dos filiados que estavam na Polícia do Exército. Soltaram a gente, mas o pessoal da Ordem Política e Social não ficou muito satisfeito e, volta e meia, nos pegavam, interrogavam e soltavam logo depois. Eu tinha me engajado no Exército aos dezessete anos, quando saí da minha cidadezinha, Guaçuá, no interior do Espírito Santo e fui para Vitória. Fiz curso de cabo, de sargento e participei até da Revolução de 30, quando fui comissionado a 3º tenente; realmente a carreira militar me fascinava e parecia que eu ia seguir um belo caminho. Mas não deu certo. Conversando com um amigo e dizendo que tinha certa vocação para frade, ele me apresentou ao Prior Geral dos Franciscanos e eu fui aceito na Ordem, entrando para o Convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo, adotando o nome de Frei Miguel. Fiz os votos simples, estava estudando Filosofia e Teologia quando, certo dia, foi visitar o convento, o Irmão Superior, Frei Marcelo. Como eu era o único negro, certamente chamei a atenção. Ele mandou me chamar e, conversa vai, conversa vem, disse que eu não poderia ser religioso por causa da corrupção africana; quando muito, seria um irmão leigo. Bem, aí tivemos uma discussão fortíssima, o que, para um Irmão Superior, era a demonstração cabal da falta de vocação. Eu teria que, humildemente, engolir seco e abaixar a cabeça. Mas a verdade é que o sangue ferveu e não deu pra segurar. E o mais importante é o seguinte: este irmão era alemão, e eu já tinha estado na Alemanha, em Hamburgo, que era, então, o maior centro da Ordem, criada no século XII, a Ordem de São Francisco de Assis. Aliás, aqui em São Paulo, tinha muito alemão no convento, e eles não aprendiam a falar português. De pirraça eu aprendi o alemão, falava com desenvoltura e quando cheguei a Hamburgo foi uma novidade: um negro falando alemão. Tinha umas pessoas que se aproximavam discretamente, depois pediam licença pra passar o dedo no meu rosto pra ver se não era pintado. Veja só, e nós é que temos a fama de ignorantes... A minha impressão até é que me testavam pra ver se eu era gente mesmo, ou se era

macaco. Não se esqueçam de que tudo isso ocorreu por volta de 1937, e Adolf Hitler estava com a corda toda. Eu ia agüentando tudo com o maior fairplay porque tive uma educação esmerada. Lá em Guaçaf a minha família era uma das mais importantes. O meu avô, Romualdo Fernando Miranda Monteiro de Barros, era primo-irmão do Barão de Paraopeba. Foi um dos homens que estudou na França, tinha uma biblioteca enorme com todos os clássicos que se pode imaginar. A filha dele, Maria da Conceição Fernando Miranda Monteiro de Barros, casou-se com Hipólito Rodrigues Alves e deu, como dote, mais de trinta casas no centro da cidade: sítios, fazendas, o diabo-a-quatro. Minha mãe era uma mulata bonita, culta, uma senhora excepcional. Neste ambiente, eu só poderia ter sido bem educado, por isso não agüentei quando o Frei Marcelo veio com aquela história de corrupção africana. Foi um pouco demais. Naquela noite de sábado, lá em Caxias, com Abdias e a Azias Alves de Souza, uma bela bailarina negra, aluna de Eros Volusia, com quem tive uma linda filha, uma nova e grande experiência aconteceu em minha vida. Quando chegamos, a cerimônia já tinha sido iniciada: o pai-de-santo e a mãe-pequena me receberam à porta e ele cantou um ponto. Pela primeira vez fui tomado por uma entidade. E foi Xangô. Deram-lhe uma pomba e ele riscou um ponto no chão, que eu guardo até hoje, e cantou um ponto que era o dele. Eu nunca tinha sido iniciado, nunca freqüentara terreiros, não sabia nada de umbanda, nem candomblé, nada dessas coisas, e ali estava eu, com Xangô manifestado. Xangô das estrelas de Oyó. Aliás eu estou convidado pela Universidade de Ifé para ficar lá um ano como professor visitante e aí, finalmente, vou ver o marco onde desceu o meu pai Xangô, que foi rei na África e ver também o rio da minha mãe Oxum, onde existe um templo para o seu culto. Fiz todos os preceitos para chegar a ser um babalorixá, fiz cabeça, recolhi-me à camarinha no período estipulado pelo código da religião, aprendi todos os fundamentos e tornei-me um pai-de-santo. Hoje tenho o meu terreiro que se chama Palácio do Rei do Congo de Angola, uma área com trinta e três mil metros quadrados, em Jacarepaguá, com mata, cachoeira, pedreira, tudo que a natureza oferece para que se possa fazer as obrigações dos santos. O mais curioso é que a maioria das pessoas que freqüentam o meu terreiro são brancas. Talvez seja em razão da minha situação social e intelectual, os grupos e as pessoas com quem convivo, mas a verdade é essa. Sou um umbandista convicto, finalmente encontrei a minha vocação religiosa, juntando a solidariedade humana aos valores intrínsecos da minha gente e da minha raça. Os pretos-

velhos, as vovós, os guias, quando descem no meu terreiro é o reencontro que eu tenho com as minhas raízes mais profundas e imorredouras. As mesmas raízes que fizeram com que eu, desde moço, fosse um militante apaixonado e desinteressado pela causa da valorização do negro brasileiro. Em São Paulo, participei da Frente Negra Brasileira, um dos movimentos pioneiros e que chegou a ter uma voz forte e ativa, enquanto durou. A Associação Nacional do Negro, o Teatro Experimental do Negro, do qual fui um dos fundadores e teóricos, a Convenção Nacional do Negro que foi realizada em 1945, em São Paulo, cuja organização me custou quase a saúde, porque tive até que dormir na rua por falta de recursos. Enfim, posso me considerar um velho militante que ainda não pendurou as chuteiras. Quando resolvi fazer um curso de Técnico de Serviço Social, curso que, aliás, comecei na Pontifícia Universidade Católica - e saí porque o padre João Bueno, que ficou no lugar do padre Leonel Franca na reitoria, não permitia que se discutisse a questão racial no Brasil - era porque eu acreditava que essa também poderia ser uma das formas de ajudar a desenvolver o bem-estar social, a melhoria das condições de vida dos meus irmãos negros. Aliás, esta tese eu desenvolvi no livro *A Ecologia do Grupo Afro-Brasileiro*, cujos direitos autorais eu vendi para o Ministério da Educação e me deu, inclusive, a oportunidade de ir aos Estados Unidos, para falar em universidades sobre a vivência e a permanência dos rituais africanos. O que também foi uma experiência riquíssima e onde eu pude trocar uma série de informações com os estudiosos norte-americanos. Sou formado pela atual Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro onde cheguei a lecionar. Acho que este é o grande momento da reconstrução da memória e do perfil do negro brasileiro. E esse trabalho pode ser desenvolvido indistintamente num organismo político, numa agremiação partidária, num terreiro de macumba ou numa confraria católica. Agora mesmo eu estou atuando fortemente na Irmandade de Santa Efigênia e Santo Elesbão, cuja igreja situada à Rua da Alfândega, aqui no Rio; foi construída por negros escravos há duzentos e quarenta anos atrás. Estamos restaurando o prédio, pintando tudo, consertando os móveis. Você vai lá hoje, vê a igreja toda iluminada, com consistório para os negros falarem; o padre lá embaixo é o nosso empregado. Essa irmandade outrora já foi muito forte, tinha até um cemitério próprio para enterrar os escravos, porque os brancos não deixavam que eles fossem enterrados no seu cemitério. Felizmente os tempos mudaram e vão mudar mais ainda. Aconselho aos jovens, e entre eles estão minhas filhas e meus genros, que procurem ler

o que já foi feito no passado para que não só eles poupem as suas forças não percorrendo um caminho já feito, como também possam utilizar as experiências do que nós já realizamos e daí partirem para novos caminhos. Tem muito movimento aí pensando que tem de começar na estaca zero porque antes dele ninguém fez nada e isso não é verdade. Essa rapaziada tem que se informar, aprender no passado com aqueles que deram a juventude à causa, que não se locupletaram, que não auferiram vantagens pessoais, que sofreram incompreensões e ameaças, como este velho militante que ainda não pendurou as chuteiras". Sebastião hoje é falecido.

Fala Cíoulo - Haroldo Costa - Editora Record - 1982

SELMA DO CÔCO

Cantora e compositora

Com o nome civil de Selma Ferreira da Silva, nascida na cidade de Santo Antão, no Estado de Pernambuco, no dia 10 de dezembro de 1929, a artista popular se notabilizaria com o apelido carinhoso de Selma do Côco, apelido aliás, hoje conhecido em todos os rincões do Brasil. É filha de dona Marta Valentina da Conceição, viúva de José Ferreira da Silva. Esse nome tão popular e que desfruta de um largo e sólido prestígio, particularmente junto ao folclore nordestino, foi herdado do seu pai, que cultivava o côco, esse tipo de dança popular do Norte e do Nordeste, muito comum na zona rural e nas periferias dos grandes centros urbanos da região. Consiste na forma de rodas, animadas por homens e mulheres, que rodopiam girando em torno de um solista colocado ao centro desse círculo. O acompanhamento é feito apenas com palmas e instrumentos de percussão, como o ganzá, pandeiro, e tambores, às vezes contando com a presença de pffanos. Selma do Côco veio da cidade de Santo Antão para o Recife com a idade de 13 anos; com 15 já era uma mulher casada. Há 37 anos fixou residência na cidade de Olinda. Cantora, intérprete e com-



positora, Selma realizou inúmeros shows em Recife e pelo país afora; tem quatro CD'S gravados. Selma do Côco hoje sabe muito bem o poder de sua arma quando se dispõe a cantar com graça, com emoção, e com a força criadora que Deus lhe deu. Com os pés no chão e a frente no infinito, Selma do Côco não dispensa e muito menos subestima a força dos que trabalham juntos, unidos por um mesmo e grande ideal. É assim que Selma do Côco se fez sócia da Ordem dos Músicos do Brasil, vindo a ser registrada com o número 2.343. Países da Europa, como Holanda, Suíça, Alemanha, França ou Bélgica já tiveram a histórica oportunidade de ver, ouvir e aplaudir esta ilustre negra pernambucana que se transformou numa espécie de embaixatriz da Música Popular Brasileira de conotações nordestinas. Selma do Côco participou de diversos eventos na cidade do Recife, onde reunia em torno de si, milhares e milhares de admiradores. Dona, por assim dizer, de uma platéia fixa de fãs incondicionais, com toda justiça acabou sendo agraciada com o título nobiliárquico de Cidadã Olindense, em reconhecimento à sua popularidade e à sua valiosa contribuição para manter e difundir o côco, este tipo de dança que tanto sucesso faz para o agrado de sucessivas gerações. Selma do Côco foi, recentemente, homenageada pela Federação das Mulheres Pernambucanas (FMP) e pela Confederação das Mulheres do Brasil (CMB), dirigidas respectivamente por Edna Costa e Rosanita Campos.

SEU MICHEL

Liderança comunitária, presidente da Associação Descendentes de Tia Eva

Sérgio Antônio da Silva nasceu no dia 27 de abril de 1935, em Campo Grande, atual capital do Mato Grosso do Sul, filho de Manoel da Silva e de Catarina Rosa da Silva. É pai de 11 filhos: Eurídes, Laudemira, Izaura, Antonio, Marcia, Rosilene, Maria, Paulo César, Ângela, Zeneida e Sérgio. Comerciante, o senhor Michel, como é conhecido, é o atual herdeiro das tradições formuladas pela lendária Tia Eva, fundadora do Bairro de São Benedito. Michel é bisneto de Tia Eva e preside a Associação Descendentes de Tia Eva. Anualmente, ele, assessorado por outros membros da comunidade, realiza as comemorações conhecidas na cidade como Festa de São Benedito, que já conta com mais de setenta anos.



SEU NEGRINHO

Remanescente de comunidade escrava

O sorriso largo no rosto de seu Negrinho, pai de 7 filhos, é mais um traço de uma feição cunhada há mais de 100 anos, mesmo que a lembrança dos antepassados mescle o encontro com uma dosagem de tristeza. Seu Negrinho integra uma das poucas comunidades de descendentes de escravos ainda existentes no Rio Grande do Sul. Na localidade de Casca, uma área de 1.500 hectares encravados a 60 quilômetros de Mostardas - antes uma fazenda dos chamados "senhores dos escravos" - cerca de 150 pessoas vivem unidas pela raça. Casca, apesar de se estender pelas laterais da BR-101, a pouco mais de 100 quilômetros de Porto Alegre, ainda conserva a simplicidade e o sossego das zonas rurais. O local nasceu grandioso, símbolo da aristocracia rural do século XIX. A benevolência de Maria Quitéria Pereira do Nascimento, porém, permitiu que seus escravos fossem libertos e herdeiros dos seus campos entre a localidade dos Barros e a praia, quase no Farol da Solidão. As terras não poderiam ser vendidas e passariam de geração em geração. Por isso, a comunidade ainda concentra os descendentes. Seu Negrinho, apelido forjado pela popularidade de Antônio de Lima Gomes, 63 anos, mostra, na sua pequena casa escondida sob a sombra das figueiras, o documento que brindou com a liberdade, seus antepassados escravizados. Infla o peito para ostentar o orgulho e folheia as páginas amareladas como se lidasse com um relicário. O inventário de "Sinhá Maria" foi feito pelo 1º Cartório de Rio Grande em 1826. Ali, a "senhora" manifesta o desejo de doar suas terras, após sua morte, aos escravos. Seu Negrinho conta que sua bisavó teria sido filha ou neta de Frutuosa, uma das escravas. As demais famílias moradoras de Casca também descendem de um dos beneficiados. As crises dos tempos modernos, as dificuldades de hoje não diferem muito daquelas encontradas logo após o 13 de maio de 1888. "As vezes, ainda somos escravos", diz Seu Negrinho, quando lembra da inexistência de apoio à produção agrícola local.

1) Adaptado do artigo de Cássia Duarte, publicado no jornal Zero Hora, de 24-12-1992

SEU TINGUINHA

Fundador da Ala da Bateria da Mangueira

O fundador da ala da bateria da Escola de Samba da Mangueira e seu primeiro presidente foi Homero José dos Santos, o Seu Tinguinha, como é conhecido na Mangueira. A ala da bateria saiu em seu primeiro carnaval com 85 componentes e teve Seu Tinguinha como presidente de 1959 (ano de sua fundação) até 1969. Tinguinha foi também vice-presidente da Mangueira nas gestões de Juvenal Lopes, Djalma dos Santos e Sinhôzinho.

Como presidente da ala, Seu Tinguinha fez questão de manter a batida criada por Lúcio Pato, que tocava surdo na bateria, o que torna a Mangueira diferente de todas as escolas. No seu tempo, os ritmistas pagavam as fantasias com as festas que realizavam e, na época do presidente Juvenal Lopes, a ala da bateria chegou a emprestar dinheiro à Escola de Samba. A escola começou a vestir os ritmistas quando o presidente da bateria era Damião, que já havia sido diretor da bateria de Seu Tinguinha. Este grande baluarte da Mangueira é o pai de nosso presidente Elmo José dos Santos. Seu Tinguinha muito emocionou a nação mangueirense ao desfilar com garbo e orgulho no carro abre-alas, ao lado de tantas outras figuras ilustres. Ele deixa seu recado à bateria atual: "A batida da Mangueira deixa muita gente comovida, e por isso ela jamais pode mudar".

SHIRLEY DE QUEIRÓS

Escritora e líder comunitária

Toda vez que a mulher aparece em relevo nos vários e diferentes comentários que têm por escopo basilar elevar o nível de sua dignidade e reconhecer o seu valor intrínseco, como ser humano feito à imagem e semelhança de Deus - nos termos preditos pelos cânones da Igreja Católica -, a discussão sobre ela está aberta e sai enriquecida; pelo fato de propor caminhos novos e melhores para a própria "espécie" a que pertence, particularmente quando se trata de se discutir o destino da mulher negra brasileira. É no interior desta moldura que gostaria de discutir e apresentar a figura da escritora negra, Shirley de Queirós. Natural da cidade de Jequié, Estado da Bahia, onde nasceu no dia 5 de outubro de 1943, filha de Pedro Nunes de Queirós e de Dona Almerinda Pereira da Silva, Shirley de Queirós fez os seus estudos preliminares em São Paulo, capital, para onde veio com 7 anos, acompanhando sua mãe que, estava se afastando do marido. Dona Almerinda trouxe consigo, além da roupa do corpo, os seus três filhos. Em São Paulo, Shirley de Queirós começou seus estudos, por sinal interrompidos, em razão da necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da família, já que era a filha mais velha. Entretanto, o fato de estar impedida de prosseguir os estudos, conforme era seu desejo, não foi obstáculo para que esta valente guerreira negra viesse escolher a carreira de escritora, muito embora não ignorasse as dificuldades que iria encontrar pela frente. Tanto é que o seu primeiro livro publicado, Unidos na Solidão, só veio a público depois da autora estar casada e ser mãe de dois filhos, isto, em 1973. Este seu livro de estréia, prenunciando a estatura da escritora em epígrafe, obteve considerável aceitação do público e da crítica por abordar, ainda que de forma empírica, um dos pro-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



blemas mais cruciantes da vida brasileira, que é o menor abandonado e meninos e meninas de rua, cuja presença neste estado lastimável, põe em xeque toda esta tal ideologia de "modernidade" cantada em prosa e verso pelos atuais detentores do poder. Como se vê, a

problemática social que decorre da destruição dos laços de família e recrudescimento das insopitadas ambições, impostas por uma política de interesse unilateral do capitalismo selvagem, tem trazido nefastas conseqüências para a sociedade como um todo, especialmente para os idosos, para as mulheres e para as crianças de nosso país. Shirley de Queirós, com lucidez, consciência e sensibilidade, capta este clima de deterioração da sociedade atual e faz uma crítica e uma proposta, por meio das mensagens de seu livro, para que os responsáveis pelo nosso governo tragam, a curto prazo, soluções efetivas de ordem prática para o enfrentamento desta dura e amarga realidade em que vivemos. Os demais livros vieram se sucedendo de forma regular e paulatina: Sala de Aula; As Condições de Uma Pomba Gira; Adelaide Carraro no Mundo Cão do Sílvio Santos e Ana de Todos os Dias. É importante ressaltar nestas obras, já voltadas para uma análise do submundo, que nem sempre um livro que critica e combativamente os nossos hábitos e costumes deformantes, consegue alcançar a mesma repercussão dos escritos eróticos que sequer precisam ser os mais frontais e corrosivos. O livro de Shirley de Queirós ser contemporânea de Adelaide Carraro e de Cassandra Rios, belas e havidas como "escritoras malditas", na visão conservadora, não consegue afetar a forte personalidade literária de nossa escritora negra em apreço, em razão do sinete social que se projeta do interior de suas obras, superando o que possa haver de meramente cômico em seu contexto.

SILAS DE OLIVEIRA

Fundador da Escola de Samba Império Serrano, compositor

Em nosso país, a história da música popular, de seus sambas, da formação de suas escolas e de seus enredos, resume, em última instância, um dos capítulos mais puros, legítimos e empolgantes da própria história do povo brasileiro. Inserido neste contexto, como que moldurado por essas alegorias construídas sob o calor da emoção humana, é que o nosso

carnaval toma corpo, alimentado pela seiva desse idealista que brota das ruas, das favelas e dos becos sem nome, para fazer-se história e entrar para os anais das crônicas e dos acontecimentos que se cristalizam para sempre na memória das gerações que se sucedem. Silas de Oliveira é um dos heróis dessa façanha e entra galhardamente para o centro desse espetáculo, carregando o estandarte de seu próprio nome de batismo, sem apelidos ou pseudônimos. Silas de Oliveira Assumpção nasceu no Rio de Janeiro, no dia 4 de outubro de 1916, filho de José Mário de Assumpção e de Jordelina de Oliveira Assumpção, casal presbiteriano, que apesar do rigor espartano com que pretendeu educar o filho, não foi capaz de impedir que ele ouvisse o chamado da voz da raça e passasse de compositor de hinos religiosos a compositor de enredos de Escolas de Samba. Para tanto, bastou que um dia, Silas de Oliveira subisse o morro, por mera curiosidade, para dali sair abraçado com os bambas da Escola de Samba Prazer da Serrinha, fazendo-se parceiro de Mano Décio, Penteadado, Comprido, Manoel, Bacalhau e Mestre Delfino que ocupavam o púlpito reservado só para compositores. A Enciclopédia da Música Brasileira esclarece esses episódios que fazem a delícia dos que estudam ou se interessam por essas encantadoras ocorrências. O curioso é que Silas já veio assinalado para realizar grandes coisas; do contrário Deus o teria chamado para a eternidade, no dia em que o navio Itagiba, no qual se encontrava a bordo, fora torpedeado, indo a pique em 1942, na costa da Bahia. Nessa catástrofe, o nosso Silas foi um dos sobreviventes. Este e outros incidentes serviram para que o Brasil entrasse na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados. Refeito do susto, em 1945, Silas já se encontrava em pleno Rio compondo sambanredo, como Conferência de São Francisco, musicada por Mano Décio da Viola, seu parceiro mais constante até o fim de seus dias. Juntos fariam história, da qual o samba jamais esquecerá. Uma dessas histórias é que Silas de Oliveira foi um dos fundadores do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, em

1947, para a qual, consta, fez autênticos sambas antológicos. Em 1969, depois de 22 anos da fundação da Império Serrano, Silas continua sendo o seu maior compositor, culminando com o apoteótico Heróis da Liberdade, considerado o seu "canto de cisne" para o qual contou com a participação, mais uma vez, de Mano Décio da Viola e Manoel Ferreira. Todos sabem que samba não dá camisa a ninguém, a não ser em circunstâncias muito excepcionais. Silas de Oliveira não foi contemplado com esse tipo de exceção, pois ao longo de sua vida o cardápio da pobreza será o seu companheiro inseparável. Contando apenas 56 anos, numa de suas apresentações, quando mostrava a sua obra-prima Heróis da Liberdade, parece que esses heróis, emocionados pelos agudos saídos caprichosamente de sua garganta de ouro e de seu peito de sambista, vieram buscá-lo e, como um novo Elias, carregaram-no para a glória, deixando inconsoláveis aqui na terra sua família, seus amigos e o samba, que fez dele um de seus intérpretes mais fiéis. A folhinha assinalava o dia 20 de maio de 1972.

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 1997

SILVESTRE DE ALMEIDA LOPES

Pintor sacro

Os pintores de origem negra ativos em Minas Gerais nos tempos coloniais foram relativamente numerosos, e dentre eles vale menção a curiosíssima figura de Silvestre de Almeida Lopes, que atuou no Arraial de Tijuco entre 1764 e 1796, e cuja arte é o contraponto, a nível popular, da do português José Soares de Araújo. Para Rodrigo Melo Franco, "enquanto a obra do guarda-mor é de tendência erudita, a de Silvestre de Almeida Lopes tem feição popular. Ao passo que aquela se caracteriza pela sobriedade elegante e apurada, esta se distingue pela vivacidade às vezes crua, dos contrastes do seu colorido e pelas despreocupadas desproporções e deformações do seu desenho". Na verdade, a particularidade maior da pintura de Silvestre, aquela que lhe empresta também maior encanto, é o acentuado sabor popular e mestiço de que se reveste. À "Ressurreição de Cristo" do Forro da Capela-Mor da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos do Serro, por exemplo, o artista acrescentou um inesperado fundo de Marinha, inédito no tempo e no espaço, tendo-o resolvido com cores vivazes, o que empresta à cena, em si mesma fúnebre, uma graça e até uma certa imprevista alegria! São de autoria de Silvestre de Almeida Lopes diversos trabalhos de pintura realizados na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, da atual cidade de Diamantina, entre 1780 e 1796, incluindo-se entre tais trabalhos o teto, de 1790. Por aproximação estilística, podem ser-lhe imputadas as pinturas da Capela de Nosso Senhor Bom Jesus de Matosi-



Manoel Serey/Agência O Globo

nhos do Serro, datadas de 1796 e, entre outras obras, os quatro painéis da Paixão de Cristo, na Matriz de Conceição do Mato Dentro. Outro detalhe a acentuar o lirismo de Silvestre de Almeida Lopes, e capaz de individualizar-lhe o estilo, é a abundância de elementos florais de que lança mão em suas decorações.

SILVIO CALDAS

Cantor - o "caboclinho".

Silvio Caldas, cujo nome civil é Sílvio Narcizo Figueiredo Caldas, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, no dia 23 de maio de 1908. Famoso cantor e compositor da Música Popular Brasileira, conhecido também pelo cognome carinhoso de "Caboclinho", ou ainda de "títo", Silvio Caldas teve uma vida artística intensa: atuou com destaque no rádio, no teatro, na televisão e participou na condição de ator, em diversos filmes. Como quem veio ao mundo para ser músico, Silvio Caldas sempre se deliciava com as toadas, as serenatas que enchiam de festa e alegria o bairro em que morava nos seus dias de criança. O fato de precisar trabalhar em oficinas mecânicas, antes mesmo de completar 10 anos, não lhe criava embaraços para poder cantar acompanhando-se ao violão. Atraído por São Paulo, ali pelos idos de 1924, Silvio Caldas resolve fixar domicílio em sua capital, sem contudo deixar a humilde profissão de mecânico. Mas o seu destino era a música. Assim é que, em 1927, retorna ao Rio de Janeiro, uma vez que consegue algumas apresentações no rádio por influência de "Milongueta", um cantor de tango. Caminhando na busca do que apreciava, em 1929, Silvio Caldas dá início, efetivamente, à sua carreira de cantor, atuando como artista na Rádio Sociedade. É aí que o seu astro começa a brilhar, quando, em 1930, produz e grava o samba *Amoroso*, pela RCA Victor, seu primeiro disco. Já no ano subsequente, integrando o elenco da revista *Brasil do Amor*, de Ari Barroso e Marques Porto, no Teatro Recreio, Silvio Caldas alcança sucesso incomum com a música *Faceira*, composição também de Ari Barroso. "A partir de 1934, junta-se a Orestes Barbosa e, em parceria com ele,



lançou dezenas de composições da melhor qualidade". É entre esta magnífica coleção de música popular, que *Chão de Estrelas* merece destaque especial, por tratar-se de uma das obras-primas do cancionista nacional. Acompanhado desse prestígio é que Silvio Caldas entra para a Rádio Mayrink Veiga em 1935, depois ingressa na Rádio Gazeta para, mais tarde, incorporar-se ao corpo de artistas da Rádio Record. Nessa época, Silvio Caldas, produzindo discos e trabalhando em várias boates, granjeia enorme popularidade. Esses sucessos seguem-se às suas diversas participações em filmes, como *Favela dos Meus Amores*, *Carioca Maravilha* e *Luz de Meus Olhos*. Numa atividade incansável "Caboclinho" acaba gravando centenas e centenas de músicas que projetam ainda mais o seu nome no estrelato brasileiro, tais como *Arranha-Céu*, *As Pastorinhas*, *Maria*, *Santa dos Meus Amores*, *Madrugada*, *Morena Boca de Ouro*, *Modinha*, *Meus 20 Anos*, *Meu Limão Meu Limoeiro*, *Até Quando*, *Boneca*, *Da Cor do Pecado*, *Três Lágrimas*, *Deusa da Minha Rua*, *Algodão*, *Não Chores Assim*, *Suburbana*, e outras mais de esplêndida beleza que chegam a derreter os nossos corações pela doçura de suas melodias e pela graça e pureza e espontaneidade do seu texto poético. Silvio Caldas foi um dos nossos seres-teiros com vida das mais longas no cenário da Música Popular Brasileira.

Dicionário Biográfico Universal Três - Editora Três 1983

SINHÔ

Precursor da Música Popular Brasileira

"Dois cabras perigosos/Dois diabos infernais/José Barbosa da Silva/José Luis de Moraes". Esta quadra, popular e desafiadora, fazia parte da crônica da época e corria de boca em boca, retratando uma espécie de passagem de opereta de malandros, que alimentou o folclore do Rio de Janeiro, onde nascera José Barbosa da Silva, cognome de "Sinhô", um dos mais fortes pilares da Música Popular Brasileira. Seu nascimento se deu no dia 8 de setembro de 1888, ano da Abolição. Dos nascidos nesse ano, "Sinhô" talvez seja um dos homens mais famosos pelo seu talento espontâneo, pela sua ginga de moleque de morro, por sua malandragem. É com figuras dessa postura que a música ou a arte popular se alimenta. Filho de Ernesto Barbosa da Silva, profissional que vivia de reproduzir imagens e paisagens em paredes de rua, José Barbosa da Silva não sentiu forças, interesse nem vontade para seguir a profissão de seu genitor. Buscando o seu próprio caminho, enveredou pelo mundo da boêmia, apaixonado que ficou pelos conjuntos de choro e acabou se transformando num exímio e extraordinário flautista. Não é de se estranhar que esse moço, aos 17 anos, já fosse casado com Henriqueta, menina de apenas um ano menos do que ele; essa fora uma das muitas mulheres que se entregaram aos seus

braços, em virtude de seu charme e de sua habilidade para lidar com elas. Esse amor de juventude durou pouco, pelo fato de Henriqueta ter vindo a falecer quando Sinhô ainda tinha 26 anos de idade, deixando-lhe três filhos. Sinhô ficou afamado por mudar constantemente de endereço e por não pagar regularmente as suas senhorias, passando a viver de tocar piano, instrumento que também aprendeu a tocar, pelo jeito, de ouvido.

Daí para tornar-se um compositor era apenas um pulo, pois talento para música era o que não lhe faltava. Onde quer que Sinhô pudesse estar para ganhar um dinheiro, lá estava ele dando o ar de sua graça. O conhecido Clube Kananga do Japão - tema explorado recentemente pela TV Manchete em horário nobre, ilustrando numa novela o prestígio do referido clube -, basta para aquilatar como Sinhô sabia encaixar-se na hora certa e nos lugares certos com espírito de oportunidade. Sinhô conviveu com Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, Caninha, José Luiz de Moraes, Carmem Miranda, Francisco Alves, o popular Chico Viola e até com Álvaro Moreyra, autor do delicioso livro de memórias, *As Amargas*, Não, com os quais fez parceria, em muitos casos ocultando-lhes o nome, mas sempre criando e envolvendo em seus melodiosos acordes musicais muitas composições que se tornariam sucesso até hoje, como *Quem São Eles*, *Jura* e tantas que hoje pertencem ao inconsciente coletivo da memória popular. Seu infausto passamento se deu no dia 4 de agosto de 1929, atacado por violenta crise de hemoptise. Por proposta de José do Patrocínio Filho, Sinhô acaba sendo reconhecido como o Rei do Samba. O Pé de Anjo, Fala Meu Louro, *Eu Ouço Falar*, *Ora, Vejam Só*, *Que Vale a Mata Sem o Carinho da Mulher*, *Gosto Que Me Enrosco*, são algumas de suas jóias. Quem as produziu não morre nunca.

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 1997

SIDNEI RICARDO LEÃO

Pesquisador

Sidney Ricardo Leão é pesquisador e, através deste importante texto, revela a trajetória do movimento negro sul-matogrossense e da formação das entidades da comunidade negra.

"O movimento negro sul-matogrossense é jovem como é jovem esse Estado conhecido internacionalmente como a sede do Pantanal.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Mato Grosso do Sul surge em 1979, desmembrado do antigo Mato Grosso. O TEZ (Trabalho e Estudos Zumbi), a primeira das entidades negras no MS, foi fundado em 1985. Em virtude dessa trajetória, a pesquisa biográfica por nós realizada, reúne em sua maioria quadros jovens; entre nós, a figura do velho e experiente militante é inexistente. Ainda assim, Mato Grosso do Sul é a região do território nacional em que se travaram as batalhas da Guerra do Paraguai. Episódio da história militar que contou com o suor e o sangue de milhares de negros, escravos atraídos para o conflito sob a promessa de que ganhariam a liberdade ao final da guerra. Portanto, é de se esperar que, no futuro, as pesquisas históricas venham a constatar a existência de personalidades negras no mais longínquo passado do sul do antigo Mato Grosso. Os afro-descendentes no MS contabilizam 35% da população, segundo dados extraídos do IBGE. Além da presença dos soldados-escravos na Guerra do Paraguai, ou Grande Guerra, como é denominada em território paraguaio, sabe-se que a construção da ferrovia, concluída em 1915, atraiu muitos negros para a região, oriundos de Bauru e outras cidades do interior do Estado de São Paulo. Estas informações deverão vir à tona com o trabalho de pesquisa ainda em curso da professora Iracema Cunha Costa, da UFMS, Centro de Três Lagoas, que tem como enfoque os negros e a ferrovia no Mato Grosso do Sul. A fundação da Cidade de Campo Grande por José Antonio Pereira teria tido o auxílio de dois negros, vindos com o fundador do Estado de Minas Gerais. Mais do que isso, Tia Eva, a mais reverenciada das personalidades históricas negras no Estado, para alguns, seria também co-fundadora da capital. O trabalho de aproximação, estudo e auxílio às comunidades negras rurais tem tido avanços significativos, capitaneado pelas entidades negras do MS, sobretudo o Cedine, TEZ, AGPNMS e Coletivo de Mulheres Negras. São três as comunidades já conhecidas, Furnas de Dionísio, Furnas de Boa Sorte e Camapuã - esta bastante descaracterizada. A respeito da história desses ajuntamentos populacionais, pouco se sabe. De Furnas de Dionísio precisamos de mais dados a respeito do fundador (Dionísio). Em Boa Sorte há notícias de que um dos primeiros habitantes do lugar teria sido um senhor por nome Bartolomeu Ribeiro, porquanto, quase nada temos além disto. Vale aqui fazermos referência a Luiz Alexandre de Oliveira, um mérito professor que formou gerações de lideranças no Estado de Mato Grosso do Sul, fundador do destacado Colégio Osvaldo Cruz em Campo Grande. Como dissemos, o TEZ foi a primeira entidade a existir no Estado, fundado em 1985. Dois anos após surge o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos do Negro (Cedine). Em 1989 é a vez de ser fundada a entidade Agentes Pastorais Negros do Mato Grosso do Sul (AGP-MS). Como resultado do 1º Fórum Pró-Intercâmbio Econômico e Cultura Africana - MS de

1993, surge em 1994 o Instituto Casa de Cultura Afro-Brasileira (ICCAB). A mais jovem entidade é o Coletivo de Mulheres Negras "Raimunda Luzia de Brito", de 1997. Diante do trabalho proposto a nós pelo CNAB, nos vimos à frente de um desafio inesperado, qual seja, o de compor o quadro representativo do movimento e da comunidade negra sul-matogrossense. Registro dos mais importantes mas que nunca houvera sido realizado. Assim apresentamos essa compilação, cômicos de estar incompleta e suscinta. Contudo, nos sentimos impelidos a dar-lhe prosseguimento, para obras nacionais e mesmo regionais.

SOLANO TRINDADE

Poeta e fundador do Teatro Popular Brasileiro

No dia 24 de julho de 1908 nascia, na cidade de Recife, Pernambuco, filho de Manoel Abílio Trindade, sapateiro e comediante, Solano Trindade; aquele que viria a ser o poeta da resistência negra por excelência, como foi classificado em um dos trabalhos de João Batista Borges Pereira, citado por Zila Bernd. No judicioso entender do eminente antropólogo, a poesia de Solano Trindade consciente ou inconscientemente, coloca-se na vanguarda afro-brasileira que objetiva: "1) singularizar um grupo; 2) oferecer códigos, valores, mitos para a construção de bandeiras de combate; 3) motivar a participação de cada um nas conquistas sociais; 4) fornecer uma auto-representação étnica positiva; 5) formar o cimento moral que iria unir os indivíduos matizados pela cor e pela classe dentro de um mesmo grupo." O fato de Solano Trindade ter vivido em São Paulo os mais ativos e fecundos de seus 65 anos de existência, parece que, em amor ao Estado que o agasalhara, fizera com que este poeta pernambucano quisesse ligar-se ad perpetuum a esta terra e à sua gente, razão pela qual resolveu criar na cidade de Embú, um pólo de cultura e de tradições afro-americanas. Na qualidade de fundador e criador do Teatro Popular Brasileiro, Solano Trindade desenvolveu uma intensa atividade cultural voltada para o folclore e para as denúncias do preconceito e do racismo que impregnavam o tecido social brasileiro nas décadas de 40 e 50, tanto é que o quadro de exclusão do negro era nessa época tão visível, tão brutal e tão desestabilizador, que fez com que o eminente homem público, Afonso Arinos, criasse a Lei de número 1.390, de 3 de julho de 1951. Essa lei, com o objetivo humanitário de conter tais efeitos, por não eliminar as causas desses males, acabou por revelar profunda ineficácia, não conseguindo, no curso da vigência desse diploma jurídico, apenas sequer uma única pessoa! Solano Trindade viveu neste período e fez parte do grupos de negros e de lideranças populares e acadê-



micas que se empenhavam na luta do povo negro, tanto na prosa como na poesia, fazendo com que, no teatro e na política, o tema da negritude brasileira viesse a explodir com seu poder telúrico detonando os bolsões racistas. Isso deu oportunidade para que a nossa Constituição, de 5 de novembro de 1988, estabelecesse que a prática do racismo é crime imprescritível e inafiançável em nosso país. Segundo Zila Bernd, Solano Trindade ao oferecer a sua preciosa contribuição para a causa dos afro-descendentes, o fez dialogando com os cultores da negritude de projeção internacional, como Langston Hughes e Nicolás Guillém cujas obras penetraram no Brasil trazidas pela mão de Jorge Amado. Pode não ser copiosa a bibliografia de Solano Trindade: Poemas de Uma Vida Simples, 1944, e Cantares do meu Povo, 1963. Contudo, o conteúdo explosivo e revolucionário de suas poesias fez de Solano um dos mais lidos e citados pelas gerações de novos poetas, que se inspiram na força de sua obra e no exemplo de sua luta para tê-lo como um dos maiores e melhores artistas da negritude brasileira. Solano Trindade morreu no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1974.

1) *Negritude e literatura na América latina*, de Zila Bernd - Mercado aberto 1987; 2) *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes - Livros Técnicos Científicos Editora - 1978 - segunda edição

SÔNIA LIMA

Diretora da Federação das Mulheres Paulistas e do CNAB

Sônia Lima, natural da cidade de São Paulo, onde nasceu no dia 4 de janeiro de 1958, é filha de Maria das Dores Melo de Oliveira e Alonso Leonardo de Oliveira; casada com Evangelista de Lima, com quem tem três filhos: Alexandre, Benjamim e Katia; é avó de Vinícius e Alexandre Júnior. Sônia Lima é dessas lideranças comunitárias que emprestam o melhor de seu esforço e de sua dedicação pessoal para tornar possível e suportável a vida dos seus

Quem é Quem na Negritude Brasileira

semelhantes, com quem convive no dia-a-dia, quer no transporte, no bairro em que reside, no local em que trabalha ou na igreja que frequenta. A sua militância teve início junto ao movimento pela rede de água e esgoto no bairro em que mora até hoje com sua família: São José, na Zona Sul de São Paulo. A partir desse momento, Sônia Lima percebeu que não poderia mais parar de ser a ativista que é, sempre lutando pela melhoria de sua gente e do povo ao qual se orgulha de pertencer, que é a raça negra; hoje, Sônia Lima luta consciente de que é possível trabalhar por um Brasil melhor, mais justo e igualitário, de cujo esforço resultará uma cidade mais humana, um Estado mais democrático e uma Nação mais cristã e fraterna. Com sua filiação registrada no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Sônia Lima fez a sua opção política na convicção de que o social deve preceder o econômico para que haja tranquilidade e equilíbrio entre os membros de uma sociedade, uma vez que a paz é fruto da justiça. Sônia Lima, aos 24 anos de idade, tomou consciência de que o sofrimento do povo da região de Santo Amaro (SP) poderia terminar; o sofrimento era a falta de água; somente se mobilizando e indo para as ruas é que a Sabesp (responsável pelos serviços de água e esgoto em São Paulo), pressionada pelo protesto popular, acabaria por atender às justas reivindicações das populações unidas e organizadas em torno de um ideal. E foi o que aconteceu; depois de muitas idas e vindas dos moradores de Vila São José às assembleias, é que a Sabesp resolveu atender tais demandas, fazendo com que este líquido tão precioso e tão necessário à normalidade da vida urbana, chegasse, por via de ligações regulares, aos lares, simples, mas honrados, de centenas e centenas de residências da referida localidade. Sônia Lima, guerreira incansável, pertence também à Federação das Mulheres Paulistas, tendo sido eleita primeira secretária da entidade, em 1990, participando de seu congresso de fundação, e também do congresso de fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB). Em se tratando de viagens internacionais, Sônia Lima, em 1990, esteve na Nicarágua representando a CMB, na brigada do Café em solidariedade àquele país, na ocasião devastado pela fome e pelas dificuldades internas e externas. Sônia participou, ainda, da eleição do Sindicato da Construção Civil de Belo Horizonte, do Sindicato dos Gráficos de São Paulo e do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, em 1996. Hoje, Sônia Lima é Conselheira do Congresso Nacional Afro-Brasileiro - CNAB.



SÔNIA LÚCIA CARDOSO

Médica

Sônia Lúcia Cardoso Suignard é natural do Estado do Rio de Janeiro e nasceu no dia 8 de abril, filha de João Cardoso Sobrinho e de Elza Ribeiro Cardoso. É desquitada e tem dois maravilhosos filhos. Formada em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais, Sônia Lúcia é especializada em Pneumologia e Clínica Médica; tem, ainda, curso de Farmácia e Biquímica. Em 1978, aprimorando os seus conhecimentos técnico-científicos em Pneumologia, foi médica estagiária do "Hospitiaux des Enfants Malades", serviço do professor Jacques Chrétten, na rue de Sèvre - Paris, França. Em 1971, 1972 e 1973, Sônia Lúcia foi coordenadora da Equipe de Operações Regionais e Nacionais do Projeto Rondon, oferecendo atendimento médico gratuito à população carente dos municípios do Vale do Jequitinhonha, Unai, Vale do São Francisco e outros da região. Depois de prestar relevantes e inestimáveis serviços à população mineira, especialmente, à população afro-brasileira, como médica do Instituto Nacional da Previdência Social, Sônia Lúcia Cardoso Suignard aposenta-se com o auxílio da contagem de tempo que possuía como professora da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Sônia Lúcia tem grande renome nos meios técnico-científicos, o que lhe proporciona a oportunidade de coordenar a parte médica do Programa de Controle à Tuberculose, no setor de epidemiologia da região metropolitana de Belo Horizonte. O que é estimulante e promissor é ver hoje uma mulher negra, de porte e feição agradáveis, quase majestáticos, dominar com elegância e maturidade a terminologia de uma nobre profissão, que inclui atendimentos laboratoriais, abreugrafia, biometria médica, estratégias acadêmicas; medicina de urgência, doenças infecto-parasitárias, fisiologia e tantas outras de sonoridade semântico-gongórica, cujo uso despretenso faz parte da rotina dos profissionais da área. Isso confirma sobejamente o quanto criaturas, de procedência afro-brasileira como a



doutora Sônia Lúcia Cardoso Suignard, estão transformando o duro e amargo legado da escravidão, num ato que prova que a capacidade humana está acima e à margem das conotações étnico-raciais. Basta que as nossas elites e as nossas instituições, por decorrência, ofereçam oportunidades iguais para todos. Sônia Lúcia trafega com luminosidade, talento e competência por essa atmosfera clínica com tanta desenvoltura, que hoje, depois de haver sido eleita para compor a direção do PMDB Mulher do Estado de Minas Gerais, com todos os méritos, acaba de tornar-se candidata à deputada federal por esta legenda, para as eleições de outubro de 1998.

STELLA DE OXÓSSI

Mãe-de-santo e escritora

Uma das mais importantes ialorixás brasileiras é Mãe Stella de Oxóssi (Odé Kaiodê, nome pelo qual atende Maria Stella de Azevedo), sacerdotisa do Ilê Axé Opô Afonjá, que completou 70 anos a 2 de maio de 1995. Toda a Bahia se mobilizou para homenagear Mãe Stella, organizando o Projeto Faraimará, palavra ioruba que quer dizer abraçar, unir e que faz parte de uma saudação ao patrono da Nação Keto, Odé ou Oxóssi, pronunciada pelas pessoas do candomblé quando se cumprimentam. Olô, o araketo é faraimará, faraimará, anole, faraimará. Tal saudação significa: "Povo Keto, vamos nos abraçar em reverência a Oxóssi". A programação começou oficialmente no dia 28 de abril de 95 com a II Feira Africana de Cultura Afonjá e um seminário livre de cultura negra com a participação de Muniz Sodré, Vivaldo Costa Lima, José Carlos Capinam e Ildásio Tavares. Uma exposição com 17 artistas plásticos foi organizada no Shopping Iguatemi, além da Câmara de Vereadores haver concedido à Mãe Stella a mais alta comenda para mulheres de destaque na Bahia: a Medalha Maria Quitéria. O encerramento das homenagens deu-se no dia 1º de maio, com o show da família Caymmi, no Teatro Castro Alves. As festividades se encerraram no dia 2 de maio com a festa de aniversário no Ilê Axé Opô Afonjá. Desde 1975 à frente da comunidade-terreiro, Mãe Stella vem defendendo a especificidade cultural do candomblé, assumindo posições firmes contra o sincretismo religioso, que tem sido uma bandeira assumida pelos demais terreiros em todo o país. Segundo Ildásio Tavares, ela foi a primeira ialorixá a combater publicamente o sincretismo. Em 1983, durante a II Conferência Internacional da Tradição dos Orixás e Cultura, Mãe Stella manifestou-se contra a fusão dos orixás africanos católicos, afirmando: "nos tempos atuais, de total liberação, é bom lembrar que estas manobras devem ser abandonadas, assumindo cada um sua religião de raiz". Iniciada no candomblé aos 13 anos, teve seus estudos feitos em colégios católicos baia-

nos, fez parte da juventude cristã e pertenceu à Irmandade Coração de Jesus, no bairro de Nazaré. Trabalhou como enfermeira sanitária após se formar na Escola de Saúde Pública da Bahia, tendo se aposentado por tempo de serviço. Mãe Stella ingressou no candomblé pelas mãos de Tia Arcanja Soares de Azevedo; suas ligações com o terreiro têm raízes muito mais profundas, já que tal conhecimento veio sendo transmitido desde sua bisavó africana que passou para sua avó, Maria de Koni Bagbé. Quando assumiu o Ilê Opô Afonjá (Casa onde Xangô é o Senhor), sucedendo Mãe Ondina, foi a mais jovem ialorixá da Bahia. No entanto, a ascensão de Mãe Stella marca um fato ainda mais importante, qual seja, a continuidade da tradição do matriarcado no Opô Afonjá. Além de comandar as tarefas religiosas da comunidade-terreiro, onde vivem mais de cinquenta famílias, Mãe Stella implantou, também, alguns projetos socio-culturais. Um deles é a Escola Eugênia Anna dos Santos (Iyá Oba Biyi), fundadora do Axé Opô Afonjá, em 1910. Além de ministrar as aulas de 1º grau para cerca de 500 crianças, a escola oferece aulas de dança, percussão e artes cênicas, tendo sido criada em 1977, quando começou a funcionar com base em um convênio entre a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (Secneb), coordenada por Juana Elbein dos Santos e criada por Mestre Didi, Assobá (membro, na época, do conselho religioso do Axé Opô Afonjá); a prefeitura da cidade de Salvador e o Axé Opô Afonjá. O Museu Ilê Ohun Lai Lai (Casa das Coisas Antigas) é outro projeto, o primeiro do gênero na Bahia, já que sua função é resgatar a memória do Ilê Axé Opô Afonjá. Existem dentro do terreiro atividades que geram emprego e renda, como as oficinas de ferreiro, fábrica de bonecas e aulas de bordado. Na área verde da comunidade, há criação de animais e hortas. Mãe Stella se destaca também por ter sido a primeira ialorixá a escrever livros sobre sua religião, sendo de julho de 1993 sua última publicação, atualmente esgotada, intitulada *Meu Tempo é Agora*, da Editora Odunda, de São Paulo, com prefácio de Geraldo Machado, e que é dedicado aos filhos do Ilê Opô Afonjá. Com uma linguagem simples e direta, Mãe Stella fala das Iyá (mãe) do Ilê, desde sua criadora em 1910 "Mãe Aninha, Iyá Obá Biyi" até agora, contando detalhadamente a história de cada uma, situando seus hábitos, seus amigos e suas realizações. Fala da relação profunda de sua Tia Arcanja com o terreiro, de sua iniciação com Mãe Senhora, dos cargos existentes na casa e da relação entre religião e cultura, fetuada em seus projetos atuais. Mãe Stella busca situar ainda o filho-de-santo, explicando os diversos graus de iniciação e a hierarquia de envolvimento no terreiro com base na aquisição de axé (energia=sabedoria). As saudações rituais entre os membros da comunidade ou visitantes, as funções de cada cargo, os trajés, a maneira de ser vestir, de usar o pano da costa, a pos-

tura para a dança, bem como todo o significado litúrgico do bori, do padê e do axexê são temas do livro desta ialorixá que entende a necessidade de se manter uma tradição e uma memória daqueles que construíram uma forma própria de organizar o mundo, de sonhar com uma vida melhor, onde mitos, ritos, realizações, alegria de viver e entendimento do morrer fazem parte do cotidiano.

Texto extraído do livro "Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras", de Helena Theodoro - Editora Pallas-1996

SUELI CARNEIRO

Filósofa e liderança do Geledés

Filha de José Horácio Carneiro e de Eva Alves Carneiro, Sueli Carneiro nasceu no bairro da Lapa, Zona Oeste da capital paulista, no dia 24 de junho de 1950. Seus primeiros estudos foram feitos em escola pública, para depois bacharelar-se em Filosofia, pela Universidade de São Paulo, no ano de 1980. É mãe, separada do marido e tem uma filha, Luanda, de 17 anos, de quem muito se orgulha. A partir dos anos 70 entra em contato com lideranças do movimento feminista e do movimento negro e começa sua militância contra o sexismo, o racismo e todas as formas de preconceito, o que se transforma em seu projeto de vida. Como ativista deste tipo de luta, Sueli Carneiro torna-se membro fundadora do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, entidade que se constituiu na primeira organização de mulheres negras de São Paulo, ali pelos anos de 1984. De 1986 a 1988, Sueli é escolhida conselheira e secretária-geral do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, função que exerceu com brilhantismo ao apresentar programa de políticas públicas com o objetivo de alterar o clima de injustiça e de desigualdade social que tanto afeta a mulher negra brasileira. Em parceria com Thereza Santos, Sueli Carneiro publica o livro *Mulher Negra*, pela Editora Nobel em co-edição com o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, assim como o *Calendário Institucional*, por iniciativa deste mesmo Conselho, em homenagem às mulheres negras do Brasil, isto no ano de 1987 recuperando a nossa história. "O nome de Sueli Carneiro adquiriu projeção nacional como liderança do Geledés - Instituto da Mulher Negra. Articulista das mais ágeis e presentes na hora e no lugar certo, Sueli Carneiro produziu e publicou inúmeros artigos, ensaios, monografias, quase todos versando sobre a questão afro-brasileira relacionada com a luta e a valorização da mulher negra, como A Organização Nacional das Mulheres Negras e as Perspectivas Políticas; O Poder Feminino no Culto aos Orixás; Identidade Feminina; Respostas da Sociedade Civil à Pres-



são de Gênero e Raça; O Candomblé; etc. Contudo, dentre todas as realizações, a que considera a mais importante é a criação, juntamente com outras mulheres negras, em 1988, do Geledés - Instituto da Mulher Negra, do qual é a sua coordenadora executiva. Esta organização, não-governamental e sem fins lucrativos, é uma entidade de mulheres negras voltada para o combate frontal e diuturno contra a discriminação racial, sexual e a violência, empenhada neste esforço de soerguimento e valorização. Esta entidade surgiu, também, do entendimento de que as mulheres negras devem assumir a responsabilidade de encaminhar politicamente as questões específicas e interferir, através de seu ponto de vista, nas questões gerais da sociedade brasileira e da população negra em particular." Isto é conseguido através de programas de Direitos Humanos, de Saúde, de Comunicação e de capacitação profissional. Com vistas à implantação destes objetivos fundamentais, Sueli Carneiro, tem feito várias viagens ao Exterior para captação de recursos e na busca de novas técnicas e parcerias que permitam alcançar tais desideratos, tão nobres e necessários à sobrevivência e ao bem-estar da mulher negra brasileira.

SYNVAL SILVA

Compositor e cantor

No dia 14 de março de 1911, nascia em Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora, o menino Synval Machado da Silva, que viria a ser, mais tarde, o popular sambista e compositor, conhecido apenas por Synval Silva. Este cantor tornou-se famoso, entre outras coisas, por haver aceitado de Carmem Miranda o desafio de lhe fazer uma música tão bonita, capaz de repetir o sucesso alcançado por uma outra de sua lavra, *Ao Voltar do Samba*, anteriormente interpretada pela "Pequena Notável". Desafio aceito, Synval Silva não se fez de rogado e parte para produzir *Coração*, que se tornou um dos maiores êxitos de Carmem Miranda, em 1935. Filho de pai clarinetista, o jovem Synval, passa a estu-

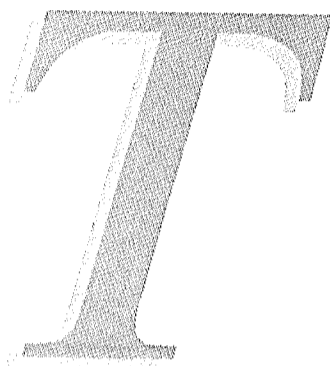
dar com o professor de seu próprio irmão, com quem aprende a tocar viola, preparando-se para fazer parte da banda musical da cidade, sem contudo, deixar de trabalhar como mecânico e como motorista, com o que garantia seu sustento e mantinha suas despesas. A valsa *Lua de Prata* é uma das composições musicais do noviço, feita em 1927. Encorajado pelos primeiros resultados como compositor, muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a residir no Morro da Formiga. "Bom violonista, não demorou a ser convidado para tocar no Regional de Jorge Nóbrega, na Rádio Mayrink Veiga. Em seguida, passou a fazer parte do Regional Good Bye, ainda na mesma emissora. Foi quando Assis Valente, em 1934, o apresentou à Carmem Miranda". Bastou esta apresentação para que Synval se transformasse em compositor preferido da portuguesa cantora, abrindo caminho para que outros intérpretes de nosso samba passassem a procurá-lo com assiduidade. Aurora Miranda, irmã de Carmem, lança a marcha *Amor! Amor!* e o samba *Moreno* em 1930; *Saudade de Você* e *Gente Bamba* é gravado na voz de Carmem Miranda. Orlando Silva e Odete Amaral interpretam, *Agora É Tarde* e *Alma de Um Povo*, em 1938. O samba *Madalena Se Zangou*, feito por Synval, em parceria com Ubemar Santos, é cantado pelo Trio de Ouro. É dentro desse clima de intensa atividade que Synval



Silva torna-se um dos fundadores da Escola de Samba Império da Tijuca, em 1940. Sua produção musical parece inesgotável. É desse mesmo ano o seu samba *Geme, Negro*, em co-autoria com Ataulfo Alves e cantado por este, com grande sucesso. Os Estados Unidos o acolhem e ali permanece por 6 meses, no início da década de 50, quando esteve

visitando a sua grande amiga Carmem Miranda. "A convite do governo americano, o compositor brasileiro integrou, ao lado da 'Pequena Notável', um show que percorreu o país do Atlântico ao Pacífico, divertindo os soldados hospitalizados e aqueles que iam embarcar para a guerra da Coreia (1950-1953)". Como os direitos autorais, em nosso país, não dão para ninguém sobreviver, Synval, de volta ao Brasil, retorna para a sua profissão de mecânico sem, com isso, deixar de compor. Em 1968, participa com *Marina* da I Bienal do Samba da Rádio Record, música defendida pelo cantor, Noite Ilustrada. Em 1972, Synval Silva, em companhia de Mano Décio da Viola, Xangô da Mangueira e de outros sambistas do Rio de Janeiro, apresenta-se, em São Paulo, como integrante do Batuk-Show, ocasião em que canta o seu samba-enredo da Escola de Samba Império da Tijuca, feito em parceria com Jorge Melodia, com o nome de *Brasil, Explosão do Progresso*. Synval grava com o selo da RCA um LP interpretando sete músicas antigas e ainda o *Amor e Desencontro*, composição para a sua Escola de Samba Império da Tijuca, intitulado *As Minas de Prata*, em co-autoria com Mauro Afonso e Jorge Melodia. Afastando-se, a partir daí, dos meios artísticos veio, a falecer no dia 14 de abril de 1994.

História do Samba - Editora Globo - 1997



TAÍS ARAÚJO

Atriz e modelo

Taís Bianca Gama de Araújo, seu nome de batismo, traz nas veias o sangue da raça austríaca, mas prefere ser chamada de negra do que de "mulata". Filha de uma professora e de um economista, a garota começou a trilhar sua carreira aos 9 anos, quando entrou num curso de modelo. Lá mesmo foi incentivada pela diretora Maria Rosa a procurar uma escola de dramaturgia. Dois anos depois, a menina ingressou no Teatro de Lona da Barra, na Barra da Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro, onde mora com os pais e a irmã, Cláudia Andréia, de 24 anos, que este ano se forma em Medicina. Do curso perto de casa, partiu para a CAL - Casa de Artes de Laranjeiras. Aos 13 anos voltou por acaso ao mundo dos *flashes*. Foi incentivada pelo cabeleireiro Beto Caramanhos a fazer um *book*, e acabou sendo chamada pela agência de modelos *Classic*, do Rio de Janeiro, e pela *Ford Models*, em São Paulo. Apesar de integrar o elenco de duas grandes agências, não atua como modelo há quase dois anos, desde



Luciana Avelar

que começou a se dedicar à carreira de atriz. Diz que não tem tempo para conciliar as duas profissões. No teatro, seu primeiro trabalho profissional foi o infantil *Procurasse um Amigo*, de Kátia D'Ángelo, que na época ficou mais de um ano em cartaz no Rio. Hoje, aos 18 anos de idade, Taís Araújo é uma estrela. Sua estreia na televisão ocor-

reu na telenovela *Tocaia Grande*, onde seduziu o público como a personagem Bernarda. Aos 17 anos, desbancou mais de 120 candidatas à vaga de *Xica da Silva* para a telenovela da Rede Manchete, papel que já foi de Zezé Motta no cinema. Essa carioca da gema foi escolhida pelo próprio diretor Wálter Avancini para ser a protagonista da trama vivida no *Arraial do Tejuco*, hoje Diamantina, Estado de Minas Gerais, no século XVIII. Em função de sua atuação na Rede Manchete foi contratada pela Rede Globo para participar da novela *Anjo Mau* onde encarnou a personagem Vivian, uma ex-menina de rua, adotada por uma senhora negra, que lhe oferece oportunidade de estudar e completar o ensino superior, trilhando uma carreira de sucesso. Embora ainda muito jovem, Taís de Araújo já tem seu nome escrito na história da dramaturgia brasileira ao tornar-se a primeira protagonista negra de uma novela na história da televisão brasileira.

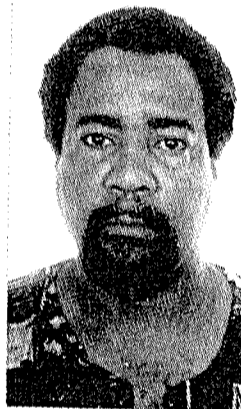
Texto de Elaine Inocêncio.

TALIS FERNANDO ROSA DA ROSA

Líder afro e comunitário

Talis Fernando Rosa da Rosa, nascido em 20 de novembro de 1959, é natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Presidente do Grêmio de Estudantes do Colégio Municipal Pelotense na década de 70, foi fundador do 1º Movimento Negro de Pelotas (MONPEL). Foi presidente do Diretório Acadêmico de Matemática da UCP Universidade Católica de Pelotas e dirigente do DCE-UCPEL, na década de 75; membro da Executiva do 1º ENEN na década de 90, organizador de 1º encontro de negros e negras do CONESUL realizado em Montevideo em 91; secretário-adjunto do Instituto Solano Trindade/RS; membro da

executiva municipal e estadual do PT/RS. Foi candidato a vereador em Pelotas em 88 e candidato a vereador em Porto Alegre, 96. Atualmente é presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim das Pedras II que congrega uma creche comunitária e tem 200 crianças carentes da raça negra; exerce o cargo de coordenador de Temática Educação, Cultura e Lazer do gabinete do prefeito municipal de Porto Alegre e coordenador da região sul do orçamento participativo. É, ainda, coordenador do grupo Zumbi Vive/RS; foi membro e construtor da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo e secretário-executivo da Marcha dos 300 anos a Brasília.



TEBAS - O ESCRAVO

Escultor

Jaélson Bitran Trindade em seu magnífico artigo intitulado *Arte Colonial: Corporação e Escravidão*, inserido no livro *A Mão Afro-Brasileira* organizado por Emanuel Araújo, nos revela, entre outras considerações, que o "poeta Tomás Antonio Gonzaga nos mostra que, além dos regulamentos de taxações dos ofícios, existe o arbítrio claro, direto, do poder. O trabalho bruto nessa época era feito, diz Gonzaga, pelos quilombolas apanhados e pelos "galés", presos obrigados a trabalhar, geralmente mulatos e pretos forros. E foram ainda coagidos a trabalhar os brancos pobres tidos como vadios"

(dados extraídos do livro de Tomás Antonio Gonzaga, *Poesias e Cartas Chilenas*). O que se deduz, com base no artigo de Jaelson Bitran Trindade, é que a ordem escravista só subsistia graças ao talento e à habilidade de negros, mulatos e mestiços de gênio, como Joaquim Tebas, que atuou largamente na cidade de São Paulo, contando, para tanto, com “circunstâncias especiais”, iguais as de que se serviram Mestre Valentim e Aleijadinho, nos ambientes em que viveram e desenvolveram a sua arte. Tebas, na ocasião, era escravo do grande mestre pedreiro que gozava de particular renome na região de Santos – província de São Paulo; o seu proprietário era Bento de Oliveira Lima que mais tarde muda-se para a capital paulista, onde falece subitamente, em 1769, num momento em que Tebas encontrava-se a seu lado e o mestre fazia o frontispício da Sé. Presuntivamente, Joaquim Tebas teria nascido em 1733, pois na época da morte de Bento de Oliveira Lima, Tebas tinha 36 anos de idade. É importante ressaltar que, na maior parte dos casos, tais artistas – Mestre Valentim, Aleijadinho ou Manoel da Cunha – eram nascidos de mulheres negras, algumas forras, outras não, com pais brancos. Eles se projetavam na vida das comunidades locais como grandes artesões, excedendo-se na maestria do ofício a que se dedicaram, deixando valiosos patrimônios em matéria de bens artísticos que hoje estão sendo reconhecidos, inclusive, por grande parte da Humanidade. Segundo estudos feitos sobre a vida e a arte de Tebas, este teria alcançado a sua alforria em 1776, cujo preço exigido para que tal acontecesse foi pago com o suor de seu trabalho. É a partir daí que Joaquim Tebas passa a assinar na condição de mestre e não mais submetido a seu amo, já que este havia morrido. É também, no ano de 1776 que o frontispício da Igreja dos Terceiros do Carmo de São Paulo chega à sua conclusão final. Tebas, naquele momento, “é o único oficial de pedreiro com maestria do ofício” que se encontrava à disposição da cidade de São Paulo. Ele tudo fez para que a primazia do lugar de profissional exclusivo, não fosse ocupada por quem quer que seja, “conseguindo que as Terceiras se obrigassem a não admitir outro pedreiro em lugar de mestre”; na verdade o seu bom nome e a qualidade de sua arte davam-lhe condição para fazer tais exigências, uma vez que “o valor como escravo é espantoso para a época; enquanto que os preços mais altos de oficiais escravos na sua faixa etária ficam na média de 150\$000 reis, ele é avaliado em 400\$000, em 1769”. Como observa Jaelson Britan Trindade, o Tebas e o Cunha são os únicos casos documentados de artistas proeminentes que se desenvolveram ainda na condição de escravos.

Mão Afro-Brasileira - livro organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1988.

TEIXEIRA E SOUZA

Escritor

Teixeira e Souza - Antônio Gonçalves Teixeira e Souza - nasceu na cidade de Cabo Frio, Rio de Janeiro, no dia 28 de março de 1812 e faleceu naquele mesmo Estado, em primeiro de dezembro de 1861, quatorze dias, portanto, da morte de seu protetor, Paula Brito. Era místico e pertencia a uma família humilde. Sempre precisou trabalhar para manter seus estudos e para viver razoavelmente, percorrendo várias cidades do interior fluminense. No Rio de Janeiro, trabalhou na tipografia de um verdadeiro mecenas, Paula Brito, a quem Machado de Assis, que tanto se beneficiou da generosidade desse mulato, dedicou estas significativas palavras: “Paula Brito foi um exemplo raro e bom... Era também amigo, era sobretudo amigo. Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava, estendia-lhe, quanto podia, a sua proteção”. Teixeira e Souza, no convívio de Paula Brito, veio a conhecer vários e grandes nomes das letras nacionais, dando início à sua carreira de poeta e de romancista. Segundo os críticos, a sua obra não alcançou, em qualidade, o mesmo nível dos poetas e escritores brasileiros mais conhecidos. Contudo, cabe-lhe o mérito de, com o romance, *O Filho do Pescador*, publicado em 1843, ser um dos precursores deste gênero literário em nosso país, com isso “levando incontestavelmente a primazia sobre *Máximas de Virtude e Formosura*, da paulista negra, Teresa Margarida da Silva Orta, (1711 a 1787), escrito 91 anos antes”. Primazia, por uma razão muito simples, conforme considerações de Oswald de Camargo – esta escritora citada por Aurélio Buarque de Hollanda, não poderia ser vista como uma escritora brasileira; seu romance nada reflete de nosso meio, muito embora ela tenha nascido no Brasil. Teixeira e Souza nasceu da união do negociante português Manoel Gonçalves com a negra Ana Teixeira de Jesus, também de Cabo Frio. A independência do Brasil, ocorrida em 22 de abril de 1822, afetou a vida de comerciante do pai do escritor Teixeira e Souza, de tal modo, que se viu obrigado a desfazer-se de seus bens acumulados até então, liquidando o seu estabelecimento, “para não lesar os seus credores”. Teixeira e Souza consegue, por intermédio de Joaquim Nabuco, a sua nomeação para escrivão de juiz da 1ª Vara do Comércio da Corte, emprego que lhe assegura uma vida cômoda e estável. Poeta e romancista, a sua posição na literatura é, sobretudo, de romancista “histórico”, sendo o primeiro, no começo do Romantismo, a dedicar-se ao gênero, dando-lhe feição definitiva, como bem afirma Heron de Alencar. Sua obra influenciou os que viriam a trilhar a senda aberta por ele em nossa vida literária. O fato de o romance *O Filho do Pescador* vir sublinhado por subtítulo – “romance brasileiro” revela a preocupação nativista, ou melhor, nacionalista de Teixeira, em cuja ideologia se envolveriam

Manoel Joaquim de Macedo, José de Alencar e tantos outros. Teixeira e Souza pode ser considerado como o poeta da Independência do Brasil, por haver escrito à maneira de Camões, 12 cantos de oito versos com o título *A Independência do Brasil*, poema em louvor ao grito de Dom Pedro I que ecoou às margens do Ipiranga para todo o país, através do qual nasceu a brasileira nação. Escrito por um descendente de africano, não se cogita aqui, se Teixeira e Souza o fizera por interesse subalterno ou por sentimento pátrio, o importante é que, artesão da palavra escrita, conseguiu inserir-se no principal contexto da história da nossa literatura. Até há pouco tempo, poucos eram os que sabiam que este homem letrado era um mestiço com fortes vínculos prendendo-o à negritude brasileira.

1) *O Negro Escrito*, de Oswald de Camargo, Secretaria de Estado da Cultura - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - 1987; 2) *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Ministério da Educação - 1990

TEODORO SAMPAIO

Geógrafo, engenheiro e historiador

Teodoro Fernandes Sampaio, mais conhecido por Teodoro Sampaio, foi o grande negro, a que a historiografia não dá muito destaque, em razão de sua origem negro-africana. Teodoro Sampaio nasceu em Santo Amaro, Estado da Bahia, em 1855. Foi geógrafo, historiador e engenheiro civil. É nessa condição que participou de uma comissão de engenheiros incumbida, por Cansação de Sinimbu, de estudar quais as formas para melhorar os portos brasileiros e a navegação no interior dos rios que desaguavam no Oceano Atlântico. Foi aí que Teodoro Sampaio veio a travar conhecimento com Orville Derby, geólogo e geógrafo norte-americano que percorreu a maior parte do Rio Amazonas, estudando-o geologicamente, em 1870; passando a acompanhar o ilustre cientista em suas navegações e estudos no Vale do Rio São Francisco. Com isso, Teodoro Sampaio adquire uma vasta bagagem de conhecimentos da região, o que o levou a publicar seus trabalhos na revista *Santa Cruz* de São Paulo, com o título *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*, em 1906. A Chapada Diamantina, neste caso, tratava-se da divisão fisiográfica no Estado da Bahia, que hoje se distribui por dezesseis municípios. Esta denominação quer designar um tipo característico de relevo que se estende por grandes e amplas superfícies elevadas que, no mais das vezes, alcançam mais de 500 metros de altura, fenômeno geológico muito comum das regiões do Centro-Oeste. Teodoro Sampaio como homem de pensamento e estudioso dos nossos fenômenos naturais, sempre se mostrou interessado em registrar em seus apontamentos a história dessas áreas visitadas por ele e pela missão de Orville Derby de que fizera parte. O seu trabalho, *O Rio São Francisco e a*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Chapada Diamantina despertou, na ocasião, tanto interesse, que o mesmo acabou sendo reimpresso mais tarde para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, no Rio de Janeiro, em 1937. Estes seus estudos transformaram-se em livro, posteriormente. Teodoro Sampaio publicou diversos livros, entre os quais, *O Tupi na Geografia Nacional - 1901*, o *Atlas dos Estados Unidos do Brasil - 1908*. Em 1922, ano do primeiro centenário da Independência do Brasil, Teodoro Sampaio "escreve para a introdução geral, do 1º Volume do *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, os capítulos segundo, terceiro e sétimo (Geografia do Brasil, hidrografia, cachoeiras, saltos, lagos, minerais e constituição geológica)". Teodoro Sampaio formou-se na primeira turma de engenheiros civis da Escola Politécnica da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1877. Era, ainda, professor de História, Geografia e de Matemática de cujas matérias era especialista, lecionando para alunos de diversos colégios. Os préstimos profissionais de Teodoro Sampaio encontram-se também em São Paulo, quer como chefe da Companhia Cantareira, quer como sanitaria e consultor para as áreas técnicas ligadas ao serviço de água e esgoto, além de ser um dos organizadores da *Escola Politécnica de São Paulo*. Teodoro Sampaio ainda era um tucupinólogo de escol, segundo nos revela o pesquisador Noedi Monteiro, intelectual negro da cidade de Piracicaba.

1) *Grande Enciclopédia Delta Larousse - Editora Delta - 1970*; 2) *Mais que Vencedores, de Noedi Monteiro - 1997*

TEREZINHA RIBEIRO

Liderança feminina e pintora

Terezinha Ribeiro de Barros nasceu na cidade mineira de Pocinhas do Rio Verde, no dia 23 de agosto de 1942 e é filha de Dona Isaura R. de Oliveira e de Gaspar Ribeiro. Com curso superior na área de Ciências Biológicas e formada em Administração Hospitalar e em Saúde Pública e Enfermagem pela Universidade de São Paulo, em 1975, Terezinha Ribeiro complementa seus estudos e seu cabedal de especializações; demonstrando particular interesse pela área da saúde, participa de inúmeros simpósios, encontros, palestras, conferências e demais eventos desse porte, como a oportunidade que teve de se fazer presente ao Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, dessa vez na qualidade de relatora do tema, *A Saúde da Mulher Negra*, realizado, em 1989, em São Paulo. Na verdade, a atuação de Terezinha Ribeiro tem caráter tridimensional, em torno do qual está programado o curso de sua vida que se divide em três vertentes básicas: Enfermagem, Arte Pictórica e Movimentos Comunitários. Na Enfermagem, tornando-se "enfermeira padrão", podemos dizer, sem receio de co-



meter exageros, que Terezinha Ribeiro preparou-se para ser "A Boa Enfermeira que Não Deixa a Dor Doer", anúncio, aliás, que correu mundo divulgando as propriedades terapêuticas de um certo produto farmacêutico muito em voga, ali pelos idos de 1940. Frequentando vários eventos de natureza científica, ligados à sua especialização, Terezinha Ribeiro ia aperfeiçoando os seus conhecimentos, habilitando-se para o exercício da nobre profissão que abraçou como quem abraça um sacerdócio. Na área da arte pictórica, demonstrando extrema capacidade criadora e mestria, Terezinha Ribeiro se faz pintora nitidamente inclinada para a escola figurativa, onde suas telas, de arranjos florais, por exemplo, ao refletirem intensa luminosidade, nos deslumbram por sua graça e singeleza. Seus quadros, depois de serem expostos em inúmeros salões, individuais ou coletivos, diversos deles já fazem parte hoje de coleções públicas e particulares. Para Terezinha, a pintura, mais do que um simples prazer, constitui-se numa sublime afirmação de seu talento e de sua sensibilidade humana. Já no campo das atividades comunitárias, esta mulher que se orgulha de sua ascendência afro-negra pode e deve ser incluída ao lado dos que estão empenhados em servir à causa do bem comum. Haja vista sua presença constante em movimentos como o Tribunal Winnie Mandela, organizado por lideranças femininas, em parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil, com o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, com o Conselho Estadual da Condição Feminina, abordando, a violência contra a mulher negra, a discriminação da mulher negra no mercado de trabalho e, ainda, a mulher negra e a ordem econômica e social, onde Terezinha Ribeiro, ou como parte das organizadoras ou como participante, esteve sempre presente, solidária e ativa. Não é sem motivo que Terezinha Ribeiro de Barros é hoje comendadora do Mérito Cívico e Cultural num reconhecimento público desta senhora negra combativa e virtuosa que serve de exemplo para negros e brancos da presente geração.

TESTA

Velha Guarda da Vai-Vai

Através do texto da jornalista Maria Fernanda Vomero, Testa, da Velha Guarda da Vai-Vai, rememora seus momentos mais preciosos e os da sua Escola

Um dos personagens que podem ser considerados raiz do Vai-Vai é Wilson Campos do Amaral, o Testa, apelido de origem desconhecida: "Isso aí veio do meu pai, que era antigo do bairro, chamava-se Testa, e eu fiquei sendo o 'Testinha'. Como cheguei agora a uma certa idade, passei a ser o 'Testa'". São 60 anos de vida, 60 anos de Bixiga, e boa parte deles dedicados ao Vai-Vai. Nascido na rua Abolição, numa casa que hoje não existe mais, Testa também recebeu o fascínio pelo samba no sangue. "Isso aí começou de pai pra filho. A minha mãe, o meu pai frequentava o Vai-Vai. Aí com 10, 11 anos, comecei a sair direito, que aí eu já me entendia com alguma coisa. Daí continuei saindo no samba até hoje".

"Já no colo eu frequentava a Vai-Vai"

Sua história com o Vai-Vai é longa. "Eu, quando era jovem, saía na bateira, era percussionista. E, de escola de samba, até hoje, acho que eu conheço um pouco, viu? Assim, de montagem e coisa, eu conheço bem porque eu venho de longas e longas, já fui diretor de harmonia aqui no Vai-Vai muitos anos... Eu sou um dos fundadores da harmonia no Vai-Vai. Eu fui conselheiro, fui diretor, diretor de bateria... Se você ficar conversando sobre o Vai-Vai, nós vamos precisar de uma semana. Conheço isso a fundo..."

Testa é saudosista, como todos os membros da Velha Guarda da escola de samba. Ainda mais que quando se lembra do cordão, sinônimo de tempos bons. Recordações que se transformam em desejo de reviver aqueles momentos... "Eu sonho em ver o branco, a coisa mais linda que eu já vi, sabe, com aquelas perucas..." Brinca com o amigo Zé Antonio, também da Velha Guarda, que acompanha o desfiar de lembranças. "Ih, você era molequinho ainda... Coisa mais linda do mundo! Tô mentando?"

- Tempo do cordão - os olhos de Zé Antonio estão distantes

"Do cordão... Coisa muito linda, era muito lindo". O olhar de Testa também se perde num misto de passado remoto e passado recente. "O cordão era só preto e branco, dourado e prateado. Era muito lindo... Era onde a gente ria e chorava. Nós temos até uma melodia que diz assim: 'Se você não sai é por culpa sua/ Saiba que o Vai-Vai está na rua/ Bem que lhe avisei e você não sabia/ Por que não arrumou a chorar / Quando o Vai-Vai passar...' E eu chorava, chorava, inclusive aqui, no bairro aqui, quando chegava a Segunda-feira que o Vai-Vai desfilava aqui,

Nossa Senhora! Era um movimento tremendo, quando o Vai-Vai desfilava, porque era de lei desfilarem aqui no bairro. Era a coisa mais linda do mundo. Vinha gente de São Paulo inteiro, né? E eu acompanhei tudo isso, acompanhei, sofri, sem querer eu sofri". O cordão desfilava no Bigi, na Avenida São João, no Parque Dom Pedro, entre outros lugares, segundo a memória de Testa. Parque Dom Pedro, olhe só, hoje em dia é um terminal. "Era lá que nós desfilávamos. Ah, eu me lembro, eu era pequeno, não entrava menores, então minha mãe, o meu pai, eles entravam e eu ficava com minha tia, no colo, fantasiado de baliza como o Genésio!" Genésio: o melhor baliza que o Va-Vai e São Paulo já tiveram, é que todos dizem. "É coisa muito linda! Eu era feliz e não sabia!" Risos. Alguém duvida? "É verdade, eram tão felizes aqueles tempos... Era uma comunidade onde todo mundo conhecia todo mundo, havia um devido respeito muito grande entre os componentes que tavam lá. Mas era muito bacana."

THALES DE AZEVEDO

Catedrático em antropologia e etnografia; foi membro da Academia Brasileira de Letras

Thales Olympio Góes de Azevedo, natural da cidade de Salvador (BA), nascido no dia 26 de agosto de 1904, doutorou-se em Medicina com distinção, com a instigante tese, para a época, subordinada ao tema *Fibriomias do Útero* e, nesta qualidade, tornou-se o organizador e o primeiro diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Thales de Azevedo, por vários anos, exerceu a profissão de médico e publicou *Gaúchos*, notas de Antropologia Social, em 1943. Dedicou-se Thales de Azevedo ao ensino e à pesquisa no campo antropológico e, como professor, lecionou Antropologia e Etnografia na Faculdade de Filosofia da Bahia. Ao lado do prof. Charles Wagley, Thales de Azevedo dirigiu o Programa de Pesquisas Sociais: Estado da Bahia-Columbia University, em consequência de um convênio estabelecido entre esta Universidade e o governo da Bahia. Na condição de professor visitante, Thales ensinou na Columbia University, na University of Wisconsin, na Universidade Técnica de Lisboa e na Escuela de Estudios Antropológicos de Madrid, na Espanha. Além dessas, como conferencista, esteve aproximadamente em 15 unidades universitárias do Exterior e em inúmeras universidades brasileiras. Na qualidade de homem de alto saber, Thales

de Azevedo publicou diversas e variadas obras, sendo que as mais importantes são as que tratam de democracia racial: *Ideologia e Liberdade*. Thales de Azevedo era filho do farmacêutico Orlando Olimpio Pinto de Azevedo e da professora Laurinda Góes de Azevedo e neto do Dr. José Olimpio de Azevedo, catedrático de Química da Faculdade de Medicina da Bahia da qual chegou a ser diretor. Com se nota pelos seus dados biográficos, a vida de Thales de Azevedo foi toda ela dedicada ao mundo acadêmico e aos afazeres intelectuais, por cujo esforço foi condecorado com um número grande de honrarias e de láureas, entre as quais se destacam a de professor *honoris causa* da Universidade Católica de Salvador, a de cavaleiro da Ordem de São Silvestre, o Prêmio Aliança da Bahia. Talento multifacetário e sensibilidade à flor da pele, Thales de Azevedo pôde dar-se ao luxo de ser novelista, poeta, historiador, jornalista, artista plástico e de ter sido eleito para a Academia de Letras da Bahia e para Academia Brasileira de Letras, em 1950. Thales de Azevedo dizia em seus livros que "não faltam evidências de que no Brasil a inteiração de brancos com pretos e pessoas de cor em geral é excepcionalmente tranqüila e de que o preconceito, a discriminação e as preterições por motivos de 'raça', são repelidos como antagônicos dos valores abertamente aceitos. Inexistem expressões ostensivas

Talento multifacetário, Thales pôde dar-se ao luxo de ser novelista, poeta, historiador, jornalista, artista plástico e de ter sido eleito para a Academia de Letras da Bahia e para Academia Brasileira de Letras

de segregação de um grupo pelo outro". Até onde isso é inteiramente verdade e até onde "na prática a teoria é outra", eis a questão. Esta discussão até hoje perdura, mesmo tendo decorrido mais de meio século, se colocarmos como parâmetro de referência a década de 1950, em que Thales de Azevedo esteve à frente do Comissariado instituído pela UNESCO para realizar estudos sobre as relações raciais na Bahia, e a promulgação de lei que se convencionou chamar de "Lei Afonso Arinos", de 1951 que se revelou inócua, propiciando o aparecimento da "Lei Caó", na Constituição de 1988. Faleceu em 1995.

1) *Dicionário Literário Brasileiro*- LTC Editora, 1978;

2) *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, Ministério da Educação, 1990.

THEODOSINA ROSÁRIO RIBEIRO

1ª deputada negra da Assembléia Legislativa de SP

Theodosina Rosário Ribeiro é uma das mulheres negras que melhor representa o esforço, a abnegação e o espírito insubmisso do povo afro-brasileiro. Filha do capitão José Ignácio do Rosário e de dona Rosa do Rosário, nascida na

cidade de Barretos, São Paulo, no dia 29 de maio de 1930, Theodosina Ribeiro é formada pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de Mogi das Cruzes (SP), e, em Direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU - (SP), assim como

em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e em Administração Escolar pelo Instituto de Educação Anchieta. Esta mulher negra, determinada e laboriosa, coloca-se no contexto social brasileiro como uma luminosa referência porque, valendo-se de sua vitalidade e de sua inteligência, conseguiu quebrar tabus e mais tabus para projetar-se à frente e acima dos limites impostos pela "linha da cor", demarcada pela sociedade branca e dominante em nosso país. Assim como "a evolução cultural brasileira e o empobrecimento gradativo das antigas famílias tradicionais levaram a mulher da classe média aos bancos escolares, às universidades, bem como às repartições e públicas e aos cargos políticos" nos termos como Helena Theodoro chama-nos a atenção, nota-se, também, que a mulher negra, ainda que retardatariamente, não mais se sujeita a ser simples doméstica ou mera babá, e procura novos rumos para a sua emancipação sócio-econômica. Basta que se dê uma rápida passada de olhares no *currículo* de Theodosina Rosário Ribeiro, para admitir-se como eram ambiciosas as aspirações de progresso cultural, profissional e material de mulheres negras que se puseram de pé, para transformar em casa-grande as senzalas em que grande parte de seus irmãos de raça viviam confinados secularmente; mulheres com dotações culturais e apetrechadas com cursos técnicos especializados em diversos ramos do saber, particularmente nos da área pedagógica, como Theodosina. Na verdade, ela acabou graduando-se em "política aplicada", pois colocando o seu nome à disposição dos eleitores, em que pese muitos alegarem que "negro não vota em negro", foi contemplada com uma consagrada votação, em 1970, para vereadora da capital paulista e, em 1974 e 1978, para deputada à Assembléia Legislativa de São Paulo. A atuação desta vereadora e devotada negra, a primeira a ser eleita com expressiva votação no Estado, foi toda ela voltada para as questões relacionadas com o ensino, com a comunidade negra e com os problemas de natureza social, vendo vários de seus projetos transformados em lei, o que, sem dúvida, explica o fato de Theodosina ter sido eleita e reeleita em sucessivos períodos legislativos. Em consequência, comendas, láureas, títulos de benemerência e honoríficos coroaram, até com



certa prodigalidade, a brilhante carreira política e as inúmeras atividades propiciadas pelo exercício de cargos e encargos tão importantes e significativos, tanto para a professora Theodosina Rosário Ribeiro como para a comunidade afro-brasileira, que ela tão bem soube representar e honrar com altivez, eficiência e dignidade.

THEREZA SANTOS

Atriz e publicitária

Para esta excepcional guerreira negra me valerei literalmente das sábias considerações exaradas pela escritora Helena Theodoro, que, a seu respeito em seu livro *Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras*, diz seguindo do alto de sua autoridade intelectual: "Publicitária, atriz, diretora de teatro, carnavalesca. Autora, com Eduardo de Oliveira e Oliveira, da peça teatral *E Agora... Falemos Nós*. Foi registrada como Jaci dos Santos, mas todos a conhecem como Thereza Santos. Participou, em 1973, na África, da luta pela independência da Guiné-Bissau, desenvolvendo um trabalho na área cultural e na alfabetização nos territórios livres com os guerrilheiros. Dirigiu o setor de Teatro do Ministério da Educação e Cultura da Guiné após sua independência. Em Angola, esteve a partir de 1976 a convite do presidente Agostinho Neto dirigindo o Departamento Nacional de Teatro do Ministério da Cultura. Chefiou a Delegação artística de Angola no II Festival de Arte Negra, na Nigéria, em 1977. De volta ao Brasil em 1979, assumiu a coordenação de Rádio e TV da Norton Publicidade, passando também a escrever enredo para as Escolas de Samba: Mocidade Alegre, Nenê de Vila Matilde, Camisa Verde e Branco, tendo obtido o campeonato de 1980 da Mocidade Alegre, com o enredo *Embaixada de Many Sovo e Many Bamba*. Com outras companheiras do movimento negro funda o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo, no Conselho Estadual da Condição Feminina. Foi assessora da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo de 1984 a 1985 e fundou a Associação Cultural Agostinho Neto, da qual é diretora de Cooperação, Solidariedade e Eventos. Thereza Santos vem, desde 1987, atuando como assessora de Cultura Afro-Brasileira da Secretaria de Estado da Cultura de São

"Nenhum produtor branco queria jogar um centavo em um grupo teatral negro. Por outro lado, um produtor branco não iria também chamar uma diretora negra para dirigir um espetáculo com atores brancos"

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Paulo, onde desenvolveu projetos importantíssimos, como o Perfil Internacional de Literatura Negra, Projeto Kizomba, Projeto Consciência e Liberdade. Seu nome foi amplamente cogitado como candidata a vice-governadora da chapa encabeçada por Almino Afonso, tendo recebido mais de 10 mil votos em sua candidatura a deputada estadual. Thereza Santos, além de todas as suas realizações e posicionamentos, é uma pessoa sensível, a quem se pode chamar de "Irmã" todos os momentos de sua vida têm implicações profundas com a afetividade, a doação, a solidariedade. Não se pode pensar em Thereza sem um intenso sentimento de carinho, mesclado com admiração e respeito. Sua vida de mulher negra é a prova de sua paixão pela justiça, pelo exercício de seus direitos, pela busca de vez", de modo pleno e definitivo, para toda a comunidade negra do Brasil, da África e da diáspora. É importante registrarmos algumas reflexões a partir do que pensa, sente e atua Thereza Santos, como por exemplo: "já estava formada pela Escola Nacional de Teatro, quando em 1973 resolvi sair do Brasil à procura de minha identidade enquanto negra, como também à procura de uma chance profissional que eu não tinha aqui. Nenhum produtor branco



queria jogar um centavo em cima de um grupo teatral negro. Por outro lado, um produtor branco não iria também chamar uma diretora negra para dirigir um espetáculo com atores brancos; nesse impasse eu sentia que não iria sobreviver". Thereza Santos, polêmica ou cordata, é sempre uma presença obrigatória em livres como *Quem É Quem Na Negritude Brasileira*.

1) *Mito e Espiritualidade Mulheres Negras* - Helena Theodoro Pallos 1996; 2) *Fala Crioulo* - Haroldo Costa Editora Record 1982

THOBIAS DA VAI-VAI

Cantor

A eleição aconteceu em maio de 1997. O presidente da escola, Solon Tadeu Pereira, foi quem defendeu a indicação. E Thobias, o puxador-de-samba da Vai-Vai, tornou-se vice-presidente. Segundo Tadeu, "Thobias sempre foi muito mais que a voz oficial da escola, ele é a voz da comunidade da Vai-Vai, portanto, o representante ideal para estar ao meu lado em todas as decisões da esco-

la". A indicação foi imediatamente aceita por toda diretoria do Vai-Vai. E isto não é por acaso. Thobias está na escola desde 81 e como intérprete oficial desde 85. Ele respira sua Escola e o Bixiga, envolvendo-se em todos os eventos sociais e culturais da comunidade. É membro atuante do Comitê Vem Pro Bixiga e também das Obras Sociais da Paróquia de Nossa Senhora Achiropita. É exatamente esta característica que o fez assumir o cargo. Algo com que nunca sonhou, ao contrário da aspiração que tinha, desde menino, nascido e



Thobias: A Voz oficial da Vai-Vai

criado no Jardim Peri (Vila Nova Cachoeirinha): ser puxador-de-samba de sua escola alvi-negra. As mesmas cores de seu time do coração, o Corinthians. Com o cargo, Thobias encontra o caminho ideal para colocar em prática os anseios da comunidade Vai-Vai, não só no Carnaval, mas no dia-a-dia, promovendo a fraternidade e a união desta população. Esta nova função veio ao encontro também do seu projeto Brasil Samba Show, título de seu CD e show, que promove o carisma do povo brasileiro, a integração das raças e a cultura desta gente, através do samba, com regravações de grandes sucessos.

Thobias é casado com Eliseth Rosa, também cantora e integrante da escola, neta do famoso José Rosa, o popular Carabina, integrante do Bloco do Esfarrapado do Bixiga.

Elle Dastry, jornalista e assessora de imprensa da Vai-Vai

TIA CIATA

Matriarca do samba

Perdida entre a lenda e a realidade, quase se incorporando nos mistérios do folclore brasileiro, se tal ainda não se deu por inteiro é porque fatos e datas permanecem recheando os anais das reminiscências populares, vinculando sua existência a uma identidade reconhecida, Tia Ciata hoje já faz parte do imaginário, através das gerações que se sucederam desde o fim do século passado. Assim é que no ambiente em que se deu a fixação do samba no Rio de Janeiro, cuja origem se encontra no maxixe, nolundú e noutros tipos de dança popular de procedência baiana, atrás dele se ocultava a mulher negra, aquela que, como matriarca, era ativa e respeitada. Após a abolição da escravidão, Tia Ciata foi a que melhor se apropriou das condições de liberta, razão pela qual



cial da Festa da Penha, faleceu em 1924, cercada do respeito de pessoas de todas as camadas sociais da cidade do Rio de Janeiro". Portanto, a história do carnaval, principalmente, o que se pratica hoje na Cidade Maravilhosa tem tudo a ver com a vida dessas famosas negras que estabeleceram um liame entre os folguedos da Bahia e do Rio de Janeiro, resultando dessa fusão, os choros, os cordões e as Escolas de Samba propriamente ditas, como as vemos desfilar no Sambódromo, fruto do crescimento e da evolução por que passaram.

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 1997.

TIA EVA

Ex-escrava e benzedeira. Mulher-símbolo do Mato Grosso do Sul

Tia Eva era natural do Estado de Goiás, onde faleceu no dia 11 de novembro de 1926, sendo desconhecida a data de seu nascimento. Sua profissão era de parteira e doméstica. Teve três filhos: Sebastiana, Lázaro e Joana. É de notar que como todas e cada uma das unidades da Federação tem os seus Zumbis e suas Dandaras, o Estado do Mato Grosso do Sul, não poderia deixar de ter o exemplo dos negros e negras que lutaram contra a humilhação e o opróbrio impostos pela sua condição de escravos. E é pura verdade! Enquanto o Brasil tem como referência a luta travada por Zumbi dos Palmares, em Alagoas, em Mato Grosso do Sul a referência, em se tratando de negritude, passa necessariamente pela trajetória da escrava Eva Maria de Jesus, a "Tia Eva". O Bairro de São Benedito foi o local onde a aproximadamente 100 anos atrás Tia Eva escolheu para fixar-se, vindo de uma desgastante jornada, iniciada em Mineiros, Goiás. Em que pese não haver dados que possam confirmar, especula-se que Tia Eva teria sido contemporânea do fundador de Campo Grande, José Antônio Pereira. Essa matriarca de cerca de 2.000 descendentes teria conseguido notoriedade muito em virtude de seus dons de benzedeira, além de sua inabalável fé católica. A igreja de São Benedito, situada no bairro está em processo de tombamento como patrimônio arquitetônico estadual. O templo teria sido erguido em 1912 com madeira, e, em 1919 reformado para uma construção de alvenaria. Segundo a lenda, Tia Eva ergueu a igreja assim como iniciou as festividades de São Benedito - que acontecem na semana 13 de maio - como retribuição por uma graça obtida. Eva chegou a Campo Grande acometida de uma doença de pele e comprometeu-se, caso fosse curada, em efetivar as comemorações, assim como construir a capela. É a história sendo revisitada pelos estudiosos da presente geração, de afro-brasileiros e revelando novas facetas que até há pouco tempo permaneciam à sombra de esquecimento.

TIA NEUMA

Primeira-dama do samba da Mangueira

As escolas de samba são hoje o espetáculo mais bonito da terra. Nelas estão representados o amor, o trabalho, a criatividade, a arte e a musicalidade de comunidades inteiras. Os precursores deste patrimônio cultural brasileiro enfrentaram dificuldades e obstáculos, mas venceram tudo e o resultado está aí: esta maravilha que empolga o Brasil e o mundo inteiro. Tia Neuma é uma destas personalidades que viveu e vive contribuindo para construir a riqueza socio-cultural que representa a escola de samba. Eis o seu depoimento: importante depoimento, expresso nesta singela entrevista:

Qual seu nome completo?

Resposta: Neuma, com U, Gonçalves da Silva

Como você veio morar aqui (Rio/Mangueira) se você é proveniente de Minas Gerais?

R.: Não! Eu não sou de Minas. Eu nasci em Madureira e suponho que deveria ser portelense ou imperiana. Eu sou Mangueira porque meu pai era mangueirense. Eu nasci no dia 8 de maio de 1922. Meu pai foi o primeiro presidente da Mangueira.

Qual era o nome dele?

R.: Saturnino Gonçalves. Assim eu me transformava na primeira -dama, aqui em Mangueira.

Você é a primeira- dama até hoje?

R.: Até hoje.

O que a Mangueira representa pra você?

R.: Mangueira é a minha vida. Mangueira é tudo. Ela é tudo o que é bom. Pense sobre qualquer coisa boa na sua vida, isto é o que a Mangueira representa para mim.

Samba, o que ele representa para você?

R.: Samba também é minha paixão. O samba me transmite uma grande felicidade; o sabor da vida. Quando o samba é bom, a música é deliciosa. Eu amo a melodia, me sinto tranqüila, me sinto feliz.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

TIM MAIA

Cantor e compositor

Senhor de uma voz poderosa, de timbres inconfundíveis, Sebastião Rodrigues Maia, nome civil do artista Tim Maia, era natural do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu no dia 28 de setembro de 1942, em pleno flagelo dos estampidos da Segunda Guerra Mundial, na data em que foi promulgada a Lei Ventre Livre no Brasil. Portanto, dizer que Tim Maia era um rebelde sem causa é, no mínimo, uma heresia. O penúltimo filho de uma irmandade de 19 membros, fica fácil de se imaginar o que e como teria sido a sua infância e juventude, já que Seu Altino e Dona Maria Imaculada, seus pais eram de condições humildes, pelo menos para alimentar, vestir e dar educação a uma prole inusitadamente numerosa. Por aí se vê que tipo de drama existencial fez da adolescência de Tim Maia um mar de incertezas e de atribulações. Em razão de precisar trabalhar com a idade de 9 anos, o cantor de *Primavera* teve poucas chances de estudar com regularidade, como seria de seu desejo. A banda de nome *Sputiniks*, formada por ele, com apenas 15 anos de idade, apesar de ter como integrante desse elenco as figuras de Erasmo e de Roberto Carlos, não conseguiu transformar-se num fato artístico de ampla aceitação do grande público possuindo uma língua ferina – senso crítico mordaz, Tim Maia espalhava, pelo caminho por onde o seu humor lhe levasse, grandes amigos e, também, muitos desafetos. Depois da fracassada experiência com a sua banda, Tim Maia vai para os Estados Unidos da América do Norte, onde viveu e trabalhou num subemprego clandestinamente por, pelo menos, cinco anos. Esta sua passagem pelos Estados Unidos influenciou bastante a sua maneira de ver o novo universo artístico que lhe abria na direção dos ritmos musicais dos negros americanos e o “soul music” começou a se enraizar nas suas produções musicais. Bill Halley, Elvis Presley, Little Richard e Jerry Lee Lewis são ídolos que lhe serviram de referência para que a sua conduta de cantor e compositor libertário encontrasse um estilo afirmativo capaz de escoar toda a sua energia e o seu talento de índole irreverente e criativa. O caminho começa a lhe indicar os rumos para o sucesso no ocaso “dos anos 60 quando assiste ao lançamento de seus maiores hits: *Azul da Cor do Mar*, *Coroné Antonio Bento*, *Dia de Santos Reis*, *Eu Amo Você*, *Chocolate*,



Wagner Carneiro

seguidos de outros LPs, que explodiram nas paradas de êxitos totais”. No fundo, Tim Maia era um sentimental. Amou muito e o quanto pôde. Teve seis filhos. Podemos dizer sem exagero que Tim Maia faleceu em pleno palco, no dia 15 de Março de 1998, em Niterói, Rio de Janeiro.

Com base em matéria do *Diário Popular* - 22 de março de 98.

TOBIAS BARRETO

Filósofo e ensaísta

Sílvio Romero, considerado um dos críticos mais severos e, ao mesmo tempo, brilhantes de nossa literatura, dissera, certa vez, que na vida literária do Brasil bem poucos foram os negros que granjearam notoriedade; entre estes citava textualmente: José do Patrocínio, como jornalista e abolicionista; André Rebouças, como pensador; Sílvio de Castro como orador; Cruz e Souza como poeta e Tobias Barreto como filósofo. Este grande pensador, polemista e poeta, ainda por Sílvio Romero, foi “o espírito mais culto e adiantado do País”. É natural de Sergipe, onde nasceu em 1839. Como nas mais das vezes acontece, este jurista e político brasileiro, criador da escola condoreira pernambucana, era de origem humilde e se conseguiu superar as limitações de sua condição social foi à custa de um esforço hercúleo. Dotado de inteligência invulgar, logo dominou os conhecimentos de música e latim, passando a dar aula dessa difícil matéria, em Itabaiana, com o que pôde suprir suas necessidades, indo, posteriormente residir na Bahia com o objetivo de fazer carreira sacerdotal. Notável agitador de idéias novas e revolucionárias para o seu tempo, Tobias Barreto parte para a cidade de Recife e, em 1869, já estava formado em Direito. Ali monta banca de advocacia. Inquieto, como sempre, funda seu jornal, sendo ele o redator, o compositor e o impressor, ao mesmo tempo, desde periódico. Esta atividade de popularizar, podendo eleger-se em 1879, deputado provincial, assumindo, em seguida, a cátedra de Direito na Faculdade do Recife. De marcante tendência para liderar homens e pensamentos, Tobias Barreto acaba, por

meio de constantes leituras, conhecendo as teorias filosóficas de Hartman e de Straus, de Schopenhauer e de Kant, dos quais recebe considerável influência. Ao fato de ser descendente de mestiço, atribuem-se as razões de sua expulsão, por indisciplina, do seminário em que estudava e onde aprendera francês, latim, música, retórica, matemática e filosofia; Tobias Barreto dominava, com rara facilidade, o alemão, idioma que aprendera por sua conta e risco, publicando, neste vernáculo, estudos impregnados de cultura germânica, o que iria fazê-lo “o apóstolo da chamada Escola do Recife, ao lado de Sílvio Romero e outras figuras de projeção nessa fase importante da vida cultural brasileira”. Seu ingresso, como catedrático da Faculdade de Direito do Recife, foi polêmico e, ao mesmo tempo, memorável, em razão da forte oposição que o evento provocou. Orador culto e inflamado, Tobias Barreto exerceu formidável influência sobre os seus alunos, já que os fascinava. Em suas preleções, demolia as mentalidades atrasadas e reacionárias que pretendiam continuar dominando os meios políticos e sociais do Brasil, fazendo com que se estabelecesse como autêntico luminar dessas novas idéias, que projetaram seu nome por todo o país e além-fronteira. Juntamente com Castro Alves, Tobias Barreto participa da implantação da Escola Condoreira, em Pernambuco, fato que se deu a partir de 1879, o que contribuiu para que o temido crítico Sílvio Romero, seu particular amigo, o colocasse acima do poeta de *Navio Negreiro* o que, de forma alguma, resistiu à verdade imparcial no correr dos anos. A obra de Tobias Barreto é vasta e eclética, segundo seus estudiosos, constituindo-se de poesia, ensaios, críticas, filosofia e direito. “Sílvio Romero, seu discípulo e amigo na Escola do Recife, levou a vida toda fiel ao seu culto, querendo elevar exageradamente a sua figura. Atirou-o assim contra Castro Alves e Machado de Assis e contra quem quer que ousasse pôr em dúvida a sua significação”. Contudo, é inegável que as suas críticas filosóficas, religiosas e jurídicas, são “profundas e bem fundamentadas”. Na época, foram tidas como de grande importância, merecendo o respeitoso acatamento de todas as correntes de pensamento.

As idéias de Tobias Barreto encontram-se, em grande parte, em *Dias e Noites*, poesia; *Um Sinal dos Tempos*; *Vários Escritos*; *Igualdade Contra a Hipocrisia*; *Aqui para nós*; *Filosofia e Crítica*; *Discursos*, *Estudos de Direito* e outros.

1) *Dicionário Biográfico Universal* Três - Livros e Fascículos - 1984; 2) *Enciclopédia de Literatura Brasileira* - Ministério da Educação - 1990.



Quem é Quem na Negritude Brasileira

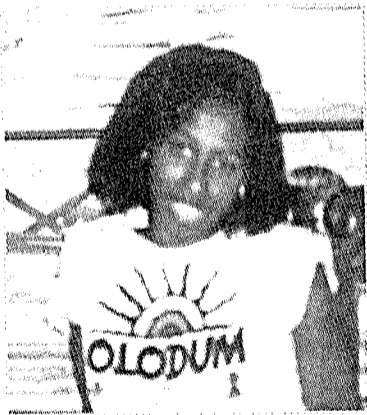
V

VALÉRIA TERTULIANO

Empresária

Valéria Tertuliano, natural de São Paulo, nasceu no dia 12 de novembro de 1973, é solteira, filha de Maria Celina Tertuliano e Valdomiro Tertuliano. Sua consciência de que ser negra é um estado de espírito manifestou-se ainda como estudante, quando propôs a criação de um Conselho da Comunidade Negra de 2º Grau, na Escola Camargo Aranha, onde estudava empenhando o melhor de sua energia. Valéria Tertuliano é formada em Administração de Empresas e pós-graduada em Administração Financeira, Controladoria e Contabilidade Gerencial pela Faculdade Sant'Anna. Criada pelos pais, Valdomiro, professor de matemática e Maria Celina, que atua como esteticista, junto com o seu irmão Vinícius, Valéria é também empresária. É ela quem nos conta: "Nos tempos de ginásio, foi muito difícil o relacionamento com os outros alunos, devido a eu estar estudando em colégio particular de padrão médio. Havia muito preconceito por ser negra. Superei esta situação com a ajuda dos meus pais, que sempre valorizaram a raça negra e me educaram para não deixar que o racismo me prejudicasse; destaquei-me nos estudos e nos esportes, razão pela qual era procurada para fazer parte de equipe que representava o nosso colégio. Tudo foi válido para o meu amadurecimento; cursei o colegial técnico, onde cada vaga era muito concorrida e só estudava quem fora aprovado no vestibulinho. Eu estava

preparada e soube explorar o meu potencial, pois estava mais confiante e determinada para enfrentar os desafios. Nesta fase, realizei todos os intercâmbios com outros colégios, montando o jornal estudantil, que visava atender as solicitações dos alunos. Fui convidada desde os 11 anos de idade para jogar basquete em clubes de São Paulo, participando de vários torneios e viagens pelo Brasil.



Continuo, então, participando de Campeonatos da Federação Universitária, sendo, presentemente, diretora de basquete feminino da Faculdade Sant'Anna, entidade conhecida como Movimento de Amigos e Universitários - MAU, estando eu, ao lado de minha grande amiga de sempre Kátia Regina. Nossa caminhada iniciou-se quando ainda éramos acadêmicas e, em reunião com

alguns amigos, percebemos que muitos de nós não tínhamos recursos financeiros para fazer cursos que somariam em nosso currículo. Trocando experiências, identificamos também o desinteresse de crianças e adolescentes pelos estudos e o índice assustador de pais analfabetos que aumenta a cada ano, face às dificuldades do sistema social do país. Hoje formadas em Administração, somos consultoras e temos a empresa V&K Consultoria Jurídica e Administrativa em São Paulo, que presta serviço para micros e pequenas empresas. Enfrentamos vários tipos de dificuldades, financeiras e até mesmo preconceito racial, o que levou-nos a olhar para o lado dos menos favorecidos, sabendo que sozinhas não seria fácil dar início a

um trabalho voltado para a comunidade carente. Diante deste quadro, surgiu o Movimento de Amigos e Universitários com a participação de lideranças de bairros, universitários e pessoas com idéias afins. Este movimento tem como objetivo principal a preparação de jovens ao mercado de trabalho, tendo acesso à cultura brasileira e às informações sócio-políticas do país. Sabemos que mesmo quando se tem qualificações para uma vaga, há sempre um pretexto que dificulta o processo de colocação do profissional, alegando motivos vãos. Dado a este fator, lutamos contra qualquer tipo de preconceito, principalmente aquele que se acoberta sob a camuflagem de boa aparência. A nossa mensagem que fica, por experiências vivenciadas, é que não se consegue nada nessa vida sem dar o primeiro passo e que não há coincidências: a vida une as pessoas certas no momento certo. Dado a isso, estamos abertos a políticos, empresários e pessoas com meios financeiros que estejam dispostos a integrarem-se conosco. Eis o nosso perfil, que através do Movimento de Amigos e Universitários temos a oportunidade de servir em prol da sociedade, como um todo e à comunidade negra, em particular".

VALÉRIA VALENSSA

Modelo

O Brasil descobriu Valéria Valenssa em 1990, quando a TV Globo lançou uma vinheta para o carnaval, mostrando seu corpo escultural decorado com purpurina colorida, sambando e sorrindo como se estivesse em plena avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro -, ela se tornou exemplo de beleza e sensualidade do dia para a noite. Valéria Conceição dos Santos, apesar de aparentar descontração sambando, é tímida



Símbolo Prest

da. Fora da telinha, o mulherão que vemos na TV só tem 1,60 m, mas as formas exuberantes estão presentes e bem distribuídas. A mocinha que saiu de Jacarepa-

e os garotos que compuseram a aurora de sua vida. Valéria tem a expectativa de desenvolver trabalhos musicais. Adora cantar. Já viveu uma rápida experiência com o Grupo Lilith, que chegou a ter contrato de três anos com a Polygram, mas que acabou tendo vida curta. Por enquanto, ela ainda é a Globeleza em ação, preparando-se para conquistar o mercado de vídeo, particularmente no exterior, mostrando as belezas do Rio de Janeiro e ensinando o bê-a-bá do samba para os gringos e os duros de cintura.

Texto de Elaine Inocêncio

VALQUÍRIA BARBOSA DA SILVA

Delegada de polícia

Baiana nascida num bairro pobre de Salvador, Valquíria Barbosa da Silva, enfrentou discriminações e preconceitos, pela sua condição de mulher, negra e pobre. Dizemos enfrentou, porque desde muito cedo teve que se debater com inúmeros problemas, que vão da infância pobre, da luta persistente pelo estudo, das dificuldades de sua mãe Cordélia e de sua avó Zulmira, em criar sozinhas 11 crianças pequenas. Mas talvez a mesma garra herdada da geração de mulheres de sua família tenha sido, para a jovem Valquíria, exemplo cabal de que as dificuldades podem ser uma a uma enfrentadas e vencidas. É isso que a Delegada Valquíria nos leva a concluir em seu belo depoimento.

"O bairro onde eu nasci, em Salvador, chama-se Liberdade e foi lá também que eu conheci as primeiras letras. O nome da escola era Abrigo dos Filhos do Povo. O nosso bairro era de gente pobre e, conseqüentemente, de maioria negra. A

nossa condição de vida como pessoas pobres era de uma família equilibrada, mantida pelo seu chefe, coisa que veio a alterar-se quando eu atingi os doze anos de idade, tendo a essa altura cinco irmãos: uma mais velha do que eu e os outros mais novos. É que houve realmente uma alteração no processo familiar, pois meu pai, vindo para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de trabalho, esqueceu-se da sua responsabilidade, que teve de ser assumida em princípio pela minha mãe e depois, com o evoluir do processo de educação e formação, por mim. Meu irmão caçula tinha três meses quando meu pai viajou para o Rio e a partir dali eu tive que assumir o rumo do barco. Minha avó Zulmira e minha mãe, uma

sergipana chamada Cordélia, se juntaram numa luta para a criação de onze crianças menores. Seis dos meus pais e cinco que a vovó tinha sob sua responsabilidade em virtude do falecimento de outra filha que ela teve. Essa luta se desenvolveu de uma forma bem complexa porque naquela época nenhuma das duas tinha uma profissão definida. Não é difícil imaginar o que possam ter passado duas mulheres sem profissão e com onze crianças a depender exclusivamente delas, sem casa própria, tendo que abraçar ocupações como doméstica, lavadeira e até vendedora ambulante, trabalho que a avó Zulmira fez durante muito tempo e na qual eu ajudava, aliás ajudava as duas, embora não me descuidasse dos estudos, terminando o curso primário e iniciando a luta para o exame de admissão, àquela época existente, para ingressar no ginásio. No Colégio Estadual Duque de Caxias foi onde eu cursei o ginásio, estudando durante o dia nos quatro primeiros anos e à noite nos três anos do colegial. Quando eu terminei o ginásio, passei a dar aulas em casa para ajudar a manutenção da família, mas sentindo que precisava arrumar alguma coisa mais segura, começou a luta pelo emprego. Começaram a surgir algumas barreiras que eu tive que admitir que eram por causa da minha cor. Fazia testes de português e aritmética, matérias nas quais sempre fui boa aluna, e no final havia sempre uma desculpa

para não me empregarem. Isso não aconteceu nem uma nem duas vezes não, foram várias vezes. Até que, por informação, eu procurei o Dr. Hamilton de Jesus Lopes, na época engenheiro de perfuração da Petrobrás, na Bahia, uma pessoa muito boa que teve um triste fim, foi assassinado quando se encontrava na função de superintendente daquela unidade da Petrobrás. Então eu procurei esse senhor, que era negro, e pedi a oportunidade de um trabalho. Ele disse que a oportunidade iria depender da minha

capacidade, pois eu seria submetida a um teste de seleção. E assim foi feito. Fui aprovada, iniciando então minha carreira na Petrobrás como auxiliar de escritório, trabalhando na divisão de engenharia. Dali passei para o posto de secretária da seção de cadastro e topografia, tive a chance de ser promovida mediante seleção interna para a função de ajudante administrativa e com isso minha família foi recebendo um melhor tratamento, um melhor apoio meu, permitindo com que meus irmãos e primos pudessem estudar. Fiz concurso para a Polícia em 1976, em março e fui aprovada. Depois de um curso de preparação que incluía tudo, até o teste de cooper, fui nomeada em outubro de 1977, iniciando a minha vida



como delegada na 3ª Circunscrição policial que fica localizada no bairro de Itapagipe e abrange a área de Ribeira, Bonfim e Boa Viagem. Assumi a delegacia pouco antes dos festejos que, em novembro, são realizados naquela região e que exigem do titular muita habilidade e firmeza. São dezenas de barracas, muita cerveja, muita gente e muito samba. Creio ter me saído bem, tanto assim que quando houve, um ano depois, um rodízio de delegados, eu fui convidada para a 7ª Delegacia, zona conflitante e permanentemente problemática, onde tem a população pobre e marginal do Nordeste. Não estou dizendo que toda a população que vem do Nordeste é marginal, mas existe uma predominância muito grande naquela região, e bairros de alto luxo como é Pituba, Ondina, parte da Federação e Amaralina. Parte integrante desta delegacia é também a área de Alagados onde a marginalidade, a miséria, a esperança e a desesperança vivem de mãos dadas. Foi em função do meu trabalho desempenhado na 7ª que veio o convite para eu passar para a Delegacia de Furtos e Roubos, embora os diretores da época não acreditassem na possibilidade de uma mulher ter condição de trabalhar numa delegacia especializada como esta. Lá fiquei dois anos, tendo inclusive sido guindada à chefia da seção de furtos, onde comandi durante um ano e sete meses, onde deixei um bom relacionamento e onde aprendi, posso mesmo dizer, me formei para o trabalho policial, porque acredito que o trabalho com o marginal seja a grande escola e uma oportunidade que todo o delegado de polícia, todo o agente policial devia conhecer, porque é a verdadeira escola prática, é a delegacia de furtos e roubos. O meu trabalho sempre foi respeitado, procurei realmente corresponder a confiança que me depositavam e tive como prêmio o reconhecimento. Saí da chefia da seção de furtos em virtude de uma mudança da ordem administrativa operada e, sentindo que poderia haver divergência no meu sistema de trabalho, tive mais uma vez a honestidade de colocar o cargo à disposição, pois exercia uma função de confiança e, em retribuição, me ofereceram um cargo mais elevado, que era o de titular da Delegacia de Camaçari, cidade do interior da Bahia, mas que abrange a área metropolitana, pois lá está instalado um pólo petroquímico envolvendo centenas de indústrias. Mas não aceitei. O trabalho seria realmente estafante. É engraçado como no princípio da minha carreira eu causei muitas surpresas. Havia gente que chegava à delegacia e queria falar com o delegado, insistia que queria ver o delegado, até eu perguntar se a delegada não podia resolver. Se é a senhora, pode resolver - diziam, mas com aquele descrédito. Para minha felicidade, muitos dos descrentes tiveram os seus problemas resolvidos a curto prazo. Outras vezes, chegavam, talvez sob a impressão do meu conceito de rígida, procurando com certa arrogân-

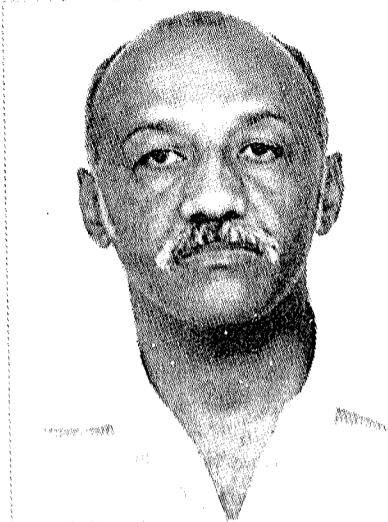
cia a Dra. Valquíria. Embora eu quisesse saber o que era continuavam insistindo em falar com a Dra. Valquíria, até que eu, vendo que não tinha jeito, dizia já meio cansada: - A Dra. Valquíria sou eu. - Ah...é... a senhora? Eu sentia o desapontamento. É possível que estivessem esperando outra mulher, com certeza bonita, loura, como a titular da série Police Woman. Outros talvez estivessem esperando uma mulher meio masculinizada e se desapontavam quando me encontravam trabalhando de calças jeans, sandálias altas, bastante feminina, sem estar com um revólver na cintura e nem charuto na boca. Embora eu tenha amigos sinceros de cor branca, já tive alguns dissabores em grupos de amizades que freqüentei em praias, clubes, etc. formados por profissionais de diferentes categorias. Eu sentia um pouco de discriminação quando na praia, por exemplo, no banho de mar, brincando, eu notava que todos eram chamados pelo nome. Ali tinha médico, advogado, tinha engenheiro, jornalista, mas no momento quando alguém se dirigia a mim, me chamava: a delegada. Então eu me afastava, primeiro preocupada em zelar pela organização a que sirvo, segundo porque eu acho que amigo tem sempre nome e naquele momento quase todos tinham nome e eu era a delegada, é porque aquele grupo queria justificar - eu diria à platéia - a razão de eu estar ali. É claro que eles não estavam aceitando a Valquíria e sim a delegada Valquíria. Ao mesmo tempo, devo dizer que hoje eu sou reverenciada por pessoas que já me fecharam a porta. Então por que é que isso ocorre? Por que não é mais a Valquíria que ajuda a avó a vender no tabuleiro; não é mais a Valquíria que fazia a entrega das roupas lavadas por si e por sua mãe, é a doutora Valquíria, a delegada. É a doutora Valquíria que já tem uma posição definida na sociedade. Então eu acredito que essa discriminação exista menos pela cor, mais pela condição sócio-econômica. Confesso que pensei, quando encontrei as primeiras barreiras para conseguir um emprego, em mudar da Bahia. Mas acho que valeu a minha persistência. Eu não nego que fico satisfeita com o carinho atual e as referências das pessoas que antes me fecharam a porta, mas não creio que tenham mudado de personalidade. O sacrifício maior é terem que me engolir".

Fala Crioulo - Haroldo Costa - Editora Record - 1982

VANDIR SANTIAGO

Líder sindical

Vandir Santiago nasceu em Mirassol, Estado de São Paulo, no dia 30 de agosto de 1947, filho de João Santiago e Rosalina Santiago, é casado com Benedita da Silva Santiago, com quem tem três filhos: Marcelo, Ana Paula e Marcio. O interesse pela vida e pelas lutas comunitárias sempre preencheu a maior parte do tempo de suas ocupações. Funcionário qualificado e há anos na Cesp, Vandir Santiago



prestou e vem prestando importantes serviços, quer para o governo federal, quer no governo do Estado de São Paulo. Como militar de nosso Exército, este companheiro exerceu a função de técnico de segurança empresarial e é ainda diretor de base da Federaluz. Vandir Santiago é uma dessas lideranças sindicais que podemos chamar elemento chave, por sua capacidade de transmitir mensagens de interesse da classe que representa e competência quando as circunstâncias exigem que haja pronta mobilização da categoria. Para tanto, a sua participação em simpósios, conferências, palestras e seminários tem sido freqüente e é através desses eventos que se instrumentaliza e adquire os elementos tidos como indispensáveis para presidir com sucesso instituições como o Conselho Deliberativo da Federação de Entidades do Brasil ligadas às áreas energéticas, sem que descartemos o significado de sua presença à frente de Conselhos de Associações de Bairro. Exercendo múltiplas atividades, particularmente na área sindical, pois Vandir pertence à diretoria da atual administração do Sindicato dos Eletricitários do Estado de São Paulo, e, nessa condição, tem sido e vem sendo aquele que orienta, que informa, que transmite as diretrizes determinadas pela presidência, que incentiva, que estimula os companheiros de classe, que promove e defende as suas reivindicações de natureza pessoal ou coletiva. Enfim, constitui-se num elo de ligação entre a alta direção sindical e os trabalhadores, cujo espaço físico de sua atuação estende-se por todo o Estado de São Paulo, razão pela qual, em virtude de seu bom desenvolvimento, recebeu o Troféu de Pacificador da Academia Brasileira de Ciências Políticas. Vandir Santiago é dotado de uma energia inesgotável, o que fez com que, ao lado dessas suas atividades intensas, encontrasse tempo para tornar-se atleta do Exército, quando por lá passou, deixando excelentes impressões por sua performance e por sua dedicação ao esporte. Vandir ainda foi membro da Frente Getulista do Brasil, do Con-

selho da Associação do Bairro Fênix-JK, assessor político do Conselho Popular de Abastecimento do Município de São Paulo, é um dos integrantes do Conselho Fiscal do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB). Podemos dizer que pessoas do caráter cívico de Vadir Santiago admitem as ações afirmativas, com a sua estratégia de tratamento diferenciado entre pessoas diferentes, tendo por objetivo corrigir as desigualdades entre homens e mulheres, negros e brancos nas mais variadas instâncias, como no mercado de trabalho, na política, no setor econômico-financeiro, etc., que são áreas de permanentes e históricos conflitos a espera da intervenção de um Estado forte e justo como mediador.

VERA LÚCIA COUTO DOS SANTOS Vice-Miss Brasil

A beleza foi a arma que Vera Lúcia Couto dos Santos usou para afirmar a sua condição de mulher negra. Bastante jovem, Vera Lúcia enfrentou, de cabeça erguida, o concurso Miss Guanabara, nunca antes vencido por uma negra, e venceu. Com a mesma altivez e beleza inconfundíveis, mostrou ao país e ao mundo sua grandiosa condição de uma das mais belas mulheres nesta terra já nascida, sendo glorificada com o segundo lugar conquistado no desfile de Miss Brasil. Sua garra e determinação podem ser observados no depoimento que a seguir reproduzimos:

"Sai daí crioula! Teu lugar é na cozinha! Não se manca não? Enquanto todas as candidatas faziam o desfile de conjunto, aquela mulher na ponta da passarela, possessa, gritava desesperada. A zoeira no Maracanzinho lotado era infernal. Faixas, serpentinas, charangas, apitos, buzinas, tinha de tudo, mas os meus ouvidos só registram a voz daquela mulher que ia por entre as mesas, me acompanhando e repetindo que nem uma matraca: - Sai daí crioula! Teu lugar é na cozinha! Não foi fácil convencer meu pai a me deixar participar do concurso Miss Renascença naquele ano de 1964. Quatro anos antes eu fui ao salão Dinah Cabelereiros me pentear para a minha festa de 15 anos, a própria Dinah me atendeu e não cansou de fazer elogios: - Ah! Que mulata mais bonitinha, bem que podia desfilas no Renascença. Só quando eu fiz 19 anos, e depois de muita insistência, é que papai permitiu que eu participasse do Miss Renascença, e acho que ele deixou porque não acreditava muito que eu pudesse ganhar. A minha principal competidora era a Esmeralda Barros, que tinha uma enorme presença, um corpo belíssimo e grande traquejo de palco porque já tinha trabalhado em shows, etc. Mas eu terminei ganhando. E acho que foi muito mais a passarela do que em termos de plástica, beleza e tudo mais, sabe? Porque a Esmeralda tinha uma plástica respeitável. Acontece que ela

entrou na base do "já ganhar", "eu sou a boa mesmo", "não tem pra mais ninguém", e o público notou isso, o júri também e eu acho que aí é que ela perdeu. Eu fui vestida pelo Hugo Rocha, que inclusive me deu umas dicas de passarela que me ajudaram muito. Vencedora do Miss Renascença, entrei no concurso de Miss Guanabara naquela de ir para cumprir a obrigação, mas, na verdade, sem nenhuma esperança. Pô, eu tinha visto o que aconteceu com a Aizita Nascimento e a Dirce Machado, duas excelentes candidatas do Renascença, mulatas lindíssimas, bem preparadas e que não conseguiram absolutamente nada além de uma notoriedade que muito as ajudou depois. Baseada nisto, não alimentava grandes ilusões. Nem pequenas, tanto que já havia combinado com minha mãe e o pessoal lá de casa para, no dia seguinte, isto é, no domingo, irmos todos para Teresópolis porque eu estava cansada daquele corre-corre de escolhe maiô, discute vestido, prova roupa, desmancha aqui, aperta ali, eu já estava cheia e queria mesmo era me mandar pra longe. E além do mais, algum júri teria a ousadia de dar o título de Miss Guanabara, no ano do Quarto Centenário, a uma crioula? Eu estava tomando um copo com água para me refrescar, depois da última etapa do desfile, quando uma das concorrentes chegou perto de mim e me sussurrou no ouvido: - Verinha, você é a Miss Guanabara! Era um encargo muito grande que, até então, não tinha sido dado a ninguém da minha cor. Desta vez eu não temeria nenhuma concorrente, nem entraria só por entrar, eu tinha que partir pra briga sem conformismo ou acomodação. Tinha que partir pra ganhar. A expectativa era muito grande, durante toda a semana o assunto não saiu dos jornais e não havia quem não falasse sobre isso, em todas as rodas. Nos ensaios eu fazia sempre o pivô, que é uma volta completa que a pessoa que está desfilando dá em torno de si mesma. Aí, a dona Maria Augusta, da Socila, que era a coordenadora do concurso, que ensaiava as misses, chegou pra mim e disse que eu não podia fazer o pivô, sob pena de ser desclassificada. Outras pessoas vieram e me diziam: - Não entre nessa, Vera. Essa é a tua arma secreta, não deixa de fazer o pivô. A voz não se identificou e mais não disse. Era parte, sem dúvida, de uma guerra de nervos, não sei se de alguma admiradora de outra concorrente ou se de alguém inconformada por ser eu, negra, a representante do Estado da Guanabara. Correu também o boato de que a Comissão Organizadora teria retirado o nome de Evandro Castro Lima do júri, porque ele tinha se manifestado a meu favor publicamente, assim como disseram que colocaram a jornalista Pomona Politis porque ela declaradamente não gostava de preto. Essas notícias chegavam a mim e era como se um ciclone tivesse me pegado, eu perdia o chão, ficava completamente baratinada, sabendo que tinha que manter a calma, mas sem saber como. Quando voltei ao

camarim, tremia da cabeça aos pés, e notei que não era só eu. O nervosismo era geral. Então, pensei comigo mesma: - Quer saber de uma coisa, eu não vou olhar para o lado que aquela mulher estiver, vou entrar olhando para o outro lado. Dito e feito. Quando entrei no desfile em traje de gala, onde cada concorrente se apresentava individualmente, me enchi de moral e fui em frente. Enquanto desfilava, tudo o que eu ouvia era um grande zumbido, e aí me lembrei quando uma vez fui com uma colega minha e o namorado dela a um baile na sede do Botafogo e quando chegamos na porta foi aquele papo pra cá, papo pra lá e eu não consegui entrar. A minha amiga era sócia do clube e o porteiro disse que eu não podia entrar porque não tinha convite, em cima da hora não dava pra quebrar o galho, etc. etc. Engoli aquela de não ter convite e fomos para Copacabana, o rapaz lembrou-se que tinha um baile no Olímpico. Quando chegamos lá não deu nem pro pessoal que estava comigo disfarçar, o cara da porta foi taxativo: - Essa aí não entra! A frase zumbiu no meu ouvido, foi aquele choque. Eu era uma adolescente e só estava querendo fazer o programa que outros da minha idade estavam fazendo - dançar. E dancei... Numa só tarde fui barrada duas vezes. Na hora fiquei chateada, com raiva mesmo, mas só vim a perceber a extensão daquilo algum tempo depois, provavelmente naquele instante em que eu estava desfilando para milhares e milhares de pessoas, tentando não ouvir a mulher que continuava gritando pra mim que o meu lugar era na cozinha. Eu vinha olhando para o outro lado e me desliguei de tal forma que não avancei pela passarela que ia dar exatamente onde estava o júri. Passei direto. De repente eu notei que a torcida do Renascença gritava: - Volta! Volta! E eu não entendia o que estava acontecendo. Umas mesas mais perto do ponto onde eu estava bradavam de pé: - Volta Vera, pelo amor de Deus. Volta, volta! Eu continuava sem perceber o que é que estava havendo. A estas alturas, um senhor de cabelos grisalhos, de cor clara, adiantou-se e gritou quase em frente a mim: - Volta, minha filha. Não faça uma desgraça dessa! E botou a mão na cabeça. Foi como se eu tivesse acordado, dei uma rápida olhada pra trás e vi que tinha passado da banca do júri. Dei mais alguns passos à frente e pensei rapidinho: - Estou proibida, mas vou fazer. Vai ser minha salvação. Fiz o pivô e voltei. Aí foi uma loucura. O público aplaudia, gritava, nunca vou me esquecer. Quando voltei de maiô, já estava inteiramente solta, liberta, fiz tudo o que eu sabia e mais um pouco. Cada pivô que eu fazia o pessoal gritava: Olé! Difícil descrever a sensação que sentia. A partir daí já achei normal ficar entre as finalistas e quando fui proclamada em segundo lugar, senti o gosto da vitória. Era a Miss Brasil número 2, aquela que iria representar o país no concurso de Miss Internacional Beautiful que era realizado em Long Beach, na Califórnia".

*Fala Crioula - Haroldo Costa -
Editora Record - 1982*

Quem é Quem na Negritude Brasileira

VERA MENEZES

Liderança feminina

Vera Lúcia Antunes Menezes, natural da cidade de Salvador, Estado da Bahia, onde nasceu no dia 28 de março de 1954, é filha de Angélica Antunes. É casada com Roberto Menezes, com quem tem 5 filhos: Roberto César, Alexandro, Josemar, Jaguari e Laressa. Atualmente, Vera Menezes é secretária da AR-XVI, do Subúrbio Ferroviário da Ilha do Maré, secretária da Ampla, assim como integra o Conselho Regional do referido subúrbio, é presidente da Sociedade Beneficente e Esportiva Plataformense, secretariando ainda a Associação Beneficente Cultural e Recreativa União Rastafari. Como todos sabem em Salvador, Vera Menezes é mulher negra de múltiplas atividades na área social, esportiva, recreativa e cultural, que se estende por diversas e diferentes entidades, o que demonstra a sua preocupação para com os problemas dos menos favorecidos pela sorte, entre os quais, inclui-se a comunidade afro-brasileira que regurgita pela Salvador e pelo Estado, compondo mais de 70% de seu contingente humano. Como centro urbano, não há dúvida de que a cidade de Salvador é um dos conglomerados de elevado número de habitantes, onde a presença e a cultura negra mais se projetam aos olhos do Brasil e do mundo. Vera Menezes nasceu, foi criada e hoje vive nesse ambiente de ricas e poderosas manifestações culturais de procedência africana. É sob este potencial folclórico e religioso que Vera Menezes, como Jorge Amado, Olga de Alaketo, Gilberto Gil, Maria Bethânia e tantos outros monstros sagrados, tornou-se, por assim dizer, Obá generosa e maternal. Na verdade, Vera Menezes, nessa atmosfera que resume as alegrias e a dramaticidade de todos os brasis, pela sua criatividade, seu fôlego artístico, sua alma mística, sua modernidade, sua negritude, seu temperamento musical, todo esse caldo de cultura que faz de Salvador e da Bahia uma terra de magias e encantamento que nos deslumbram, não poderia deixar de refletir no seu trabalho comunitário e no seu comportamento este fenômeno singular, que fez de seu torrão natal o berço desses gênios da envergadura de Gregório de Mattos, Castro Alves, Rui Barbosa. O cotidiano de Vera Menezes é emoldurado de idéias e de lutas dirigidas em favor da superação das dificuldades, razão pela qual ela atua de modo consciente na Federação das Mulheres da Bahia, instituição de projeção nacional que implanta programas de alcance popular como o curso de Multiplicadores na Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis - AIDS e em outras agremiações específicas de combate ao machismo e ao racismo, assim como também participa, por iniciativa da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB) e do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), de seminá-

rios em que se estuda a implantação de programas para Pequenas e Micro- Empresas no município e no Estado da Bahia.

VERA TERESA DE JESUS

Escritora e ex-presidiária

O pensamento cristão da Igreja Católica agasalhada na CNBB houve por bem discutir em 1996, através da pastoral carcerária, o problema das obrigações e dos direitos do povo comum do Brasil, tendo em vista a gravidade deste assunto nos dias de hoje. Não se duvida que a sociedade brasileira que se autointitula como dotada de comportamento exemplar é a maior responsável pela existência de um dos insolúveis problemas, que se apresentam como chagas perante a opinião pública nacional que é o sistema prisional, pelo fato de seus críticos não verem qualquer perspectiva de solução, pelo menos a curto e médio prazo. Neste campo de amargas experiências humanas, ninguém melhor do que a escritora negra Vera Teresa de Jesus, para emitir idéias e conceitos a respeito dessa dura realidade uma vez que ela própria é a principal protagonista da história que narra em seu livro que significativamente se intitula de *Ela e a Reclusão*, editado em 1965. Nesta obra, que pode ser chamada de autobiografia ou de memória, a autora faz uma ação cirúrgica de sua própria vida explicando porque se tornou alguém que adquiriu o hábito de furtar, residindo aí, a origem de todo o seu sofrimento a das inúmeras prisões por que passou. Ela e a Reclusão é uma balada profundamente triste e dolorosa de uma menina que, aos 9 anos de idade, viu-se renegada pela própria mãe e solta no mundo, vivendo ao deus-dará. Vera Teresa de Jesus é natural da cidade de Tupã, interior do Estado de São Paulo, onde imagina-se que tenha nascido pelos anos de 1934. Vítima de uma estrutura familiar desequilibrada, sofrendo, em conseqüência, os efeitos de uma péssima educação na infância e adolescência, Vera Teresa, não tendo em quem se amparar para formar o seu caráter, para obter instruções mínimas e uma profissão, como a única maneira de enfrentar a vida e vencer os seus obstáculos acabou, muito cedo, enveredando-se pelos caminhos tortuosos da delinqüência. Isto aliás, acontece com um número cada vez mais alarmante de jovens que, sem a orientação exigida para sua idade, acabam adquirindo o que os educadores chamam de desvio de conduta. É Maria Lúcia de Barros Mott quem nos relata, depois de afirmar que dispõe de poucos elementos para melhor definir os dados biográficos dessa escritora negra, nos oferecendo algumas informações elucidativas. Vera Teresa foi dada, quando pequena, para uma família onde passou a trabalhar e de onde fugiu. Internada no Juizado de Menores por furto, após nova ten-

tativa de fuga, recebeu tratamento psiquiátrico com direito a choque elétrico, injeções e toda forma de torturas. Em 1949, foi colocada em liberdade por bom comportamento. Trabalhou numa creche, foi empregada doméstica e prostituta, acabando por ser presa como ladra. Viveu cerca de dez anos nas prisões do Rio de Janeiro e de São Paulo. Saindo da prisão, trabalhou como costureira e tornou-se uma verdadeira fábula, ajudando ex-presidiárias, seja por seus conhecimentos no trato com as leis, seja com o dinheiro obtido através da venda de seu livro, *Ela e a Reclusão*, ou ainda, proferindo monumentais conferências acerca do regime penitenciário vigente no Brasil, como as que ela realizava com freqüência em clubes onde personalidades compareciam para ouvir suas brilhantes exposições e darem apoio à tese que defendia, pela socialização de presas comuns, provando que essas criaturas humanas, quando assistidas adequadamente pelo Estado e pela sociedade, são passíveis de plena e completa recuperação.

1) *Escritoras Negras - Resgatando Nossa História*.

Maria Lúcia de Barros Mott - 1989.

2) *Ela e a Reclusão - Vera Teresa de Jesus - Edições Oliveira - 1965.*

VERÍSSIMO DE SOUZA FREITAS

Pintor

Pintor negro, Veríssimo de Souza Freitas, notabilizou-se sob as orientações artísticas de José Joaquim da Rocha, nome que começa a despertar curiosidade para se saber quem foi este ilustre homem que fizera escola por imposição de seu talento e virtuosidade nos difíceis tempos coloniais. Dizem seus estudiosos, que José Joaquim, de Salvador, Bahia, do qual se desconhece a data de nascimento, é tido como o mais importante pintor do período baiano, ainda que muito pouco reste de sua obra que hoje testemunhem a sua performance, como a existente na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Esta introdução tem a sua razão de ser, pois Veríssimo de Souza Freitas é mais um dos discípulos de José Joaquim da Rocha. Veríssimo teria sido, de seus alunos, o mais antigo com atividade exercida em Salvador na segunda metade do setecentos e início do oitocentos. Veríssimo trabalha com seu mestre, em princípio, no coração da Igreja da Palma, onde executou oito painéis de santos e de beatos agostinianos na parte inferior da nave. Dotado de certa desenvoltura para a arte pictórica, Veríssimo praticou a pintura Di Solto In Sú, como está comprovado nos tetos das igrejas dos Conventos da Lapa e de São Francisco do Conde, Bahia, onde tal obra representa a Glorifica-

ção da Imaculada Conceição pela Santíssima Trindade. Terminada esta etapa de estudos da vida e obra de Veríssimo, pela via de comparações estilísticas, podem ser atribuídos diversos quadros de cavalete, tais como o de São Bento e o da Santa Benedita do Mosteiro de São Bento, cidade de Salvador. Este pintor, que era classificado como sendo de cor parda, ainda executou trabalho no ano de 1819, quando teve a oportunidade de colaborar na decoração do interior da Igreja dos Perdões, também na capital baiana. Pintor dos mais discretos, não suporta, segundo os seus estudiosos, ser cortejado com o estilo e a performance do discípulo, José Teófilo de Jesus, de estilo mais bem definido e arrojado, pois revela-se um desenhista canhestro e colorista mais convencional, sobressaindo-se mais por sua intensa capacidade de trabalho e operosidade do que mesmo por qualquer dote especial. Dizem os críticos, que "suas figurinhas de santos e de beatos, atarracados e algo artificiais, revestem-se, porém, não raro, de insuspeitada expressão, e nesse ou naquele detalhe acusam até mesmo graça e elegância". Os dados a respeito de Veríssimo de Freitas são parciais, em termos de informações mais pormenorizadas, como, por exemplo, sobre quando nasceu e sobre a data de seu falecimento. Isto não é de se estranhar, se levarmos em conta o pouco caso dispensado aos negros pelos "senhores da história".

Mão Afro-Brasileira, organizado por Emanuel Araújo - Tenenge - 1988.

VERÔNICA MARIA DA SILVA GOMES

Fundadora da Djumbay (Organização Pelo Desenvolvimento da Arte e da Cultura Negra)

Verônica Maria da Silva Gomes, natural de Recife, Pernambuco, nasceu no dia 26 de março de 1965, filha de Maria da Silva Francisca Neta e José Bosco Gomes. Verônica Maria da Silva Gomes é solteira, graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal de Pernambuco, professora e tradutora de inglês com diploma TTC - Teacher's Training Course pela Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos. Iniciou sua militância no movimento negro brasileiro em 1991, participando do Projeto Cultural Sambaxé na qualidade de colaboradora e tradutora de projeto. É sócia-fundadora da Djumbay - Organização pelo Desenvolvimento da Arte e da Cultura Negra, onde foi coordenadora de Comunicação de 92 a 97, período em que integrou o Conselho Editorial do Jornal Djumbay - Informativo da Comunidade Negra, e representou a organização nos assuntos ligados à área de comunicação. Co-idealizadora da Lembadilê - Central de Notícias Afro-Brasileira, na qual exerceu a fun-

Quem é Quem na Negritude Brasileira



ção de coordenadora no período de agosto de 1996 a março de 1997. Integrante da equipe que viajou à África do Sul para realizar vídeo-documentário sobre aquele país no pós-apartheid a convite da Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura; integrante da equipe responsável pelos relatórios do Seminário "Planejamento Estratégico da Conen - Coordenação Nacional de Entidades Negras" e do Seminário "A Realidade da População Negra do Nordeste". Atualmente é assessora de Comunicação para Assuntos Internacionais da Organização Djumbay. Entre outros, participou dos seguintes eventos: Congresso Nacional Afro-Brasileiro (1994); 1º Seminário de Planejamento Estratégico da Coordenação Nacional de Entidades Negras Conen (1994); Valorização Turística, Histórica e Cultural da Serra da Barriga (1994); A Realidade da População Negra no Nordeste (1995); A Epidemia de HIV-AIDS e a População Afro-Brasileira (1996); Seminário da Conen (1997); A Epidemia de HIV - AIDS e a Comunidade Negra (1997); Seminário Internacional "Ética e Estética Multirracial Brasil-África do Sul" (1997); Mulheres Negras e Estratégias de Comunicação (1998).

VICENTE CÂNDIDO

Vereador

Vicente Cândido é natural de Bom Jesus do Galho, Caratinga, Minas Gerais, onde nasceu no dia 17 de novembro de 1959. É o primeiro vereador negro eleito para a Câmara Municipal de São Paulo pela legenda do Partido dos Trabalhadores. Ele tem por hábito repetir constantemente a frase: "Fale alto! Sou negro e tenho orgulho de ser negro!" Este é um pensamento e um sentimento atribuído ao extraordinário líder negro Steve Biko, brutalmente assassinado, há trinta anos, pelos esbirros do regime racista da África do Sul. O "despertar" completo da negritude de Vicente Cândido se deu por meio de sua participação relacionada aos movimentos negros

que foram em seu partido, que deram ênfase a campanha eleitoral de 1996. Nunca havia antes participado de grupos anti-racistas. Durante a campanha notava-se que eram poucos os representantes da raça negra do PT disputando uma vaga para o Legislativo Paulistano. "Neste caso, acabei virando uma referência dos movimentos que me procuraram e fui, naturalmente, me interessando sobre as suas questões específicas, que são minhas também". A vitória de Vicente Cândido estabeleceu-se como um marco dentro do PT. É assim que a questão racial tornou-se uma das bases principais da atuação de Vicente Cândido, como vereador e como presidente do Diretório Municipal desta legenda, cargo que acaba de assumir no decurso do ano de 1997. Obediente a uma decisão proveniente do Encontro Estadual, ele vem incentivando a implantação da Secretaria de Combate ao Racismo, no âmbito da Secretaria da Administração Pública Municipal. Argumentando em defesa desta tese, Vicente Cândido afirma que sobre os negros há muito poucas estatísticas a respeito de sua realidade em São Paulo e no Brasil. "Faltam locais para aglutinarmos os movimentos e as discussões sobre o assunto. Temos que criar um banco de dados de natureza oficial para que possamos estabelecer políticas concretas para melhorar as condições de vida dos negros em São Paulo". No Legislativo da Paulicéia, Vicente Cândido vem apresentando uma série de projetos de lei que beneficiam o negro, como a quota de 25% de participação de atores e modelos negros em propagandas oficiais e a implantação de uma linha de crédito educativo para universitários negros e carentes, ressaltando que a sua principal preocupação recai sobre o "Núcleo Pré-Vestibular para Negros e Carentes", implantado neste ano de 97, na capital. Com cinco unidades já funcionando o cursinho é a concretização do sonho de um grupo extra-partidário e dos integrantes de seu gabinete, que acreditam, como o vereador negro, que cultura e educação são os pilares sobre os quais se poderá colocar uma política competente e efetiva para se pôr um fim definitivo nessa tradição de desigualdade existente entre negros e não negros, comprometendo a democracia e a prática da plena cidadania proclamada pelos programas de Direitos Humanos no país.

VICENTE FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO

Técnico eletrônico

Toda criatura humana deve encarar o racismo de qualquer natureza, particularmente o que estigmatiza a etnia afro-brasileira, como uma provocação. É através de práticas brutais e desumanas, de teor preconceituoso e discriminatório, que os círculos mais conservadores e retrógrados do Brasil têm a audácia não só de ver com indiferença, mas até mesmo de par-

participar, com ação ou omissão, de assassinatos que chocaram a consciência humana do mundo inteiro, como o massacre das oito crianças e jovens negros na Igreja Candelária, das 21 pessoas, negras e pobres, preparado pelo maior grupo de extermínio de que se tem notícia, na favela de Vigário Geral, do assassinato a sangue frio de cinco crianças negras do bairro carioca de Belford Roxo, e das 11 moças e rapazes negros da favela do Acari, todos ocorridos no Estado do Rio de Janeiro; além da brutal execução de um jovem empresário negro, no ABC, no Estado de São Paulo. Por estes e outros fatos hediondos é que o racismo precisa ser contido, de modo eficaz e permanente. Um desses exemplos mais saudáveis e atuais de contenção de tais selvagerias, está no enfrentamento, lúcido e corajoso, imposto pelo técnico eletrônico, Vicente Francisco do Espírito Santo, à empresa Eletrosul de Santa Catarina, pelo fato de tê-lo demitido do quadro de seus funcionários, em razão de sua cor negra, num flagrante atentado à Lei de nº 7.716, conhecida como Lei Caó, que capitula como crime inafiançável e imprescritível a prática de racismo, em todo o território nacional. Vicente Francisco do Espírito Santo é natural de Volta Grande, Estado de Minas Gerais, onde nasceu, no dia 26 de abril de 1948. Vicente do Espírito Santo constituiu família casando-se com Maria da Trindade do Espírito Santo, com quem tem três filhos menores, Renata, Ana Carolina e Vicente. Em primeiro de janeiro de 1975, foi admitido como funcionário da Eletrosul para Santa Catarina, vindo a residir em Florianópolis no ano subsequente. Transcorridos 16 anos de atividades regulares nessa empresa, Vicente recebe, no dia seis de março de 1992, uma correspondência interna informando-lhe de seu desligamento da Eletrosul a partir daquela referida data, baseado em racismo puro e simples, fato que levou Vicente a não receber as verbas rescisórias. Comunicada a respeito por meio de uma carta, a empresa designa comissão de sindicância a fim de apurar a denúncia. O Sr. Vaner Palma de Oliveira, inteirando-se do teor da frase, segundo o qual dizia: "o que esse crioulo quer mais agora que conse-

guimos branquear o departamento?", confirma o racismo, denúncia que é levada à Ordem dos Advogados do Brasil, que estranha os motivos da rescisão e abre inquérito policial. Vicente perde nas primeiras lides judiciais, mas não desiste, até conseguir sua reintegração provisória, em 1995. São impetrados diversos recursos em ambos os sentidos, concluindo apenas parte da demanda com a manutenção do emprego de Vicente Espírito Santo, "contrariando jurisprudência dominante naquela instância, visto que o Ministério Regional do Trabalho do Estado de Santa Catarina registra expressamente que houve a prática de racismo". Nesse rumoroso caso envolvendo uma empresa e um de seus funcionários, Vicente Francisco do Espírito Santo, teve a irrestrita solidariedade de várias instituições sérias e ativas, como a Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça que tem à sua frente, Dr. José Gregori e Ivair Augusto Alves dos Santos, assim como integrantes do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB) de Santa Catarina.

VICENTE GOMES JARDIM

Pedreiro, autor do Manual do Arquiteto Brasileiro (1891)

Pedreiro muito hábil, Vicente Gomes Jardim nasceu na Paraíba no dia 16 de setembro de 1841. Com um jeito especial para a arte da pedra, considerado mesmo hábil e distinto artista, publicou em 1891, no Recife, o Manual do Arquiteto Brasileiro, considerado pelo Diário do Recife "trabalho de grande utilidade aos que se dedicam à arte de pedreiro e construções". Na Revista do Instituto foi publicado seu trabalho Monografia da Cidade da Paraíba. Foi agrimensor das terras da Marinha e também se dedicou à literatura. Era um homem negro muito polido e robusto. Faleceu no dia 16 de setembro de 1905, ao completar 64 anos.

Homens do Brasil - Liberato Caboclo - Vol II, Parahyba, 1914

VICENTINHO

Líder sindical

"Luto por um Brasil melhor! Sou socialista, fraterno, humanitário, democrático, igualitário. Defendo uma sociedade que tenha como essência a felicidade humana!" Estas palavras, que parecem que foram arrancadas do Sermão da Montanha, são de Vicente Paulo da Silva - o combativo e combatido - Vicentinho, nascido nos sertões do Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Acari. Vicentinho coloca-se sobre dois patamares no instante em que postula direitos - não privilégios - para seus irmãos de etnia e para a cate-



goria de trabalhadores que defende. Para Vicentinho, ser trabalhador, ser operário, ser assalariado, não é, necessariamente, um castigo; o exercício da profissão pode causar males fisicamente, mas,

emocionalmente, traz-lhe a certeza e a tranquilidade do dever cumprido. É o que transforma o ser humano em cidadão. O desemprego, contrariando essa virtude, esmaga, humilha e desestabiliza a condição de cidadania do negro e do trabalhador em geral. Estes princípios, para Vicentinho, valem por uma filosofia de vida, equivalem por todo um código de ética capaz de humanizar a sociedade e dar dignidade aos que a ela se integram. (...) Para Vicentinho, atual presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), não há nada de ridículo, e muito menos de romântico na concepção com que a burguesia dominante escarnece deste termo - no fato de se querer construir uma sociedade voltada para a felicidade coletiva. Nascido no Rio Grande do Norte, Vicentinho, como tantos outros, migrou para São Paulo em busca de trabalho e de estudo, sindicalizando-se depois de participar da vida e da luta dos trabalhadores da Mercedes, quando começa a descobrir a energia que o arrastava para transformá-lo em líder de sua categoria metalúrgica de São Bernardo, sempre movido, não meramente por ódio, por revolta, ou por qualquer outra atitude ressentida, mas por um sentimento de solidariedade; diz ele jamais se conformar em ver um indivíduo grande batendo num pequeno: sempre acabava entrando na briga, ao lado do mais fraco. Prisões, cassações, greve de fome, raspagem de cabelo, tudo, enfim, que pudesse pôr em evidência perante à opinião pública a sua luta e o seu empenho por uma boa causa, para Vicentinho era e continua sendo válida, "já que me incluo, segundo dizem, entre os 25 brasileiros formadores de opinião". É evidente que dentro do espírito de comunidade, as questões negras não poderiam ser descartadas, uma vez que Vicentinho é um negro assumido e sofreu também a sua amarga cota de racismo e de discriminação. Este racismo ainda vigora com muita força no meio das relações do trabalho. Por isso é que Vicentinho lastima o fato de "perceber que há muitos negros que não assumem a sua negritude, especialmente quando chegam à classe média ou quando viram empresários. Ou têm vergonha ou foram inebriados pela cultura branca dominante, própria de quem sofreu em sua estrutura humana uma espécie de lavagem cerebral".

Revista Raça Brasil - Ano 2



VILMA LÚCIA DE OLIVEIRA

Professora e empresária

Mineira da cidade de Ituiutaba, na região triangolína, Vilma Lúcia de Oliveira Warner nasceu no dia onze de maio de 1951. Viúva de Paul Jeremiah Warner, afro-americano, Vilma é mãe de Fabio de Oliveira Barbosa, residente nos Estados Unidos, onde é casado com a norte-americana Chystyne Haarick, cujo casal deu a Vilma três netinhos: Taylor, Alexis Grace e Balyli Imani. Vilma Lúcia de Oliveira é assistente social, formada pela Faculdade Paulista do Serviço Social do Estado de São Paulo, depois de lutar galhardamente pelos ideais de negritude, hoje alimenta um grande sonho que é o da criação de uma Universidade Afro-Brasileira, nos moldes propostos pelo padre Tonirila conjuntamente com a CNBB. Esta idéia co-



meçou a martelar a sua consciência a partir da fundação da Escola de Idiomas Brasileiros, inteiramente voltada para os alunos negros e que oferecem preços 40% mais baixos dos que os encontrados no mercado. Vilma é ativista dos movimentos negro, feminino e feminista, com assídua militância de mais de 20 anos e como ex-dirigente do PCB, tem autoridade para reivindicar para o seu grupo étnico todos os direitos à plena cidadania que lhes têm sido usurpados no Brasil e no mundo. Na prática, Vilma foi membro fundadora do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo, em 1984. A criação de clubes de mães, creches, sacolões comunitários, sempre estiveram na mente e na ação de Vilma como forma de se atender as populações de baixa-renda, onde o negro se encontra mergulhado com a quase totalidade de seus membros. São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Porto Alegre, Bahia, Brasília são alguns dos Estados brasileiros que viram ou ouviram a "fala negra" de Vilma, exigindo casa e atenção para as mães solteiras, cooperativas habitacionais, escolas públicas de qualidade, transportes seguros, quando de suas palestras em programas de TVs, como na Record, Manchete, Bandeirantes, Gazeta, entrevistas a jornais e revistas e

Quem é Quem na Negritude Brasileira

mesmo em Universidades onde seu comparecimento era solicitado por quantos se interessavam pela questão social. Com relação a questão religiosa, Vilma converteu-se e hoje professa a religião muçulmana, o que significa crer que não há outra divindade a não ser Alá - Deus em arabe, e que Mohammad - Moisés, é o profeta exclusivo, e tem no Alcorão Sagrado, a sua Bíblia. No mundo de hoje, as religiões em números, encontram-se assim divididas: muçulmana, 1,1 bilhão; católica 981 milhões; hindu, 793 milhões; protestante, 404 milhões; budista, 325 milhões. Ásia e África são, atualmente, os Continentes com maior número de muçulmanos. Para Vilma Lúcia de Oliveira, que chegou ao Islamismo através de negros dos Estados Unidos, o fato de haver assistido o filme MalcomX dirigido pelo cineasta negro Spike Lee, foi decisivo para a sua mudança, mas nos revela, com muita consciência, que "ao se converter não absorveu ainda a cultura islâmica, mas sim a religião".

VIRGÍNIA DO AMARAL

Líder religiosa da Ação Católica

Filha de Ríia Maria de Jesus e Libório Joaquim do Amaral, nascida em Itapira, Estado de São Paulo, aos 24 de junho de 1909 e falecida aos 9 de abril de 1995, Virgínia do Amaral, a caçula de onze irmãos, ficou órfã de pai muito cedo, passando a morar com a irmã mais velha, em São Paulo, com apenas 2 anos de idade. A mãe continuou em Itapira até que a filha mais velha conseguisse montar casa em São Paulo. No novo lar, Virgínia foi desde pequena demonstrando ser um espírito privilegiado. Os recursos financeiros eram poucos, fazendo crer que enfrentou uma vida de sacrifícios que a fez tornar-se forte no caminho da sua longa e proveitosa vida de cristã a serviço dos irmãos. Morando perto da Avenida Tiradentes, aos 12 anos entrou num curso de costura na Avenida Consolação e fazia o trajeto a pé, certamente por economia. Já nessa época se preocupava com a boa formação das crianças, ajudando no catecismo da Igreja São Sebastião, perto do quartel da avenida Tiradentes. A família mudou-se para Perdizes quando Virgínia tinha 17 anos, onde começou a trabalhar na Igreja São Geraldo. Lá conheceu uma senhora alemã, Dona Leonor, chefe do Serviço de Psiquiatria de um hospital nas Perdizes, que, vendo em Virgínia muitas qualidades, a convidou para trabalhar no referido hospital. Nessa época, começou a fazer vários cursos de especialização e sempre estava aprendendo. Assim, depois de alguns anos, passou a trabalhar como técnica de laboratório do hospital, conseguindo realizar o curso de auxiliar de enfermagem. Por volta de 1945, seu trabalho se estendeu além da Paróquia de São Geraldo, para outras paróquias como a da Vila Anastácio e a da Água Bran-

ca, na rua Clélia. Na Vila Leopoldina iniciou a Cruzada Eucarística Infantil, além de realizar reuniões com adultos. Ensinava catecismo e realizava o Mês de Maio para fortalecer o amor à Nossa Senhora. Virgínia era incansável, seu espírito se voltava para todos os lados onde haviam necessidades populares. Chegou a construir casas para favelados com verba conseguida com Marta Terezinha Godinho, então secretária do Bem-Estar Social, e completada com contribuições de pessoas amigas. Iniciou o Centro Social da Paróquia de Vila Leopoldina arrecadando mantimentos e roupas para dar aos pobres da região. Arrumava emprego, cuidava da saúde e da alimentação dos necessitados que a procuravam nas paróquias e mesmo em sua casa. Organizou vários cursos de costura, culinária, bordado e pintura. Na sua mocidade militou ativamente na Juventude Operária Católica (JOC). Continuou depois como ex-participante desse notável ramo da Ação Católica durante 50 anos. Este grupo se reúne no segundo domingo de cada mês na Casa de Santa Rita, na Avenida Higienópolis. Inúmeros foram os retiros espirituais dos quais participou. Aliada à necessidade espiritual, organizava passeios e excursões inesquecíveis, segundo as participantes. A mais importante dessas excursões foi a sua ida à Europa, no ano santo de 1954, quando conheceu vários santuários e, em Roma, conheceu o Santo Padre Pio XII, o que se considera uma especial bênção de Deus por seus trabalhos pela Igreja. Por esse tempo, muitos



foram os Congressos Eucarísticos realizados pelo Estado de São Paulo e outros Estados do Brasil. Havia também a visita à Nossa Senhora Aparecida, feita anualmente em romaria. Aposentou-se por doença, mas continuou a trabalhar para pessoas carentes e a fazer cursos, como o de parteira. Centro social, grupo de orações, pastoral da saúde, comunhão aos doentes, novenas em casas de família, clube de mães, cestas básicas, ensino de costura e bordados, foram alguns dos objetivos desta criatura privilegiada que

dedicou seus serviços à igreja em São Paulo. Só mesmo uma grande fé e amor a Deus permite fazer tantos benefícios em prol da Humanidade e assim foi a vida exemplar de Virgínia do Amaral.

Relato de Mariote, sobrinha de Virgínia, coletado por Inez Mariza Sanches e inserido no livro, Virgínia do Amaral - João Scottesi Editora - 1996

VITAL NOLASCO

Ex-vereador

Eustáquio Vital Nolasco, nascido em 16 de dezembro de 1946, na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, é filho de Orlando Vital e Diva Zanandrei Nolasco. Participou da luta dos estudantes secundaristas na década de 60, tendo militado na JOC - Juventude Operária Católica de 67 a 69, em Belo Horizonte, onde foi coordenador regional. Atuando nas lutas operárias de 1968 em Belo Horizonte, é obrigado a vir para São Paulo, onde continua sua militância operária sindical. Ainda em Belo Horizonte, ingressa na Ação



Popular (AP), organização revolucionária de esquerda e, posteriormente, ingressa no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no ano de 1970, sendo militante do partido até os dias atuais. Casa-se em 1971, com Maria Ester Martins Nolasco. Do casamento, nascem 3 filhos, Patrícia, Daniel e Iara. É preso em São Paulo, em 1974, pelo órgão repressor Doi-Codi, onde é barbaramente torturado. Posteriormente, é julgado e absolvido pela Auditoria Militar do Exército, por falta de provas. Participa das greves de 1979. É eleito, em 1984, secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, onde inicia sua atuação no movimento negro, tendo participado do Comitê de Solidariedade ao Povo Sul-Africano e pela Libertação de Nelson Mandela. O Comitê realiza um ato público em 1985, que contou com a presença de várias personalidades negras, como Martinho da Vila, Elza Soares, Clementina de Jesus, Tereza Santos e Benedito Cintra. Eleito vereador pelo muni-

cípio de São Paulo em 1988, foi reeleito em 1992. Durante o mandato, teve como uma das prioridades de sua atuação o combate ao racismo, aprovando várias leis neste sentido, como o SOS Racismo. Incluiu na Lei Orgânica do Município dispositivo que pune empresas por prática de racismo. Presidiu comissões para apuração de crimes raciais e é de sua autoria a lei que criou o Acervo da Cultura e do Viver Afro, que funciona no bairro do Jabaquara. Aprovou a lei que criou o Museu do Samba e a Galeria dos Imortais do Samba. Concedeu o título de Cidadão Paulistano ao líder negro Nelson Mandela. Atualmente, faz parte do secretariado do Comitê Central do PCdoB, onde exerce a função de secretário dos movimentos sociais, tendo como uma das tarefas a orientação da luta anti-racismo.

VITÓRIA BRASÍLIA DE SOUZA LIMA

Coronel da Polícia Militar Feminina do Estado de São Paulo

A presença dos afro-brasileiros espraia-se por todos os campos da manifestação humana, mostrando vitalidade e versatilidade. Todavia não se conhece outro povo ao longo da história de nossa civilização que tenha sofrido tanto, por mais tempo e de forma tão intensa e sistemática o massacre de sua gente, e que tenha superado com tanta tenacidade e galhardia quanto a raça negra. Talvez resida aí o mistério de sua capacidade de resistir e de vencer as vicissitudes da vida. Hoje encontramos os herdeiros deste rico e sofrido legado erguendo os seus troféus emocionados e vitoriosos, apesar dos pesares. É no interior desta moldura que nos fomos deparar com a gloriosa existência da militar negra Vitória Brasília de Souza Lima, coronel comandante da Polícia Militar Feminina do Estado de São Paulo. Esta dirigente militar que se orgulha de sua etnia é uma das primeiras mulheres negras a assumir um posto de tão alta responsabilidade e relevância na hierarquia da polícia em nossa história. Sua carreira começou em 1967, quando ingressou como policial de rua após a unificação da polícia civil e feminina; em 1969 teve a chance de ingressar na Força Pública. No ano de 1970, a coronel Vitória já era 1ª sargento e em 1972 fez curso para tornar-se oficial da PM, na condição de 1ª tenente. Daí foi a subtenente, capitã, major e tenente-coronel. Como se vê, foram três décadas de luta, de estudos, perseverança e de muita abnegação e disciplina. Sempre perseguindo melhores posições no meio de sua corporação, a coronel Vitória formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, graduando-se em Direito Processual, o que a permitiu permanecer por 4 anos na Escola de Oficiais Militares do Barro Branco, onde acabou de se formar coronel comandante. Coronel Vitória é uma dessas pessoas que se preocupam com a

sua boa imagem e com a imagem de seriedade e respeito que uma corporação militar deve ter para merecer o acatamento e a admiração dos demais cidadãos brasileiros, para que ela faça de sua autoridade um instrumento de proteção e garantia da paz social, que deve ser o apadrinhamento de quaisquer instituições públicas em todos os tempos. No entender da coronel Vitória, não se pode correr o risco de errar ao oferecer autoridade a pessoa errada, porque o preço que se paga em decorrência de tais equívocos é muito alto e sem retorno. Outro erro que tudo devemos fazer para que tal não se verifique está na forma simplista de se confundir, por ingenuidade ou por má-fé, gente simples e humilde com marginais contumazes; esta forma canhestra e tacanha de medir as pessoas pela simples aparência é que tem sido a grande responsável pelas prisões arbitrárias e pelas condenações de vítimas sem culpa formada, como de certa forma tem ocorrido com a população negra, principalmente nas periferias dos grandes centros urbanos. Com este espírito de estabelecer critérios de justiça e de compreensão humana, é que o governador do Estado, incumbiu a Polícia Militar Feminina de realizar a segurança nas escolas estaduais das Zonas Norte, Sul, Leste e Oeste de nossa cidade. Esse trabalho foi dado às mulheres pelas suas características ternas e sensíveis, o que tem trazido bons resultados e que assegura que o trabalho com meninos e meninas de rua e com mulheres só encontram soluções possíveis se tratados por mulheres. Coronel Vitória é um exemplo a ser seguido por negros e brancos, por homens e mulheres, por civis e militares que amem e lutem de maneira a colocar o seu talento e sua inteligência a serviço de toda a Humanidade.

Revista Swingando - Ano 2 - número 5 - 1997

VITORIANO DOS ANJOS FIGUEIROA

Entalhador

O grande entalhador, embora nascido na Bahia, iria realizar em São Paulo seu trabalho da nova Igreja Matriz de Campinas, executada em meados do século XIX, dentro, porém, da mais pura atmosfera setecentista, na qual o artista plasmara seu estilo. Vitoriano dos Anjos teria já mais de 80 anos quando chegou a Campinas, contratado por um rico negociante português, ali residente, para se incumbir das obras da talha da matriz, cuja construção vinha se arrastando desde 1807. É lícito indagar quais obras teria produzido em sua terra natal até porque se o vinham buscar de tão longe em tão avançada idéia, é que possuía fama de bom escultor, e isso não se adquire da noite para o dia, mas ao cabo de muitos anos de trabalho. Infelizmente, seu nome aparece só duas vezes nos documentos de arquivos, executando em 1834-1835 uma tocheira destinada à vela da pureza, para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, e em 1841, fazendo 5 calvários de Jacarandá para a

Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, ambas em Salvador. Celso Maria de Melo Pupo, com acuidade, aventa a possibilidade de Vitoriano dos Anjos ter sido o autor da obra de talha do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Salvador, quando da reforma que se seguiu ao incêndio de 1828: "Um confronto atento da capela-mor do pilar com a de Campinas leva à conclusão de que o projeto seria o mesmo e de que a execução de Campinas foi completa. Vitoriano dos Anjos possivelmente tenha trabalhado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, na sua capela-mor, entre 1828 e 1832. E, como encontrou na matriz nova de Campinas maior altura do forro, deu-lhe outra grandiosidade, executando o projeto com maior beleza e bom gosto". Vitoriano dos Anjos trabalhou na Matriz de Campinas até 1861, nela executando obra absolutamente singular. Quando de sua morte, foi enterrado no cemitério da Matriz que tanto ajudara a embelezar, a 30 de julho de 1871. No registro fúnebre estampado nos assentos paroquiais diz-se que o artista falecera aos 100 anos de idade.

VOVÔ DO ILÊ AIYÊ

Fundador do Ilê Aiyê

O baiano Antonio Carlos dos Santos é conhecido internacionalmente apenas como "Vovô". É fundador, idealizador e criador da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, juntamente com Apolônio de Jesus. Já falecido. Vovô nasceu em 14 de Junho de 1952, na cidade de Salvador. Filho de Valdemar Benvindo dos Santos e Hilda dos Reis Dias.

Fez os estudos primário e ginásial na Escola Parque, e depois os cursos de patologia clínica e o de engenharia eletromecânica, tendo trabalhado como comerciário e operador da Ceman e da Cobafe, no pólo petroquímico da Bahia, de 1976 a 1981. A partir do momento em que passa a se dedicar, exclusivamente, ao trabalho de presidir e administrar o Ilê Aiyê e sua banda, Vovô tem vivenciado inúmeras oportunidades de contribuições para o resgate e a afirmação da cultura



Quem é Quem na Negritude Brasileira

de origem africana no Brasil. Produziu os três discos do Ilê Aiyê. Foi coordenador do Carnaval da Liberdade de 1989 a 1992. Coordenou o carnaval de Salvador, em 1996. É produtor de artistas nacionais e estrangeiros nos eventos do Ilê Aiyê. Foi membro da Comissão Organizadora da vinda de Nelson Mandela. Foi membro da Comitativa Oficial de Intercâmbio Bahia-Benim. Consultor para a criação de blocos afros no Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo. É responsável pelo projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê e, atualmente, é membro do Grupo de Trabalho Interministerial para a valorização da População Negra, órgão presidido pelo Ministério da Justiça e que conta com a participação dos Ministérios do Trabalho, da Saúde, da Educação, das Relações Exteriores, Esportes, Planejamento e Orçamento, Secretaria de Assuntos Estratégicos, Secretaria de Comunicação Social da Coordenação do Fórum Intermunicipal de Cultura e membros da sociedade civil, criado pelo Presidente da República, com o objetivo de desenvolver políticas que valorizem o potencial da população negra de modo multidisciplinar. Com um trabalho voltado, exclusivamente, para a conscientização da população negra de seus direitos civis e fazendo isso através de manifestações político-culturais como o bloco Ilê Aiyê, a Banda Aiyê, a Escola Mãe Hilda, o projeto de Extensão Pedagógica, a Banda Erê e outras, Vovô tem acumulado prêmios e conhecimentos no Brasil e no exterior.

Texto de Elaine Inôncencio

VOVÓ TEREZA

Criadora da Fundação Vovó Tereza

Mês de dezembro, mês do menino Jesus, mês do Natal. É o último mês de um ano em curso. Festividades mil. Mil alegrias, alegrias que contagiam os corações das pessoas de boa vontade. Todas as criaturas se amam e juntas, festejam, congratulam-se e irmanam-se da forma mais aberta e sincera, e quantas vezes, inusitadas. Pois foi, exatamente neste mês, para ser mais preciso, no dia 8 de dezembro - dia para os católicos, de Nossa Senhora da Conceição, do ano de 1929, que Deus mandou ao mundo esta criatura, para cumprir uma difícil e árdua missão, porém das mais belas, de quantas a Humanidade conhece. Natural da Cidade de Campos de Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro, berço do temível e temido "Tigre da Abolição", José do Patrocínio, nascida num dos bairros mais pobres, para a sua época, na rua de nome Dona Branca no Turf Club. Eram seus pais Salvador Izaurino Matias e Maria Madalena Pereira Matias, gente muito pobre e desprovida de qualquer recurso material, contudo, bondosa e honrada; ele, com profissão lavrador e ela professora de primeiras letras, que, pelo fato de ser negra, não podia exercer o magistério como se dava com as suas colegas de cor branca. Tia Vovó, como ficou conhecida na história da cidade em



que nasceu, ficou órfã de mãe prematuramente, com um ano e sete meses de idade, passando daí para frente a ser criada pelos avós maternos. A partir desse momento que sua vida muda bastante, uma vez que seus avós eram mais pobres ainda, razão pela qual, desde menina, Conceição passou a ser menina de rua, e pela simpatia e vivacidade que possuía, conseguiu cativar a todos que lhe davam ajuda; mesmo assim, quando não conseguia amealhar nada, era severamente castigada com duras penas pelos avós. Nestas condições, viveu até alcançar a maturidade e casar-se, aos 23 anos, com João de Deus de Souza, homem bom, quieto, mas, também, de precárias condições de vida, o que não o impedia de apoiá-la em seus ideais, que eram a luta pela verdadeira emancipação dos negros e o combate a formas de discriminações raciais, através de um movimento muito sério e responsável. Depois de quatro anos de casada, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro, tornando-se governanta de muitos embaixadores, ampliando assim os seus conhecimentos pessoais, convivendo com gente importante que muito a ajudaram em sua campanha. Ela até lembra de um fato: recebeu um convite para um casamento no final do Leblon e lá chegando, o convite não era extensivo aos negros, o que muito a decepcionou, resolvendo, a partir daí, intensificar a sua campanha em favor de sua raça negra, retornando à cidade natal e junto com o marido, abriu a Fundação com o nome de Vovó Tereza, ali pelos anos de 1958 e 1959, a qual só foi registrada em 1966. Dizer com palavras o que é Conceição para os seus semelhantes fica difícil, mas citar o que sua Fundação fez e faz para os pobres é muito fácil. Ela, hoje, é famosa no local; diante de sua organização, formam-se filas de pessoas pedindo comida, roupa, remédio, material escolar e tudo o mais que Conceição recebe como doações. Para ela, os políticos só prometem e as pessoas de posse financeira pouco fazem pela Fundação. Mas ela está lá, firme, fiel e incansável, com os seus quase setenta anos, servindo a todo que pode e ninguém sai sem um bem material ou uma palavra de conforto da Fundação Vovó Tereza.

W

WAGNER DO NASCIMENTO

Deputado federal e ex-prefeito de Uberaba

É natural da cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 27 de junho de 1936 e é filho de Leontina Ferreira e Olívio Nascimento. É casado com Aparecida do Nascimento e tem três filhos:

Wagner Júnior, de 24 anos, Werner, de 21 e Weber, de 19. Wagner do Nascimento é deputado federal por Minas Gerais, pela legenda do PPB, com residência em Uberaba e está no exercício do seu segundo mandato. Tem formação universitária e, como engenheiro, é topógrafo e titular da Cadeira de Topografia e Geodésia, de Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro. Wagner do Nascimento foi vereador e vice-prefeito por duas legislações para, em seguida, eleger-se prefeito de Uberaba - 1983 a 1988 - tornando-se o primeiro prefeito negro desta importante cidade da zona do Triângulo Mineiro. Sua campanha, de cunho eminentemente popular, baseou-se em contato direto com a nobre e operosa população local, sendo que na ocasião estava em evidência a música *Fuscão Preto*. Os adversários políticos de Wagner, querendo levar o seu opositor ao ridículo, apelidaram-no de Fuscão Preto. Wagner do Nascimento não se fez de rogado, tomou de um violão e como é um exce-



lente cantor, saiu pela periferia da cidade cantando o *Fuscão Preto*, o que lhe valeu uma enxurrada de votos, com que Wagner afogou seus oponentes, obteve uma estrondosa votação e uma espetacular vitória. A cidade que coube ao prefeito Wagner governar, já era um dos maiores e bem conceituados centros urbanos do

Estado de Minas Gerais, hoje com uma população estimada em 320.000 habitantes. Para os que se interessam por geopolítica, registra-se que o conglomerado urbano-rural é um dos mais prósperos, ordeiros e laboriosos, de quantos que ora são capazes de encher de orgulho a mineiros e a brasileiros de todos os quadrantes do país. Esta cidade na gestão de Wagner do Nascimento foi visitada por Tancredo Neves, então candidato a presidente da República pelo PMDB, já

que o Brasil ainda vivia os efeitos do bipartidarismo. Esta urbe teve origem no século XIX quando numa região foi fundado o arraial da Capela do Lajeado, povoado que passou a ter o atual nome ao ser levado à condição de município, em 1836. Suas atividades econômicas são intensas, tanto no campo industrial, comercial, como na agropecuária; tem bons centros educacionais e possui universidades o que dão a Uberaba estatura de ser uma das jóias urbanas mais tradicionais do Triângulo Mineiro. O deputado federal Wagner do Nascimento, no

exercício parlamentar, já ocupou as comissões de Economia, Indústria e Comércio; de Agricultura e Política Rural; de Projetos Especiais; de Propriedade Industrial; de Desregulamentação da Economia; da Comissão Especial de Legislação Eleitoral e Partidária e da Comissão de Relações Exteriores, entre outras de igual responsabilidade e peso político. Wagner do Nascimento viajou por vários países, entre os quais, Alemanha, onde foi defender os interesses do Estado de Minas Gerais. Wagner é um ilustre representante da comunidade Afro-Brasileira que honra e dignifica as tradições de luta e o glorioso legado de bravura e sacrifício de Zumbi dos Palmares.

WALMIR FRANÇA SANTOS

Diretor do Olodum

Filho de Waldelice França Santos e Waldomiro Bartolomeu Santos, Walmir França Santos, natural do Estado da Bahia, nascido no dia 15 de março de 1954, é casado com Denise Maria Bandeira França Santos, com quem tem três filhos: Soraia, Diego e Disireé. É importante evidenciar que as informações fornecidas por Walmir, coordenador das ações políticas da entidade junto à sociedade, sobre a história, o programa e a linha ideológica do grupo cultural Olodum são as mais completas já chegadas ao nosso conhecimento. Começa por nos esclarecer que a palavra Olodum tem origem entre os Yorubás, que vieram da Nigéria e do Benin para a Bahia nos séculos passados. A palavra completa Olodumáre representa no candomblé um princípio vital, a Suprema Ordem Fundamental (SOF) e há um grande número de adeptos de outras expressões religiosas, tais como: cristianismo, rastafarismo, bu-

dismo. Olodum, portanto, é uma entidade da comunidade negra que objetiva, entre outras coisas, o resgate e a valorização da cultura negra numa luta indômita contra o racismo em seus vários aspectos e contra a violência racial. Para que tais metas sejam colimadas, o Olodum não exige atestado ideológico, religioso, ou racial de quem quer que seja, bastando para fazer parte deste grupo, única e tão somente, aceitar os seus estatutos. A suas cores quentes e alegres fazem lembrar que as fantasias retratam um enredo ou um tema escolhido por motivos históricos ou culturais e visam dar aos associados e à cidade de Salvador, uma visão plástica da criatividade e riqueza da diáspora africana em todos os tempos. Estas fantasias têm sido criadas pelo diretor artístico Alberto Pita, expressivo criador de design em estamparia. Alguns dos temas ou enredos escolhidos tem sido: O Egito dos Faraós; Madagascar; Núbia; Axum Etiópia; Do Deserto do Saara ao Nordeste Brasileiro; Da Atlântida à Bahia; o Mar é o Caminho; Índia; Os Caminhos da Fé; Os Tesouros de Tuthankamom; O Tropicalismo; o movimento do reencontro com a Bahia, com o Brasil e a cultura dos povos dos trópicos que foram os filhos do sol, em homenagem ao astro rei de todas as raças. Dos Estados Unidos ao Canadá, de Cuba ao Chile, da França à Itália, da Bélgica à Holanda, da Alemanha à Suíça, da Escócia à Inglaterra, da Noruega à Dinamarca, da Espanha à Argentina, da Ilha da Reunião ao Japão, de Angola ao Senegal, da Nigéria a Benin, o Olodum se fez presente com a sua vocação de alegria fraternal que é a sua mensagem aos povos e às nações por onde deixa seu sinete de amor, de vida e de esperança no destino da Humanidade. Nesse grande amplexo com que o Olodum beija o rosto e o talento dos novos amigos e parceiros, encontram-se, entre outros, Jimmy Cliff, Paul Simon, Sadio Watabanabe, Wayne Short, Michael Jackson e organizações internacionais humanitárias, como a Anistia Internacional, instituições que lutam pelos direitos humanos e contra o racismo, não deixaram por menos ao comporem, com o Olodum, instantes de união e de solidariedade. Merece destaque especial a participação do grupo Olodum na solenidade de comemoração dos 80 anos de fundação do Congresso Nacional Africano, na África do Sul, onde Nelson Mandela ergueu-se como o seu grande e histórico presidente.

WANDERLEI DE OLIVEIRA *Treinador de campeões do atletismo*

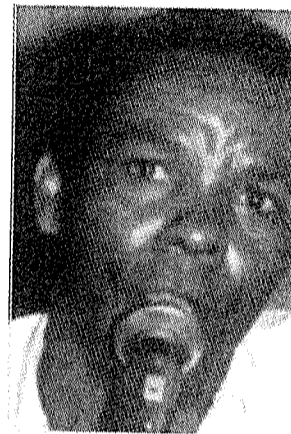
Apaixonado por corridas e filho de atleta - seu pai Olavo de Oliveira foi jogador de futebol do Corinthians - e tendo iniciado sua carreira esportiva como corredor mirim aos 6 anos, Wanderlei de Oliveira, 37anos, sempre gostou mesmo é de treinar as pessoas. Aos 18

anos, já organizava as corridas do Campeonato Paulista Minimirim como diretor do Departamento infanto-juvenil da Federação Paulista de Atletismo. Em 1982, queria a todo custo divulgar a corrida de rua. Para isso, fundou o Clube Corpore, pelo qual passou a promover corridas em São Paulo todos os meses. Também nessa época passou a trabalhar como personal trainer de empresários que participavam do clube e apoiavam seu projeto e começou a levar brasileiros para competir na maratona de Nova York, atividade que mantém até hoje e engloba as provas de Roterdã e Paris. Em 1985 promoveu o 1º Meeting Brasileiro de Corredores, que reuniu estrelas como os portugueses Carlos Lopes e Rosa Mota. Dois anos depois, o treinador deles, Muniz Pereira, convidou Wanderlei para ir a Portugal treinar um grupo de jovens atletas de 16 a 21 anos. "Deles saiu Fernanda Ribeiro atual recordista mundial nos 10 mil metros", orgulha-se. Quando voltou em 1988, passou a treinar Ana Maria Diniz para a maratona de Nova York e tornou-se personal trainer de quase toda a família Diniz, proprietária do grupo Pão de Açúcar. "Em 1990, o Abílio criou o Pão de Açúcar Club, voltado para atender os funcionários do grupo e do qual sou técnico até hoje", conta Wanderlei, que também treina atletas para ultramaratona, com percurso de 100 a 160 quilômetros. Não é à toa que ele tem o título de campeão brasileiro de atletismo na categoria treinador. Como costuma fazer os percursos de corrida junto com seus atletas sente-se na obrigação de manter-se em forma. Para isso, há sete anos ininterruptos corre no mínimo 6 quilômetros por dia. Ele leva isso tão a sério que em 1991 tinha uma conexão de voo em Miami que o prenderia 3 horas no aeroporto. Para não ficar parado pediu autorização para correr por uma hora próximo à pista. No final foi aplaudido. Membro da Associação Européia de Treinadores, Wanderlei de Oliveira dá aula diariamente, às 6 horas da manhã, na pista de atletismo do Ginásio do Ibirapuera para um grupo de mais de 50 pessoas, entre elas vários empresários que aceitaram madrugar para melhorar seu condicionamento físico sob as orientações do técnico. Além disso, ele também está à frente do projeto Walk for Women, direcionado para mulheres que querem emagrecer e dizer adeus à vida sedentária. Apaixonado pelo que faz, um dos mais recentes desafios de Wanderlei, que nunca dorme depois das 21 horas, foi fazer o jogador Neto, do Corinthians, correr a última São Silvestre. "Ele estava 7 quilos acima do seu peso e começamos o treinamento apenas dois meses antes da corrida. Mas conseguiu fazer o percurso em 1h 29 min", conta o técnico que freqüentemente faz cursos de especialização nos Estados Unidos. No final do ano passado foi convidado pelo professor Flávio Trevisan, preparador físico do Corinthians, para fazer um trabalho com o objetivo de me-

lhorar a velocidade dos jogadores em campo. O time venceu o campeonato paulista e foi apontado como a equipe com o melhor condicionamento físico da temporada. Com destaque para o atacante Mirandinha, considerado o jogador mais veloz do Brasil.

WILLIMAN HESTEFANY *Líder sindical*

Williman Hestefany da Silva, natural da cidade de Esmeralda, Estado de Minas Gerais, onde nasceu no dia 10 de julho de 1958, é filho de Luiz José da Silva e de Luzia Corrêa da Silva. Com a profissão de ferroviário metalúrgico, Williman Hestefany entrou como funcionário da Rede Ferroviária Federal, que tornou-se a sucessora da MRS Logística S/A. Por exercer intensa atividade de interesse direto de seus inúmeros colegas de trabalho, Williman ingressou no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias da Cidade de Belo Horizonte, entidade que hoje se situa em cinco Estados da Federação e, em 1989, tornou-se delegado sindical da categoria e, posteriormente, fez-se diretor social desta mesma instituição. É nessa condição de líder sindical que Williman Hestefany da Silva liderou várias lutas em favor da classe que representa, nesse período, como a não municipalização do Metrô, em ato público que se realizou no ano de 1994 e, em manifestação que mobilizou contra a privatização da Rede Ferroviária Federal, assim como, também, contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce. Estas lutas, estes enfrentamentos, Williman os liderou consciente de que tal política é um instrumento que, de uma forma ou de outra, sempre acaba concentrando mais renda e mais poder na mão de um número de pessoas, cada vez menor, que em última instância abandona ao deus-dará um número de pessoas cada vez maior. É uma lei inexorável que faz com que as camadas mais destituídas de amparo da sociedade, sejam atiradas ao flagelo do subemprego e do desemprego, o que está ocorrendo presentemente com mais de 97% da população negra brasileira. Williman Hestefany é, ainda, diretor da CGTB, tendo participado das suas lutas, como as mobilizações feitas no ano de 1996 e 1997 contra a reforma da Previdência, liderando inúmeras caravanas para Brasília-DF procedentes do Estado de Minas Gerais. Vice-presidente do Congresso Nacional



Afro-Brasileiro e presidente da Coordenadoria do CNAB das alterosas, Williman Hestefany projeta-se no cenário das atividades sócio-síndico-culturais como uma liderança negra emergente, capaz de influir na definição de novos rumos para a vida comunitária mineira e nacional. Williman é filiado e militante do PMDB. É com este entusiasmo e espírito de determinação que Williman se faz presente em várias e diferentes frentes de luta, incluindo a associação de bairro, em Betim, no Bairro de São Caetano. Esteve em Havana, Cuba, na qualidade de diretor sindical, em sua Escola Nacional Lázaro Peña.

WILSON BATISTA

Compositor

Com relação à Lei de Direito Autoral, hoje regulamentada e garantida pela Constituição Federal de 1988, admitam os nossos especia-

listas que junto ao processo de sua execução, entretanto, deveria haver, necessariamente, órgãos fiscalizadores confiáveis, devidamente equipados, em benefício dos interessados que na mais das vezes são os maiores e únicos prejudicados. Com esta modesta e despreziosa abertura, damos entrada nessa ligeira crônica a respeito do sambista Wilson Batista, que era natural da cidade de Campos dos Goytacazes, famosa pela extração de petróleo em águas profundas, proeza

inédita da nossa Petrobrás. Dia 3 de julho de 1913 foi o dia de sua chegada ao mundo. Wilson Batista era semi-analfabeto e nunca tocou qualquer instrumento. Mesmo assim teve fôlego e foi capaz de produzir letras e melodias com tal qualidade que era considerado um gênio pelos grandes mestres dos dias em que viveu. "As letras oportunas e melodias perfeitas o levavam a compor sobre os mais variados assuntos, temas das discussões do momento. Um cronista musical a extrair habilmente de cada situação a necessária inspiração para mais um sucesso popular", dizem os seus biógrafos como Luiz Pimentel e Luiz Fernando Vieira, afirmando que Wilson nada entendia de política nem de posicionamento ideológico. Era um crítico que contestava em prosa e música sem indicar soluções plausíveis para os problemas que levantava. Entre estes sambas de cunho social, Chico Brito despontou-se o mais expressivo na retratação de certas realidades daqueles dias. Seu pensamento



Revista Grêmios, Pernambuco

era de alguém engajado, para manifestar tão lógicas definições como dissera: "O homem nasce bom/ e se bom não se conserva/ a culpa é da sociedade/ que o transformou". Estes compositores populares são sempre uns artistas intuitivos, pois absorvem com tranquilidade filosofias inteiras como as que encontram em Émile, de Jacques Rousseau. Os dramas do dia-a-dia, as emoções do povo simples das ruas, os sonhos de cada um de nós artistas como Wilson Batista se estabelecem como cultos de cultura, sobre os quais germinam as suas mais legítimas e puras inspirações. O bêbado da esquina, "o malandro de camisa de seda e navalha no bolso", a prostituta da Lapa e do Mangue trabalhando para o seu homem, o otário foram capazes de causar preocupações das autoridades do Estado Novo pela forma com que Wilson Batista insistia em retratar a malandragem que sambava e gingava em suas composições. É assim que Wilson Batista

pôde ver e ouvir os seus sambas cantados por Aracy Cortes, destacando-se *Na Estrada da Vida*, quando se acha no Rio, atuando no Teatro Recreio, em 1929. Este moço de origem negra chegou a polemizar com Noel Rosa, o que consolidou os modos de malandro, vestindo-se com apuro, terno de linho branco, camisa de seda pura, cachecol branco jogado sobre os ombros e a navalha... sim, a navalha no bolso, posto que o

bom malandro não precisa fazer uso da navalhala é uma espécie de identidade da malandragem. Quantos sambas compôs? Nem ele mesmo saberia dizer se vivo estivesse, já que Wilson Batista faleceu aos 55 anos, na tarde do dia 7 de julho de 1968, num estado de pobreza de causar dó. Pois, como compositor recebia apenas e tão somente, setecentos cruzeiros, em dois meses, por conta de seus direitos autorais.

Coleção - História do Samba - Editora Globo - 1997

WILSON PRUDENTE

Liderança afro

Wilson Prudente, nascido na cidade de São Paulo, no dia 24 de junho de 1957, filho de Aparecida Silva Prudente e Celino Prudente, casado com Inaiá Saraiva Prudente, é um dos pioneiros, pela sua condição de fun-



dador do Movimento Negro Unificado, que nasceu sob o título de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em São Paulo, a partir de um ato de veemente protesto realizado nas escadarias do Teatro Municipal, no dia 7 de julho, de 1978. Wilson Prudente sempre se mostrou inclinado a combater todas as formas de violência racial anti-negro, uma vez que é consciente de sua negritude, dela se orgulhando desde o dia em que se entende por gente. Assim é que se tornou, também, um dos coordenadores do SOS Racismo, do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, o tradicional órgão de lutas e de enfrentamento do racismo e de valorização da Comunidade Negra da Cidade Maravilhosa, mais conhecida por sua sigla IPCN. Wilson Prudente é licenciado em Estudos Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual se formou em 1990. Na qualidade de funcionário concursado para a carreira administrativa do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região tornou-se diretor, por força de duas gestões junto à Associação dos Servidores da Justiça do Trabalho, no Rio de Janeiro. As questões de natureza social sempre empolgaram e motivaram Wilson Prudente a colocar-se na vanguarda das lutas pela defesa e soerguimento da criatura humana. Com esse seu temperamento corajoso, que o inquietava diante dos maltratos das pessoas e das injustiças de que são sempre vítimas indefesas, Wilson Prudente acabou constituindo-se em um dos fundadores e diretor, por duas gestões intercaladas, do valoroso Sindicato dos Servidores da Justiça do Trabalho da Primeira Região, do Estado do Rio de Janeiro - SISEJUFF/RJ. Estudioso e dedicado a questões voltadas para cultura propriamente dita, Wilson Prudente frequentou diversos cursos especializados nessas matérias, não sendo difícil tornar-se aluno do Curso TOGA, encaminhamento preparatório para a Magistratura do Trabalho, onde participou, na ocasião, de diversos congressos sobre Direito do Trabalho, de simpósios,

conferências, encontros e colóquios, afins. Neste momento de sua vida proveitosa e movimentada, Wilson Prudente é Oficial de Justiça Avaliador, concursado, tendo obtido inclusive a primeira colocação no respectivo Concurso Oficial de Justiça Avaliador do Tribunal Regional do Trabalho, da Primeira Região, onde atua na Central Distribuição de Mandatos do Município de São Gonçalo, importante cidade do Estado do Rio de Janeiro, que faz parte do Grande Rio.

WILSON SIMONAL

Cantor e compositor

Wilson Simonal, natural do Estado do Rio de Janeiro, incontestavelmente, foi o artista negro que desfrutou do mais alto prestígio popular, como show-man de todos os tempos cuja presença cobriu o final dos anos 60 e começo de 1970. Fenômeno dos mais inusitados por tratar-se de alguém de origem afro-brasileira que conseguiu ultrapassar os



limites impostos pela "linha da cor" e alcançou, como cantor, tanto sucesso e renome no Brasil e além fronteira. Wilson Simonal não poderia deixar de se tornar um alvo exposto à vulnerabilidade que, via de regra, desestabiliza personalidades políticas, artistas ou qualquer expoente que ouse projetar-se. É por esta condição que Wilson Simonal acabou se transformando num homem polêmico. Simonal, filho de pais desprovidos de recursos mínimos, para oferecer bem-estar e segurança aos seus familiares, deu início à sua carreira, como muitos de sua condição, em programas de calouros, como o de Ary Barroso, quando ainda tinha 16 anos de idade. Elogiado pelo austero apresentador, Wilson Simonal viu neste gesto uma espécie de recomendação, com a qual acabou abrindo as portas para o sucesso de sua culminante e meteórica carreira como artista da Música

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Popular Brasileira. Só para se ter uma idéia, em 1969 Wilson Simonal faz uma apresentação simplesmente soberba e monumental no Maracanãzinho, que se transformou num fato histórico na época, em termos artísticos; com o ginásio literalmente tomado e rígoritante, Simonal canta e dirige o maior coral do mundo. "Dividiu a platéia em duas vozes, como num gigantesco coral, e "regeu" vinte mil pessoas cantando Meu limão, meu limoeiro e Patropi. Estava no auge de sua carreira, gravando e fazendo shows no Brasil e pelo mundo afora. Vivendo em 1971, num ambiente explosivo de lutas políticas em que se dilaceraram grupos de direita e de esquerda, o racismo era um ingrediente que não deixou de ser usado por patrulhas ideológicas de ambos os lados. Muito embora Wilson Simonal achasse que "em lugar onde preto pobre não entra, branco pobre também não entra", acabou verificando, na prática, que o racismo e o preconceito não respeitam condição social. Atingido por suspeitas e perseguições, Wilson Simonal se viu alijado dos meios de comunicação, passando a viver no ostracismo uma clandestinidade involuntária, cujos efeitos ainda hoje o afetam. Hoje Simonal possui o documento - "Habeas Data" - oficial fornecido pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, que nega a sua colaboração para os órgãos de repressão.

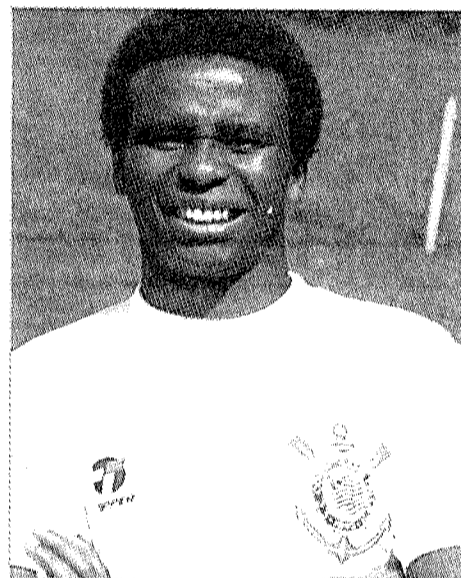
Texto do livro "Um Instante, Maestro", de Léa Pentecado-Record. 1993.

WLADIMIR DO CORINTHIANS

Jogador de futebol e liderança da categoria

Wladimir Rodrigues dos Santos, natural de São Paulo, onde nasceu no dia 29 de agosto de 1954, é filho de Diva Rodrigues dos Santos e de Benedito Rodrigues dos Santos. Sua carreira profissional de futebol foi das mais brilhantes e quase toda ela desenvolvida no Corinthians, perfazendo o período que vai de 1969 a 1985, agremiação para a qual retorna em 1987 e 1988, pelo qual fora campeão paulista de 1977, 1979, e Bi-Campeão em 1982 e 1983, além de campeão da Taça de Prata, também em 1982. Wladimir fora convocado e participou da Seleção Brasileira de 1983, 1984, 1985 e 1986, fase áurea de sua performance profissional como futebolista. Clubes como o Santo André Futebol Clube, Associação Atlética Ponte Preta, Cruzeiro Futebol Clube, Central Brasileira de Cotia, Associação Desportiva São Caetano, tiveram, também, o privilégio de contar com o futebol força, técnica, energia e disciplina de Wladimir Rodrigues dos Santos. Uma carreira estrelada por tantos êxitos teria mesmo de projetar o prestígio de seu nome para além das linhas do quadrilátero de um cam-

po de futebol. Assim é que Wladimir acabou sendo eleito, para tesoureiro, secretário e presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo em diversas gestões. Wladimir foi ainda diretor administrativo do estádio municipal Paulo Machado de Carvalho, o histórico e popular Pacaembu, o primeiro grande estádio de futebol brasileiro, feito pela Prefeitura do município de São Paulo na década de 1940 e coordenador de esportes do município de Cotia. Wladimir Rodrigues dos Santos é casado com Roseli Rodrigues dos Santos, com



quem tem 3 filhos: Gabriel Rodrigues dos Santos, 16 anos; Júlia A. Rodrigues dos Santos, 13 anos e Ludmila Rodrigues dos Santos, de 11 anos de idade. Wladimir é hoje secretário municipal de esportes da prefeitura da cidade de Carapicuíba, que faz parte da grande São Paulo. Sempre dedicando o melhor de sua inteligência, de sua sensibilidade e seu talento em favor do esporte, Wladimir criou uma escolinha de futebol na Granja Viana, experiência, segundo ele, muito gratificante. Como jogador de futebol Societ, Wladimir viajou para o México, com uma Seleção brasileira e voltou de lá campeão, ao término dos 26 dias que lá permaneceu. Wladimir teve o seu nome lembrado para ser vereador, em São Paulo, tornando-se candidato à Câmara Municipal em 1992. Como o futebol é a sua própria vida, Wladimir é integrante da Seleção Brasileira de Masters, viajando recentemente (1998) para a Rússia, onde permaneceu por mais de 20 dias, realizando um grande sucesso esportivo. Wladimir é formado como Técnico de Futebol e espera realizar o sonho de ser técnico do seu clube do coração, Esporte Clube Corinthians Paulista. Wladimir, com Juninho e Sócrates, foi um dos mentores da Democracia Corinthiana.

X

XAYMACA

Percussionista e líder afro

José Lúcio Fernandes, mais conhecido por Xaymaca, natural de Mantena, Minas Gerais, onde nasceu no dia 14 de março de 1957, muito embora só tenha sido registrado sete anos depois e, por erro de cartório, com a data de nascimento trocada, é filho de Dionor Maria de Jesus e José Firiaco Fernandes. Ambos trabalhadores rurais que, sem muitas perspectivas de como poderiam criar os filhos, acabaram “dando” o infante negro para o senhor Chiquinho e dona Alzira para que o menino pudesse ter um futuro mais promissor aos dos seus cinco irmãos mais velhos, situação agravada pela tuberculose contraída pela sua mãe o que a obrigou a ir tratar-se em Belo Horizonte. Os pais adotivos de Xaymaca, por questões políticas, viram-se obrigados a se mudarem para Vitória, no Espírito Santo. Só quando tinha dez anos que Xaymaca soube que era filho adotivo e por ser negro resolveu conhecer seus pais biológicos, quando tomou consciência de que ser negro no Brasil acarreta ao afro-descendente uma situação anormal em relação aos outros brasileiros. Aos dezesseis anos foge da casa dos seus pais adotivos ingressando, como agregado, na Marinha (Escola de Marinheiro do Espírito Santo), quando ficou sabendo que negro não faz carreira na Marinha brasileira, a não ser que seja amparado por um padrinho muito poderoso. Do contrário, o negro não passa de um mero carregador de sacos de batata ou de encargos menos nobres. Nesta altura, Xaymaca muda-se para o Rio de Janeiro para tornar-se artista, ocasião em que trava conhecimento com os movimentos negros fazendo-se um ativista orgânico. Lê muitas obras de Franz Fanon, Anta Diop, Aime Cesáire, Senghor, Leon Da-

mas, e outros de igual importância; trabalha junto ao IPCN (Instituto de Pesquisa e Cultura Negra) tornando-se um de seus secretários-executivos; torna-se um percussionista de mancha passando a fazer parte de vários grupos culturais negros do Rio de Janeiro. Em 1985, nas cerimônias de tombamento da Serra da Barriga (PE) ficou conhecendo Cristina Guimarães, com quem se casa, constituindo família. Já casado, Xaymaca muda-se para o Maranhão atraído pelo alto índice de negros em sua população, resolvendo, por isso, criar com Avelino um grupo nos moldes dos “Panteras Negras”, americano. Sem muito sucesso, muda-se de novo, desta vez para Brasília, atendendo convite para assumir a diretoria cultural do Jornal Praia Verde. Vários projetos são desenvolvidos nessa época como o 1º Festival Praia Verde SESC- DF de Capoeira; a 1ª Convenção Nacional do Negro Pela Constituinte (86), no DF; organiza com o FMU os três encontros do Negro do Centro Leste. José Lúcio Fernandes, o popular Xaymaca é uma dessas lideranças negras combativas e voluntárias que sabe do clima inóspito de desigualdades em que vive a população negra, como um todo. Xaymaca sabe, por exemplo, que numa pesquisa nacional realizada em 1990, pelo jornal “Folha de S. Paulo”, foram registrados fatos lamentáveis de injustiça racial, como o que denuncia que o país que possui 18% de analfabetos e destes, na população negra, este índice é de mais de 30%, sendo que entre os brancos 4,2% haviam alcançado o ensino superior, percentagem que caía para 1,4% quando se tratava de populações negras em nosso país. Estas desigualdades enchem Xaymaca de revolta e indignação. Ingressou no PSDB e hoje pertence à assessoria do INCRA

representando o presidente do órgão no núcleo de trabalho criado para cuidar das questões relativas aos remanescentes de quilombos conforme mandamento constitucional, trabalho no qual dedica-se de corpo, alma e sobretudo “coração”. Xaymaca está pronto para ingressar no CNAB do Brasília.

XISTO BAHIA

Ator, autor e compositor

No dia 5 de setembro de 1841, segundo Sílvio Boccanera Júnior, ou no dia 6 de agosto desse mesmo ano, segundo Souza Bastos e Noedi Monteiro, nasceu, em Salvador, no Estado da Bahia, Xisto Bahia, filho do major Francisco de Paula Bahia e de Teresa de Jesus Maria do Sacramento Bahia. Sem haver complementado o curso primário, tendo-se em vista a precária situação financeira em que viviam os seus pais, Xisto Bahia chegou a ser autor, ator, compositor, violinista, cantor de marchinhas e lundus, pelo que se lê

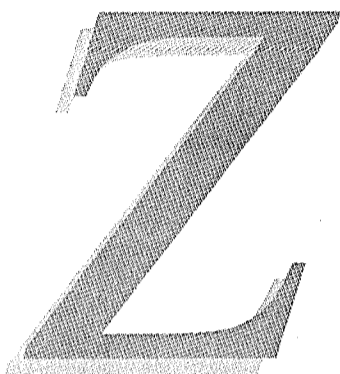
Em 19/5/1888 um espetáculo era encenado no Teatro Santo Estevão, pelo grupo chefiado pelo ator Colás, do qual Xisto fazia parte ao lado da atriz e cantora Blanche, segundo nos revela o historiador Noedi Monteiro

nos apontamentos de Noedi Monteiro, em seu livro *Mais que Vencedores*. Afirma-se que com 13 anos de idade já fazia parte do grêmio dramático da Bahia, denominado Regeneração Dramática, transformado-se em artista profissional em 1859 quando atingiu 18 anos. Para Artur Azevedo, consagrado escritor da época, Xisto Bahia era considerado "o ator mais nacional que tivemos". Este ator negro notabilizou-se através de suas excursões pelo interior de todo o Estado da Bahia, estendendo suas visitas pelo Norte e Nordeste brasileiros. Era disputadíssimo por todas as companhias teatrais que se formavam ou que passavam por lá, uma vez que ficavam informadas do talento de Xisto Bahia. Homem dos mil e um instrumentos,

era tido como um autodidata, passava a impressão que havia cursado em algum conservatório de arte do prestígio dos que existiam na Europa. Xisto Bahia criou vários tipos dramáticos com muito sucesso. Em 1875 muda-se para o Estado do Rio de Janeiro, onde é nomeado escrevente da penitenciária de Niterói, em 1891, emprego que perde com a deposição do presidente da Província, Francisco Portela, no ano seguinte. Xisto Bahia sempre se apresentava acompanhado do inseparável violão, não importava onde quer que o convidassem. Xisto Bahia esteve em São Paulo e a cidade de Piracicaba teve a especial oportunidade de receber e de aplaudir este pioneiro, por assim dizer, da música popular brasileira. Em 19/5/1888

um espetáculo era encenado no Teatro Santo Estêvão, pelo grupo chefiado pelo ator Colás, do qual Xisto fazia parte ao lado da atriz e cantora Blanche, segundo nos revela o historiador Noedi Monteiro. Em 1893, a conselho médico, Xisto Bahia retira-se da vida artística e se dirige para a cidade de Caxambu, no interior do Estado de Minas Gerais, onde veio a falecer no dia 29 de outubro de 1894, longe do grande público que tanto o admirava e o aplaudia, por todos os lugares por onde exibia o seu talento e a sua sensibilidade de artista negro e popular.

1) *Mais que Vencedores*, Noedi Monteiro - Shekinala Editora - 1997; 2) *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes - 2ª Edição L.T.C. - Editora - 1978



ZÉ ESPINGUELA

Fundador da Estação Primeira de Mangueira

José Gomes da Costa, popularmente conhecido como Zé Espinguela, foi o organizador do 1º concurso entre escolas de samba, em 1929, e um dos fundadores e semente do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Quem se lembra hoje, nos delírios do carnaval na passarela do Sambódromo, o maior show da terra, do humilde pai-de-santo a quem no fundo se deve todo este esplendor? Estas realizações, que por si só já seriam suficientes para imortalizá-lo, não foram as únicas de Espinguela. No decorrer dos anos 30, ele foi o assessor especial de folclore do grande mestre Villa-Lobos, outro ilustre freqüentador da Mangueira, que costumava tocar violão no Buarco Quente com Aluísio Dias e Cartola. Quando o maestro queria organizar qualquer espetáculo folclórico, recorria a Zé Espinguela, que fornecia toda a ajuda necessária. Foi assim que se realizou, em 1940, a célebre apresentação do conjunto Sodade do Cordão, revivendo para o público extasiado as belezas dos carnavais do fim do século passado. Quando Josephine Baker quis, aqui no Rio, conhecer uma macumba carioca, foi Espinguela que a levou a um centro umbandista do subúrbio de Ramos, junto com outros astros da MPB, como Ari Barroso e Dircinha Batista. Ainda em 1940, o maestro Stokovski veio ao Brasil com a finalidade de gravar músicas populares brasileiras e pediu a Villa-Lobos que selecionasse os artistas mais representativos. O autor dos choros, inegavelmente um dos maiores conhecedores de nossa música, indicou, entre outros, os mangueirenses Espinguela, Cartola, Zé com Fome, Aluísio Dias e D. Neuma. Entre as obras registradas

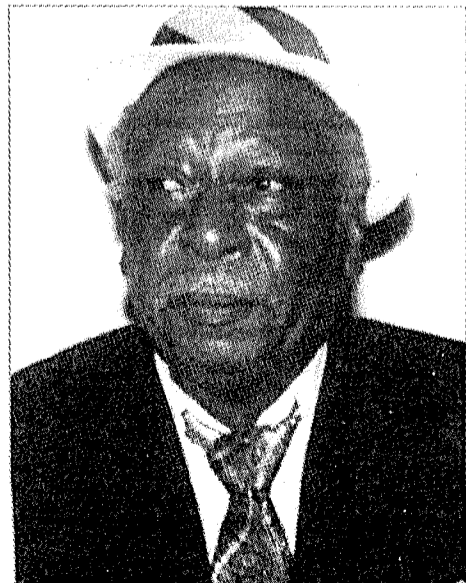
havia muitas da autoria de Espinguela, duas das quais foram editadas no álbum de discos lançado nos EUA logo depois. Zé Espinguela tinha um terreiro em Irajá. Quando os orixás avisaram a ele que seus dias aqui na terra iriam terminar, Espinguela veio com suas iaôs se despedir em bloco da sua querida Mangueira. Era noite. Diz D. Neuma que os barracos todos se acenderam, para ver aquele bloco de iluminados desfilar cantando um samba de Espinguela, cuja letra distribuída por ele, naquele momento, ela ainda se lembra: "Vem que eu quero lembrar/ Mas existe um porém/ Sinto a minha memória cansada/ Essa triste melodia/ Serve de último adeus/ Adeus, escola de samba Mangueira adeus/ Adeus escola de samba adeus/ Eu vou partir relembrando os versos meus/ Mais cedo ou mais tarde/ Vai ser triste e doloroso recordar/ A orgia vai se acabar/Adeus Mangueira".

ZÉ KETTI

Compositor e cantor, Cidadão Samba da Cidade Maravilhosa

Zé Ketti é o nome artístico do compositor e cantor profissional José Flores de Jesus, nascido a 6 de outubro de 1921, no Rio de Janeiro. Zé Ketti nasceu no seio de uma família de músicos, o que deu a ele a oportunidade de aprender a tocar cavaquinho e flauta desde a tenra idade. O fato de ter sido, por assim dizer, menino de rua, não lhe criou maiores dificuldades para enveredar-se pelo caminho do bem, entrando, na década de 30, para a Escola de Samba da Portela. Foi nessa escola que Zé Ketti passou a conviver e a ter amizade com Paulo da Portela, João da Gente, Alvaiade, Candeia e Manacéia, pessoas que lhe foram importantes

no início da carreira de artista do samba. O rádio lhe abriu os microfones, em 1939. Somente depois de servir ao Exército, em 1945, quando realmente sente-se preparado para caminhar em direção do sucesso, compõe o seu primeiro samba, *Jequitibá*. Este samba valeu como um passaporte para que Zé Ketti entrasse para a ala dos compositores da Portela. É do período de 1946 a 1952, boa parte do acervo da produção de Zé Ketti, entre os quais, estão *Vivo Bem*, *Tio Sam no Samba* e *Amor Passageiro*. Jamelão, com sua voz característica e poderosa, grava em 1954, o primeiro grande sucesso criado por Zé Ketti, *Leviana*. O nome desse compositor começa a ficar popular, tanto que Nelson Pereira dos Santos o convida para compor a trilha sonora dos filmes, *Rio 40 Graus* e *Rio Zona Norte*. Em escala sempre crescente no rumo da popularidade, Zé Ketti alcança novos patamares, em 1963, quando compõe o



Quem é Quem na Negritude Brasileira

samba-enredo para o carnaval da Portela, com o tema, *Rugendas*. Paulinho da Viola deve o seu apelido a Zé Ketti, que o lança no cenário da música popular brasileira, em 1964. Já, em 1965, a cantora Nara Leão grava para o grande público o samba deste notável compositor, intitulado, *Acender As Velas*, que repetiu os grandes sucessos anteriores merecendo, desta vez, ser valorizado pela voz maravilhosa de Elis Regina e pelos timbres vibrantes de Jair Rodrigues, que também o gravaram. Dizem que, como o azar, a sorte também nunca vem sozinha. E assim aconteceu com Zé Ketti. Depois de acumular iniciativas artísticas bem sucedidas, ainda nesse mesmo ano de 65, Zé Ketti compõe os sambas *Malvadeza Durão* e *Mascarada*, vindo a participar, em decorrência, como ator e compositor da peça Opinião, de Oduvaldo Viana Filho (Vianinha), Paulo Pontes e Armando Costa. Contudo, o melhor está para acontecer. Em 1967, Zé Ketti compõe a extraordinária marcha-rancho, *Máscara Negra*, que acabou se estabelecendo como o maior sucesso de sua carreira artística e uma das mais aplaudidas composições da música popular brasileira de todos os tempos. Como se vê, Zé Ketti, de sucesso em sucesso, vai, aos poucos, mas com firmeza, galgando os degraus da fama e da notoriedade, como cantor e como compositor, de tal forma que, em 1968, é escolhido pela Associação das Escolas de Samba do Estado do Rio de Janeiro, como o **Cidadão Samba da Cidade Maravilhosa**. Nessa sucessão de sucessos, que repete com espantosa regularidade, em 1969, este fabuloso cantor ganha o carnaval, desta vez, como intérprete do samba *Avenida Iluminada*, composição de Newton Teixeira e Brasinha. Em 1976, Zé Ketti ganha mais um carnaval com o samba *Amor e Fantasia* e participa do show *Eu Sou o Samba*, o que acaba sendo a sua marca registrada, juntamente com a reputação de ser o artista mais popular do Brasil, com mais de 300 gravações.

Dicionário Bibliográfico Universal Três - Editora Três - 1983.

ZÉLIA AMADOR DE DEUS

Professora, atriz e diretora de teatro

Nascida em Soure, Ilha de Marajó, em 24 de outubro de 1951, e criada em Belém do Pará, Zélia Amador de Deus é professora da Universidade Federal do Pará, atriz, diretora de teatro e ativa militante dos movimentos de defesa dos negros no Pará. Graduada em Língua Portuguesa, em 1974 pela UFPA, da qual se tornaria, vinte anos depois, vice-reitora, Zélia Amador de Deus foi a primeira mulher a exercer o cargo nos 40 anos da instituição. Foi também diretora do Centro de Letras e Artes e, atualmente, é coordenadora do Núcleo de Arte da UFPA. Em 1979, com a monografia *Análise Estética da Poética de Sá Carneiro*, obteve especialização

Quem é Quem na Negritude Brasileira

em Teoria Literária, área na qual desenvolve estudos sobre a ficção do escritor paraense Dalcídio Jurandir, em curso de mestrado. Desde 1978 pertence ao quadro docente da UFPA, sendo professora das disciplinas Formas de Expressão Artística e Estética e História da Arte. Exerceu ainda a chefia do Departamento de Artes e Comunicação do Centro de Letras, a chefia do Departamento Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e a presidência do Conselho Editorial da UFPA. A partir de 1983, tem participado como membro de várias bancas examinadoras de concursos públicos para a contratação de docentes em universidades do Pará e Amapá. Ao lado da atividade acadêmica, Zélia Amador de Deus desenvolve importante trabalho nas áreas artística e cultural paraense, notadamente no teatro. Em 1973, concluiu curso sobre Direção Teatral, promovido pela UFPA em convênio com o Serviço Nacional de Teatro. Em 1981, foi aluna de Fanny Abramovich em curso sobre Teatro na Educação, promovido pelo Centro de Letras e Artes da UFPA. Dirigiu e participou de vários espetáculos teatrais mas sua atuação foi além, desenvolvendo incontestemente liderança no meio, sobretudo na organização da categoria teatral. Foi uma das fundadoras da Federação Paraense dos Atores, e Diretores de Teatro e do Grupo de Teatro Cena Aberta, um dos mais importantes grupos artísticos de Belém. Recebeu o troféu Máscara de Ouro, prêmio conferido à melhor atriz do Festival Brasileiro de Teatro de Estudantes, em 1973, em Goiânia, por seu desempenho no espetáculo *Coronel de Macambira*, de Joaquim Cardoso, montado pela Escola de Teatro da UFPA. Seu primeiro papel, entretanto, data de 1970, no espetáculo *A Bruxinha que era Boa*, montagem do texto de Maria Clara Machado. Pela Escola de Teatro da UFPA, participou das peças *O salão de D. Ratão* (1971); *As Troianas* (de Eurípedes, adaptação de Jean-Paul Sartre - 1971); *A Revolta dos Brinquedos* (de Pernambuco de Oliveira - 1972), *As Relações Naturais de Corpo Santo* (direção de Aderval Filho - 1973) e *A Incelença* (de Luiz Marinho - 1974). Pelo grupo Cena Aberta, como atriz, integrou o elenco de *Quarto de Empregada* (de Roberto Freire - 1976); como diretora dirigiu as peças *Angélica* (de Lígia Bojunga Nunes - 1977), *Torturas de um Coração* (de Ariano Suassuana - 1977), *O Novo Otelo* (de Raimundo Magalhães Jr. - 1978), *A Vingança do Carapanã Atômico* (de Edney Azancott - 1979) e *Theastai Theatron* (texto do Grupo Cena Aberta - 1984). Em 1977 adaptou para o teatro o texto *Angélica*, de Lígia Bojunga Nunes. Em 1982, adaptou o texto *Asdrúbal, o Terrível*, de Elvira Vinhas. Em 1980, dirigiu a peça *Ato Cultural de Cabrujas*, para o Estúdio de Pesquisas Artísticas. Como militante do movimento de defesa e valorização do negro, Zélia Amador de Deus é membro da Secretaria dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça e participou

da fundação do Centro de Defesa do Negro no Pará - Cedenpa, instituição da qual foi presidente. Sua atuação, porém, se desenvolve em várias frentes, como, por exemplo, através de cursos, seminários, conferências, mesas-redondas e na organização popular. Em 1980 ministrou o curso "A questão do negro no livro didático", em Belém; em 1987, participou do seminário "O negro na educação", promovido pela Fundação Carlos Chagas, em São Paulo; em 1992, apresentou o tema "O negro: liberdade e cidadania", no V Encontro Raízes Negras, em Alenquer, Pará. No plano internacional, participou, em 1992, da mesa-redonda *Droits de Lhome, Culture, Education et Droits des Populations*, em Paris, França; apresentou paper sobre Os movimentos populares na América Latina, em 1992, na Jornada sobre os 500 anos, em Madri, Espanha; participou da conferência internacional *La Diversidad Como Projecto de Futuro*, em 1992, em Barcelona, Espanha; apresentou paper na conferência internacional *Dones Contra el Cinque Centenari*, em 1992, em Barcelona, Espanha. É grande sua participação na coordenação de eventos que buscam além de valorizar o negro, a organização social de comunidades negras na Amazônia. Entre eles, destacam-se os cinco Encontros Raízes Negras, realizados em locais onde se encontram mocambos: Pacoval, Alenquer (1988), Jauari, Oriximiná (1989), Silêncio da Mata, Obidos (1990), Tapagem, Oriximiná (1991) e Pacoval, Alenquer (1992). Também participou da organização do seminário *O Negro na Sociedade Brasileira*, em 1994, e foi coordenadora do seminário *Negro e Identidade Racial*, em 1995. Por sua contribuição ao trabalho desenvolvido no processo Constituinte Estadual recebeu medalha conferida pela Assembléia Legislativa do Estado do Pará, em 1989. Em 1992, a professora Zélia Amador de Deus recebeu o título de Honra ao Mérito e Cidadão de Belém, outorgado pela Câmara Municipal de Belém.

ZENÓBIA LÚCIA DE DEUS

Pesquisadora da cultura negra

Zenóbia Lúcia de Deus nasceu em 30 de outubro de 1944, na cidade gaúcha de Santiago, filha de pais simples, mas com princípios firmes e determinados. Seu pai foi militar do Exército brasileiro e sua mãe professora de corte e costura. Zenóbia Lúcia de Deus iniciou seus estudos na sua cidade natal, de onde transferiu-se mais tarde para Porto Alegre, onde concluiu seus estudos cursando a escola normal e formando-se em Letras, com pós-graduação em Educação de Adultos e Psicologia de Adolescentes. Cursos, ainda, as extensões universitárias Educação Popular e O Negro no Rio Grande do Sul, completando seus conhecimentos pedagógicos através dos cur-



os: A Formação do Negro e a Educação, Educação do Jovem Trabalhador, Cursos de Literatura no RS, a Integração da Mulher Negra na Sociedade e Pluralismo de Idiomas. Secretária-adjunta do

Conselho Estadual da Comunidade Negra, membro da Comissão Estadual de Assentos Afro-brasileiros, professora de língua portuguesa do 1º e 2º graus, membro do grupo de estudos interdisciplinares da cultura negra na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisadora da cultura negra, palestrante sobre religião afro-brasileira, diretora espiritual da "Tenda vó Luiza e pai Joaquim de Angola", e diretora administrativa do Instituto Cultural Carlos Santos. Preocupada com a causa educacional, a professora elaborou projetos pertinentes tais como: O Negro na Escola e suas Raízes, e Conhecendo os Orixás Através das Lendas; tendo textos publicados em revistas de educação, jornais religiosos e calendários. Realizou projeto dirigido às crianças necessitadas - "Saci Pererê vai à Sopa", palestras em Universidades, faculdades, escolas públicas, centros culturais, clubes sociais e nos meios de comunicação, radiofônicos e televisivos, tendo participado como escritora do livro "Nós os afro-gaúchos". Em outubro de 1996, recebeu a Comenda Nilo Torres, pertencente ao Instituto Cultural Nilo Torres. Segundo Zenóbia, sua preocupação, diante das colaborações prestadas à comunidade, é deixar sementes plantadas, para que as mesmas se proliferem em benefício dos que desejam a ascensão da sociedade negra brasileira, porque somente através da educação haverá a verdadeira libertação.

ZEZÉ MOTTA

Atriz e cantora

Chica da Silva, para quem nunca tinha lido a história da ex-escrava que encantou Diamantina, Minas Gerais, no Século XVIII, ficou por muito tempo gravada na memória com a cara de Zezé Motta. Não é o único laço entre a vida real e a ficção. Da personagem, que considera um marco na sua carreira, a atriz tem uma determinação. "Talvez" é palavra excluída do seu vocabulário. Maria José Motta de Oliveira é, acima de tudo, uma guerreira. Desde o final da década de 60, quando estreou na peça *Roda Viva*, ela encara a profissão como se estivesse numa constante batalha. Era 1966, época do regime militar, Zezé tinha 22 anos e foi se submeter a testes para ganhar espaço na polêmica peça de Chico Buarque de Hollanda. Em janeiro de 1967, no Rio de Janeiro, lá estava ela nos palcos, ao lado de nomes como

Marieta Severo e Marília Pera. Meses depois, a trupe seguia com o espetáculo para São Paulo. Resultado: o elenco foi espancado no dia da estréia. As lembranças são uma cicatriz na memória da atriz. Essa é apenas uma das histórias que ela tem para contar. Outra bandeira que teve de levantar foi em nome da raça negra. Para Zezé Motta, toda hora é hora dos negros mostrarem seu valor. A atriz conta que já brigou muito e sentiu na pele o preconceito: seja no elevador, na vida amorosa, no trabalho. Hoje, aos 51 anos de idade, 30 deles dedicados à profissão e a alguma causa (ela está sempre empenhada em mil projetos), continua batallhando pelo espaço do negro no meio artístico. Mas sem alardes. Em 1984, ela criou o Centro de Documentação do Artista Negro - CEDAN, cujo objetivo é organizar um arquivo de atores negros no Brasil e a partir daí colocá-los no mercado, seja TV, teatro, publicidade ou cinema. Zezé está de volta à tela grande. Acaba de rodar seu novo longa metragem, *O Testamento do Senhor Nepomuceno da Silva Araújo*, co-produção portuguesa filmada em Cabo Verde (África) em abril, maio e junho de 1996. Meses antes, cedia a sua marcante presença e sua pele de ouro marrom, imortalizada por Caetano Veloso em *Tigresa*, à versão cinematográfica de Tieta, de Jorge Amado. No filme, vive a persona-



gem Carmosina, que já foi de Arlete Sales na TV. Na nova versão de Chica da Silva para a TV, sob a direção de Walter Avancini, ela virou Maria da Silva, mãe de Chica da Silva, personagem que a lançou para o sucesso. Nascida em uma família de músicos, na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, tinha um avô pistonista e o pai era violonista. A mãe era costureira. Nos raros momentos de descanso, Zezé se dedica à música, paixão antiga, que faz parte de sua trajetória. Aliás, ela mesma costuma dizer que a cantora surgiu em cena depois da atriz, mas que seu canto já ecoava quando ainda era bebê. Aos 5 anos de idade, a pequena Zezé sonhava em ser cantora. Aos 6 anos foi para o Colégio Interno João Evangelista, em Bo-

tafogo, onde terminou o curso ginasial, e em seguida, estudou na Escola João XXIII, escola criada por Dom Hélder Câmara, onde começou a adquirir sua consciência política. Foi assim que a menina pobre cresceu e um dia desceu o morro para brilhar nos palcos.

Texto de Elaine Inocêncio

ZEZEH BARBOSA

Atriz

Osasco, uma das belas cidades da Grande São Paulo, já tem a sua presença garantida no estrelato, onde novos valores de artistas começam a brilhar com o seu talento ao se firmarem como nomes que merecem destaque como é o caso de Zezeh Barbosa. Filha de seu Gilson e de Dona Isabel, hoje com 33 anos de idade, portanto, na plenitude dos melhores momentos de sua vida, já que veio ao mundo no dia 19 de março de 1965, Zezeh Barbosa é uma artista que vem se notabilizando por força da vocação e dos relevantes papéis que tem interpretado desde o início de sua bem sucedida carreira. Zezeh Barbosa, com obstinação e carisma, sempre soube fazer da televisão, onde vem trabalhando ultimamente, uma passarela para projetar seu nome e as suas habilidades, de intérprete consumada; tem figurado com grande sucesso despertando a atenção de renomados astros como Miguel Falabela, que acabou por convidá-la para fazer o papel de Jacinta na novela da TV Globo *Salsa e Merengue*, saindo-se muito bem segundo a opinião pública nacional. Falabela já vinha acompanhando o desempenho desta querida e glorificada osasquense, desde suas apresentações na peça *O Mambembe*, na época em que esteve em cartaz no Teatro Popular do Sesi, em São Paulo. Atualmente, seu nome vem brilhando pelos palcos da cidade grande, só que, desta vez, apresentando-se ao lado de Rosi Campos, na peça *as Sereias da Zona Sul*, de Vicente Pereira e Miguel Falabela, que está em cartaz no Teatro Hilton, na capital paulista. Conforme nos revela a repórter Rosana Pinto, da revista *Swingando*, em seu número 5, agora que Zezeh Barbosa começa a colher os frutos de seu trabalho, ao qual deu início com a idade de 12 anos, quando já participava de um grupo de teatro junto com o seu irmão Nilson. A partir daí é que passou a frequentar a tradicional Escola de Artes Dramáticas (EAD), da Universidade de São Paulo para que pudesse tornar-se uma atriz profissional devidamente qualificada. O sucesso não subiu à sua cabeça, de modo que Zezeh fosse vista como uma alienada. Pelo contrário. Quando o assunto é raça negra, Zezeh Barbosa é bem objetiva ao afirmar categoricamente que "o negro tem a obrigação de ir atrás daquilo que quer; es-

tudar para se preparar e poder exigir que seja tratado de igual para igual". Zezeh Barbosa não fez outra coisa; partiu para o enfrentamento com a realidade e deu a cara para bater sem qualquer complexo de inferioridade, muito embora tenha sobejas razões para lamentar dizendo que o número de atores negros na televisão, teatro e cinema ainda é pequeno. Afinal, o ator não tem cor. Ou ele é bom ou não é, conclui. Quanto à abertura desse novo mercado editorial para tratar de assuntos afro-brasileiros especificamente, Zezeh, considera algo maravilhoso, torcendo para que haja meios para divulgar, incentivar e apresentar o negro na sociedade brasileira. Zezeh diz que já sofreu preconceito. Ela garante que o fato de ser uma atriz de sucesso incomoda muita gente mesquinha e de mentalidade tacaña. Como diz Rosane Pinto, por trás da receita de energia e inteligência de Zezeh



J.C. Santos

Barbosa, se esconde uma mulher negra, carismática e determinada. Debaixo das tranças presas num rabo de cavalo, existe um cérebro pulsante, capaz de não se deslumbrar com a fama e até admitir que o sucesso pesa.

Revista Swingando - Ano 2 - número 5 - 1997

ZÓZIMO

Jogador símbolo do Bangu

Entre os jogadores brasileiros que participaram da Copa do Mundo, da FIFA, cujo primeiro concurso realizou-se em 1930, uns tornaram-se famosos e inesquecíveis como Leônidas da Silva, Garrincha (Manuel Francisco dos Santos) e, inegavelmente, Pelé (Edson Arantes do Nascimento), o atleta do século. Mas o futebol não se faz apenas de esportistas que se tornaram notáveis aos olhos do público em geral. O futebol é feito com o esforço coletivo e articulado, de modo regular e siste-

mático, pelos onze jogadores, sobre os quais pesa a heróica responsabilidade de conduzir a sua equipe à vitória. Entre os nomes dos que se destacaram neste feito de levar o Brasil a ser o campeão dos campeões, pois é o único país que se sagrou 4 vezes, está o de Zózimo Alves Calasans, nascido na cidade de Salvador, Bahia, no dia 19 de junho de 1932. Sua posição de zagueiro, atuando na defesa da nossa Seleção, com segurança e seriedade, oferecia à nossa equipe a tranqüilidade de que necessitava para armar as jogadas na linha de frente e partir para a conquista dos gols tão preciosos em disputas árduas como as da Copa do Mundo. Este jogador negro e vigoroso começou sua carreira com 13 anos no Unidos de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, ingressando no profissionalismo em 1948, quando passou a integrar o time juvenil do Bangu, levado para este conhecido clube pelo seu irmão, onde permaneceu até 1966. Zózimo foi campeão brasileiro em 1949 e 1951, assim como do Torneio Início de 1954. Nesta altura, Zózimo já era um nome nacionalmente conhecido, o que tornou natural a sua convocação para disputar a Copa do Mundo em 1958, na Suécia, ocasião em que o Brasil se consagra Campeão pela primeira vez, muito embora a posição deste craque era a de reserva do poderoso Orlando, titular absoluto desta posição. Mas Zózimo continuou crescendo. Técnico e disciplinado como era em 1962, lá estava ele no Chile, desta vez, na condição de titular para sagrar-se campeão, ao lado dos craques que deram ao Brasil o seu segundo título de Campeão do Mundo. É com este feito que Zózimo é lembrado ao entrar para a história do futebol brasileiro, pois este ídolo do esporte mais popular de nosso país já tinha marcas que o credenciavam ao cetro da imortalidade. Antes disso, Zózimo tinha dado mostras do que seria o seu futuro nesta modalidade esportiva. Entre os seus títulos mais representativos estava o de sua longa carreira futebolística: 32 anos de atividades consecutivas, só interrompida, brusca e inesperadamente, quando, em 1977, dirigia a equipe juvenil do Campo Grande, vindo a falecer num acidente automobilístico no dia 21 de setembro, no Rio de Janeiro. Morria portanto, em plena maturidade, com apenas 45 anos de vida. O futebol tem suas glórias e suas frustrações. Para Zózimo, a sua glória suprema foi se tornar campeão do mundo, pelo Brasil, em 1958 na Suécia e em 1962, no Chile. E as suas frustrações? Foram muitas! Não se sabe ao certo, uma delas acreditamos que o acompanhou até os seus últimos dias: não ser campeão carioca pelo Bangu, clube ao qual dedicou a melhor fase de sua carreira. Ironia do destino, pois o Bangu sagrou-se campeão do Rio de Janeiro um ano depois da saída de Zózimo do seu plantel. Mas, Zózimo soube driblar, também, este azar. A ausência de ví-

cios e uma vida regrada fizeram com que Zózimo fosse considerado, como é até hoje, o jogador-símbolo do Bangu. É justa, por conseguinte, a inclusão de seu nome entre os negros que engrandeceram o Brasil com a sua vida e com o seu exemplo.

Dicionário Biográfico Universal Três
-Editora Três - 1983

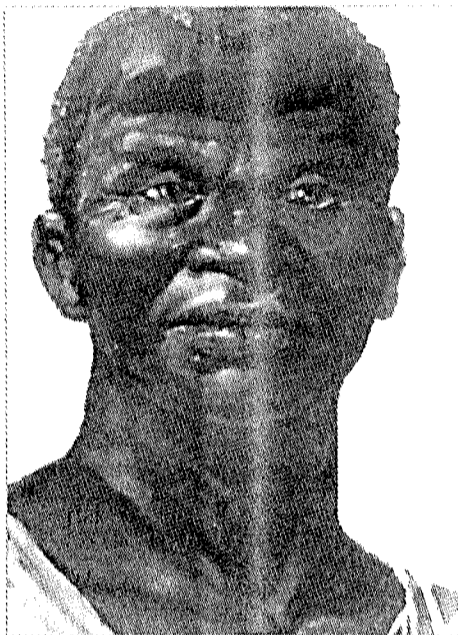
ZUMBI DOS PALMARES

Herói nacional, patriarca de Palmares

A história heróica de Zumbi dos Palmares é a história da bravura e da tenacidade do povo negro. Dentre os que mais se destacaram nessa guerra de vida ou morte, travada entre a escravidão e a liberdade, um gênio negro militar se destaca para ombrear-se com Alexandre - o Grande, com César, com Aníbal e, até mesmo Napoleão, que foi o vulto de Zumbi dos Palmares. Zumbi é aquele nenezinho negro, nascido em Palmares, ali pelos idos de 1656. É um dos sobreviventes de um massacre e que foi entregue aos cuidados do Padre Melo, em Porto Calvo, com quem conviveu até os 15 anos e aprendeu astronomia, matemática, história da Bíblia e latim, chegando a coroinha. O Padre Melo lhe batizou com o nome de Francisco, em homenagem ao santo que falava com os animais. Sentindo-se emancipado, Francisco parte em busca de seu destino, indo parar em Palmares, quando adota o nome de Zumbi. Ativo e muito instruído para a época, ganhou a confiança de todos e é nomeado o comandante das armas pelo seu tio Ganga Zumba, na ocasião o rei su-premo de Palmares. É assim que Zumbi dos Palmares entra para a história como o general mais jovem do Brasil e, quiçá, do mundo, com apenas 19 anos de idade. Seu grau de parentesco com os chefes do maior e mais célebre quilombo que a historiografia oficial registra, faz deste personagem uma figura mitológica, por sua capacidade de comandar e resistir às inúmeras tentativas de destruição daquele reduto de homens e mulheres livres, encravado nos sertões do Nordeste brasileiro. Assim procedendo, com sacrifício e determinação, Zumbi estava predestinado a ocupar um lugar na história do nosso país, encarnando os sentimentos mais significativos da dignidade humana, que estão no seu ideário pela preservação da vida, pela implantação de um clima de justiça e pela busca incessante dos caminhos da liberdade. Zumbi, chefe supremo do Quilombo dos Palmares na sua fase mais difícil e gloriosa, era sobrinho do rei Ganga Zumba, a quem sucedeu e de Ganga Zona, este, o mais obscuro de todos os chefes, o que não ofuscava a sua função de proeminente dentro do enclave. O seu mocambo, ou a capital de sua fortaleza, ficava a uma distância considerável da cidade de Porto Calvo. Por ser homem de confiança dos quilombolas, pas-

sou a ocupar o cargo de General das Armas na administração de seu tio. Zumbi já trazia a marca de um valente guerreiro, pois, ferido em combate em 1675, claudicava com uma das pernas, tornando-se coxo, o que não o impediu de estar sempre à frente de seus comandados nos momentos mais cruciais das inúmeras refregas de que participou, vencendo a maioria dessas batalhas. É importante assinalar que contra o Quilombo dos Palmares foram enviadas diversas expedições com o objetivo de exterminá-lo, sem que tais propósitos fossem alcançados, em virtude dos lances de coragem dos palmarinos e das táticas militares postas em prática por seus comandantes contra os invasores e escravocratas brancos. A Coroa Portuguesa se viu na obrigação de formar o maior contingente imperial de soldados e militares para socorrer a região do Nordeste, onde era fragorosamente derrotada cada vez que tentava enfrentar os guerreiros negros do Quilombo dos Palmares. É evidente que a notícia dos êxitos alcançados pelos negros em seus quilombos, anima os negros cativos das senzalas do Brasil, levando-os a sonhar com a liberdade próxima e possível. Nesses quilombos havia negros e negras em sua grande maioria, mas havia também índios, brancos e até mesmo soldados portugueses, todos unidos na luta pela liberdade em combate diuturno contra o regime de escravidão. Tendo-se informações de que, desde 1602, eram encaminhadas expedições para enfrentar áreas estabelecidas com maciça presença de negros no Quilombo dos Palmares e que, desde o século XVII os escravos já procuravam a vida livre naqueles redutos, é fácil de se deduzir que a guerra dos Palmares tenha se estendido, no mínimo por cem anos, ou mais. Clóvis Moura e Décio Freitas têm livros a respeito dessa epopéia negra das Américas que deveriam ser republicados e oferecidos a cada um dos brasi-

leiros que defendem a justiça e amam a liberdade. A nação Palmarina começou a ser formada a partir de 1597, segundo afirmam alguns historiadores e o seu território, em permanente crescimento com a vinda de negros fugidos do cativeiro, estendia-se pelos Estados de Alagoas e Pernambuco, chegando a ter cerca de 30 mil habitantes no auge de sua existência, com Zumbi à frente de seu comando, de esperanças e de lutas pela liberdade. Conta-se que os dirigentes de Palmares possuíam várias mulheres e que este costume foi trazido da África. Zumbi, por exemplo, tinha três mulheres guerreiras que serviam de referência para as demais pela bravura, coragem e dedicação que dispensaram às suas famílias. É bom lembrar que o Quilombo dos Palmares representava uma autêntica República Negra com a sua organização militar, de trabalho e de produção; já trabalhavam o ferro e a agricultura que incluía o plantio de mandioca, cana-de-açúcar e a criação de gado era cultivada de forma a suprir as necessidades internas, sendo que o excedente era trocado com a vizinhança por sal, pólvora e armas de fogo. Ganga-Zumba, no seu tempo, e Zumbi, dispensavam toda a sua atuação assistindo a cada uma dessas fases de operação com energia e compreensão e até com um certo planejamento. Era de se esperar que tais êxitos e



tal demonstração de independência haveriam de ter o seu preço diante da ameaça que um Quilombo como o de Palmares passava a apresentar aos olhos de Portugal e dos reinóis. Assim é que os inimigos de Palmares começaram a conjugar os seus esforços com vistas a destruir aquela organização política comandada por um

negro chamado Zumbi. Delenda Cartago! Clamavam os romanos às margens do Rubicão! Delenda Zumbi, vociferavam os escravocratas brancos ao lado do Porto Calvo. E a guerra se estabeleceu. Depois de vencer dezenas e dezenas de batalhas contra os invasores brancos, Zumbi acabou perdendo a guerra final, o que se dá com a sua morte ocorrida no dia 20 de novembro de 1695, quando este negro, herói nacional, contava 39 anos de idade. Hoje, no Panteon da Pátria brasileira, somente dois heróis e mártires ocupam este

patamar supremo da admiração e orgulho da Nação: um é Tiradentes, o outro é Zumbi dos Palmares! "Zumbi tinha uma visão do futuro que somente os grandes revolucionários possuem". "Este é o legado político da República de Palmares. Este é o legado de Zumbi dos Palmares - um legado revolucionário!" (Clóvis Moura).

1) *A vida de Zumbi dos Palmares - Texto de Joel Rufino dos Santos - Ministério da Cultura e Fundação Cultural Palmares, 1995;*

2) *A República de Palmares - Plaqueta de Clóvis Moura, 1995*

EDUARDO DE OLIVEIRA VISTO POR LOURDES TEODORO

Eduardo de Oliveira, poeta e jornalista, antes de mais nada um defensor dos direitos humanos, tornou-se na idade madura, um atento observador das relações raciais no Brasil e tem trazido, nos últimos anos, uma contribuição cada vez mais significativa e indispensável à dignidade de nossa nação. Como político - vereador em São Paulo - não lhe escapou a oportunidade de promover o reconhecimento brasileiro à figura do ex-presidente John Kennedy, cuja ação foi fundamental para os negros norte-americanos. Os negros do nosso país, são convocados a espelhar-se no exemplo de Zumbi dos Palmares, e são como esse Herói, homenageados em seu "Hino à Negritude", pouco a pouco oficializado em mais municípios brasileiros, inclusive no Estado de São Paulo. Essas são algumas formas de sua generosidade.



Professor Eduardo (da esquerda para direita) entrega um exemplar do seu nono livro "Carrossel de Sonetos" ao presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, quando este visitou o Brasil

Como poeta, deixou em seus primeiros sonetos publicados em vários livros o sabor amargo de não ter conhecido o Senhor Sebastião Ferreira e Dona Henriqueta de Oliveira, seus queridos pais, mas deixou também nesses sonetos uma profunda ternura, legado de seu pai adotivo Senhor Francisco Salles Prudente Corrêa. Mas esses sonetos são também um encontro com a trágica realidade social dos negros brasileiros, no que tem de desamparo e solidão. Mas, na poesia de Eduardo de Oliveira, o que torna esse gênero quase esquecido, que é o soneto, sempre atual é seu propósito na vida: marcar esse tempo com sua passagem. Lembrando o escritor norte-americano Cornell West: "sem esperança não pode haver futuro: sem propósito não pode haver luta" e Eduardo sabe manter amorosamente a esperança e busca, em sua militância contra o racismo, fazer brancos, negros e mestiços partilharem seu propósito de construir um Brasil mais justo e mais digno.

É por esta esperança, fundamentada na ação, mesmo quando tudo lhe parece ser contrário, é pela clareza de seus propósitos, pela ética em suas ações, que Eduardo não nos surpreende ao iniciar esta obra que é **Quem é Quem na Negritude Brasileira**. Dizemos iniciar pois, para o autor, este é um primeiro passo nesse caminho, a ser complementado com muitos outros valores negros. Ninguém melhor que ele reconhece a importância dos humildes, daqueles que nunca serão citados em obras como esta, mas é por eles, pelas crianças, adolescentes e jovens adultos negros e esquecidos sociais, que esta obra nasce. Para apontar caminhos possíveis. Opções viáveis, mesmo quando nenhuma porta promete se abrir para nós.

O avanço político e social do Brasil começa a se desenhar em situações como esta, em que órgãos do Estado aceitam dar as mãos - por via de um apoio financeiro - a iniciativas como estas, que chegam para retomar o caminho deixado há séculos por todos aqueles que combateram o bom combate: contra o racismo, pela verdadeira democracia brasileira.

Mas é preciso lembrar que a generosidade de Eduardo de Oliveira e sua ação política foram carinhosamente estimuladas pelo grande líder norte-americano Martin Luther King, em carta ao poeta paulista, onde o Prêmio Nobel da Paz, de 1964, comunga com o nosso autor a importância dessa luta comum, para a humanização da humanidade.

MARIA DE LOURDES TEODORO

Índice

Geral

NOME	Página	ALBERTO JORGE FERREIRA DOS SANTOS	27	APARECIDA FÁTIMA FERNANDES	37
QUEM É QUEM NA NEGRITUDE BRASILEIRA	3	ALBUÍNO AZEREDO		APARÍCIO LUIZ XAVIER DE OLIVEIRA	
SUMÁRIO	4	ALCEU COLLARES		ARI CÂNDIDO FERNANDES	38
O NEGRO	5	ALCIONE	28	ARLINDO CALDAS DO VEIGA DOS SANTOS	
FICHA CATALOGRÁFICA	6	ALDA CERQUEIRA SANTOS	29	ARMANDO MARÇAL	39
FICHA TÉCNICA	7	ALEIJADINHO		AROLDO MACEDO	
AGRADECIMENTOS	8/9	ALEIXO PARAGUASSU NETO		ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	
PREFÁCIO	10/11	ALEX FRAGA	30	ARTHUR PADILHA	40
APRESENTAÇÃO	12/13	ALOZIO SANTOS		ASSISVALENTE	
PÓRTICO	14	ALZIRA RUFINO		ATAULFO ALVES	41
ZUMBI, LUIZA MAHIN, LUIZ GAMA, JOSÉ DO PATROCÍNIO, CRUZ		AMADEU MARTINS	31	ÁUREIA ARANTES DE CAMPOS	
ESOUZA, AUTA DE SOUZA	15/18	AMARO LUIZ ALVES		AUTA DE SOUZA	
ABBADÉ - Áurea Celeste	21	ANA JOSÉ ALVES		AVESNALDO SANTOS	42
ABDIAS DO NASCIMENTO		ANA LÚCIA EDUARDO EVALENTE		AYDANO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ	43
ABGAIL PÁSCHOA DE SOUZA	22	ANALICE SANTOS LIMA	32	B. LOPES	
ACÁCIO SIDINEI ALMEIDA SANTOS		ANDRÉ REBOUÇAS		BEATRIZ CAMPOS DE PAULA	44
ACOTIRENE		ANGELA MARIA		BELMONTE	
ADAIR SOUZA DA MATA		NASCENTES	33	BENEDITA DA SILVA	45
ADALBERTO CAMARGO	23	ANTONIETA DE BARROS		BENEDITA GOUVEIA DAMASCENO SIMONETTI	
ADÃO VENTURA		ANTONIO CAMPOS	34	BENEDITO CINTRA	
ADEILDO PARAÍSO	24	ANTÔNIO CARLOS ARRUDA DA SILVA		BENEDITO DE ANDRADE	46
ADELINA		ANTONIO ELIAS PESSOA		BENILDA REGINA	47
ADHEMAR FERREIRA DA SILVA		ANTÔNIO HELITON DE SANTANA	35	BERENICE ASSUNÇÃO KIKUCHI	
ADHEMAR DOS SANTOS	25	ANTÔNIO JOAQUIM FRANCO VELASCO		BIDE	48
AGNALDO MANOEL DOS SANTOS		ANTONIO MARTINS		BIRA	
AGOSTINHO DOS SANTOS		ANTÔNIO MESSIAS GALDINO	36	BLECAUTE	
ALÁIDE COSTA	26	ANTONIO PITANGA		BRÁULIO JOSÉ DO BONFIM	49
ALBERTO FERREIRA		APARECIDA CAMARGO DOS SANTOS		BRÁULIO MOURA	50

CAFU - Deputado (DF)			
CAMILA PITANGA	51	DINAIVA OLIVEIRA TEIXEIRA (DINA)	76
CANDEIA		DIONIZIO JUVENAL	
CAPITÃO JOSÉ IGNÁCIO DO ROSÁRIO	52	DIVA MOREIRA	77
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA CAÓ		DJALMA DO ALEGRETE	
CARLOS ALBERTO REIS DOS DE PAULA	53	DJALMA SANTOS	
CARLOS ASSUNÇÃO		DJAVAN	78
CARLOS CÉSAR ELISBON		DOM JOSÉ MARIA PIRES	79
CARLOS CORREIA DE ALBUQUERQUE	54	DOM LUCAS MOREIRA NEVES	80
CARLOS RAE		DOM SILVERIO GOMES PIMENTA	
CARLOS FERNANDES NASCIMENTO	55	DOMIENSE PEREIRA AMORIM (DOMI)	81
CARLOS GOMES		DOMINGOS CALDAS BARBOSA	82
CARMELITA CAMPOS	56	DOMINGOS DA GUIA	
CARLOS MARIGHIELLA		DOMINGOS MARANHAS	
CARLOS SANTOS		DONA CLEUSA	83
CÁRMEM COSTA	57	DONA IVONE LARA	
CARMEM QUEIRÓZ	58	DONA LILI	84
CARMEM TEIXEIRA CONCEIÇÃO	59	DONA ZICA DA MANGUEIRA	
CAROLINA MARIA DE JESUS		DONGA	85
CARTOLA	60	DORIVAL CAYMMI	
CÁTIA SOUZA		DULCE MARIA PEREIRA	86
CÉLIA APARECIDA PEREIRA (CELINHA)		EDEL JORGE	
CELSONO PITTA	61	EDENICE SANTANA DE JESUS	87
CELSONO PRUDENTE		EDGARD FREIRE	
CHARLAIN GALVÃO DA SILVA	62	EDIR DE CASTRO	88
CHICA DA SILVA		EDMÉIA MACHADO BRUNVASCONCELOS	89
CHICO REI		EDMIR CONSTANTINO COSTA	90
CHICO VIGILANTE	63	EDNA COSTA	
CID PINTO BARBOSA		EDNA ROLAND	
CIDA DE OLIVEIRA		EDSON CARNEIRO	91
CIDAMAIÁ	64	EDSON GOMES	
CIDINHA ALVES		EDSON MARQUES	
CIPRIANO BARATA	65	EDSON SANTOS	92
CLARA NUNES		EDSON SEVERIANO DA FONSECA	
CLARINDO SILVA	66	EDSON SILVA	
CLAUDETE DOS SANTOS MACEDO		EDUARDO DAS NEVES	93
CLEIDEVANA MARIA DO S. DE O. CHAGAS		EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA	
CLEMENTINA DE JESUS	67	EDVALDO BRITO	94
CLESEU CUNHA CANTO		ELAINE INOCÊNCIO	
CLETO DE OLIVEIRA	68	ELE SEMOG	
CLEUZI HERMÍNIA RODRIGUES	69	ELIAS BONFIM	95
CLÓVIS MOURA		ELISA LUCINDA	
CONCEIÇÃO EVARISTO		ELISABETE APARECIDA PINTO	96
COUTINHO	70	ELIZETE CARDOSO	
CRIS RIBEIRO		ELMO JOSÉ DOS SANTOS	97
CRISPIM DO AMARAL	71	ELTON MEDEIROS	98
CRISTINA ROCHA		ELZA SOARES	
CRUZ E SOUZA	72	EMANOEL ARAÚJO	99
CYRO MONTEIRO	73	EMANUEL BATISTA DE ANDRADE	100
DAÁ		EMÍLIO ALVES FERREIRA JUNIOR	
DANILARA	74	ERALDO TRINDADE	101
DAÚDE		ERNESTO FILIO	
DAYANE SANTOS		ESCRAVA ANASTÁCIA	102
DECK SANTOS	75	ESMERALDO TARQUÍNIO	
DELMERMANO PINHEIRO		ESTEVÃO MAYA-MAYA	103
DINA SANTOS		EUCLIDES DA SILVA (PEZÃO)	
		EUNICE APARECIDA DE JESUS PRUDENTE	
		EUNICE CABRAL	104
		EURIDES ANTÔNIO DA SILVA (BOLINHO)	
		EUSTÁQUIO NEVES	105
		EVA MARIA	
		EVALDO BRAGA	
		EVANICE MARIA DOS SANTOS	106
		EVARISTO DE CARVALHO	107
		FARIAS BRITO	
		FERNANDO CONCEIÇÃO	108
		FERNANDO GOÉS	
		FERREIRÃO	
		FRANCISCA	109
		FRANCISCA LUZIA DA SILVA	
		FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO	
		FRANCISCA TRINDADE	110
		FRANCISCO BIQUIBA DY LA FUENTE GUARANY	
		FRANCISCO LUCRÉCIO	
		FRANCISCO MANOEL DAS CHAGAS	
		FRANCISCO MORAES DA SILVA	111
		FRANCISCO OTAVIANO	
		FRANCISCO PEDRO DO AMARAL	
		FRANCISCO SANTOS	112
		FREI DAVID	113
		FRIEDENREICH (EL TIGRE)	114
		GABRIEL JOAQUIM DOS SANTOS	
		GARRINCHA	115
		GENI GUIMARÃES	
		GERALDO FELIX DE JESUS	116
		GERALDO FILME	
		GERALDO MIRANDA	
		GERALDO PEREIRA	117
		GILBERTO ALVES	
		GILBERTO DA CUNHA	118/119
		GILBERTO GIL	
		GILSON FRANCISCO PEREIRA	
		GILZETE MARÇAL	120
		GLORIA MARIA	
		GONÇALVES CRESPO	
		GONÇALVES DIAS	121
		GRACIETE FERREIRA DA COSTA	122
		GRACINHA DE ALMEIDA	
		GRANDE OTELO	123
		GREGÓRIO DE MATOS	124
		HAMILTON FERREIRA SANTOS	125
		HAMILTON LARA	
		HAROLDO COSTA	126
		HÉDIO SILVA JÚNIOR	127
		HEITOR DOS PRAZERES	
		HELICIO RAMOS DE LIMA	
		HELENA THEODORO	128
		HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH (FATIMA)	
		HELI TELLES	
		HÉLIO SANTOS	129
		HÉLIO TURCO	
		HENRIQUE CUNHA	
		HENRIQUE DIAS	130

HENRIQUE FERNANDO MOURA	JOSÉ LUIZ GERMANO	MANOEL DIAS DE OLIVEIRA
HERONDINO JOAQUIM RIBEIRO 131/132	JOSÉ MANOEL DOS ANJOS	MANOEL INÁCIO DA SILVA AIVARENGA 184
ILKA BOAVENTURA LEITE	JOSÉ MAURO MESSIAS DA SILVA	MANOELITO DE OLIVEIRA
ILZE ROSA DE SENNA 133	JOSÉ ROBERTO C. DE SOUZA (ZEZÃO) 158	MANOEL JOSÉ DOS SANTOS
INALÁ SARAIVA PRUDENTE	JOSÉ TEÓFILO DE JESUS	MANOEL NICANOR DAS VIRGENS 185
IRACEMA DE ALMEIDA	JOVELINA PEROLA NEGRA 159	MANOEL PEDRO CARDOSO
ISABEL FILLARDIS 134	JOVINA TEODORO	MANOEL QUIRINO
ISABELA QUEIROZ DE JESUS 135	JUDITH MAURA MOREIRA 160	MANSUETO 186
ISMAEL SILVA 136	JULIANO MOREIRA 161	MANU MATUMBO
IVAMAR DOS SANTOS	JUREMA BATISTA	MARCELINHO CARIOCA
IVAN DE LMEIDA	JURGLEIDE DA SILVA LELIS 162	MARCELO GENTIL 187
IVANIR DOS SANTOS 137	KATIA REGINA 163	MÁRCIA DIAS
IVETE SACRAMENTO 138	LAIA 164	MARCILIO DIAS 188
IZABEL HIRATA 139	LAIS HELENA	MARCILIO NASCIMENTO FERNANDES
J. CASCATA	LAUDELINA DE CAMPOS MELLO 165	MÁRCIO PEREIRA DE SOUZA 189
J. ROMÃO 140	LAURINDO RABELO	MARCO ANTONIO RIO BRANCO MARTINS
JACKSON DA SILVA CARVALHO 141	LAZZO 166	MARCOS RUFINO
JACKSON DO PANDEIRO	LEANDRO JOAQUIM	MARIA APARECIDA BENTO 190
JAGUACIARA SANT'ANA	LECI BRANDÃO 167	MARIA AUGUSTA
JAIME GUIMARÃES 142	LECI NEVES BARRETO	MARIA AUXILIADORA DA SILVA 191
JAIME MOREIRA DE PINHO	LÉLIA GONZALES	MARIA BEATRIZ NASCIMENTO
JAIRZINHO (FURACÃO DA COPA) 143	LEÔNIDAS DA SILVA (Diamante negro) 168	MARIA BRANDÃO DOS REIS
JAMELÃO	LEPÉ CORREIA	MARIA DAS GRAÇAS 192
JANAINA ALVES DA CONCEIÇÃO	LIMA BARRETO 169	MARIA DE LOURDES SERAFIM
JEREMIAS DA SILVA BRASILEIRO 144	LINO GUEDES	MARIA DE LOURDES SIQUEIRA 193
JESSÉ DOS SANTOS	LITA CERQUEIRA	MARIA DE LOURDES TEODORO
JESUINO FRANCISCO DE PAULA GUSMÃO	LIVINHO 170	MARIA DO CARMO GERÔNIMO 194
JOACY DA SILVA NEVES 145	LIZAR 171	MARIA DO CARMO VALÉRIO
JOÃO CÂNDIDO	LÚCIA HELENA	MARIA FIRMINA DOS REIS
JOÃO DA BAIANA 146	LUCIA MARIA DE SOUZA (SONIA)	MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA 195
JOÃO DO PULO	LUCIANA DE SOUZA 172	MARIA JOSÉ BEZERRA
JOÃO JORGE 147	LUÍS ALBERTO SILVA SANTOS	MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO
JOAQUIM BEATO	LUIZ CARLOS DA VILA 173	MARIA MAGLIONI 196
JOAQUIM CRUZ	LUIZ CARLOS SANTANA	MARIA MAZZARELO RODRIGUES
JOAQUIM DE MENDANHA 148	LUIZ GAMA	MARIA PATRÍCIA FOGAÇA
JOAQUIM PAULINO DO NASCIMENTO	LUIZ GONZAGA 174	MARILZA DE CARVALHO 197
JOEL RUFINO DOS SANTOS 149	LUIZ MELODIA	MARINA SILVA
JOFE (JOSÉ DOS SANTOS)	LUIZ SILVA (CUTI) 175	MARINA PEREIRA DA SILVA
JORGE BENJOR 150	LUIZA MAHIN	MÁRIO AMÉRICO 198
JORGE COUTINHO	LUPICÍNIO RODRIGUES	MÁRIO DE ANDRADE
JORGE DE LIMA	LYGIA SANTOS 176/177	MÁRIO PEZÃO
JORGE DO PRADO TEIXEIRA 151	MACHADO DE ASSIS	MARTA DE OLIVEIRA BRAGA 199
JORGE HENRIQUE	MADALENA SANTOS REINBOELT 178	MARTINHO DA VILA
JORGE MAURO 152	MÃE ANINHA	MAURÍCIO DA SILVA 200
JORGE ROCHA DE SOUZA	MÃE BIU 179	MAURÍCIO PESTANA
JORGE TEIXEIRA	MÃE DUDU	MESTRE BIMBA
JOSÉ AMORIM 153	MÃE HILDA JITOLU	MESTRE BRASÍLIA 201
JOSÉ CARLOS DA S. BRITO	MÃE MENININHA 180	MESTRE DIDI
JOSÉ CARLOS LIMEIRA MARINHO SANTOS 154	MÃE SENHORA	MESTRE PASTINHA 202
JOSÉ CORREIA LEITE	MÃE STELLA	MESTRE TADEU DA VAI-VAI
JOSÉ DE ARIMATEIA BERNARDES 155	MÃE SYLVIA DO OXALÁ 181	MESTRE VALENTIM
JOSÉ DE RIBAMAR	MAESTRO ROBERTO CASEMIRO	MIGUEL SANT'ANNA 203
JOSE DO PATROCÍNIO	MALEMA 182	MILTON BARBOSA
JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO 156	MANOEL BEZERRA CORREIA DE OLIVEIRA	MILTON COUTINHO 204
JOSÉ DO PATROCÍNIO M. TOCANTINS	MANOEL DA CUNHA	MILTON GONÇALVES
JOSÉ GUILHERME SANTIAGO 157	MANOEL DE ALMEIDA CRUZ 183	MILTON NASCIMENTO 205

MILTON SANTOS	PRETO COSME	TAÍS DE ARAÚJO
MIQUÉIAS PAZ	PUAN 235	TALIS FERNANDO ROSA DA ROSA
MIRTES FERREIRA 206	RAIMUNDA LUZIA DE BRITO	TEBAS (O ESCRAVO) 261
MOACIR SANTOS 207	RAIMUNDO DA COSTA E SILVA 236	TEIXEIRA E SOUZA
NAIR ARAÚJO	RAIMUNDO DOS SANTOS SOUZA	TEODORO SAMPAIO 262
NAIR GOULART 208	RAIMUNDO LIMA	TERESINHA RIBEIRO
NANÁ	RAIMUNDO LINO RAMOS	TESTA 263
NATIVIDADE SALDANHA 209	RAIMUNDO SOUZA DANTAS 237/238	THALES DE AZEVEDO
NEGRA JHÓ	RAINHA TEREZA DE QUARITERÊ	THEODOSINA ROSÁRIO RIBEIRO 264
NEGUINHO DA BEIJA-FLOR	RAQUEL TRINDADE 239	THEREZA SANTOS
NEGUINHO DO SAMBA 210	RAUL DE SOUZA	THOBIAS
NEI LOPES 211	RAUL JOVIANO DO AMARAL	TIA CIATA 265
NELSON CAVAQUINHO	RENILDA NASCIMENTO 240	TIA EVA
NELSON DE SOUZA CARNEIRO 212	RILMA APARECIDA HEMETÉRIO	TIA NEUMA 266
NELSON FERREIRA DOS SANTOS	RISADINHA	TIM MAIA
NELSON JARDIM 213	RITA MARIA 241	TOBIAS BARRETO 267
NELSON SALOMÉ	RITA MESQUITA	VALÉRIA TERTULIANO
NELSON SARGENTO 214	ROBERTINHO SILVA	VALÉRIA VALENSSA 268
NENÉ DE VILA MATILDE	ROBERTO SILVA	VALQUIRIA BARBOSA DA SILVA 269
NETHIO BENGUELA 215	ROBSON MIGUEL 242	VANDIR SANTIAGO 270
NEUSA MARIA MARCONDES	RONDON SOARES	VERA LÚCIA COUTO DOS SANTOS 271
NICE NASCIMENTO 216	ROMEU CRUSOÉ 243	VERA MENEZES
NILÓ GOMES MATTOS 217	RONALDO MOREIRA	VERA TERESA DE JESUS
NILSON PINTO DE OLIVEIRA	RONALD TUTUCA	VERÍSSIMO DE SOUZA FREITAS 272
NIVALDA SILVA COSTA 218	ROSA MARIA EGÍPICIANA DE VERA CRUZ 244	VERÔNICA MARIA DA SILVA GOMES
NIVALDO SANTANA	ROSA MARIA TAVARES ANDRADE	VICENTE CÂNDIDO
NOEDI MONTEIRO	ROSA PUREZA 245	VICENTE FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO 273
NORTON NASCIMENTO 219/220	ROSANA SILVA LARA	VICENTE GOMES JARDIM
ODIOSVALDO VIGAS	RUBEM CONFETE 246	VICENTINHO 274
OLÍMPIO MARQUES DOS SANTOS 221	RUTH DE SOUZA	VILMA LÚCIA DE OLIVEIRA
OSCAR BENEDITO CAMARGO (Cebolinha) 222	RUTH GUIMARÃES 247	VIRGÍNIA DO AMARAL 275
OSCAR SANTOS	SALETE MARQUES LETTE	VITAL NOLASCO
OSMAR RAMOS	SALGADINHO 248	VITÓRIA BRASÍLIA (CORONEL DA PM)
OSÓRIO ALVES CASTRO 223	SALIM	VITORIANO DOS ANJOS FIGUEROA 276
OSWALDÃO	SAMUEL SANTIAGO 249	VOVÓ DO ILÊ AIYÊ
OSWALDO DE CAMARGO 224	SANDÉRCIO BENJAMIN	VOVÓ TEREZA 277
PADRE BATISTA	SANDRA DE SÁ 250	WAGNER DO NASCIMENTO
PADRE GÍLIO FELÍCIO 225	SANTA ROSA	WALMIR FRANÇA SANTOS 278
PADRE JOSÉ MAURÍCIO	SEBASTIANA ARRUDA 251	WANDERLEI DE OLIVEIRA
PADRE MAURÍCIO SEBASTIAO FERREIRA 226	SEBASTIÃO RODRIGUES ALVES 252	WILLIMAN HESTEFANY 279
PADRE TONINHO	SELMA DO CÔCO 253	WILSON BATISTA
PAI MENDES 227	SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA (SEU MICHEL)	WILSON PRUDENTE 280
PAULÃO (HORTOLÂNDIA) 228	SEU NEGRINHO	WILSON SIMONAL
PAULINHO DAVIOLA	SEU TINGUINHA	WLADIMIR DO CORINTHIANS 281
PAULO BRITO 229	SHIRLEY DE QUEIRÓS 254	XAYMACA
PAULO BURITY	SILAS DE OLIVEIRA	XISTO BAHIA 282/283
PAULO CÉSAR LIMA (PAULO CÉSAR CAJÚ) 230	SILVESTRE DE ALMEIDA LOPES 255	ZÉ ESPINGUELA
PAULO COLINA	SILVIO CALDAS	ZÉ KETT 284
PAULO LINS 231	SINHÔ	ZÉLIA AMADOR DE DEUS
PAULO PAIM	SIDNEI RICARDO LEÃO 256	ZENÓBIA LÚCIA DE DEUS 285
PAULO PORTELA 232	SOLANO TRINDADE	ZEZÉ MOTA
PAULO ROBERTO PARAGUASSÚ	SONIA LIMA 257	ZEZEI BARBOSA 286
PAULO RUI DE OLIVEIRA 233	SÔNIA LÚCIA CARDOSO	ZÓZIMO - JOGADOR SÍMBOLO DO BANGÜ
PAULO SÓ	STELLÁ DE OXÓSSI 258	ZUMBI DOS PALMARES 287/288
PELÉ	SUELI CARNEIRO	EDUARDO DE OLIVEIRA POR LOURDES TEODORO 289
PIXINGUINHA 234	SYNVAL SILVA 259/260	ÍNDICES

Índice

por Estado

ACRE					
MARINA DA SILVA	198	CIDAMAIÁ	65	JOSÉ AMORIM	153
ALAGOAS		CIPRIANO BARATA	65	JOSÉ CARLOS LIMEIRA MARINHO SANTOS	154
ALBERTO JORGE FERREIRA DOS SANTOS	27	CLARINDO SILVA	66	JOSÉ GUILHERME SANTIAGO	157
CIDINHA ALVES	65	CLAUDETE DOS SANTOS MACÊDO	67	JOSÉ TEÓFILO DE JESUS	159
DANDARA (Mulher Guerreira)	74	DADÁ (Tempero)	74	JULIANO MOREIRA	161
DJAVAN	78	DAÚDE	75	JURGLEIDE DA SILVA LELIS	162
ERALDO TRINDADE	101	DINA SANTOS	76	LAZZO	166
FRANCISCA LUZIA DA SILVA	110	DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA (Dina)	76	LECI NEVES BARRETO	168
JORGE DE LIMA	151	DIONIZIO JUVENAL	77	LITA CERQUEIRA	170
PAI MENDES	227	DOM LUCAS MOREIRA NEVES	80	LIVINHO	170
PAULÃO (Hortolândia)	228	DOMIENSE PEREIRA AMORIM (Domi)	81	LUIZ ALBERTO SILVA SANTOS	173
RENILDA NASCIMENTO	240	DORIVAL CAYMMI	86	LUIZ GAMA	174
ZUMBI DOS PALMARES	287	EDENICE SANTANA DE JESUS	87	MADALENA SANTOS REINBOLT	178
AMAPÁ		EDSON CARNEIRO	91	MÃE ANINHA	179
RAIMUNDO DOS SANTOS SOUZA	237	EDSON GOMES	92	MÃE HILDA JITOLU	180
RAIMUNDO LINO RAMOS	237	EDVALDO BRITO	94	MÃE MENININHA	180
BAHIA		ELIAS BONFIM	95	MÃE SENHORA	181
AGNALDO MANOEL DOS SANTOS	26	EMANOEL ARAÚJO	99	MÃE STELLA (Maria Stella Azevedo Santos)	181
ALDA CERQUEIRA SANTOS	29	EVANICE	106	MANOEL DE ALMEIDA CRUZ	183
AMADEU MARTINS	31	FERNANDO CONCEIÇÃO	108	MANOEL JOSÉ DOS SANTOS	185
ANALICE SANTOS LIMA	32	FERNANDO GOÉS	109	MANOEL NICANOR DAS VIRGENS	185
ANDRÉ REBOUÇAS	33	FERREIRÃO	109	MANOELITO DE OLIVEIRA	185
ANTÔNIO JOAQUIM FRANCO VELASCO	36	FRANCISCA	109	MANOEL QUIRINO	186
ANTONIO PITANGA	37	FRANCISCO BIQUIBA DY LA FUENTE GUARANY	111	MARCELO GENTIL	187
ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	40	FRANCISCO MANOEL DAS CHAGAS	111	MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO	196
ASSIS VALENTE	41	FRANCISCO SANTOS	112	MESTRE BIMBA	201
AVESNALDO SANTOS	42	GERALDO MIRANDA	117	MESTRE BRASÍLIA	201
AYDANO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ	43	GILBERTO ALVES	118	MESTRE DIDI	202
BIRA (Ubiraci Dantas)	49	GILBERTO GIL	120	MESTRE PASTINHA	202
BRÁULIO JOSÉ DO BONFIM	49	GILZETE MARÇAL	120	MIGUEL SANT'ANNA	203
BRAULIO MOURA	50	GREGÓRIO DE MATOS	124	MILTON COUTINHO	204
CAPITÃO JOSÉ IGNACIO DO ROSÁRIO	52	HAMILTON FERREIRA SANTOS	125	MILTON SANTOS	206
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA CAÓ	53	HELI TELLES	129	NEGRA JHÔ	210
CARLOS RAE	55	HERONDINO JOAQUIM RIBEIRO	131	NEGUINHO DO SAMBA	210
CARLOS MARIGHIELLA	57	IVETE DO SACRAMENTO	138	NELSON CARNEIRO	212
		JAGUACIARA SANT'ANA	142	NELSON FERREIRA DOS SANTOS	213
		JAIME MOREIRA DE PINHO	143	NIVALDA SILVA COSTA	218
		JOACY DA SILVA NEVES	145	ODIOSVALDO VIGAS	221
		JOÃO JORGE	147	OSMAR RAMOS	223
		JOAQUIM PAULINO DO NASCIMENTO	149	OSÓRIO ALVES CASTRO	223

RAIMUNDO LIMA	237	CARLOS ALBERTO REIS DE PAULA	53	APARÍCIO LUIZ XAVIER DE OLIVEIRA	38
SHIRLEI DE QUEIRÓS	254	CAROLINA MARIA DE JESUS	60	ARLINDO CALDAS	39
STELLA DE OXÓSSI	258	CHARLAIN GALVÃO DA SILVA	62	ARTHUR PADILHA	40
TEODORO SAMPAIO	262	CIDA DE OLIVEIRA	64	CID PINTO BARBOSA	64
THALES DE AZEVEDO	264	CLARA NUNES	66	CLEIDEVANA MARIA DO	
VAIQUIRIA BARBOSA DA SILVA	269	CONCEIÇÃO EVARISTO	70	SOCORRO DE O. CHAGAS	67
VERA MENEZES	272	DIVA MOREIRA	77	EDSON SILVA	93
VERÍSSIMO DE SOUZA FREITAS	272	DOM JOSÉ MARIA PIRES	79	EURIDES ANTÔNIO DA SILVA (Bolinho)	105
VITORIANO DOS ANJOS FIGUEROA	276	DOM SILVERIO GOMES PIMENTA	81	JOSÉ MAURO MESSIAS DA SILVA	158
VOVÓ DO ILÉAIYE	277	ESCRAVA ANASTÁCIA	102	RAIMUNDA LUZIA DE BRITO	236
WALMIR FRANÇA SANTOS	278	EUSTÁQUIO NEVES	105		
WANDERLEI DE OLIVEIRA	279	FREI DAVID	113	PARÁ	
XISTO BAHIA	282	GERALDO FÉLIX DE JESUS	116	JOSÉ CARLOS DA SILVA BRITO	154
ZÓZIMO (Jogador símbolo do Bangü)	287	GERALDO PEREIRA	117	JOSÉ DE RIBAMAR	156
		GRANDE OTELO	123	NILSON PINTO DE OLIVEIRA	218
CEARÁ		ILKA BOAVENTURA LEITE	133	OSCAR SANTOS	223
FARIAS BRITO	108	IZABEL HIRATA	139	ROSA PUREZA	245
JOAQUIM CRUZ	148	JEREMIAS DA SILVA BRASILEIRO	144	ZÉLIA AMADOR DE DEUS	285
NETHIO BENGUELA	215	JOAQUIM DE MENDANHA	149		
		JOFE (José dos Santos)	150	PARAÍBA	
ESPÍRITO SANTO		JOSÉ DE ARIMATÉIA BERNARDES	155	ANTONIO ELIAS PESSOA	35
ALBUÍNO AZEREDO	28	JUDITH MAURA MOREIRA	160	ANTÔNIO HELITON DE SANTANA	35
ELISA LUCINDA	96	LAUDELINA DE CAMPOS MELLO	165	CARLOS FERNANDES NASCIMENTO	55
JOAQUIM BEATO	148	MANOEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA	184	FRANCISCA MARIA DA	
NICE NASCIMENTO	216	MARIA AUXILIADORA DA SILVA	191	CONCEIÇÃO (Chica Barbosa)	110
ROBSON MIGUEL	242	MARIA BRANDÃO DOS REIS	192	JACKSON DO PANDEIRO	142
SEBASTIÃO RODRIGUES ALVES	252	MARIA DO CARMO GERÔNIMO	194	JOSÉ MANOEL DOS ANJOS	158
		MARIA MAZZARELO RODRIGUES	197	MANOEL PEDRO CARDOSO VIEIRA	186
GOIÁS		MARIO AMÉRICO	198	SANTA ROSA	251
CAFU (Deputado Distrital)	51	MESTRE VALENTIN	203	VICENTE GOMES JARDIM	274
JOSÉ DO PATROCÍNIO MARQUES TOCANTINS	157	MILTON GONÇALVES	205		
JOVINA TEODORO	160	MILTON NASCIMENTO	205	PARANÁ	
MARIA DE LOURDES TEODORO	194	NAIR ARAÚJO	208	ARI CÂNDIDO FERNANDES	38
TIA EVA	266	NAIR GOULART	208	MIQUÉIAS PAZ	206
		NENÉ DE VILA MATILDE	215		
MARANHÃO		OSVALDÃO	221	PERNAMBUCO	
ALCIONE	28	PAULO RUI DE OLIVEIRA	233	ACOTIRENE	23
CHICO VIGILANTE	63	PELÉ	234	ADEILDO PARAÍSO	24
DICK SANTOS	75	RILMA APARECIDA HEMETÉRIO	241	CARLOS CORREIA DE ALBUQUERQUE	54
DOMINGOS MARANHAS	83	RONALDO MOREIRA	244	CRISPIM DO AMARAL	71
EDNA ROLAND	91	SILVESTRE DE ALMEIDA LOPES	255	EDMIR CONSTANTINO COSTA	90
ESTEVAO MAYA-MAYA	103	SYNVAL SILVA	259	EDNA COSTA	90
GONÇALVES DIAS	121	TEREZINHA RIBEIRO	263	GILSON FRANCISCO PEREIRA	120
MÃE DUDU	180	VICENTE CÂNDIDO	273	HENRIQUE DIAS	130
MANU MATUMBO	187	VILMA LÚCIA DE OLIVEIRA	275	JESSÉ DOS SANTOS	145
MARIA DE LOURDES SIQUEIRA	193	VITAL NOLASCO	276	LEPÊ CORREIA	169
MARIA FIRMINA DOS REIS	195	WAGNER DO NASCIMENTO	278	LUIZ GONZAGA	174
PRETO COSME	235	WILLIMAN HESTEFANY	279	MÃE BIU (Severina Parafso da Silva)	179
		XAYMACA	282	MOACIR SANTOS	207
MINAS GERAIS				NATIVIDADE SALDANHA	209
ADÃO VENTURA	24	MATO GROSSO		RAQUEL TRINDADE	239
ADELINA	25	RAINHA TEREZA DE QUARITERÊ	239	ROMEU CRUSOÉ	243
ALEIJADINHO	30			SELMA DO CÔCO	253
ALEIXO PARAGUASSU NETO	30	MATO GROSSO DO SUL		SOLANO TRINDADE	257
ATAULFO ALVES	41	A DAIR SOUZA DA MATA	23	VERÔNICA MARIA DA SILVA GOMES	273
BENEDITA GOUVEIA DAMASCENO SIMONETTI	46	ALEX FRAGA	30		
BENILDA REGINA	47	ANA JOSÉ ALVES	32	PIAUI	
				CLÓVIS MOURA	70

RIO DE JANEIRO		HÉLIO TURCO	130	RAUL DE SOUZA	240
ABGAIL PÁSCHOA DE SOUZA	22	HENRIQUE FERNANDO MOURA	131	ROBERTINHO SILVA	242
AGOSTINHO DOS SANTOS	26	INAIÁ SARAIVA PRUDENTE	134	ROBERTO SILVA	242
ALAÍDE COSTA	26	ISABELA QUEIROZ DE JESUS	135	RUBEM CONFETE	246
AMARO LUIZ ALVES	32	ISMAEL SILVA	136	RUTH DE SOUZA	247
ÂNGELA MARIA	33	IVAN DE ALMEIDA	137	SANDRA DE SÁ	250
ANTENOR NASCENTES	33	IVANIR DOS SANTOS	137	SEBASTIANA ARRUDA	251
ARMANDO MARÇAL	39	J. ROMÃO DA SILVA	140	SEU TINGUINHA	254
AROLDO MACEDO	40	JACKSON DA SILVA CARVALHO	141	SILAS DE OLIVEIRA	255
B. LOPES	44	JAIRZINHO (Furacão da Copa)	143	SILVIO CALDAS	256
BENEDITA DA SILVA	45	JAMELÃO	144	SINHÔ	256
BIDE	48	JOÃO DA BAIANA	146	SÔNIA LÚCIA CARDOSO	258
CAMILA PITANGA	51	JOEL RUFINO DOS SANTOS	149	TAÍS DE ARAUJO	261
CANDEIA FILHO	52	JORGE BENJOR	150	TEIXEIRA E SOUZA	262
CÁRMEM COSTA	57	JORGE COUTINHO	151	THEREZA SANTOS	265
CÁRMEM TEIXEIRA CONCEIÇÃO	59	JORGE HENRIQUE	152	TIA CIATA	265
CARTOLA	60	JORGE MAURO	152	TIA NEUMA	266
CÁTIA SOUZA	61	JOSE DO PATROCÍNIO	156	TIM MAIA	267
CELSO PITTA	61	JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO	156	VALÉRIA VALENSSA	268
CHICA DA SILVA	63	JOVELINA PÉROLA NEGRA	159	VERA LÚCIA COUTO DOS SANTOS	271
CLEMENTINA DE JESUS	67	JUREMA BATISTA	162	VICENTE FRANCISCO DO ESPÍRITO SANTO	273
CRIS RIBEIRO	71	LAURINDO RABELO	166	VOVÓ TEREZA	277
CRISTINA ROCHA	72	LEANDRO JOAQUIM	167	WILSON BATISTA	280
CYRO MONTEIRO	73	LECI BRANDÃO	167	WILSON SIMONAL	281
DILERMANDO PINHEIRO	76	LÉLIA GONZALES	168	ZÉ ESPINGUELA	284
DOMINGOS CALDAS BARBOSA	82	LEÔNIDAS DA SILVA (Diamante Negro)	168	ZÉ KETTI	284
DOMINGOS DA GUIA	83	LIMA BARRETO	169	ZEZÉ MOTTA	284
DONA IVONE LARA	84	LÚCIA MARIA DE SOUZA (Sônia)	172		
DONA ZICA DA MANGUEIRA	85	LUIZ CARLOS DA VILA	173	RIO GRANDE DO NORTE	
DONGA	85	LUIZ MELODIA	175	ALBERTO FERREIRA	27
EDIR DE CASTRO	88	LYGIA SANTOS	176	AUTA DE SOUZA	42
EDMÉIA MACHADO BRUN VASCONCELOS	89	MACHADO DE ASSIS	178	EDSON SEVERIANO DA FONSECA	93
EDSON SANTOS	92	MANOEL DA CUNHA	183	VICENTINHO	274
EDUARDO DAS NEVES	93	MANOEL DIAS DE OLIVEIRA	184		
ELAINE INOCÊNCIO	95	MANSUETO	186	RIO GRANDE DO SUL	
ELE SEMOG	95	MARCELINHO CARIOCA	187	ALCEU COLLARES	28
ELIZETE CARDOSO	97	MARTINHO DA VILA	200	CARLOS SANTOS	57
ELMO JOSÉ DOS SANTOS	97	NEGUINHO DA BEIJA-FLOR	210	DJALMA DO ALEGRETE	78
ELTON MEDEIROS	98	NEI LOPES	211	DONA LILI	84
ELZA SOARES	99	NELSON CAVAQUINHO	212	HAMILTON LARA	126
EMANUEL BATISTA DE ANDRADE	100	NELSON JARDIM	213	JANAÍNA ALVES DA CONCEIÇÃO	144
ERNESTO FILHO	102	NELSON SARGENTO	214	JOÃO CÂNDIDO	146
IVALDO BRAGA	106	NILO GOMES MATTOS	217	JORGE TEIXEIRA	153
FRANCISCO MORAES DA SILVA	111	NORTON NASCIMENTO	219	LÚCIA HELENA	172
FRANCISCO OTAVIANO	112	OLÍMPIO MARQUES DOS SANTOS	221	LUPICÍNIO RODRIGUES	176
FRANCISCO PEDRO DO AMARAL	112	PADRE JOSÉ MAURÍCIO	226	MARCÍLIO DIAS	188
GABRIEL JOAQUIM DOS SANTOS	115	PAULINHO DA VIOLA	229	MARCO ANTONIO RIO BRANCO MARTINS	190
GARRINCHA	115	PAULA BRITO	229	MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA	195
GILBERTO DA CUNHA (Coronel da Aeronáutica)	118	PAULO CESAR LIMA (Paulo César Cajú)	230	MARIA MAGLIONI	196
GLORIA MARIA	121	PAULO LINS	231	MÁRIO PEZÃO	199
GONÇALVES CRESPO	121	PAULO PORTELA	232	PADRE GÍGLIO FELÍCIO	225
GRACIETE FERREIRA DA COSTA	122	PAULO ROBERTO PARAGUAÇU	233	PAULO PAIM	232
HAROLDO COSTA	126	PIXINGUINHA	234	RISADINHA	241
HEITOR DOS PRAZERES	128	PUAN	235	RONDON SOARES	243
HELENA THEODORO	128	RAIMUNDO DA COSTA E SILVA	236	RONALD TUTUCA	244

ROSANA SILVA LARA	246	EDEL JORGE	87	MÁRIO DE ANDRADE	199
SEU NEGRINHO	254	EDGARD FREIRE	88	MARTHA DE OLIVEIRA BRAGA	199
TALIS FERNANDO ROSA DA ROSA	261	EDSON MARQUES	92	MAURÍCIO PESTANA	201
ZENÓBIA LÚCIA DE DEUS	285	EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA	94	MESTRE TADEU DA VAI-VAI	203
		ELISABETE APARECIDA PINTO	96	MILTON BARBOSA	204
SANTA CATARINA		EMILIO ALVES FERREIRA JUNIOR	101	MIRTES FERREIRA	206
ANTONIETA DE BARROS	34	ESMERALDO TARQUÍNIO	103	NANÁ	209
CLETO DE OLIVEIRA	68	EUCLIDES DA SILVA (Pezão)	104	NELSON SALOMÉ	214
CRUZ E SOUSA	72	EUNICE APARECIDA DE JESUS PRUDENTE	104	NEUSA MARIA MARCONDES	216
MÁRCIO PEREIRA DE SOUZA	189	EUNICE CABRAL	104	NIVALDO SANTANA	219
MARCOS RUFINO	190	EVA MARIA	106	NOEDI MONTEIRO	219
MAURÍCIO DA SILVA	200	EVARISTO DE CARVALHO	107	OSVALDO DE CAMARGO	224
RITA MARIA	241	FRANCISCO LUCRÉCIO	111	PADRE BATISTA	225
		FRIEDENREICH (El Tigre)	114	PADRE MAURÍCIO SEBASTIÃO FERREIRA	226
SERGIPE		GENI GUIMARÃES	116	PADRE TONINHO	227
ALOÍZIO SANTOS	31	GERALDO FILME	117	PAULO BURITY	230
RAIMUNDO SOUZA DANTAS	237	GRACINHA DE ALMEIDA	123	PAULO COLINA	231
TOBIAS BARRETO	267	HÉDIO SILVA JÚNIOR	127	PAULO SÓ	234
		HÉLCIO RAMOS DE LIMA	128	RAUL JOSIANO DO AMARAL	236
SÃO PAULO		HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH (Fátima)	129	RITA MESQUITA	242
ABBADE	21	HÉLIO SANTOS	129	ROSA MARIA TAVARES ANDRADE	245
ABDIAS DO NASCIMENTO	22	HENRIQUE CUNHA	130	RUTH GUIMARÃES	247
ACÁCIO SIDINEI ALMEIDA SANTOS	23	IRACEMA DE ALMEIDA	134	SALETE MARQUES LEITE	248
ADALBERTO CAMARGO	23	IVAMAR DOS SANTOS	137	SALGADINHO	248
ADHEMAR FERREIRA DA SILVA	25	JAIME GUIMARÃES	142	SALIM	249
ADHEMAR DOS SANTOS	25	JESUÍNO FRANCISCO DE PAULA GUSMÃO	145	SAMUEL SANTIAGO	249
ALZIRA RUFINO	31	JOÃO DO PULO	147	SANDÉRCIO BENJAMIN	250
ANA LÚCIA EDUARDO E VALENTE	32	JORGE DO PRADO TEIXEIRA	151	SIDNEI RICARDO LEÃO	256
ANTONIO CAMPOS	34	JORGE ROCHA DE SOUZA	153	SONIA LIMA	257
ANTÔNIO CARLOS ARRUDA DA SILVA	35	JOSÉ CORREIA LEITE	155	SUELI CARNEIRO	259
ANTONIO MARTINS	36	JOSÉ LUIZ GERMANO	158	TEBAS (O Escravo)	261
ANTÔNIO MESSIAS GALDINO	36	JOSÉ ROBERTO CAMARGO DE SOUZA (Zezão)	158	TESTA	263
APARECIDA CAMARGO DOS SANTOS	37	KÁTIA REGINA	163	THEODOSINA ROSÁRIO RIBEIRO	264
APARECIDA FÁTIMA FERNANDES	37	LAIA (Maria Aparecida)	164	THOBIAS	265
ARLINDO VEIGA DOS SANTOS	39	LAÍS HELENA	165	VALÉRIA TERTULIANO	268
ÁUREA ARANTES DE CAMPOS	42	LINO GUEDES	170	VANDIR SANTIAGO	270
BEATRIZ CAMPOS DE PAULA	44	LIZAR	171	VERA TERESA DE JESUS	272
BELMONTE	45	LUCIANA DE SOUZA	172	VIRGÍNIA DO AMARAL	275
BENEDITO CINTRA	46	LUIZ CARLOS SANTANA	174	VITÓRIA BRASÍLIA DE SOUZA LIMA (Coronel)	276
BENEDITO DE ANDRADE	46	LUIZ SILVA (Cuti)	175	WILSON PRUDENTE	280
BÈRENICE ASSUNÇÃO KIKUCHI	48	MÃE SYLVIA DO OXALÁ	181	WLADIMIR DO CORINTHIANS	281
BLECAUTE	49	MAESTRO ROBERTO CASEMIRO	182	ZEZEH BARBOSA	286
CARLOS ASSUNÇÃO	54	MALEMA	182		
CARLOS CESAR ELISBON	54	MANOEL BEZERRA CORREIA DE OLIVEIRA	183	AFRICANOS NO BRASIL	
CARLOS GOMES	56	MÁRCIA DIAS	188	CHICO REI	
CARMELITA CAMPOS	56	MARCILIO NASCIMENTO FERNANDES	189	(VIVEU EM MINAS GERAIS, SÉCULO XVIII)	263
CARMEM QUEIRÓZ	58	MARIA APARECIDA BENTO	190	LUIZA MAHIN	
CÉLIA APARECIDA PEREIRA - CELINHA	61	MARIA AUGUSTA (Cozinha afro)	191	(VIVEU NA BAHIA, SÉCULO XIX)	176
CELSONO PRUDENTE	62	MARIA BEATRIZ NASCIMENTO	192	ROSA MARIA EGÍPCIANA DE VERA CRUZ	
CLESEU CUNHA CANTO	68	MÁRIA DE LOURDES SERAFIM	193	(VIVEU NO RIO DE JANEIRO E DEPOIS EM MINAS GERAIS, SÉCULO XVIII; NASCEU NA COSTA DA MINA)	244
CLEUZI HÉRMINIA RODRIGUES	69	MARIA DO CARMO VALÉRIO	195		
COUTINHO	70	MARIA JOSÉ BEZERRA	196		
DAYANE SANTOS	75	MARIA PATRÍCIA FOGAÇA	197		
DJALMA SANTOS	78	MARILZA DE CARVALHO	197		
DONA CLEUZA	83	MARINA PEREIRA DA SILVA	198		
DULCE MARIA PEREIRA	86				

Índice

Referente às Mulheres

NOMES	PÁG	EST					
ABBADÉ	21	SP	CÁRMEM COSTA	57	RJ	DONA IVONE LARA	84 RJ
ABGAIL PASCHOA DE SOUZA	22	RJ	CÁRMEM QUEIRÓZ	58	SP	DONA LILI	84 RS
ACOTIRENE	23	PE	CÁRMEM TEIXEIRA CONCEIÇÃO	59	RJ	DONA ZICA DA MANGUEIRA	85 RJ
ADELINA	25	MG	CAROLINA MARIA DE JESUS	60	MG	DULCE MARIA PEREIRA	86 SP
ALAÍDE COSTA	26	RJ	CÁTIA SOUZA	61	RG	EDEL JORGE	87 SP
ALCIONE	28	MA	CÉLIA APARECIDA PEREIRA - CELINHA	61	SP	EDENICE SANTANA DE JESUS	87 BA
ALDA CERQUEIRA SANTOS	29	BA	CHICA DA SILVA	63	RJ	EDIR DE CASTRO	88 RJ
ALZIRA RUFINO	31	SP	CIDA DE OLIVEIRA	64	MG	EDMÉIA MACHADO BRUN VASCONCELOS	89 RJ
ANA JOSÉ ALVES	32	MS	CIDAMAIÁ	64	BA	EDNA COSTA	90 PE
ANA LÚCIA EDUARDO EVALENTE	32	SP	CIDINHA ALVES	65	AL	EDNA ROALND	91 MA
ANALICE SANTOS LIMA	32	BA	CLARA NUNES	66	MG	ELAINE INOCÊNCIO	95 RJ
ANGELA MARIA	33	RJ	CLAUDETE DOS SANTOS MACÊDO	67	BA	ELISA LUCINDA	96 ES
ANTONIETA DE BARROS	34	SC	CLEIDEVANA MARIA DO S. DE O. CHAGAS	67	MS	ELIZABETE APARECIDA PINTO	96 SP
APARECIDA CAMARGO DOS SANTOS	37	SP	CLEMENTINA DE JESUS	67	RJ	ELIZETE CARDOSO	97 RJ
APARECIDA FÁTIMA FERNANDES	37	SP	CLEUZI HÉRMINIA RODRIGUES	69	SP	ELZA SOARES	99 RJ
ÁUREA ARANTES DE CAMPOS	42	SP	CONCEIÇÃO EVARISTO	70	MG	ESCRAVA ANASTÁCIA	102 MG
AUTA DE SOUZA	42	RN	CRIS RIBEIRO	71	RJ	EUNICE APARECIDA DE JESUS PRUDENTE	104 SP
BEATRIZ CAMPOS DE PAULA	44	SP	CRISTINA ROCHA	72	RJ	EUNICE CABRAL	104 SP
BENEDITA DA SILVA	45	RJ	DANDARA - MULHER GUERREIRA	74	AL	EVA MARIA	106 SP
BENEDITA GOUVEIA DAMASCENO SIMONETTI	46	MG	DAÚDE	75	BA	EVANICE	106 BA
BENILDA REGINA	47	MG	DAYANE SILVA SANTOS	75	SP	FRANCISCA	109 BA
BERENICE ASSUNÇÃO KIKUCHI	48	SP	DINA SANTOS	76	BA	FRANCISCA LUZIA DA SILVA	110 AP
CAMILA PITANGA	51	RJ	DINAIVA OLIVEIRA TEIXEIRA (DINA)	76	BA	FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO	
CÁRMELITA CAMPOS	56	SP	DIVA MOREIRA	77	MG	(CHICA BARBOSA)	110 PB
			DONA CLEUZA	83	SP	FRANCISCA TRINDADE	110 PI

GENI GUIMARÃES	116	SP	MÃE HILDA JITOLU	180	BA	RILMA APARECIDA HEMETÉRIO	241	MG
GLIZETE MARÇAL	120	BA	MÃE MENININHA	180	BA	RITA MARIA	241	SC
GLORIA MARIA	121	RJ	MÃE SENHORA	181	BA	RITA MESQUITA	242	SP
GRACIETE FERREIRA DA COSTA	122	RJ	MÃE STELLA	181	BA	ROSA MARIA EGÍPCIANA DE VERA CRUZ	244	AF
GRACINHA DE ALMEIDA	123	SP	MÃE SYLVIA DO OXALÁ	181	SP	ROSA MARIA TAVARES ANDRADE	245	SP
HELENA THEODORA	128	RJ	MALEMA	182	SP	ROSA PUREZA	245	PA
HELENIRA R. DE SOUZA NAZARETH (FÁTIMA)	129	SP	MÁRCIA DIAS	188	SP	ROSANA SILVA LARA	246	RS
HELI TELLES	129	BA	MARIA APARECIDA BENTO	190	SP	RUTH DE SOUZA	247	MG
ILKA BOAVENTURA LEITE	133	MG	MARIA AUGUSTA	191	SP	RUTH GUIMARÃES	247	SP
ILZE ROSA DE SENNA	133	MG	MARIA AUXILIADORA DA SILVA	191	MG	SALETE MARQUES LEITE	248	SP
INAIÁ SARAIVA PRUDENTE	134	RJ	MARIA BEATRIZ NASCIMENTO	192	SP	SANDRA DE SÁ	250	RJ
IRACEMA DE ALMEIDA	134	SP	MARIA BRANDÃO DOS REIS	192	MG	SEBASTIANA ARRUDA	251	RJ
ISABEL FILLARDIS	134	RJ	MARIA DAS GRAÇAS	192	PI	SELMA DO CÔCO	253	PE
ISABELA QUEIROZ DE JESUS	135	RJ	MARIA DE LOURDES SERAFIM	193	SP	SHIRLEY DE QUEIRÓS	254	BA
IVETE SACRAMENTO	138	BA	MARIA DE LOURDES SIQUEIRA	193	MA	SONIA LIMA	257	SP
IZABEL HIRATA	139	MG	MARIA DE LOURDES TEODORO	194	GO	SÔNIA LÚCIA CARDOSO	258	MG
JAGUACIARA SANT'ANA	142	BA	MARIA DO CARMO GERÔNIMO	194	MG	STELLA DE OXÓSSI	258	BA
JANAINA ALVES DA CONCEIÇÃO	144	RS	MARIA DO CARMO VALÉRIO	195	SP	SUELI CARNEIRO	259	SP
JOACY DA SILVA NEVES	145	BA	MARIA FIRMINA DOS REIS	195	MA	TAÍS DE ARAÚJO	261	RJ
JOVELINA PEROLA NEGRA	159	RJ	MARIA HELENA VARGAS DA SILVEIRA	195	RS	TERESINHA RIBEIRO	263	MG
JOVINA TEODORO	160	GO	MARIA JOSÉ BEZERRA	196	SP	THEODOSINA ROSÁRIO RIBEIRO	264	SP
JUDITH MAURA MOREIRA	160	MG	MARIA JOSÉ DO ESPIRITO SANTO	196	BA	THEREZA SANTOS	265	RJ
JUREMA BATISTA	162	RJ	MARIA MAGLIONI	196	RS	TIA CIATA	265	RJ
JURGEIDE DA SILVA LELIS	162	BA	MARIA MAZZARELO RODRIGUES	197	MG	TIA EVA	266	GO
KÁTIA REGINA	163	SP	MARIA PATRÍCIA FOGAÇA	197	SP	TIA NEUMA	266	RJ
LÁIA	164	SP	MARILZA DE CARVALHO	197	SP	VALÉRIA TERTULIANO	268	SP
LAÍS HELENA	165	SP	MARINA SILVA	198	AC	VALÉRIA VALENSSA	268	RJ
LAUDELINA DE CAMPOS MELLO	165	MG	MARINA PEREIRA DA SILVA	198	SP	VALQUIRIA BARBOSA DA SILVA	269	BA
LECI BRANDÃO	167	RJ	MARTA DE OLIVEIRA BRAGA	199	SP	VERA LÚCIA COUTO DOS SANTOS	271	RJ
LECI NEVES BARRETO	168	BA	MIRTES FERREIRA	206	SP	VERA MENEZES	272	BA
LÉLIA GONZALES	168	RJ	NAIR ARAÚJO	208	MG	VERA TEREZA DE JESUS	272	SP
LITA CERQUEIRA	170	BA	NAIR GOULART	208	MG	VERÔNICA MARIA DA SILVA GOMES	273	PE
LÚCIA HELENA	172	RS	NANÁ	209	SP	VILMA LUCIA DE OLIVEIRA	275	MG
LUCIA MARIA DE SOUZA (SÔNIA)	172	RJ	NEGRA JHÔ	210	BA	VIRGINIA DO AMARAL	275	SP
LUCIANA DE SOUZA	172	SP	NEUSA MARIA MARCONDES	216	SP	VITÓRIA BRASÍLIA DE SOUZA LIMA	276	SP
LUIZA MAHIN	176	AF	NICE NASCIMENTO	216	ES	VOVÓ TEREZA	277	RJ
LYGIA SANTOS	176	RJ	NIVALDA SILVA COSTA	218	BA	ZÉLIA AMADOR DE DEUS	285	PA
MADALENA SANTOS REINBOLT	178	BA	RAIMUNDA LUZIA DE BRITO	236	MS	ZENÓBIA LÚCIA DE DEUS	285	RS
MÃE ANINHA	179	BA	RAINHA TEREZA DE QUARTERÉ	239	MT	ZEZÉ MOTTA	286	RJ
MÃE BIU	179	PE	RAQUEL TRINDADE	239	PE	ZEZEI BARBOSA	286	SP
MÃE DUDU	180	MA	RENILDA NASCIMENTO	240	AL			

Índice

Atividades profissionais e sociais

Atividades profissionais e sociais	Páginas				
Abolicionistas e históricas		Atores e atrizes	37, 51, 88, 95, 123, 134, 137, 151, 161, 205, 208, 219, 247, 261, 265, 282, 285, 286	142, 147, 185, 213, 215, 232, 23, 263, 266, 277, 278	
lideranças negras	102, 146, 239	Autoridades governamentais	32, 54, 68, 129, 190, 218		
Acadêmicos	109, 264	Bailarino	56, 72, 188	Cenógrafo	71, 72, 251
Autores	282	Bióloga	245	Chargistas e caricaturistas	45, 71, 201
Advogados	22, 27, 35, 36, 54, 57, 62, 64, 68, 103, 104, 127, 152, 154, 174, 176, 233, 251	Bispos	81, 225	Cineastas	38, 62
Antropólogos	23, 32, 193, 218, 264	Cantores (samba, música popular)	26, 28, 33, 41, 49, 55, 57, 60, 66, 67, 73, 75, 78, 86, 92, 97, 99, 103, 106, 117, 118, 120, 129, 134, 136, 142, 144, 150, 159, 160, 166, 167, 172, 173, 174, 175, 176, 199, 200, 205, 210, 212, 229, 241, 242, 250, 253, 256, 259, 265, 267, 281, 284	Compositores (samba, popular e erudito)	39, 41, 48, 49, 52, 55, 56, 60, 76, 78, 85, 86, 92, 93, 98, 117, 120, 128, 129, 130, 136, 140, 142, 144, 150, 167, 173, 174, 175, 176, 186, 205, 207, 211, 212, 214, 222, 226, 229, 234, 241, 255, 259, 267, 280, 282, 284
Arquitetos	167, 198	Cantores Líricos	160	Coreógrafos	56
Artesãos	178, 210, 276	Capoeiristas	201, 202	Cosmetólogos	106, 195
Artistas plásticos	40, 78, 83, 115, 123, 128, 150, 167, 171, 182, 187, 196, 197, 202, 204, 214, 215, 216, 249	Carnavalescos	49, 97, 117, 125, 131,	Costureiras	89
Assistente social	164			Cozinheiros	84, 191
Atletas, futebolistas e outros desportistas	25, 39, 88, 114, 115, 143, 147, 148, 153, 168, 187, 230, 234, 279, 281, 287				

Críticos literários e musicais	178	Esteticistas	76	Mestres de bateria de escolas de samba	203
Delegados de polícia	269	Etnógrafo	264	Militares e policiais militares	118, 130, 188, 276
Deputados e ex-deputados	23, 51, 63, 101, 103, 173, 186, 206, 214, 219, 232, 264, 278	Filólogo	33	Modelos e misses	51, 71, 219, 261, 268, 271
Diplomatas	46, 237	Filósofos	108, 259, 267	Padres e religiosos	225, 226, 227, 275
Diretores teatrais	35, 285	Fotógrafos	105, 170	Pai-de-santo	252
Diretores do CNAB e outros líderes afros	90, 91, 92, 96, 102, 104, 110, 113, 120, 126, 137, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 169, 174, 176, 190, 193, 196, 197, 1204, 226, 228, 230, 235, 240, 244, 245, 246, 259, 261, 273, 280, 282, 285, 287	Geógrafos	67, 206, 262	Pastores evangélicos	104, 148
Editores	34, 61, 229, 243	Historiadores	133, 186, 192, 193, 219, 262	Percussionistas	48, 76, 210, 222, 254, 282
Eltricistas	141	Idosos	194	Personalidades do candomblé	203, 227
Empresários e administradores de entidades privadas	32, 153, 163, 192, 197, 249, 268, 275	Ilustradores	71, 251	Pesquisadores	95, 117, 166, 194, 256
Enfermeiras	48, 196	Intelectuais	38, 77, 126	Pintores	36, 99, 112, 145, 159, 183, 184, 191, 236, 239, 251, 255, 263, 272
Engenheiro	33, 55, 57, 154, 217, 262	Instrumentistas (músicos) notáveis	240, 242	Poetas	24, 35, 42, 44, 54, 60, 61, 70, 72, 82, 95, 96, 110, 112, 116, 120, 121, 124, 133, 139, 151, 158, 161, 166, 170, 174, 178, 183, 184, 189, 209, 224, 229, 231, 244, 248, 257
Escritores	33, 46, 60, 70, 81, 91, 108, 112, 128, 140, 144, 149, 151, 169, 174, 175, 194, 195, 199, 211, 216, 218, 223, 224, 229, 231, 240, 244, 247, 254, 262, 272	Jornalistas	30, 36, 40, 42, 43, 45, 53, 61, 75, 93, 101, 106, 107, 108, 121, 156, 157, 158, 219, 221, 237, 240	Políticos	28, 31, 34, 46, 49, 52, 53, 57, 92, 137, 139, 148, 200, 205, 235
Escultores	26, 30, 88, 99, 111, 150, 178, 203, 234, 236, 261	Juízes	30, 183, 241	Precursosores do samba	85, 146, 256, 259, 265
		Juristas	94	Prefeitos e ex-prefeitos	61, 223, 278
		Líderes comunitários	92, 105, 109, 142, 145, 209, 254, 261, 277	Produtores culturais	23, 147, 187, 246, 249
		Líderes estudantis, estudantes	129, 135, 144, 172	Professores e pedagogos	37, 42, 62, 70, 72, 87,
		Liderança feminina	162, 165, 236, 257, 263, 272		
		Mães-de-santo e rezadeiras	142, 179, 180, 181, 193, 241, 258, 266		
		Massagistas	198		
		Marinheiros	25		
		Médicos	48, 128, 134, 161, 221, 258		

	96, 104, 122, 128, 129, 133, 156, 158, 169, 176, 190, 194, 194, 215, 216, 218, 237, 242, 275, 285		207, 210, 223, 226, 234, 242		93, 101, 104, 149, 155, 168, 185, 189, 208, 244, 250, 270, 274, 279
Psicólogos	91, 164, 169, 190, 206	Remanescentes de Quilombos	254	Sociólogos	91, 94, 168, 183
Publicitários	265	Revolucionários	109, 176, 192, 224, 235	Técnico eletrônico	273
Radialistas	101, 107, 246	Ritmista	39, 167	Teólogos	113
Reitores	138	Sambistas	107, 170, 284	Teatrólogos	140, 175, 242, 257
Regentes, arranjadores e professores de música	56, 103, 148, 157, 166, 182,	Serviços (parteiras, garis, motoristas, pedreiros)	100, 110, 197, 213, 274	Vereadores e ex-vereadores	37, 77, 90, 92, 110, 116, 152, 153, 162, 165, 189, 221, 228, 233, 273, 276
		Senadores	22, 45, 198, 212		
		Sindicalistas	24, 37, 40, 44, 49,		

Índice

Bibliográfico

A

A Lei e o Direito do Negro - Secretaria de Justiça e Direitos Humanos - Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra - Salvador - Bahia; 2ª edição, Volume I, maio -1995.

A Mão Afro-Brasileira - Significado da Contribuição Artística e Histórica do Negro - Cem Anos de Abolição - 1988/1989. Organizado por Emanuel Araújo; Técnica nacional de Engenharia (Tenenge), 1988.

Afrodíspora - Volume I - 3º Congresso da Cultura das Américas; IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, PUC; 1983

Agenda Afro-Brasileira - 1998; Organizado por Santos, Acácio Sidinei Almeida e Oliveira, Regina Maria Ferreira de.

Alves, Castro - Os Escravos - LPM Editora - 1997.

Alves, Castro - "Espumas Flutuantes". Klick, 1997.

Alves, Henrique L - Sua Excelência, o samba; Edições Símbolo, 1976.

Amaro, Sarita - Negros - Identidade, Exclusão e Direito no Brasil; TCHÊ!, Porto Alegre, RS.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Anjos, Augusto dos - Obras Completas; Editora Nova Aguilar, 1994.

Azeredo, Maria Martinho de - Onda Negra, Medo Branco - O negro no Imaginário das Elites - Século XIX; Editora Paz e Terra, 1987.

B

Barbosa, Milton - Movimento negro Unificado - BASTA - Dez Anos de Luta Contra o Racismo, 1978/1988; Editora Parma, 1988.

Barbosa, Wilson do Nascimento e Santos, Joel Rufino dos - Atrás do Muro da da Noite - Dinâmicas das Culturas Afro-Brasileiras; Ministério da Cultura - Fundação Cultural Palmares, 1994.

Bastide, Roger - Estereótipos de Negros Através da Literatura Brasileira

Bernd, Zilá - Vozes Negras na Poesia Brasileira: Contraponto Com a Poesia Francesa no Caribe (tese de doutorado); SP, 1987.

Bernd, Zilá - Literatura e Identidade Nacional; Editora da Universidade, 1992.

Bernd, Zilá - Negritude e Literatura na América Latina; Mercado Aberto, 1987.

Brookshaw, David - Raça e Cor na Literatura Brasileira; Mercado Aberto, 1983.

C

Camargo, Osvaldo - A Razão da Chama - Antologia dos Poetas Negros Brasileiros; Edições G-R-D, 1986.

Camargo, Osvaldo - O Negro Escrito; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1987.

Carneiro, Maria Luíza Tucci - O Racismo na História do Brasil - Mito e Realidade; Editora Ática, 1994.

Carneiro, Sueli e Santos, Thereza - Mulher Negra: Política Governamental Nobel; Conselho Estadual da Condição Feminina, São Paulo, 1985.

Construindo a Democracia Racial - Presidência da República - Governo Fernando Henrique Cardoso, Brasília, 1998.

Costa, Haroldo - Fala Crioulo; 2ª Edição, Editora Record, 1982.

Cunha, Henrique - Uma Abordagem dos Movimentos Negros do Brasil na Década de 70; In: Congresso de Culturas Negras das Américas. Panamá, 1980.

Cuti, Luiz Silva - E disse o Velho Militante Correia Leite; Prefeitura do Município de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Coordenadoria Especial do Negro (CONE).

D

Daniel, Néia - Memória da Negritude - Calendário Brasileiro da Africanidade; Ministério da Cultura - Fundação Cultural Palmares, 1994

Dicionário Biográfico Universal - Três Editores; Domingos Alzugarai, 1984.

Dicionário Literário Brasileiro. Raimundo de Menezes; 2ª Edição, I.T.C. Livros Técnicos e Científicos Editora, 1987.

Dicionário Prático Ilustrado. Lello e Irmãos Editores, 1961.

Do Tráfico de Escravos aos Quilombos Contemporâneos. Ministério da Cultura - Fundação Cultural Palmares.

E

Egydio, Sylvia. O Perfil do Aché; Ilê Obá; Edições Populares, 1980

Enciclopédia Barsa - Enciclopédia Britânica Editores, 1965.

Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais. IstoÉ - Guinness, 1993.

Enciclopédia de Literatura Brasileira, Oficina Literária Afrânio Coutinho - Ministério da Educação/Fundo de Assistência ao Estudante, 1990.

Etzet, Eduardo - Escravidão Negra e Branca; Global Editora, 1976.

F

Fernandes, Florestan - A Integração do Negro na Sociedade de Classes; Editora Ática, 1986.

Fonseca, Neide Aparecida e Nogueira, João Carlos - O Sindicalismo e a Luta Pela Igualdade. In: revista do CEERT, SP, Vol. 1, 1997.

Francisco, Dalmir - Racismo, Universidade e o Negro; In: Relações Raciais e Mercado de Trabalho: Dilemas e Perspectivas da População Negra/Seminário Dezembro de 1997. Anais BH PUC/MG 1997.

Freitas, Décio - Palmares - A guerra dos Escravos; 3ª Edição, Edições Graal, 1981.

G

Galdino, Antonio Messias - O Negro Brasileiro; Editora Pannartz, 1995.

Galdino, Antonio Messias - Repensando o Brasil, Parlamentarismo e Voto Distrital; Editora Pannartz, 1993.

Galdino, Antonio Messias - Sugestões à Constituinte; Editora Pannartz, São Paulo, 1987.

Gonzalez, Lélia e Hasenbalg, Carlos - Lugar de Negro; Editora Marco Zero, 1982.

Grande Enciclopédia Delta Larousse; Editora Delta, 1970.

Guerin, Daniel - Descolonização do Negro Americano; Editora Ulisséia, 1963.

Guinness - O Livro dos Recordes - 1994; Editora Três, 1994.

H

Hasenbalg, Carlos - Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil; Graal, 1979.

História do Samba - Editora Globo (Diversos números dos respectivos fascículos). 1997.

I

Ianni, Otávio - Escravidão e Racismo; Hucitec, 1978.

J

Janes, Jaime M. - Racismo e Preconceito - Tópicos de Psicologia Social; Editora da Universidade de São Paulo USP, 1973.

Jesus, Carolina Maria de - Quarto de Despejo - Diário de Uma Favelada; SP; Edibolso, 1983.

Jornal do Conselho de Desenvolvimento e Participação da Comunidade Afro-Brasileira do Estado de São Paulo. 1998.

K

Kreutzer, Winfried - Estruturação e Significação de Os Tambores de São Luiz; Coleção Afrânio Peixoto da Academia Brasileira de Letras, 1992.

L

Larousse Cultural - Brasil de A/Z; Editora Universo, 1988.

Leite, Ilka Boaventura (Organizadora) - Negros do Sul do Brasil - Invisibilidade e Territorialidade; Letras Contemporâneas, 1996 (Membro das Academias Mineira e Paulista de Letras.

Leminski, Paulo - Cruz e Sousa; SP. Brasiliense, Série Encontro Radical nº 1, 1983.

Lima, Ivan Costa e Romão, Jeruse (organizadores) - As idéias Racistas, Os Negros e a Educação - Série Pensamento Negro em Educação. Publicação do Núcleo de Estudos Negros/NEN. Florianópolis. Nº 1, Maio, 1997.

Lins, Paulo - Cidade de Deus; Companhia das Letras, 1997.

Lobo, Luiza - Crítica Sem Juízo; Francisco Alves, 1993.

Lucas, Fábio - Crítica Sem Dogma; Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais - BH, 1983.

M

Magalhães Júnior, Raimundo - Poesia e Vida de Cruz e Sousa; 3ª Edição; Civilização Brasileira/MEC, 1975.

Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura dos (Organizadores) - Raça, Ciência e Sociedade; Editora Fiocruz - Centro Cultural Banco do Brasil - USP, 1973.

Mendonça, Renato - A influência Africana no Português do Brasil; 4ª Edição - MEC/Civilização Brasileira, 1973.

Monteiro, Noedi - Mais Que Vencedores - Rebouças e Convidados; Shekimah Editora, Piracicaba, SP, 1997.

Mott, Maria Lúcia de Barros - A Mulher na Luta Contra a Escravidão; 2ª Edição, Editora Contexto, São Paulo, 1991.

Mott, Odete de Barros - E agora? - SP. Brasiliense, 1987.

Moura, Clóvis - Quilombos: Resistência e Escravismo; SP, Brasiliense, 1987.

Moura, Clóvis - As Injustiças do Clio - O Negro na História; Gráfica Brasileira - Oficina de Livro, 1990.

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Moura, Clóvis - *Dialética Radical do Brasil Negro*; Editora Anita, 1994.

Moura, Clóvis - *Raízes do Protesto Negro*; Global, 1983.

Moura, Clóvis - *Rebelião da Senzala*; Lech Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1981.

Multiculturalismo e Racismo: O Papel da Ação Afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos - Anais do Seminário Interracial; Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 1996.

Munanga, Kabengele - *Negritude*; Editora Ática, 1986.

N

Nascimento, Abdias do - *Drama Para Negros e Prólogo Para Brancos*; Editora do Teatro Experimental do Negro, 1961.

Nascimento, Abdias do - *O Negro Revoltado*; Editora GRD, 1968.

Nascimento, Abdias do - *O Quilombismo*; Editora Vozes, 1980.

Nascimento, Abdias do - *Thoth - Escriba dos Deuses - nº 1*, Janeiro/abril; Brasília, 1997.

Nascimento, Elisa Larkin, Organizadora - *Sankofa - Matrizes Africanas da Cultura Brasileira*; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Volume 1, Enduerj.

Nascimento, Elisa Larkin - *Pan-africanismo na América do Sul - Emergência de Uma Rebelião Negra*; Editora Vozes, 1981.

Negros do Brasil - Dados da Realidade. IBASE - Projeto Negro; Coordenadores, Rosana Henriger, Wania Sant'Anna, Sebastião de Oliveira e Sérgio Martins, 1989.

Nova Enciclopédia Ilustrada Folha - Encarte das edições de Domingo do jornal Folha de S. Paulo, 1996.

O

O Quilombo do Jabaquara - Revista de Cultura Vozes; Petrópolis, Editora Vozes - nº 73 de 16/18, 1979.

Olinto, Antonio - *Breve História da Literatura Brasileira 1500/1994*; Editora Lisa, 1994. (Membro da Academia Brasileira de Letras)

Quem é Quem na Negritude Brasileira

Oliveira, Paulo Rui de - *ZUMBI - Um Grioto de Liberdade*; Câmara Municipal de São Paulo, 1981.

P

Padre Toninho - Antonio Aparecido da Silva - *Existe Um Pensar Teológico Negro?* - Atabaque, Cultura Negra e Teologia; Paulinas, 1949.

Palmares em Revista, nº 2 - Revista da Fundação Cultural Palmares; Ministério da Cultura, 1998.

Pereira, João Batista Borges - *Cor, Profissão e Mobilidade - O Negro E O Rádio de São Paulo*; Pioneira, 1967.

Pereira, Lúcia Miguel - *Machado de Assis. 4ª Edição*; Gráfica Editora Brasileira, 1949.

Prudente, Eunice Aparecida de Jesus - *Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil*; Julex Livros, 1989.

Q

Queiróz Júnior, Teófilo de - *Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira*; Editora Ática, 1975.

R

Racismo Cordial - Folha de S. Paulo, Datafolha e Ática, 1995.

Regulamentação de Terras de Negros no Brasil - Boletim Informativo NUER Volume I, nº 1, Florianópolis (SC), 1996.

Revista Black People - Editora Folha Popular (diversos números).

Revista Negro 100 Por Cento - Editora Escala (diversos números).

Revista Raça Brasil (diversos números); Editora Símbolo.

Revista Raiz da Liberdade - Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB), 1996.

Revista Raízes - Editora Raízes, nº 1, 1997.

Ribeiro, Darcy - *O Povo Brasileiro; 2ª Edição*; Companhia das Letras, 1995.

Rodrigues, Ana - *Samba Negro, Espoliação Branca*; SP, Hucitec, 1984.

Rodrigues, João Jorge Santos - *Olodum - Estrada da Paixão*; Grupo Cultural Olodum e Fundação Casa de Jorge Amado, 1996.

Romão, Jeruse - *Negro: Experiências Educacionais em Santa Catarina*; Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa Nº 63, 1987.

Rufino, Alzira - *Mulher Negra - Uma Perspectiva Histórica*; SNT.

S

Santos, Carlos - *Editor da revista Swingando (diversos números)*

Santos, Ivair Augusto dos - *Políticas Anti-Discriminatórias: A Ação Governamental. In: Relações Raciais e Mercado de Trabalho: Dilema e Perspectivas da População Negra. Seminário / dezembro de 1997/BH. PUC/MG, 1997.*

Santos, Joel Rufino dos - *A Vida de Zumbi dos Palmares; Publicação da Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura*, 1995.

Santos, Joel Rufino dos - *O Que é Racismo*; Editora Brasiliense, 1980.

Santos, Juana Elbien dos - *Os Nagôs e a Morte*; Editora Vozes, 1977.

Sena, Marina de Avellar - *Negros Fugidos Em Minas Gerais (Século XIX)*; Belo Horizonte (MG), 1981.

Silva, Benedita da - *Discriminação Racial - Dia Internacional Para a Eliminação do Racismo (Discurso. É senadora e eleita vice-governadora do Rio de Janeiro)*.

Silva, José Gomes da - *Quilombos Em São Paulo - Tradições, Direitos e Lutas*; Secretaria da Justiça e da Cidadania; Instituto de Terras do Estado de São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, IMESP, 1997.

Silva, Luiz (Cuti) - *E disse o Velho Militante Correia Leite*; Prefeitura do Município de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Coordenadoria Especial do Negro (CONE).

Silva, Martiniano J. - *Racismo à Brasileira; Edição do Autor - Goiânia*, 1985.

Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves da - *A mulher Negra nos Anos 80: Proposta Para a Elucidação da Presença e Diagnóstico dos Problemas da Mulher Negra nos Estados do Sul; Núcleo de Estudos da Mulher*.

Simionetti, Benedita Gouveia Damasceno - *Poesia Negra no Modernismo Brasileiro*; Pontes Editores, SP, 1988.

Skidmore, Thomas E. - Preto no Branco; 2ª Edição; Paz e Terra, 1989.

Souza, Auta - Horto; 4ª Edição; Natal; Fundação José Augusto, 1970.

T

Theodoro, Helena - Mito e Espiritualidade - Mulheres Negras; Pallas Editora, 1996.

Trindade, Solano - Cantares Ao Meu Povo; Editora Brasiliense, 1981.

Triumph, Vera Regina - A Representação do Negro Em Livros Didáticos; Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa Nº 63, SP, 1987.

TUDO - O Livro do Conhecimento - IstoÉ - Editora Três, 1997.

V

Valente, Ana Lúcia Eduardo Farah - Os Negros e as Eleições Paulistas de 1982; FELCH - USP, 1986.

Varjão, Senador Valdon - Negro, Sim! Escravo, Não! Senado, Brasília, 1980.

Ventura, Adão - A Cor da Pele; Edição do Autor, MG, 1979.

Vogt, Carlos e Fry, Peter - A África no Bra-

sil; Editora da Unicamp - Companhia das Letras, 1996.

X

Xavier, Arnaldo (textos) e Pestana, Maurício (charges) - Manual de Sobrevivência do Negro no Brasil; Edição em português e inglês. Editores Carlos Cazzamata e Paulo Paiva, 1993.

Z

Zumbi III - Projeto, 17 de novembro de 1985; Governo Montoro/Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, 1985.